O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

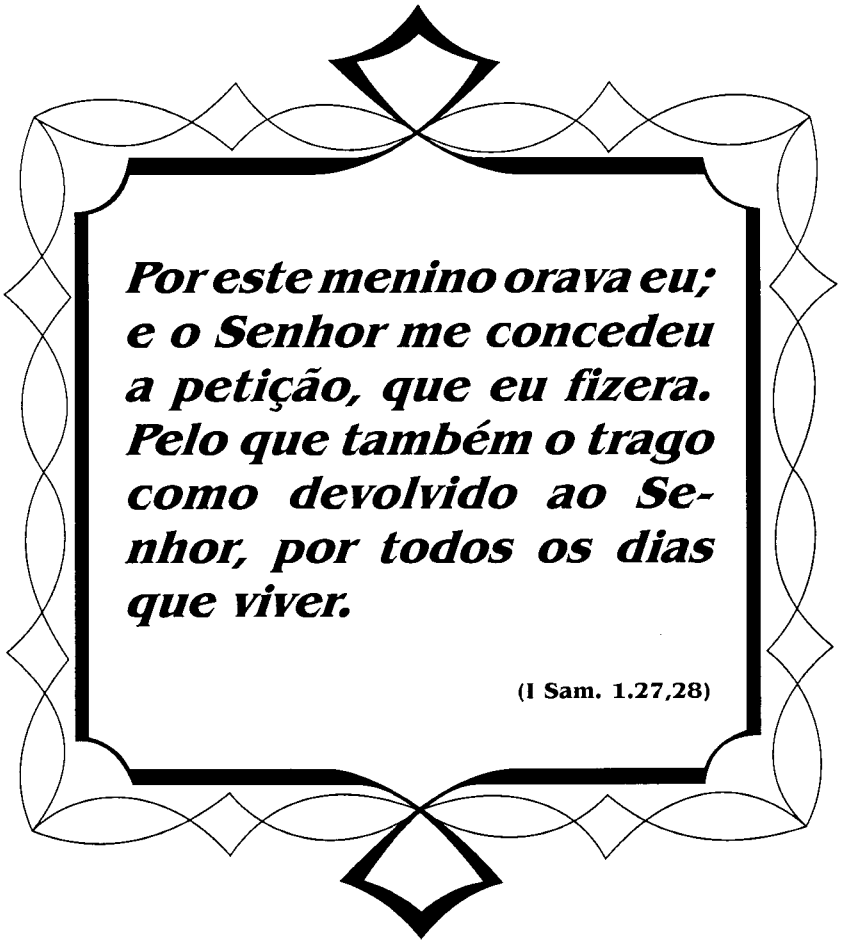
Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

1 SAMUEL

HAGNOS

I SAMUEL

O Livro que Descreve os Passos Iniciais da Unificação de Israel


Por este menino orava eu; e o Senhor me concedeu a petição, que eu fizera. Pelo que também o trago como devolvido ao Senhor, por todos os dias que viver.
(I Sam. 1.27,28)

I SAMUEL

31 Capítulos
811 Versículos

I SAMUEL

Esboço:

I. Nome
II. Caracterização Geral
III. Autoria
IV. Data
V. Propósito
VI. Estado do Texto
VII. Problemas Especiais
VIII. Teologia do Livro
IX. Conteúdo e Cronologia
X. Bibliografia

I. Nome

Nossos livros de I e II Samuel, no cânon hebraico, aparecem como um único volume. Isso é provado pela nota marginal, ao lado de I Sam. 28.24, que diz que ali se encontra "a metade do livro". Naturalmente essa nota posta à margem não aparece em nossa versão portuguesa. O nome do livro deriva-se de uma das três personagens principais da obra, o profeta Samuel. Ele aparece, com proeminência, nos primeiros quinze capítulos de I Samuel. E, mesmo depois que a história passa a gravitar em torno, primeiramente, de Saul, então, de Saul e Davi, e, finalmente, de Davi apenas, Samuel continua aparecendo como uma das três personagens principais do relato, até a sua morte (ver I Sam. 25.1), inter-relacionando-se com Saul e Davi. De fato, Samuel continua a desempenhar importante papel no livro de I Samuel. O trecho de I Sam. 28.20 é a última menção a esse grande profeta de Deus. Interessante é observar que o nome de Samuel nunca aparece no livro de II Samuel. Isso se repete em ambos os livros de Reis. Mas o seu nome reaparece em I Crô. 6.28; 9.22; 11.3; 26.28; 29.29; II Crô. 35.18; Sal. 99.6 e Jer. 15.1 (no restante do Antigo Testamento); e também em Atos 3.24; 13.20 e Heb. 11.32 (no Novo Testamento). Seu nome, figura por um total de 136 vezes em toda a Bíblia, das quais 125 vezes em I Samuel. Esse nome significa "ouvido por Deus".

Samuel era levita, filho de *Elcana* e *Ana* (ver a respeito desses nomes no *Dicionário*). Nasceu em Ramataim-Zofim, no território montanhoso de Efraim. Foi o último dos juízes e o primeiro dos profetas (depois de Moisés), uma categoria de servos de Deus que, quanto ao Antigo Testamento, prosseguiu até Malaquias, e, na verdade, até João Batista, o precursor do Senhor Jesus. Quanto a maiores detalhes sobre sua pessoa, ver no Dicionário o artigo sobre *Samuel*.

II. Caracterização Geral

Como já dissemos, o cânon hebreu tinha um único livro de Samuel, que nós conhecemos como I e II Samuel. Foi na Septuaginta que, pela primeira vez, apareceu a divisão em dois livros, quando eles foram chamados "Livros dos Reinos" (no grego, *bíbloi basileiōn a* e *b*). Foi na mesma ocasião que os livros que chamamos de I e II Reis apareceram como "Livros dos Reinos III e IV", visto que o conteúdo desses dois últimos continha o relato iniciado em I e II Samuel.

Jerônimo, por sua vez, afixou o título "Livros dos Reis" (no latim, *Libri Regum)* a esses *novos* quatro livros. Foi também ele quem modificou o título "Reinos" para "Reis". E, finalmente, com o tempo, a Vulgata Latina conferiu o nome "Samuel", aos dois primeiros desses quatro livros.

Os livros de Samuel, pois, historiam a transição do povo de Israel da teocracia para a monarquia. A *teocracia* (ver a respeito no *Dicionário*), que indica o governo de Deus sobre o povo de Israel, mediante homens divinamente escolhidos, como *Moisés, Josué* e os *juízes* (ver sobre esses termos também no *Dicionário*), foi iniciada no livro de Êxodo; instaurada na Terra Prometida, quando da conquista sob a liderança de Josué, e teve continuidade até os dias do próprio Samuel, que atuava como o agente escolhido por Deus para representar a teocracia. Isto posto, há um vínculo inegável entre os livros de Moisés, Josué, Juízes, Rute e I e II Samuel, como se fossem elos de uma corrente. Na verdade, a corrente prossegue nos livros de Reis e de Crônicas, dentro dos quais também devemos incluir os livros proféticos pró-exílicos, os livros dos profetas pós-exílicos e, finalmente, livros como Esdras, Neemias e Ester. Os livros poéticos (Jó a Cantares de Salomão), embora também nos propiciem alguns informes históricos, têm o seu material englobado nos primeiros livros bíblicos que mencionamos, que constituem o *Pentateuco,* os Livros *Históricos* e os Livros *Proféticos* (ver a respeito no *Dicionário*). Todavia, os livros de Samuel assinalam um período histórico todo especial na vida da nação de Israel: o período do surgimento da monarquia, com Saul e Davi. Organizacionalmente, a nação galgou um degrau na evolução de sua história; espiritualmente, porém, houve algum retrocesso, que só será anulado por ocasião da segunda vinda do Senhor Jesus. Todavia, como o Senhor nunca é frustrado em Seus planos eternos, a monarquia, afinal, acabou contribuindo para que o palco fosse armado para a primeira e a segunda vinda do Senhor Jesus; porquanto Cristo, quanto à carne, é descendente de Davi, o segundo e mais importante dos monarcas da nação de Israel.

III. Autoria

Os próprios livros históricos da Bíblia nos fornecem algumas indicações sobre a autoria de I e II Samuel. Lê-se em I Sam. 10.25: "Declarou Samuel ao povo o direito do reino, escreveu-o num livro, e o pôs perante o Senhor". E também somos informados em I Crô. 29.29: "Os atos, pois, do rei Davi, assim os primeiros como os últimos, eis que estão escritos nas crônicas, registrados por Samuel, o vidente, nas crônicas do profeta Natã e nas crônicas de Gade, o vidente". Esses trechos bíblicos dão-nos a entender que, pelo menos em parte, Samuel é um dos autores do âmago da narrativa de I Samuel e também que Natã e Gade, que viveram na geração seguinte à de Samuel, tiveram participação nessa obra. Que outros autores dos livros de Samuel (I e II) possam ter participado já não passa de especulação, pois a Bíblia faz total silêncio a respeito. A autoria dos livros de Samuel, pelo menos em parte, é confirmada pelo Talmude (ver *Baba Bathra* 14), que diz que esse profeta escreveu os livros de Samuel. É claro que Samuel não pode ter sido o autor da obra inteira (I e II Samuel, segundo o nosso cânon), porque ele morreu quando Saul ainda era rei; assim Samuel não pode ter acompanhado nem mesmo o começo do reinado de Davi, com cujo governo se ocupa o livro de II Samuel, embora possa ter sido autor do âmago inicial de I Samuel.

A *composição* dos livros de I e II Samuel, por isso mesmo, tem dado margem a diversas teorias:

a. A alta crítica oferece mais de uma opinião acerca da origem dos livros de Samuel. Eles falam em contradições "óbvias", relatos duplicados e outras evidências de múltipla autoria. Para eles, essa múltipla autoria explicaria tais problemas, criados no decorrer de muito tempo, em que os autores envolvidos tanto teriam apelado para informes históricos dignos de confiança quanto para informes meramente orais e tradicionais. Outros estudiosos da alta crítica acham que grande parte de Deuteronômio a Reis foi reescrita entre 621 e 550 A.C., e que esses compiladores foram os responsáveis pela composição final de I e II Samuel.
b. A maioria dos estudiosos acredita que I e II Samuel se formaram pela mistura de várias fontes informativas, que seriam duas ou três. Eissfeldt vincula os livros de I e II Samuel às fontes informativas *J.E* e *L*, as duas primeiras da teoria *J.E.D.P.(S.)* (ver a respeito no *Dicionário*), e *L* sendo uma criação dele, para denominar informantes "leigos". Todos os estudiosos que apelam para essa teoria pensam que os livros bíblicos, de Gênesis até Reis, tiveram por base essas supostas fontes informativas. A suposta fonte informativa *L* representaria opiniões populares, sem interesses teológicos, mas com a atenção concentrada na arca da aliança.
c. Bentzen expressa dúvidas se as fontes *J* e *E* realmente prosseguem nos livros de I e II Samuel. Albright nega explicitamente a validade das fontes informativas *J* e *E* quanto aos livros de Samuel. De fato, ele pensava que nenhuma teoria baseada em supostas

fontes informativas poderia ser formada no tocante aos livros de Samuel.

d. Segal, que também rejeitava a hipótese de tais fontes informativas documentárias, prefere pensar na combinação de duas narrativas independentes acerca de Davi. A primeira delas seria uma boa biografia; e a segunda era mais lendária quanto à sua natureza. A isso teriam sido acrescentados relatos independentes sobre a arca, sobre Saul e sobre o profeta Samuel.

e. A escola tradicional histórica enfatiza que teria havido ciclos de sagas em torno das vicissitudes sofridas pela arca da aliança, a respeito dos quais se criaram crônicas históricas um tanto desconexas entre si. Alguns membros dessa escola adiam a fase escrita dos livros de Samuel até os tempos pós-exílicos.

f. A maioria dos críticos pensa que os livros de Samuel refletem tanto fontes informativas exatas quanto meras tradições orais, pelo que seu valor histórico flutuaria muito. Muitos deles crêem que os relatos fragmentares sobre Davi, de I Sam. 16 a II Sam. 8, não passam de uma novela histórica, com o propósito de glorificar Davi. Essas narrativas teriam sólida base histórica, mas com muitos adornos fantasiosos. Por outra parte, o material de II Sam. 8—20 consistiria, juntamente com os livros de I e II Reis, em "narrativas de sucessão ao trono". Muitos críticos dão mais valor histórico a essa porção de Samuel (II Sam. 9—20) do que a todo o restante do livro. O quadro formado pelos críticos torna-se extremamente complicado quando eles supõem ter havido um propósito "político" nos livros I e II Samuel e de I e II Reis. Quanto às complexas idéias desse grupo, queremos destacar apenas que eles pensam que os trechos de I Sam. 15 a II Sam. 8 representam uma "apologia" da dinastia davídica, em tudo superior à dinastia de Saul.

Preferimos ficar com a idéia de que o âmago dos livros de I e II Samuel consiste nas crônicas históricas de Samuel, Natã e Gade. E, então, algum autor-compilador-editor, para nós desconhecido, formou a obra com base nos escritos daqueles três, utilizando-se também do "Livro dos Justos" (ver II Sam. 1.18), uma fonte informativa histórica que ele sem dúvida, usou, pois isso ele próprio mencionou. O trabalho desse compilador talvez explique como pode ter havido uma transição suave de episódio para episódio e de seção para seção nos livros de Samuel, conferindo-lhes assim a inequívoca unidade. Por trás desses livros há um propósito único (ver a seção V, *Propósito),* e eles foram escritos em uma linguagem uniforme.

IV. Data

A questão da data dos livros de I e II Samuel depende, em muito, da questão de sua autoria. Assim, se Samuel, Natã e Gade foram os autores essenciais, então esses dois livros foram escritos durante os dias do reinado de Davi, ou imediatamente depois. Todavia, os estudiosos pensam que certas porções da obra, particularizando II Sam. 9—20, teriam sido escritas no século X A.C., ao passo que outras porções são atribuídas por eles a períodos posteriores, que se estenderiam até depois do exílio babilônico.

Mas, se a idéia de "apologia" davídica tiver de ser aceita (ver anteriormente), então, pode-se argumentar em favor de uma data anterior para aqueles capítulos. E isso porque a necessidade de tal defesa da dinastia davídica seria uma imposição nos dias do próprio Davi e nos dias de Salomão, mas especialmente durante os primeiros anos do governo de Davi, quando seu trono estava seriamente ameaçado, de sorte que apenas a tribo de Judá o aceitava como rei, ao passo que as demais tribos permaneciam em compasso de espera. Ver II Sam. 2.1—4.12. Em I Sam. 27.6 lemos que "Ziclague pertence aos reis de Judá, até o dia de hoje". Isso pode indicar ou que o livro de Samuel foi escrito durante os dias da monarquia dividida, isto é, após Salomão, ou então que essas palavras foram inseridas posteriormente.

Os eruditos conservadores fazem variar a data dos livros de Samuel desde 970 A.C. (pouco depois da época de Davi) até 722 A.C. (época em que a cidade de Samaria foi destruída pelos assírios e começou o exílio de Israel, nação do norte). Todavia, a ausência de qualquer referência à queda de Samaria provê um extremo temporal seguro. Os livros de Samuel não podem ter sido escritos após a queda de Samaria. Doutra sorte, haveria alguma alusão a esse acontecimento, por demais importante para ter sido esquecido por um autor-compilador, caso, porventura, já tivesse ocorrido.

V. Propósito

Os livros de Samuel, como já dissemos, foram escritos para apresentar uma narrativa conexa dos eventos que cercaram a instauração da monarquia em Israel. Esses livros historiam tanto a carreira do último dos juízes, que também foi o primeiro (depois de Moisés) da longa série de profetas, Samuel, quanto os acontecimentos que circundaram a vida de Saul e Davi, os dois primeiros reis de Israel. Portanto, os livros de Samuel assinalam um período crítico de transição. É com toda a razão que os livros se chamam I e II Samuel, porque o papel desempenhado por esse profeta de Deus é crucial para a correta compreensão tanto da instauração da monarquia quanto do desenvolvimento do ofício profético no Antigo Testamento, que terminou com a figura fulgurante de João Batista, precursor do Senhor Jesus. Foi Samuel, o agente da teocracia, quem deu legitimidade à dinastia davídica, diante dos olhos um tanto duvidosos de toda a nação de Israel.

As lições morais e espirituais que derivamos das experiências pessoais de Samuel, de Saul e de Davi também se revestem de importância capital. Um ponto a destacar, nessas lições, é a atitude de desobediência a Yahweh, por parte de Saul. Isso o condenou aos olhos do Senhor, que o rejeitou como rei. Esse é um dos pontos altos da narrativa. "... visto que rejeitaste a palavra do Senhor, já ele te rejeitou a ti, para que não sejais rei sobre Israel" (I Sam. 15.26). Outra dessas lições foi a queda de Davi, no caso de Bate-Seba, que quase lhe custou a coroa e a vida (ver II Sam. 11.1—12.25). Contudo, a despeito de seus graves defeitos, Davi era o escolhido e ungido do Senhor, pelo que a sua dinastia foi firmada. O Senhor estabeleceu com Davi o chamado pacto davídico (ver II Sam. 7.1-29). De acordo com os termos desse pacto, o Messias procederia da casa de Davi consoante as palavras do Senhor, através do profeta Natã: "Quando teus dias se cumprirem, e descansares com teus pais, então farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino" (II Sam. 7.12,13).

Acrescente-se a isso que os livros de Samuel fornecem um excelente pano de fundo para alguns dos salmos. E, finalmente, vários fatos importantes acerca da cidade de Jerusalém são esclarecidos no livro. O propósito dos livros de Samuel é, pois, multifacetado.

VI. Estado do Texto

O texto hebraico tradicional, representado pelo *texto massorético* (ver a respeito no *Dicionário*), mostra-se estranhamente defeituoso no que concerne a I e II Samuel. Há mesmo casos nos quais as emendas são imperiosas, por motivo de textos muito mal preservados. Para exemplificar, temos I Sam. 13.1, que omite o número de "anos", ao descrever a idade de Saul. Nossa versão portuguesa, juntamente com outras, atrapalha ainda mais a passagem. A tradução emendada diz, conforme a NIV: "Saul tinha trinta anos de idade quando se tornou rei; e reinou em Israel por quarenta e dois anos". Entretanto, a nossa versão portuguesa diz: "Um ano reinara Saul em Israel. No segundo ano do seu reinado sobre o povo...".

Permanecem desconhecidas as razões pelas quais o texto massorético sobre os livros de Samuel apresenta maior número de dificuldades do que o texto de qualquer outro livro do Antigo Testamento. Há estudiosos, como Archer, que sugerem que o texto oficial, formulado durante o período intertestamental, dependeu de uma antiga cópia, desgastada pelo uso ou mesmo atacada por insetos. E os massoretas teriam reproduzido fielmente o texto "oficial". Outros, como Segal, crêem que os livros de Samuel foram negligenciados em face da competição feita pelos livros mais populares de Crônicas. Por ser menos lido, o texto de Samuel, de alguma maneira, veio a sofrer de corrupções várias.

Interessante é que fragmentos do manuscrito dos livros de Samuel, entre os chamados *Manuscritos do Mar Morto*, sobre os quais se baseou a tradução da *Septuaginta* (ver a respeito ambos os termos no *Dicionário*), mostram-se superiores à tradição massorética. Cross tem estudado várias passagens nas quais o material das cavernas de Qumran se assemelha muito com a Septuaginta, sobretudo o códex B. Isso indica que os tradutores dessa versão do Antigo Testamento para o grego manusearam o texto hebraico com extrema fidelidade, pelo que seriam mais dignos de confiança do que o foram até bem pouco tempo, entre os estudiosos. Pelo menos nos dois livros de Samuel, a versão da Septuaginta reveste-se de grande valor na determinação do verdadeiro texto de muitas passagens problemáticas.

Albright opinou que as cópias mais antigas de Samuel, entre o material encontrado nas cavernas de Qumran, exibem superioridade tanto em relação ao texto hebraico massorético quanto em relação ao texto da Septuaginta. Os estudiosos estão preparando uma edição melhorada do texto de I e II Samuel, com base nesses achados de *Qumran* (ver a respeito no *Dicionário*). Esperemos, pois, por essa edição!

VII. Problemas Especiais

Os críticos geralmente apontam para três problemas especiais existentes nos livros de Samuel: a. relatos duplicados; b. a identidade de quem matou Golias; e c. dificuldades em torno da feiticeira de En-Dor. No tocante ao primeiro desses problemas, os estudiosos encontram discrepâncias e contradições no texto dos livros de Samuel. De acordo com eles, as descrições dos mesmos eventos, de duas maneiras diversas, deixa-nos "entrever" o uso de diferentes fontes informativas, ou então a existência de relatos paralelos, o que revelaria, no mínimo, a mão de mais de um autor do livro. Ver a terceira seção, sobre *Autoria*, anteriormente. Exemplos de duplicação seriam os seguintes: Por duas vezes Saul é feito rei, por duas vezes, igualmente, Davi foi apresentado a Saul; e por duas vezes os habitantes de Zife informaram a Saul acerca do local onde Davi se ocultava. Além desses casos, eles falam em várias outras duplicações. Mas, em cada um dos casos apresentados, sempre se pode encontrar uma explicação satisfatória, o que reduz a nada esses problemas especiais, criados pelos críticos.

Assim, os eventos que cercam as duas "coroações" de Saul foram acontecimentos diferentes um do outro. Na primeira ocasião, Saul foi escolhido mediante o lançamento de sortes e, então, foi apresentado ao povo. Porém, alguns "filhos de Belial" (I Sam. 10.27) mostraram dúvidas quanto à sua capacidade de governar a nação, e recusaram-se a reconhecê-lo. No capítulo 11 de I Samuel, Saul liderou o exército de Israel a obter uma vitória decisiva sobre os amonitas, e Samuel reuniu o povo em Gilgal, a fim de que renovassem o "reino" (I Sam. 11.14). Então todo o povo *proclamou* Saul como seu rei (vs. 15), em meio a grandes demonstrações de regozijo e unidade. As palavras "proclamaram a Saul seu rei" não aparecem no capítulo 10; e a referência à renovação ou confirmação do reino deixa entendido que Saul havia sido previamente designado como rei.

Davi foi inicialmente apresentado a Saul (ver I Sam. 16.21). Na oportunidade, Saul recebeu-o como músico e armeiro, e o jovem Davi foi contratado para acalmar, com sua música, o perturbado monarca. Mas, depois que Davi retornou do campo de batalha, onde matara o gigante Golias, Saul indagou: "De quem é filho este jovem, Abner?" (I Sam. 17.55). Mas Abner não sabia dizê-lo. Há aqueles que interpretam isso como se Saul houvesse esquecido o nome de Davi. Notemos, porém, que a dúvida não estava sobre a identidade de Davi e, sim, de seu pai. O rei repetiu a pergunta diretamente a Davi: "De quem és filho, jovem?". E Davi, havendo entendido que Saul não perguntava por seu próprio nome (de Davi) e, sim, pelo nome de seu pai, respondeu: "Filho de teu servo Jessé, belemita" (I Sam. 17.56-58). Como vemos, novamente, a falta de atenção levou alguns eruditos a imaginar que Davi precisou ser apresentado por duas vezes a Saul, o que teria sido realmente estranho, para dizer o mínimo.

A indagação de Saul acerca do pai de Davi fica ainda bem compreendida em face de I Sam. 17.25-27, onde o rei prometera que o homem que matasse o gigante Golias não pagaria os impostos da casa de seu pai. Para que Saul cumprisse a promessa, era mister saber o nome do pai de Davi, que abatera ao atrevido gigante. A promessa dizia: "A quem o (ao gigante) matar, o rei cumulará de grande riqueza, e lhe dará por mulher a filha, e à casa de seu pai isentará de impostos em Israel" (vs. 25). Lembremo-nos de que, naquele período de sua vida, Davi ainda não era o famoso rei Davi e, sim, apenas um jovem cortesão, músico, proveniente de uma família que até então não havia alcançado notoriedade em Israel. Também poderíamos argumentar que a mente do rei estava tremendamente perturbada, por permissão de Deus, o que também pode ter contribuído para o seu esquecimento quanto ao nome do pai de Davi. Além disso, I Sam. 18.2 afirma que Saul, depois que Davi matou a Golias, não lhe permitiu retornar à casa paterna, sugerindo uma diferença em sua maneira de tratar o jovem, o que deve ser entendido em confronto com I Sam. 17.15.

Os dois episódios que envolveram os zifitas são também superficialmente semelhantes. Nos capítulos 23 e 26 de I Samuel, os habitantes de Zife levaram ao conhecimento de Saul informações sobre o paradeiro de Davi. Os dois eventos, porém, envolvem circunstâncias muito diferentes, em períodos diferentes, embora o local envolvido, como esconderijo de Davi, fosse o mesmo: o outeiro de Haquilá. Um caso similar a esse foi o de Abraão, que apresentou Sara como sua irmã, por duas vezes, nos capítulos 12 e 20 do livro de Gênesis. Mas os críticos não argumentam que ali houve duplicação de narrativas, em face de fontes informativas diferentes! A impressão que se tem é de que os críticos, querendo fazer prevalecer sua opinião sobre as origens de diversos livros antigos da Bíblia, criam hipóteses que depois não são capazes de consubstanciar.

Conforme dissemos anteriormente, outro problema especial criado pelos intérpretes gira em torno da pergunta: "Quem, realmente, matou Golias?". Certos críticos pensam que houve uma versão mais popular do feito, segundo a qual o matador do gigante teria sido *Elanã*. Entretanto, na verdade, Elanã (de acordo com II Sam. 21.19) é quem teria abatido o gigante. Mas, posteriormente, o feito teria sido transferido para Davi, a fim de torná-lo uma figura heróica, capaz de ocupar o trono de Israel. Essa suposição, contudo, esbarra com dificuldades intransponíveis. Se Davi não tivesse matado Golias, como explicar o intenso ciúme de Saul? E como explicar o cântico triunfal, que atribuiu, imediatamente em seguida, o triunfo a Davi (ver I Sam. 18.7)? Essa suposta dificuldade teria sido prontamente dirimida mediante a atenção ao trecho de I Crô. 20:5, onde se lê: "... e Elanã, filho de Jair, feriu a Lami, irmão de Golias, o geteu, cuja lança tinha a haste como eixo de tecelão". Isto posto, Davi matou Golias, e Elanã matou Lami, irmão de Golias. Não há nenhuma duplicação de relatos. Evidentemente, houve um erro primitivo de transcrição em II Sam. 21.19, onde se lê: "... e Elanã, filho de Jaaré-Oregim, o belemita, feriu Golias, o geteu, cuja lança tinha a haste como eixo do tecelão". Mas essa passagem, quando comparada com aquela outra, de I Crônicas, fica esclarecida. O que houve não foi a repetição de relatos, na qual em um deles Davi teria sido o matador de Golias, e, em outro, o matador teria sido Elanã. O que, realmente, houve, foi um erro primitivo de transcrição.

E acerca da feiticeira de En-Dor? Sobre o que objetam os críticos? Alguns declaram que, em face de certas proibições bíblicas, o contato de vivos com os mortos não pode ter acontecido. Tudo teria sido apenas um fenômeno psicológico, talvez fruto da condição perturbada de Saul. Um ponto de vista mais conservador admite que Deus permitiu que Saul visse uma forma semelhante a Samuel, embora tudo não passasse de uma visão, e não do corpo ou do espírito real daquele profeta. Entretanto, a explicação mais certa e óbvia é aquela que reconhece que Samuel realmente apareceu a Saul em forma visível, e que o profeta já morto realmente comunicou-se com Saul. O relato está no capítulo 28 de I Samuel. A médium de En-Dor, diante da pergunta de Saul: "Não temas; que vês?", replicou: "Vejo um deus que sobe da

terra" (vs. 13). Sabemos que os médiuns espíritas e outros realmente se comunicam com espíritos dos lugares tenebrosos. Isso é ensinado desde o livro de Gênesis, no caso dos magos do Egito. Esses médiuns, porém, não têm normalmente contato com espíritos remidos. Portanto, Deus deve ter intervindo, permitindo o aparecimento de Samuel à vidente de En-Dor. Isso surpreendeu à mulher, que gritou.

Que os mortos podem aparecer aos vivos, vê-se no caso de Moisés e Elias, que apareceram juntamente com o Senhor Jesus, quando de sua transfiguração, diante de três de seus discípulos: Pedro, Tiago e João (ver Mat. 17.1-8; Mar. 9.14-29 e Luc. 9.37-43). Esse episódio, juntamente com o do aparecimento de Samuel após a sua morte, por intermediação da médium de En-Dor, incidentalmente prova a existência consciente dos espíritos humanos que daqui partiram, por força da morte biológica, além de ser um fortíssimo apoio à doutrina da imortalidade da alma! Por conseguinte, toda essa objeção à aparição de Samuel à feiticeira de En-Dor, e ao recado que ele deu a Saul, baseia-se na aquela razão que foi dada pelo Senhor Jesus aos saduceus: "Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus" (Mat. 22.29).

VIII. Teologia do Livro

Embora a ênfase principal dos dois livros de Samuel seja histórica, e não-teológica, vários capítulos contêm importantes doutrinas, que nos são ensinadas de maneira inequívoca. Três são as lições teológicas destacadas nos livros de Samuel:

A. *A Vontade Soberana de Deus.* Muitos estudiosos ficaram perplexos diante da atitude de Deus em relação ao estabelecimento da monarquia em Israel. Indícios suficientes indicam que Deus não ficou satisfeito com o fato de que os israelitas rejeitaram o governo teocrático. Ver I Sam. 8.7, onde se lê: "Disse o Senhor a Samuel: Atende à voz do povo em tudo quanto te dizem, pois não te rejeitaram a ti, mas a mim, para eu não reinar sobre eles". Mesmo assim, o homem de Deus tentou dissuadir o povo de desejar um rei; mas a maioria esmagadora do povo mostrou-se inflexível na exigência de ter um monarca que os conduzisse às batalhas conforme sucedia aos povos em derredor. Por outro lado, antes mesmo de Saul haver sido ungido rei, Deus prometeu abençoá-lo e usá-lo para livrar seu povo dos inimigos, segundo se aprende em I Sam. 9.16: "Amanhã a estas horas te enviarei um homem da terra de Benjamim, o qual ungirás por príncipe sobre o meu povo de Israel, e ele livrará o meu povo da mão dos filisteus; porque atentei para o meu povo, pois o seu clamor chegou a mim". É evidente que devemos traçar uma distinção entre a vontade diretiva e a vontade permissiva de Deus. Assim, o desejo que os israelitas tiveram de um rei foi um desejo pecaminoso, mas o Senhor Deus contornou isso, permitindo que, ainda assim, o povo fosse abençoado.

Outro aspecto da vontade de Deus diz respeito à questão da predestinação em relação à responsabilidade humana. Depois que Saul já era rei de Israel fazia algum tempo, ele desobedeceu a Deus, oferecendo um sacrifício, privilégio reservado exclusivamente ao sacerdócio. Samuel repreendeu-o severamente por isso, anunciando que Saul havia perdido o direito de ser cabeça de uma dinastia reinante duradoura. No dizer de Samuel: "Procedeste nesciamente em não guardar o mandamento que o Senhor teu Deus te ordenou; pois teria agora o Senhor confirmado o teu reino sobre Israel para sempre" (I Sam. 13.13). Mas, em vez disso, por causa desse ato de precipitação e rebeldia de Saul, o Senhor transferiu a liderança do reino a outro, a saber, Davi.

É evidente que o pecado de Saul pode ser apontado como a causa da perda de seus direitos dinásticos. No entanto, desde os dias do patriarca Jacó, estava profetizado que o "cetro não se arredará de Judá" (Gên. 49.10). A tribo governante sobre o povo de Israel seria a tribo de Judá, à qual pertencia Davi, e não a tribo de Benjamim, à qual pertencia Saul. Isto posto, o cumprimento dessa predição do Espírito de Deus, por intermédio de Jacó, não exigia a desqualificação de Saul? Por outra parte, vemos que Samuel não consolou Saul, dizendo-lhe: "O pecado que cometeste não foi uma falta tua, e tinha mesmo de acontecer". Pelo contrário, Saul não foi desculpado por sua desobediência, mas foi severamente julgado. Isto posto, naturalmente, Deus tanto previu esse acontecimento quanto cuidou para que ele realmente se efetuasse; mas a responsabilidade humana permaneceu sendo um fato, e Saul foi julgado culpado, apesar de seu ato ter sido previsto desde há muito.

B. *A Doutrina do Pecado.* Os livros de I e II Samuel ilustram, em vivas cores, a pecaminosidade do coração humano e os inevitáveis maus resultados do pecado. Líderes piedosos de Israel, como Eli, Davi e Samuel, não acertaram sempre, pois suas falhas também são salientadas no relato bíblico. O que é de admirar, entretanto, é que esses três homens tiveram filhos que foram rebeldes contra o Senhor. Na qualidade de pais, os três enfrentaram tremendas dificuldades para encaminhar seus filhos na senda da retidão. Assim, os filhos de Eli furtavam os sacrifícios trazidos pelo povo, blasfemavam contra Deus e cometiam fornicação, e isso no papel de sacerdotes do Senhor. Ver I Sam. 2.13-17,22; 3.13. Não admira que eles tenham sido mortos pelos filisteus. O trágico, na história de Samuel, é que foi justamente por causa dos delitos de seus filhos que o povo de Israel *chegou a exigir que lhes fosse dado um monarca (I Sam. 8.5).*

Saul começou seu governo como homem humilde, que recebia orientação do Espírito de Deus. No entanto, à medida que seu governo avançava no tempo, ele passou a rebelar-se contra o Senhor, até que terminou sob a influência de espíritos malignos e foi atacado por acessos de inveja e fúria que nos fazem pensar em demência precoce, ou coisa pior. Sua queda moral e espiritual foi tão vertiginosa que ele acabou apelando para a médium de En-Dor! Para quem chegara a receber instruções diretas da parte de Deus, isso foi como ser precipitado do céu ao inferno! Deus não mais lhe respondia. Lemos em I Sam. 28.6: "Consultou Saul o Senhor, porém este não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas". Por isso, em seu desvario, desesperado, Saul perguntou onde poderia encontrar uma médium que consultasse aos mortos. Quando aconteceu a batalha dos israelitas com os filisteus, estes conseguiram cercar Saul e seus três filhos, seu escudeiro e todos os homens de guerra que estavam em sua companhia!

A experiência pecaminosa de Davi provê-nos uma triste instrução, que tem aspectos positivos e negativos. O grande rei Davi era homem segundo o coração de Deus. Mas, em um momento de falta de vigilância, deixou-se arrastar pela tentação, tendo-se envolvido em adultério secreto e homicídio cometido sob as circunstâncias mais covardes e agravantes. E isso depois de ter exibido por anos a fio grande fé e devoção ao Senhor. Todavia, tendo Davi finalmente reconhecido seus graves pecados, foi espiritualmente restaurado (ver II Sam. 12.13). O Senhor o perdoou e deu continuidade à benção a ele prometida, demonstrando-lhe, assim, grande graça e misericórdia. Entretanto, um aspecto que não podemos esquecer da lição que esses incidentes nos ensinam é que, apesar da confissão sincera de Davi — e de haver sido ele perdoado —, ele precisou sofrer as inevitáveis conseqüências penais do pecado. O filhinho dele e de Bate-Seba acabou morrendo ainda tenro infante. Amon, primogênito de Davi, imitou-o e cometeu incesto com sua meio-irmã, Tamar. Isso precipitou a vingança de Absalão, que terminou, traiçoeiramente, tirando a vida de Amom. E houve várias outras tragédias na família, como a da revolta de Absalão, que violentou as mulheres de seu pai e acabou sendo morto com três dardos que lhe transpassaram o coração, estando ele preso pelos longos cabelos, enroscados em um galho de árvore pendurado cerca de um metro acima do solo.

Apesar desses pontos extremamente negativos na vida de Davi e de seus familiares mais diretos, ainda assim o Senhor muito o abençoou, assim como o seu reinado, em Sua incalculável misericórdia. Deus também recuperou Bate-Seba, culpada com Davi de adultério. E o Senhor até abençoou a Salomão, outro filho que, mais tarde, Davi e Bate-Seba tiveram, escolhendo-o para ser o sucessor de seu pai no trono de Israel.

C. *O Pacto Davídico.* Este é um dos mais importantes pactos estabelecidos por Deus, em todo o Antigo Testamento. Deus firmou

esse pacto com Davi (ver II Sam. 7.1-29), ampliando ainda mais as provisões do pacto abraâmico, que encontramos no livro de Gênesis. A Davi foi prometida uma linhagem permanente, um trono firme e um reino perpétuo. O direito de governar Israel sempre caberia a um de seus descendentes, promessa que antecipa e garante o reinado eterno do Senhor Jesus Cristo, o Filho maior de Davi. A fidelidade e o amor constante de Deus por Seu servo Davi podem ser vistos no fato de que Ele o perdoou graciosamente de seu grave pecado duplo: adultério e homicídio. Não admira, pois, que Davi se tenha regozijado diante da promessa divina feita à sua casa. As "últimas palavras" de Davi, que encontramos em II Sam. 23.1 ss., referem-se a essa *aliança eterna*. Ver no *Dicionário* o artigo sobre os *Pactos*.

Um ponto deveras tocante nos livros de I e II Samuel foi a profunda e fiel amizade que se estabeleceu entre Davi e *Jônatas* (ver a respeito no *Dicionário*), filho de Saul. A amizade entre eles ilustra a responsabilidade daqueles que se compactuam de alguma maneira. Jônatas não traiu a seu amigo, Davi, em momento algum, até o último dia de sua vida, embora tivesse todas as razões para compartilhar da inveja e hostilidade que seu pai, Saul, nutria por Davi. E Davi também não se mostrou menos leal a seu amigo Jônatas. Depois que se tornou rei, Davi cuidou zelosamente do bem-estar de um filho aleijado de seu amigo Jônatas, Mefibosete (ver II Sam. 9.1-13). Em uma época sangrenta e violenta como foi a de Davi, é grato encontrarmos uma amizade como essa entre Davi e Jônatas, que redime muito daquilo que nos provoca repulsa, quando consideramos a selvageria própria do período. Os homens são fruto do meio em que vivem. Davi era um bom filho de sua época histórica, mas ele mostrou ser um homem sensível, amigo fiel, artista, poeta, músico, embora também um gênio militar, muitas vezes sangüinário e cruel. A personalidade de Davi era tão cativante que todos os israelitas, até hoje, têm como um de seus mais caros ídolos um governante como Davi.

IX. Conteúdo e Cronologia

Conforme dissemos na segunda seção, *Caracterização Geral*, a Bíblia dos hebreus tinha um único livro de Samuel, que englobava o que conhecemos como I e II Samuel. A divisão apareceu, inicialmente, na Septuaginta (a tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, terminada cerca de 200 anos antes da eclosão do cristianismo). Mas, que há uma unidade e continuação ininterrupta na narrativa, pode-se ver claramente nas passagens sumariadoras: I Sam. 14 e II Sam. 8, que destacaremos a seguir, no decurso dos comentários sobre cada ponto importante do esboço do conteúdo. Essas passagens dão-nos as chaves para uma boa compreensão sobre a estrutura de I e II Samuel. Isto posto, nosso esboço de conteúdo não observará essa divisão literária em I e II Samuel, mas exibirá as vinculações óbvias entre um livro e outro, como se não houvesse dois livros de Samuel.

A. ***Samuel*** (1.1—7.17)
1. Seu nascimento (1.1-28)
2. O Cântico de Ana, mãe de Samuel (2.1-10)
3. O sacerdote Eli e seus filhos (2.11-36)
4. Chamada de Samuel (3.1-21)
5. A arca da aliança é tomada (4.1-22)
6. A arca na Filístia (5.1-12)
7. Devolução da arca (6.1—7.1)
8. Exortação ao arrependimento (7.2-17)

B. ***Samuel e Saul*** (8.1—15.35)
1. O fim da teocracia (8.1-22)
2. Saul e Samuel encontram-se (9.1-24)
3. Saul ungido rei (9.25—10.27)
4. Primeiras vitórias de Saul (11.1-11)
5. Saul é proclamado rei (11.12-15)
6. Samuel resigna o cargo de juiz (12.1-25)
7. Temeridade de Saul e sua reprovação (13.1-15ª)
8. Vitória sobre os filisteus (13.15b—14.52)
9. Saul é rejeitado (15.1-35)

C. ***Samuel Unge a Davi*** (16.1-13)

D. ***Davi e Saul*** (16.14—II Sam. 1.27)
1. Davi, o músico (16.14-23)
2. Davi e Golias (17.1-58)
3. Davi e Jônatas (18.1-5)
4. A inveja de Saul (18.6—19.24)
5. Aliança entre Davi e Jônatas (20.1-43)
6. Fuga de Davi (21.1—27.12)
7. Saul e a médium de En-Dor (28.1-25)
8. Davi e os filisteus (29.1—30.31)
9. Morte de Saul (31.1-13)
10. Davi lamenta por Saul e Jônatas (II Sam.1.1-27)

E. ***Davi Torna-se Rei*** (II Sam. 2.1 - 24.25)
1. Sobre Judá (2.1-7)
2. Oposição a Davi (2.8—4.12)
3. Sobre todo o Israel (5.1-12)
4. Feitos vários de Davi (5.13—10.19)
5. O pecado de Davi (11.1—12.31)
6. Conseqüências temporais do pecado (13.1—19.10)
7. Davi novamente em Jerusalém (19.11—20.22)
8. Oficiais de Davi (20.23—21.22)
9. Ação de graças de Davi (22.1-51)
10. Últimas palavras de Davi (23.1-7)
11. Feitos dos maiores guerreiros de Davi (23.8-39)
12. O recenseamento (24.1-25)

Comentários sobre o item A) Samuel (1.1—7.17)

1. Samuel nasceu como resposta graciosa de Deus às instantes orações de sua mãe, Ana. Até então, Ana tinha profunda tristeza por ser estéril. Fiel à sua promessa, Ana dedicou o filho, Samuel, já desmamado, ao Senhor.
2. O cântico de gratidão de Ana. Seu salmo é chamado de "oração". Em Sal. 72.20, os salmos de Davi também são chamados de "orações".
3. Os filhos de Eli eram pecaminosos. Lembremo-nos de João 1.12,13, que ensina que os "filhos de Deus não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem". A responsabilidade diante de Deus é pessoal. Ver Eze. 18:1 ss., onde é estabelecido um princípio básico: "a alma que pecar, essa morrerá".
4. O Espírito de Deus entra em contato real com o espírito humano. A experiência dos grandes homens de Deus confirma isso. O título posto acima do capítulo 3 de I Samuel, em nossa versão portuguesa, diz "Deus fala com Samuel em sonhos". Isso é um erro. Deus apareceu a Samuel; houve uma *teofania* (ver a respeito no *Dicionário*).
5. Não somente a arca foi tomada, mas seu santuário, Silo, foi destruído. Isso foi um castigo divino, conforme se aprende em Jer. 6.9 e 7.12,26. O quanto isso representou para o povo de Israel, pode-se depreender das palavras da nora de Eli: "Foi-se a glória de Israel, pois foi tomada a arca de Deus" (vs. 22).
6. Os filisteus não puderam saborear o gosto da tomada da arca. A mão do Senhor veio contra eles sob a forma de graves enfermidades. "Os homens que não morriam eram atingidos com os tumores; e o clamor da cidade (Asdode) subiu até o céu" (5.12).
7. Não há que duvidar que houve o impulso de forças divinas ou angelicais sobre as vacas que puxavam o carro em que era devolvida a arca da aliança. A arca era apenas um objeto, mas um objeto sagrado que representava muito. Setenta israelitas morreram, por terem olhado o interior da arca. A pergunta dos habitantes de Bete-Semes faz-nos pensar: "Quem poderia estar perante o Senhor, este Deus santo?" (6.20).
8. Os israelitas seriam livrados da opressão filistéia caso se arrependessem. Essa era e sempre será a condição do livramento divino. Samuel entendia isso e exortou o povo ao arrependimento. E o povo se arrependeu: "Então os filhos de Israel tiraram dentre si os baalins e os astarotes, e serviram só ao Senhor» (7.4).

Comentários sobre o item B) Samuel e Saul (8.1—15.35):

1. Findou-se um período importante no trato de Deus com o povo de Israel. O aviso de Samuel foi profético: "... naquele dia clamareis por causa do vosso rei, que houverdes escolhido; mas o Senhor não vos ouvirá naquele dia" (8.18). Só haverá novamente a teocracia por ocasião da Segunda Vinda do Senhor Jesus, mas dessa vez sobre bases muito superiores, no milênio e no estado eterno. Os israelitas queriam ser iguais aos povos vizinhos. Eles não queriam um governo justo, mas um governo militarista: "... o nosso rei poderá governar-nos, sair adiante de nós, e fazer as nossas guerras" (8.20). Mas, no milênio, não haverá mais guerra, e as nações desaprenderão a arte bíblica. (Ver Isa. 2.4).
2. O primeiro rei de Israel tinha muitas qualidades humanas, entre as quais é destacada sua beleza física: "... Saul, moço, e tão belo que entre os filhos de Israel não havia outro mais belo do que ele; desde os ombros para cima sobressaía a todo o povo" (9.2). Era, porém, defeituoso quanto às qualidades morais e espirituais, conforme deixa claro toda a narrativa bíblica sobre ele.
3. "... O Espírito de Deus se apossou de Saul, e ele profetizou no meio deles" (10.10). Alguma coisa tinha sucedido a Saul, mas não fora o novo nascimento. Isso deve ser entendido à luz de Heb. 6.4-8. A *unção divina, pois, é uma realidade espiritual* transformadora, mas não necessariamente salvadora.
4. Um dos resultados da unção divina sobre Saul foi a sua nova habilidade militar. "E o Espírito de Deus se apossou de Saul, quando ouviu estas palavras, e acendeu-se sobremodo a sua ira" (11.6).
5. Não temos aqui a repetição do relato sobre sua unção (ver 9.25—10.27), mas sua aclamação como monarca, sua aceitação como rei por parte do povo. Ver a seção VII, *Problemas Especiais*, segundo parágrafo.
6. Samuel terminou seu juizado de maneira vitoriosa e digna, embora triste por ter-se encerrado a teocracia. Notemos, porém, que ele não renunciou às suas funções proféticas; e nem mesmo poderia tê-lo feito, porquanto era caso escolhido por Deus para tanto, e os dons de Deus são sem arrependimento. Ver Rom. 11.29.
7. A guerra de Saul foi gradativa. Primeiro ele foi reprovado por ter-se *imiscuído em funções* que não lhe cabiam, usurpando uma função sacerdotal. Contudo, Deus continuou dando vitórias a Israel, por meio de Saul e de Jônatas, seu príncipe herdeiro, que se mostrou um digno e honrado candidato à sucessão ao trono, quando seu pai fechasse os olhos. Mas a queda moral e espirtual de Saul prosseguiria, anulando todas as possibilidades futuras de Jônatas.
8. O voto de Saul, muito precipitado, demonstra que ele já estava perdendo o contato com o Espírito de Deus. E a decisão popular, mais sábia que o voto impetuoso de Saul, salvou a vida de Jônatas (14.45).
9. Repreendido por Samuel, Saul não deu o braço a torcer, e tentou justificar-se. As palavras de Samuel são uma lição para todas as questões: "Tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como a idolatria e culto a ídolos do lar..." (15.22,23). Quando Saul buscou lugar de arrependimento, já era tarde. E Samuel sentenciou: "Visto que rejeitasse a palavra do Senhor, já ele te rejeitou a ti, para que não sejas rei sobre Israel" (vs. 26). Um dos pontos cruciais do livro de Samuel acha-se no vs. 28: "O Senhor rasgou hoje de ti o reino de Israel, e deu a teu próximo, que é melhor do que tu". O *reino estava passando de Saul para Davi!*

Comentários sobre o item C) Samuel Unge a Davi (16.1-13)

Saul era belo como nenhum outro jovem em Israel. Quando ia ungir a Davi, Samuel deve ter pensado que ungiria a um lindo moço. Mas Deus lhe ensinou uma grande lição, à qual todos devemos prestar atenção: "Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei (a Eliebe, irmão mais velho de Davi), porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração" (16.7). Ver também II Cor. 5.16.

Por que primeiro Saul teve de ser rei, e somente então Davi? Porque um dos princípios básicos espirituais é o que se aprende em I Cor. 15.46: "Mas não é primeiro o espiritual, e sim, o natural; depois o espiritual".

Comentários sobre D) Davi e Saul (I Sam. 16.4—II Sam. 1.27)

1. Agora, um espírito maligno perturbava Saul. Mas ele se aliviava ouvindo a harpa do jovem Davi. Os psicólogos reconhecem atualmente os efeitos benéficos ou maléficos da música. Lemos que houve profetas que profetizavam impelidos pela música. Ver I Sam. 10.5,6 e II Reis 3.15. Mas também há música sensual e degradante. Há música que, embora não seja sacra, nem por isso é errada para um crente. Mas há música que, definitivamente, deveríamos evitar. A música mexe muito conosco, para melhor ou para pior!
2. Golias confiava em seu gigantismo e em sua armadura. Davi confiava no seu Deus. Por isso, Davi replicou ao filisteu: "Tu vens *contra mim com espada e com lança e com escudo; eu, porém*, vou contra ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado" (17.45). Como é que o resultado daquela batalha singular poderia ter sido diferente? Os antigos, "... por meio da fé... puseram em fuga exércitos de estrangeiros..." (Heb. 11.33,34)!
3. Jônatas amava a Davi "... como à sua própria alma" (18.3). Sem dúvida, existem almas gêmeas. A sincera e duradoura amizade de Jônatas deve ter sido um grande consolo para Davi, ao mesmo tempo que as perseguições de Saul eram-lhe extremamente molestas.
4. A inveja rói a alma do invejoso e é extremamente desagradável para o invejado. Nada demovia Saul de suas suspeitas ciumentas, nem a intervenção de seus próprios filhos, Jônatas e Mical. Um momento crítico foi quando Saul intentou cravar Davi na parede com sua lança enquanto este dedilhava seu instrumento de música (19.10).
5. Jônatas reconheceu que Davi era o escolhido do Senhor para ocupar o trono em lugar de seu pai, Saul. Jônatas, pois, mostrou grande abnegação. Por essa sua defesa em favor de Davi, quase Jônatas paga com a própria vida (20.33). A aliança entre Davi e Jônatas envolvia até mesmo os seus descendentes: "O Senhor seja para sempre entre mim e ti, e entre a minha descendência e a tua" (vs. 42).
6. Um longo período muito perigoso para Davi. Há muitos episódios, e não podemos comentá-los separadamente. Para piorar a situação de Davi, foi durante esse tempo que Samuel morreu (25.1). Davi respeitava Saul, seu rei e seu sogro. Sua atitude para com Saul pode ser vista na observação que fez em certa ocasião: "O Senhor me guarde, de que eu estenda a mão contra o seu ungido..." (26.11). Saul estava fora de si. Reconhecia momentaneamente sua tola perseguição contra Davi, seu genro, mas o espírito maligno apossava-se dele, e ele voltava à carga contra Davi. Era uma fixação doentia!
7. Deus abandonara a Saul, e Saul abandonara o Senhor. Não sabendo para onde se voltar em busca de socorro, com medo dos filisteus, Saul resolveu consultar uma médium espírita. Foi o ponto mais baixo de toda a sua carreira. Foi a gota que fez entornar o balde. Samuel mostrou a Saul que era o ponto terminal para o primeiro rei de Israel: "...amanhã tu e teus filhos estareis comigo..." (28.19).
8. *O rei dos filisteus confiava em Davi.* Mas os nobres filisteus, não, porque se lembravam: "Não é este aquele Davi, de quem uns aos outros respondiam, nas danças, dizendo: Saul feriu os seus milhares, porém, Davi os seus dez milhares?" (29.5). Para eles, Davi era dez vezes mais perigoso que Saul. No caso de divisão da presa, Davi mostrou sua sensibilidade social. Ele era homem

justo e equânime: "...qual é a parte dos que desceram à peleja, tal será a parte dos que ficaram com a bagagem; receberão partes iguais" (30.24).

9. Gravemente ferido, Saul acabou suicidando-se, atirando-se contra a própria espada (31.4). A batalha foi uma grande derrota para Israel. O rei, que começara seu governo com vitórias sobre os inimigos em derredor, quarenta anos mais tarde amargou sua maior derrota, pagando com a própria vida! Tudo isso lhe sucedeu porque ele se afastou do Senhor, a ponto de ficar perturbado por espíritos malignos. Uma lição horrível, para todas as gerações!
10. Só três dias depois Davi soube da morte de Saul e de seus três filhos. Não há certeza quanto às circunstâncias em que o amalequita deu o golpe de misericórdia em Saul. Mas, como todo o ungido do Senhor era "intocável", o amalequita pagou com a própria vida por seu ato sacrílego (II Sam. 1.11 *ss.*). O lamento de Davi por Saul e Jônatas é comovente. Na lamentação de Davi há um estribilho, reiterado por três vezes: "Como caíram os valentes!". Vêm-nos as lágrimas quando lemos acerca das palavras de Davi sobre Jônatas: "Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas; tu eras amabilíssimo para comigo! Excepcional era o teu amor, ultrapassando o amor de mulheres" (II Sam. 1.26).

Comentários sobre o item E) Davi Torna-se Rei (II Sam. 2.1-24.25)

1. Os judaítas foram os primeiros a reconhecer Davi como seu rei. As demais tribos ainda ficaram esperando por mais algum tempo. Ver II Sam. 2.1-7.
2. Abner, capitão do exército do falecido Saul, encabeçava a oposição a Davi, e fez de Is-Bosete, filho de Saul, um rei rival, de tal modo que "somente a casa de Judá seguia a Davi" (2.10). Seguiu-se sangrenta batalha, em que os homens de Davi levaram a melhor (2.12-32). "Durou muito tempo a guerra entre a casa de Saul e a casa de Davi..." (3.1). Contudo, a casa de Davi fortalecia-se cada vez mais, até que Abner, comandante do exército partidário da casa de Saul, bandeou-se para o lado de Davi. O assassínio de Is-Bosete, por ex-partidários seus, foi um ato covarde e traiçoeiro (4.1-12).
3. "Então todas as tribos de Israel vieram a Davi..." (5.1) e "ungiram a Davi, rei sobre Israel" (vs. 3). Quando Hirão, rei de Tiro, enviou mensageiros a Davi, este reconheceu que "... o Senhor o confirmara rei sobre Israel e exaltara o seu reino por amor do seu povo" (vs. 12).
4. A primeira coisa que Davi fez foi tomar concubinas e mulheres, além de Ainoã e Abigail (ver 2.2; 3.2-5), Maaca, Hagite, Abital e Eglá. Em II Sam. 15.16 e 20.3, lemos que ele tinha "dez concubinas". Davi obteve grandes vitórias militares contra os inimigos tradicionais de Israel, transportou a arca da aliança para Jerusalém e projetou a construção do templo. Um ponto importante no relato fica em II Sam. 8:15: "Reinou, pois, Davi sobre todo o Israel; julgava e fazia justiça a todo o seu povo". Para isso é que ele fora levantado como rei, embora o povo pensasse mais em um heróico guerreiro como ideal da realeza. Um detalhe que mostra algo do caráter de Davi foi a sua bondade para com Mefibosete, filho de Jônatas e neto de Saul (9.1-13).
5. Seu caso com Bate-Seba foi a maior mancha no caráter de Davi, que o transformou em um adúltero e assassino. Quando parecia que tudo conseguira ficar encoberto, eis que Natã é enviado por Deus para desmascarar Davi (II Sam. 11.1—12.15). Deus perdoou o pecado de Davi, mas a primeira conseqüência adversa foi a morte de seu filho com Bate-Seba (12.15 ss.). Todavia, Davi já se casara legalmente com a viúva Bate-Seba; e um segundo filho do casal foi Salomão, destinado por Deus a ser o próximo rei de Israel (24.25).
6. Uma série de funestos acontecimentos atingiu Davi e seus familiares, como conseqüências temporais de seu pecado. Os capítulos 13 a 19 de II Samuel devem ser lidos com muita atenção. Mediante essas ocorrências, Deus deixou todo o Seu povo saber do pecado de Davi. O Senhor nunca se torna cúmplice dos pecados de ninguém. Uma das coisas que mais doeu a Davi foi a revolta e a morte de seu querido filho, Absalão. Quase podemos ouvir os soluços do rei, enquanto ele clamava, desconsolado: "Meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!" (II Sam. 18.33).
7. Davi voltou a Jerusalém, convidado pelos homens de Judá. "...mandaram dizer-lhe: Volta, ó rei, tu e todos os teus servos" (II Sam. 19.14). Houve reconciliações e protestos de fidelidade. O caso da sedição de Seba foi gravíssimo, fazendo a nação dividir-se em duas. Lemos em II Sam. 20.2: "Então todos os homens de Israel se separaram de Davi, e seguiram Seba, filho de Bicri; porém, os homens de Judá se apegaram ao seu rei...".
8. Davi organizou melhor o reino, com oficiais civis e militares. Entrando em batalha, Davi ficou "muito fatigado" (21.15). Que idade teria ele? Efeitos prematuros de muitas privações? Seja como for, não mais deixaram Davi sair em batalha: "... para que não apagues a lâmpada de Israel" (vs. 17). Ainda restavam gigantes, quando o reinado de Davi já se aproximava do fim. Os homens de Davi mataram quatro deles. Ver II Sam. 21.19, sobre o qual já tecemos comentários na seção sétima, *Problemas Especiais*, sexto parágrafo.
9. Cronologicamente esta seção deveria estar no começo de II Samuel, porque o cântico celebra o livramento de Davi das perseguições de Saul (II Sam. 22.1).
10. Davi compõe um poema, agradecendo pela "aliança eterna" estabelecida pelo Senhor Deus com ele. Ver a oitava seção, *Teologia do Livro*, no trecho *O Pacto Davídico*.
11. Davi foi um grande homem que foi assessorado por grandes homens, sobretudo no campo militar. A lista que aqui se encontra dos "valentes" de Davi inclui 37 nomes. Um trecho paralelo — I Crô. 11.11-41 — acrescenta mais 16 nomes, totalizando 53 heróis de guerra.
12. O incidente do recenseamento mostra que o orgulho começara a tomar conta do coração do idoso rei Davi. O livro de II Samuel termina com estas palavras positivas: "... o Senhor se tornou favorável para com a terra, e a praga cessou de sobre Israel" (II Sam. 24.25). O livro termina em uma nota de reconciliação e restauração. O governo justo de Davi, apesar de falhas, dentre delas algumas graves, no seu todo era aprovado pelo Senhor.

Cronologia:

Nos livros de I e II Samuel, há narrativas que nos permitem formular certa cronologia quanto aos episódios cobertos. Para exemplificar, ver I Sam. 6.1; 7.2; 8.1,5; 13.1; 25.1; II Sam. 2.10,11; 5.4,5; 14.28; 15.7. No entanto, os informes são insuficientes para que se possa formar uma cronologia precisa quanto à maioria dos eventos desse período da história de Israel. Com exceção das datas do nascimento de Davi e da duração de seu reinado, que são dados firmes (ver II Sam. 5.4,5), quase todas as demais datas têm de ser meras aproximações.

O problema textual que envolve a passagem de I Sam. 13.1, acerca da idade de Saul, quando ele se tornou monarca de Israel (ver a seção VI, *Estado do Texto*), contribui ainda mais "para essa falta de precisão cronológica, pelo menos quanto ao tempo de seu nascimento e ao começo de seu governo. Nenhuma informação nos é dada acerca do tempo do nascimento ou da morte de Samuel (I Sam. 1.1 e 25.1). Porém, calcula-se que Samuel deve ter vivido desde os tempos de Sansão e de Obede, filho de Rute e Boaz, e avô de Davi. Todavia, é-nos indicado que ele já era homem bem avançado em anos quando os anciãos de Israel lhe pediram que ungisse um rei a Israel (ver I Sam. 8.1,5).

Um forte fator de incerteza cronológica é que o(s) autor(es) sagrado(s) nem sempre arranjou(aram) o material em estrita seqüência cronológica. Ao que tudo indica, por exemplo, II Sam. 7 deveria aparecer após as conquistas militares de Davi descritas em II Sam. 8.1-14. A narrativa sobre a escassez que houve em Israel, por casti-

go divino, devido ao fato de que Saul violou um tratado estabelecido com os gibeonitas, o qual se acha em II Sam. 21.1-4, deveria aparecer antes do relato sobre a rebelião de Absalão, registrada em II Sam. 15—18. Em face dessa série de dificuldades, pois, oferecemos a seguir um quadro cronológico com datas aproximadas, alicerçado muito mais em deduções do que em informes bíblicos seguros:

Nascimento de Samuel (I Sam. 1.20)	1105 A.C.
Nascimento de Saul	1080
Unção de Saul como rei (I Sam. 10.1)	1050
Nascimento de Davi	1040
Unção de Davi para ser o próximo rei (I Sam. 16.1-13)	1025
Davi começa a reinar sobre Judá (II Sam. 1.1; 2.1,4,11)	1010
Davi começa a reinar sobre todo o Israel (II Sam. 5)	1003
As guerras de Davi (II Sam. 8.1-14)	997-992
Nascimento de Salomão (II Sam. 12.23; I Reis 3.7; 11.42)	991
O recenseamento (II Sam. 24.1)	980
Fim do governo de Davi (II Sam. 5.4,5; I Reis 2.10,11)	970

X. Bibliografia

ALB AM ANET E I IB WBC VO Z

Ao Leitor

Ao defrontar-se com o primeiro livro de Samuel, o leitor sério haverá de preparar o caminho para seu estudo lendo a *Introdução,* que aborda questões como nome, autoria, data, propósitos, estudo do texto, problemas especiais, teologia, conteúdo e cronologia.

Os dois livros de Samuel (I e II) originalmente formavam um único livro, no hebraico. As personagens principais nos são trazidas à atenção e depois nos é oferecida uma espécie de biografia de cada uma delas: Samuel, Saul e Davi. A história de Samuel é narrada em I Samuel; a história de Saul e a de Davi aparecem em I e II Samuel. Davi é apenas apresentado, e sua história realmente começa em I Samuel 16, aproximadamente na metade do livro, e então continua em II Samuel. Os críticos apontam fontes informativas antigas e posteriores para o livro, supondo que sua edição final só tenha ocorrido após o exílio babilónico. E isso por causa de certas referências que parecem indicar uma data posterior para algumas porções do material. Esses problemas são enfrentados e discutidos no desenrolar da exposição.

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Samuel (1.1 – 7.17)

Seu Nascimento (1.1-28)

Para pleno benefício, o leitor deve consultar a introdução do livro e os comentários adicionais, dados sob o título "Ao Leitor".

Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Samuel,* quanto a detalhes sobre esse homem, a primeira das três grandes personagens que dominam os livros de I e II Samuel. A história de Samuel é relatada nos capítulos 1 a 16, onde encontramos uma virtual biografia desse homem, ou seja, "sua vida e seus atos".

Na Septuaginta. Os livros de I Samuel, II Samuel, I Reis e II Reis são chamados de I, II, III e IV Reinos. Foi a Vulgata Latina que simplificou esses nomes para *Reis.* Os títulos no grego e no latim são um tanto mais precisos como caracterização dos livros, visto que *Samuel* foi o ator principal apenas dos capítulos 1 a 16.

Os dois livros de Samuel e os dois livros de Reis contam a história da ascensão e queda de uma nação. À semelhança de todos os grandes épicos, a narrativa passa por uma sucessão de crises, cada uma das quais solucionada de maneira total ou parcial; mas o resultado final é deveras lamentável: cativeiro e escravidão.

Foi Samuel quem deu o impulso inicial a essa fase da história de Israel, e por essa razão precisava ser um instrumento especial da vontade de Deus. Essa fase é introduzida pela história do nascimento miraculoso de Samuel, tal como a história do Novo Testamento é introduzida pelo nascimento ainda mais miraculoso de Jesus. Ambos foram servos de Yahweh em favor de Israel; mas Jesus Cristo assumiu autoridade e poder universal, e edificou o Novo Israel.

1.1

Houve um homem. O minucioso escritor hebreu fornece-nos materiais biográficos relacionados aos pais de Samuel. Primeiramente aparece em cena o pai de Samuel, Elcana. E então surge Ana, por meio de quem o poder miraculoso de Deus haveria de operar e produzir Samuel, o instrumento especial de Deus para aquele período da história de Israel.

Ramataim-Zofim. No hebraico, esse nome significa "vigilantes em dupla altura". Foi nesse lugar que nasceram tanto Elcana, pai de Samuel, quanto o próprio Samuel. Tornou-se a residência permanente e oficial de Samuel (ver I Sam. 7.17 e 8.4). Também foi nessa cidade que se deu o sepultamento de Samuel (ver I Sam. 25.1). O nome, em sua forma completa, figura somente neste versículo. Em outros trechos bíblicos, sempre é dada uma abreviação, Ramá. Há um artigo detalhado sobre esse nome, no *Dicionário.* Foi o nome de várias cidades em locais largamente diferentes de Israel. A Ramá vinculada a Samuel é discutida sob o quarto ponto daquele artigo, onde aparecem detalhes que não foram incluídos aqui.

Todos os nomes próprios que aparecem neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário,* portanto essa informação não é repetida aqui.

O juiz-profeta Samuel, figura-chave da história de Israel, merece assim cuidadosa introdução biográfica no livro. As minúcias naturalmente confirmam a historicidade do relato. De fato, os eruditos opinam que o Antigo Testamento mostra-se historicamente exato a partir da época de Samuel, se não mesmo antes, desde os tempos mais remotos, um fenômeno nunca igualado no caso da história das demais nações antigas do mundo, cujos primórdios perdem-se nas brumas de lendas e mitos.

Ramá (Ramataim-Zofim) ficava na região montanhosa de Efraim, cerca de 24 quilômetros ao norte de Jerusalém. Josefo identificava-a com Arimatéia, onde nasceu José de Arimatéia, referido no Novo Testamento. Elcana, portanto, residia no território de Efraim, mas pertencia à tribo de Levi. Logo, era levita por descendência e efraimita por residência. Foi por esse motivo que seu filho, Samuel, pôde envolver-se, sem empecilho algum, nos atos do tabernáculo.

1.2

Tinha ele duas mulheres. É um anacronismo ridículo dizer, como faz uma de minhas várias fontes informativas, que essa poligamia ilustra a *iniqüidade* da época e, em seguida, desculpar Elcana por sua esposa extra, com base na esterilidade de Ana. O Antigo Testamento inteiro prova como esse juízo moral é ridículo. Outras fontes, além do próprio Antigo Testamento, mostram-nos que era pouco comum um homem ter várias mulheres, como sucedeu a Jacó, Gideão, Davi e Salomão, embora a bigamia fosse bastante comum.

Os fatores limitadores da poligamia eram mais econômicos que morais. Um rei, que dispunha de muito dinheiro e autoridade, também tinha grande número de esposas e concubinas. Um homem mais pobre contentava-se com apenas duas mulheres. E um homem realmente pobre tinha uma única esposa. Ver o artigo detalhado, do *Dicionário,* chamado *Poligamia.* É verdade que, para um israelita, era um grande problema não ter filhos, pois complicaria a questão da herança das terras, que passavam de pai para filho. Mas a bigamia ultrapassava muito a gravidade desse problema. Nos salmos e nos livros dos profetas, começa a figurar claramente nas Escrituras a noção da imortalidade pessoal. Antes disso, uma espécie de imortalidade era conseguida através da continuação da linhagem física; e um israelita temia "morrer", se sua linhagem física fosse descontinuada, devido à ausência de filhos.

Seja como for, constituía grande desastre e indignidade uma mulher não ter filhos, não tomando parte na continuação do nome e da herança da família. Quanto a essa conexão, ver Gên. 16.2. Era comum que um homem continuasse vicariamente a sua linhagem por meio de outra mulher, embora os filhos resultantes dessa união não fossem biologicamente filhos da primeira. Muito curiosamente, essa questão está-se tornando um problema de nossos dias, quando mulheres têm bebês através de outras mulheres, as chamadas mães de aluguel, através de manipulações científicas.

Ver os artigos sobre as *duas mulheres* mencionadas neste versículo, no *Dicionário. Ana* significa "graça", um nome que se tornou comum em todo o mundo. A mãe de Maria, a Virgem, também se chamava Ana. Ver Luc. 2.36. Por sua vez, *Penina* significa "pérola" ou "coral", o que, no grego e no latim, é Margaret, um nome também bastante comum no mundo moderno. O oitavo versículo deste capítulo talvez sugira que Penina tivesse *dez* filhos. Nesse caso, a sorte de Ana era especialmente amarga. Ali estava ela, negligenciada por Deus, que a tornara estéril, ao passo que dera à sua rival todos aqueles filhos!

1.3

Em Silo. Este versículo faz-nos lembrar do tabernáculo, o centro da adoração nacional. Ali estava o centro da adoração porque foi Salomão, algumas gerações mais tarde, que construiu o templo em Jerusalém. Contudo, mesmo depois da mudança para Jerusalém, Silo continuou sendo um santuário importante. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Silo.*

Os trechos de Êxo. 34.23 e Deu. 16.16 estabelecem que haveria *três festividades* anuais e obrigatórias para os varões hebreus. Essas festas eram a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos. Elcana, pois, fazia pelo menos uma peregrinação anual a Silo. O trecho hebraico diz, porém, literalmente, "de ano em ano", o que pode significar que Elcana ia regularmente a Silo, três vezes por ano, conforme era requerido de todo homem israelita. Os críticos acreditam que a ida ao santuário, em todas as três festas, só foi determinada como obrigatória posteriormente. Assim sendo, a visita anual de Elcana a Silo nada tinha que ver com essa exigência. Seja como for, fica claro que ele era um homem piedoso, não se descuidando de seus deveres e privilégios religiosos. Ver Êxo. 23.14 quanto a detalhes sobre as três festividades religiosas obrigatórias.

Naquele tempo, os sacerdotes envolvidos no culto do tabernáculo foram Hofni e Finéias, filhos de Eli, ao passo que o próprio Eli era o sumo sacerdote. Ver sobre todos esses nomes no *Dicionário. Hofni e Finéias* aparecem em um único artigo. O sacerdócio tinha caído em desgraça por causa de pecados graves, pelo que coisas radicais chegaram a acontecer. Uma delas foi o começo do ofício *profético* como uma instituição mais importante que a dos sacerdotes, em Israel. E outra seria o começo da monarquia.

Senhor dos Exércitos. No hebraico, *Yahweh Sabaoth.* Temos aqui a primeira vez em que aparece o nome divino no Antigo Testamento. A menção a "exércitos" é uma referência militar. Yahweh, pois, é retratado como o comandante de um grande exército de soldados, o que enfatiza o Seu tremendo poder. O próprio Yahweh é o grande General-Guerreiro. Ver o artigo detalhado, no *Dicionário,* chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Tratei especificamente do nome que aqui figura, na seção III.11 daquele artigo. É evidente que Deus era adorado em Silo com esse nome. Nos livros proféticos, esse título é usado de modo muito freqüente — oitenta e oito vezes somente no livro de Jeremias. O leitor pode examinar o restante de meus comentários sobre a questão, no artigo referido.

Exércitos. Em primeiro lugar, estão em foco os anjos. Mas não podemos esquecer que há legiões de seres humanos que também são leais a Yahweh. Os exércitos são servos e guerreiros, e fomentam o poder e a glória de seu comandante supremo. Nesse nome há consolação, porquanto esse poderoso Rei-Guerreiro, que encabeça um poderoso exército de seres, é o nosso Deus, Aquele que nos ajuda em nossos momentos de dificuldades. Isso nos garante a vitória nos momentos de conflito. Nada é impossível para Deus. A Septuaginta diz aqui *Kurios Pantokrator* (Senhor Onipotente), como tradução do nome hebraico para o grego.

Os *Papiros Mágicos* contêm esse nome, entre outros, na esperança de que o seu uso desencadearia acontecimentos miraculosos. Por conseguinte, temos o nome poderoso: Senhor dos Patriarcas; Pai de Todos; Pai dos Poderes do Mundo; Criador de Tudo; Deus dos Deuses – o Deus que tem os poderes do nome secreto, *Sabaoth* (*Papyri Graecae Magicae).*

1.4

No dia em que Eicana oferecia o seu sacrifício. Excetuando os *holocaustos* (ver a respeito no *Dicionário*), porções dos sacrifícios eram consumidas pelos sacerdotes e por aqueles que os ofereciam. Oito porções diferentes dos sacrifícios cabiam aos sacerdotes. Ver Lev. 6.26; 7.11-24; Núm. 18.8. Essas porções eram compartilhadas em algumas ocasiões por aqueles que traziam animais para serem sacrificados.

Por sua parte, as ofertas pacíficas requeriam que a gordura e o sangue fossem entregues a Yahweh (sendo queimada a gordura e derramado o sangue); mas o peito e o ombro direito do animal eram porções que cabiam aos sacerdotes. O restante pertencia a quem tivesse trazido o animal para ser sacrificado e à família desse homem. Ver Deu. 16.11. Isto posto, um sacrifício também era uma festividade jubilosa, do qual participava toda a família ofertante. As viúvas e os órfãos também eram convidados a tomar parte nessa festividade, o que significa que havia um aspecto comunal em toda a questão.

Este quarto versículo pode significar que Penina, por ser a esposa que dera à luz todos aqueles filhos, ocupava uma posição especial durante a festa. O quinto versículo, contudo, mostra-nos que Ana não era ignorada, mas o fato de não ter filhos representava uma tremenda derrota para ela. Ver Deu. 12.5-7 e 16.10-15.

1.5

A Ana, porém, dava porção dupla. Ana não ficava fora das festividades. Mas nessas ocasiões ela era uma figura de causar dó, sem filhos, ao passo que Penina obtinha toda a glória. Ademais, Penina assegurava que Ana estivesse em situação periclitante, vexando-a com observações cortantes por não ter filhos (vs. 6). E Ana permanecia amargurada diante de tudo que lhe acontecia (vs. 10). Em seu desespero, pois, pediu a Deus um filho que revertesse o seu opróbrio. Sem um filho, ela não daria um herdeiro a Eicana, e a herança da família passaria para os filhos de Penina. Outrossim, aquele tipo de imortalidade que os hebreus da época tanto cobiçavam, ou seja, a continuação através dos filhos, não se tornaria uma realidade. Acresça-se a isso a questão do julgamento de Deus, que era considerado a causa real da esterilidade de uma mulher.

1.6

A sua rival. Neste versículo, Penina é considerada "adversária" de Ana. Ana era amada por Eicana, mas não tinha filhos. Penina dispunha de menos amor da parte do marido, mas possuía filhos. E, na mente de Ana, a segunda posição era obviamente superior à primeira. Havia uma rivalidade que coisa alguma poderia terminar; mas, pelo menos, um filho de Ana remediaria a situação. Penina provocava Ana, salientando o fato de que Yahweh deveria ter alguma coisa contra Ana, enquanto favorecia Penina. Esta, pois, irritava propositadamente Ana, mantendo-a sob contínua tensão. As bofetadas eram administradas diariamente; e Ana ficava cada vez mais desesperada. Cf. o caso de Lia e Raquel (ver Gên. 30.1).

Sentido da Palavra Rival. No hebraico, a palavra "rival" vem da mesma raiz do verbo "vexar". Penina vexava, e Ana era vexada.

"Ciúmes, tristeza, ira, malícia eram frutos amargos daquela maneira de viver, tão diferente do que Deus havia determinado originalmente" (Ellicott, *in loc.*).

Penina nos faz lembrar de Xantipa, a esposa do filósofo Sócrates. Sócrates disse que primeiramente ela trovejava e então chovia. Ela gritava, ralhava e então chorava. E quase sempre conseguia impor a sua vontade. Por outro lado, Sócrates dizia: "Seja como for, casa-te. Se obtiveres uma boa mulher, então isso será muito bom. Se obtiveres uma mulher ruim, isso fará de ti um filósofo, e isso também será bom".

O Senhor lhe havia cerrado a madre. A teologia dos hebreus era deficiente quanto a causas secundárias. Todas as coisas, boas ou más, eram atribuídas a uma *única* causa, Deus. Por conseguinte, era natural que a *esterilidade* fosse considerada um juízo divino, devido a algum pecado oculto ou outra razão desconhecida. A *fertilidade,* entretanto, era considerada uma bênção dada diretamente a uma mulher, indicando que ela era aprovada por Deus. Os filhos eram muito cobiçados, não meramente para prover trabalhadores extras no campo, mas também porque cada um deles era um presente dado por Deus. Eles eram tidos como *herança do Senhor* (Sal. 127.3). Esse tipo de atitude alerta-nos para a razão pela qual Ana se sentia tão desanimada quanto à questão de sua esterilidade, dispondo-se a envidar esforços heróicos para obter o favor de Yahweh, contanto que lhe fosse dado ao menos um filho especial. Naturalmente, o pedido de Ana lhe foi atendido; mas ela não sabia quão especial seria aquele filho. Ele se tornou uma chave importante na história de Israel, capaz de estabelecer tendências para toda a nação.

1.7

Todas as vezes que Ana subia à casa do Senhor. Embora mulheres não tivessem obrigação de fazer nenhuma das três peregrinações anuais ao tabernáculo em Silo, Ana, seguindo o exemplo de seu marido (vs. 3), mas também por sua própria vontade, fazia pelo menos uma daquelas viagens ao lugar sagrado anualmente. Aquela era uma ocasião de tomar votos e fazer promessas, a fim de que Yahweh lhe desse um filho. Penina, a outra esposa de Elcana e rival de Ana, mostrava-se especialmente amarga e cortante nessas ocasiões. Em certo ano, a perseguição movida por Penina foi tamanha que deixou Ana em frangalhos, extremamente nervosa, a ponto de apenas conseguir chorar, não lhe restando vontade nem ao menos de comer a porção dos sacrifícios que cabia aos adoradores.

Ao que parece, Penina também costumava fazer essas peregrinações em Silo; e, naturalmente, possuía filhos para exibir. As provocações de Penina durante aquela peregrinação tornaram-se especialmente intensas.

"Ana chorava diante dos insultos, das reprimendas e das zombarias lançadas contra ela por sua antagonista, chegando ao extremo de nem comer das ofertas pacíficas, embora seu marido lhe tivesse dado dupla porção" (John Gill, *in loc.*). Entre as provocações de Penina, sem dúvida estava a de que Yahweh deixara Ana estéril por causa de algum pecado espiritual.

A jornada de Ramá a Silo era de cerca de 24 quilômetros. Assim, a distância relativamente pequena permitia que a família se deslocasse anualmente naquelas peregrinações, sem grandes perturbações.

1.8

Ana, por que choras? Elcana sabia bem que a razão principal da tristeza e do choro de Ana era a ausência de filhos. Mas fez a estúpida observação de que ele valia tanto quanto dez filhos para ela. Mas ter marido não solucionava todos os problemas de uma mulher em Israel. Ela era uma espécie de pária da sociedade, um objeto de ridículo, por não conseguir gerar filhos, e isso por razões que já foram oferecidas nesta exposição. O amor e a atenção de um marido não conseguiam remover o opróbrio sofrido por uma mulher estéril. A observação de Elcana foi "tocante", conforme diz uma de minhas fontes informativas; mas de modo algum resolvia o verdadeiro problema.

O número "dez" pode ser apenas um exagero da linguagem, para indicar uma família numerosa; ou pode subentender que a provocadora Penina tinha *dez* filhos, conforme supuseram algumas fontes judaicas, incluindo Jarchi.

Tristeza em Meio à Alegria. Os sacrifícios eram tempos de alegria e festividade. Mas Ana, não tendo filhos, sentia-se vencida pela tristeza.

1.9

Após terem comido e bebido em Silo. Tinha terminado a festa, que consistia em comidas e bebidas. Todos estavam em atitude jubilosa, exceto Ana, que não participava da alegria reinante. O comportamento de Ana atraiu a atenção de *Eli,* o sumo sacerdote. Ele estava sentado perto de um dos pilares do tabernáculo, o qual, de maneira anacrônica, é chamado aqui de "templo". John Gill salientou que o tabernáculo chegou a ser chamado de "templo", conforme se vê, por exemplo, em Jer. 10.20, mas essa também é uma observação anacrônica.

Os *Targuns* dizem que Eli estava sentado perto de uma das colunas da porta de entrada do átrio exterior. Presumivelmente ele tinha mandado construir um assento que fora colocado ali e era usado ocasionalmente. Dali punha-se a observar o povo que entrava e saía. E também aconselhava qualquer pessoa que precisasse receber alguma decisão judicial. Ele combinava, em si mesmo, os ofícios de sumo sacerdote e juiz. Para Eli, Ana parecia embriagada. Na verdade, porém, ela estava vencida pela tristeza, e não pelo vinho.

Eli, o sacerdote. Ver o artigo detalhado, no *Dicionário,* a respeito dele. Ele era descendente de Itamar, filho mais novo de Arão (ver I Crô. 24.3). Nessa passagem é dito que ele era neto de Itamar. Outros detalhes e informações sobre como o ofício sumo sacerdotal passou pela família de Itamar, e não pela família de Eleazar, são mencionados, embora não sejam dadas as razões para isso. Ver também, no *Dicionário,* o artigo intitulado *Itamar,* quanto a outros detalhes.

O sacerdócio havia sido degradado devido a excessos de imoralidade, nos dias de Eli e seus filhos, que eram degenerados. Todavia, parece que o próprio Eli era homem bom e sincero. Eli foi o primeiro da linhagem de Itamar a ocupar o ofício de sumo sacerdote. I Sam. 4.18 afirma que Eli atuou como juiz durante quarenta anos. Isso posto, ele era homem de longa experiência e, sem dúvida, dotado de considerável conhecimento.

1.10

Com amargura de alma, orou ao Senhor. Perseguida por Penina e esmagada em seu próprio coração, por causa de sua esterilidade, Ana estava à beira da histeria e, em um ataque de choro, misturava suas orações com sua imensa tristeza, implorando a Yahweh que revertesse a triste condição de esposa sem filhos. Os hebreus não dispunham ainda de conhecimentos científicos e métodos capazes de entender condições como a esterilidade; assim sendo, Deus era o único tribunal de apelos em caso de problemas ginecológicos. A

O VOTO DO PODER

Levantou-se Ana e, com amargura de alma, orou ao Senhor, e chorou abundantemente. E fez um voto, dizendo:

Senhor dos Exércitos, se benignamente atentares para a aflição da tua serva, e de mim te lembrares e da tua serva te não esqueceres e lhe deres um filho varão, ao Senhor o darei por todos os dias da sua vida.

Ela concebeu e, passando o devido tempo, teve um filho, a que chamou Samuel, pois dizia: Do Senhor o pedi.

I Samuel 1.10,11,20

**** **** ****

AS CRIANÇAS SÃO SUAS, SENHOR

Por este menino orava eu; e o Senhor me concedeu a minha petição, que eu lhe fizera.

I Samuel 1.27

A também o trago como devolvido ao Senhor, por todos os dias que viver.

I Samuel 1.28

Deixai os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus.

Mateus 19.14

Em verdade vos digo que, se não vos convertedes e não vos tomardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus.

Mateus 18.3

Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leste espiritual, para que por ele os seja dado crescimento.

I Ped. 2.2

Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele.

Provérbios 22.6

Como flechas não mão do guerreiro, assim os filhos da mocidade. Feliz o homem que enche deles a sua aljava.

Salmo 127.4,5

verdade era que os hebreus não se mostravam muito favoráveis para com a medicina, por julgarem que a cura era algo que pertencia exclusivamente a Deus. No decorrer da história, os filhos de Israel encaravam a medicina como algo dirigido pelo diabo, e, para eles, consultar um médico era como consultar videntes e médiuns. Mas nos dias do Novo Testamento, as coisas tinham começado a mudar, visto que Lucas, o médico amado (ver Col. 4.14), foi aceito pelo círculo apostólico.

1.11

E fez um voto. Há um artigo detalhado no *Dicionário,* denominado *Voto.* Parte do culto religioso dos hebreus consistia em fazer votos e promessas, quando almejavam alguma dádiva ou bênção especial da parte de Yahweh. E esses votos, como todos os aspectos da vida dos hebreus, eram governados por um conjunto de preceitos. O artigo mencionado é tão completo e detalhado que não tenho aqui espaço para repetir o material.

O voto feito por Ana teve um cunho espiritual. Ela prometeu a Yahweh que, se lhe fosse dado um *filho,* ela o dedicaria ao serviço do tabernáculo. E por esse motivo Samuel foi criado no tabernáculo, tendo-se envolvido no culto ao Senhor durante toda a vida. Naturalmente, aquele foi um período de preparação para sua missão como juiz e profeta do Senhor.

E sobre a sua cabeça não passará navalha. Não há duvida de que isso significa que Samuel levaria a vida especialmente dedicada de nazireu. Ver no *Dicionário,* quanto a maiores detalhes, o artigo chamado *Nazireado (Voto do).* Em sua completa dedicação às realidades espirituais, um nazireu precisava abster-se de vinho e de qualquer tipo de contaminação cerimonial, e jamais podia cortar os cabelos. A maior parte dos votos de nazireado perdurava por certo período de tempo; mas Samuel deveria levar a vida inteira como nazireu. Samuel, descendente de Levi, era um levita; mas além disso, teria de cumprir um voto e uma missão especial.

Ana, na condição de mulher casada, não podia tomar um voto sem o consentimento de seu marido. Assim sendo, podemos supor que a questão já tivesse sido discutida com ele, e que ele houvesse aprovado o voto. Ver Núm. 30.8.

1.12

Demorando-se ela no orar. Eli estava sentado em seu lugar usual de descanso e começou a observar Ana enquanto ela orava em silêncio; por esse motivo, chegou a pensar que ela estivesse embriagada ou fora de si. O sacerdote estava indignado com aquela mulher que ousava vir ao tabernáculo cheia de vinho daquela maneira. Ele "observava os lábios dela em movimento, e sua fisionomia distorcida, levantando os olhos para o alto e erguendo as mãos..." (John Gill, *in loc.*).

1.13

Ana só no coração falava. Ela falava consigo mesma, sem pronunciar nenhum som. Eli pensou que por certo Ana estava embriagada. Ele tinha visto muitas pessoas chegar ao tabernáculo, orar em voz alta e fazer votos. Já tinha presenciado toda forma de atos de devoção, mas o que aquela mulher estava fazendo sem dúvida era diferente. Ou ela estava tonta de vinho ou estava enlouquecida; porém, mais provavelmente, estava tonta, porque tinha acabado de participar das festividades em que se servia vinho como parte integral das celebrações. Eli estava revoltado diante dos atos de Ana, em sua silenciosa e intensa oração, porquanto interpretava erroneamente o que estava sucedendo. De fato, algo de grande importância espiritual se passava: *Samuel* estava sendo chamado à cena terrestre, a fim de cumprir a missão que revolucionaria a história. Mas Como Eli poderia saber disso?

Era costume dos hebreus orar em *voz alta.* E, de fato, esse tipo de oração, de alguma maneira, parece mais eficaz. É possível que, quando oramos em voz alta, atinjamos maior concentração. Ademais, orar em voz alta não permite que nossa mente divague ou fique sonolenta.

1.14

Até quando estarás tu embriagada? Eli não suportava mais aquela cena. Assim sendo, aproximou-se de Ana e repreendeu-a diretamente por causa de sua suposta embriaguez. Eli estava preocupado com a honra do tabernáculo, mas mostrou-se precipitado em seu julgamento e em sua fala com Ana. A Septuaginta tenta suavizar o equívoco dele, fazendo-o enviar um servo para dizer aquelas palavras. Os Targuns dizem, muito pitorescamente: "Por quanto tempo continuarás a te conduzir como uma tola ou uma louca?". Eli, pois, exigiu que ela interrompesse o seu vício de alcoolismo, que a estava tornando uma mulher insensata. Na realidade, poucas coisas são tão estúpidas neste mundo como o vício do *alcoolismo.* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alcoolismo.*

1.15

Não, senhor meu. O problema de Ana não era o alcoolismo, mas um coração sobrecarregado de tristeza. Ela não estava transbordando vinho, depois de muito haver bebido. Antes, derramava a tristeza acumulada no coração, diante do Senhor, e tomava um voto sério e solene. Havia pronunciado palavras sóbrias. Isso convenceu Eli, o qual, imediatamente, pôs-se ao seu lado, buscando a Yahweh, para que ela obtivesse o que tinha pedido de Deus. Ana respondeu com suavidade, mansidão e cortesia, a despeito do fato de Eli ser o sumo sacerdote, e não era coisa de somenos importância ser repreendida por ele.

O *Talmude* encerra uma observação muito amarga neste versículo, levando em consideração como o sacerdócio se desintegrou quando Eli e sua família o exerciam: "Tu não és um senhor, nem o Espírito Santo repousa sobre ti, porque suspeitaste de mim quanto a essa questão, formando uma opinião tão descaridosa a meu respeito. Nem a glória *shekinah* nem o Espírito Santo estão contigo". Tal comentário, entretanto, está inteiramente fora de lugar, no contexto do primeiro capítulo de I Samuel.

1.16

Não tenhas, pois, a tua serva por filha de Belial. Ter uma mulher *viciada no álcool,* dentro do tabernáculo, seria realmente uma *desgraça.* Uma mulher assim só poderia ser considerada filha de Belial; pois somente pessoas impulsionadas pelo diabo haveriam de agir daquela maneira no interior do Lugar Santo. O caso de Ana, contudo, era diferente. Longe de ser uma filha de Belial, ela estava fazendo um voto muito intenso a Yahweh, derramando diante Dele a sua alma, o seu coração frustrado. Todavia, Belial realmente agia no tabernáculo, conforme vemos em I Sam. 2.22. Os filhos de Eli estavam cometendo prostituição com mulheres que ali chegavam ou trabalhavam no átrio exterior. Ana, entretanto, não cometera nenhum erro.

"Os romanos proibiam as mulheres de tomar vinho, e o alcoolismo era, no caso de mulheres, um crime capital, tão grave quanto o adultério... e, de fato, uma mulher alcoólatra inclina-se a toda forma de pecados" (John Gill, *in loc.,* fazendo referência a Plínio, em sua obra *História Natural* 1.14, cap. 13).

O termo hebraico *beliyya'al* (Belial) é usado aqui como tradução de um nome próprio, que significa "Satanás". No entanto, é provável que, nos dias de Ana, o termo tivesse a força de um adjetivo, "uma mulher vil". Nos livros do período intermediário (que foram escritos entre o Antigo e o Novo Testamento), o termo já se tinha tornado um nome próprio, usado como sinônimo para Satanás. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Belial,* quanto a comentários completos a respeito.

1.17

O Deus de Israel te conceda a petição que lhe fizeste. Completamente satisfeito diante da explicação que Ana lhe dera, Eli adicionou seu peso como sumo sacerdote e pediu que *Elohim* (o Deus Todo-poderoso de Israel) concedesse a ela o pedido feito. Seria mister o *poder* de Deus para que Ana tivesse um filho, motivo pelo qual Eli usou o nome divino *El,* que aponta para o poder divino. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Ver, especificamente, o ponto III.3.

O autor sagrado necessariamente pensava que a bênção de Eli havia sido parcialmente responsável pela concessão do pedido de Ana. Isso nos ensina a valiosa lição de que a cooperação de outras pessoas, que oram por nós e promovem as mesmas coisas que promovemos, tem grande valor. A *oração em grupo* é mais eficaz que a oração individual, podendo obter qualquer coisa se for persistente e estiver dentro do escopo da vontade divina.

O texto, combinado com I Sam. 2.22, dá a entender que mulheres embriagadas e sensuais costumavam vir ao tabernáculo, motivadas por desejos baixos. A vida religiosa de Israel descera a um nível perigoso naquele tempo. Ana, entretanto, não se tornara culpada de nenhuma dessas coisas. O mesmo podemos dizer a respeito de Eli: as coisas tinham fugido de seu controle apropriado, porquanto Eli não demonstrava ter pulso forte e autoridade necessária para fazer as coisas voltar ao trilho correto.

1.18

E disse ela. Ana agradeceu a Eli pelo interesse demonstrado e também por tê-la apoiado em oração. Ela havia *achado graça* aos olhos do sumo sacerdote; e isso não era coisa de somenos valor. Na verdade, a partir daquele instante, Ana convenceu-se de que o pedido de para conceber um filho lhe havia sido concedido. Assim, em confiança e alegria, pensando na dádiva que estava prestes a ser-lhe outorgada, ela seguiu o seu caminho, alimentou-se e celebrou com júbilo. Ademais, o rosto dela iluminou-se em deleitosa expectação. Ana lançou sobre o Senhor toda a sua preocupação e partiu.

Creio que o Senhor ouviu minha oração;
Creio que a resposta está a caminho.

Leva teu peso ao Senhor,
e deixa-o com Ele.

Se confiares e nunca duvidares,
Ele sem dúvida te livrará.
Leva teu peso ao Senhor
e deixa-o com Ele.

(C. Albert Tindley)

As *festividades* relacionadas aos sacrifícios parecem ter terminado, assim a refeição tomada por Ana parece ter sido uma questão pessoal, conforme também diz a Septuaginta: "... ela seguiu caminho, entrou em seu quarto e comeu e bebeu com o marido...". Outros estudiosos, entretanto, supõem que ela tenha comido o que restava do alimento das ofertas pacíficas.

1.19

Levantaram-se de madrugada... e voltaram. No dia seguinte, após uma boa noite de descanso, Elcana, suas duas esposas e os demais, que tinham acompanhado a peregrinação até Silo, levantaram-se bem cedo e voltaram a Belém. Algum tempo depois, talvez até naquela mesma noite, Ana concebeu Samuel, visto que Yahweh aceitou o seu voto e alegrou-se em cumprir a parte divina nas condições, ou seja, conceder a Elcana e Ana o filho especial que ela havia pedido.

Chegaram a sua casa em Ramá, onde a família residia, "Ramá dos vigilantes". Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ramá,* além de notas adicionais em I Sam. 1.1. Alguns estudiosos pensam que "casa", neste versículo, significa a casa de Ana, como se ela e Penina residissem em casas diferentes. Nesse caso, voltar a Ramá seria voltar às "casas"; mas, neste caso, a "casa" seria a de Ana somente.

1.20

Ela concebeu e, passado o devido tempo, teve um filho. O menino foi chamado "Samuel" por ter sido pedido da parte do Senhor, que é o significado dado pelo autor sagrado ao apelativo. Hillerus nos fornece o derivativo, *Saul-mul-el,* ou seja, "pedido diante de Deus" ou "pedido aos olhos de Deus", visto que o pedido e o voto tinham sido feitos no tabernáculo (*Onomastic. Sacr.* partes 418, 419 e 487). Gesênio afirmou que *Samuel* significa "o nome de Deus" e, sem dúvida, isso está certo. Obter o outro derivativo, com base no nome próprio *Saul,* é uma maneira de fazer o nome corresponder às circunstâncias do nascimento, ou seja, a petição e o voto feitos por Ana. Em outras palavras, o autor recorreu a uma *licença poética* ao dar sua interpretação ao significado do nome; mas Gesênio sem dúvida se mostrou correto quanto à derivação verdadeira. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Samuel,* que também inclui uma discussão sobre esse nome.

1.21

Subiu Elcana. Esse "sacrifício anual" pode significar a páscoa ou a festa dos Tabernáculos, festividades que requeriam a presença dos varões de Israel. Muitos homens, no entanto, levavam os familiares a essas festividades de sacrifícios. A festa dos Tabernáculos era uma ocasião em que os homens se dirigiam ao lugar sagrado para agradecer pela colheita abundante que tinha sido feita. Eles iam para expressar gratidão e alegria. Ver Deu. 16.10-15. Elcana também tinha feito um *voto* (ver a respeito no *Dicionário*), e alguns eruditos pensam que, em sua essência, esse voto foi idêntico ao de Ana, mas o texto nada nos informa quanto a isso. Cf. o vs. 3 quanto às festas de sacrifício anuais. Ver o artigo geral, no *Dicionário,* denominado *Festas (Festividades Judaicas).* A festa dos Tabernáculos é discutida sob a seção II.c. As *três* festas que requeriam a presença de todos os varões de Israel eram a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos (ver Deu. 16.16). Ver a exposição em Êxo. 23.14 quanto às três festas.

"... os votos tornaram-se uma característica da era particular dos juízes de Israel. Podemos verificar as narrativas de Sansão, de Jefté e do juramento do benjamita" (Ellicott, *in loc.*).

1.22

Ana, porém, não subiu. Não era uma boa ocasião para Ana ir a Silo. Mais tarde, contudo, ela foi forçada a fazê-lo, por causa de seu voto, mas naquele momento Samuel precisava dela mais do que o tabernáculo. Mais tarde, contudo, ela subiria e simplesmente entregaria Samuel aos cuidados de Eli, e ali o menino seria criado para tornar-se um juiz e profeta especial de Deus. Ana ainda dispunha de poucos meses preciosos para desfrutar da presença do filho. O voto que ela havia feito era difícil de cumprir. Nesse cumprimento, grande foi o sacrifício pessoal de Ana. Samuel precisava ser primeiramente desmamado, para que o voto fosse cumprido. Este versículo é comovente. Poucos meses agora restavam para que mãe e filho continuassem juntos. Depois disso, Yahweh tornar-se-ia o companheiro especial de Samuel. Naturalmente, Ana tinha os direitos de uma visitante, mas essas visitas seriam bastante espaçadas. Entrementes, Ana ficaria desolada; mas nisso ela estava prestando grande serviço ao povo de Israel. Samuel foi diferente desde o começo, e foi diferente até o fim. Ele foi um filho especial, um homem especial, um formador da história.

O Desmame. Em Israel, o desmame demorava bastante. II Macabeus 7.27 parece indicar que 3 anos era o tempo normal para isso. Os persas costumavam desmamar os meninos aos 2 anos, e as meninas aos 3. Mas logo chegaria o tempo do desmame. Samuel seria deixado para sempre no tabernáculo, para ser criado pelo sumo sacerdote e seus auxiliares.

Jarchi diz que o desmame de Samuel ocorreu ao fim de vinte e dois meses, exatamente conforme determinavam os persas. Mas Kimchi e Ben Meleque afirmam que isso aconteceu aos vinte e quatro meses. Em Israel, porém, o costume eram mesmo três anos completos. Ver as notas sobre Gên. 21.8, que fornecem informações adicionais às que são dadas aqui.

1.23

Faze o que melhor te agrade. Elcana concordou em adiar o desmame de Samuel, porque o que Ana havia dito era verdade. Por outro lado, ele a fez lembrar de seu *voto,* que precisava ter cumprimento. Em Israel, os votos eram uma questão séria.

A Palavra de Yahweh Seria Estabelecida. Ambos os lados da barganha teriam cumprimento cabal. Yahweh concedera o menino Samuel a Ana, e Ana o devolveu. Além disso, o sumo sacerdote entrou na questão, rogando que Yahweh concedesse o pedido feito por Ana. E, por causa disso, o voto assumiu ainda maior seriedade.

Há uma tradição em torno dessa questão, que diz que Yahweh outorgou uma visão e uma *revelação* a respeito do destino de Samuel, o qual era conhecido por Ana. Ele seria um grande homem de Deus. Por esse motivo, as mulheres davam a seus meninos o nome de Samuel. Mas, assim que eles começavam a comportar-se de modo errado, tornava-se evidente que não eram o verdadeiro Samuel. Só haveria um verdadeiro Samuel (*Rashi,* tradições rabínicas). Ou então essa palavra de revelação fora uma profecia de Eli, o sumo sacerdote, ou mesmo uma palavra de revelação dada a outrem, mostrando a *promessa* de Yahweh de cumprir a Sua palavra, ao conceder Samuel a Ana e Elcana. Elcana ansiava para que se cumprisse a palavra de Yahweh, a profecia sobre a grandeza espiritual de Samuel. Contudo, isso não poderia acontecer se Ana mudasse de atitude e, egoisticamente, mantivesse o menino em casa, descumprindo a sua parte na barganha. É como se Elcana tivesse advertido Ana: "Não impeças o propósito de Yahweh quanto a Samuel".

1.24

E o apresentou à casa do Senhor. O *voto* precisava ser cumprido, acompanhado pelos ritos apropriados, que incluíam sacrifícios de animais. O texto hebraico diz aqui que *três novilhos* estiveram envolvidos no sacrifício, mas talvez tenhamos aqui uma declaração descuidada do autor sagrado. A Septuaginta está quase certamente correta ao afirmar que foi "um novilho com 3 anos de idade". O versículo seguinte fala sobre o abate de um único novilho, o que dá sustentação ao argumento. Ver Gên. 15.9, quanto à idade do novilho a ser sacrificado. O rito incluía a oferta de cereais ou manjares, que consistia em um *efa* de farinha de trigo, ou seja, cerca de 28 litros. Um odre de vinho completava o material. As três coisas juntas — o novilho, a farinha de trigo e o vinho — eram os alimentos usados nos ritos de consagração. Isto posto, havia o *holocausto* (que envolvia o novilho), a *oferta de manjares* (que envolvia a farinha de trigo) e a *libação* (que envolvia o odre de vinho). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Libação,* como também as notas em Lev. 23.13. Ver sobre as ofertas de manjares em Lev. 6.14-18; *e* sobre os holocaustos em Lev. 6.9-13. Ver também o gráfico que ilustra os três tipos gerais de sacrifícios e oferendas, imediatamente antes da exposição de Lev. 1.1.

Era o menino ainda muito criança. Talvez Samuel estivesse então com 3 anos de idade. Para Ana, constituiu uma experiência angustiante deixá-lo no tabernáculo e então voltar para casa. Grandes sacrifícios sempre acompanham grandes missões. Os demais seres humanos permanecem em casa, desfrutando os pequenos prazeres da vida.

Alguns expositores defendem aqui o uso de três novilhos, dizendo que aquele que é abatido no vs. 25 constituiu o holocausto. Os outros dois teriam sido usados como sacrifícios, durante a festa anual, algo inteiramente à parte do rito de dedicação de Samuel. Mas o próprio texto não indica nada parecido com isso. Talvez o autor sagrado esperasse que deduzíssemos isso, sem que ele tivesse de mencioná-lo.

1.25

Imolaram o novilho. Foram efetuados os *sacrifícios apropriados,* delineados no versículo anterior. O *todo* foi referido através da mera menção ao *holocausto.* Ato contínuo, Samuel foi trazido e apresentado ao sumo sacerdote Eli. Chegara o

momento do grande sacrifício pessoal de Ana. Ela havia feito um voto capaz de rasgar-lhe o coração, mas agora precisava cumpri-lo. Ela deve ter feito a apresentação com o coração carregado de tristeza. Por outro lado, Samuel tinha um destino especial a cumprir, e precisava receber uma educação especial. Samuel seria o último dos juízes de Israel e haveria de fazer entrar em eclipse, durante muito tempo por vir, o sacerdócio, inaugurando a carreira dos profetas escritores. Grandes mudanças ocorreriam por intermédio dele. Os juízes seriam substituídos por um rei, e a monarquia seria instituída em Israel.

O menino Samuel haveria de ser criado no tabernáculo, sob a supervisão de Eli. O pessoal que cuidava do tabernáculo também cuidaria do menino. Ele aprenderia todos os detalhes do culto levítico e, desde bem cedo na vida, teria certos deveres. E, quando se tornasse adulto, seus deveres aumentariam.

1.26

E disse ela. Ana relembrou Eli o incidente que tinha ocorrido cerca de três anos antes, registrado em I Sam. 1.10-18. "Tão certo quanto és um ser vivo, eu sou *aquela* mulher que viste, que fez um voto solene; e aqui estou para cumpri-lo".

Os *Targuns* explicam que este versículo fazia parte de uma súplica a Eli, no sentido de que ele ficasse com Samuel, de modo que o voto de Ana se cumprisse. Como é óbvio, nenhum menino de 3 anos de idade podia entrar no tabernáculo e ali fixar residência sem a expressa permissão e provisão do sumo sacerdote. Sem dúvida, Ana fez Eli lembrar como ele havia reforçado o voto dela, pedindo a Yahweh que lhe concedesse o pedido (vs. 17). O relato não afirma especificamente qual foi a petição de Eli, e não sabemos dizer se, naquela ocasião, Eli recebeu ou não alguma instrução sobre o pedido. Seja como for, *agora* ele ficou sabendo no que consistira o pedido de Ana, que *ele* tinha ajudado a ser cumprido.

1.27

Por este menino orava eu. Ana revelou assim no que consistira sua petição a Yahweh. "Prometi dedicar esta criança a Yahweh, como um nazireu perpétuo" (vs. 11). A fim de cumprir esse voto, Samuel precisava ser criado no tabernáculo. Resta-nos imaginar por nós mesmos qual foi a resposta dada por Eli, se aceitava ou não o menino. No segundo capítulo, Samuel aparece no tabernáculo, servindo ao Senhor e aprendendo (ver I Sam. 1.22).

1.28

Como devolvido ao Senhor. Ana procurou diminuir a tristeza que sentia na ocasião, ao falar sobre sua *dádiva absoluta* como uma *devolução*. Essa devolução tinha caráter permanente. Ana sempre teria o direito de uma visitante especial; mas haveria muitos e longos dias em sua casa vazia, entre uma e outra visita. Havia um destino especial que esperava Samuel, o qual ele jamais cumpriria se permanecesse em casa. Grandes missões requerem grandes sacrifícios. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

E eles adoraram ali ao Senhor. O texto hebraico diz "ele", em lugar de "eles". *Isso só pode referir-se a Elcana, o marido de Ana; ou então a Eli, que teria* ficado profundamente impressionado diante de tudo quanto havia acontecido, e aproveitara a oportunidade para volver seus pensamentos para Yahweh, agradecendo a Ele por aquela maravilha. O próprio pequeno Samuel poderia estar em pauta. Nesse caso, ele já deveria ser alguém espiritualmente sensível, uma criança prodígio e, assim sendo, capaz de um ato especial de adoração, naquele momento. Mas a Vulgata Latina, aqui seguida pela versão portuguesa, diz "eles", dando a entender que todos os presentes, ou seja, Ana, Elcana e Eli, adoraram ao Senhor.

A Septuaginta acrescenta estas palavras, que nos levam a uma profunda comoção: "E ela o deixou ali, diante do Senhor, e foi para casa, em Ramá".

O texto sagrado poupa-nos da descrição das lágrimas que devem ter sido derramadas naquele instante. Ana partiu regozijante, diante do fato de que um filho havia sido oferecido ao Senhor, e de que ele era especial e seria um grande homem de Deus. Todavia, também partiu cortada de dor, porquanto havia perdido seu pequeno. Os olhos do menino seguiram a mãe até que ela desapareceu de sua vida. De cabeça pendida, ele mal compreendia o motivo pelo qual sua mãe o deixara ali, daquela maneira. Eli pôs a mão sobre os ombros do menino e procurou consolá-lo. Sim, grandes missões requerem grandes sacrifícios.

Toma minha vida e que ela seja
Consagrada, Senhor, a Ti.
Toma minhas mãos e que elas se movam
Ao impulso do Teu amor;
Sim, ao impulso do Teu amor.

(Francis R. Havergal)

Capítulo Dois

Cântico de Ana, Mãe de Samuel (2.1-10)

"Este é um dos mais antigos e mais comoventes poemas do Antigo Testamento. Tão messiânico é o texto em seu caráter que Maria, mãe de Jesus, incorporou-o em seu próprio cântico de triunfo, o *Magnificat*, em que louvou a Deus por tê-la escolhido para ser a mãe humana de Jesus, o Messias (ver Luc. 1.46-55)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

O *Cântico de Ana* é um salmo de louvor à providência de Deus, similar a várias composições do livro de Salmos. Esse cântico celebra a reversão do dilema humano, transformando-o em uma súbita e inesperada vitória.

"Esses verazes e belos pensamentos do Espírito do Senhor, primeiramente implantados no coração de Ana, e em seguida trazidos a seus lábios, tornaram-se um dos mais belos cânticos do povo de Israel, e tem sido transmitido de pai para filho, de geração em geração. Essas foram palavras proferidas por Ana, mãe do menino-profeta, que ela disse na quietude de sua própria casa, em Ramá dos Vigilantes" (Ellicott, *in loc.*).

2.1

Então orou Ana. Temos aqui uma oração de ação de graças e louvor, um salmo de louvor. Cf. Sal. 72.20 e Hab. 3.1. A oração consiste, em sua maior parte, em pedir e receber, mas esses outros dois elementos — agradecimento e louvor — também desempenham seu devido papel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Oração*.

O meu coração se regozija. Embora Ana estivesse muito triste por haver deixado o pequeno Samuel no tabernáculo, tendo ele apenas cerca de 3 anos de idade na ocasião, contudo, ao cumprir a vontade de Deus, de uma maneira especial, Ana sentia intensa alegria. Assim sucedeu porque houve grandes e boas conseqüências no cumprimento da vontade divina. A verdadeira espiritualidade sempre tem considerações *objetivas*, e não somente considerações que afetam a vida pessoal de uma pessoa. Há coisas mais sublimes que os pequenos e passageiros prazeres de uma pessoa. "Ela exprimiu uma santa alegria. Não tinha ela recebido a bênção, afinal, pela qual todas as mães de Israel tanto anelavam?" (Ellicott, *in loc.*).

A minha força está exaltada. O original hebraico fala em "chifre", que a nossa versão portuguesa corretamente interpreta como "força". Trata-se de uma metáfora que fala sobre algum animal selvagem que mantinha a cabeça elevada, em atitude de força e triunfo. Em alguns animais, como o touro ou o veado, a força concentra-se nos chifres. Com os chifres, esses animais lutam e se protegem. O carneiro, um animal que podia ser oferecido em sacrifício, pertencia a essa categoria.

A minha boca se ri. À semelhança de um leão, que, com sua grande boca, *rugidora e pronta para devorar, espalha o medo e mata suas presas.* Existem animais, como o leão, cuja força concentra-se na boca. O bocejo, na antiguidade, era um gesto de desprezo (ver Sal. 35.21; Isa. 57.4). Ana fora dotada de forças, e desprezava todos os seus adversários, visto que Yahweh tinha tomado a defesa de sua causa. A pobre Penina e todas as suas reprimendas haviam perdido todo o controle sobre ela. "A faculdade da fala é aqui despertada para expressar como Deus derrotou os seus inimigos" (Adam Clarke, *in loc.*).

2.2

Não há santo como o Senhor. Este versículo é *monoteista* em todo o seu tom. Há somente um Deus. Ele é o Deus de santidade suprema, como não se pode encontrar igual em outro ser. Ele é uma rocha inabalável, poderosa, imutável. Talvez Israel tenha dado início à idéia do *henoteísmo*, ou seja, há um só Deus *para nós*, embora possa haver outros que se aplicam a outros povos. O monoteísmo, porém, neutraliza todo outro "deus", mesmo quanto à teoria. Ver o artigo geral sobre *Deus*, no *Dicionário*. O monoteísmo bíblico não é mera teoria segundo a qual a pessoa *acredita* na existência de um só Deus. Antes, é uma doutrina moral segundo a qual a pessoa precisa dedicar-se a esse Deus único, conferindo-Lhe plena lealdade e obediência.

O nosso Deus. No hebraico, *Elohim*. Ver sobre esse termo no *Dicionário*, como também o artigo geral denominado *Deus, Nomes Bíblicos de*. A idéia central do vocábulo *Elohim* repousa sobre a palavra *El*, "força", "poder", uma idéia que já tinha sido aludida neste versículo mediante a palavra *rocha*. A reversão na vida de Ana só poderia ter acontecido pelo poder de *Elohim*. A palavra hebraica está no plural, mas se trata do plural majestático, não sugerindo vários ou muitos deuses, o que fica comprovado pelo próprio versículo que enfatiza o monoteísmo. O termo *Senhor*, que aparece pouco antes, é tradução do vocábulo hebraico

Yahweh, que merece um artigo em separado no *Dicionário* e também é discutido no artigo sobre os nomes de Deus.

Quanto a outros versículos no Antigo Testamento que contêm sentimentos similares aos do presente versículo, ver Osé. 11.9; Eze. 20.41; 28.22; 36.23; Lev. 10.3. Cf. Mat. 6.9: "santificado seja o teu nome". II Sam. 22.2 afirma: "O Senhor é a minha rocha".

2.3

Não multipliqueis palavras de orgulho. Se falar é barato, então que cesse toda fala. Deus sabe tudo, e conhece a diferença entre o mero falar e o agir. Ana parece estar referindo-se aqui a Penina e suas contínuas acusações. O que acontecera a Ana, ao receber um filho especial, Samuel, anulara tudo quanto Penina tinha dito, e justificara a causa de Ana. Ver I Sam. 1.6 quanto ao falatório contínuo de Penina. Somente mediante o conselho e a orientação de Deus é que podemos começar, continuar e levar à plena fruição nossas corretas ações. Ficar falando, em nada contribui para cumprir os nobres alvos que só podem ser realizados mediante nossos atos. Penina falava, Deus agiu, e agora Ana e todas as pessoas que conheciam as duas sabiam qual era a diferença entre o mero falar e o agir.

"O conhecimento tem grande valor, pois aparece entre dois nomes divinos. Está escrito em I Sam. 2.3: 'Um Elohim de *conhecimento* é Yahweh'. Por conseguinte, a misericórdia será negada ao que não tem conhecimento. Pois está escrito (ver Isa. 27.11): 'É um povo sem compreensão, pelo que Aquele que os criou não terá misericórdia deles' (*Berachoth,* fol. 33, col. 1, do *Talmude*)".

"Ocorrem mudanças que devem ser atribuídas às atividades do Justo Juiz, que recompensa os bons e castiga os culpados... Essa crença deriva-se da história das nações e foi aplicada à nação de Israel no credo do Deuteronômio (Deu. 28)" (George B. Caird, *in loc.*).

Ver na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da,* III.

2.4

O arco dos fortes é quebrado. Temos aqui a grande reversão. Homens iníquos haviam saído ao redor com seus temidos arcos e flechas, matando a distância. Mas agora esse arco havia sido quebrado, o que significa que os fortes ficaram impotentes e foram envergonhados em sua fraqueza. Em contraste, os que eram fracos e tropeçavam receberam subitamente grande força que os tornou permanentemente poderosos. "Deus reverte as condições humanas, rebaixando os ímpios e elevando os justos" (Ellicott, *in loc.*). "O Senhor demonstra total soberania nas atividades humanas. É salientada especialmente a referência que Ana faz a si mesma (I Sam. 1.5,6) e a Penina, respectivamente" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

"A base da confiança é a soberania de Deus. Os homens normalmente não têm dificuldade em reconhecer a soberania de Deus. A dificuldade ocorre quando eles se consideram irresponsáveis" (John C. Shroeder, *in loc.*). Ana foi capacitada a fazer grandes feitos mediante a soberania de Deus.

2.5

Os que antes eram fartos. Outras aplicações acerca de grandes reversões são afirmadas neste versículo. Os que dispunham de muitos alimentos e engordavam em sua afluência, terminam famintos, sendo forçados a trabalhar para os que ganhavam menos que eles, se quisessem evitar morrer de fome. Em outras palavras, foram reduzidos a abjeta pobreza. Em contraste, os que antes padeciam fome, agora estavam repletos, porquanto Yahweh havia revertido a sorte deles.

Este versículo faz-nos lembrar das vicissitudes dos negócios humanos em Canaã, onde a vida dependia essencialmente de boas colheitas, chuvas oportunas e boas condições climáticas. Alguns poucos anos poderiam varrer para longe toda prosperidade. Consideremos o trabalho de José no Egito, com seus sete anos bons e seus sete anos de escassez. Nações inteiras, próximas do Egito, foram reduzidas a abjeta pobreza, durante os sete anos de fome. Esses acontecimentos foram usados *metaforicamente* por Ana para ilustrar as reversões repentinas da sorte humana. Ela não estava realmente dizendo que antes passava fome, ao passo que Penina comia tudo quanto queria, mas tão-somente que agora a situação fora revertida.

Uma Aplicação Direta da Metáfora. Este versículo pode significar que Ana terminou tendo *sete* filhos, ao passo que Penina adoeceu e ficou débil. Uma lenda judaica (sem dúvida equivocada) diz que, cada vez em que Ana tinha um filho, dois filhos de Penina morriam. O número sete, contudo, pode ser uma metáfora que indica plenitude, e não deve ser tomado como um número exato. O vs. 21 menciona *cinco* filhos que Ana teve, além de Samuel, e isso parece indicar-nos o total. Jarchi afirma que Penina perdeu todos os seus *dez* filhos de morte prematura; e isso seria um castigo fora de proporção para as suas maldades, devendo-se antes a uma imaginação vingativa que não reflete a verdade dos fatos.

2.6

O Senhor é o que tira a vida, e a dá. A soberania de Deus é que determina tanto a vida quanto a morte. Só Deus pode dar vida, e só Ele tem a prerrogativa de tirá-la.

Sepultura. Em algumas traduções, temos aqui a palavra *seol.* Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Seol* e *Hades.* Não é provável que a referência seja a algum julgamento no *seol,* embora possa estar relacionada aqui a crença, que apareceu relativamente tarde no judaísmo, acerca do mundo inferior, para onde iam tanto os espíritos bons quanto os maus. Nesse caso, o argumento de Ana é que Deus não somente controla a vida e a morte, mas também envia as almas ao *seol,* cada qual a seus respectivos lugares, conforme tiver determinado a Sua vontade soberana.

Possibilidades de Interpretação:

1. O *seol* indica aqui simplesmente a sepultura ou a morte (essa é a posição da maioria dos intérpretes).
2. Ou, então, na época em que foi escrito o livro de I Samuel, a teologia dos hebreus já tivesse começado a incorporar alguma espécie de doutrina da imortalidade da alma, com a suposição paralela de que a imortalidade era boa para os justos, mas ruim para os pecadores. É verdade que, no tempo dos Salmos e dos Profetas, tal doutrina já fazia, claramente, parte da teologia hebraica; mas o versículo diante de nós dificilmente pode ser usado para indicar isso. Um desenvolvimento dessa doutrina ocorreu nos livros escritos durante o período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento, ou seja, livros apócrifos e pseudepígrafes. No livro de I Enoque foram acesas as chamas do *hades* pela primeira vez. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Livros Apócrifos* e *Livros Pseudepígrafes.*
3. Ou, então, a descida ao *seol* precisa ser entendida como uma metáfora. Quando um homem está tão doente que parece estar prestes a morrer, então ele desce, por assim dizer, ao *seol,* à sepultura. Mas, ao melhorar de saúde, volta daquele "lugar". Em outras palavras, recuperar-se de alguma grave enfermidade também está sob a soberania de Deus. Ver Sal. 88.3 quanto a essa forma de linguagem.

E faz subir. Ou seja, do *seol.*

Interpretações:

1. Para alguns estudiosos, temos aqui uma antiga referência à ressurreição.
2. O mais provável, contudo, é que esta seja uma referência ao que aparece sob o terceiro ponto, acima: ser *curado* de alguma grave enfermidade.
3. Ou então pode estar em foco a *exaltação* de alguém nesta vida. Esse sentimento reaparece no versículo seguinte.
4. O Talmude Babilônico contém aqui algo parecido com a doutrina católica romana: três classes de homens que estão no *seol.* Os completamente maus são selados no inferno para sempre... Mas aos justos é dada a vida eterna (presumivelmente em algum lugar bom, que não é definido). Os que não são nem tão bons nem tão ruins, são enviados ao *seol,* onde ficam chorando e uivando durante algum tempo; mas, depois de terem sofrido o bastante, são tirados dali para se reunirem aos justos. Em outras palavras, trata-se de uma espécie de doutrina do "purgatório". Dan. 12.2 e Zac. 13.9 são usados como textos de prova desse ensino. Porém, até onde sou capaz de calcular as coisas, a história da descida de Cristo ao *hades* oferece esperança a *todos* os pecadores, até ao pior deles, de que a subida para fora do *hades* é possível. Ver I Ped. 3.18 ss. e 4.6, bem como o artigo intitulado *Descida de Cristo ao Hades,* na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia.*

2.7

O Senhor empobrece e enriquece. Prosseguem aqui os atos próprios da soberania de Deus. Ser alguém pobre ou rico está dentro do que Deus faz em favor ou contra os homens. Pois Ele rebaixa alguns, mediante as circunstâncias gerais da vida, e exalta outros. Assim sendo, *todas as condições humanas* são determinadas por Ele. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias e tendia por fazer de Deus a *única* causa de tudo, incluindo o bem e o mal. A crença unilateral na predestinação, que nega o outro pólo, ou seja, o livre-arbítrio humano, está alicerçada na aceitação errônea do conceito de que Deus é a *única* causa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Predestinação.* Seja como for, para Ana era correto atribuir a grande reversão de sua vida à graça e à providência especial de Deus. Algo tinha sido feito *em seu favor* que ela mesma não teria conseguido por si mesma. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ver Pro. 22.2 e 30.8, que comportam conceitos similares a este.

2.8

Levanta o pobre do pó. Este versículo prossegue salientando a idéia da *exaltação,* ampliando as idéias do versículo anterior. A pobreza abjeta não consti-

tui problema para Elohim. Deus pode tirar um homem pobre do pó, e pode arrancar o esmoler do monturo. Nenhuma pobreza é tão profunda que não possa ser revertida. *Metaforicamente* falando, isso representa qualquer *condição adversa* na vida dos homens, e não apenas a falta de dinheiro ou de bens materiais.

Um indivíduo soerguido da pobreza abjeta ou de profundas condições adversas pode ser exaltado e conduzido à presença de príncipes, recebendo até mesmo uma condição de realeza, herdando algum trono de glória e tornando-se governante de homens e nações. Um rei é alguém que vive em meio à prosperidade e à glória. Deus pode fazer de qualquer homem um rei, se essa for a Sua vontade.

Somos lembrados aqui sobre a história de José, filho de Jacó. Ele foi tirado de um poço seco e vendido como escravo. Suas qualidades superiores (que lhe tinham sido dadas por Deus), entretanto, em breve o fizeram príncipe entre seus semelhantes, como também aquele que lhes supria alimentos. E também podemos pensar no hindu Askter, que foi tirado do monturo e elevado ao trono do Hindustani.

Ele era uma estrela brilhante,
mas agora se tornou um homem.
José foi tirado da prisão
e se tornou um rei.

(Extraído da história de Roushen Okther)

Do Senhor são as colunas da terra. A antiga cosmologia dos hebreus apresentava a terra como se estivesse apoiada sobre colunas. Mas não explicava onde tais colunas se firmavam. Ver essa idéia de cosmologia antiga ilustrada no *Dicionário,* no artigo denominado *Astronomia.* Não sabemos dizer se, na época de Ana, essa crença literal já havia adquirido fóruns de metáfora, e se a antiga cosmologia já havia sido rejeitada.

As *colunas,* conforme usadas por Ana, talvez apenas falassem sobre uma força imensamente grande sobre a qual o mundo inteiro repousava. A manipulação de tal força, pois, é prerrogativa exclusiva de Deus, mas ele a emprega em favor dos homens. John Gill (*in loc.*) faz essas colunas simbolizar "o poder e a providência" de Deus. Ver Jó 26.11; Sal. 104.5; Pro. 8.29. Outros pensam estar aqui em pauta as *montanhas* existentes nos confins da terra, nas quais o firmamento, conforme se acreditava antigamente, estaria apoiado, porque o firmamento seria uma espécie de taça sólida invertida. Não há que duvidar que assim preceituava a antiga cosmologia hebréia; mas não sabemos dizer se Ana estava fazendo alusão ou não a tal idéia. "A terra era concebida como se fora uma plataforma que repousava sobre grandes colunas" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

2.9

Ele guarda os pés dos seus santos. Os pés são os órgãos usados para muitas ações, como andar, trabalhar e cumprir nossas respectivas missões e propósitos na vida. No caso dos justos, é *Yahweh* (vs. 7) que conserva os seus pés no caminho certo, fortalecidos e caminhando retamente. Em contraste, os ímpios, perdidos nas trevas e incapazes de encontrar seu caminho ou de andar corretamente, são finalmente forçados a calar-se, destruídos. Portanto, a lição que aqui aprendemos é clara: não é o poder do homem que controla as coisas e determina os destinos. Esse poder cabe exclusivamente a Deus. A intervenção providencial de Deus na vida dos homens é o que realmente conta, em última análise. Os Targuns relacionam essa declaração aos ímpios, neste ponto. Eles começam sua carreira nas *trevas,* então *emudecem,* ou seja, são projetados no *sheol* (vs. 6). No entanto, essa parece ser uma interpretação por demais complicada para a simplicidade deste nono versículo.

Santos. No original hebraico, temos o vocábulo *hasidhim,* forma adjetivada que se deriva de *hesedh,* palavra que alude à "misericórdia" e à "lealdade". Os santos de Deus, pois, exibem "fidelidade amorosa", profunda "lealdade" a Yahweh, sendo esse o grande segredo da sua bem-aventurança. "A lealdade, e não a mera emoção religiosa, constituía o principal fator no amor pelo Senhor, que tinham os israelitas piedosos" (George B. Caird, *in loc.*).

O homem não prevalece pela força. Ou seja, pela sua própria força. Ele precisa do poder de Deus, que deve mostrar-se ativo em tudo quanto ele planeja e executa. "Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zac. 4.6). "A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza" (II Cor. 12.9).

2.10

O Senhor julga as extremidades da terra. Temos aqui um versículo escatológico, que parece "contemplar o desbarato miraculoso dos inimigos de Israel, seguido pelo retorno do Messias e pelo julgamento das nações". Todas essas questões faziam parte da escatologia posterior dos judeus.

Exalta o poder. O original hebraico diz aqui "exalta o chifre". O chifre é representação simbólica de poder, em muitas passagens do Antigo Testamento. Ver, por exemplo, Gên. 22.13; Dan. 7.24 e Zac. 1.21. E isso sucede até no Novo Testamento (ver Luc. 1.69; Apo. 5.6; 9.13; 17.3,7,12,16). John Gill comentou (*in loc.*): "A alusão é aos chifres de certos animais de grande porte, onde jaz sua força, quando se defendem ou atacam os inimigos". Os intérpretes judeus, de modo geral, viam neste versículo um forte sentido messiânico.

Seu ungido. O termo hebraico *messias* (ungido) foi usado acerca de reis da casa de Davi, antes mesmo do exílio babilónico; porém é mais provável que o "rei", referido neste mesmo versículo, aponte para "o Filho de Davi, de quem se esperava restaurar a dinastia caída de seu pai" (George B. Caird, *in loc.*). Os estudiosos liberais datam este livro como se tivesse sido composto posteriormente, a fim de permitir que doutrinas dessa ordem naturalmente tivessem sido nele incluídas. Mas os eruditos conservadores, por sua vez, vêem aqui uma genuína profecia messiânica. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Profecia.*

Ver Sal. 98.9 quanto ao conceito de Deus como o Juiz final de todas as coisas. "Seu *rei* e seu *ungido* poderiam referir-se à monarquia histórica; contudo mais provavelmente eles contemplam o Novo Davi, o Rei ideal que apareceria no futuro. Cf. I Sam. 10.1" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Os judeus piedosos olhavam para além de Davi e de Salomão, contemplando grandes acontecimentos no futuro de Israel.

O Sacerdote Eli e Seus Filhos (2.11-36)

O autor sagrado tinha aqui em mente o grande contraste entre a piedade de Ana e de seu filho, Samuel, que haveria de revelar-se um grande homem de Deus, e a impiedade e a irreverência dos filhos de Eli. Aqueles homens ímpios mereciam uma morte violenta, porquanto haviam corrompido o próprio Lugar Santo, não se contentando com seu deboche público e privado. As maldades praticadas por aqueles dois homens são amplamente enfatizadas. Mas então, no vs. 18 deste capítulo, lemos que: "Samuel ministrava perante o Senhor". E essa declaração estabelece o contraste entre Samuel e os dois filhos de Eli. I Sam. 2.27-36 mostra-nos que a casa de Eli estava condenada, devido a seus muitos e grandes abusos.

2.11

O menino ficou servindo ao Senhor. Embora fosse menino ainda bem pequeno, Samuel começou imediatamente a ser treinado, depois que seus pais voltaram para a residência deles em Ramá (Ramataim-Zofim, no primeiro versículo deste capítulo). Samuel realizaria alguns pequenos serviços, e ali aprenderia várias coisas, iniciando seu desenvolvimento moral e espiritual (vs. 26). Ele crescia em estatura e em favor diante de Deus e dos homens, tal como sucedeu no caso de Jesus (Luc. 2.52). "No começo ele não lia as Escrituras, embora, sem dúvida, tenha aprendido a ler, precisamente com essa finalidade. Mas se ocupava de cânticos espirituais e orações. Talvez tenha aprendido a tocar algum instrumento musical. Ele executava tarefas manuais e aprendia a ser bem disciplinado. E também começou a aprender a lei, porquanto um homem em sua posição precisava ser bem versado na lei. A educação geral e religiosa era muito importante, e foi-lhe conferida uma educação de primeira classe". Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Educação no Antigo Testamento.*

2.12

Filhos de Belial. Esse nome próprio indicava o próprio Satanás, o principal adversário de Yahweh. Ver sobre esse termo no *Dicionário.* Mas não sabemos dizer se, naquela data tão remota, esse nome já havia adquirido tal significado. Por isso mesmo, algumas versões, como a *Revised Standard Version,* dizem algo como "homens indignos", dando ao termo uma força adjetivada. Ofereço notas sobre isso em I Sam. 1.16. Sem importar se os filhos de Eli eram inspirados pelo diabo em pessoa, o fato é que aqueles homens eram absolutamente corruptos moral e espiritualmente, e chegaram a praticar iniqüidades no próprio Lugar Santo. Eles "não tinham nenhuma consideração por Yahweh". Podemos estar certos de que Eli havia treinado seus dois filhos, mas eles rejeitaram os esforços do pai, seguindo sua própria vereda pervertida. Os Targuns dizem aqui que eles "não temiam Yahweh". E Kimchi asseverou: "Eles não conheciam o caminho do Senhor", ou seja, não o conheciam *na prática,* visto que teoricamente o tinham aprendido.

Condições nos Dias dos Juízes. Naqueles dias, havia completo caos moral e espiritual, e cada qual fazia o que lhe parecia melhor, em lugar de obedecer a Yahweh (ver Juí. 21.25). O próprio sacerdócio havia caído nessa armadilha, pelo que na pessoa de *Samuel* estava sendo preparado um juiz e um profeta que

haveria de reverter tão indignas condições. Em Samuel, o ofício profético haveria de substituir, em grande medida, o sacerdócio corrupto, servindo como nova e vital força na vida espiritual do povo de Israel.

Aprende-se, em I Sam. 1.3, que os dois filhos de Eli se chamavam *Hofni* e *Finéias.* Providenciei um único artigo sobre os dois, sob o título de *Hofni e Finéias,* no *Dicionário.*

2.13

Oferecendo alguém sacrifício. Um *holocausto* (ver a respeito no *Dicionário*) requeria que o animal inteiro fosse consumido no fogo, em honra de Yahweh, nada sendo deixado para os sacerdotes ou para alguma refeição comunal. Quanto a outros sacrifícios de animais, entretanto, certas porções cabiam aos sacerdotes, e certas porções cabiam aos ofertantes (que traziam o animal para ser sacrificado) e respectivos familiares. Nesses outros tipos de sacrifício, o sangue era derramado diante de Yahweh, à base do altar, ao mesmo tempo que a gordura era queimada, dando a entender que Yahweh aspirava o odor e se satisfazia com o sacrifício. Ver Lev. 1.9; 29.18 quanto à idéia do *aroma agradável.* Ver Lev. 6.26; 7.11-24,28-38; Núm. 18.8 e Deu. 12.17,18 quanto às *oito porções* das ofertas que ficavam com os sacerdotes.

Os filhos de Eli, porém, não acompanhavam as instruções dadas a Moisés. Antes, faziam o que bem entendessem, e comiam qualquer porção dos sacrifícios que lhes apetecesse.

"Pretendendo tomar a parte que lhes cabia por direito, eles ficavam com o que preferissem, e tanto quanto quisessem" (Adam Clarke, *in loc.*). No caso das *ofertas pacíficas, os sacerdotes tinham direito ao ombro direito e ao peito; mas a* gordura era queimada sobre o altar, em honra a Yahweh, e o sangue era vertido à base do altar.

Um garfo de três dentes. Esse instrumento era usado para extrair certas porções da carne que estivesse sendo cozinhada. Alguns estudiosos supõem que o *costume* aqui mencionado fosse anterior às especificações das *porções* que os sacerdotes podiam tomar para si mesmos, de modo que aquele garfo ficaria "pescando" em busca de partes. O sacerdote deveria mostrar-se moderado, não demonstrando cobiça nem glutonaria. A lei concedia ao ofertante e seus familiares as porções restantes, depois que o sangue, a gordura, o ombro direito e o peito tivessem sido removidos. Mas os filhos de Eli ficavam com qualquer porção que desejassem.

2.14

Na caldeira. Não possuímos informações exatas sobre a natureza dessas "caldeiras" ou "panelas". Mas devem ter sido grandes o suficiente para cozinhar um bom pedaço de carne. O garfo de três dentes era metido ali e o que conseguisse retirar, isso pertencia aos sacerdotes. Conforme foi mencionado nas notas sobre o versículo anterior, parece que esse costume realmente antedatava a formalização das porções com as quais os sacerdotes podiam ficar. O costume somente recomendava *moderação.* Mas os filhos de Eli desconheciam o sentido desse vocábulo. A lei, uma vez formalizada, poderia ser cumprida de modo específico, por causa da tendência dos sacerdotes para a cobiça e a glutonaria.

Ellicott (*in loc.*) descreve o pecado dos filhos de Eli em tons ainda mais graves. Eles *sabiam* com quais porções de carne podiam ficar, mas propositadamente iam além do que a lei prescrevia.

2.15

A segunda ofensa grave dos filhos de Eli era pior do que a primeira. A lei mosaica requeria que a gordura e o sangue fossem dados primeiramente a Yahweh, então parte da carne seria dada aos sacerdotes, e outra parte seria entregue ao ofertante e seus familiares. Mas aqueles dois homens, que eram glutões, chegavam a banquetear-se antes mesmo de realizarem os sacrifícios a Yahweh. Em outras palavras, eles se serviam ousadamente antes de servirem a Yahweh, um ato ímpio próprio de quem não temia a Yahweh, conforme afirmam os Targuns. Além disso, aqueles homens nem ao menos esperavam que a carne cozinhasse, mas a tomavam ainda crua. Alguns eruditos supõem que o significado seja que eles preferiam carne assada, em lugar de cozida. Talvez, tendo tirado para si mesmos as melhores porções, ainda cruas, então as assavam conforme preferiam. Seja como for, eles estavam desobedecendo a todas as regras cerimoniais.

2.16

Se não, tomá-la-ei à força. Se algum servo, que estivesse ajudando a preparar a carne, fizesse alguma objeção, salientando que o sacrifício oferecido a Yahweh teria de vir *primeiro,* então aqueles homens arbitrários o ameaçavam com violência, não lhe deixando alternativa. Com relutância, o servo tinha de extrair para eles os melhores pedaços de carne. Isso posto, os *deuses* daqueles dois homens eram o seu ventre e o seu apetite carnal, e não Yahweh.

"... a que profundezas de insolência e impiedade haviam descido aqueles sacerdotes... tratando Deus de maneira tão desprezível" (John Gill, *in loc.*).

2.17

Era pois mui grande o pecado destes moços. O povo, observando os abusos praticados por aqueles dois homens ímpios, acabou desprezando o próprio ofício sacerdotal e o culto. De fato, o sacerdócio chegou a ficar tão corrompido que passou a ser alvo de zombarias. Mas alguns intérpretes pensam que o versículo significa que foram aqueles homens ímpios que desprezavam as ofertas do Senhor, tratando-as com escárnio. Os dois sacerdotes foram infiéis e inspiravam outros à infidelidade. E, assim, as práticas religiosas caíram em total desrespeito. É provável que ambos os fatores sejam verdadeiros. A total depravação do sacerdócio e do culto tornava necessário um novo movimento religioso, o qual Samuel encabeçaria.

2.18

Samuel ministrava perante o Senhor. O autor sacro fornece-nos aqui um *contraste remidor.* Havia um homem piedoso que trabalhava no tabernáculo. Existia alguém que tinha rejeitado a apostasia dos filhos de Eli e de outros sacerdotes que imitavam o mau exemplo. Não obstante, Samuel ainda era apenas uma *criança,* e passar-se-ia muito tempo antes que a sua influência pudesse reverter as coisas. No entanto, ali estava ele, vestido em sua *estola de linho,* fazendo o que lhe cabia fazer e cumprindo o culto conforme a lei determinara.

A *estola de linho* era usada pelos sacerdotes, mas não pelos levitas em geral. Ver I Sam. 22.18; II Sam. 6.14. É significativo, portanto, que Eli tenha dado ao menino Samuel uma estola de linho, o que o identificava como um sacerdote, e não como mero levita que executava trabalhos manuais.

2.19

Sua mãe lhe fazia uma túnica pequena. Essa túnica, elaborada com grande cuidado por Ana, era uma espécie de sobretudo, além de fazer parte de uma veste sacerdotal. A mesma palavra aqui usada é empregada para indicar uma *sobrepeliz* de sacerdote (ver Êxo. 28.4). O Talmude diz que tal peça do vestuário podia ser confeccionada pela mãe de um sacerdote (*Talmude Bab. Yoma,* fol. 25.1). E é provável que o exemplo dado pela túnica de Ana tenha aberto precedente para tal prática. Lemos que a túnica de Eleazar foi feita por sua mãe. O versículo indica que Samuel usava essa túnica somente durante as festividades anuais, razão pela qual Ana trazia anualmente uma túnica nova. A túnica de Samuel, no hebraico chamada de *m'il,* não tinha os ornamentos da túnica de um sumo sacerdote, mas ainda assim assemelhava-se bastante com aquela, a ponto de ser considerada uma veste sacerdotal.

Adam Clarke (*in loc.*) supunha que Ana fizesse para Samuel uma túnica nova a *cada ano,* a fim de protegê-lo do frio. "É provável que ela lhe fornecesse uma túnica *nova* a cada ano, quando chegava para a celebração de um daqueles sacrifícios anuais".

2.20

Eli **abençoava a Elcana e a sua mulher.** Ana e Elcana eram sempre bem recebidos e abençoados pelo sumo sacerdote, o qual parece haver desistido de corrigir seus próprios filhos, e optado por preparar Samuel para continuar a piedade no sacerdócio. Assim sendo, a devolução de Samuel ao tabernáculo, por parte de Ana, mostrava-se um fator muito importante. Ver sobre essa "devolução" em I Sam. 1.28, a qual, na realidade, era uma *dádiva* permanente.

"Eli orava por eles e os abençoava como sacerdote que era, a fim de que fossem favorecidos com outros filhos, que poderiam ser um deleite e servi-los em sua idade avançada" (John Gill, *in loc.*).

2.21

E teve três filhos e duas filhas. Algumas tradições judaicas atribuem a Ana *sete* filhos, por influência de I Sam. 2.5. O registro bíblico, entretanto, fala somente em *cinco filhos* além de Samuel, totalizando seis. Pelo menos, Samuel tinha três irmãos e duas irmãs. A bênção sumo sacerdotal de Eli garantira a Ana aqueles outros cinco filhos, pelo que ela e Elcana levavam uma vida doméstica normal, a despeito do fato de que o filho mais velho estava distante, em Silo (a cerca de 24 quilômetros de distância de onde moravam), ocupado no serviço do Senhor.

Samuel estava com seus irmãos e irmãs *em casa,* mas ele era um instrumento especial de Yahweh. E assim recebia uma educação especial na capital religiosa do país. Samuel crescia (vs. 21) e ministrava (vs. 18) perante Yahweh. Fora-lhe dada uma grande e nobre missão, e ele se preparava para cumpri-la com todas as suas potencialidades.

2.22

Era, porém, Eli já muito velho. Provavelmente ele tinha mais de 90 anos, visto que chegou aos 98 anos em I Sam. 4.15. A idade avançada havia diminuído suas forças, e ele estava quase incapacitado de cumprir seu ofício. Entrementes, seus dois filhos pioravam cada vez mais, fazendo do tabernáculo um bordel! Podemos estar seguros de que a maioria das mulheres com quem aqueles homens ímpios praticavam sexo não eram seduzidas e, sim, forçadas. O lugar fora transformado em um antro de práticas imorais, no qual homens e mulheres se atarefavam, desavergonhadamente, em práticas imorais. O sacerdócio e o culto haviam caído em total desgraça. Talvez Eli fosse forte quando era mais novo, mas a passagem dos anos roubou-lhe o vigor e a autoridade. Ademais, que homem é capaz de dizer a um filho adulto o que ele deve fazer?

As *mulheres* com quem os filhos de Eli praticavam imoralidades sem dúvida pertenciam a várias classes: mulheres que trabalhavam nas proximidades, limpando e mantendo as coisas em boa ordem; mulheres que traziam sacrifícios e outras coisas. É até mesmo possível que, em imitação aos templos pagãos, tivesse sido instituída ali alguma forma de prostituição sagrada, paganizando totalmente o lugar. Ver Êxo. 38.8 quanto a mulheres trabalhadoras que tinham deveres à porta do tabernáculo.

2.23,24

Por que fazeis tais cousas? Eli era sempre o último a saber das profundas corrupções que os filhos perpetravam no Lugar Santo; mas finalmente ele ouvia rumores. A reprimenda era firme, mas seus filhos não se dispunham a ouvir "o velho". Aqueles homens ímpios preferiam os prazeres pecaminosos ao culto a Yahweh, agindo como típicos homens profanos. Eles cometiam pecados escandalosos que mereciam muito mais que uma simples reprimenda; mas Eli parecia não ser capaz de fazer mais do que apenas falar. O próprio Yahweh teria de removê-los por meio da morte (vs. 25). Coube aos filisteus matar aqueles homens, cumprindo assim a sentença de morte que havia sido proferida. Ver I Sam. 4.10,11.

John Gill (*in loc.*) considerou as palavras de Eli "por demais gentis e brandas, se levarmos em conta a ofensa da qual eles eram culpados... antes, eles mereciam ser chamados filhos de Belial, filhos do diabo... brutos miseráveis e sem-vergonha, ou coisas que tais". Mas nenhuma palavra teria feito diferença. Provavelmente o sumo sacerdote possuía autoridade para determinar a execução deles, mas estava moralmente fraco demais para fazer isso e continuava a amar os filhos renegados.

"Ele tinha autoridade para expulsá-los imediatamente do lugar, ímpios e sem proveito como eram. Mas isso ele não queria fazer, e a *ruína* deles foi a conseqüência" (Adam Clarke, *in loc.*). Não, não é fácil aplicar a *dureza* da disciplina, pois, algumas vezes, a disciplina machuca. Porém, há ocasiões em que a *dor* é melhor que os *prazeres.*

Pecados Agravados. Hofni e Finéias não somente pecavam, mas também levavam o povo de Deus a pecar. Por isso o pecado deles era tão grande. Ensinou Jesus: "Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim *ensinar* os homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus" (Mat. 5.19).

Eles faziam outras pessoas pecar, devido ao seu mau exemplo e também a seus atos deliberados. "A imoralidade desavergonhada deles corrompia a vida religiosa interior do povo todo" (Ellicott, *in loc.*).

2.25

Pecando o homem contra o próximo... pecando, porém, contra o Senhor. A lei provia punições para os pecados e permitia que os juízes tomassem decisões a respeito. Eles arbitravam em casos nos quais uma pessoa tivesse ofendido ou maltratado outrem. Portanto, havia um sistema próprio de repreensões e castigos, quando os casos envolviam homem contra homem. Mas os filhos de Eli haviam entrado no perigoso campo das ofensas contra o próprio Yahweh. E, nesse caso, nenhum juiz humano podia ser convocado para decidir a questão. A sentença de morte seria executada pelo próprio Yahweh, o qual haveria de usar os temidos filisteus para a execução. Podemos ter certeza de que os filisteus não mostrariam misericórdia. Eli era espiritualmente sensível para saber que algum julgamento temível estava a caminho, e tentava livrar os filhos das conseqüências, mediante um arrependimento genuíno e a mudança de conduta. Porém, Eli estava falando com bestas brutas, que se riam por dentro.

Visto que Deus tinha *resolvido* destruí-los, coisa alguma poderia convencê-los a mudar de atitude. Os pecados deles eram tais que agora só se poderia esperar o julgamento divino. E mesmo que chegassem a arrepender-se, esse ato não salvaria sua vida física, embora, como é óbvio, pudesse ajudar sua alma. Em outras palavras, aqueles homens miseráveis tinham ido longe demais, tão longe, de fato, que não havia mais possibilidade de dar meia-volta e salvar a vida. Pelo contrário, haveriam de piorar cada vez mais, até que o julgamento divino desabasse sobre eles. A lei da colheita segundo a semeadura teria cumprimento de maneira drástica. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

> *Semeai um hábito, e colhereis um caráter.*
> *Semeai um caráter, e colhereis um destino.*
> *Semeai um destino, e colhereis... Deus.*
>
> (Prof. Huston Smith)

Ver em I Sam. 4.11 outro poema ilustrativo que se aplica a este caso.

2.26

O jovem Samuel crescia. *Samuel,* em violento contraste com os filhos de Eli, obtinha favor diante de Yahweh e dos homens. Lucas citou essas palavras quase verbatim, aplicando-as ao jovem Jesus, em Luc. 2.52. "... Samuel crescia mais e mais em todos os sentidos, e também ficava cada vez melhor, ao passo que os filhos de Eli tornavam-se cada vez piores. Esse contraste faz o primeiro brilhar e parecer ilustre, ao passo que os outros dois ficavam cada vez mais negros em seu caráter" (John Gill, *in loc.*).

Os filhos de Israel viam, com desgosto, a degradação cada vez maior dos filhos de Eli e faziam girar toda a esperança de melhoria em torno do sacerdócio de Samuel. Com essas poucas mas notáveis palavras, foi descrita a excelente qualidade do caráter jovem de Jesus. E com essas mesmas poucas palavras, Samuel foi elogiado e seus anos de juventude foram descritos.

A Condenação da Casa de Eli (2.27-36)

2.27

Veio um homem de Deus a Eli. Encontramos aqui uma fagulha de material literário que relata a missão especial de um profeta anônimo. Os críticos supõem que tenhamos aqui uma breve inserção no livro de I Samuel, pensando que seu propósito original era fornecer um texto para justificar a exclusão dos sacerdotes da importante posição do santuário de Jerusalém, após as reformas instituídas por Josias. Os mesmos críticos também supõem que uma declaração verdadeiramente histórica de tão grande importância não teria sido apresentada por um homem de Deus *anônimo.* É por isso que eles suspeitam que tenhamos aqui um texto inventado, e não historicamente legítimo. Os estudiosos conservadores, por outra parte, acreditam que tais idéias são raciocínios subjetivos, igualmente destituídos de confirmação histórica. Os críticos frisam ainda a preservação bastante inadequada do texto sagrado como evidência de que o trecho foi um *acréscimo,* e não parte legítima do livro original. Seja como for, essa seção reveste-se de grande importância porquanto ilustra a retaliação de Yahweh contra a corrupção que havia dominado o Lugar Santo. Toda uma casa de sacerdotes foi obliterada, o que exigiu um novo começo, centralizado na pessoa de Samuel.

Yahweh Falou. O profeta desconhecido era apenas um servo de Yahweh, que recebera visão com uma importante mensagem. Yahweh é quem tinha dado à linhagem de Eli a autoridade sacerdotal. Essa linhagem vinha de Arão por meio de Itamar, seu filho mais novo. Somente descendentes diretos do próprio Arão podiam ser sacerdotes, ao mesmo tempo que os levitas eram numerosos, a saber, uma tribo inteira. Os levitas eram ajudantes dos sacerdotes, homens de ofício e autoridade secundária. Abiatar e seus descendentes foram excluídos em favor de Zadoque e seus descendentes (ver I Reis 2.27,35). Eli era um dos antepassados de Abiatar. Os pecados de Eli e de seus filhos foram visitados em seus filhos, em consonância com o princípio exarado em Deu. 5.9. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Abiatar,* quanto a detalhes sobre as manipulações envolvidas na questão. Por conseguinte, o que fora praticado por Eli e seus filhos teve conseqüências a longo termo.

O *profeta desconhecido* revelou o desprazer de Yahweh para com Eli e seus filhos, por não terem vivido à altura dos privilégios que lhes tinham sido outorgados; antes eles corromperam a casa do Senhor com pecados abusivos.

Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Eli,* que inclui o fato de ele ser um descendente de Itamar. Eli descendia de Arão por meio de itamar, o que transparece pelo fato de que Abiatar, que certamente era descendente linear de Eli (ver I Reis 2.27), teve um filho, de nome Abimeleque, que aparece expressamente como um dos "filhos de Itamar" (I Crô. 24.3. Ver também I Sam. 8.17).

2.28

Eu o escolhi dentre todas as tribos de Israel. Arão tinha sido escolhido por Yahweh para ser o sumo sacerdote. E, depois dele, vieram seus filhos, perpetuando sua autoridade. Foi tudo um *ato da vontade de Yahweh,* que portanto tinha de ser respeitado pelo povo de Israel. O sumo sacerdote tinha seus emblemas de

autoridade, como a estola sacerdotal especial e o culto distintivo no tabernáculo. Ele era o cabeça do sistema de sacrifícios e de oferendas. Possuía grandes privilégios e deveria viver mediante o cumprimento fiel e santo de sua missão. Eli e seus filhos, entretanto, haviam violado tudo isso. Ver Lev. 6.25,26; 7.8-10,33-35; Núm. 18.8-10, como instâncias da instituição do sistema de sacrifícios levíticos. "Essas instâncias da bondade de Deus para com a família de Arão foram mencionadas a fim de agravar os pecados de Eli e seus filhos" (John Gill, *in loc.*). Grandes privilégios recebidos requerem grande responsabilidade por parte da pessoa favorecida.

2.29

Pisais aos pés os meus sacrifícios. "A imagem mental está alicerçada na vida pastoril do povo de Israel. Um boi ou um jumento, se for excessivamente engordado, torna-se difícil de ser conduzido e recusa-se a obedecer a seu senhor bondoso" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Deu. 32.15. Assim como um boi cevado pisa seu dono, Eli e seus filhos chutavam os sacrifícios de Deus, em desprezo, como se nada fossem. A idéia de chutar os sacrifícios oferecidos ao Senhor indica que eles abusavam de várias maneiras de seu ofício sacerdotal.

Por que honras teus filhos mais do que a mim...? Eli opunha-se verbalmente aos filhos (ver I Sam. 2.23 ss.), aflito diante de tudo quanto eles faziam; mas mostrava-se fraco demais para agir. Destarte, ele era responsável pela continuação de um sacerdócio corrupto. Foi por isso que o profeta anônimo declarou que Eli preferia os filhos corruptos a Yahweh, conforme seus atos deixavam claro. Em conseqüência, ele precisou reconhecer que eles *eram culpados*. Uma prova de que o sistema sacrificial havia sido corrompido era o fato de que Eli e seus filhos tinham engordado mediante a apropriação indevida da melhor parte dos sacrifícios para si mesmos. Quanto a isso, ver I Sam. 2.13-16.

2.30

Longe de mim tal cousa. Havia uma promessa divina, à casa de Eli, de que eles permaneceriam perpetuamente com o sacerdócio em Israel, dado pelo próprio *Yahweh-Elohim*, não havendo autoridade maior que a Dele. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*. O Eterno Todo-poderoso tinha falado; mas agora "mudara de idéia". Ver Êxo. 32.15 quanto a como Deus se "arrepende". A promessa sobre o sacerdócio era condicional. Um descendente favorecido de Arão tinha de viver à altura das expectações de Yahweh, sob a pena de perder sua autoridade. Se um deles falhasse, o privilégio seria transferido a outrem. Ver as notas sobre o vs. 27, quanto a mudanças que chegaram a ocorrer, passando da linhagem de um dos filhos de Arão para a linhagem de outro de seus filhos. Antes disso, porém, Eli e seus filhos seriam destruídos, e a autoridade deles seria anulada. Uma nova era começaria a partir de Samuel.

Êxo. 19.9; 40.15 e Núm. 25.10-13 prometem que o sacerdócio haveria de continuar por meio dos descendentes de Arão, mas ocorreriam mudanças, passando a autoridade sacerdotal dos descendentes de um dos filhos de Arão para os descendentes de outro dos filhos de Arão. Alguns intérpretes vêem neste versículo uma predição a longo prazo de que o sacerdócio, em Israel, acabaria eliminado, e Jesus Cristo, da linhagem de Judá (e não de Levi), substituiria a antiga ordem. Nesse caso, a profecia que temos aqui é de natureza messiânica.

2.31

Eis que vêm dias em que cortarei. Várias calamidades haveriam de atingir a família de Eli, e o resultado disso seria semelhante a um braço *decepado*, incapaz de exercer qualquer autoridade em Israel. Não haveria membros da família que vivessem até idade avançada, porque todos morreriam relativamente jovens. "Destruirei a força, o poder e a influência de tua família" (Adam Clarke, *in loc.*). O braço representa poder e força, membro usado na execução de qualquer tarefa. A família de Eli, pois, ficaria totalmente *incapacitada*. Cf. Jó 22.9 e Sal. 37.17.

A Septuaginta omite os vss. 31b e 32a deste capítulo, e o texto é duvidoso no original hebraico. Porém, apesar dessas omissões, a mensagem é suficientemente clara.

2.32

Verás o aperto da morada de Deus. Este versículo não significa que Eli veria todas as calamidades que foram prometidas. De fato, em breve ele morreria, portanto não poderia testemunhá-las. Mas ele viu a semente de tudo, que deu começo à tremenda série de calamidades. A referência direta deste versículo, evidentemente, é a captura da arca da aliança por parte dos filisteus, bem como a morte dos dois filhos de Eli, que pereceram durante a batalha. Essa foi a semente de todas as calamidades que vieram em seguida. Os filisteus deram início à agonia, e o tabernáculo sofreu juntamente com os homens, quando a arca foi tomada. Sucedeu, pois, que tanto a casa de Eli quanto a casa do Senhor tiveram de sofrer. O pecado atraíra as calamidades apropriadas, satisfazendo assim as operações da lei da colheita segundo a semeadura. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

Com o bem que fará a Israel. Uma declaração difícil de harmonizar com o restante do texto, pois parece fora de lugar. Adam Clarke (*in loc.*) sugeriu o seguinte: "Deus tinha dito que faria bem a Israel e, no fim, faria o triunfo dos filisteus redundar na própria confusão deles; e a captura da arca lançaria os deuses deles em grande opróbrio". Dessa forma, a calamidade haveria de trazer, a seu tempo próprio, prosperidade a Israel. John Gill fazia disso parte das predições acerca dos *dias de Salomão*. Eli poderia ter sido como Salomão, mas acabou perdendo seus privilégios. Outros estudiosos vêem a restauração iniciada por Samuel como o período de prosperidade aqui prometido.

2.33

O homem, porém, da tua linhagem. Embora Eli e seus filhos tivessem sido expulsos do ofício sumo sacerdotal, ou como sacerdotes auxiliares, os descendentes de Eli ainda assim seriam levitas e teriam de ocupar-se em serviços manuais. Aquela família teria perdido a sua glória e chegaria até a passar necessidade e fome. O vs. 36 confirma essa interpretação. Em outras palavras, a família de Eli não somente perderia sua anterior glória e prosperidade material, mas também sofreria grandes privações, chegando a invejar os que tinham o suficiente para comer. Com tristeza nos olhos e fome no estômago, eles observariam os que tivessem riquezas e sentiriam grande inveja.

Assim sendo, mesmo que algum descendente de Eli vivesse até idade avançada, não sendo cortado desta vida ainda jovem (conforme aconteceria à maioria), tal homem viveria em grande aperto, como pagamento pelos pecados de sua família.

2.34

Ser-te-á por sinal. O temível sinal de que a família de Eli cairia em tal calamidade logo seria dado. Esse sinal seria o ataque desfechado pelos filisteus, que matariam os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias (ver a respeito deles no *Dicionário*). Essa grande calamidade seria a semente de onde brotariam todos os demais desastres. Outrossim, no mesmo dia, o próprio Eli haveria de morrer. E assim, de um único golpe, os três homens — Eli, Hofni e Finéias — seriam removidos da cena. Ver I Sam. 4.11 quanto ao cumprimento dessa terrível profecia.

2.35

Suscitarei para mim um sacerdote fiel. Alguns estudiosos dizem que esse sacerdote seria Samuel; mas outros pensam em Zadoque; e outros ainda sugerem Jesus Cristo, dando um tom messiânico ao versículo. Seja como for, a profecia declara que a linhagem do sumo sacerdote passaria para a casa de Zadoque. A menção ao rei ungido (Davi) não requer a crença de que ele ainda estava no trono quando a presente seção foi escrita. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Zadoque*, primeiro ponto, quanto à história completa da transição para a sua família. O rei ungido (Davi) poderia prefigurar o Cristo, o qual, afinal de contas, poria fim ao sacerdócio aarônico e tornar-se-ia o Sumo Sacerdote da Nova Dispensação, na qual todos os crentes são sacerdotes.

Embora fosse levita, Samuel não procedia de nenhum dos filhos de Arão, portanto não poderia servir como sumo sacerdote, embora talvez tivesse, de fato, tais poderes em Israel, durante períodos de transição. Samuel tornou-se *profeta*, e o ofício profético substituiu o sacerdócio levítico durante algum tempo. Samuel encabeçou a linhagem profética que lançou em eclipse o sacerdócio levítico por um longo tempo. Por isso mesmo é que alguns intérpretes pensam que Samuel seria o primeiro *sacerdote fiel*, ainda que outros sacerdotes, que viriam mais tarde, pudessem ser mais apropriadamente considerados como tais. Ver I Reis 2.26,27. Abiatar foi removido por ter-se aliado a Adonias, o qual declarara a si mesmo rei, em lugar de Davi (ver I Reis 1.7).

Diante do meu ungido para sempre. O rei ungido, aqui referido, é Davi. E, em continuação, Salomão. Mas também é possível que haja aqui uma profecia messiânica sobre o Ungido, o Rei Messias, que haveria de pôr em boa ordem o sacerdócio do Novo Testamento.

2.36

Será que todo aquele que restar da tua casa. Os empobrecidos descendentes de Eli, reduzidos à posição de levitas comuns, privados do ofício sacerdotal (e, muito mais do ofício sumo sacerdotal), estariam condenados a uma posição de necessidade, faltando-lhes até mesmo o que comer. E então eles cobiçariam qualquer ofício sacerdotal que lhes desse ao menos o suficiente para comer. Essa calamidade faria parte da profecia a longo prazo que fora dita contra a casa de Eli.

Uma moeda de prata. Provavelmente está em foco a *gerah* dos hebreus, que tinha o peso de dezesseis sementes de cevada. Valia cerca da vigésima parte de um *siclo*. Ver no *Dicionário* acerca do peso desse dinheiro, no verbete *Dinheiro*, II, e também em *Pesos e Medidas*. Ver Êxo. 30.13; Lev. 27.25 e suas notas expositivas, para maiores detalhes. O dinheiro, ou peso de prata, requerido pelos levitas que fossem descendentes de Eli, seria insuficiente para comprar coisas além de alimentos, ou até mesmo para comprar alimentos. A quantia seria bastante pequena e mostra que os levitas esmoleres não teriam grandes aspirações.

"... esse seria um castigo apropriado e uma justa retaliação contra a posteridade de Eli. Eles prostrar-se-iam diante de outros e alegrar-se-iam em comer um pedaço de pão, depois de terem-se comportado tão imperiosamente para com o povo do Senhor, arrebatando-lhes à força a carne dos sacrifícios, e não se contentando com as porções que lhes cabia, mas tirando para si mesmos os melhores pedaços de carne, engordando dessa maneira" (John Gill, *in loc.*).

A lei fazia provisões em favor de todos os levitas e sacerdotes, mas na prática isso tinha sido negligenciado.

Capítulo Três

Chamada de Samuel (3.1-21)

Samuel foi chamado por meio de uma experiência mística especial, que lhe deu, *abertamente*, a palavra do Senhor. "Visões abertas" eram como aquelas que Abraão, Moisés, Josué e Manoá receberam, mas estavam rareando em Israel. Já fazia tempo que Deus se calara, mas agora, durante uma grande crise nas instituições religiosas de Israel, fez-se necessária maior manifestação espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo*. O quarto versículo deste capítulo diz-nos que Yahweh *chamou* Samuel, e ele recebeu alguma forma de manifestação audível, aparentemente sem nenhuma manifestação visual, embora não houvesse como equivocar-se quanto à autenticidade da experiência. Foi uma comunicação divina direta. E nos vss. 11 ss. encontramos a mensagem comunicada, após quatro visitas da voz celeste.

O texto ensina a importante lição de que há ocasiões em que se torna necessária alguma mensagem divina direta. Precisamos dessas manifestações "abertas" para orientação, as quais, além disso, também inspiram nossa fé.

3.1

O jovem Samuel servia ao Senhor. Por essa época, provavelmente Samuel já era um adolescente; mas o texto sagrado nada revela sobre a idade dele por ocasião da visita divina. O termo hebraico *na'ar* empregado aqui pode falar de uma criança de qualquer idade, desde um infante recém-nascido (4.21) até um homem de 40 anos (ver II Crô. 13.7). Josefo (*Antiq.* V. 10.4) disse que Samuel, por essa época, tinha 12 anos de idade. Era aos 12 anos que um menino israelita se tornava *filho da lei*, passando a ser considerado pessoalmente responsável por obedecer e seguir aquele documento. É interessante que também aos 12 anos Jesus foi ao templo e pôs-se a fazer perguntas aos doutores da lei (ver Luc. 2.39 ss.).

A palavra do Senhor era mui rara. O adjetivo hebraico, neste caso, é "preciosa". Uma palavra ou revelação "aberta", da parte de Deus, naqueles dias, era rara e, portanto, tanto mais preciosa. Verdadeiramente, precisamos do toque místico em nossa vida. Não é bastante orar e ler a Bíblia. Precisamos também de santificação, boas obras e experiências espirituais abertas, ou seja, o "toque místico". Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Vontade de Deus, como Descobri-la*.

Chegara o tempo de remover o sacerdócio das mãos de Eli e seus filhos, e a Palavra de Deus reportou-se a essa questão.

3.2

Certo dia. A *arca* estava guardada em Silo fazia muito tempo. Tinha-se tornado conveniente construir apartamentos para o sumo sacerdote e outros ministros, a fim de que tivessem onde ficar. Alguns estudiosos supõem que a própria tenda houvesse sido substituída por alguma edificação permanente, o que explicaria o uso da palavra "templo", no lugar de tabernáculo, em I Samuel. Mas isso não é muito provável. A palavra *templo* (ver I Sam. 1.9; 3.3) é um anacronismo usado por algum autor familiarizado com o templo de Salomão.

Eli, pois, estava deitado no seu apartamento, talvez do lado de dentro da parede de cortinas do próprio tabernáculo. Talvez fosse uma divisória feita por cortinas. A visão de Eli fraquejava, e as lamparinas do tabernáculo, que queimavam a noite inteira, não eram suficientes para que ele ficasse a caminhar ao redor durante a noite. Kimchi dá ao texto uma distorção metafórica. Os olhos de *sua mente e de sua alma* tinham perdido a acuidade. Samuel dormia nas proximidades, a fim de ajudar o idoso Eli em qualquer coisa de que ele precisasse durante a noite. Samuel também substituía o homem com seus olhos espirituais iluminados, a fim de trazer a Israel um dia melhor.

3.3

Antes que a lâmpada de Deus se apagasse. Ou seja, pouco antes do *alvorecer*, porquanto era posto azeite suficiente para que o candelabro permanecesse acesso a noite inteira. Mas, no fim da madrugada, o azeite terminava. Aqui, o singular, "lâmpada", representa as sete lâmpadas do *candelabro de ouro* (ver a respeito no *Dicionário*). Samuel estava deitado "no templo", mas isso não indica o Lugar Santíssimo. O texto parece dizer que havia uma lâmpada acesa diferente no Santo dos Santos; mas sabemos que isso não é historicamente verdadeiro. Samuel dormia no átrio dos levitas, no tabernáculo, conforme nos informam os Targuns; mas o lugar em que ele dormia ficava perto de onde Eli se deitava, de modo que podia atendê-lo durante a noite. As *lamparinas* eram a única fonte luminosa que havia no tabernáculo. A arca da aliança também é mencionada neste versículo, porque esse era o lugar onde Yahweh fazia a Sua presença conhecida. Foi ali que o Senhor se manifestou, sendo a arca da aliança o principal centro de atração daquele lugar. Dali vieram as quatro chamadas consecutivas a Samuel.

Uma Ocasião Propícia. Pouco antes do alvorecer, segundo tem sido demonstrado, é o momento do dia mais propício para as experiências místicas e para os sonhos de conhecimento anterior. Ovídio disse que os sonhos que prevêem o futuro ocorriam mais ou menos no tempo em que as lamparinas eram apagadas.

3.4

Samuel, Samuel. Este foi o primeiro chamado. É grandioso alguém ser objeto do chamado divino, sem importar se esse chamamento vem no coração, silenciosamente, ou de forma audível. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Yahweh chamaria Samuel por *quatro vezes* para transmitir uma importante mensagem. Nas três primeiras vezes, Samuel não compreendeu. Samuel jamais tinha passado por tal experiência; agora começava a aprender sobre os caminhos maravilhosos do Senhor. Provavelmente, a voz veio do interior do Santo dos Santos, onde se encontrava a arca da aliança, o lugar das revelações divinas. Tanto Eli quanto Samuel estavam próximos da arca. Os textos indicam que a voz foi audível, e não meramente algo que se passou dentro da mente de Samuel. A "voz na mente" é bastante eficaz, sendo tão real quanto a que chega aos nossos ouvidos. A fonte da voz é a mesma, seja como for, embora o *modus operandi* possa diferir.

Sem dúvida, Eli costumava chamar o jovem Samuel com freqüência, à noite, pelo que, muito naturalmente, Samuel supôs que quem o estava chamando era Eli, e não o Senhor. E o jovem respondeu a Eli: "Eis-me aqui".

3.5

Não te chamei, torna a deitar-te. Solícito, Samuel correu a Eli. Fazia parte de seu trabalho no templo servir ao idoso sumo sacerdote. Mas Samuel logo descobriu que quem o chamara não tinha sido Eli. Perplexo, ele voltou ao leito. Existe uma bem conhecida experiência psicológica na qual uma pessoa pode ouvir uma voz chamando e alguma espécie de mensagem que lhe é transmitida. Trata-se apenas da mente subconsciente e um de seus muitos truques. Mas não foi isso que aconteceu e ficou registrado nesta passagem bíblica.

A chamada também não foi um sonho, porquanto Samuel se movimentava pelo ambiente, correndo até Eli e dali de volta a seu leito, mas isso não pôs fim à estranha experiência. "O exame de qualquer história humana parece indicar que há períodos assinalados por uma percepção espiritual muito vívida, e há outros períodos em que o paganismo e o secularismo estão em ascendência" (John C. Shroeder, *in loc.*). Samuel, juiz e profeta, ainda adolescente, estava entrando em um período espiritual mais ativo, e isso mediante a ajuda da Palavra de Yahweh, que veio a ele de maneira audível.

3.6

Samuel. Este foi o segundo chamado. Samuel tinha-se deitado de novo, para dormir. Mas nem bem terminara de fazer isso, e voltou a ouvir a voz. *Yahweh* o chamava de novo. Uma vez mais, porém, ele pensou que a voz fosse de Eli e reiterou sua ação anterior, correndo até o sumo sacerdote e perguntando o que ele queria, somente para ser informado de que não estava sendo chamado. A voz divina era *persistente, porque os homens precisam dessa insistência divina* para poderem cumprir suas respectivas missões.

3.7

Samuel ainda não conhecia o Senhor. "Samuel não estava acostumado a receber revelações da parte do Senhor. Ele *conhecia* e *adorava* ao Deus de Israel;

mas não O conhecia como comunicador de revelações especiais" (Adam Clarke, *in loc.*). Por um longo período de tempo, os homens de Israel, de modo geral, não conheceram Yahweh dessa maneira especial. Dizem aqui os Targuns que "Samuel ainda não tinha aprendido a conhecer doutrina *da parte do Senhor*", ou seja, mediante comunicação direta. Samuel seria um *profeta,* alguém que recebia comunicações divinas especiais, mas esse tempo ainda não havia chegado.

3.8

O Senhor, pois, tornou a chamar Samuel. Temos aqui o terceiro chamado, que fez Samuel dirigir-se novamente a Eli. Nessa terceira ocasião, entretanto, Eli percebeu de súbito que era *Yahweh* quem estava chamando Samuel. Ele era homem que conhecia todas as tradições dos hebreus e sabia que Yahweh, ocasionalmente, comunicava-se de maneira direta. Eli estava deitado bem perto do Santo dos Santos, o lugar das manifestações divinas, mas não ouvira aquela voz. Assim, se estava próximo fisicamente, espiritualmente estava distante. Mas Samuel, que espacialmente estava um pouco mais longe, espiritualmente estava mais próximo, razão pela qual ouviu a voz. "A história inteira daquela noite memorável foi relatada de forma tão natural que nos esquecemos, enquanto lemos, da natureza estranha dos eventos que ficaram registrados" (Ellicott, *in loc.*).

Resposta ao Chamado. No versículo seguinte, Eli haveria de instruir Samuel a responder ao chamado divino. Isso resolveria o problema de comunicação.

3.9

Se alguém te chamar, dirás: Fala, Senhor. Era como se Eli tivesse dito a Samuel: "Se responderes, receberás uma mensagem". A lição óbvia aqui é que, por muitas vezes, Deus nos chama, de uma maneira ou de outra, mas nós não compreendemos o recado, ignoramos ou mesmo rejeitamos a chamada. O homem espiritual, porém, ouve, dá ouvidos e obedece à Palavra de Deus. Eli era mestre das realidades divinas e deu a Samuel instruções corretas, que o jovem seguiu à risca. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Ensino.* A resposta apropriada era: "Fala, Senhor", porquanto havia um *servo* preparado para ouvir e obedecer à mensagem divina.

Fala, Senhor, na quietude,
Enquanto espero por Ti.
Meu coração silencia para ouvir,
Em expectativa.

Fala, ó bendito Mestre,
Nesta hora tranqüila.
Deixa-me ver Tua face, Senhor,
Deixa-me sentir Teu toque poderoso.

(E. May Grimes)

3.10

Chamou como das outras vezes: Samuel, Samuel. Este foi o quarto e último chamado. As primeiras palavras deste versículo mostram-nos que o Senhor não somente chamou Samuel mediante aquela *voz* misteriosa, mas também fez sentir a Sua *presença.* Todavia, tem-se a impressão de que o mesmo havia acontecido nas três vezes anteriores, embora somente aqui isso nos seja dito. Nas ocasiões anteriores, Samuel ouviu mas não interpretou corretamente a voz. E também *não tomou consciência* da presença divina. Sua experiência, pois, estava *crescendo* em poder, conforme avançava.

O Quarto Chamado. A voz chamara Samuel pelo nome. Nessa quarta vez, porém, Samuel foi capaz de receber a comunicação tencionada, visto que tinha obedecido às instruções dadas por Eli. Responder diretamente à "voz" permitiu-lhe receber a mensagem diretamente. O texto não indica que a glória *shekinah* de Deus se tenha manifestado, mas talvez devamos entender que assim sucedeu. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Shekinah.* A glória de Deus moveu-se do interior do Santo dos Santos e pôs-se ao lado do leito de Samuel. Foi assim que o Deus infinito condescendeu diante do homem finito. E essa é a própria natureza do drama divino-humano em que o ser humano está envolvido. A maior e mais eficaz de todas as condescendências divinas ocorreu quando o Logos se encarnou e se tornou um homem entre os homens (ver João 1.14).

"Vede o quanto Deus ama a santidade nos jovens. O menino Samuel foi preferido por Ele, em lugar de Eli, o idoso sumo sacerdote e juiz" (Teodoreto).

"... quando finalmente Samuel respondeu à voz, *esta se tornou uma visão*" (George B. Caird, *in loc.*).

3.11

Disse o Senhor a Samuel. A mensagem transmitida foi igual, em todos os pontos essenciais, à que já tinha sido dada pelo profeta desconhecido, uma mensagem endereçada ao próprio Eli. Ver I Sam. 2.27 ss. Isto posto, Yahweh falou a Eli de duas maneiras: primeiro, através de um profeta desconhecido; em seguida, através do menino-profeta, Samuel. Eli, por sua vez, resignou-se à triste sorte que foi proferida contra ele (ver I Sam. 3.18). O sumo sacerdote era idoso demais para fazer qualquer mudança. Seu erro fatal já tinha sido cometido. Não havia como convencer seus filhos ímpios a mudar. Assim, disse Eli: "Que venha o juízo de Yahweh".

Todo o que a ouvir lhe tinirão ambos os ouvidos. O recado divino foi terrível, proferindo um juízo severo que traria morte e destruição. Os que ouvissem o recado ficariam trêmulos de medo. Yahweh falou palavras traspassadoras. Todo israelita, ao ouvir as notícias, reconheceria a veracidade do que tinha sido dito, pois cada palavra dita teria cumprimento. Essa mensagem ficaria *ressoando* em seus ouvidos. A primeira calamidade seria a invasão dos filisteus, que matariam os sacerdotes desviados e levariam para longe a arca da aliança. E agora lembramos que somente nos dias de Davi aquela peça do mobiliário do tabernáculo seria devolvida a Israel. Cf. este versículo com II Reis 21.12 e Jer. 19.3, que falam sobre a destruição de Jerusalém, por tropas de Nabucodonosor.

O povo de Israel, em sua inteireza, seria "golpeado com horror e ficaria atônito, estonteado e sem saber o que pensar ou dizer, como se fossem pessoas surpreendidas pelo estalo súbito de um relâmpago... isso sucedeu no caso de Eli e sua nora, os quais, ao ouvir sobre a morte dos dois filhos de Eli, um caiu para trás e quebrou o pescoço e a outra entrou em repentino trabalho de parto e morreu" (John Gill, *in loc.*, referindo-se ao relato de I Sam. 4.11-22). E a criança que nasceu da nora de Eli foi chamada Icabode, que em hebraico significa "foi-se a glória de Israel", sumariando assim, de forma eloqüente, a natureza da tragédia que desabou sobre a nação de Israel.

3.12

Suscitarei contra Eli tudo quanto tenho falado. Sem dúvida, a alusão aqui é à profecia do profeta desconhecido, dada em I Sam. 2.27-36. O menino-profeta, Samuel, recebeu idêntica mensagem em seus pontos essenciais. Destarte, Eli foi advertido com antecedência e, segundo nossa opinião, poderia ter mudado seus caminhos. Mas ninguém poderia alterar aqueles seus filhos extremamente ímpios. As circunstâncias tinham-se desintegrado de tal modo que não havia mais cura, exceto a cura do julgamento divino. Algumas vezes, Deus pode fazer coisas melhores mediante o julgamento, do que por qualquer outro meio. Os juízos divinos, contudo, sempre envolvem, em seu bojo, o elemento de restauração. E isso inclui até mesmo o julgamento dos que estão no hades (ver I Ped. 4.6).

Haveria um *começo* do julgamento divino, a sua *continuação* e o seu *fim.* A questão toda processar-se-ia por estágios. "... não imediatamente, nem de uma única vez, mas por etapas. Tudo começou com a morte de Hofni e Finéias, prosseguiu com a matança de Abimeleque e dos oitenta e cinco sacerdotes de Nobe, no tempo de Saul, e terminou com a expulsão de Abiatar do sacerdócio, nos dias de Salomão, em decorrência da qual a família (de Eli) foi levada à desgraça e à pobreza" (John Gill, *in loc.*). Cf. Isa. 40.5. Ver I Reis 1.7,8; 2.27,35, quanto aos estágios finais do juízo divino).

"Assim sendo, entre a profecia e o seu cumprimento final passaram-se mais de cento e trinta anos. No entanto, todas as predições se cumpriram, e o sacerdócio foi transferido para Zadoque, descendente de Eleazar, filho de Arão, permanecendo assim durante toda a história subseqüente de Israel" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Foi assim finalmente rejeitada, a linhagem Itamar-Eli. Os descendentes dessa linhagem continuaram atuando como levitas auxiliares, mas não puderam mais oficiar como sacerdotes em Israel.

3.13

Seus filhos se fizeram execráveis, e ele os não repreendeu. Eli se mostrou pusilânime diante de filhos pervertidos. Essa péssima combinação de defeitos atraiu o juízo de Yahweh contra a casa de Eli, de tal maneira que a família foi reduzida à posição de simples levitas, para nunca mais exercer nenhuma espécie de ofício sacerdotal. Por isso mesmo este texto diz "para sempre". Eles perderam para sempre os direitos sacerdotais. Isso mostra a conseqüência de pecados descontrolados.

Não os repreendeu. Ele poderia ter usado sua autoridade paterna e judicial. Mas temeu agir, e talvez tivesse um amor paternal mal orientado por seus filhos ímpios. Ele não quis castigá-los com a disciplina necessária, o que serviu para prejudicá-los ainda mais. Seus filhos tornaram-se homens vis. Ver I Sam. 2.12-17 e 2.25 quanto a isso.

O sacerdócio continuou por ainda três gerações dentro da família de Eli (ver I Sam. 14.3). Mas a condenação já havia sido proferida e, uma vez cumpri-

da, o dano nunca mais foi reparado. Ver I Sam. 3.12 quanto ao início, à continuação e ao fim do julgamento, versículo no qual o *processo* foi comentado.

"O exemplo fatal dado pelos sacerdotes da casa de Eli, estabelecidos em Silo, infiltrou-se por toda a população; e como resultado a incredulidade quanto ao Ser Eterno se generalizou por todo o país. A religião antiga e pura morria rapidamente no coração dos homens" (Ellicott, *in loc.*).

Yahweh proferiu a palavra de juízo, lá no céu. E então cuidou para que sua decisão tivesse cumprimento cabal na terra.

3.14

Nunca jamais lhe será expiada a iniqüidade. Não havia remédio! A ofensa da casa de Eli foi tão grave que Yahweh não daria atenção a nenhum sacrifício que pudesse ser oferecido como expiação. Na qualidade de quem continuamente oferecia sacrifícios pelo pecado, os sacerdotes tentariam fazer expiação por si mesmos, buscando reverter o julgamento divino. Mas Deus não aceitaria essas tentativas. Não havia como expiar o pecado "voluntário" que eles haviam praticado. A eficácia dos sacrifícios da lei mosaica era limitada. A lei da colheita segundo a semeadura é mais poderosa do que qualquer sacrifício de animais. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* e *Pecado Voluntário.* Para o pecado voluntário não havia expiação, no Antigo Testamento. Essa idéia foi transferida para o Novo Testamento, conforme se vê em Heb. 10.26; mas a sua base é o raciocínio de Núm. 15.24-31. De acordo com os padrões veterotestamentários, somente pecados de ignorância podiam ser expiados por meio de holocaustos. Eli e seus filhos tinham-se tornado culpados do pecado voluntário, ou seja, algum pecado cometido "atrevidamente", conforme se lê na referência do livro de Números.

3.15

Ficou Samuel deitado até pela manhã. Após ter recebido a temível mensagem da parte de Yahweh, Samuel voltou ao leito. Pela manhã, abriu o tabernáculo para as atividades diárias. Ele sabia qual era a mensagem dada por Yahweh, mas receava transmiti-la a Eli. Samuel reverenciava Eli como um pai; pois, na verdade, era isso que Eli representava para ele. Samuel não queria entristecer Eli; mas a tristeza vinha da parte de Yahweh. O mais provável é que Samuel não teria transmitido a terrível mensagem divina se Eli não o houvesse instado a fazê-lo.

Então abriu as portas da casa do Senhor. Esse ato pode dar a entender que um *edifício* de bom tamanho havia substituído a *tenda* ou o tabernáculo, em Silo. Ou a expressão pode significar simplesmente que Samuel abriu as cortinas que fechavam o átrio exterior. Ver uma ilustração da planta baixa do tabernáculo, na introdução a Êxo. 26.1. Quanto às *três cortinas* do tabernáculo, ver Êxo. 26.36.

Temia relatar a visão a Eli. Samuel havia-se tornado o mensageiro de tremendas más-novas. Cf. Jer. 15.10; 17.15-18; 20.7-18.

3.16

Chamou Eli a Samuel. Eli, curioso para saber o que acontecera naquela noite, chamou o jovem Samuel. Ele estava ciente das visitas de Yahweh e sabia que Samuel tinha alguma espécie de mensagem a transmitir. Assim sendo, o primeiro ato de Samuel como profeta foi reconhecido por ele. Dentro de momentos, ele receberia instruções da parte do jovem profeta, a despeito de seu exaltado ofício de sumo sacerdote.

3.17

Que é que o Senhor te falou? Eli deve ter tido um fortíssimo pressentimento para fazer as *ameaças* que fez. Ele sabia que algo importante havia sido comunicado a Samuel, e suspeitava que o recado divino não fosse bom, porquanto disse algo como: "Se não me revelares tudo, então aquelas coisas ruins que ouviste, e mesmo mais, cairão sobre a *tua* cabeça". Em outras palavras, a maldição de Yahweh cairia sobre Samuel, por ter ele ocultado a mensagem. Essas ameaças deixaram Samuel sem alternativa. Ele precisava relatar o terrível recado do Senhor. De acordo com Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 10, sec. 4), Eli obrigou Samuel, mediante um juramento, a declarar-lhe o que tinha sido revelado pelo Senhor. "Foi um juramento muito solene. Ele suspeitava que Deus havia ameaçado com juízos severos, porquanto reconhecia que sua família se tinha tornado muito criminosa" (Adam Clarke, *in loc.*).

O texto sagrado não menciona a pessoa de *Yahweh* (de modo contrário ao que dizem algumas traduções); mas cumpre-nos entender que Eli sabia da parte de quem a mensagem havia sido dada (ver os vss. 8-9 deste capítulo). A Jeremias foi dito que submetesse a teste as situações de revelação, para certificar-se de que as revelações procediam mesmo do Senhor, e não de algum poder estranho (Jer. 15.19). Cf. I João 4.1.

3.18

Samuel lhe referiu tudo. O autor sacro não se incomoda em repetir tudo quanto já havia dito sobre a mensagem de Yahweh. Tão-somente assegura-nos que Samuel relatou *tudo,* nada omitindo.

É o Senhor. A propriedade e a moralidade da mensagem convenceram a Eli, de imediato, que Yahweh era a fonte do terrível recado. Ademais, ele já tinha ouvido a mesma mensagem da boca do profeta desconhecido (ver I Sam. 2.27 ss.). Também reconheceu a justiça do juízo de morte que estava prestes a sobrevir. Talvez tenha sido até mesmo com *alívio* que ele ficou sabendo que seus filhos pervertidos e aquele sacerdócio degradado em breve terminariam. Eli havia sido reduzido a mero títere nas mãos de seus filhos, e o seu coração clamava para que aquela triste situação logo tivesse fim. Ele havia semeado o vento e agora colheria a tempestade (ver Osé. 8.7). As palavras ditas por Eli, pois, exibiram uma submissão piedosa e um profundo senso de sua própria indignidade. Chega um tempo em que somente o julgamento divino pode realizar alguma coisa; contudo, devemos lembrar que os juízos de Deus estão sempre sujeitos ao Seu amor, de tal modo que o julgamento divino redunda em bem, até mesmo no caso das almas perdidas, encerradas no *hades* (ver I Ped. 4.6).

"Eli pode ter-se mostrado fraco, mas não era um homem maligno. Ele não se debateu, revoltado, nem sentiu que havia sido tratado com injustiça. Qualquer um que apele para a *justiça de Deus* deve estar preparado para assumir as conseqüências dessa crença... Um Deus verdadeiramente justo não pode ignorar as reivindicações da justiça, ainda que, em Sua justiça, possa mostrar-se misericordioso. As qualidades positivas de Eli podem ser vistas em toda a sua humildade, quando ele disse: 'É o Senhor; faça o que bem lhe aprouver'" (John C. Shroeder, *in loc.*).

3.19

Crescia Samuel, e o Senhor era com ele. Este versículo repete o que foi dito em I Sam. 2.26, cujas palavras foram usadas, quase exatamente, em Luc. 2.52, aplicadas ao jovem Jesus. Mas aqui temos o acréscimo de que, na qualidade de jovem profeta, as palavras de Samuel foram honradas por Yahweh, de tal modo que o Senhor não permitiu que nenhuma delas caísse por terra, ou seja, deixasse de ser cumprida. Desse modo, Samuel adquiria grande reputação como profeta de considerável estatura. O propósito de Deus era que Samuel se tornasse profeta-sacerdote e assim neutralizasse a maligna casa de Eli, até que houvesse uma mudança permanente na situação, o que só veio a ser realidade cerca de cento e trinta anos mais tarde, quando Zadoque substituiu Abiatar como sumo sacerdote e a linhagem de Eli foi anulada para sempre, pelo menos no que dizia respeito ao ofício sacerdotal de Israel.

Samuel trouxe à superfície o ofício de profeta, o qual haveria de predominar até os cativeiros assírio e babilônico, com conseqüente diminuição da importância do ofício e da autoridade sacerdotal. As *palavras* de Samuel que não caíam por terra eram as suas profecias; mas também os seus conselhos em geral, visto que os profetas eram *mestres,* e não apenas homens que prediziam o futuro.

As palavras vãs caem por terra; mas as que são inspiradas por Yahweh têm cumprimento oportuno. Cf. Sal. 33.6,9 e Jer. 1.12. O resultado era que tudo quanto Samuel profetizava, acontecia (ver I Sam. 9.6). "Sua vida de jovem foi um protesto perpétuo contra a cobiça e a iniqüidade" (Ellicott, *in loc.*).

3.20

Todo o Israel... conheceu. Samuel alcançou reputação nacional. Sua fama como profeta propagou-se por todo o território dos hebreus, visto que suas palavras eram continuamente testadas e comprovadas como valiosas e precisas.

Desde Dã até Berseba. Tradicionalmente, Dã marcava a fronteira do extremo norte de Israel, ao mesmo tempo que Berseba assinalava o extremo sul. Isto posto, a expressão "desde Dã até Berseba" tornou-se proverbial, indicando "toda a extensão do território de Israel". Quanto a outras instâncias dessa expressão, ver II Sam. 3.10; 17.11; 24.2,15; I Reis 4.25. Havia uma distância de cerca de 240 quilômetros entre esses dois pontos extremos. Forneci artigos detalhados, no *Dicionário,* sobre ambos os lugares, pelo que não repito aqui as informações dadas ali.

O ofício profético se desenvolvia na pessoa de Samuel. Havia necessidade desse aperfeiçoamento, porquanto se tratava de um importante acontecimento histórico. O ofício profético em breve assumiria proporções de grande vulto em Israel e assim continuaria por vários séculos. Samuel foi um formador de tendências históricas. E também haveria de tornar-se o juiz de Israel que inauguraria a monarquia.

3.21

Continuou o Senhor a aparecer em Silo. O Senhor aparecia a fim de falar com Samuel, embora os iníquos filhos de Eli continuassem a fazer tudo para

impedir que a influência divina atuasse no tabernáculo. Samuel trouxe de volta o que a casa de Eli tinha perdido propositadamente. Havia aquela *palavra* que residia em Samuel e era proferida por meio dele; e Yahweh era a fonte dessa palavra profética.

Provavelmente devemos compreender que houve *repetidas instâncias* do aparecimento de Yahweh a Samuel, além do aparecimento original relatado em I Sam. 3.4 ss. Yahweh tinha chamado por ele por *quatro vezes* e continuou a chamá-lo desde então, revelando-lhe a Sua vontade. Samuel, pois, estava sendo preparado para assumir uma liderança nacional que alteraria todo o curso da história de Israel. Para tanto, era mister que se manifestasse o poder divino.

Por sua palavra. Alguns estudiosos personificam aqui essa palavra, como o Anjo do Senhor, e outros pensam que estão em pauta aparecimentos veterotestamentários do Logos de Deus. Samuel tornou-se uma força unificadora que visava ao bem de Israel, reparando os danos causados pela casa de Eli. As palavras ditas por um profeta deveriam ter cumprimento para que ele fosse considerado um profeta autêntico (ver Deu. 18.21,22). As credenciais de Samuel como profeta estavam sendo submetidas a teste e aprovação. "Desapareciam as revelações por meio dos sacerdotes e da estola sacerdotal, e se iniciava a revelação dada através dos profetas" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Capítulo Quatro

A Arca da Aliança É Tomada (4.1-22)

Para compreender plenamente a seção à nossa frente, o leitor deve examinar o artigo, do *Dicionário,* intitulado *Arca da Aliança.*

A *Septuaginta* provê uma introdução apropriada a este quarto capítulo: "E aconteceu naqueles dias que os filisteus se reuniram para a guerra contra Israel; e Israel saiu contra eles, para combatê-los". Isso poderia ser tanto uma glosa explicativa quanto o texto original do hebraico que se tinha perdido mas que a Septuaginta preservou em sua essência.

Parte do *juízo divino* proferido contra o maligno sacerdócio da casa de Eli foi o que aconteceu com a arca. Os sacerdotes Hofni e Finéias tinham abusado do tabernáculo e de seu culto (I Sam. 1.12 ss.). Por esse motivo, um profeta anônimo predissera a queda da casa de Eli (ver I Sam. 2.27), o que foi confirmado mediante revelação especial dada a Samuel (ver I Sam. 3.4 ss.). Sobreviria um tremendo juízo divino, e a remoção da arca da aliança das mãos de Israel, por parte dos filisteus, fazia parte desse juízo. Tendo usado inconvenientemente seu privilégio como sacerdotes, a casa de Eli perdeu seu direito sacerdotal. O povo de Israel, em geral, achava-se em estado de degradação, e a remoção da arca alertou toda a nação para a degradação que se tinha instalado no lugar sagrado. Devemos lembrar que Israel era uma teocracia, pelo que qualquer coisa adversa que acontecesse ao tabernáculo e a seu culto era profundamente sentida pelo país inteiro.

Os Filisteus. Esse povo tinha-se tornado o principal adversário de Israel, durante o período final dos juízes. Ver Juí. 10.6-8,13-16. Eram um povo não-semita que chegara à faixa litorânea da Palestina provavelmente vindo da ilha de Creta ou de alguma outra região do mar Egeu (ver Gên. 10.14; Jer. 47.4; Deu. 2.23; Amós 9.7). Vieram à terra de Canaã mediante duas grandes ondas migratórias, uma tão cedo quanto a época de Abraão (2000 A. C.), e outra por volta de 1200 A. C. Há um detalhado artigo sobre esse povo, no *Dicionário,* sob o título *Filisteu, Filistia.* Esse povo contava com um grande panteão de deuses, no qual Dagom aparecia como divindade principal. A captura da arca da aliança fazia parte de um ato mediante o qual era como se eles dissessem: "Vede o que estamos fazendo com vosso Deus. Agora temos a preciosa arca. Ele é nada, e o nosso politeísmo é tudo". Também podemos ter certeza de que aquilo que eles fizeram foi um ato de escárnio contra um antigo inimigo, pois sabiam quão grande consternação causaria entre os israelitas a perda da arca.

Os filisteus, tal como os hebreus, parecem ter adotado a linguagem semita da Palestina. Estavam organizados sob cinco senhores, cada um dos quais governava uma cidade-estado: Asdode, Ecrom, Asquelom, Gaza e Gate. Naturalmente, também possuíam outras cidades menores. Ver I Sam. 6.18 e cf. II Crô. 26.6.

4.1

Veio a palavra de Samuel a todo o Israel. Essas palavras, na verdade, pertencem à conclusão do capítulo 3, onde é enfatizada a universalidade do ofício profético de Samuel. Ver I Sam. 3.19-21. Todavia, elas também servem de apta introdução ao quarto capítulo, pois o ministério profético de Samuel *começara* predizendo a queda da casa de Eli, e o capítulo que agora passamos a considerar relata como isso ocorreu.

Ebenézer... Afeque. As forças adversárias acamparam-se nesses dois lugares, cerca de 40 quilômetros a oeste de Silo. Ver no *Dicionário* os artigos sobre ambas as localidades. As duas cidades ficavam próximas uma da outra; e dali os israelitas e os filisteus lançariam ataques mútuos. *Ebenézer* significa "pedra da ajuda". Esse nome só foi dado ao lugar algum tempo depois da batalha. Assim sendo, o autor sagrado, por antecipação, usou a denominação. Samuel levantou ali uma pedra para comemorar uma vitória obtida sobre os filisteus, cerca de vinte anos mais tarde. *Afeque,* por sua vez, significa "fortaleza". Era uma cidade real dos cananeus. Sua localização não foi identificada com certeza absoluta.

4.2

Dispuseram-se os filisteus em ordem de batalha. Não somos informados do motivo para a batalha, mas sempre havia razões que mantinham o povo de Israel em conflito armado. O grande número de guerras e suas devastações eram fatores constantes na história de Israel. Essas guerras punham fim a ciclos históricos, como no caso dos três cativeiros (o assírio, o babilónico e o romano). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiro (Cativeiros).* Nessa batalha particular, as coisas foram adversas para os israelitas, que perderam cerca de quatro mil homens. A batalha teve lugar em *campo aberto,* onde os filisteus foram capazes de usar seus carros de guerra e seu equipamento superior. Assim sendo, foi natural que Israel tenha sido derrotado, sofrendo grande perda de homens. Cf. I Sam. 13.5 e II Sam. 1.6.

4.3

Tragamos de Silo a arca da aliança do Senhor. Anteriormente, Israel havia obtido a vitória mediante a presença de sacerdotes que transportavam a arca até a cena do combate. Ver Núm. 31.6 e Jos. 6.6. No entanto, um sacerdócio corrupto tinha anulado todo poder desse ato. Isto posto, a crença deles de que a arca tinha poder de ajudar na batalha se tornara mera superstição, que não prestava auxílio algum em tempos de crise. Isso ensina que o poder se deriva de uma santidade genuína, e não de algum mero símbolo. Simbolicamente, os intérpretes vêem aqui a substituição de tipos, símbolos e cerimónias pela pessoa de Cristo, o qual nos confere genuíno poder espiritual.

Eles agiram movidos pela "superstição, supondo que a presença da arca, como se fosse um encantamento de boa sorte, faria virar a maré. A arca realmente representava a presença do Senhor em batalha (ver Núm. 10.35; Jos. 6.6), mas só funcionava quando o povo a transportava movido pela fé, de acordo com a orientação divina" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). A princípio, os filisteus ficaram aterrorizados diante da presença da arca (ver o vs. 7 deste capítulo), mas logo recuperaram a coragem e obtiveram vitória decisiva.

Diferença pela Presença Divina. A presença do Senhor é que faz a diferença entre a derrota e a vitória, mas essa presença deve ser genuína, quando Deus aprova os atos humanos, e não quando é representada apenas por meio de símbolos.

Os *assírios* foram usados como vara na mão de Deus, a fim de castigar Israel (ver Isa. 10.5). E desde tempos remotos, o sucesso ou a derrota em batalha eram associados, respectivamente, à aprovação ou à desaprovação de Deus.

4.4

Mandou, pois, o povo trazer de Silo a arca. Imediatamente foram enviados mensageiros para trazer a arca à cena de batalha. Mas um povo corrompido voltou-se inutilmente para Deus, porquanto o coração deles não estava verdadeiramente voltado para Ele. Coisa alguma pode tomar o lugar da santidade e da espiritualidade autêntica. A santidade e a espiritualidade não podem ser substituídas por símbolos e ritos. E, no entanto, a maior parte das religiões organizadas tropeça diante dessas coisas inferiores, que não têm poder espiritual. O poder de Deus não procede das coisas que fazemos na igreja e, sim, de uma espiritualidade genuína, arraigada no coração.

Entronizado entre os querubins. O original hebraico reflete a situação original da arca no Santo dos Santos. A Septuaginta diz "entronizado", o que é refletido em algumas traduções e versões, conforme vemos em nossa versão portuguesa. Alguns eruditos supõem que, em tempos posteriores, a arca fosse um *trono* sustentado pelos querubins. O primeiro capítulo do livro de Ezequiel dá apoio a esse ponto de vista, uma vez que o trono celeste aparece ali sustentado por criaturas vivas. Ver também Sal. 18.10, onde Deus aparece como quem cavalga sobre um querubim. Todavia, parece melhor seguir aqui o original hebraico, que dá a entender que o Senhor dos Exércitos "habita" entre os querubins, um reflexo da situação original a respeito da arca da aliança. Quanto ao *plano* do tabernáculo, ver as notas sobre Êxo. 26.36. Ver sobre os *querubins* nas notas expositivas de Êxo. 25.18.

Hofni e Finéias estavam ali. Eles fingiam ser figuras santas, mas eram apenas sacerdotes falsos, cuja hora de julgamento havia chegado. Estavam aparentemente seguros, contudo, perto da arca da aliança. O texto sagrado parece

indicar que foram esses dois homens que a transportaram até a cena da batalha, pois o vs. 11 deste capítulo relata a morte deles perto da arca. Não há nenhuma indicação de que os filisteus tenham invadido o próprio tabernáculo, em Silo, e ali matado os dois sacerdotes renegados.

4.5

Rompeu todo o Israel em grandes brados. Tudo não passou de agitação histérica, quando os soldados viram que a arca da aliança estava sendo trazida ao campo de batalha. Hofni e Finéias a tinham transportado por cerca de 40 quilômetros. O mais provável, entretanto, é que o trabalho de transporte tenha sido deixado ao encargo de levitas, e que Hofni e Finéias apenas tivessem dirigido o grupo transportador. Todo o esforço, entretanto, foi perfeitamente inútil, embora eles ainda não soubessem disso.

"Foi uma curiosa ilusão, essa esperança sem base dos anciãos, a idéia de que o Deus invisível estivesse inseparavelmente vinculado ao estranho e belo símbolo de Sua presença" (Ellicott, *in loc.*). Tempos depois, Davi, provavelmente lembrando o incidente, recusou-se a trazer a arca da aliança ao campo de batalha para ajudá-lo a evitar a derrota, quando ele retrocedia diante de Absalão e fugia de Jerusalém. Ver II Sam. 15.25.

Os filhos de Israel pensavam ter recebido "reforços divinos", mas faltava-lhes a espiritualidade interior necessária para que isso se tornasse realidade. O mero *símbolo* não bastava.

John C. Schroeder (*in loc.*) aplicou, com propriedade, este texto a talismãs e outros objetos religiosos que as pessoas costumam usar em sua adoração. A cruz, para muitas pessoas hoje em dia, tornou-se o que a arca foi para Israel, uma réplica da cruz de Cristo, mas apenas um pequeno objeto feito de madeira, metal ou pedra. E as pessoas esperam receber segurança ou ajuda de alguma forma, somente por utilizarem tais objetos. Um mero símbolo, contudo, nunca é o bastante. Deve haver uma espiritualidade genuína para atrair, de fato, a atenção e o cuidado divino. Além disso, a vontade de Deus ultrapassa qualquer símbolo, e o destino de uma pessoa não é afetado por objetos de adorno, mesmo que considerados sagrados.

"Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os que te odeiam" (Núm. 10.35). Por assim dizer, esse foi o grito de batalha dos filhos de Israel, mas nem os brados nem a presença da arca da aliança conseguiram salvá-los naquele dia.

4.6

Souberam que a arca do Senhor era vinda ao arraial. Os dois acampamentos — o de Israel e o dos filisteus – ficavam perto um do outro e parece que, momentaneamente, os dois exércitos não pelejavam, mas estavam postados, preparando-se para outro entrevero. Ou, então, bem no meio do conflito, de súbito a arca foi trazida à frente de batalha. Ouvindo os adversários gritar, os filisteus naturalmente quiseram entender o motivo da gritaria, e logo ficaram sabendo (por meio de espiões) que a arca sagrada dos israelitas estava chegando. A arca ajudaria Israel na batalha? Os filisteus *muito temeram; mas logo em seguida*, dominando seu temor, esforçaram-se sobremaneira e obtiveram a vitória. As lamentações dos filisteus (ver os vss. 7-8 deste capítulo) foram abafadas e substituídas por uma palavra de exortação proferida por seus comandantes. Os filisteus não queriam seguir o exemplo deixado pelos egípcios, que acabaram derrotados.

4.7

Os deuses vieram ao arraial. Algumas traduções dizem aqui "Deus veio ao arraial", usando o singular. Mas outras identificam o termo hebraico para Deus, *Elohim,* como se os filisteus tivessem dito: "Os deuses vieram ao arraial", usando o plural. É que eles compartilhavam a superstição dos israelitas de que um símbolo ou ídolo, mera representação de Deus, era inseparável da própria divindade. Isto posto, já que o símbolo físico estava no acampamento de Israel, os israelitas haviam recebido reforço divino. Lutar contra homens era uma coisa; mas lutar contra deuses era demais. Portanto, foi natural que eles tivessem "temido", conforme diz o texto sagrado.

Os filisteus haviam lutado contra selvagens e já tinham combatido outros adversários, mas nada como aquilo sucedera antes. Nunca um adversário havia convocado tão vividamente a ajuda divina. Todos os povos oram a seus deuses quando vão à guerra, mas, para os filisteus, o caso de Israel representava a primeira experiência daquele tipo. As circunstâncias, naturalmente, mostram que Israel não estava habituado a levar a arca da aliança para os campos de batalha. Fora feita agora uma exceção, que tinha precedente na história mais antiga, embora não na história recente de Israel. Ver as notas sobre o vs. 3 deste capítulo.

4.8

Ai de nós! Israel contaria com "deuses" poderosos; e os filisteus lembraram como Israel, antes escravizado no Egito, tinha sido capaz de derrotar o maior poder militar da época, os egípcios, e isso somente porque o poder divino estivera presente. Notemos como o autor sacro diz que houve pragas *no deserto,* embora saibamos que as pragas foram enviadas contra o Egito. Isso pode ter sido uma observação descuidada e inexata dos filisteus, ou uma escorregadela da pena do autor hebreu. Estão em pauta, particularmente, as *dez pragas* do Egito. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pragas do Egito.* Aqueles povos antigos eram *teístas.* Eles acreditavam que poderes divinos se faziam presentes entre os homens, e esses poderes recompensavam ou puniam, intervindo nas questões humanas. *Isso deve ser contrastado com o deísmo, que ensina que algum poder gigantesco* (pessoal ou impessoal) pode ter estado envolvido na criação, mas, terminada a criação, esse poder a abandonou, deixando-a ao sabor das chamadas leis naturais. Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Teísmo* e *Deísmo.*

4.9

Sede fortes, ó filisteus. Os soldados filisteus estavam em pânico quando algum líder dotado de mente sóbria fez cessar a insensatez. Ele os exortou, com fisionomia séria e palavras cortantes, dizendo que fossem fortes e agissem como homens, e não como um bando de mulheres histéricas. Um pouco de *coragem masculina* seria capaz de derrotar os deuses de Israel. A palavra-chave dessa exortação é "pelejai". Eles já tinham perdido muito tempo com suas superstições. A *luta* deveria ser reiniciada antes que Israel tivesse tempo de recuperar seus poderes. O perdedor seria esmigalhado, e quaisquer sobreviventes tornar-se-iam *escravos* dos vencedores. Havia razões abundantes para continuar lutando e aniquilar o inimigo. Trezentos anos antes, Israel tinha derrotado os egípcios, mas, afinal, Isso era passado longínquo. Não era obrigatório que se repetisse no caso dos filisteus.

4.10

Israel foi derrotado. Os filisteus lutaram, e Israel caiu, fugiu e pereceu. Quatro mil israelitas (ver o segundo versículo deste capítulo) já haviam sido mortos, antes da chegada da arca ao campo de batalha; mas agora houve um morticínio gigantesco de trinta mil israelitas. Em espaço aberto, os filisteus desfrutavam da vantagem de ter carros de combate e cavalos. Lanças cortantes projetavam-se dos eixos dos carros de combate e mutilavam horrivelmente as tropas de Israel, e até mesmo cortavam os homens pelo meio. O exército de Israel usualmente consistia somente em tropas de infantaria, o que prosseguiu até que Salomão adotou alguns dos métodos de combate de povos estrangeiros.

Os filisteus realizaram o morticínio, mas ao Deus de Israel foi dado o crédito de punir os israelitas, conforme está escrito no Sal. 78.59,60: "... Deus se indignou e sobremodo abominou Israel. Pelo que desamparou o tabernáculo em Silo, a tenda da sua morada entre os homens, dando a sua força ao cativeiro, e a sua glória à mão do inimigo".

Minha força é como a força de dez,
Porque meu coração é puro.

(Sir Galahad, Tennyson)

O mesmo não podia ser dito acerca de israel, entretanto, razão pela qual houve aquela drástica derrota.

4.11

E mortos os dois filhos de Eli. A justiça fora feita. Aqueles sacerdotes iníquos, Hofni e Finéias, que tinham corrompido o lugar santo, não escaparam à sanha dos filisteus. Caíram juntamente com seus irmãos, no campo, e a ninguém foi demonstrada misericórdia. Isso cumpriu a palavra do profeta desconhecido, que disse que os dois haveriam de tombar no mesmo dia (ver I Sam. 2.34). Ademais, a temível mensagem de Samuel se cumpriu. É provável que aqueles homens miseráveis se tivessem mantido próximos da arca, esperando, até o fim, que ela os protegesse. Todavia, *eles* não tinham protegido a pureza do culto que circundava a arca da aliança, e ela, por sua vez, não os protegeu em seu dia de crise.

Os vencedores, ato contínuo, apossaram-se do prêmio que obtiveram, a *arca da aliança.* E então a arca foi levada para uma das cinco principais cidades da Filístia, Asdode (I Sam. 5.1), sendo posta na casa de Dagom, o principal ídolo dos filisteus.

As profecias haviam predito a calamidade, mas os israelitas não lhe tinham dado nenhuma atenção. Uma justiça feroz interrompera o sacerdócio pecaminoso de Hofni e Finéias.

Quer alguém durma ande ou se assente ocioso,
invisível e mudo, a Justiça lhe persegue os passos.
Acompanhando de perto seus passos,
à direita e à esquerda.

E o que é feito na loucura a noite não pode ocultar:
O que fizeres, em qualquer lugar,
Deus te contempla.

E imaginas que conseguirás algum tempo vencer
A sabedoria divina? E imaginas que conseguirás
Que a retribuição fique distante dos mortais?
Bem perto, embora invisível, ela vê e sabe tudo,
E a quem deve ferir. Mas tu não sabes
Quando, repentina e subitamente,
Ela virá e arrebatará
Os perversos da face da terra.

(Ésquilo)

4.12

Então correu um homem de Benjamim. Se havia um homem da tribo de Benjamim, isso significa que o exército de Israel não se limitava à tribo de Efraim, onde Silo estava localizada. Talvez não fosse um exército que representasse todas as doze tribos, mas era o *exército de Israel.* Maior unidade nacional ocorreu com o rei Saul; mas a verdade é que Israel desfrutava de *alguma* unidade, mesmo na época dos juízes. O homem de Benjamim foi um dos poucos sobreviventes, e tomou sobre si a tarefa de correr até Silo, a fim de anunciar o desastre. As tradições judaicas dão-lhe o nome de Saul, mas não há como obter uma identificação específica. Usualmente essas tradições são meras especulações e adornos do texto. A natureza imaginária dessa identificação é óbvia nos detalhes que dizem que Saul, apesar de não ter podido salvar a arca da aliança, ainda assim arrebatou *de Golias* as tábuas da lei e fugiu com elas.

Trazia rasgadas as vestes e terra sobre a cabeça. Sinais usuais de tristeza e lamentação. Ver os comentários sobre Jos. 7.6, e, no *Dicionário,* o verbete *Vestimentas, Rasgar das.* Várias referências extraídas dos clássicos gregos e latinos confirmam o fato de que, naqueles lugares, rasgar as roupas também era sinal de tristeza profunda.

Latino rasgou suas vestes...
Por causa de ais públicos e privados.
Ele sujou a sua barba venerável
E jogou pó sórdido sobre seus cabelos de prata.

(*Enéas,* livro xii. vs. 609)

"Não é incomum, mesmo na Europa, e na maior parte civilizada, ver a tristeza expressa por atos de arrancar os cabelos, bater no peito ou rasgar as vestes, todos esses sinais ou expressões naturais de profunda e excessiva lamentação (Adam Clarke, *in loc.,* que escreveu no século XIX).

4.13

Eli estava assentado numa cadeira. Eli sabia que a arca da aliança havia sido tomada, pelo que estava ao lado do tabernáculo, sentado em uma cadeira, perto da estrada por onde chegara o mensageiro, esperando pelo melhor, mas sabendo, em seu íntimo, que chegara o dia da condenação dele mesmo, de seus filhos e do culto do tabernáculo. Ele estava especialmente preocupado com a sorte da arca, o objeto santo que estava sob seus cuidados, na posição de sumo sacerdote. Mas coisa alguma poderia diminuir a tragédia daquele dia.

A *Septuaginta* diz aqui: "ao lado da porta, vigiando a estrada". Talvez essa seja uma descrição mais exata. "Eli estava em seu lugar usual, do lado de fora do tabernáculo (ver I Sam. 1.9), e a primeira coisa que ouviu sobre as novas foi o ruído causado pela chegada do mensageiro na cidade" (George B. Caird, *in loc.*). Josefo, por sua vez, disse que Eli estava em uma das portas da cidade, esperando pelas notícias sobre a batalha e sobre a sorte da arca (*Antiq.* 1.5, cap. 11, sec. 2).

"Eli conhecia perfeitamente bem o Eterno Guardião de Israel para depositar qualquer confiança real no poder de uma arca sem vida. Muito tempo havia passado, conforme o sumo sacerdote bem sabia, desde que a glória de Deus repousara sobre o propiciatório de ouro, entre os querubins silenciosos... Assim sendo, Eli esperava com pressentimentos carregados de tristeza... Retornaria a arca, algum dia, a Silo?" (Ellicott, *in loc.*).

4.14

Eli, ouvindo os gritos, perguntou. Eli, quase cego, não podia enxergar muito; mas seus ouvidos eram aguçados e lhe segredavam que algo importante estava acontecendo. O tumulto anunciava a chegada do mensageiro. Gritos de desespero já enchiam os ares. Homens rasgavam as vestes e lançavam poeira sobre a cabeça. Mulheres gritavam histericamente. Enquanto Eli tremia, pressentindo o pior, de súbito chega o mensageiro e relata toda a trágica história. A narrativa é tão vívida que Ellicott imaginou poder ouvir os gritos de pesar e terror, como se testemunhasse a cena com pesar e confusão.

4.15,16

Era Eli da idade de noventa e oito anos. Ele estava praticamente cego. Por isso, o mensageiro precisou identificar-se, a fim de que o idoso homem pudesse saber que estava falando com uma testemunha ocular dos acontecimentos. A mensagem era autêntica, tão terrível quanto veraz. Trinta mil homens de Israel tinham morrido; os dois filhos do sumo sacerdote estavam mortos; a arca da aliança havia sido tomada pelos filisteus. Eli, que já esperava o pior, chamou o mensageiro ternamente de *seu filho,* para que o homem se sentisse em liberdade de contar toda a horrenda história, sem ocultar coisa alguma. Havia na antiguidade o estranho costume de matar aquele que anunciava más novas, como se, de alguma maneira, ele fosse a *causa* da notícia adversa. Todavia, em Israel, isso nunca acontecia.

4.17

Então respondeu o que trazia as novas. Derrota absoluta e tragédia foram o resultado daquele dia horrendo. Israel sofrera uma derrota contundente: 30.000 homens de Israel tinham perdido a vida; entre os mortos estavam os dois filhos de Eli, que tinham seguido com a arca para o campo de batalha; e a arca de Deus havia sido levada pelos filisteus. As notícias eram tão ruins, que nada mais terrível poderia ter acontecido. Dessa maneira, cumpriram-se as profecias do profeta desconhecido (ver I Sam. 2.27 ss.) e de Samuel, que recebera a visita de Yahweh (I Sam. 3.11 ss.), embora somente cento e trinta anos mais tarde a casa de Eli fosse totalmente afastada do sacerdócio, como golpe final. É verdade que, depois disso, eles continuaram sendo levitas comuns, mas o ofício sacerdotal escapou-lhes para sempre das mãos. Ver I Sam. 3.12 quanto a maiores detalhes. O que Eli mais temia lhe tinha sobrevindo. E ele já sabia daqueles terríveis eventos desde muito tempo antes (ver I Sam. 3.18). Os eventos lançam as suas sombras diante de nós, muito antes que se tornem uma realidade. Esses eventos podem ser *lidos* nas sombras, por meio da capacidade psíquica natural ou através da profecia, inspirada pelo Espírito de Deus. Acontecimentos desnecessários, até mesmo trágicos, podem ser anulados por meio da fé e da oração. No entanto, os acontecimentos necessários acontecem mesmo, a despeito de todos os nossos esforços. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Precognição;* e, no *Dicionário,* ver o verbete intitulado *Predestinação.*

4.18

Ao fazer ele menção da arca de Deus, caiu Eli da cadeira. Sendo homem muito idoso, e sendo responsável pela guarda da arca da aliança, ao saber que tinha perdido, no mesmo dia, os seus dois filhos e também a arca da aliança, Eli recebeu um choque tão violento que perdeu o equilíbrio. Caindo da cadeira, Eli perdeu a vida, pois quebrou o pescoço na queda. Por ser homem idoso, seu peso ajudou a produzir-lhe a morte. Dessa maneira a casa sacerdotal de Eli, instalada no tabernáculo, caiu em um único dia, embora fossem necessários mais cento e trinta anos para que o sacerdócio passasse da linhagem de Itamar para a de Zadoque. Quando houve essa transferência, os descendentes de Eli tornaram-se simples levitas, sem nenhuma autoridade especial em Israel. Ver as notas sobre I Sam. 3.12.

Havia ele julgado a Israel quarenta anos. Esse foi o período em que Eli serviu como juiz. A *Septuaginta* diz aqui *vinte* anos; mas todas as outras versões ficam com o original hebraico. Por conseguinte, além dos juízes cujas histórias nos são contadas no livro de Juízes, temos também Eli e, em seguida, Samuel, antes de a monarquia ser estabelecida na pessoa de Saul.

4.19,20

Estando sua nora, a mulher de Finéias, grávida. Diante da tremenda tristeza de saber que a arca de Deus havia sido tomada pelos pagãos, que seu sogro tinha morrido por causa de um estúpido acidente, e que seu marido, Finéias, fora assassinado pelos filisteus, a mulher deu início a um trabalho de parto prematuro. Houve complicações no parto, e ela morreu. A criança nasceu em segurança, mas a mãe, provavelmente devido à perda de muito sangue, nem ao menos conseguiu reagir diante da notícia que dera à luz um filho, o que, normalmente, seria algo bastante animador. Ela simplesmente ficou ali deitada e morreu. Desse modo, o infortúnio atingiu um nível visto somente nas mais severas tragédias gregas, em que o herói ou a heroína sofre tudo quanto é possível, e não somente por uma vez, mas por diversas vezes.

A *morte* de quatro pessoas, em um único dia, fez todos perceber que tinham sido cumpridas as terríveis profecias do profeta anônimo (I Sam. 2.27) e de Samuel (I Sam. 3.11 ss.). O pecado ficara absolutamente fora de controle e

corrompera o lugar santo. O juízo divino fatalmente sobreviria. Os filisteus foram instrumentos nas mãos de Yahweh para corrigir as coisas. Samuel era o novo homem, o homem melhor, e, por meio dele, a restauração tornar-se-ia realidade.

4.21

Mas chamou ao menino Icabode. Em um impulso final de energia, a nora de Eli chamou seu próprio filho recém-nascido, sob circunstâncias tão terríveis, de Icabode. Esse nome significa "foi a glória". Os eruditos discutem sobre essa palavra, tentando encontrar significados, mas sem obter sucesso, pelo que parece melhor aceitar o que o próprio texto sagrado diz. Jarchi e Kimchi disseram que esse nome significa "nenhuma glória". Como *interpretação*, esse nome adquiriu o sentido de "glória do Senhor". E, para completar, adicionamos a isso "se foi". O contexto dos acontecimentos favorece essas interpretações, embora elas não se encontrem no nome propriamente dito. Quanto a uma discussão mais completa, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Icabô*. Esse nome continuou a ser usado para expressar consternação diante de algo que antes tinha importância ou era promissor, mas se perdeu. O pecado é causador de perda, e até mesmo homens bons caem nessa armadilha. Eli era um homem bom, mas fraco, e perdeu controle da situação. A referência específica é à perda da arca, onde a glória e a presença de Deus se manifestavam, mas que agora estava nas mãos dos filisteus. Ver as notas sobre o vs. 22, onde a idéia é explicada.

Ai da Glória! Essa é uma significação possível do nome do menino Icabode. É um significado apropriado, de acordo com o contexto. A glória do Senhor tinha sido perdida para Israel.

4.22

Foi-se a glória de Israel. Este versículo atua como uma interpretação do nome *Icabode*, bem como um comentário sobre o que acontecera à arca da aliança. O tabernáculo perdera a glória, porquanto era na arca que se manifestava a presença do Senhor. Cf. Sal. 78.59-61, onde a arca é descrita como a força e a glória de Deus. Sem a arca, o culto inteiro se esvaziou de significado, pois a arca era o centro do culto. "... a adoração e as ordenanças de Deus foram removidas do povo de Israel, e a glória foi-se deles; o Deus da glória não mais podia ser visto entre eles, sendo Ele glorioso em Sua natureza, perfeição e obras..." (John Gill, *in loc.*).

"A esposa daquele homem profundamente corrupto mostrou o quanto o povo de Israel estava imbuído do senso do valor do pacto estabelecido com Deus" (Von Gerlach). A arca da aliança significava uma suspensão temporária das obras da aliança, se não mesmo da própria aliança. E era isso que a esposa de Finéias lamentou profundamente, embora em seu momento de crise e morte.

Capítulo Cinco

A Arca na Filístia (5.1-12)

Asdode, mui provavelmente, era a mais importante das *cinco* principais cidades dos filisteus, servindo como uma espécie de capital da nação. Por esse motivo os filisteus levaram a arca para lá. O grande prêmio ficou em exibição no templo de Dagom, um dos muitos deuses do panteão dos filisteus. Essa circunstância significou uma grandiosa vitória para eles. Conforme provaram os acontecimentos subseqüentes, porém, a estadia da arca entre os filisteus lhes foi extremamente prejudicial. Muitos infortúnios lhes sobrevieram, de modo que, após algum tempo, eles se alegraram por poderem desvencilhar-se da arca. Os filisteus tinham "apostado alto", conforme diz certa expressão idiomática. Mas, na pessoa de Davi, todo o triunfo filisteu seria anulado, e os inimigos de Israel seriam varridos da face da terra.

Os filisteus foram o principal adversário de Israel na porção final do período dos juízes. Mas durante a monarquia, a ameaça representada pelos filisteus chegou ao fim. Houve, contudo, outras ameaças, e as guerras e carnificinas prosseguiriam; mas o período dos filisteus estava chegando ao fim. "O Senhor de Israel não somente era onipresente, mas também onipotente, um fato que os filisteus acabariam aprendendo" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

5.1

Tomaram a arca de Deus. Ver o quarto capítulo quanto à história da captura da arca da aliança por parte dos filisteus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Arca da Aliança*.

Ebenézer... Asdode. Há artigos em separado sobre essas duas cidades, no *Dicionário*. A arca foi capturada em um lugar perto de Ebenézer e foi levada para o acampamento dos filisteus em Afeque (ver I Sam. 4.1) ou, talvez, diretamente de Ebenézer para Asdode. A distância entre essas duas cidades era de cerca de 48 quilômetros, enquanto de Silo a Asdode havia cerca de 80 quilômetros. Essas distâncias não eram muito grandes, mas a recaptura da arca, mediante expedição militar, era um feito quase impossível para Israel, na ocasião. Não havia como penetrar no âmago do território dos filisteus e então prevalecer sobre eles.

5.2

E a meteram na casa de Dagom, junto a este. A arca ficou exposta bem ao lado do ídolo principal dos filisteus. No *Dicionário* há um artigo detalhado sobre essa divindade pagã e seu sistema idólatra, pelo que não repito detalhes aqui. A arca da aliança foi posta perto da cauda do deus-peixe, dando a entender a vitória de Dagom sobre Yahweh, e a submissão deste a um falso culto. Como é óbvio, as coisas não podiam permanecer daquele jeito. Dagom era representado como um ser parte homem, parte peixe. Os filisteus não possuíam origem semita, embora tivessem adotado um idioma semítico e costumes próprios dos semitas. Parece que, originalmente, *Dagom* era um deus acádico da vegetação, adorado no vale do rio Eufrates; mas o culto a Dagom assumia formas diferentes em diferentes culturas. Esse culto era um dos *mais importantes*, extremamente generalizado; e o artigo detalhado sobre ele fornece o que se sabe a respeito.

Anos antes, Sansão, no último uso de sua força extraordinária, havia derrubado o telhado do templo de Dagom, matando na ocasião 3.000 filisteus. Ver Juí. 16.23 ss. quanto ao relato. Agora, pois, os filísteus conseguiram vingar-se do ultraje sofrido. Essa vingança, porém, não teria vida longa.

5.3

Eis que estava caído Dagom. Isso aconteceu logo na manhã seguinte. Caído de seu pedestal, o ídolo estava de bruços, rosto em terra. Alguma força misteriosa havia derrubado o ídolo. Aquilo era uma novidade, embora não fosse algo tão horrendo. Os filisteus simplesmente recolocaram o ídolo em seu lugar, e não pensaram mais a respeito. No entanto, quando o fenômeno tornou a acontecer, eles ficaram intrigados. Os adoradores tinham ido honrar seu ídolo. Desgraçadamente, porém, ali estava Dagom caído de rosto em terra, o que não era coisa muito gloriosa para um alegado grande poder. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Deuses Falsos*.

5.4

Levantando-se de madrugada no dia seguinte. O fenômeno repetiu-se logo no dia seguinte, mas dessa vez o ídolo estava despedaçado diante da arca. O original hebraico, na verdade, diz que os membros do ídolo tinham sido *decepados*, o que significa que seria muito difícil encontrar uma explicação para o acontecido. Dagom não havia sido apenas derrubado e despedaçado, mas também alguma força o tinha cortado. O vs. 7 mostra-nos que ninguém sugeriu que uma força natural ou humana havia causado o fenômeno. Imediatamente os filisteus concluíram que o poder de Yahweh os estava desafiando.

Dele ficara apenas o tronco. "... tinha o formato de um *peixe*, a parte menos nobre, que ficou de pé; a cabeça de forma humana e as mãos estavam despedaçadas no chão" (Ellicott, *in loc.*). "Somente a forma de peixe foi deixada intacta" (Kimchi, o qual também explica que esse ídolo, do umbigo para cima, tinha a forma humana, mas, do umbigo para baixo, tinha a forma de peixe). Foi a parte que permaneceu intacta. Ver Juí. 16.23.

"Essas provas do *poder* e da *autoridade* de Deus prepararam o caminho para os Seus *julgamentos*" (Adam Clarke, *in loc.*).

5.5

Os que entram no seu templo, não lhe pisam o limiar. Visto que os membros decepados caíram no *limiar* do templo de Dagom, por isso mesmo os adoradores evitavam pisar aquele lugar, temendo que o poder que causara o fenômeno também se mostrasse contrário a eles. Entre outras coisas comuns nas religiões primitivas, havia o costume de saltar por cima do limiar. Talvez aquele lugar fosse considerado especialmente sagrado, e o *salto* demonstrasse respeito. Por isso, os críticos pensam que a verdadeira razão para não pisar o limiar do templo fosse o costume antigo, e não o que havia sucedido com a arca. Cf. Sal. 1.9. "Os limiares dos templos, em diversos lugares, eram considerados tão sagrados que as pessoas costumavam prostrar-se e *beijar* o lugar. Quando o cristianismo se corrompeu, a *adoração* das entradas dos templos cristãos também começou" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria*.

"A idolatria sempre foi inimiga da verdadeira religião. Sem dúvida, uma maneira de identificar isso consiste em dizer que, quando os homens adoram com base em meros costumes ou dogmas, estão adorando a um ídolo, e não ao Deus inviolável" (John C. Shroeder, *in loc.*).

5.6

A mão do Senhor castigou duramente. Os *juízos de Yahweh* multiplicaram-se, assumindo várias formas. Talvez tenha havido pragas na Filístia, tal como

antes houvera no Egito. Uma praga específica é mencionada — os "tumores" — que algumas versões apontam erroneamente como "hemorróidas", ou mesmo "hemorróidas sangrentas", segundo interpretou Adam Clarke (*in loc.*). Mas apesar de termos de admitir que um ataque maligno dessa condição é uma praga para os sofredores, dificilmente tal condição de saúde pode estar aqui em foco. É provável que George B. Caird (*in loc.*) esteja correto, ao declarar que a enfermidade era a *peste bubônica*. Essa peste provoca tumores na virilha, nas axilas e também partes laterais do pescoço. Desse modo, uma vez mais, Yahweh mostrou-se mais forte que Dagom e toda a idolatria dos filisteus. A Vulgata encerra aqui um curioso eufemismo: "Ele os feriu nas partes mais sagradas de suas partes posteriores". Talvez o trecho de Sal. 78.66 se refira a essa praga, ao falar do "perpétuo desprezo".

A *Septuaginta* e a *Vulgata* adornam o texto, falando sobre outras pragas: "E as cidades e os campos de toda aquela região explodiram com ratos, e houve a confusão de tremendo morticínio na cidade". I Sam. 6.4 menciona os *camundongos*, e alguns estudiosos defendem a adição como representação do texto hebraico original, que manuscritos posteriores presumivelmente perderam. Mas o reverso também pode ser verdade. Aquele versículo pode ter inspirado a adição espúria que se vê aqui, em algumas versões.

Heródoto explicou que os *ratos* são símbolos de pragas, e isso talvez seja ilustrado na adição que se vê na Septuaginta e na Vulgata. Nesse caso, teriam ocorrido diversos tipos de pragas como punição imposta por Yahweh. "Ratos de ouro" (ver I Sam. 6.4), pois, teriam sido um símbolo da peste bubônica. Como se sabe, essa peste é causada pelo bacilo de Yersim, transmitida originalmente pelas pulgas que sugam o sangue de camundongos e o transferem para o sangue humano.

5.7

Vendo os homens de Asdode que assim era. As *pragas* sobrevieram súbita e poderosamente. Pessoas morriam por toda parte. Os filisteus nem se deram ao trabalho de buscar explicações naturais para o que estava sucedendo. Eles sabiam que Yahweh estava por trás de tudo aqui, e corretamente chegaram à conclusão de que a arca, representação simbólica da presença de Deus, precisava ser devolvida aos filhos de Israel.

Heródoto (1.1, cap. 105) conta uma história similar. Os citas saquearam o templo de Vênus, em Ascalom, que nos dias mais antigos era uma das cinco principais cidades dos filisteus. Depois disso, as deusas daquele lugar afligiram as mulheres com doenças venéreas (talvez a gonorréia). E isso foi considerado uma aflição causada por algum sacrilégio.

"Agora eles entenderam que não haviam prevalecido sobre Israel, que também não eram mais fortes que Yahweh. Percebiam quão facilmente Deus era capaz de confundir e destruir toda a nação filistéia" (Adam Clarke, *in loc.*).

5.8

Todos os príncipes dos filisteus. Ou seja, os "prefeitos" das cinco principais cidades da Filístia, além de outros oficiais importantes da nação. Havia um governo geral que congregava as cinco cidades. Assim, o texto sagrado nos informa que o governo central da Filístia se uniu para discutir a questão. Foi uma espécie de *assembléia nacional*.

"Parece que a federação dos filisteus era muito poderosa... envolvendo atividades marítimas e comércio exterior. Eles controlavam boa fatia dos negócios efetuados pelo mar Mediterrâneo, sendo esse mar o grande elo de ligação entre as nações ocidentais e orientais do mundo antigo. Sem dúvida, tudo isso se relacionava à adoração a Dagom, o deus-peixe... A constituição da Filístia era *oligárquica*, ou seja, o governo estava nas mãos de um colégio de príncipes, cujas decisões nunca eram desafiadas pelos cidadãos" (Ellicott, *in loc.*).

Príncipes. O original hebraico toma aqui, por empréstimo, um vocábulo, *séren*, que nunca foi usado senão em alusão aos cinco senhores filisteus. Talvez a palavra esteja etimologicamente relacionada ao grego *tyrannos* (em português, "tirano"), uma palavra que não tinha origem propriamente grega, pois talvez fosse proveniente de línguas faladas por povos do mar Egeu. Seja como for, os *príncipes* filisteus atuavam de modo bastante parecido com os dos *tiranos* gregos, embora estes últimos só tenham surgido em cena poucos séculos mais tarde. As cinco principais cidades da Filístia eram governadas de maneira similar ao que se via nas cidades-estados helenas...

Seja levada a arca do Deus de Israel até Gate. Ainda relutantes em devolver a arca da aliança e admitir sua derrota, os filisteus imaginaram tolamente que enviá-la para outra cidade (ver no *Dicionário* acerca de *Gate*) faria cessar a peste. Na verdade, porém, Deus seguiu a arca, fazendo rebentar idêntica praga, em Gate, que tinha atingido Asdode. Visto que Gate ficava apenas a cerca de 20 quilômetros de Asdode, era tolice supor que tão pequena distância produziria alguma diferença. Os homens, em sua insensatez, fazem muitas coisas tolas.

As cinco cidades principais dos filisteus eram Asdode, Gate, Asquelom, Ecrom e Gaza. O texto sagrado, pois, mostra-nos que a arca acabou visitando *três* dessas cidades (Asdode, Gate e Ecrom), antes que os filisteus finalmente se dispusessem a dela desvencilhar-se, devolvendo-a aos filhos de Israel.

5.9

A mão do Senhor foi contra aquela cidade. O que acontecera em Asdode agora sucedia em Gate. Uma pequena mudança de localização geográfica (cerca de 20 quilômetros) não poderia estancar o poder de Deus. Essa circunstância sugere que os filisteus pensaram insensatamente que, se a arca do Senhor fosse removida do templo de Dagom, o antagonismo cessaria.

Naturalmente, os *críticos* vêem aqui somente a ação de causas naturais, supondo que o contágio da peste bubônica também tivesse atingido Gate. De fato, causas naturais poderiam ter afetado todo o território filisteu; mas sabemos que não estiveram envolvidas somente causas naturais. É melhor dizer que o poder de Deus não se limitava à propagação bacteriológica das pragas, e que o sobrenatural operava sobre o natural.

5.10

Enviaram a arca de Deus a Ecrom. A mudança seguinte foi para Ecrom. As notícias sobre pragas devastadoras já haviam chegado àquela cidade, juntamente com a idéia de que a sua causa era "a presença da arca"; por esse motivo o povo daquele lugar recusou-se a receber a arca do Senhor. Essa recusa levou os príncipes filisteus a reunir-se novamente para discutir o problema, em busca de uma solução melhor do que ficar mudando a arca de cidade para cidade. Ecrom ficava cerca de 32 quilômetros quase bem ao norte de Gate e também era uma das cinco cidades principais da Filístia. Ver sobre *Ecrom* no *Dicionário*. Ali era o centro da adoração a Baalzebube, o deus das moscas, uma das muitas formas que a idolatria dos filisteus assumia. O versículo seguinte mostra-nos que a arca permaneceu em Ecrom por tempo bastante para atrair a(s) mesma(s) praga(s) que as duas cidades anteriores haviam sofrido.

5.11

Devolvei a arca do Deus de Israel. Ecrom também foi vitimada por pragas, e morreu ali grande número de pessoas, embora o versículo anterior dê a entender que a arca da aliança não tenha sido bem acolhida. É evidente, contudo, que a arca ficou em Ecrom tempo suficiente para que a praga se disseminasse, com os mesmos trágicos resultados ocorridos nas duas outras cidades.

A mão de Deus. Temos aqui a declaração sobre a verdadeira causa da praga, as operações castigadoras de Yahweh. E assim os príncipes filisteus, reunidos ali ou em algum outro centro importante, tentaram decidir sobre o problema. O resultado da conferência foi que a *única solução* possível consistia em devolver a arca da aliança a Israel, a seu *lugar* no tabernáculo em Silo. A presença da arca em território filisteu havia custado alto preço, e não valia a pena ficar com ela, mantendo uma vingança tola. Muito mais proveitoso era eliminar a presença amaldiçoadora da arca, com seu poder de atrair tremendas pragas. Ver as notas sobre o vs. 8 deste capítulo, quanto ao tipo de governo que havia na federação filistéia.

"Os senhores dos filisteus, todavia, por longo tempo hesitaram se deveriam livrar-se do mortífero troféu de sua vitória militar. Eles tinham crescido com um respeito indefinido sobre a *caixa de ouro*, que, conforme supunham, por tantas vezes havia levado o exército de Israel à vitória, nos dias de Josué, o famoso conquistador hebreu" (Ellicott, *in ioc.*).

5.12

Eram atingidos com os tumores. Este versículo alerta-nos para o fato de que mais de uma praga atacava os filisteus. As pessoas morriam de várias coisas, e não somente da praga que causava os tumores. Alguns morriam prontamente, mesmo sem os sintomas da terrível peste bubônica. Sem importar qual fosse a causa, se uma só ou diversificada, uma coisa era certa: grande número de pessoas morreu, havendo muito choro e lamentação, a ponto de os clamores chegarem ao próprio céu e, por assim dizer, aos ouvidos dos deuses. Havia grande e universal consternação. Tudo isso nos faz lembrar do que aconteceu aos egípcios, sobretudo no caso da última praga, que aniquilou todos os *primogênitos*. Ver Êxo. 12.

Capítulo Seis

Devolução da Arca (6.1 – 7.1)

Ver o capítulo 5 quanto à grande tribulação que a arca causou aos filisteus, primeiramente em Asdode, então em Gate e finalmente em Ecrom. A principal dificuldade foi a peste bubônica (ver I Sam. 5.9); mas outras pragas, ao que

parece, também estiveram envolvidas (ver I Sam. 5.12). O resultado foi devastador, porquanto muitos morreram das pragas e grande e amargo clamor subiu ao céu (ver I Sam. 5.12). Os *senhores* dos filisteus (ver I Sam. 5.8 quanto à federação dos filisteus e seus tiranos) decidiram assim enviar a caixa dourada (a arca) de volta a Israel. Antes de realmente enviar a arca, para certificar-se de que tinham tomado a decisão correta, os senhores dos filisteus consultaram seus sacerdotes e adivinhos. Eles queriam contar com orientação e sanção para o movimento. Aqueles adivinhos aconselharam os senhores a enviar uma generosa oferta de avaliação com a arca, como se isso fosse aplacar a ira de Yahweh, o Deus de Israel. Eles julgaram que uma grande ofensa tinha sido cometida, e a mera devolução da arca não seria suficiente para trazer libertação das pragas. A história ainda não havia terminado, porquanto a mão de Yahweh novamente atacava na cidade israelita de Bete-Semes (vs. 19). Mas finalmente a contenda terminou, e Israel uma vez mais obteve a posse da arca (ver I Sam. 7.1). O incidente deu a Samuel a oportunidade de tentar desviar Israel de seus pecados e de sua idolatria, para inaugurar assim um Novo Dia (ver o sétimo capítulo).

6.1

Sete meses esteve a arca do Senhor na terra dos filisteus. O autor sagrado agora nos informa que todas aquelas tragédias nas cidades de Asdode, Gate e Ecrom ocorreram *no sétimo mês em que a arca estava na Filistia. Durante* esse tempo, Israel agonizava devido à perda da arca e, sem dúvida, muitos oravam por sua devolução segura. Yahweh respondeu a essas orações, fazendo Sua *pesada mão* oprimir os filisteus. Ver os vss. 6 e 7.

6.2

Estes chamaram os sacerdotes e os adivinhadores. Embora pagãos e idólatras, os filisteus, como a maioria dos povos antigos, tinham aguçada sensibilidade espiritual. Não se contentavam apenas com que os poderes *seculares* (os seus senhores, ver I Sam. 5.8) tivessem a última palavra em questões de importância nacional. Por isso mesmo, convocaram sacerdotes e adivinhadores para ratificar a decisão de devolver a arca a Israel. Não queriam cometer outro equívoco e causar mais tribulações e pragas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Adivinhação.* Cf. Deu. 18.10. Não somos aqui informados de qual seria o *modus operandi* de suas adivinhações, mas, sem importar quais fossem, eles confirmavam a retidão de seus poderes seculares. "Nos conselhos de todas as nações da antiguidade, os adivinhos ocupavam lugar distinto. Ouvimos falar deles sob diferentes designações, como mágicos, feiticeiros, bruxos, áugures, oráculos etc. Eles estranhamente trabalhavam com a ajuda de flechas, entranhas de animais mortos, observação de estrelas e sinais naturais, vôo das aves etc. Talvez, aqui e ali, fossem ajudados por maus espíritos... Isaías (3.2) menciona-os especialmente e considera-os entre as ordens que serviam ao estado (Ellicott, *in loc.*). O artigo mencionado acima descreve modos de adivinhação. Ver também sobre *Magia e Feitiçaria.*

6.3

Responderam eles. Os *adivinhos* concordaram que a arca tinha de ser devolvida, visto que fora cometido um *traspasso* contra Yahweh, o Deus de Israel. Outrossim, recomendaram amplo oferecimento de víveres juntamente com a arca, como uma *oferenda* pelos traspassos. A outorga de tais coisas era um ato de *apaziguamento comum, quer a um deus, quer a algum rei terreno que tivesse sido* ofendido.

"É uma opinião comum entre todas as pessoas que, embora o Ser Supremo de nada precise de Suas criaturas, contudo Ele lhes requer *total* consagração. O mesmo argumento que prova sua independência, infinitude e auto-suficiência, prova também a nossa dependência e a obrigação de estar sob as Suas exigências, e de oferecer-Lhe dupla indicação de nossa gratidão e submissão... O próprio Deus ordenou a Seu povo que não aparecesse diante Dele sem uma oferenda (ver Êxo. 23.15). Ninguém podia aparecer de mãos *vazias*" (Adam Clarke, *in loc.*).

6.4

Cinco tumores de ouro. A peste bubônica causa tumores em várias áreas do corpo, o que anoto em I Sam. 5.6. A aparência daqueles tumores deveria ser representada nos tumores de ouro. O número dado aqui, *cinco,* foi determinado pelo fato de os filisteus terem cinco cidades e cinco principais senhores que governavam sobre elas. Ali estava o coração de sua federação. Ver sobre I Sam. 5.8 quanto a essa informação. Assim, aqueles tumores de ouro diriam: "Yahweh, Deus de Israel, estamos tristes por ter tirado a arca de seu lugar. E cada tumor de ouro diz que cada senhor filisteu Te pede perdão". Os cinco tumores de ouro devem ter sido distinguidos como coisas que representavam condições feias, mas, finalmente, seu simbolismo era claro. E, obviamente, seu valor monetário era considerável, pois sem dúvida eles eram feitos de ouro puro.

"Era um costume geral entre as nações da antiguidade oferecer à sua deidade, a quem a enfermidade era atribuída, a *similaridade* das partes enfermadas. Os que tinham escapado de afogamento poderiam oferecer gravuras ou vestes a Netuno, que era quem governava os mares. Os escravos e gladiadores apresentavam os braços a Hércules. Os cativos dedicavam suas correntes a alguma divindade, quando eram soltos... Votos similares continuam sendo feitos em alguns dos países católico-romanos" (Ellicott, *in loc.*).

Cinco ratos de ouro. Ratos eram as causas da praga. As pulgas transmitem as bactérias da peste bubônica aos homens, tendo primeiramente infernizado os ratos infectados. Ver sobre I Sam. 5.6. A menção aos ratos entra aqui abruptamente nos manuscritos hebreus, mas a Septuaginta e a Vulgata Latina os citam em I Sam. 5.6. Talvez essa fosse a leitura original que os manuscritos hebraicos existentes acabaram por perder. Alguns intérpretes supõem que tenhamos em questão duas pragas: a peste bubônica e o grande excesso de ratos que passou a contaminar e comer tudo. Provavelmente devemos entender aqui duas pragas separadas, mas de alguma forma, uma *causada* pela outra. O número *cinco* tem o mesmo simbolismo, como no caso dos tumores de ouro. Portanto, havia dupla ênfase, *dois símbolos* do arrependimento filisteu por terem tirado a arca de aliança de Yahweh para fora de seu devido lugar. O *vs. 5,* porém, mostra-nos que a grande abundância de ratos era igualmente uma praga, e algo separado da contaminação pelas pulgas, o que os filisteus sem dúvida não compreendiam. De alguma maneira, contudo, eles tinham associado os ratos à praga. Eles sabiam que a peste bubônica sempre era acompanhada por grande abundância de ratos. A associação era clara, mesmo se eles não compreendessem o *porquê.*

6.5

Fazei umas imitações. Os próprios ratos eram uma grande praga. Mas de alguma maneira (misteriosamente) eram a causa das *demais* pragas. Embora não tivessem ciência para explicar o *porquê* das coisas, os filisteus tinham senso *suficiente para associar a abundância dos ratos com o irrompimento* da peste bubônica. Naturalmente, *ambas as coisas* eram atribuídas ao julgamento de Yahweh sobre eles, por ter sido removida a arca de seu legítimo lugar e exibida vulgarmente ao redor da Filistia.

Que andam destruindo a terra. Os ratos saíram a destruir todas as coisas, infestando campos, celeiros e casas. Aos antigos faltavam modos de controlar os ratos. Plínio diz-nos como os ratos campesinos destruíam safras inteiras (*Nat. Hist.* 1.10, cap. 65). Aristóteles anunciou como os ratos aumentavam de tal maneira em número que todos os grãos tinham sido comidos ou contaminados (*Hist. Animal* 1.6, cap. 37). Aeliano informou-nos que os ratos se multiplicavam de tal modo que, em certas partes da Itália, o povo simplesmente abandonava casas e terras e mudava-se para outros lugares que não tivessem a praga dos ratos (*De Animal.* 1.17).

Além de devolver a arca e enviar os dois conjuntos de cinco imagens de ouro, o povo precisava dar "glória a Yahweh", o "Deus" de Israel, para que Ele tomasse conhecimento do retorno da arca e dos oferecimentos, e assim fizesse cessar as pragas. Os filisteus, politeístas, não encontrariam problemas para acreditar que os deuses de outros povos também tinham poder e autoridade sobre certas áreas. Portanto, apesar de admitirem que Yahweh os tinha derrotado naquela questão, não abandonariam seu politeísmo e idolatria. Não seria extraordinário ter de *aplacar* divindades que não faziam parte de seu panteão. Em Jos. 7.19, a expressão "dá glória ao Senhor Deus de Israel" equivale a uma confissão de pecado. Vimos antes que os filisteus confessaram ter traspassado (vs. 4).

6.6

Por que, pois, endureceríeis o vosso coração...? *Um Exemplo Negativo.* Todos os vizinhos de Israel sabiam o que tinha acontecido no Egito e como o Faraó aumentara as tribulações e pragas do Egito, por ter continuamente *endurecido seu coração.* Naturalmente, no êxodo, algumas vezes era Deus quem endurecia o coração do Faraó, ao passo que, em outras, o próprio Faraó se mantinha irredutível. Ver Êxo. 7.3,14,22; 8.15,19,32; 9.12 e 10.1. Seja como for, os adivinhos aconselharam os senhores a não seguir o exemplo prejudicial do Faraó, tentando vencer Yahweh por persistência em seus erros. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pragas do Egito.*

Ao Longo do Caminho. O Faraó fora obrigado a deixar Israel ir-se, porque o Egito estava sendo devastado pelas pragas. Ele teria sido muito mais sábio se os tivesse deixado ir no começo, poupando sofrimento e dor. Por esse motivo que os *adivinhos disseram: "Sede mais sábios que o Faraó. Livrai-vos da arca imediatamente!".* Dessa maneira, sofreriam somente *duas* pragas, e não as *dez* que o Egito experimentara.

6.7

Agora, pois, fazei um carro novo. *Provisões Elaboradas.* O carro usado para transportar a arca não podia ser usado em nenhum outro propósito. A arca era especial e precisava ter seu próprio transporte especial. Ninguém teria empregado um carro comum e vulgar. Yahweh ficaria ofendido com isso. Ele não deteria as pragas. As duas vacas que seriam empregadas para puxar o carro precisavam ser *novas,* sem nunca terem puxado outra carga. O serviço delas teria de ser especial. Assim também todos os outros materiais para transporte tinham de ser novos e nunca usados (cf. Mar. 11.2). Yahweh ficaria aborrecido com "coisas velhas". "Nosso Senhor montou em um burro sobre o qual nenhum homem tinha ainda sentado (ver Mar. 11.2), e Seu corpo morto foi depositado no túmulo *novo* de José, onde nenhum homem havia sido depositado (Mat. 27.60)" (*Speaker's Commentary).* Quanto à suposta virtude das *coisas novas,* ver Juí. 16.7-11.

6.8

Então tomai a arca do Senhor. A *arca* e as preciosas oferendas de ouro foram postas no carro. Os objetos de ouro foram colocados em uma caixa para que fossem carregados em segurança e não se perdessem. O versículo enfatiza o respeito com que os filisteus prepararam oferendas a Yahweh, em contraste com o descuido dos habitantes hebreus de Bete-Semes, cuja curiosidade vulgar levou a mão pesada de Yahweh a ferir uma vez mais (vs. 19).

6.9

Reparai. A *jornada* de Ecrom a Bete-Semes (ver a esse respeito no *Dicionário*) era de apenas 36 quilômetros. Mas isso teria sido uma grande distância para vacas que nunca tinham puxado uma carga e de cujos bezerros tivessem sido separadas.

O Teste. Se aquelas duas vacas novas se dirigissem diretamente ao destino, sem causar nenhuma perturbação, então isso serviria de *sinal* de que Yahweh, de fato, havia causado toda aquela dificuldade. Mas se as vacas se rebelassem no caminho, então isso serviria de sinal de que tudo ocorrera por mero *acaso.* Se assim fosse, os senhores tomariam a questão como uma *curiosa coincidência* e reteriam a arca. Os filisteus supunham que Yahweh daria outra demonstração de poder, controlando os atos naturais rebeldes das duas vacas. Se Ele queria de volta a arca, então teria de conservar as vacas em boa ordem e fazê-las mover-se ao longo de seu destino.

O texto poderia dar a impressão de que as vacas foram enviadas sozinhas até Bete-Semes, sem condutores, e somente Yahweh haveria de guiá-las. Mas o vs. 16 mostra-nos que os *cinco senhores* fizeram a viagem dirigindo as vacas.

Deus ou Mero Acaso? O teste que os adivinhos filisteus propuseram, todo homem deve enfrentar em sua própria vida. Nossa vida está sendo dirigida de acordo com algum plano divino, para algo maior que nós, ou caminha a esmo, segundo mero acaso? Ver os dois artigos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ou seja, *Desígnio* e *Destino,* onde discuto questões como o acaso e o destino. Ver também sobre *Coincidência Significativa.*

Deus está no céu,
Tudo está correto no mundo.

(Browning)

Guia-me, ó grande Yahweh,
Peregrino nessa terra infértil;
Sou fraco, mas Tu és forte,
Segura-me com Tua poderosa mão.

(William Williams)

6.10

Assim fizeram aqueles homens. O *plano* foi seguido. As duas vacas foram colocadas juntas para puxar o carro. Seus filhotes, provavelmente ainda em período de amamentação, foram levados para algum outro lugar. O plano foi estabelecido para que as vacas ficassem irritadas e se recusassem a puxar o carro na direção de Bete-Semes. Essa era a cidade mais próxima de Israel, na fronteira com a Filístia, a somente 36 quilômetros de distância; mas aquela era uma distância enorme para duas vacas inexperientes. Se as vacas se rebelassem, então os senhores reconheceriam isso como um *sinal* de que as pragas sofridas haviam ocorrido por acaso, e não através do julgamento de Yahweh. Nesse caso, eles reteriam a arca, um troféu de seu triunfo sobre Israel.

6.11

Puseram a arca do Senhor sobre o carro. Este versículo repete a informação do vs. 8, onde são dadas as notas. Os filisteus não foram punidos por tocarem a arca, como aconteceu com Uzá, porquanto não tinham alternativa para realizar o que tinham decidido fazer. Ver II Sam. 5.6,7. Ver o vs. 5 quanto ao simbolismo e ao significado dos *dez* objetos de ouro, que seriam oferecidos para reter a ira de Yahweh.

6.12

As vacas se encaminharam diretamente para Bete-Semes. O *sinal* que os príncipes filisteus procuravam foi dado, desde o princípio até o fim da viagem. Aquelas vacas inexperientes, embora tivessem deixado seus filhotes para trás, caminharam diretamente na direção de Bete-Semes, e não se rebelaram, mantendo os olhos firmes no alvo. Isso significava que Yahweh realmente era a causa das pragas, e obviamente estava controlando os animais, a fim de obter de volta a Sua arca da aliança. O versículo parece indicar que as vacas puxaram o carro sem orientação, enquanto os senhores filisteus seguiam atrás, observando a visão extraordinária. Ver o vs. 9 para o *teste* que os adivinhos filisteus tinham traçado. "Embora elas nada tivessem para guiá-las, conservaram o passo na direção de Bete-Semes... o que demonstrou que estavam sob a orientação do próprio Deus" (John Gill, *in loc.*).

Seguiam sempre por esse mesmo caminho. Como se estivessem contentes, embora distantes de seus filhotes. Não obstante, seguiram jornada sem se queixarem ou se rebelarem.

Os príncipes dos filisteus foram atrás delas. Não à frente, para guiá-las, mas atrás, como se os animais os estivessem dirigindo. Yahweh era o verdadeiro guia dos animais, essa é a mensagem central do autor sagrado.

"Os animais mudos fizeram o que os sacerdotes idólatras e os adivinhos dificilmente creram ser possível, pois a mão de Deus os guiava" (Ellicott, *in loc.*). Houve uma intervenção divina, dada pela *Providência de Deus* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

6.13

Andavam os de Bete-Semes fazendo a sega do trigo no vale. O carro fazia seu caminho ao longo da estrada que atravessava a terra de fazendas. Assim acontecia que os segadores que trabalhavam nos campos viam a maravilha, a arca aproximando-se no carro. Eles sabiam que a arca tinha sido furtada, e era grande a maravilha de ser trazida de volta. Os filisteus entravam em território hostil, mas escolheram *Bete-Semes* por causa de seu direito à fronteira, contudo sempre dentro do território de Israel. A arca poderia ser deixada ali sem que se arriscassem a algum golpe militar da parte de Israel. Bete-Semes era uma cidade sacerdotal que seria o local temporário da arca, pois Silo jazia em ruínas devido aos ataques filisteus. Ver no *Dicionário* detalhes que não incluo aqui. Ver Jos. 21.16 e I Sam. 6.15 quanto ao fato de que se tratava de uma cidade sacerdotal. Visto que era uma cidade dada aos levitas, e que eles eram versados na lei e nos costumes dos hebreus, é ainda maior a maravilha que algumas pessoas da região, em curiosidade, tiveram coragem de tocar a arca e olhar para ela, o que produziria horrenda punição.

6.14

O carro veio ao campo de Josué. Esse Josué era um habitante de Bete-Semes, e não o Josué do livro que leva seu nome. Provavelmente, era um sacerdote ou levita proprietário da fazenda ou pedaço de terra onde o carro agora entrava.

No campo havia uma *grande pedra* que se elevava do chão. Foi, após algum tempo, chamada de "grande pedra" (ver o vs. 18). A menção da pedra revelou como a arca veio a repousar ali, e como as gerações que se seguiram foram capazes de identificar o lugar mediante tal pedra. É possível que a pedra tenha sido usada como um altar para receber sacrifícios, e alguns judeus dizem que Abraão a erigiu (*Hieron. Trad. Heb.* in lib. Reg. foi. 75), mas acerca desses detalhes não podemos ter certeza alguma.

Seja como for, a pedra era, pelo momento, usada como um *altar*; as vacas foram sacrificadas sobre ela, e o carro foi completamente destruído. A razão para isso era que os animais e outros objetos tinham sido usados com um propósito sagrado e não podiam, por isso mesmo, ser empregados em fins profanos. Portanto, um *sacrifício a Deus* era a legítima conclusão da questão. Naturalmente, foram os sacerdotes hebreus em Bete-Semes que efetuaram o ritual. A presença da arca tornou o sacrifício legítimo, embora ela não estivesse em Silo, o lugar designado. De qualquer maneira, Silo jazia em ruínas e deixara de ser o local do sítio da arca.

6.15

Os levitas desceram a arca do Senhor. A arca estava sendo devolvida para pacificar Yahweh, que fora ofendido e enviara as pragas sobre os filisteus. O

ato foi completado com ofertas queimadas e sacrifícios. Aquele dia foi separado para oferecer uma comemoração sacrificial especial. Os críticos, contudo, supõem que este versículo seja a interpolação de algum editor que queria fazer a sua história coincidir com os requisitos do código sacerdotal. Não é assim tão ilógico supor que os levitas do lugar simplesmente cumpriam seus deveres, e era coerente com suas funções ordenar uma condição especial de sacrifícios para celebrar a recuperação da arca. Visto que Bete-Semes era uma cidade sacerdotal, não há razão para duvidarmos que os levitas estavam ali para receber a arca, chamados pelos fazendeiros.

6.16

Viram aquilo os cinco príncipes dos filisteus. Os senhores filisteus observavam os acontecimentos, incluindo os sacrifícios. Eles sabiam que tinham cumprido sua missão, seguindo todos os conselhos dos adivinhos e sacerdotes (ver I Sam. 6.2 ss.). Visto que arca estava agora de volta nas mãos dos hebreus, e ainda mais devidamente, nas mãos dos levitas, esperavam que as pragas cessassem. Assim sendo, os cinco senhores voltaram para casa aliviados por terem cumprido seu dever e abreviado o sofrimento de seu povo.

6.17

São estes, pois, os tumores de ouro. *O autor sagrado pára por um momento para fazer-nos lembrar dos cinco tumores* de ouro que representavam as cinco principais cidades da federação filistéia. Eles nomeiam aqui todas as cinco cidades para garantir que os leitores estão plenamente informados sobre o assunto. Cada cidade recebe um artigo distinto no *Dicionário.* Ver as notas sobre o vs. 4 para maiores informações sobre os grandes tumores de ouro que faziam parte da oferenda de culpa de pecado para aplacar Yahweh.

6.18

Como também os ratos de ouro. Além dos cinco tumores de ouro, havia os cinco *ratos de ouro* que representavam a causa das pragas. Este versículo repete a informação do vs. 5, onde são dadas as anotações expositivas. A arca ficara temporariamente em Asdode, Gate e Ecrom; mas alguns intérpretes pensam que ela visitara todas as cinco cidades, e por isso cinco tumores e cinco ratos eram necessários para aliviar todas as cinco cidades de suas pragas. Não havia que duvidar, a praga tinha-se estendido à terra toda, mas as cinco cidades representavam o *todo.*

A grande pedra. Algumas traduções dizem *pedra de Abel.* Alguns pensam que *Abel* é o nome da cidade e a identificam com Bete-Semes. Mas através de uma leve modificação na palavra *abei* temos a palavra hebraica que significa *grande.* A Septuaginta e o Targum caldaico dizem *grande,* em lugar de Abel, e essa é, provavelmente, a leitura original do hebraico, que foi corrompida para *Abel* nos manuscritos existentes, ao passo que *aven* (pedra) era a palavra original. Pedra de Abel significa "pedra de lamentação", ao passo que aparentemente constava no original apenas "grande pedra".

A pedra também podia ser vista na época do autor. Tinha-se tornado um memorial do evento ali ocorrido. Mas a arca foi removida para *Quiriate-Jearim* (ver o vs. 21).

6.19

Feriu o Senhor os homens de Bete-Semes. *Tudo Aquilo Foi um Estúpido Sacrilégio.* Ali estavam levitas para gritar: "Mantenham-se longe da arca. Não toquem nela". Mas alguns homens de Bete-Semes (possivelmente incluindo alguns levitas!), vencidos pela curiosidade, não apenas tocaram a arca, mas olharam para dentro a fim de verificar se as tábuas da lei ainda estavam presentes. A legislação mosaica afirmava que somente os levitas poderiam manusear a arca; e até mesmo eles tinham de evitar tocar diretamente no objeto sagrado. Ver Núm. 4.5,15,20. A vara era carregada sobre varais. Mas tocar nela e olhar para dentro dela era uma pesada transgressão. Desobediência desse tipo podia trazer a morte. Ellicott sugeriu que os principais homens da cidade, incluindo os levitas, tendo feito uma grande celebração e estando bêbados com tanto vinho, terminaram agindo estupidamente como referido neste têxto. Talvez "esquentados com tanto vinho" eles tenham caído na armadilha de sacrilégio e acabaram pagando com a própria vida.

A Pesada Mão de Yahweh Administrou a Morte. O texto hebraico diz que Yahweh matou 50.070 homens. Os números em hebraico formavam-se pelo uso de letras, e era fácil fazer grandes mudanças nos números por pequenas modificações com as letras. Assim a Revised Standard Version diz aqui 70 homens, em lugar dos fantásticos mais de 50.000. Por outro lado, o grande número pode ter sido tencionado pelo autor original, num exagero da questão. Eruditos acreditam que não havia como saber se Bete-Semes tinha tanta gente.

"Aqui fica perfeitamente claro que o presente texto hebraico... está corrompido... Bete-Semes nunca foi uma cidade grande ou importante; de fato, não havia nenhuma *grande* cidade em Israel, pois a população era sempre pequena, já que as pessoas geralmente viviam em fazendas. O Deão Pay Smith computou a população de Jerusalém, em seus melhores dias, como abaixo de 70.000. As várias versões, como a LXX, o caldaico etc., variam na tradução desses cálculos, deixando-nos boquiabertos. Josefo, *Antiq.* vi. i, par. 4 (dá) o número de *70.* Provavelmente, esse é o número correto" (Ellicott, *in loc.*). Vemos, por conseguinte, que a *Revised Standard Version* segue a liderança de Josefo sobre a questão. Alguns manuscritos hebreus, de fato, dizem *70,* mas eles estão na minoria.

Qualquer que tenha sido o número, a *lição do texto* é bastante clara. *Sacrilégio* produz morte e assim a pesada mão de Yahweh uma vez mais feriu. É possível que a peste bubônica tenha atacado aquelas 70 pessoas, infectadas por pulgas carregadas pelas vacas.

6.20

Então disseram os homens de Bete-Semes. As grandes *calamidades* que sobrevieram aos filisteus sem dúvida foram ouvidas em Israel. Muitos hebreus regozijaram-se ao ouvir que Yahweh tinha punido a nação filistéia por *seu* sacrilégio. Mas agora, de súbito, Yahweh tinha punido os israelitas por *seus* sacrilégios. A arca era uma negócio sério e os homens temiam o Santo Yahweh-Elohim. Ver *no Dicionário o artigo intitulado Deus, Nomes Bíblicos de,* que explicam esses títulos.

Os Pobres Pecadores. Tendo discernido a causa do golpe fatal que caíra sobre seus irmãos, reconheceram acertadamente que eles não eram melhores do que aqueles que tinham caído vítimas de sua infidelidade. Assim sucedeu que sobreveio grande senso de respeito mútuo e temor a *todos* os habitantes de Bete-Semes.

"O ponto, naturalmente, é que não apenas os incrédulos (os filisteus) sofreram quando a lei do Senhor foi desconsiderada. Os crentes (os israelitas) também sofreram quando não se conformaram às Suas estritas exigências" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Eles temeram a presença da arca que, apenas pouco tempo antes, fora a causa de grande regozijo e mórbida curiosidade. Assim, convocaram homens em Quiriate-Jearim para virem e tirarem a arca dali, antes que maiores calamidades caíssem sobre eles.

6.21

Enviaram, pois, mensageiros aos habitantes de Quiriate-Jearim. Ver um artigo detalhado sobre esse lugar no *Dicionário.* A arca ficou ali por vinte anos (ver I Sam. 7.2). Silo estava em ruínas após os filisteus a terem liquidado, e nunca mais a arca foi levada para lá, embora a cidade continuasse a ser um santuário. Os homens de Quiriate-Jearim foram e tomaram a arca, e a terra repousou de pragas por algum tempo. Essa cidade leiga jazia nos bosques do território de Judá. Parece ter sido uma cidade mais importante que Bete-Semes, e um lugar mais apropriado para guardar a sagrada arca, que se tornaria o centro do culto hebreu. Vinte anos mais tarde, Davi tomou a arca dali e a levou a Jerusalém, onde ela continuou até o cativeiro babilônico, por volta de 597 A. C. Ver II Sam. 7.2; I Crô..13.5; II Crô. 1.4.

Capítulo Sete

7.1

Este versículo pertence à seção anterior, e a nova seção começa em I Sam. 7.2.

I Sam. 6.21 diz-nos como os habitantes de Bete-Semes sofreram súbito e desastroso julgamento de Yahweh pelo sacrilégio cometido contra a arca, ansiosos como estavam para transportá-la para um lugar mais apropriado. Ver as anotações em I Sam. 6.21 para maiores detalhes. Este versículo adiciona a informação de que a arca foi levada à casa de Aminadabe, onde um novo santuário foi estabelecido.

Então vieram os homens de Quiriate-Jearim. *Quiriate-Jearim* não era uma cidade levítica, mas a arca da aliança, tendo sido carregada para lá pelos levitas, tornou-a uma cidade levítica pelo espaço de vinte anos (vs. 2).

No outeiro. Ou lugar alto, uma boa localização para um culto religioso. Assim sendo, ao levita Abinadabe foi confiado o culto de Israel durante certo tempo. Josefo (*Antiq.* 1.6, cap. 1, sec. 4) diz-nos que ele era um levita, uma informação lógica.

Eleazar. Ver sobre esse título no *Dicionário,* especialmente o ponto 2. Ver também acerca de *Abinadabe,* ponto 3. A arca ficou sob a custódia da família de Abinadabe por cerca de setenta anos.

Eleazar, filho de Abinadabe, tornou-se guardião da arca. Essa condição perdurou por vinte anos (ver I Sam. 7.2). Embora o texto não afirme tal coisa, é quase certo que Abinadabe era um levita. Os nomes Eleazar e Uzá, bem como Aio (da família de Abinadabe), eram apelativos masculinos levíticos comuns. Samuel teria naturalmente insistido em que a arca ficasse sob a proteção de uma família levítica, embora o próprio autor sacro nada diga sobre a questão.

De acordo com todas as indicações, Eleazar era "um homem santo e bom, sábio e prudente, ativo e zeloso por Deus e pela verdadeira religião... uma pessoa apta para aquele posto" (John Gill, *in loc.*).

Exortação ao Arrependimento (7.2-17)

"Arrependimento Nacional. Enquanto a arca esteve em Quiriate-Jearim, houve um período de paz entre Israel e os filisteus. Eleazar fora consagrado para tomar conta da arca da aliança. Durante todo esse período, Samuel, *profeta* da nação, deve ter servido quieta e constantemente como pastor... Aqueles anos não foram um tempo de ócio para ele, porquanto logo chegou o dia em que ele chamou o povo para um ato de arrependimento nacional (vs. 3). O motivo óbvio para qualquer reavivamento religioso parece ter sido a promessa de vitória sobre os inimigos. Contudo, por si só, isso não poderia ter produzido um arrependimento de âmbito nacional e universal" (John C. Shroeder, *in loc.*).

A mera presença da arca devolvida não era suficiente. Israel foi chamado à obediência e ao serviço ao Deus da arca. "O que era essencial era a submissão ao Deus da arca (vs. 4)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

7.2

Sucedeu que, desde aquele dia, a arca ficou em Quiriate-Jearim. A arca foi trazida a Bete-Semes e poderia ter permanecido ali por algum tempo. Mas a pesada mão de Yahweh feriu o lugar por causa de seu sacrilégio. Assim a arca foi conduzida a Quiriate-Jearim e posta sob os cuidados da família de Abinadabe, especialmente sob o sacerdócio de Eleazar, seu filho. A arca permaneceu sob a custódia daquela família até que Davi a removeu e a colocou em Jerusalém. Portanto, a arca esteve em Quiriate-Jearim pelo espaço de vinte anos, antes de ser levada a Jerusalém. Ver as notas sobre o vs. 1, quanto a maiores detalhes.

"Samuel, o trabalhador de Deus que não se cansava, e Seu povo encontraram nos vinte anos um longo período de espera... A afirmação de 3.19, de que 'nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra' pertence especialmente a esse período de atividade sem descanso... Lentamente mas com segurança, o coração do povo, seguro por Seus apelos amorosos e apaixonados, foi trazido de volta a Seu Eterno Amigo" (Ellicott, *in loc.).*

7.3

Falou Samuel a toda a casa de Israel. Este versículo alerta-nos para o fato de que o culto em Quiriate-Jearim, embora sob a liderança sincera de Eleazar, teve pouca influência em Israel, como um todo, que estava debaixo da influência da *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário*). Os vários cultos a Baal e a Astarote eram, essencialmente, festividades religiosas locais. Além disso, havia a bondade de Canaã, que envolvia toda a espécie de práticas licenciosas, incluindo a prostituição religiosa. Também havia um sincretismo religioso e, em alguns lugares, até mesmo panteões nos quais Baal e Yahweh eram colocados lado a lado na mente do povo de Deus. Alguns chegaram a pensar que Yahweh e Baal eram dois títulos que se referiam à mesma deidade. O culto a Baal e a Astarote eram as raízes de todo esse mal.

Ver no Dicionário os seguintes artigos: 1. *Idolatria*; 2. *Astarote, Astarte*; 3. *Baal (Baalismo).*

Note-se o plural no vs. 4, *Baalins,* que indica vários cultos àquela divindade, um panteão. O vs. 4 também nos dá a forma plural *Astarotes,* nome que indica divindades femininas.

O apelo de Samuel, por conseguinte, era para o retorno ao *yahwismo* puro, com o abandono de todos os cultos estranhos e seus deuses multiformes. O fato de que Israel poderia ter caído em tão profunda e variegada idolatria fala sobre a total desintegração da vida religiosa nacional, em que cada homem fazia as coisas à sua maneira, em vez de seguir a lei de Moisés.

> *Naqueles dias não havia rei em Israel;*
> *cada um fazia o que parecia bom aos seus olhos*
>
> (Juízes 21.25)

As tarefas de Samuel incluíam a consolidação da fé de Israel no *yahwismo,* bem como a consolidação política e social da monarquia. Samuel excitou em Israel uma sede pela restauração da fé no Deus Eterno, um retorno às raízes mosaicas. Completo arrependimento era assim necessário para reverter o curso totalmente reprovado que Israel tinha tomado.

7.4

E serviram só ao Senhor. Temos aí a eficácia do apelo de Samuel. O autor sagrado, sem entrar em detalhes, disse-nos que os apelos e ensinamentos de Samuel tiveram seus efeitos. Nisso tornamo-nos perfeitamente cônscios de que Samuel era um *profeta poderoso.* Ele fez algo que o culto em Quiriate-Jearim não conseguiu fazer. Samuel era uma figura carismática, eloqüente e persuasiva, que também estabelecia um exemplo para o povo. São necessários alguns ingredientes para que um profeta seja nacionalmente bem-sucedido. Ver o vs. 1 quanto à *variedade* idolátrica da qual Samuel teve de afastar o povo.

Tiraram dentre si os Baalins e os Astarotes. "Não duas divindades particulares, mas dois gêneros de ídolos: o primeiro, masculino, os Baalins; e o segundo, feminino, as Astarotes. Ambas as palavras estão no plural e significavam deuses e deusas" (Adam Clarke, *in loc.*).

7.5

Disse mais Samuel. *Representantes* de todo Israel foram chamados a *Mispa* a fim de consolidar os avanços do reavivamento nacional, cumprindo assim os ritos e sacrifícios aceitos pela lei mosaica, a fim de que Yahweh ficasse satisfeito e reconfirmasse sua bênção sobre Israel. Ver o artigo sobre *Mispa,* no *Dicionário,* quanto a detalhes. Mispa ocupava o local onde se situa o moderno Nebi Samwil, ou seja, cerca de 18 quilômetros ao norte de Jerusalém. Foi provavelmente nesse lugar que importantes tradições acerca de Samuel foram preservadas. Jeremias falou sobre quão grande homem de oração Samuel era (ver Jer. 15.1), e esse profeta também passou ali algum tempo, próximo do final de sua vida (ver Jer. 40.6).

O *profeta,* com suas orações poderosas, poria Israel no curso certo. Ver sobre a *Oração,* no *Dicionário.* Cf. a intercessão eficaz de Moisés, em Núm. 16.45, que apresenta uma poesia ilustrativa.

7.6

Congregaram-se em Mispa. A *demonstração de arrependimento nacional* começou com *oblação,* continuou com *jejum* e foi guiada através de *oração.* Ver os artigos detalhados sobre os três elementos, no *Dicionário.*

O ato de tirar água e derramá-la perante o Senhor era sinal de penitência, mas não temos ilustrações disso em nenhum outro lugar. Talvez a experiência no deserto estivesse por trás de tudo. No deserto, a água era realmente preciosa e indispensável para a sustentação da própria vida. Assim sendo, derramar água diante de Yahweh era um ato que dizia: "Eis aqui nossa vida. Nós a dedicamos a Ti". Durante a festa dos Tabernáculos, havia também o derramamento de água do poço de Siloé, dentro do templo, no último dia da festa. Isso era feito em memória do dom de água dado no deserto, através da rocha contra a qual Moisés acabou falando e ferindo. Assim, uma pessoa em tristeza e arrependimento "derrama a sua alma", como se vê no caso de Ana (ver I Sam. 1.15). Os Targuns explicam a questão como se segue: "Eles derramaram o coração em arrependimento, como um homem que derrama água".

Entrementes, Samuel, que já era profeta e juiz, tinha estabelecido todos os seus ofícios em Mispa, por causa de sua liderança no reavivamento *nacional.* Nessa ocasião, Samuel tornou-se um líder nacional, indisputável em sua autoridade. Os juízes governaram áreas locais, não todo Israel, mas Samuel universalizou esse ofício e preparou o caminho para a monarquia.

7.7

Quando, pois, os filisteus ouviram que os filhos de Israel. Os *filisteus* interpretaram a reunião nacional em Mispa como um reavivamento do militarismo e decidiram resolver a questão antes que houvesse chance de eles obterem mais força. Assim, planejaram iniciar guerra e pôr fim à ameaça. Eles não tinham ocupado sistemática e completamente o território de Israel, embora Israel estivesse essencialmente sob seu controle.

Devemos entender, com base no contexto, que Israel tinha destruído santuários pagãos e cultuais (ver os vss. 3 e 4), algo julgado pelos filisteus como um prelúdio para a revolta social e militar.

7.8

Então disseram os filhos de Israel a Samuel. *Um arrependimento contínuo,* que sinceramente fizesse as pessoas voltar-se para Yahweh, garantiria vitória sobre os filisteus. Algo continuamente visto no Antigo Testamento é o fato de que Israel acreditava sempre que tanto a fé religiosa (espiritualidade de acordo com os termos mosaicos) como a vitória nas atividades militares eram necessários para o bem-estar geral do povo. Ver I Sam. 9.16, onde as mesmas palavras são dadas, mas ali no tocante a Saul. Deus salva o Seu povo através da agência humana, mas algumas vezes age com diferentes intervenções, testando dessa

forma a dignidade espiritual do povo. O arrependimento, pois, requer um tipo de heroísmo moral que para muitas pessoas é difícil de obter. A maioria dos homens não pode elevar-se ao verdadeiro arrependimento; e, não obstante, é isso que a Bíblia requer de nós. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Arrependimento.* O verdadeiro arrependimento envolve mudança de vida, mas também *reparação.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Reparação (Restituição).*

7.9

Tomou, pois, Samuel um cordeiro que ainda mamava. Samuel realizou um *holocausto* (ver a respeito no *Dicionário*). Esse holocausto foi, ao mesmo tempo, uma oferta pelo pecado de todo o povo, para remover todos os obstáculos, e um ato de desespero espiritual, clamando pela ajuda de Yahweh em tempos de crise. Entrementes, ele continuou a intercessão que é comentada no vs. 5.

Um cordeiro que estivesse mamando deveria permanecer no mínimo oito dias com a sua mãe, antes que pudesse ser oferecido, uma exigência da lei mosaica (Lev. 22.27). Samuel não era sacerdote, mas apesar disso exercia certos poderes sacerdotais. Alguns estudiosos sugerem que era Eleazar quem realizava os sacrifícios reais, e isso permitiria que todas as demandas capitais fossem satisfeitas pela lei. Era mentalidade dos hebreus que o favor de Yahweh poderia ser obtido através de sacrifícios apropriados, que constituíam o coração de sua fé religiosa. Assim, em tempos de crise, Samuel voltava-se para um sacrifício como meio para obter a ajuda de Yahweh.

7.10

Enquanto Samuel oferecia o holocausto. Enquanto Samuel oferecia o cordeiro, os filisteus se aproximaram, prontos para atacar e pôr fim à suposta revolta. Naquele momento, de súbito, houve uma espécie de intervenção divina que, ao que tudo indica, manifestou-se sob a forma de violenta tempestade que desbaratou completamente os filisteus. O versículo diz-nos que a batalha realmente ocorreu, mas temos aqui um poderoso e inspirado Israel contra um grupo evidentemente assustado de filisteus, preparados para serem postos em fuga. Ver I Sam. 2.10 quanto ao que aconteceu à profecia feita por Ana. Josefo adornou o relato incluindo um terremoto, de modo que os terrores de Yahweh viessem de baixo e de cima (ver *Antiq.* 1.6.3.2 sec. 2). John Gill embelezou o relato ao supor que a terra tivesse aberto a boca e engolido alguns filisteus, uma informação que ele obteve da parte de Josefo.

Os desanimados filisteus fugiram, e a derrota foi completa. O exército vencido entrou em pânico e refugiou-se no mesmo terreno nas vizinhanças de Afeque, onde, anos antes, os filisteus tinham obtido uma vitória notável e tomado a arca da aliança (capítulo 4). Portanto, reversão e vingança foram obtidos por Israel.

7.11

Saindo de Mispa os homens de Israel. Muitas guerras antigas eram decididas em uma grande e imensa matança do inimigo, e assim sucedeu no caso do texto diante de nós. O exército de Israel perseguiu os filisteus de Mispa até perto de Bete-Car. Ver o artigo sobre esse lugar, no *Dicionário.* Sua localização não parece certa, mas talvez tenha sido uma cidade do território de Dã. (As versões dão diferentes nomes por tratar-se de um local desconhecido.) Talvez os filisteus tivessem construído ali uma fortaleza, e esperavam obter alguma ajuda naquele lugar. *"Car"* significa "cordeiro", e pode ter existido ali um templo, onde cordeiros eram sacrificados. Ou talvez se trate tão-somente de um lugar onde as ovelhas eram criadas. Não podemos dizer, contudo, quão distante estava de Mispa, mas sabemos que grande matança dizimou os filisteus e reduziu os seus poderes a ponto de os filisteus se verem sob a ameaça de extinção.

7.12

E lhe chamou Ebenézer. Samuel estabeleceu um memorial para a grande vitória dada por Yahweh. O lugar ficava entre Mispa e Sem, de localização desconhecida. O nome, contudo, sugere "dente", o que indica alguma espécie de marco geográfico, uma rocha que se projetasse para fora do terreno ou alguma outra formação. Cf. I Sam. 14.4.

Samuel chamou essa pedra memorial de *Ebenézer.* Ver um artigo detalhado sobre esse nome no *Dicionário.* O nome significa "pedra de ajuda", dando a entender ajuda *divina.* George B. Caird (*in loc.*) refere-se à leitura utilizando uma leve emenda: "Este é um testemunho de que o Senhor nos tem ajudado". O sobrenatural tinha intervindo. O caso de Israel era desesperador, mas houve uma *intervenção divina,* da qual todos nós, de vez em quando, precisamos em nossa vida. Algumas vezes, enfrentamos situações que estão além de nossas forças e nossos recursos. É então que o poder de Deus vem para intervir em nosso favor. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Esse é o começo do total livramento de Israel dos filisteus, que só seria completado nos dias de Davi, o qual expurgou de Israel os seus inimigos.

Ergo aqui meu Ebenézer,
Que por tua ajuda eu chego;
E espero por Teu bom prazer,
Chegar à minha casa.

(Robert Robinson)

7.13

Assim os filisteus foram abatidos. A ameaça dos filisteus ainda não havia terminado, mas, nesse ponto, parece que eles não mais foram capazes de dominar os territórios de Israel. Eles podiam atacar e invadir, mas não ocupar territórios. E isso representava um grande progresso e o cumprimento das profecias de Ana (ver I Sam. 2.10).

"Samuel é aqui considerado o último e maior dos juízes que livrou Israel de seus opressores" (George B. Caird, *in loc.*).

"Não foi apenas uma vitória solitária, esse sucesso de Israel em Ebenézer, mas o sinal de um novo espírito em Israel, que animou a nação durante o período de vida de Samuel" (Ellicott, *in loc.*). "... mediante intervenção miraculosa" (Adam Clarke, *in loc.*).

7.14

As cidades que os filisteus haviam tomado a Israel. As cidades que tinham sido ocupadas pelos filisteus foram retomadas. Não somos informados sobre as batalhas e vitórias específicas, mas sem dúvida houve um bom número delas. Os filisteus não desistiram meramente e saíram de Israel por causa do que lhes tinha acontecido em Ebenézer. Podem ter sido necessários alguns anos para Israel recuperar aquelas cidades.

Ecrom até Gate. Fica implícito que até mesmo as cidades-fortalezas dos filisteus caíram perante Israel, pelo menos algumas das *cinco* cidades principais. Ver I Sam. 6.17 quanto a essas cidades. Ou então essas palavras podem significar que os filisteus estavam *confinados* às suas próprias cidades e não podiam mais exercer poder além delas. Ou o autor escreveu numa época em que as cinco cidades haviam sido realmente *dominadas* por Israel. Porém, não foi isso o que se deu nos tempos de Samuel.

A batalha de Ebenézer ocorreu por volta de 1084 A. C. Samuel continuou julgando por mais outros trinta anos. Então apareceu Davi e, com ele, plenas vitórias foram obtidas.

Amorreus. O autor usa esta palavra para indicar todos os *cananeus,* ou habitantes da terra, embora, estritamente falando, fossem apenas um dentre *sete* outros povos. Cf. Gên. 16.16; Êxo. 33.2l e Deu. 7.1. Ver no *Dicionário* sobre os *Amorreus.*

7.15

E julgou Samuel. Este breve versículo informa-nos que Samuel continuou a julgar Israel enquanto viveu. Não havia nenhum sucessor. O rei *Saul* substituiu-o como líder nacional político, mas Samuel reteve sua posição como juiz especial e profeta e, por assim dizer, era o poder por trás do trono, mesmo quando Saul foi ungido rei. Ele permaneceu o árbitro legal em Israel, mesmo quando foi instituída a monarquia, de modo que, como juiz, governou até a morte. As tradições judaicas dão a Samuel cem anos de idade, dos quais ele atuou como juiz durante sessenta anos. Ele julgou durante todo o reinado de Saul e viveu para ungir Davi como rei.

7.16

De ano em ano fazia uma volta. Samuel foi um juiz de *circuito,* com lugares específicos que visitava periodicamente. O texto nomeia três cidades que são comentadas no *Dicionário.* Essas cidades, naturalmente, não representavam uma influência nacional, mas cumpre-nos supor que por vários meios Samuel teve ascendência nacional, como juiz e também como profeta. O capítulo 9 concorda com a descrição dada por Samuel no modo de julgar. O circuito que ele completava era de cerca de 80 quilômetros em circunferência. Ou seja, ele visitava somente pequena parcela de todo o território israelita, embora, por outros meios, estendesse seu poder por todo Israel.

"Os lugares mencionados como centros do juizado de Samuel eram todos santas cidades em diferentes períodos do ano e, sem dúvida, eram ocupados por peregrinos vindos de lugares distantes da terra" (Ellicott, *in loc.*). Isso fazia Samuel entrar em contato com o povo de diversos outros lugares, embora ele não visitasse pessoalmente pontos mais distantes.

7.17

Porém voltava a Ramá, porque sua casa estava ali. Seu ponto de partida era esta cidade. O lugar era chamado Ramataim-Zofim em I Sam. 1.1. Assim, após

completar seu circuito, ele retornava à sua cidade natal e passava a maior parte do ano ali. Ali Samuel tinha seu quartel-general, conquanto sua influência e poder fossem nacionais. Ficava a cerca de 10 quilômetros de Jerusalém, e essa era a sede de sua profecia, bem como de sua atividade como juiz. A arca da aliança e o culto do tabernáculo estavam situados em Quiriate-Jearim (ver I Sam. 7.1), que ficava cerca de 13 quilômetros ao sul de Ramá. Assim sendo, os dois centros estavam bem próximos um do outro e não ficavam muito longe de Jerusalém.

E onde edificou um altar ao Senhor. Embora não fosse sacerdote, Samuel exercia poderes espirituais e tinha um altar que foi subordinado ao culto em Quiriate-Jearim. A unificação de toda a adoração religiosa foi alcançada somente com o templo de Salomão, de modo que havia altares e santuários espalhados por todo Israel antes desse tempo, e mesmo depois. Alguns supõem que o culto do tabernáculo tenha sido transferido para Ramá nos últimos anos de Samuel. Mas não temos informações sobre isso. Mais provavelmente, Samuel simplesmente seguia a antiga prática patriarcal ou altares privados, que, naquela época, não eram considerados ilegítimos ou em competição com o de Quiriate-Jearim. Em outras palavras, a questão continuou assim até o tempo de Salomão.

Capítulo Oito

Samuel e Saul (8.1 – 15.35)

O Fim da Teocracia (8.1-22)

O capítulo 8 de I Samuel é uma pedra de toque na história de Israel. O período dos juízes terminou capitulando à monarquia em Israel. Os críticos supõem que este capítulo, juntamente com I Sam. 10.17-27 e I Sam. 12, contém uma narrativa posterior da instituição monárquica e seria, de fato, uma espécie de crítica histórica dessa instituição. Juí. 21.25 parece assumir uma visão diferente. Confusão e falta de ordem em Israel são ali atribuídas à falta de autoridade central, na pessoa de um rei. Contudo, I Sam. 8.7 refere-se à instituição monárquica como uma *rejeição* do governo direto de Yahweh, ou seja, da *teocracia*. Provavelmente, a verdade é que vários autores hebreus não tinham a mesma visão sobre a monarquia, e assim comentários contrastantes são feitos acerca da questão. Não há dúvidas de que muitos em Israel, incluindo Samuel, eram antimonárquicos. Mas a maioria pensava ser essa instituição um ato necessário para unificar Israel e prover maior proteção para a terra de Israel. Uma força armada mais poderosa e uma adoração unificada eram aspectos importantes da monarquia.

Outras *tentativas* para estabelecer uma monarquia fracassaram (ver Juí. 8.22,23; cap. 9). Samuel ficou mais velho e sua estrela começou a esmaecer. Por isso mesmo as pessoas começaram a procurar outra estrela na qual pudessem fixar sua fortuna. Deu. 17.14,15 havia antecipado a monarquia, mas o tempo ainda não havia chegado. Notemos também que a passagem é favorável a tal instituição, e Yahweh seria aquele escolhido como rei. Temos aqui uma instituição nova. Yahweh seria o rei divino e quem escolheria o rei humano. Temos aqui, portanto, mais uma indicação do conflito de novas idéias, favoráveis ou contrárias à monarquia.

8.1

Tendo Samuel envelhecido. Samuel era o único juiz nacional. Os outros tinham áreas de poder limitado, geralmente suas próprias tribos Ao ficar mais idoso, Samuel delegou autoridade e empregou a ajuda de dois de seus filhos. Eles eram juízes autênticos, mas definitivamente confinaram-se a alguma área realmente pequena. Entrementes, embora fosse homem idoso, Samuel permaneceu como verdadeiro juiz nacional. Seus filhos não foram juízes no sentido pleno, mas somente delegados de Samuel, e assim jamais estiveram arrolados entre os juízes de Israel. Samuel foi o último *juiz* de Israel, tendo exercido esse ofício até a morte. Ver I Sam. 7.15. Incrivelmente, os próprios filhos de Samuel corromperam seus caminhos e não seguiram os passos retos do pai (vs. 3).

8.2

O primogênito chamava-se Joel, e o segundo, Abias. Este versículo menciona somente Berseba, como se ambos os filhos de Samuel exercessem poder naquela cidade e áreas adjacentes. Mas Josefo informa-nos que eles tinham poder em duas cidades, cada qual sobre uma delas, a saber: Betei e Berseba (*Antiq.* VI. 3.2). Não temos aqui como saber quão exata seria essa informação. Berseba ficava cerca de 80 quilômetros ao sul de Ramá. Era uma longa distância para Samuel viajar, de modo que seu posto sul de julgamento foi delegado a um ou dois de seus filhos.

Joel... Abias... No *Dicionário*, há artigos sobre esses dois filhos de Samuel, que apresentam o pouco que sabemos sobre eles. De fato, praticamente a única coisa que podemos dizer é como eles agiram de maneira desgraçada, quase duplicando a perversidade dos filhos de Eli.

8.3

Porém seus filhos não andaram pelos caminhos dele. *Os Caminhos dos Filhos de Samuel.* Este versículo faz renascer a eterna pergunta sobre como um homem bom e piedoso pode ter filhos tão pervertidos. A afirmativa de Pro. 22.6, "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele", apresenta um princípio geral que admite muitas e notáveis exceções. Os estudos mostram que os pais de filhos piedosos devem receber menor crédito por isso do que se imaginava anteriormente. E os pais de filhos maus devem sentir menos culpa do que se acreditava antes. A genética dá a um filho 1.800 características, e estudos recentes indicam que essas características incluem até mesmo as atitudes morais, a escolha de profissões e muitos outros detalhes.

Mas os que acreditam na preexistência da alma supõem que a história da alma tenha poder sobre a genética, pelo que uma vida é como o capítulo de um livro, e depende do que vai antes ou depois, em outros capítulos do mesmo livro. Essa idéia é mais saudável do que aquela que supõe que tudo quanto um homem faz decorre de seu ambiente e educação.

Antes se inclinaram à avareza, e aceitaram subornos e perverteram o direito. Os filhos de Samuel corromperam seus próprios ofícios, tomando noivas e pervertendo a justiça divina. Ninguém podia chegar à corte chefiada por eles e ter certeza de um correto julgamento. Quem tinha o dinheiro, era sempre aquele que vencia a disputa. Os profetas atacaram esse tipo de mal (ver Amós 5.12; Isa. 5.23. Ver também Êxo. 23.6,8 e Deu. 16.9). Da monarquia esperava-se pôr fim a tal perversão (ver Juí. 17.6). Naturalmente, esses vícios continuaram sob a monarquia, mas as pessoas sempre esperam que a política resolva seus problemas, e sempre se desapontam porque isso não acontece.

8.4,5

Então os anciãos todos de Israel se congregaram. Os *filhos de Eli* voltaram na pessoa dos *filhos de Samuel!* Os anciãos de Israel não podiam tolerar tal coisa e reuniram-se para discutir o caso. Enviaram então uma delegação para conversar com Samuel.

Os que defendiam a monarquia agarraram-se ao caso dos filhos pervertidos de Samuel a fim de promover sua causa (ver o vs. 3). Era como se dissessem: "Foste um bom juiz. Mas teus filhos por certo não o são. Essa questão dos juízes precisa terminar, porque a perversão continua. Dá-nos um rei". Mas esse não foi um bom argumento, pois os reis também podem ser maus. Um ofício diferente não altera em nada o coração de um homem.

Os anciãos todos de Israel. Em outras palavras, os chefes das famílias e os principais líderes da cidade que eram dotados de autoridade e, ao que se presume, eram responsáveis por Samuel. "Temos aqui o traço claro de uma assembléia popular que parece, a todo o tempo, ter existido em Israel. Tal corpo parece ter-se reunido deliberadamente mesmo durante o cativeiro no Egito (ver Êxo. 3.16). Sobre esse concílio popular, sabemos pouco além de sua existência. Parece ter sido composto por representantes do povo, qualificados por nascimento ou por ofício" (Ellicott, *in loc.*).

Teocracia. No *Dicionário* forneço um detalhado artigo sobre esse assunto.

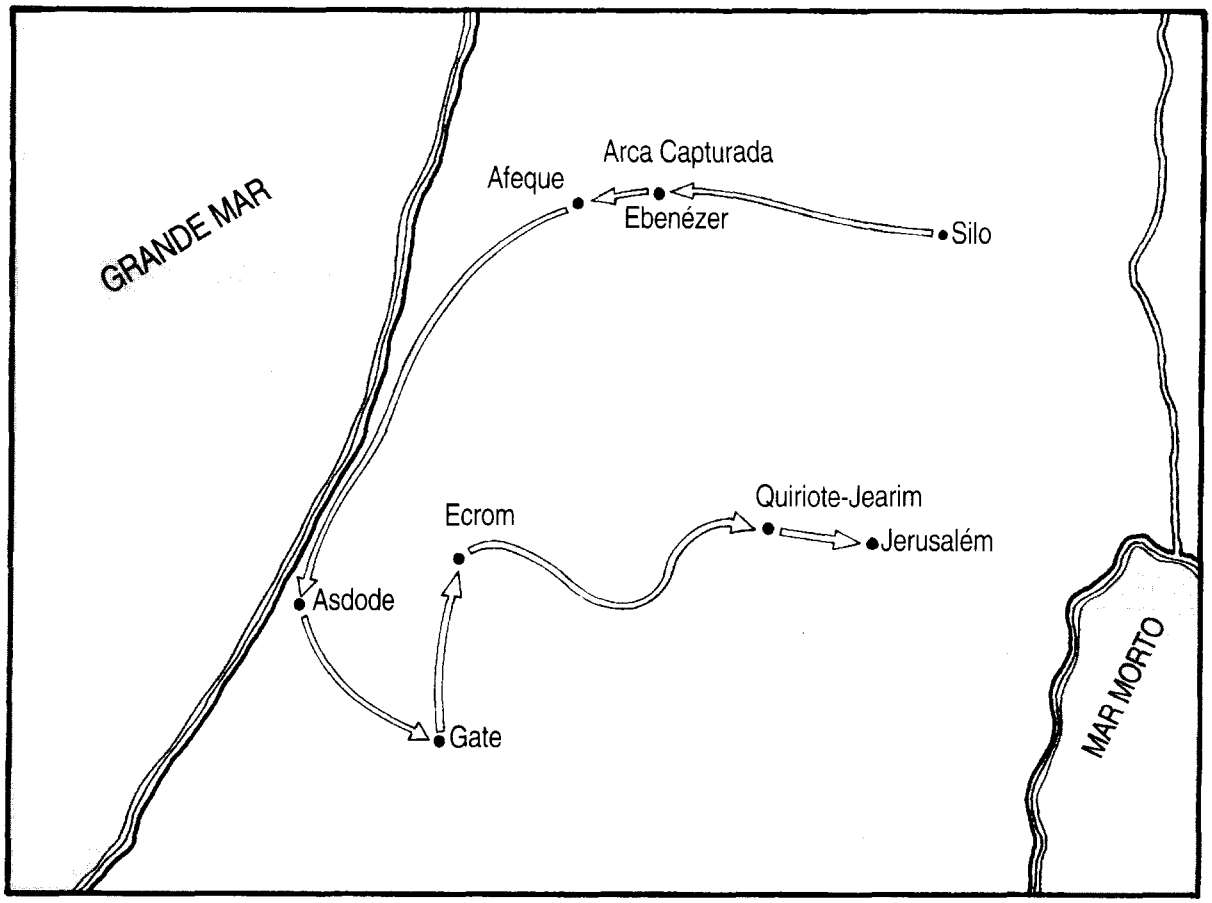
Como o têm todas as nações. Ser igual às outras nações, especialmente os pagãos, era algo que Samuel deve ter repudiado com vigor. Israel nada ganharia se imitasse outras nações. Porém, em momentos de desespero, as pessoas fazem coisas estranhas. Por outra parte, as demais nações tinham exércitos centralizados e a autoridade concentrada em um homem, o que facilitava a guerra e a defesa, e isso era de importância fundamental naqueles tempos em que se lançavam ataques selvagens a qualquer território.

8.6

Porém, esta palavra não agradou a Samuel. Samuel se desagradou diante da questão da monarquia e submeteu-a a Yahweh, antes de dar uma resposta aos anciãos. O tema era repulsivo a Samuel, pois, se uma monarquia fosse estabelecida, seria o fim da *teocracia*. Isto posto, embora o movimento parecesse bom, em algum sentido espiritual, a nação acabaria perecendo. Mas, como a nação perdia terreno com maus juízes e maus cidadãos, seria digno dar uma chance ao sistema monárquico.

Então Samuel orou ao Senhor. Há momentos em que um homem não sabe nada sobre a orientação divina. Usualmente, tomamos decisões racionais, condicionadas pelas circunstâncias. Mas sempre devemos buscar orientação superior para as grandes decisões. Ver no *Dicionário* o artigo sobre a *Oração*. Josefo diz-nos que Samuel não conseguia dormir, tão perturbado ficou com a questão. Logo, ele passou a noite inteira mergulhado em oração (*Antiq.* 1.6, cap. 3, sec. 1). "Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo" (Tia. 5.16).

AS ANDANÇAS DA ARCA



Observações:

A arca da aliança e o Tabernáculo estiveram em Silo desde a época de Josué e durante todo o tempo do profeta Samuel. Os inimigos de Israel capturaram a arca e a levaram para o templo de Dagom em Asdode. Na época de Davi, a arca foi guardada em Quiriate-Jearim. Com o estabelecimento da monarquia, à arca foi dado um lar em Jerusalém; Jerusalém tornou-se o centro do templo de Salomão.

A arca da aliança servia de lugar para a manifestação da presença de Yahweh, a presença divina. A arca foi colocada no lugar mais santo e representava o acesso à presença de Deus!

*** *** ***

Tendo pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne.

Hebreus 10.19,20

8.7

Disse o Senhor a Samuel. Uma permissão relutante da parte do Senhor. Este versículo certamente não soa como Juí. 17.6, onde o autor antecipara uma via de mudança por meio da monarquia. Ver também Juí. 21.25, onde se diz a mesma coisa. Ver as notas de introdução ao presente capítulo quanto às atitudes oponentes à monarquia em Israel e quanto a diferentes posições de autores acerca da questão. O presente versículo parece ser um *protesto profético* contra a monarquia. Ou seja, os *profetas* mostraram-se contrários ao movimento.

Foi assim que Yahweh concedeu *permissão relutante* para que fosse estabelecida a monarquia, não porque Ele pensou que isso seria o melhor para Israel, em teoria, mas porque as coisas se tinham desintegrado tanto que a monarquia talvez representasse uma *melhoria prática.* Os reis também seriam maus, pervertendo o julgamento, mas Israel tinha de atravessar esse período histórico. Tudo fazia parte do destino de Israel. Portanto, o *ideal* foi assim sacrificado. Os profetas, naturalmente, protestaram contra o sacrifício do ideal, mesmo que algum benefício prático viesse a ser obtido daquele modo. A vida política e a religiosa de Israel seriam separadas pela monarquia, algo idealmente reprovado. Tal separação era contrária ao ideal da *nação santa.*

8.8

Assim também o fazem a ti. Yahweh ofereceu uma breve revisão histórica, mostrando como Ele vinha dirigindo Israel desde o começo, no Egito, quando fora o protetor daquele povo. Apesar desse Seu esforço, porém, a *idolatria* era uma força constante entre o povo de Israel, com o conseqüente abandono do *yahwismo.* E agora, em concordância com isso, o Rei Yahweh teve de ser substituído pelo rei Saul, uma miserável substituição, para dizer o mínimo.

"*A Falácia Patética.* O desprazer de Samuel diante da proposta monárquica encontrou aqui expressão. Ele percebeu o que aconteceria se o povo prestasse lealdade a um governo humano, a uma regra, em vez de aceitar o Senhor como rei. Todos os lembretes do que Deus havia feito por eles, no passado, deixaram de evocar qualquer tradição responsiva" (John C. Shroeder, *in loc.*).

8.9

Agora, pois, atende à sua voz, porém adverte-os. Fazer o que os anciãos do povo tinham pedido foi relutantemente aprovado por Yahweh (ver as notas sobre o vs. 7); mas essa permissão não foi dada sem um acompanhamento de reprimenda e *ameaça.* O rei não seria assim tão abençoado. Os vss. 11 e ss. fornecem uma longa lista de coisas desagradáveis que o rei demandaria. Filhos seriam perdidos na guerra; filhas seriam mantidas a conservar o luxo dos reis. Haveria serviço obrigatório, perda de liberdade, impostos pesados. Todos teriam de carregar pesado fardo. Em outras palavras, tamanha carga faria o povo clamar diante da opressão.

"Vemos aqui quão tristemente possível era para o homem, no exercício de sua liberdade, estragar a gloriosa obra arranjada para ele por seu Deus... e chegamos a ter uma visão do lamentável sentimento de tristeza (se é que podemos usar esse termo) da parte do Criador, quanto à perversa tolice de Suas criaturas" (Ellicott, *in loc.*).

8.10

Referiu Samuel todas as palavras do Senhor ao povo. Este versículo introduz as palavras que Yahweh deu a Samuel para transmitir ao povo. Os vss. 11-18 apresentam a divina discussão e os avisos. Mas o povo prontamente repeliu as advertências (ver o vs. 19). Coisas drásticas foram previstas. Terem os filhos de Israel um rei seria pura opressão e perda. Um rei sábio e benévolo seria uma raridade. Mas até mesmo uma monarquia generosa representa perda de liberdade, e a liberdade é a posse mais preciosa de um povo. A questão toda envolvia um mau negócio, e a história subseqüente de Israel assim o provou; mas o povo de Israel estava cego por aquilo que "outras nações tinham" (vs. 5).

As *profecias de Samuel* a respeito das maldades dos reis e déspotas chegam aos nossos dias. Que há de mais opressivo que o governo? O Estado torna-se por demais organizado e por demais poderoso para dominar o povo, dia após dia, mediante seus "decretos". O povo passa a existir para o governo e suas corrupções, em vez de o governo existir para servir ao povo. Samuel advertiu o povo de que o rei estenderia sua mão e tomaria o que era de todos.

8.11

Este será o direito do rei que houver de reinar sobre vós. O tal rei haveria primeiramente de tirar os filhos do povo e ensinar-lhes a guerrear. Ele imitaria as nações e multiplicaria cavalos e carros de guerra. Até aquele tempo, o exército de Israel era, essencialmente, uma *infantaria,* sendo esse o grande motivo pelo qual eles tinham perdido tantas batalhas: o inimigo possuía equipamento e tecnologia superior. O rei deles, pois, procuraria ter exércitos mais poderosos, mais bem equipados, e assim sendo dilapidaria a vida dos filhos de Israel em sua sede louca de guerra. Haveria guerras contínuas e rumores de guerras. O povo existiria essencialmente para fazer guerra. A antiga vida pastoral desapareceria. A guerra, em uma escala jamais vista, seria a preocupação do rei. Isso consumiria a vida humana e as coisas materiais, alarmando o povo. E, finalmente, haveria guerra, o que enviaria a parte norte do povo para o cativeiro assírio, e a parte sul para a Babilônia. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro (Cativeiros).* Haveria assim "tirania e servidão" (John Gill, *in loc.*).

8.12

Exércitos *melhores e mais bem organizados* permitiriam ao rei obter sucesso nas guerras. Capitães conduziriam milhares de soldados, e outros seriam capitães de cinqüenta. Os filhos de Israel que não fossem enviados à guerra seriam postos a trabalhar nas fazendas coletivas do rei, preparando a terra, semeando e colhendo para ele, a fim de manter seu elevado estilo de vida. Enquanto isso, em casa, os pais, já idosos, tentariam fazer funcionar as fazendas da família sem ajuda adequada. Os filhos estariam "lá fora", servindo ao rei em suas gigantescas fazendas. A família real viveria no luxo, e a pobreza do povo haveria de aumentar. Os filhos que não trabalhassem nas fazendas, nem fossem enviados à batalha, aprenderiam a manufaturar instrumentos de guerra. O rei teria uma *gigantesca força trabalhadora* que aprenderia todas as formas de trabalho, uma maciça máquina estadual que acabaria consumindo tudo.

8.13

Tomará as vossas filhas. *Sem se contentar* em levar para seu serviço os filhos de Israel, o rei, com vistas a manter seus luxos, também estenderia o braço e ficaria com as filhas do povo. Elas seriam postas a trabalhar nas maciças máquinas de trabalho do rei, e seriam obrigadas a cozinhar, cozer e preparar acepipes para satisfazer os apetites exagerados da família real e seus servos.

Perfumistas. As filhas teriam o trabalho de preparar ungüentos e perfumes que os orientais tanto apreciavam. Elas se tornaram especialistas na preparação de pratos exóticos com condimentos e acepipes importados. Os cidadãos odiariam a monarquia que sugaria o sangue do povo.

8.14

Tomará o melhor das vossas lavouras... e o dará aos seus servidores. O rei enviaria espias para checar quem possuía as melhores terras, plantações e vinhas, e deixaria o povo na pobreza. As melhores terras seriam tomadas para fazendas coletivas do rei. A agricultura era a base da economia de Israel, e o rei haveria de golpear exatamente ali para aumentar sua riqueza, e não teria piedade de ninguém, nem respeito algum pela propriedade privada. "Ele apropriar-se-ia das propriedades para seu próprio uso" (Eugene H. Merrill, *in loc.).*

8.15

As vossas sementeiras e as vossas vinhas dizimará. As terras que o rei não quisesse aproveitar seriam sujeitadas a pesados tributos, de tal modo que os servos do rei também pudessem viver no luxo, enquanto o povo se tornaria cada vez mais pobre. Seria a "política como é usual", com todos os seus abusos, o reino de terror de ganância, quando eles ganhassem poder. As pesadas taxas tornar-se-iam uma opressão, e as obras de um homem tornar-se-iam o apoio das maciças máquinas de atuar.

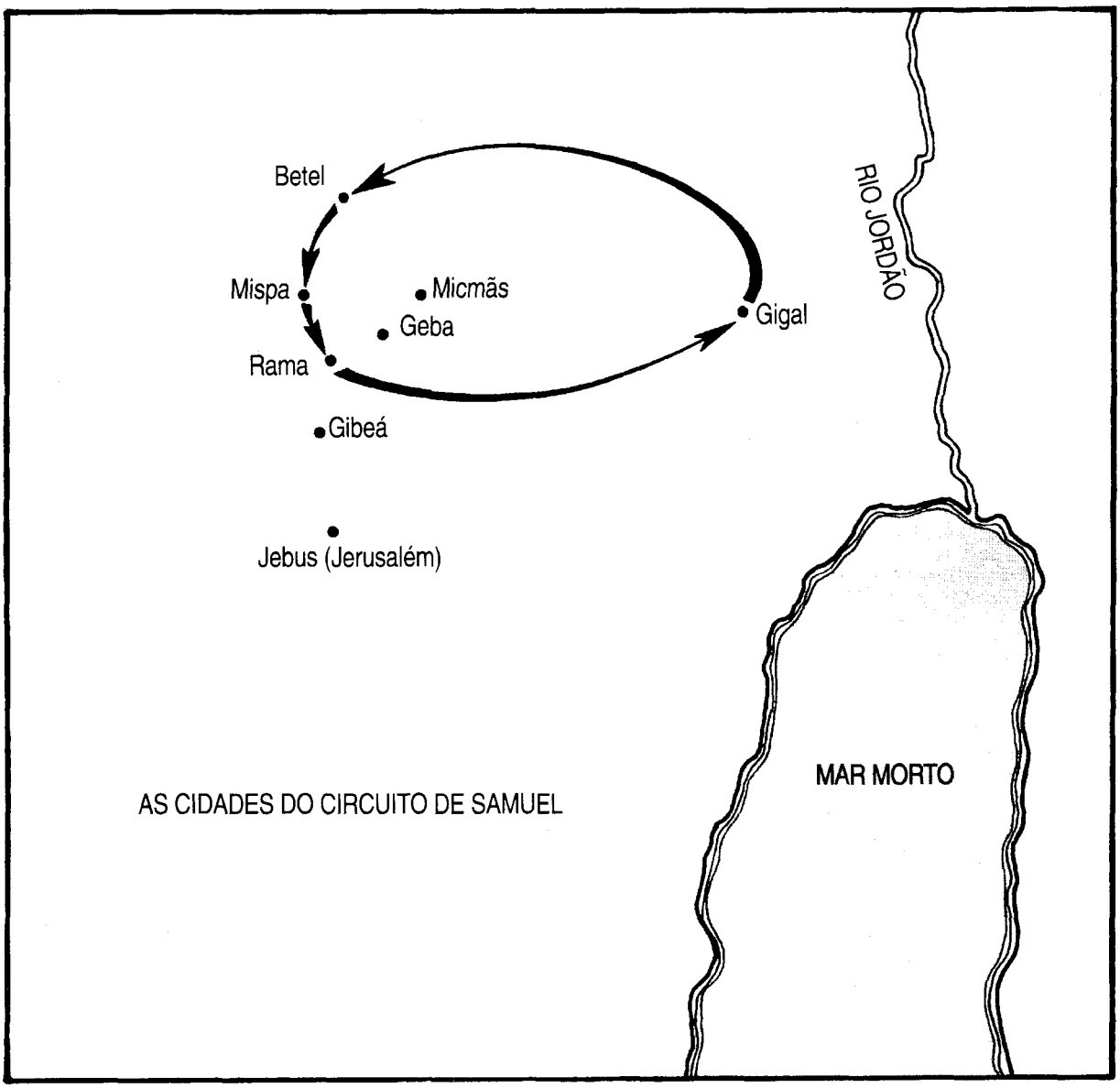
Os levitas e sacerdotes seriam sustentados por meio de um dízimo, mas, além desse dízimo, deveria haver outro para suportar o luxo do rei e de seus servos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dízimo.*

8.16,17

Dizimará o vosso rebanho. A ganância do rei chegaria ao extremo de tomar os *escravos* que o povo comum tinha, para usá-los como seus escravos. Em Israel, a servidão era comum. Os estrangeiros conquistados na guerra tornavam-se escravos. Os hebreus podiam vender-se como escravos, a fim de pagar dívidas. Um homem podia vender seu filho ou sua filha à escravidão; e os escravos hebreus podiam ser redimidos, e o eram, chegado o ano do jubileu. Mas não havia como remir escravos estrangeiros, exceto através da bondade ocasional de um generoso proprietário de escravos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Escravo, Escravidão.*

A Ganância do Rei Atingiria os Animais. O rei tomaria o melhor dos animais domesticados para seu próprio uso. Não somos informados nem mesmo sobre quanto o rei pagaria por eles. Se assim o fizesse, podemos estar certos de que o preço não seria justo, porque o rei seria, desde o começo, um *explorador.* O jumento era um animal impróprio para alimento ou sacrifício, mas muito adequado para o trabalho. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Asno.*

O INÍCIO DA UNIFICAÇÃO NACIONAL EM SAMUEL



Observações:

1. *Os juízes tinham autoridade sobre áreas limitadas de Israel, não cumprindo o papel de reis. Somente no tempo de Davi houve uma unidade verdadeira de Israel, norte e sul.*
2. *Samuel, como o último e mais universal dos juízes, contribuiu para a unificação da nação. Seu circuito de cidades era bem limitado, como demonstra o gráfico.*
3. *O circuito incluiu Betel (da tribo de Efraim) e Mispa (provavelmente da tribo de Benjamim), Rama (o lar de Samuel na tribo de Benjamim). É provavel que Samuel tenha visitado, ocasionalmente, outras cidades mais distantes.*
4. *I Sam. 9.9 mostra que Samuel tinha a reputação de profeta, e sua fama se espalhou largamente em Israel. Entendemos que, como juiz-profeta, seu ofício ultrapassou o do sumo sacerdote.*
5. *Samuel ungiu Saul como rei (o primeiro de Israel) e também ungiu Davi (o segundo rei de Israel). Assim foi criada a monarquia. Davi unificou todo Israel e estabeleceu Jerusalém como a capital espiritual e econômica do país. O filho de Davi, Salomão, alcançou a época áurea de Israel.*

Seria cobrado mais um dízimo, além daquele dado aos levitas e sacerdotes e além daquele usado para sustentar o elevado estilo de vida dos servos do rei (vs. 15). Esse dízimo seria tomado mediante a décima parte dos animais, como se fossem animais para serem sacrificados e comidos, e mediante a décima parte dos escravos, que seriam postos para trabalhar a serviço do rei. A liberdade que o povo desfrutara sob os juízes terminaria. A opressão política e econômica deixaria o povo de Israel em desespero.

Observar em I Reis 12.3 ss. como o povo se queixou e se revoltou por causa da opressão monárquica. Essa revolta, finalmente, fez o reino de Israel dividir-se em duas partes, o norte (Israel) e o sul (Judá). As dez tribos revoltaram-se contra Roboão e ungiram Jeroboão rei, de modo que a divisão se tornou então completa e permanente, baseada totalmente sobre os abusos descritos neste capítulo.

8.18

Então naquele dia clamareis por causa do vosso rei. O clamor do desespero. Oprimido por tiranos, o povo permaneceria castigado por estrangeiros. Yahweh nada faria para aliviar a situação. Em seguida, tiranos e estrangeiros (assírios e babilônios) os oprimiriam e os levariam para o cativeiro. Tudo isso faria parte da obra amarga dos reis.

> *Os ditadores esqueceram a lição da história de que os fracassos dos ditadores custaram à humanidade muito mais que qualquer fracasso temporário da democracia.*
>
> (Franklin D. Roosevelt)

> *Eu jurei sobre o altar de Deus hostilizar qualquer forma de tirania sobre a mente do homem.*
>
> (Thomas Jefferson, que contudo manteve a escravidão)

Uma antiga dinastia sucedeu à outra "até que o cálice da iniqüidade se encheu, e Israel foi levado cativo para sempre, para fora de suas terras" (Ellicott, *in loc.*).

"Pouco depois que Saul ascendeu ao trono, muitas daquelas predições se cumpriram (14.52) e continuaram a marcar a longa história da monarquia em Israel e Judá (II Sam. 15.1; I Reis 12.12-15; 21.7)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

8.19

Não, mas teremos um rei sobre nós. O povo ouviu a longa lista de advertências. O povo ouviu o grande profeta predizer desastres. Ouviu, mas não deu ouvidos. Todos os argumentos de Samuel caíram por terra. A despeito dos melhores esforços do profeta em proclamar as ameaças de Yahweh (ver o vs. 9, seus "protestos solenes"), os anciãos não se convenceram. Continuaram exigindo um rei. É típico da natureza humana não se deixar convencer quando a mente do indivíduo já está formada. O irracional não escuta a razão; a perversão não se transforma mediante exortações. Portanto, o triste curso da monarquia teve seu momento determinado. Os anciãos conduziram Israel a uma vereda temível, não por ignorância, mas de maneira voluntária e teimosa.

Eles sabiam que Samuel era profeta, e nenhuma de suas palavras jamais ficara sem cumprimento (ver I Sam. 3.19). Naquela ocasião, contudo, eles ignoraram as advertências de Samuel e persistiram em sua obstinação.

8.20

Para que sejamos também como todas as nações. As *razões* apresentadas para a obstinação de Israel é que eles queriam ser como as outras nações (ver o vs. 5) e ansiavam por maior proteção contra os inimigos que estavam sempre a atacá-los. Um rei teria um exército centralizado e mais bem equipado, com melhor treinamento e avanços bélicos: cavalos, carros de combate, máquinas de guerra aperfeiçoadas. Eles estavam dispostos a sacrificar sua liberdade, propriedades e dinheiro para obter maior proteção. Mas a história acabou demonstrando que o desespero na guerra aumentaria e culminaria nos cativeiros. Samuel foi capaz de estabelecer uma paz duradoura (ver I Sam. 7.13,14), mas os anciãos ignoraram esse fato. A perversidade dos filhos de Samuel tinha anulado seus maiores avanços aos olhos do povo. E foi assim que o povo se cansou dos juízes, responsabilizando os filhos de Samuel pelo abandono da teocracia. Naturalmente, eles representaram apenas uma dentre várias outras causas.

8.21,22

Ouvindo, pois, Samuel. Samuel tomou nota de tudo quanto o povo de Israel dissera, e apresentou a questão a Yahweh, *uma vez mais*. Cf. vss. 6-7. O resultado foi o mesmo atingido no primeiro caso: Yahweh concedeu *relutante permissão*. Agora, tudo dependia do destino. A monarquia tinha de vir à existência, correr seu curso e terminar em desastre. Tudo isso se devia ao propósito divino ou à perversidade humana? Os intérpretes dão ambas as respostas ou uma combinação das duas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Determinismo (Predestinação)*. Deus usa a liberdade humana sem destruí-la, mas não sabemos dizer *como* Ele faz isso. Ver também sobre o *Livre-arbítrio*.

"Os homens são criaturas dotadas de livre-arbítrio, e Deus mostra-se paciente com eles. A religião do Antigo Testamento, embora nunca tenha feito vacilar sua crença no Deus Criador, jamais desenvolveu uma doutrina extrema de predestinação. Isso apareceu mais tarde, entre os zelotes. Os profetas tinham o mais agudo senso da vontade de Deus, mas não teorizaram em termos de determinismo filosófico... O Senhor foi mais paciente que Samuel. Visto que o povo queria um rei, teve o que desejava e aprendeu mediante a própria experiência" (John G. Shroeder, *in loc.*).

A antiga teologia dos hebreus era pobre quanto a causas secundárias, e tudo quanto acontecia, de bom ou de mal, era então lançado na conta da vontade de Deus. Com base nesse raciocínio, acabaram desenvolvendo-se doutrinas de predestinação. Os artigos referidos comentam ambos os lados da questão.

Os anciãos permaneceram com Samuel até ele dar a resposta final e daí partiram para vários lugares. Obtiveram a resposta que quiseram, por terem *forçado* Samuel a concordar com eles. Mas foram apropriadamente advertidos de que estavam embarcando em um curso desastroso. Samuel era homem de grande poder em Israel, e seu aval era necessário para substituir a teocracia pela monarquia. A ele, pois, caberia ungir o rei e, então, a transição estaria completa.

Capítulo Nove

Este capítulo nono inicia a história de Saul, por meio do qual se concretizou a passagem da teocracia para a monarquia.

Saul e Samuel Encontram-se (9.1-24)

Este capítulo conta, em termos favoráveis, a história do início do reinado. Somente mais tarde as coisas começaram a complicar. Saul parecia apresentar condições para ser rei, e de fato tinha suas virtudes. Contudo seus vícios e fraquezas pessoais acabariam por solapar toda a aventura. Saul tinha aparência física impressionante, era "alto" e "simpático", um líder entre os benjamitas. No entanto, sua medida espiritual não era a mesma. Ele não tinha a estatura de um monarca, conforme seria requerido de um rei de Israel. Assim, já nos dias de Saul, preparava-se o desastre que acompanharia a história monárquica conforme as predições de Samuel (ver I Sam. 8.11-18).

"O que houve de mais notável nesta seção foi a idéia do reino como algo esplêndido, uma bênção de Deus voluntariamente concedida, e não um consentimento aos desejos inapropriados do povo (9.16 e 10.1). Samuel parecia pessoalmente satisfeito com a idéia de liderança e de participação nessa liderança (9.19-24), em contraste com sua atitude no capítulo 8" (*Oxford Annotated Bible,* introdução ao capítulo 9). Essas referências, de fato, dão-nos a impressão de uma mudança radical na atitude de Samuel. Os críticos supõem que as *duas atitudes* concernentes à monarquia derivaram-se de fontes separadas, de autoria diversa. A primeira (capítulo 8) é avessa à monarquia, mas a outra concorda com versículos como Juí. 21.25. Existiam as duas atitudes entre o povo de Israel. Fazia parte da mentalidade dos profetas desconfiar da monarquia. Qualquer que seja a verdade das duas fontes teóricas, a atitude no capítulo 9 difere do que se vê no capítulo 8. Talvez Samuel estivesse apenas tentando obter o melhor de uma coisa ruim, e o capítulo 9 reflita essa atitude. Ver as notas introdutórias ao capítulo 8, quanto a outras idéias sobre a questão. Ver no *Dicionário* a atitude sobre a idéia da *Teocracia*.

9.1

Havia um homem de Benjamim. *Todos* os nomes próprios mencionados neste versículo aparecem como artigos no *Dicionário,* pelo que não repito aqui essa informação. Praticamente nada se sabe acerca dessas pessoas, exceto que elas faziam parte da tribo de Benjamim, da qual saiu Saul, primeiro rei de Israel. As genealogias, uma importante questão para os hebreus, funcionavam como atestados históricos. Portanto, as personagens do Antigo Testamento eram introduzidas por uma lista de ancestrais.

Elias foi uma omissão conspícua, pelo que julgamos que essa prática nem sempre funcionava. A genealogia de Jó também não é apresentada, e alguns fazem desse livro um romance religioso devido à falta de registros genealógicos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Genealogia*.

Quis aparece como um varão forte e valoroso. Sendo esse tipo de homem, não é de admirar que ele tenha gerado Saul, que era alto e simpático, sobre quem

Israel depositava sua confiança tão valentemente. O pai de Saul tinha considerável reputação, prestígio e posição, mas não nos são dados detalhes sobre isso. Seja como for, é claro que Saul veio de uma família renomada e favorecida. Ele *não era um joão-ninguém.*

9.2

Tinha ele um filho, cujo nome era Saul. Ver sobre *Saul,* no *Dicionário,* quanto a maiores detalhes. Esse jovem tinha o que a maioria das pessoas considerava bom: *altura, aspecto simpático, força física, juventude, vigor* e *entusiasmo.* Possuía, porém, alma e caráter deficientes, que o haveriam de derrubar no fim. Não era necessário ter as qualidades que agradam aos homens. Deus é o único a quem devemos agradar, para sermos verdadeiramente bem-sucedidos.

"Saul tinha pouco que o recomendasse à elevada posição de *rei,* exceto por sua aparência física (I Sam. 9.2). Deus precisou ser convencido de que Saul era o candidato apropriado" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Um caráter inferior tinha-se tornado o primeiro rei de Israel, como um prelúdio confirmatório das tenebrosas profecias que Samuel lançara contra a substituição da teocracia pela monarquia. Ver o capítulo 8 quanto a essa questão.

Heródoto informa-nos que, entre os etíopes, havia um homem que era o mais alto, o mais forte e potencialmente (se não na realidade) o maior guerreiro, e também o homem escolhido para ser o rei (*Thalia,* 1.3, cap. 20). Plínio dá-nos informações similares (*Panegry.* cap. 4, 22). Até a deusa Diana era a mais exaltada por ser mais alta que qualquer das ninfas e deusas (Ovídio, *Metam.* 1.3, fam. 2., vss. 180, 181). Josefo diz-nos que Salomão escolheu seus atendentes mais constantes com base na aparência e na força física (*Antiq.* 1.8, cap. 7, sec. 3).

9.3

Extraviaram-se as jumentas de Quis, pai de Saul. Aqui começa a história do encontro entre Saul e Samuel, um tipo de preliminar à sua escolha como rei. As circunstâncias se desenrolaram a partir de uma questão tão trivial quanto buscar jumentos perdidos. "Que admirável seqüência de acontecimentos foram conectados para levar Saul ao trono de Israel! Tudo parecia sair de acordo com o curso comum de eventos e, no entanto, tudo *conspirava* para favorecer a unção de um homem ao reino, o qual certamente não chegaria até ali pela aprovação de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

Jumentas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Asno.* Era um animal impuro, proibido como alimento e não usado nos sacrifícios. Mas era um animal muito importante e útil para desempenhar funções militares. Ver Juí. 5.10 quanto aos "jumentos brancos" dos ricos e oficiais militares que os exibiam como forma de ostentação. *Conferir os trinta jumentos dos filhos de Jair, o juiz gileadita,* o qual realizava seus deveres oficiais montado nesse tipo de animal.

Toma agora contigo um dos moços. Um hebreu, não um escravo, um subordinado do pai de Saul. Esse homem era sábio, dava conselhos (vs. 6) e cuidava do dinheiro (vs. 8), portanto era, obviamente, um homem em quem se podia confiar a missão descrita no contexto. As tradições hebréias dizem que se tratava de Doegue, o edomita, que mais tarde se tornou um dos grandes capitães do rei Saul; mas as tradições com freqüência não passam de meras suposições (Ver *Hieron. Trad. Heb. in Paralips.,* fol. 83).

9.4

Então, atravessando a região montanhosa de Efraim. O itinerário da jornada não pode ser diretamente traçado, visto que são mencionados lugares desconhecidos. O *Dicionário* tem artigos sobre todos os nomes próprios citados aqui. Salisa e Saalim são locais desconhecidos para nós atualmente, embora a área geral onde estavam situados seja plenamente conhecida. O texto enfatiza o grande esforço empenhado para encontrar os jumentos perdidos, o que implica que eles eram considerados bastante valiosos. A história foi-nos contada em tantos detalhes, com o mero intuito de descrever como Samuel e Saul se encontraram — o primeiro passo importante para Saul tornar-se rei de Israel. No *Dicionário* há mais informações sobre os lugares citados.

9.5

Vindo eles então à terra de Zufe. A extensa jornada continuou, mas os jumentos não foram encontrados. Tanto tempo se passou que Saul começou a ficar preocupado com seu pai, que provavelmente estaria aflito com a demora. A preocupação de Saul com os sentimentos de seu pai são um indício de suas boas intenções. Mas, em vez de retornarem para casa, um servo sugeriu que consultassem um profeta que talvez fosse capaz de fornecer direções para a busca. Isso os levou diretamente ao encontro de Samuel, o melhor e mais bem conhecido profeta de toda a região.

9.6

Nesta cidade há um homem de Deus, e é muito estimado. O homem de Deus, cujas profecias sempre se confirmavam, era, naturalmente, Samuel, reconhecido nacionalmente como juiz e vidente. Nele estava se operando a transição da teocracia para a monarquia.

Eles estavam na *cidade natal* de Samuel (I Sam. 1.1), provavelmente Ramá (ver a respeito no *Dicionário).* O verdadeiro teste de um profeta era se suas profecias tinham ou não cumprimento, mas suas palavras também precisavam *concordar com os ensinos de Moisés (ver Deu.* 18.21,22 *e* 13.1-3).

Samuel era "muito estimado entre os homens por sua sabedoria e conhecimento, integridade e fidelidade e, *particularmente,* por seu dom de profecia" (John Gill, *in loc.*). É por isso que o Targum diz aqui que ele "... era um homem que profetiza a verdade".

É interessante notar como o servo acreditava que o grande profeta condescenderia diante do pedido deles, quanto a alguns animais perdidos. Isso nos alerta para o fato de que os profetas eram consultados pelas questões mais mundanas e pessoais. O *trivial* misturava-se com aspectos fundamentais na vida de um grande profeta. Samuel (entre itens de grande importância, como a intenção de tornar Saul rei de Israel, posição até então ocupada por Yahweh) proferiu as palavras certas acerca dos animais. Eles já haviam sido encontrados (vs. 20). Ver no *Dicionário* os artigos gerais intitulados *Profecia, Profetas* e *Dom de Profecia.*

9.7

Então Saul disse ao seu moço. Temos aqui um fato interessante. Os videntes *ou profetas (vs. 9) cobravam pelos serviços prestados. Um homem deveria pagar para* consultar um oráculo. Saul estava cônscio dessa prática em Israel. Por isso levantou a questão sobre quem deveria pagar a dívida. Até ali era tradicional que os videntes cobrassem pelas consultas. Estudos no campo da parapsicologia demonstram que muitas funções psíquicas, incluindo prever o futuro, são parte natural da psique humana. Prever o futuro é, de fato, a mais comum das habilidades mentais humanas. Os sonhos noturnos incluem precognição, embora nada haja de divino ou diabólico neles. Ocasionalmente, todavia, isso pode acontecer. Ver o artigo sobre *Sonhos,* no *Dicionário,* e sobre *Parapsicologia,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

Vez ou outra, porém, o diabo mete o nariz onde não foi chamado, e, às vezes, algo divino acontece. É minha opinião que grande parte do que acontece nos movimentos carismáticos é apenas natural, nem divino nem demoníaco. Em certas ocasiões, porém, há outros fatores em operação. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* sobre o *Movimento Carismático.*

Não apenas psíquicos recebem alguma espécie de dom. Pessoas importantes de todo tipo foram presenteadas com tal dádiva quando estimuladas por consultas. Cf. Gên. 43.11 e I Reis 10.10.

O texto sagrado não nos informa que Samuel tenha recebido pagamento pelo serviço, mas isso fica subentendido. Essa era a prática comum da época, independentemente da opinião do beneficiário.

9.8

Eis que tenho ainda em mão um quarto de siclo de prata. O valor a ser pago era de um quarto de siclo. Ver sobre esse *peso* (não havia *ainda moedas* naquela época) em Êxo. 30.13 e Lev. 27.25. Ver também, no *Dicionário,* os artigos intitulados *Dinheiro* II e *Pesos e Medidas* IV.c. Não há como calcular o valor atual equivalente. Alguns supõem que um homem teria de trabalhar por um mês para receber um siclo de prata. Nesse caso, Samuel recebeu uma quantia equivalente ao trabalho de *sete* dias, uma boa soma para uma simples consulta.

9.9

(Antigamente em Israel...). Esta breve nota alerta-nos para o fato de que *deve ter havido então abundância* de videntes ou profetas. Eles eram chamados por diversos nomes, mas desempenhavam idêntica função. Eram conselheiros que ajudavam o povo a resolver problemas, podendo usar até de previsão do futuro. Provavelmente, a maioria das pessoas visitava tais videntes a fim de descobrir o que estava acontecendo, buscar encorajamento e saber se sua vida tinha tomado caminhos errados ou se permanecia estagnada.

O autor parece estar-nos dizendo que o vidente não revela o futuro necessariamente. Os realmente bons videntes, de maior estatura e poder, eram chamados *profetas.* Eram mestres, e não apenas previsores do futuro. Havia bandos de autoproclamados profetas ou videntes que se moviam pelo país fazendo a vida com suas habilidades, alegadas ou reais. Saul, pois, encontrou-se com tais homens no caminho de Ramá (ver I Sam. 10.10). Mas Samuel era verdadeiro *profeta* e estava acima de multa gente. Muitos outros videntes eram falsos, sem dúvida, e alguns tinham dons psíquicos naturais. Alguns podiam ser demoniacamente inspirados. Aqui e acolá, um bom vidente podia ser movido pela inspiração divina, pelo menos ocasionalmente. A reputação de Samuel dizia que ele era um homem de Deus, um verdadeiro profeta.

Vidente. No hebraico, *roeh,* ou seja, literalmente, "alguém que vê". Mas pode estar em foco a visão psíquica, especialmente a capacidade de "ver o futuro". Esse é o primeiro texto em que aparece o termo hebraico, embora a palavra *profeta* já tenha sido usada largamente. Abraão, por exemplo, foi chamado de *profeta.* Ele podia prever o futuro, mas também era um mestre. Ver Gên. 20.7 quanto ao caso que envolveu Abraão.

O profeta tinha contato com Deus, de modo que transcendia às condições humanas. O artigo sobre esse assunto, mencionado anteriormente, traz detalhes sobre a questão. O termo hebraico *nabi* (profeta) era usado muito tempo antes dos dias de Samuel e adquirira agora um tom mais elevado que o de mero *vidente.* A palavra hebraica *nabi* significa "anunciar", "declarar". Mas estão em pauta declarações de inspiração divina.

9.10

Então disse Saul ao moço. Saul concordou prontamente com o servo de que seria uma boa idéia apelar ao oráculo como ajuda para encontrar os asnos perdidos. Samuel vivia agora em Ramá (1.1) e para lá eles se dirigiram. Samuel tinha edificado um altar naquela cidade (7.17) e ali exercia sua autoridade como juiz e profeta.

9.11

Está aqui o vidente? A *cidade* tinha sido construída em uma colina, pelo que o lugar era chamado Ramá, que significa "altura". Convenientemente, ou talvez divinamente (segundo circunstâncias ordenadas por Yahweh), ao subir a colina eles encontraram jovens que saíam para buscar água. Elas eram de Ramá e seguramente sabiam como encontrar Samuel. Tirar água era uma tarefa comum para as mulheres. Cf. Gên. 24.11,15,16. O rabino Akiba observou que, sempre que um homem se encontrava com alguma jovem antes de entrar na cidade dela, esse era um *sinal* que ele prosperaria em seus negócios ali. Ver também Gên. 29.10,11 e Êxo. 2.16.

9.12

Elas responderam: Está. Samuel fez de Ramá seu quartel-general, mas como era juiz de circuito viajava com freqüência. Ademais, Samuel possuía uma pequena casa no interior, em um lugar chamado *Naiote* (I Sam. 19.18-24), e talvez estivesse ali. Seja como for, naquele dia particular, ele tinha retornado a Ramá para participar de um sacrifício e de uma festa. Provavelmente, o lugar alto mencionado foi aquele onde Samuel havia construído o seu altar. Tais lugares eram comumente usados como altares e santuários e, embora se tivessem tornado centros de idolatria, isso não ocorria com o lugar alto de Samuel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lugares Altos.* Ver também I Sam. 7.16 quanto à informação de que Samuel era um juiz que vivia movendo-se por Israel. Aquele lugar não abrigava o tabernáculo, mas era autorizado como local de sacrifícios. Em tempos posteriores, a adoração foi centralizada no templo em Jerusalém, e outros santuários deixaram de ser autorizados como lugar de sacrifícios, embora muitos continuassem a funcionar, a despeito da proibição. Silo, que tinha sido a residência do tabernáculo, fora destruída pelos filisteus, e assim o tabernáculo mudou-se para Quiriate-Jearim (ver I Sam. 7.1). Dali, afinal, Davi moveu o equipamento para Jerusalém. Então Salomão substituiu o tabernáculo pelo templo.

9.13

Entrando vós na cidade, logo o achareis. As *jovens* exortaram Saul e o servo a seguir rapidamente ao lugar alto. Ali certamente encontrariam Samuel, oferecendo sacrifícios. O sangue e a gordura seriam ofertados a Yahweh, mas o povo comeria o restante. É interessante observar que o povo não começaria festejando enquanto Samuel "pedisse a Yahweh bênçãos sobre o alimento", uma antiga forma de pedir bênçãos sobre uma refeição que a maioria dos cristãos atualmente põe em prática. "... a antiga instância de uma prática entre os hebreus, voltados a pedir bênçãos sobre as refeições" (Ellicott, *in loc.*), Devemos lembrar que Samuel, como sacerdote, possuía o único lugar qualificado para conduzir festas e sacrifícios, e seria ele quem pediria a Yahweh a bênção do povo em conexão com os rituais da festa.

A Refeição Comunal Compartilhada por Yahweh. Considerava-se que Yahweh estivesse presente nas cerimônias sacrificiais, embora não pudesse ser visto. Ele recebia sua porção primeiro, na qualidade da gordura e do sangue. Certas porções foram designadas para os sacerdotes, conforme anotado em Lev. 6.26; 7.11-24; 7.28-38; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18. O restante ia para os participantes da festividade. John Gill (*in loc.*) relembra-nos de que os hebreus devotos davam graças em qualquer refeição comum, tanto mais em uma festa sacrificial formal.

9.14

Subiram, pois, à cidade. Conforme o destino assim determinou, Saul e seu servo teriam corrido ao encontro de Samuel, antes de ele subir ao lugar alto para oferecer os sacrifícios da festa. A história continua a contar-nos acerca das várias "coincidências" que facilitaram a questão, pelo que Samuel e Saul acabariam por encontrar-se frente a frente. Esse contato prepararia o caminho para Saul ser escolhido primeiro rei de Israel. Nada acontece por mero acaso. A trivialidade trabalha para o bem comum. Há propósito até mesmo nas coisas mais triviais. Em breve, Samuel estaria falando com Saul, convidando-o para a festa e dando-lhe um lugar especial entre os trinta convidados mais importantes. O propósito de Deus assim trabalhou entre os homens.

9.15,16

Ora o Senhor um dia antes de Saul chegar. *A Divina Iluminação.* Yahweh havia sussurrado no ouvido espiritual de Samuel que no dia seguinte (o dia da festividade), ele se encontraria com o primeiro rei de Israel. Foi-lhe revelado que o jovem rei viria da tribo de Benjamim. E também foi-lhe informado que a tarefa especial de Saul seria debilitar os filisteus, porquanto Yahweh libertaria Israel daquela turba sanguinária dentro em *breve.* Saul, contudo, não chegaria a completar a tarefa. Isso ficaria ao encargo de Davi, mas Saul daria uma contribuição realmente notável. Israel precisava libertar-se para que a monarquia pudesse ser instituída, e o propósito de Yahweh estava operando em Saul, apesar de todas as suas deficiências. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

O qual ungirás por príncipe. No hebraico, *naghidh,* palavra que pode significar "capitão", embora também queira dizer "príncipe", conforme vemos algumas traduções, como a nossa própria tradução portuguesa. Esse termo é, com freqüência, usado militarmente, para indicar um *capitão* que dirige "guerreiros". Nos tempos antigos, era comum crer que o rei devia ser um guerreiro habilidoso. Assim, lemos nas Ilíadas:

> *Ó rei dos reis, Atrides, vês que*
> *Grande na guerra e grande em atos de poder.*

Ungirás. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção* e também as notas na introdução a I Sam. 9.25.

Esse Príncipe Seria um Presente da Parte de Yahweh. Ele livraria os filhos de Israel dos embaraços provocados pelos filisteus. Ungido pelo profeta Samuel para essa tarefa de libertação, o novo rei também teria a tarefa de unir o povo, a fim de formar uma nação forte, não uma federação enfraquecida, em que cada indivíduo fazia o que lhe parecia melhor. Eram necessários autoridade e poder centralizados (ver Juí. 21.25). Uma grande vitória tinha sido alcançada em Mispa (ver I Sam. 7.13), por parte de Samuel, sobre os filisteus; mas eles continuaram em seus ataques repentinos. Essa situação tinha de acabar.

9.17

Quando Samuel viu Saul, o Senhor lhe disse. Isso o Senhor fez sussurrando nos ouvidos espirituais de Samuel: "Este é o homem sobre o qual falei". O capítulo 8 registra a *relutante permissão* dada por Yahweh para que os israelitas tivessem um rei. O capítulo 9 mostra-nos que estava sendo feito o melhor de algo inferior. O *melhor* requeria a orientação do poder divino que ocorreu mediante direta *iluminação.* Samuel não poderia equivocar-se em assunto tão importante.

Este dominará. Uma palavra bastante ríspida. O rei assumiria a mentalidade de um tirano, o que por tantas vezes ocorre quando os homens recebem poderes que não têm sabedoria para empregar. "Ele governará de maneira absoluta, de acordo com sua própria vontade e seu prazer" (John Gill, *in loc.*). "Quão rapidamente Saul começou a assumir esse seu caráter real, julgando-o mais um direito do que um privilégio"(John C. Shroeder, *in loc.*).

9.18

No meio da porta. Esta é a leitura do hebraico para os manuscritos existentes, mas a Septuaginta parece corrigir com as palavras "na cidade". Teria sido fácil para o autor, ou subseqüente escriba, substituir "cidade" por "porta". Parece que Saul e o servo já tinham atravessado a porta e estavam prestes a subir a colina para encontrar Samuel no lugar alto. Mas a reunião predestinada ocorreu antes de Samuel ter completado a subida.

Mostra-me, peço-te, onde é aqui a casa do vidente. *Outra "coincidência"!* Saul dirigiu-se diretamente a Samuel e perguntou onde podia ser encontrado o vidente, sem saber que se dirigia ao próprio homem a quem procurava. Supostas trivialidades cooperam para o bem comum. Encontramos propósito haver até nas coisas mais banais.

9.19,20

Samuel respondeu a Saul, e disse: Eu sou o vidente. Samuel tinha muita coisa para dizer a Saul, que teria uma grande surpresa. Saul foi o escolhido de Yahweh para assumir a posição de primeiro rei de Israel! Eles precisavam de tempo para conversar; e, por essa razão, Samuel convidou Saul para acompanhá-lo à festa do sacrifício, passando a noite com ele. Isso proveria tempo de revelar a questão de maneira conveniente e completa.

Tudo quanto está no teu coração to declararei. Esperaríamos que o texto dissesse: "Tudo quanto está no *meu* coração". Mas devemos entender que Yahweh já operava no coração de Saul inspirando-o a ser um guerreiro contra os filisteus, tornando-se assim o libertador de Israel. De fato, o "desejo de Israel" (a esperança por libertação e por um rei) repousava sobre Saul, embora, naquele momento, nem Israel nem Saul soubessem disso. Mas os eventos se aproximavam, a despeito de terem parecido *improváveis* naquele momento.

Quanto às jumentas. A perda dos animais, cuja segurança e devolução tinha inspirado a expedição, reunira Saul e Samuel. Entre as grandes coisas que Samuel previra, revelou também que os animais passavam bem. De fato, eles já haviam sido achados. Assim sendo, aquele foi um dia de tremendo sucesso, que abrangeu desde o trivial até o sublime. O trivial encontrou meios de produzir o sublime. Alguns intérpretes supõem que tudo quanto Saul desejava era encontrar as jumentas; mas o contexto sugere algo além dessa simples preocupação. Uma tradição dos hebreus diz que Saul recebera uma visão de que ele seria rei. Isso, naturalmente, não é impossível, porque os sonhos projetam para nós não somente eventos importantes, mas até mesmo questões relativamente sem importância. De fato, os sonhos revelam de antemão quase tudo quanto nos acontece, em sentido literal ou simbólico. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sonhos*. (*Hieron. Trad. Heb.* em lib. Reg. foi. 75 fala sobre a visão de Saul, que o mostrava como futuro rei).

9.21

Então respondeu Saul. Temos aqui um humilde protesto. O pai de Saul era um rico e poderoso proprietário de terras, mas pertencia à humilde tribo de Benjamim. Essa tribo não prosperou por ocasião da invasão da terra, e em seguida foi completamente destruída por ocasião do conflito devido ao abuso da esposa do levita (ver Juí. 19-20). O que restou dessa tribo foi essencialmente incorporado à tribo de Judá, a tribo vizinha e muito mais poderosa. Portanto, foi estranho que o propósito de Yahweh operasse na tribo quase aniquilada de Benjamim. "Assustado, Saul apenas replicou que era indigno de tão elevada honraria. A transparência e a humildade de Saul foram evidentes no *início* de sua carreira" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Essa humildade haveria de transformar-se rapidamente em arrogância, contudo. "... uma elaborada auto-arrogância era um ingrediente importante nas boas maneiras orientais" (George B. Caird, *in loc.*). Não sabemos dizer se as palavras de Saul foram sinceras ou não.

9.22

Samuel, tomando a Saul. Apesar do protesto (genuíno ou não, vs. 21), Saul imediatamente recebeu um lugar de honra entre os trinta convidados mais importantes para a festa de sacrifício.

Levou-os à sala de jantar. No hebraico temos aqui uma espécie de estrutura fechada, como uma barraca ou um edifício fantasioso, que serviria para a realização de sacrifícios e como lugar onde a refeição sacrificial era comida. O sacrifício era realizado ao ar livre, mas as refeições eram consumidas em estruturas fechadas.

Os *trinta anciãos* eram os homens de maior importância religiosa e civil em Ramá, e talvez de outros lugares próximos. A maioria deles era cabeça de famílias ou clãs. Assim sendo, Saul foi honrado entre a elite de Ramá, um ótimo começo para um jovem provinciano da tribo de Benjamim. Foi-lhe dado o *lugar principal* entre os participantes da festa. "Os convidados eram dispostos pelo mestre da festa, de acordo com a posição de cada um" (John Gill, *in loc.*). E isso ocorria, muito provavelmente, mediante a disposição no arranjo dos assentos, conforme observa Jarchi. A Septuaginta e Josefo (*Antiq.* 1.6, cap. 4, sec. 1) dão o número de setenta convidados especiais; mas outras versões preservam os trinta referidos no texto hebraico.

9.23,24

Traze a porção que te dei. Saul, exaltado como principal convidado (ver o vs. 22), recebeu então um pedaço especial de carne, que reforçava ainda mais sua súbita honra. Em seguida, sentou-se ao lado de Samuel, outra honra inesperada.

A coxa. Uma porção usualmente reservada aos sacerdotes e talvez compartilhada por Samuel e Saul. O Targum fala no ombro e na coxa. O ombro poderia simbolizar o *governo* e, nesse caso, talvez por essa razão tenha sido dado a Saul. Ver Isa. 9.6: "... o governo está sobre os seus ombros..." Ver também Lev. 6.26; 7.11-24; 7.28-28 quanto às partes dos animais sacrificados que eram dadas aos sacerdotes por ocasião das festividades.

Saul Ungido Rei (9.25 - 10.27)

Samuel tinha autoridade para realizar a unção, visto que era o juiz nacional de Israel e profeta reconhecido. Em outras palavras, ele era o primeiro homem em Israel. Eleazar (7.1) atuava como sumo sacerdote e usualmente era tarefa dele ungir os reis. Mas devemos lembrar que, naquela época da história de Israel, não havia reis e, portanto, não havia unção de reis. Assim sendo, Samuel, como pessoa autorizada a realizar esse ato, foi quem o efetuou. Ademais, o ofício de profeta eclipsou o ofício sumo sacerdotal durante o período monárquico.

"No Egito havia a prática de ungir os reis, e é possível que tenhamos aqui o registro de sua introdução na terra de Canaã, em uma das cartas de Tell-el-Amarna, que se refere à unção do príncipe Nukhashshe, por Tutmés III. Em Israel, a unção passou a ser associada ao dom do Espírito de Deus, tal como o batismo nos tempos cristãos (cf. Isa. 61.1 e Atos 19.5,6). Um *sacerdote* (ver Êxo. 29.7) ou um *profeta* (ver I Reis 19.16) poderia ser consagrado a seu ofício mediante a unção, por um ato especial. Esse era o rito específico para a consagração de *reis*. Eles eram habitualmente conhecidos como *os ungidos do Senhor*" (George B. Caird, *in loc.*). Começando com Davi, os reis eram ungidos mediante o óleo sagrado do tabernáculo (ou templo). Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Unção*.

9.25

Falou Samuel com Saul sobre o eirado. A festa do sacrifício estava terminada; Samuel e Saul desceram do lugar alto para a casa de Samuel, em Ramá. Então subiram ao eirado, para uma boa conversa. Grandes coisas estavam acontecendo, e eles tinham de discutir vários detalhes. O telhado era um lugar comum para sentar-se à noite, a fim de conversar ou dormir, por ser um lugar muito mais agradável que o interior da casa. O Antigo Testamento não nos dá outros exemplos dessa prática, contudo muitas fontes informam a respeito. Até hoje, o telhado chato (eirado) é um lugar comum de dormir no Oriente Próximo e Médio. Cf. Mat. 10.27 e Atos 10.9, quanto à pregação e à oração no eirado das casas.

9.26

Levantou-se Saul, e saíram ambos, ele e Samuel. Samuel e Saul tinham dormido no eirado da casa. Saul, cansado da viagem e das muitas atividades do dia anterior, não acordou ao levantar do sol. Assim Samuel precisou chamá-lo para que despertasse. Eles precisavam ter uma conversa final, que seria o prelúdio da unção de Saul como rei (10.1). Além disso, ali no eirado, Samuel pronunciaria sobre Saul a bênção preparatória para o retorno à casa de seu pai.

9.27

Desciam eles para a extremidade da cidade. A bênção de despedida havia sido proferida no eirado; eles tinham descido, e Saul estava prestes a iniciar a viagem de volta. Mas Samuel tinha coisas para tratar com Saul, em particular, e estava prestes a ungi-lo como rei. Samuel pediu que o servo caminhasse um pouco à frente, deixando-os a sós. Assim, quando estavam novamente sozinhos, Samuel mostrou-lhe a "palavra de Deus", ou seja, o que Yahweh havia falado acerca de Saul. Um benjamita comparativamente desconhecido estava sendo honrado de maneira que jamais teria imaginado. *Saul* era o *rei*, o primeiro rei de Israel. Ele seria mais um elo na cadeia da liderança que o vinculava a Abraão, Jacó, Moisés, Josué e os juízes. Yahweh tinha grandes planos para Saul. Estava sendo preparado um futuro para a nação, o povo de Deus, e Saul foi convocado a unir-se aos líderes históricos.

I Sam. 10.6 diz-nos que o Espírito de Deus estaria com Saul de maneira toda especial. Sua missão seria debilitar os filisteus e preparar o caminho para a libertação total de Israel, sob o comando de Davi. Davi falharia bastante, mas cumpriria a essência da missão para a qual fora chamado a realizar.

Capítulo Dez

I Sam. 10.1 continua a seção iniciada em I Sam. 9.25. Ver a *introdução* à seção, que aparece imediatamente antes da exposição em 9.25.

10.1

Um vaso. Um frasco de vidro com longo gargalo que podia ser quebrado, permitindo que o líquido ali contido saísse. Ver Êxo. 29.7 quanto às

razões desse rito. As tradições hebraicas deixam claro que não se tratava do mesmo santo óleo usado no tabernáculo. Samuel não tinha acesso a esse azeite. O sumo sacerdote, Eleazar (7.1), era quem o controlava. Na época, Samuel, como homem de maior autoridade em Israel profeta e principal juiz da nação, tinha autoridade para realizar tal ato de unção. Ademais, nunca antes um rei tinha sido ungido; e, embora, posteriormente, o *sumo sacerdote* exercesse essa função, na ocasião Samuel tinha autoridade para desempenhá-la.

Azeite. Símbolo da presença, da habitação e dos dons do Espírito Santo. O vs. 6 enfatiza que o Espírito de Deus estaria presente de modo todo especial com Saul.

Yahweh fez a nomeação, e Samuel foi usado como instrumento. Desse modo, Saul teve assegurada a origem divina e a instituição de seu ofício. Por conseguinte, antes de tudo, ele era responsável diante de Deus, porquanto do Senhor é que recebeu uma missão divina. E também era responsável diante de toda a nação e de si mesmo.

Não te ungiu...? Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre esse rito. A cerimônia foi extremamente simples. Somente Samuel e Saul estavam ali, mas invisivelmente Yahweh estava presente, observando o ato. A unção foi realizada. Samuel deu um beijo de bênção em Saul; em seguida, proferiu palavras abençoadoras. Estava tudo terminado. Foi uma cerimônia simples mas eficaz, transmissora de autoridade. Ninguém duvidaria da legitimidade do ato, porquanto Samuel o havia realizado. Ver outros comentários na introdução a 9.25, e plenas informações sobre a unção, no *Dicionário.*

10.2

Quando te apartares hoje de mim. Temos aqui predições de Samuel acerca do que aconteceria a Saul naquele primeiro dia em que voltasse à casa de seu pai. Samuel continuou demonstrando seus poderes como profeta que havia dado a Saul tal autoridade e poder sobre Israel.

Junto ao sepulcro de Raquel. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse assunto. Não repito aqui detalhes, na esperança de que o leitor examine naquele artigo os detalhes. Ver Gên. 35.19.

Em Zelza. Situava-se na fronteira de Benjamim e é mencionado somente aqui. Era um lugar de parada entre Betel e Belém, dando boa visão de leste a oeste, e plena visão de *Beit Jala,* ou talvez esses dois lugares fossem idênticos. Os *dois homens* que Saul ali encontraria foram providos e previstos providencialmente. Eles teriam notícias sobre as jumentas perdidas e trariam uma palavra da parte do pai de Saul. Mas não havia motivo para preocupação. Saul seria mantido em segurança para sua missão real, e coisa alguma poderia prejudicá-lo, enquanto ele não houvesse cumprido os seus propósitos. Nada se sabe sobre o local propriamente dito, nem mesmo sua localização exata. A descrição de Jacó sobre o lugar onde Raquel foi sepultada satisfaz plenamente as exigências da presente narrativa. Ver Gên. 48.7 e cf. Gên. 35.19. Zelza, evidentemente, significa "sombra".

Cf. este versículo com I Sam. 9.5. Saul sabia que seu pai deveria estar preocupado com ele, pois grande fora sua demora. Portanto, havia ali amor e preocupação mútua.

10.3

Quando dali passares adiante. A premonição de Samuel continuou. Ele percebeu que, após o encontro com os dois homens, haveria outro encontro, então com *três* homens, ao pé do carvalho de Tabor. Apresento um artigo, chamado *Tabor, Carvalho de,* no *Dicionário.* Portanto, não repito aqui os detalhes.

Esses três homens estariam carregando três cabritos, três pães e também vinho, provavelmente ingredientes para uma oferta pacífica e uma libação. Mas, visto que somente o *holocausto* requeria que toda a carne fosse oferecida a Yahweh, haveria alimento suficiente para todos. Isso posto, outra bênção de Yahweh a Saul foi essa refeição.

Que vão subindo a Deus a Betei. Temos aqui uma expressão incomum que significa, no hebraico, "subindo para sacrificar e comungar com Deus". O oferecimento seria feito em *Betel* (ver a respeito no *Dicionário*), um santuário muito antigo que permaneceu como tal quando o templo substituiu o tabernáculo, em Jerusalém. A adoração foi finalmente centralizada em Jerusalém, mas antigos lugares de adoração continuaram sendo usados, contra a vontade de algumas autoridades de Jerusalém. O Targum diz aqui: "Subindo para adorar a Deus em Betei".

Um odre de vinho. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Odres,* para mais informações a respeito.

A providência de Deus continuou orientando todos os detalhes da jornada. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus.*

10.4

Eles te saudarão. Provavelmente com a usual saudação "paz seja contigo". O hebraico diz literalmente aqui: "e eles te inquirirão acerca da paz", ou seja, sobre como estarás passando. Ver no *Dicionário* sobre *Saudação.*

O Almoço Gratuito. Os três homens mostrar-se-iam generosos. Eles estavam indo a Betel a fim de adorar e *orar* (conforme nos disse Josefo, em *Antiq.* 1.6, cap. 4, sec. 2). Sendo homens de atitudes espirituais, estariam ansiosos por demonstrar generosidade para com Saul, embora não fizessem idéia de que estavam tratando com o primeiro rei de Israel.

"O sentido das palavras do profeta é: 'Quando chegares à planície de Tabor, encontrarás três homens; não os temas. São homens amigos e demonstrarão amizade mediante saudação e por darem dois pedaços de pão, uma provisão de que precisarás para o resto da tua jornada" (Adam Clarke, *in loc.*). Portanto, Deus, mediante Sua graça e misericórdia, tomou conta deles.

10.5

Onde está a guarnição dos filisteus. A informação dada aqui por Samuel era que o grupo de viajantes passaria pela guarnição dos filisteus, na *colina de Deus.* Diz o Talmude: em uma colina onde a arca do Senhor era guardada, um lugar alto perto de Gibeá. "Parece que esses aguerridos filisteus gradualmente, após sua grande derrota em Mispa, foram-se estabelecendo de novo em vários lugares da terra, de onde atacavam os israelitas" (Ellicott, *in loc.*). Gibeá situava-se a somente oito quilômetros de Mispa, e ambas não ficavam distantes de Quiriate-Jearim, onde a arca da aliança era agora guardada (ver 7.1). Embora houvesse perigo ali, Saul e seu grupo não foram atacados. Essa foi outra provisão da providência divina.

Perto dali, eles se encontrariam com um grupo de profetas que desceria do *lugar elevado,* ou seja, do santuário de Gibeá.

Escolas dos Profetas. Ver no *Dicionário* completas informações a respeito. Algumas dessas escolas eram dirigidas por profetas autênticos; mas outras haviam entrado em decadência. Com música alta e danças, lançavam-se em um frenesi cerebral que, presumiam, podia produzir profecias. O paralelo ao moderno *movimento carismático* é próximo demais para que o percamos de vista. Ver sobre esse assunto na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia.* Estudos modernos mostram que um cérebro altamente atiçado pela música alta e pelo ruído pode produzir certas manifestações psíquicas tais como línguas, profecias etc. Entretanto, não podemos atribuir todo o movimento carismático moderno a isso. Antes, devemos examinar caso a caso, para separar o falso do verdadeiro.

Os profetas levavam *vários instrumentos musicais* com o propósito específico de criar o frenesi apropriado a estados alterados de consciência que iniciavam os fenômenos psíquicos. A música é um poder extraordinário (a mais abstrata das artes) e pode ser usada para o bem ou para o mal. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Música, Instrumentos Musicais.* Algumas vezes, o comportamento dos profetas era considerado *loucura* (ver II Reis 9.11 e Jer. 29.36). A conduta peculiar dos profetas, entretanto, no caso de algumas escolas, era apenas o sinal peculiar de sua atividade. De outras vezes, sob a influência de transe profético, eles eram capazes de proferir coisas solenes e profundas (ver Núm. 24.2-4). Em qualquer lugar onde os fenômenos psíquicos se manifestem, porém, temos uma mistura do que é puramente *natural* e *humano,* com o que é *demoníaco* ou é *divino.* É provável que as antigas escolas dos profetas, da mesma forma que seus modernos imitadores, fossem uma mistura de todos esses aspectos.

Saltérios. No hebraico, *nebel,* talvez um instrumento de cordas, ou então, conforme outros estudiosos, uma espécie de gaita de foles, evidentemente tomada por empréstimo dos gregos e dos romanos.

Tambores. No hebraico, *toph,* címbalos ou tambores, instrumentos de percussão.

Flautas. No hebraico, *chalil,* instrumentos de sopro.

Harpas. No hebraico, *kinnor,* instrumentos de corda.

Instrumentos musicais desse tipo já existiam no Egito, e seus vizinhos, os filhos de Israel, possuíam boa variedade deles. É provável que os hebreus tomassem por empréstimo de outros povos a maioria dos instrumentos musicais, porquanto eles eram fracos nas artes e nas ciências, embora fortes na fé religiosa e na literatura.

10.6

O Espírito do Senhor se apossará de ti. Samuel também predisse que o Espírito de Deus viria sobre Saul, e este (provavelmente para sua imensa surpresa)

ajuntar-se-ia ao frenesi, sendo capaz de profetizar, tal como sucedia aos outros profetas. Isso realmente aconteceu, mas Saul não viveu fazendo isso. Seja como for, a vinda do Espírito sobre ele traria outros benefícios, não limitados a declarações daquela natureza. Ele seria assim fortalecido como poderoso guerreiro, para iniciar a fase de libertação de Israel do jugo filisteu, completada posteriormente por Davi.

Os projetos obtêm mais sucesso quando há *entusiasmo,* o que, em grego, é *en* (em) e *theos* (Deus), ou seja, "cheio de Deus". Saul, pois, receberia "entusiasmo" para a tarefa. Seus inimigos tornar-se-iam pequenos no momento em que o Espírito o inspirasse. Ele cometeria muitas falhas, mas em essência cumpriria o seu destino. A monarquia precisava ser assinalada pela *independência* diante de potências estrangeiras.

Tu serás mudado em outro homem. Haveria uma mudança radical para melhor, um poder acompanhado pela transformação de atitudes e por altos ideais. A tarefa tornar-se-ia possível, pela inspiração do Espírito. Alguns estudiosos vêem nisso a regeneração espiritual, segundo os termos do Novo Testamento, mas dificilmente ela está em foco aqui. "... o Espírito tornou o inexperiente e iletrado Saul *capaz* de assumir as responsabilidades reais, tal como os juízes antes dele também foram abençoados (ver Juí. 6.34; 11.29; 13.25; 14.6,19; 15.14)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Alguns eruditos dão-nos a curiosa interpretação de que Saul seria capacitado a cantar, a levantar sua voz em cânticos inspirados, conforme faziam os profetas, e *isso* seria um sinal de que ele estava cheio do Espírito.

10.7

Quando estes sinais te sucederem. Este versículo informa-nos que Saul teria essa porção especial do Espírito de Deus para ajudá-lo, e não apenas naquela ocasião. Ele teria o poder de proclamar-se rei de Israel; e ninguém duvidaria dele. De súbito, Saul se tornara um líder poderoso, e logo o povo haveria de segui-lo. Em breve, talvez no espaço de um mês, Saul teria a oportunidade de sair como rei, conforme lemos no capítulo 11. Nessa ocasião, quando ele tivesse de asseverar sua autoridade e liderar o povo corretamente, o Espírito de Deus viria novamente e lhe garantiria o sucesso (ver I Sam. 11.6).

"Que tremenda série de circunstâncias foram previstas com exatidão! Porventura, isso não prova que Samuel estava sob a contínua inspiração do Todo-poderoso?" (Adam Clarke, *in loc.).*

10.8

E eis que eu descerei a ti. Sacrifícios apropriados a Yahweh tinham de acompanhar a preparação de Saul para tornar-se rei. Devemos lembrar que a fé dos hebreus era expressa por meio do sistema sacrificial. Havia pecados que seriam expiados; havia oferendas feitas para agradar Yahweh. Desse modo, foram criadas as condições necessárias para que Saul fosse dotado por Deus (vs. 9).

Para sacrificar holocaustos. Ver, no *Dicionário,* aquele tipo de sacrifício em que o animal inteiro, exceto sua pele, era queimado. Nada do animal era comido, mas a pele ia para o sacerdote que oferecesse o animal. Esse sacrifício falava sobre a *completa dedicação* a Deus.

E para apresentar ofertas pacíficas. Ver notas completas sobre esse tipo de oferendas em Lev. 7.11-23.

Após uma espera de *sete dias,* Yahweh viria a Saul e o transformaria, preparando-o mental e espiritualmente para sua elevada missão. "É provável que esses sete dias se refiram ao tempo em que Samuel veio a Saul, em Gilgal, ofereceu sacrifícios e confirmou o reino a ele, depois que ele derrotou os filhos de Amom (ver i Sam. 11.14,15)" (Adam Clarke, *in loc.*).

10.9

E todos esses sinais se deram naquele mesmo dia. O que foi prometido no vs. 6 deste capítulo, cumpriu-se. Saul foi transformado em um novo homem, dotado pelo Espírito de Deus. O "velho Saul" não era capaz de ocupar o ofício real. O novo Saul em breve mostrar-se-ia qualificado e, apesar das muitas falhas em seu caráter e em seu labor, ele cumpriria a missão de debilitar os filisteus, ao que Davi se seguiria, completando a missão. Isso teria de ocorrer antes que a monarquia pudesse ser estabelecida. Ver os comentários sobre o vs. 6, que também se aplicam aqui. Os "sinais" haveriam de acompanhar Saul, especialmente a obra do Espírito de Deus, que o tornaria uma nova pessoa. Também é provável que sua capacidade temporária de agir como profeta, proferindo profecias (ver o vs. 6), fizesse parte da questão dos sinais. Mas esses *sinais* incluiriam todo o complexo de circunstâncias que reuniu Samuel e Saul.

10.10

Chegando eles a Gibeá. Ou seja, ao lar de Saul, a propriedade de sua família, que deveria ficar nas vizinhanças de Gibeá. Os Targuns e Josefo dizem *Gibeá,* e não " colina", conforme outras versões (ver *Antiq.* 1.6, cap. 4, sec. 2).

O Espírito de Deus se apossou de Saul. Este versículo cumpre as predições feitas no vs. 5 e descreve alguns *sinais* que mostrariam que Saul estava sendo preparado para seu ofício real. Ver as notas referentes àquele versículo, as quais também se aplicam aqui. Devemos lembrar que o ofício de profeta, em Samuel, eclipsava o ofício sumo sacerdotal. As escolas dos profetas não formavam profetas como Samuel, mas faziam parte das tradições hebréias e, em certo sentido, encobriram o trabalho dos sacerdotes. Provavelmente, alguns desses profetas também eram sacerdotes, mas com o novo ministério profético alcançaram outra dimensão em suas atividades. Esses profetas possuíam o *toque místico* e não se limitavam a ritos e sacrifícios tão-somente. O povo nunca se satisfaz com meros ritos, mas, antes, é mister que haja a presença do Espírito de Deus para que o coração humano se satisfaça plenamente. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Misticismo* e *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

Saul não havia recebido treinamento profético. Ele não pertencia a essa tradição. Também não era levita. E, no entanto, de súbito, ei-lo a fazer coisas que os profetas faziam. Todo o povo de Israel atentaria para esse fato.

10.11

Também Saul entre os profetas? A sensação estava criada. Saul entre os profetas? Como era possível? Algo estranho e excitante estava acontecendo. O Espírito foi dado com um *sinal* para o bem; um movimento independente se formava. Um novo líder havia sido escolhido. Era como se um cometa de repente atravessasse o firmamento, e toda a nação o visse e se maravilhasse. O povo ficou surpreso por ver o pouco imaginativo filho de um agricultor em tão boa companhia; ou, então, conforme supõem alguns, a surpresa foi ver o filho de um rico e poderoso fazendeiro na companhia daquele grupo de profetas itinerantes, sem grande reputação.

"Os profetas eram religiosamente respeitados por seus poderes sobrenaturais, mas socialmente desprezados. Fosse como fosse, Saul estava em meio a uma companhia inesperada" (George B. Caird, *in loc.*). Essa reação ante Saul pode ser comparada à reação diante de Jesus e Seus seguidores (ver Atos 9.21).

10.12

Então um homem respondeu. Saul não pertencia à escola dos profetas. Era filho de um fazendeiro, e poderia ter sido rico e poderoso, mas por certo não era homem para aquelas realizações e associações. Saul, pois, era como "um peixe fora da água". Nada havia em sua formação que pudesse explicar essa súbita capacidade profética. Sim, Saul surpreendeu a todos com sua mudança nada característica. Em I Sam. 19.23, achamos Saul novamente sob a influência do Espírito, *proferindo palavras estranhas (falando em línguas?), cantando hinos* e agindo como se tivesse sido treinado em uma das escolas proféticas. É patente que Saul só agia assim *ocasionalmente.* Ele não se tornou um profeta nem acompanhava a escola dos profetas. Ver Gál. 1.23 quanto a um paralelo no Novo Testamento. Saulo (o apóstolo Paulo) surpreendeu a todos tornando-se missionário de Jesus.

10.13

Seguiu para o alto. Provavelmente não está em mira o santuário, em alguma colina, mas, conforme supõe a maioria dos estudiosos, à "sua casa", localizada em uma colina (vs. 10). Ali se encontrou com seu tio, Ner, pai de Abner (ver I Sam. 14.50). Saul, em associação com os profetas, tinha temporariamente "perdido o controle", mas agora voltara à normalidade. Contudo, não à sua antiga normalidade, pois agora era um novo homem, comissionado e dotado para uma nova missão. O "alto" ficava em Gibeá. Alguns supõem que houvesse ali um *lugar elevado,* um santuário em Gibeá, e que Saul tenha ido até ali para orar, meditar e planejar. Nesse caso, foi uma ação acertada, após a sua experiência profética. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lugares Altos.* O vs. 14 mostra-nos que Saul voltou para casa.

10.14

Perguntou o tio de Saul. Provavelmente Ner, pai de Abner (14.50). Saul tinha voltado ao mundo real. A excursão atrás das jumentas de seu pai tinha-lhe permitido viver acontecimentos inesperados. Por ordem do pai, saíra em busca dos animais, mas voltara rei ungido, por ordem do Pai. Contudo, Saul ficou em silêncio e não revelou ao tio a maior parte das coisas que tinha acontecido. Ainda não era hora. As portas abrem-se pela ordem divina. O tempo de agir, de assumir autoridade real, logo chegaria. Saul ainda estava em fase de preparação. Contudo, revelou seu encontro com o profeta Samuel, mas apenas no tocante ao auxílio no caso das jumentas.

Josefo (*Antiq.* 1.6, cap. 4, sec. 2) identifica aqui o tio como Abner, e os Targuns concordam com esse parecer.

10.15

Então disse o tio de Saul. O fato de Saul ter encontrado o renomado profeta deve ter surpreendido Abner, fazendo-o indagar o que Samuel dissera. Não era comum que alguém se encontrasse com um homem tão ilustre.

"Abner, tio do futuro rei, homem observador, deve ter ficado impressionado com as mudanças ocorridas na vida de Saul, desde que o vira pela última vez. Daí sua pergunta" (Ellicott, *in loc.*).

10.16

Informou-nos de que as jumentas foram encontradas. *Uma Resposta Mínima.* Saul revelou alguma coisa, mas não tudo o que havia acontecido. A questão das jumentas era relativamente banal. E sobre isso ele se sentiu livre para falar à vontade. Como era esperado, Samuel tinha poderes clarividentes para localizar as jumentas e aliviar a preocupação de Saul quanto à segurança dos animais. Mas o grande trabalho, sua unção como rei, não foi mencionado. Ainda não havia chegado o momento de tal revelação. Para todos os acontecimentos significativos, há um "tempo sazonado". Quão impacientes ficamos enquanto esperamos que as coisas amadureçam! Um sonho comum e um símbolo de visão quanto ao "tempo certo" é o amadurecimento das frutas. *Frutos verdes* significam que "as coisas ainda não amadureceram". *Frutos maduros* significam que as coisas "agora acontecerão conforme designado". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sonhos.* Para Josefo, Saul relutou em revelar a questão maior porque pensava que seus parentes não acreditariam nele (*ut supra*); a questão, contudo, era bem mais profunda.

10.17

Convocou Samuel o povo. Temos aqui o discurso de preparação feito por Samuel. Israel tinha vindo de longe. Sua história era assinalada por intervenções divinas. Além disso, a *monarquia* estava sendo preparada. Embora o povo de Israel se mostrasse constantemente rebelde e desobediente, a vontade divina nunca os abandonou. Portanto, aquela nação moveu-se de estágio em estágio, mediante a ajuda de Deus. A *monarquia* era historicamente inevitável, embora espiritualmente inferior. Samuel, pois, relembrou-os disso (ver o vs. 19).

Em Mispa. Ver a respeito no *Dicionário.* Era o local favorito para reuniões públicas nos dias de Samuel. Cf. I Sam. 7.5,6. A *Mispa* aqui em vista não era a mesma que havia na região de Gileade, pois ficava no território da tribo de Benjamim. "Samuel fez tudo quanto estava a seu alcance para promover a grande causa. Ele convocou uma assembléia nacional em Mispa. Aqui, o local sagrado, conforme ficou dito, caiu à tribo de Benjamim, e daí, em um círculo cada vez menor, finalmente caiu sobre Saul, filho de Quis" (Ellicott, *in loc.*). Alguns supõem que o Urim e o Tumim fossem usados para tomar decisões, demonstrando que Saul era o preferido por Yahweh; mas nada foi dito acerca disso. Ademais, o uso da sorte não é especificado. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sortes.* Provavelmente, a palavra e a afirmação de Samuel seriam suficientes para que o povo aceitasse Saul como rei, e talvez isso fosse tudo quanto era necessário dizer.

Cf. Jos. 7.16-18 quanto à divisão dos territórios nacionais entre as tribos, por meio de sortes sagradas. Ver também Êxo. 18.25.

10.18

Fiz subir a Israel do Egito. O *livramento* do Egito requereu diversas *intervenções* divinas. Assim, Deus fez em favor de Israel o que Israel não podia fazer por si mesmo. O poder divino estava sempre presente, ultrapassando os atos humanos. No entanto, Israel era constantemente lembrado de que era um povo desobediente e rebelde. Querer um rei, na verdade, forçar a questão, fora outro ato de rebeldia, espiritualmente inferior mas historicamente inevitável. Quanto ao *livramento do Egito,* uma circunstância com freqüência referida quando se queria ilustrar o poder de Yahweh, ver as notas em Núm. 23.22 e Deu. 4.20. O tema é reiterado por mais de vinte vezes no livro de Deuteronômio. Cf. I Sam. 8, a respeito de como Samuel, *relutantemente,* deu a Israel o seu primeiro rei, Saul.

E da mão de todos os reinos que vos oprimiam. O poder de Yahweh estendeu-se para livrar Israel de todas as nações que habitavam a terra, embora invasões e escravizações temporárias também ocorressem. Ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1 quanto às *sete nações* cananéias que Israel teve de expulsar e, subseqüentemente, manter em subjugação. O livro de Juízes ilustra graficamente a constante luta contra seus vizinhos. Quando Samuel disse essas palavras, os filisteus eram a principal potência que assediava Israel. A missão de Saul, portanto, seria debilitar os filisteus, e Davi daria o golpe final, libertando totalmente o povo de Israel.

10.19

Mas vós rejeitastes hoje a vosso Deus. Este versículo é paralelo a I Sam. 8.7-9. Embora Yahweh tivesse agido poderosamente em favor de Israel, livrando-o dos inimigos, o povo rejeitou o Seu reinado, preferindo o reino de um mero homem. Por isso dizemos que a monarquia era realmente inevitável, parte necessária da história de Israel, embora fosse uma vereda espiritual inferior.

A apresentação formal de um rei precisava ser feita perante o povo, a fim de que todos os filhos de Israel lhe prestassem lealdade. Samuel buscava a unidade de opinião e de atos, e a cerimónia produziria isso.

Pelos vossos grupos de milhares. Conforme mostra o contexto, temos aqui tão-somente um termo que indica clãs ou famílias, conforme se vê no vs. 2.

10.20,21

Foi indicada por sorte a de Benjamim. A apresentação foi feita por meio de tribos, clãs e famílias. Aparentemente, a sorte sagrada (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sortes*) foi usada primeiramente para indicar a tribo; em seguida, o clã; então, a família; e, finalmente, dentro daquela família o homem que ocuparia o trono. A sorte funcionava pelo modo simples do sim ou não. "É esta a tribo de onde o rei deve provir?", Samuel perguntaria. E a resposta obtida seria um "não". É incrível que até um apóstolo, escolhido para substituir Judas Iscariotes, tenha sido selecionado nos tempos do Novo Testamento por meio de sortes. Ver Atos 1.26. Ver o artigo geral sobre *Adivinhação* no *Dicionário.* O artigo intitulado *Sortes* sugere como operava o método do lançamento de sortes, ou seja, o seu *modus operandi.* Alguns intérpretes supõem que tenham sido usados o Urim e o Tumim. Ver o primeiro ponto no artigo chamado *Sortes,* no *Dicionário,* bem como o artigo em separado sobre esse assunto.

Independentemente do método usado, *Benjamim* foi finalmente revelada como tribo da qual o rei deveria vir. Então o procedimento foi repetido quanto aos clãs. Em seguida, quanto às famílias.

O *modo de proceder* então foi singularizado para o clã de *Matri* (ver a respeito no *Dicionário*). Finalmente, a família dentro do clã foi especificada, ou seja, a de Quis, o pai de Saul. A sorte última apontou para *Saul,* o filho de Quis que Yahweh escolhera para ser rei de Israel.

Não podia ser encontrado. Saul, temeroso, tinha-se ocultado. O momentoso dia havia chegado e pareceu demais para Saul, que temporariamente se assustou diante dos inesperados eventos. Ser rei nunca fora uma de suas ambições, e ele não sabia se seria capaz de ocupar o ofício, a despeito de ter sido ainda há pouco escolhido para isso. Ele se sentia esmagado pela proposta. Alguns indivíduos indignos ridicularizaram a escolha de Saul (ver o vs. 27), e ele próprio não estava seguro se essa avaliação era equivocada. Mas o tempo haveria de provar ser ele o homem certo para o cargo, apesar de suas várias falhas.

"Por modéstia ou temor, o fato foi que ele se ocultou" (Adam Clarke, *in loc.*). Saul se escondeu antes da definição das sortes, porque sabia o que aconteceria. Foi preciso outro ato de adivinhação para encontrar o futuro rei (vs. 22).

10.22

Então tornaram a perguntar ao Senhor. Não é provável que tenham sido usadas sortes para encontrar Saul. O mais simples método do "sim ou não" poderia revelar o seu esconderijo, contanto que muitas perguntas fossem formuladas. Samuel poderia indagar: "Está ele em casa?". E a resposta seria "não". Outra pergunta: "Está ele escondido entre as árvores?". "Não", responderia a sorte. Finalmente, o local seria revelado mediante o processo de incansável eliminação. Para salvar Samuel do longo processo de eliminação, os eruditos supõem que algum *outro* método tenha sido usado para a localização final de Saul. Talvez Yahweh tenha dado a Samuel alguma intuição, ou um conselho ou uma visão em que Saul aparecia oculto no meio da bagagem. Se Samuel pôde localizar algumas jumentas perdidas, não deve ter tido dificuldade em encontrar o trêmulo Saul.

10.23

Correram, e o tomaram dali. Lá estava ele, tão alto e forte, obviamente um homem que qualquer povo teria escolhido para rei. É verdade que, conforme salientamos, houve quem não concordasse com a escolha, homens malignos cujo juízo estava corrompido pelo pecado (ver o vs. 27). A escolha de Saul como rei mostra-nos que um homem cheio de defeitos pode ser eleito para um propósito especial e, embora sua missão tenha sido realizada com muitas falhas, a *essência* pôde ser cumprida. "... Grande estatura, boa aparência, conforme Kimchi observou, recomendavam à dignidade real e faziam o povo admirar-se diante de um venerável príncipe (9.2)" (John Gill, *in loc.*). "Agamenom, à semelhança de Saul, era cabeça e ombro mais alto que o povo. Como Saul, ele tinha um ar peculiar e uma dignidade expressa pela palavra hebraica geralmente traduzida por 'bom' ou 'bondoso'" (Ellicott, *in loc.*).

10.24

Então disse Samuel a todo o povo. O próprio Samuel estava entusiasmado com o novo rei e convocou o povo de Israel para observar a estatura e as maneiras de Saul. A resposta foi a proclamação quase unânime de Saul como rei, mediante a aclamação "Viva o rei!", que se tornou entre os povos em favor de seu monarca. A escolha foi feita por meio de sorte, ou por algum outro tipo de adivinhação, mas para o povo não havia nenhum acaso envolvido nessa escolha. Yahweh tinha tratado da questão, assegurando que a Sua vontade fosse cumprida.

Eles desejaram longa vida a Saul e, de acordo com os Targuns, "prosperidade". No entanto, brevemente os pecados de Saul torná-lo-iam um homem derrotado, embora ele tivesse completado a essência de sua missão em pouquíssimo tempo. "O tempo para que a casa de Jessé (Davi) chegasse a brilhar demoraria bem pouco, mas ainda não havia chegado. Saul e Jônatas, mais velozes que águias e mais fortes que leões, ainda pareciam os campeões de Israel" (Deão Stanley, *in loc.*).

10.25

Declarou Samuel ao povo o direito do reino. Os "direitos e deveres do rei" (Revised Standard Version) foram descritos diante do povo, por Samuel, para que todos soubessem como Saul deveria agir. Para ter certeza de que as coisas estavam claras, Samuel registrou tudo em um livro. Esse documento foi então posto "perante o Senhor", palavras que podem simplesmente significar "ao lado da arca", no lugar mais santo do tabernáculo, conforme supôs Josefo (*Antiq.* 1.6, cap. 5, sec. 1), com o que concordou Kimchi. Cf. Deu. 31.26. Esse ato adicionou solenidade à ocasião. O rei havia sido proclamado pelo povo; mas sua primeira responsabilidade era, antes de tudo, diante de Yahweh, o que foi afirmado pelo mais solene ato que poderia envolver aquele documento escrito. A futura dinastia prometida viria através de Judá, e não de Benjamim (Gên. 49.10), e dessa linhagem surgiria o próprio Messias. Por enquanto, todavia, o homem de Benjamim teria sua oportunidade de ajudar os filhos de Israel a libertar-se dos filisteus.

10.26

Foi com ele uma tropa de homens. *Uma Nobre Companhia.* Saul teve um bom começo. Saiu acompanhado por um nobre grupo de homens cujo coração Yahweh tinha tocado. O Espírito de Deus estava na questão. De Saul não se esperava que carregasse sozinho toda a carga. Todos os grandes projetos envolvem um grupo de pessoas, e raramente alguma coisa grandiosa é efetuada por um único homem, sem auxílio externo. Homens distintos rodearam Saul. Alguns eram anciãos que proveriam sabedoria; outros, militares que colaborariam com seu poder. Eram conselheiros que o serviriam de diversas maneiras. A história oferece-nos textos que provam que o poder e a orientação divina são fundamentais para os grandes projetos. O poder dos homens tem suas limitações. Vontade e entusiasmo têm de estar presentes, e essas qualidades são conferidas pelo Espírito. O homem inteligente, sem uma vontade poderosa que o capacite a realizar, pode ser uma curiosidade, mas não um produtor. Um homem forte sem direção dissipa suas energias e é inútil e infeliz em seus esforços.

10.27

Porém Saul se fez de surdo. Pelo *lado negativo,* "certos sujeitos indignos" (Revised Standard Version) desprezaram Saul e não o reconheceram nem o honraram por meio de presentes pessoais. A Revised Standard Version muito provavelmente está correta ao traduzir o termo hebraico *belial* como um adjetivo, em vez de referir-se ao diabo. Isso faz parte de uma teologia posterior, fora de lugar em I Samuel.

"Aqueles homens provavelmente eram príncipes e varões de destaque das grandes tribos de Judá e Efraim, descontentes diante do fato de que o rei fora escolhido da pequena e insignificante tribo de Benjamim... Eles o desprezaram porque... Saul era homem sem nenhuma cultura especial. Ele passara sua infância ajudando nas fazendas de seu pai, nas vizinhanças de Gibeá. Portanto, eles não lhe trouxeram presentes, o que, no Oriente, era sinal de submissão e homenagem. Ignoraram-lhe a autoridade. Mas Saul se fez como surdo para com eles, como se não lhes tivesse ouvido as murmurações. Essa conduta prudente revelou grande autocontrole e abnegação da parte do novo rei e de seus conselheiros" (Ellicott, *in loc.*).

"Saul era agora uma figura pública e tinha o direito de ser apoiado por parte do povo. Aqueles filhos de Belial, entretanto, recusaram-se a cumprir sua parte" (Adam Clarke, *in loc.*). É possível que a palavra "presentes", usada neste versículo, inclua a idéia de taxas ou tributos, que um rei, naturalmente, coletaria para benefício de todo o reino.

Capítulo Onze

Primeiras Vitórias de Saul (11.1-11)

O *destino determinara* que a força de Saul seria testada logo em breve. O povo e o próprio Saul precisaram demonstrar que Yahweh dirigia o plano inteiro e era responsável por seu sucesso. A monarquia não podia começar em meio a uma derrota, embora viesse a sofrer várias derrotas ao longo do caminho.

"Este capítulo é um daqueles excitantes e encorajadores relatos que tipificam crises das quais emergem as lideranças. Os filhos de Amom ameaçaram os homens de Jabes-Gileade com a escravidão e a perda do olho direito. Os ameaçados apelaram para as tribos espalhadas de Israel. Saul demonstrou sua liderança *conclamando um grande exército que aniquilou os amonitas*" (John C. Shroeder, *in loc.*).

Jabes-Gileade, cerca de 40 quilómetros ao sul do mar da Galiléia, a leste do rio Jordão, era uma porção distante do reino de Saul e de difícil defesa. Mas Saul ficou extremamente irado com a maneira como "aquela pobre gente" fora ameaçada. Afinal, eles eram seu povo. A circunstância deu a Saul a oportunidade de exercer liderança sob circunstâncias difíceis. Ele não contava com um exército permanente, mas logo conseguiu organizá-lo. Ademais, a diferença era que o Espírito fez uma provisão especial, gulando-o e fortalecendo-o (vs. 6). Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

11.1

Então subiu Naás. Ver o artigo no *Dicionário* sobre *Naás* e sobre o que se sabe acerca dele. É curioso que esse homem, na ocasião inimigo de Saul, posteriormente tornou-se amigo de Davi, provavelmente devido à inimizade entre Saul e Davi (ver II Sam. 10.2 e I Crô. 19.1,2).

Jabes-Gileade. Ver a respeito no *Dicionário.* Essa cidade foi assediada pelos amonitas (ver no *Dicionário* o verbete denominado *Amom (Amonitas)*). Na verdade, o aniquilamento da maioria dos habitantes e a escravização dos sobreviventes ameaçavam o lugar. Assim, representantes da cidade foram enviados a Naás para estabelecer uma espécie de acordo, com vistas a evitar o pior. No fim, Naás quis exibir tanta brutalidade quanto sua vantagem lhe oferecia. Em outras palavras, a situação de Jabes-Gileade era totalmente desesperadora.

11.2

Farei aliança convosco... *O texto não deixa clara a razão para Naás atacar* a cidade. A pilhagem sempre era uma motivação. Ademais, há pessoas que se divertem matando outras. Homens malignos gostam de ridicularizar e escravizar. Podemos ter certeza de que Naás não tinha nenhum motivo nobre por postar seu exército perto de Jabes-Gileade. Os moradores ofereceram-se ao bruto como escravos, visando a salvar a vida. Mas Naás não se contentou com isso. Resolveu infligir-lhes a perda de um olho para mostrar quão grande ele próprio era, e quão pequenos eram os conquistados. Assim, seu pequeno reino de escravos continuaria a servi-lo dotado de apenas um olho. É difícil compreender tamanha brutalidade, mas devemos lembrar que, no tempo dos juízes e da monarquia em Israel, pequenas nações gentílicas viviam vagueando ao redor, praticando atos de selvageria. *Eram selvagens e alegravam-se com o sofrimento* alheio, da mesma forma que tantas pessoas, hoje em dia, prejudicam os animais pelo "prazer" de vê-los sofrer.

Arrancar um olho serviria a várias finalidades. Tornaria tais homens incapazes para a guerra. E assim eles jamais poderiam levantar-se contra o tirano. Faria todo Israel temer. Naás lançaria futuras invasões, criando um fama em torno de si mesmo. Além disso, era prazeroso ridicularizar outros povos e fazê-los temer.

"Aquela horrenda crueldade... capacita-nos a discernir os bárbaros costumes daquela era imperfeitamente civilizada" (Ellicott, *in loc.*). Mas nos tempos modernos, homens, em seus massacres em massa e com armamentos indescritíveis, revelam a crueldade ainda maior das alegadas nações civilizadas.

11.3

Então os anciãos de Jabes lhe disseram. *Um Pedido Tolo.* Em essência, o pedido dos israelitas de Jabes foi que Naás lhes concedesse sete dias para encontrar um libertador. Diante disso, Naás concordou, por saber que não havia libertador, já que Saul não tinha exército permanente e seria *quase impossível* enviar um exército até Jabes-Gileade. Portanto, seria divertido contemplar os homens de Jabes-Gileade em seu desespero. Acresça-se a isso que meros sete dias eram um prazo extremamente curto para reverter a situação, por qualquer meio imaginável. No fim de sete dias, Jabes-Gileade tornar-se-ia um pequeno reino de escravos, cada homem com seu olho direito vazado. Naás estava desfru-

tando o jogo tolo. Contudo, "esses planos foram estragados pelo fator incalculável da notável mudança no caráter de Saul" (George B. Caird, *in loc.*). Ellicott, *in loc.*, refere-se a petições similares feitas na Idade Média por pequenos estados secundários assediados por inimigos, e à concessão diante dessas petições. Tudo fazia parte do jogo de matar e ser morto. Naás quis desempenhar o seu jogo de espera, a fim de que pudesse insultar e ameaçar toda a nação de Israel. Suas conquistas não terminariam em Jabes-Gileade.

11.4

Chegando os mensageiros a Gibeá de Saul. Os representantes de Jabes-Gileade apressaram-se a comunicar sua triste sorte ao novo rei, Saul, que estava em Gibeá. Foi uma providência ditada pelo desespero, mas a única possível no momento. E o povo recebeu as notícias com voz chorosa e lamentações, reconhecendo que o caso era realmente desesperador. Conforme alguns intérpretes sugerem, talvez houvesse um estreito laço de amizade entre Jabes-Gileade e a tribo de Benjamim. Quando Israel foi convocado como "um homem" (Juí. 21) para vingar-se do crime cometido pelos homens de Gibeá, somente Jabes-Gileade recusou-se a cooperar. E então, quando os benjamitas foram praticamente eliminados devido à guerra civil, Jabes forneceu esposas para os sobreviventes, a fim de que aquela tribo não fosse totalmente extinta. Ver Juí. 21.14.

11.5

Então lhe referiram as palavras dos homens de Jabes. Saul apareceu em cena, tendo deixado para trás o gado de que vinha cuidando, e indagou a causa de todo aquele choro e lamentação. Ele tomava conta dos animais domésticos de seu pai, dificilmente o trabalho de um rei. Alguns desafios significativos eram necessários para torná-lo um rei eficaz. A ameaça da invasão dos amonitas em Jabes (posteriormente expandida pela invasão de outros lugares em Israel), pois, estabeleceu o estágio para o poder de Saul. Assim sendo, o que era uma coisa ruim, para dizer o mínimo, estava sendo transformada por um bom propósito. "Ele tinha sido criado para uma vida agrícola e, após a consagração como rei, retornou a ela, esperando um chamado da providência divina, que agora considerava ter recebido, na mensagem enviada pelos homens de Jabes-Gileade " (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus*. Tudo isso nos faz lembrar da história de Gideão. Gideão também trabalhava como agricultor, mas um repentino chamado divino convocou-o para sua missão salvatícia. Cf. os diversos casos de Juí. 3.31; 6.11 e Rute 3.2. Assim também Quinctius Cincinnatus foi tirado de trás do arado e transformado em ditador de Roma, mas, após as vitórias obtidas, ele voltou à vida de agricultor (Flor. *Hist. Roman.* 1.1, cap. 11; Aurel. Victor, de *Vir Ilustr.* cap. 20).

11.6

E o Espírito de Deus se apossou de Saul. Outra inspiração do Espírito fez mudar a maré. Samuel havia predito exatamente isso (ver I Sam. 10.6). E o próprio Saul já tinha sido tocado pelo Espírito quando profetizou com os profetas (I Sam. 10.10). Cf. o caso do juiz Otniel (Juí. 3.10). Grandes obras estão associadas a grande espiritualidade. Algumas vezes, uma obra especial do Espírito é realizada através de um homem que não possui nenhuma espiritualidade ou dom especial, meramente por ser essa a vontade de Deus. Usualmente, porém, um homem que é um instrumento especial se vê envolvido. Seja como for, Saul era o homem do momento, e por isso recebeu a orientação apropriada, o entusiasmo e o poder. "... o coração de Saul ficou assim preparado para a ação. O Espírito Santo caiu sobre ele e capacitou-o com sabedoria, valor e poder extraordinários para a grande e difícil tarefa que jazia à sua frente" (Ellicott, *in loc.*).

E acendeu-se sobremodo a sua ira. O homem irado e forte é aquele que precisa ser temido. A ira de Saul foi uma justa indignação. O grandalhão Saul estava cheio de ira, e em breve os amonitas conheceriam a sua ferroada. Até mesmo as paixões humanas vis podem tornar-se nobres, transformadas em úteis instrumentos, pelo poder de Deus.

11.7

Tomou uma junta de bois. *Uma Temível Lição Objetiva.* Talvez Saul tenha sido momentaneamente cheio com o poder de Sansão. Ele abateu e cortou em pedaços uma junta de bois e enviou os pedaços por todo o Israel por meio de mensageiros, para enfatizar seu intuito de matar. Ele abateria os adversários de Israel. Outrossim, a ameaça também era contra Israel, pois qualquer israelita que se recusasse a juntar-se ao exército que Saul convocava teria mortos todos os animais domésticos, como acontecera com aqueles bois. A lição objetiva foi crua e brutal, mas eficaz. Saul, quando irado, era homem para ser temido e obedecido. Era Sansão de novo. "Esse ato simbólico de Saul comparava-se ao uso de cruzes de fogo nas terras altas da Escócia, diante da ameaça de que aqueles que permanecessem em suas casas tê-las-iam queimadas" (George B. Caird, *in loc.*, com uma referência ao livro de Sir Walter Scott, *The Lady of the Lake*, canto II, estrofes viii-xi). Cf. o ato similar do levita, em Juí. 19.29.

Caiu o temor do Senhor sobre o povo. O terrível Saul havia ameaçado abater somente os animais domésticos dos desobedientes; mas ninguém poderia ter certeza se a ira do rei pararia nos animais. Saul tinha-se tornado um tirano enraivecido, violento e imprevisível, e ninguém ousava desobedecer às suas ordens. Como resultado, em pouquíssimo tempo, ele foi capaz de reunir um poderoso exército (ver o vs. 8). E foi assim que Saul pôs fim à ameaça dos amonitas e consolidou seu poder como rei. Ele deve ter parecido com um Salvador de Israel, naquele momento.

11.8

Contou-os em Bezeque. Ver no *Dicionário* o artigo a respeito. O local é assinalado pela moderna Ibziq, a cerca de 21 quilômetros na parte noroeste de Siquém, na estrada que leva a Bete-Seã, um excelente local para concentrar forças antes da marcha em direção a Jabes-Gileade.

É curioso, para dizer o mínimo, que os reinos norte e sul sejam aqui mencionados, visto que essa divisão ocorreu posteriormente. É provável que o livro de I Samuel tenha sido escrito ou, pelo menos, tenha sofrido uma compilação final após aquela divisão. Talvez a menção de Judá se deva ao fato de que essa tribo foi o maior colaborador isolado. Josefo fala em 700.000 do norte e 70.000 do sul, com base em fontes informativas desconhecidas ou em alguma suposição (ver *Antiq.* 6, cap. 5, sec. 1). A Septuaginta fala em 600.000 e 70.000, resultados semelhantes aos de Josefo. Mas não sabemos dizer por que toda essa diferença. Visto que as letras hebraicas representavam números e algumas delas poderiam ser facilmente confundidas, a exatidão quanto a números sempre gera dúvidas.

Dos filhos de Israel havia trezentos mil; dos homens de Judá trinta mil. A convocação do exército resultou em 300.000 homens para o reino do norte, Israel, e 30.000 para o reino do sul, Judá — um número gigantesco de homens para defender uma única cidade. O autor sagrado está dizendo que as ameaças súbitas a Israel resultaram em grande prestígio para Saul como rei. Esse era exatamente o tipo de acontecimento de que ele precisava para ser lançado ao poder. Uma tarefa maior estava à sua frente, o despertamento dos filisteus, o principal inimigo de Israel na época.

11.9

Amanhã. No dia seguinte, segundo a promessa, os homens de Jabes-Gileade seriam "socorridos". Mas não faziam idéia de quão grande seria a ajuda. Algumas vezes, milagres são operados em nosso favor, apanhando-nos de surpresa, de modo que "tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra" (II Cor. 9.8). Josefo disse ao "terceiro dia" foi prometida ajuda (*ut supra,* vs. 8) e era evidente que ele estava seguindo informações de uma fonte diferente daquela preservada nos manuscritos hebraicos atualmente conhecidos.

Quando aquentar o sol. Ou seja, do meio-dia em diante. O calor do dia traria salvação e vitória, e haveria de consolidar o poder de Saul como rei. A distância entre Bezeque e Jabes-Gileade era de somente 20 quilômetros, pelo que era fácil predizer o horário próximo da chegada do exército.

11.10

E disseram aos amonitas. Uma pequena força foi convocada de dentro da cidade de Jabes-Gileade, a qual seria adicionada ao maciço poder que havia fora dos portões da cidade, e esse pequeno grupo estaria à disposição de Saul para ser usado conforme ele quisesse.

Mas alguns intérpretes garantem que essas palavras foram ditas a Naás, o amonita, como um truque. Elas prometiam que, no dia seguinte, os mensageiros se apresentariam àquele homem brutal e lhe permitiriam fazer o que bem quisesse, ou seja, furar-lhes o olho direito e escravizá-los. Mas Naás se encaminhava para uma grande surpresa. Ele não estava preparado para o que haveria de encontrar no dia seguinte.

11.11

Sucedeu que ao outro dia Saul dividiu o povo. Saul dividiu sua gente em três grupos. Isso foi absolutamente eficaz, e a maioria dos amonitas pereceu. Alguns dos que escaparam foram totalmente espalhados, de modo que não havia dois homens que pudessem aliar-se. A divisão das tropas de Saul em três grupos

começou na noite daquele mesmo dia, visto que isso era considerado o começo do dia seguinte. A batalha começou na manhã seguinte e culminou à tarde, quando o sol ainda estava quente. As batalhas antigas eram, com freqüência, resolvidas em um único dia, visto que se constituíam, essencialmente, no confronto total entre duas forças que lutavam até serem massacradas, como se participassem de uma luta livre. Cf. este versículo com a estratégia de Gideão, que também dividiu suas forças em três grupos (ver Juí. 7.16). Abimeleque fez a mesma coisa (ver Juí. 9.43).

Pela vigília da manhã. Essa vigília era a última das três em que os hebreus dividiam os seus dias. As outras duas chamavam-se "o princípio das vigílias" (Lam. 2.19) e "o princípio da vigília média" (Juí. 7.19). Posteriormente, o dia foi dividido em quatro vigílias. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vigílias.* Provavelmente, Saul iniciou a marcha na noite anterior e terminou-a já perto de Jabes-Gileade, desferindo o ataque com o nascer do sol.

Saul é Proclamado Rei (11.12-15)

11.12,13

Os vss. 12-14 podem ter sido uma tentativa, por parte do autor ou editor, de reconciliar a proclamação de Saul como rei e outras narrativas passadas. Eles aludem, primariamente, aos sujeitos indignos já mencionados em 10.25-27, bem como à *unção que ocorrera em Mispa* (10.1 ss.). Por outra parte, a esta altura, o povo *reconhecera* o que tinha sido feito, por causa do súbito aparecimento de Saul como poderosa figura militar, algo que ninguém esperava. Os apoiadores de Saul estavam ansiosos para matar todos os dissidentes, porquanto era óbvio que ele agora não tinha rivais e podia demandar a lealdade de todo o povo de Israel. Saul passou por um momento de magnanimidade e não permitiu que ocorresse nenhuma matança de israelitas (ver o vs. 12). Era um dia de "salvação nacional" e teria sido totalmente impróprio que algum israelita morresse naquele dia. Se Yahweh concedera a Saul vitória sobre os filhos de Amom, não existiria dificuldade em reconciliar os adversários políticos, fazendo-os apoiar a causa de libertar Israel dos odiados opressores, os filisteus, os principais adversários de Israel na ocasião.

"O soldado comum dificilmente é inspirado por sua vitória a atos de magnanimidade. Ele derramou sangue e assim deseja derramar ainda mais sangue!" (Adam Clarke, *in loc.*). Seria exatamente o que teria acontecido, se Saul não tivesse intervindo e não clamasse por paz e reconciliação.

11.14

Disse Samuel ao povo. O que *aconteceu em* Mispa (10.1 ss.) foi *reafirmado* em Gilgal (ver a respeito no *Dicionário*). Ou então, conforme dizem alguns, temos aqui um relato distinto da unção de Saul, originário de uma fonte informativa diferente da do capítulo 10. Porém, é difícil compreender como um único autor poderia ter incorporado dois relatos separados e conflitantes em seu livro, e tão próximos um do outro como os capítulos 10 e 11. Portanto, parece estar em vista uma *reafirmação.* Saul, logo depois de sua grande vitória, seria nacionalmente *reconhecido* como rei, embora já tivesse recebido a unção de Samuel. Havia um bem conhecido santuário em Gilgal, pelo que aquele era um lugar apropriado para a unção. Não ficava no território de Benjamim, o que evitou que aquela tribo se tornasse a tribo real. Esse lugar é discutido no artigo sobre *Gilgal* (2.a). Situava-se no vale do rio Jordão, não distante de Jericó. A *renovação* do reinado de Saul ocorreria ali, e todas as forças de dissensão se uniriam a ele de tal modo que um esforço comum poderia ser efetuado, livrando Israel da opressão filistéia. Foi dessa maneira que Samuel terminou sua carreira como o principal líder de Israel, embora, sem dúvida, continuasse atuando como juiz. Mas Samuel finalmente substituiria Saul, quando este começasse a agir mal, ungindo Davi como rei. Parece que Gilgal ficava a cerca de 56 quilômetros de Jabes-Gileade.

11.15

E Saul muito se alegrou ali com todos os homens de Israel. A coroação de um rei era um ato religioso, e não apenas um ato civil. Eis a razão pela qual houve sacrifícios e por que ela foi realizada em um santuário. São mencionadas somente *ofertas pacíficas*, e isso foi muito apropriado, porque essa espécie de oferta permitia que se festejassem com todas as partes dos animais sacrificados, exceto o sangue e a gordura, que iam para Yahweh. Ver em Lev. 7.11-33 quanto a esse tipo de sacrifício e aos muitos regulamentos que o governavam. Ver o artigo geral sobre *Sacrifícios e Ofertas* no *Dicionário.* Além da unção e dos sacrifícios, haveria grande festividade nas celebrações.

Eugene H. Merrill (*in loc.*) sugeriu que se realizou em Gilgal uma "cerimônia de renovação do pacto, talvez por ocasião do primeiro aniversário de Saul como rei". Yahweh estava ali porque todas as coisas eram feitas *perante* Ele. O sacrifício e as festividades, assim sendo, uniam Yahweh ao Seu povo, e Ele era o convidado invisível a cada sacrifício e festividade. Aqueles momentos, pois, eram considerados tempos de *comunhão* e de eventos espirituais, e não, na realidade, eventos meramente sociais. Yahweh festejava com Seu povo e o abençoava, e haveria de abençoá-lo em todas as ocasiões futuras.

Josefo diz-nos que Samuel ungiu Saul com o óleo santo do tabernáculo, mas poderia haver outros azeites naquele tempo, antes mesmo que a adoração viesse a ser centralizada em um único santuário, em Jerusalém (*Ut supra,* sec. 4). Os filisteus tinham destruído Silo, onde residiam o tabernáculo e a arca (I Sam. 4.19 - 5.11 ss.). Então o tabernáculo foi estabelecido em Quiriate-Jearim (7.2), onde permaneceu pelo espaço de vinte anos. Dali foi levado para Jerusalém, e, finalmente, incorporado ao templo de Salomão.

Capítulo Doze

Samuel Resigna o Cargo de Juiz (12.1-25)

Samuel retirou-se como cabeça de Israel, pois Saul assumiu seu lugar como líder nacional. Isso tudo fazia parte da monarquia, que foi então instituída. Este capítulo, pois, é uma espécie de discurso de despedida. Samuel relembrou o povo acerca da integridade e fidelidade de seu governo, e convidou Israel a confirmá-lo (ver I Sam. 12.1-5). Yahweh tinha feito grandes coisas por eles (vss. 6-11). Eles obtiveram o rei que desejavam e estavam comprometidos a fazer o melhor nesse novo período, por temor ao Senhor (vss. 12-15). Se não se mostrassem *obedientes, a calamidade por certo os atingiria* (vss. 20-25). Quanto a alegadas diferenças entre os informes referentes ao capítulo seguinte, que tem uma abordagem negativa sobre a monarquia, e outras passagens, que a encaram positivamente, ver os comentários sobre o vs. 1.

12.1

Então disse Samuel a todo Israel. Com relutância, Samuel tinha provido a Israel um rei, contra seu melhor juízo e contra a vontade de Yahweh. Ver a história no capítulo 8. Os filhos de Samuel não o seguiram em seu governo justo e correto, e por isso o povo manifestou o desejo de ter um rei. O presente discurso não menciona, contudo, as falhas dos filhos de Samuel.

Constituí sobre vós um rei. Isso foi feito em Mispa (10.17 ss.) e reafirmado em Gilgal (11.14 ss.). Foi assim que Israel se moveu da teocracia (administrada por juízes) para a monarquia (administrada por uma longa série de reis, alguns bons, mas a maioria má). A monarquia levaria aos cativeiros, tanto o assírio quanto o babilônico. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro (Cativeiros).*

Este capítulo concorda com o capítulo 8 em sua avaliação negativa da monarquia, como se esta fosse o abandono da teocracia. Os críticos dizem que isso teve origem na fonte deuteronômica, que tinha visões antimonárquicas. Em contraste, temos as histórias da unção de Saul, que são bastante positivas em sua natureza e tidas como provenientes de fontes diferentes. Os capítulos 9 e 10 são bastante positivos e concordam com a avaliação de Juí. 21.25, de que a monarquia era uma melhoria do período dos juízes. A reconciliação dessas diferentes abordagens pode ser feita observando-se que a teocracia administrada pelos juízes era o *ideal* correto, mas a monarquia era melhor na prática, e assim se tornou uma *necessidade histórica.* As necessidades históricas nem sempre são ideais. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto às alegadas diferentes fontes do Pentateuco, que também figuram com algum grau nos primeiros livros do Antigo Testamento.

Samuel apontava para uma teocracia pura, ou seja, uma *teocracia ideal,* administrada por juízes. Esse tipo de teocracia era superior à monarquia, a qual, como é natural, seria corrupta desde o princípio. Mas Israel nunca atingiu uma monarquia ideal, exceto por breves períodos de conduta excepcional. O fato é que a *teocracia corrupta não seria melhor que a monarquia corrupta.*

12.2

Agora, pois, eis que tendes o rei à vossa frente. *A Integridade do Ofício de Samuel.* Ele fizera tudo quanto fora possível, com justiça e probidade. Cumprira todos os seus deveres. Fizera tudo sem isenção. Lamentos ele teve, e não poucos, *mas na verdade desprezíveis para serem mencionados.* Seus filhos desviados são citados, mas não há comentários negativos, conforme se vê em I Sam. 8.3. Sua *conduta* diante do povo era conhecida e cuidadosamente observada desde o tempo em que ele era criança. Ele tinha uma longa carreira, completamente aberta para o povo, por escrutínio. Ele os guiava como um pastor, corretamente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar,* quanto à metáfora usada.

Já envelheci e estou cheio de cãs. O tempo arrebata todas as coisas. A idade remove os líderes, e líderes jovens substituem os primeiros. Chegara o tempo de Samuel ceder terreno, permitindo que Saul passasse a governar. O sucessor de Samuel não seria um de seus filhos. Se o juizado tivesse continua-

do como deveria, isso é o que deveria ter acontecido. Mas Israel seguira uma direção diferente. Infelizmente, nenhum dos dois filhos de Samuel era digno de substituí-lo.

12.3

Eis-me aqui. Temos aqui uma afirmação de integridade. Samuel tinha feito bem seu trabalho e em meio a absoluta justiça. Ele desafiou qualquer indivíduo que soubesse de um ato errado da parte dele a dar testemunho disso. Ele estava deixando o ofício e queria que ficasse reconhecido, publicamente, que ele cumprira bem a sua missão. E ninguém apresentou queixa alguma. Era *perante* Yahweh *que Ele tinha andado corretamente. Qualquer queixa ou acusação de fracasso* tinha de ser feita perante Yahweh. Em todos os pontos ele agira de maneira certa: 1. Não furtou a propriedade de nenhum homem (animais). 2. Não fez negociatas escusas, defraudando a quem quer que fosse. 3. Não oprimiu a ninguém, embora fosse homem de poder, capacitado a fazer tal coisa. 4. Não aceitou peitas nem perverteu julgamentos. Em outras palavras, Samuel trilhou o caminho oposto da maioria dos políticos e homens de poder, os quais se deixam corromper por esse poder, enriquecem, desvirtuam julgamentos e oprimem os fracos. *Em suma,* seu registro público era puro. E ele estava ansioso por fazer restituição para qualquer ato de injustiça que talvez tivesse cometido inadvertidamente.

"A apologia de Samuel preocupou-se com sua conduta como juiz; todas as ofensas mencionadas foram contra a honestidade judicial" (George B. Caird, *in loc.*).

Outro crédito a favor de Samuel é que ele não tentou estabelecer seus filhos *como juízes. Por terem pervertido o julgamento, eles foram removidos e perderam* o privilégio da liderança.

12.4

Em nada nos defraudaste. *Uma Afirmação Pública.* Todos concordaram que Samuel tinha um registro sem mácula; ninguém se apresentou para contradizê-lo ou demandar reparo por algum erro praticado.

"Oxalá que ministros ou governadores de qualquer nação sob o céu pudessem dizer tais coisas!" (Adam Clarke, *in loc.*).

Motivações. Samuel estava mostrando que sua palavra era verdadeira e suas obras eram imaculadas. Podia-se confiar em tudo quanto ele dizia. Ele os *tinha advertido contra a monarquia. Isso adicionava mais um a seus já muitos* pecados (vs. 19). Mas, uma vez instituída a monarquia, eles deveriam fazer o melhor da má situação, obedecendo a Yahweh em todas as coisas (vss. 20 ss.).

12.5

O Senhor é testemunha contra vós outros. Embora Samuel sempre os tivesse guiado retamente, eles acumularam outro pecado ao exigir um rei (vs. 19). Assim sendo, Yahweh foi obrigado a enviar-lhes Saul, que inevitavelmente atrairia a calamidade. Então o povo de Israel lembrar-se-ia das instruções de Samuel, que eles tinham ignorado. Além do pecado de desejar a monarquia, o povo somou outros atos de rebeldia e apostasia. A calamidade certamente seguir-se-ia. Samuel ansiava por evitá-la, exortando os israelitas à obediência, porquanto Yahweh não os abandonara somente porque perverteram Suas instruções e se rebelaram.

De modo geral, Samuel continuou a vindicar seu ministério. Yahweh testemunhou contra qualquer homem que dissesse alguma coisa em contrário. O povo concordou que Yahweh com razão haveria de repreendê-los se alguém dissesse algo contra o imaculado registro público de Samuel.

"A razão pela qual Samuel fez tal discurso, na ocasião, quando abdicou de seu governo em favor de Saul, foi não somente garantir o seu próprio caráter, mas sugerir a Saul como *ele* deveria governar, e isso em consonância com o exemplo dado por Samuel" (John Gill, *in loc.*).

12.6

Testemunha é o Senhor. *Yahweh* dera permissão relutante a respeito de um monarca para Israel. E assim o rei e o povo deveriam andar retamente, porquanto Yahweh sempre havia sido o grande beneficiador da nação. Fora Yahweh quem *nomeara* Moisés e Arão, e tirara do Egito o povo de Israel, permitindo-lhe formar uma nação. Ver Núm. 23.22 quanto a notas sobre o livramento de Israel do Egito, um fato que sempre foi usado, dali por diante, como motivo à obediência. O livro de Deuteronômio repete esse tema mais de vinte vezes. Ver as notas a respeito em Deu. 4.20.

"Tendo estabelecido o seu próprio caráter, Samuel passou a apresentar ao povo algumas das grandes coisas que Deus tinha feito por eles, formalmente e *através do passado, até o presente, agravando ainda mais a ingratidão deles ao* rejeitar Deus como seu Rei" (John Gill, *in loc.*).

"O Êxodo é mencionado aqui e em vários outros lugares naqueles registros antigos como o grande chamado de amor, mediante o qual o Deus eterno assumiu soberania sobre Israel" (Ellicott, *in loc.*).

12.7

Agora, pois, ponde-vos aqui. Samuel havia vindicado o seu ministério e comprovado seu imaculado registro público como juiz; agora ele voltou sua atenção para narrar ao povo uma seleção dos grandes atos de Yahweh em favor do povo de Israel. Isso teve *dois propósitos:* 1. Mostrar-lhes a estupidez de sua insistência sobre um rei, que tiraria o Rei Yahweh de Seu trono e os conduziria à calamidade nacional. 2. Mas, visto que eles haviam escolhido aquele caminho, teriam de tirar o melhor proveito obedecendo a Yahweh e às Suas leis, demonstrando a lealdade apropriada ao Seu governante invisível, Deus.

Samuel falou com o povo como se estivesse na presença de Yahweh, sua Testemunha Celeste, e diante deles, suas testemunhas terrestres. A narração que aqui se segue é virtualmente idêntica àquela dada em Juí. 2.11-19. É provável que essa recontagem seletiva da história de Israel já tivesse sido padronizada quando o livro de I Samuel foi escrito.

Relativamente a todos os seus atos de justiça. Yahweh sempre fazia o que era certo e eficaz para Israel. Ele nunca cometeu um erro de juízo nem praticou algum ato prejudicial àquela nação. Ele os julgava quando pecavam, usando seus adversários como instrumento. Ele os abençoava quando praticavam o que era certo, e então destruía os inimigos que os importunavam.

12.8

Havendo entrado Jacó no Egito. *Uma Teoria da História.* A história de Israel era divinamente orientada. Homens especiais realizavam tarefas especiais, atuando como elementos do destino nacional. Deus intervinha de tal modo que o mal era punido e o bem era recompensado. Havia um alvo: a unidade nacional, a prosperidade e a teocracia. Nisso estava a salvação, individual e nacional. Quanto a detalhes sobre a questão, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *História,* sobretudo as seções V. Filosofia da História e VI. A Bíblia e a História.

Jacó é escolhido como ponto inicial na narrativa, porquanto foi ele quem desceu ao Egito com seus filhos e assim iniciou a nação de Israel naquele lugar. Ele pertencia à linhagem dos doze filhos de Abraão-Isaque-Jacó, a qual deu origem à nação de Israel. Apesar das fraquezas e falhas de Jacó, o propósito de Deus continuou a operar nele, cumprindo assim o desígnio que o tornou parte necessária no destino de Israel.

Além disso, houve o *livramento do Egito,* de tal sorte que Israel estava livre para ocupar sua própria terra, tornando-se assim uma nação distinta. Isso requereu o livramento miraculoso de Israel do Egito, um tema muito repetido no Antigo Testamento, que figura no livro de Deuteronômio por mais de vinte vezes. Ver sobre isso em Deu. 4.20 e em Núm. 23.22.

Os instrumentos desse livramento do Egito foram *Moisés* e *Arão.*

Josué não é aqui mencionado por nome, mas por sua liderança. Israel chegou a "este lugar", ou seja, à Palestina, a terra dada à nação de Israel como herança. Isso fazia parte do chamado *Pacto Abraâmico,* que é anotado em Gên. 15.18.

Todas as coisas foram assim providenciadas: a liderança apropriada e as intervenções divinas que ocorreram periodicamente, quando as condições estavam fora do controle humano. Ver as notas sobre o vs. 7 quanto às *duas razões* pelas quais Samuel narrou o esboço da história de Israel.

12.9

Porém esqueceram-se do Senhor seu Deus. *Vários castigos* ocorreram aos israelitas quando faziam o que era mal. Este versículo menciona três desses castigos. Em cada caso, povos hostis foram usados para punir Israel por sua teimosia:

1. *Sísera.* Ver a respeito no *Dicionário* e em Juízes 4. Ali, o nome do inimigo de Israel aparece como Jabim, rei de Canaã, pelo que devemos entender que Sísera era seu general e instrumento da destruição. Ver também sobre *Jabim,* no *Dicionário.* A cidade de Hazor é mencionada como a capital dos cananeus, em Jos. 11.1,10,13. Ali ficava o palácio real (ver Juí. 4.2).

2. *Os Filisteus.* Na época dos juízes, eles foram os principais adversários de Israel. Ver a história de Sansão, em Juí. 13. Os filisteus, durante longo período e através de vários líderes, assediaram Israel. Somente Davi foi capaz de pôr fim a essa ameaça. "Foi devido especialmente aos filisteus que, por tanto tempo, houve tão pouco progresso em Israel no campo artístico e civil. O progresso da nação hebréia, a partir dos dias de Samuel, foi muito rápido. Em um período extremamente curto, o povo meio bárbaro de Israel tornou-se altamente culto, rico *e poderoso. Em grande medida, o rápido progresso deveu-se à completa sujeição* dos filisteus ao governo de Samuel, Saul e Davi" (Ellicott, *in loc.*).

3. *Moabe.* O rei aqui referido chamava-se Eglom, o qual foi finalmente morto por Eúde, conforme o registro de Juízes 3. Ver o *Dicionário* quanto aos nomes próprios e aos detalhes.

12.10

E clamaram ao Senhor, e disseram. Os *julgamentos divinos* sempre levavam Israel ao arrependimento; e o arrependimento o levava ao livramento. Isso se repetiu *ad nauseum*. Mas Israel *nunca aprendeu que o que lhes acontecia estava* sempre alicerçado sobre quão bem ou mal eles reagiam às leis e à direção de Yahweh. Nações hostis estavam sempre próximas, para aplicar a devida punição. E Yahweh estava sempre próximo, para ouvir os gritos de angústia de Israel e livrá-lo, de modo que um novo começo pudesse ser feito.

O Principal Inimigo de Israel Era a Idolatria. Com imensa freqüência, essa nação adotava as práticas idólatras de seus vizinhos. O resultado era que as corrupções internas requeriam acontecimentos calamitosos. Ver no *Dicionário* sobre *Idolatria, Baal (Baalismo)* e *Astarote, Astarte*. Ver também sobre *bálanos* e *astoretes* em Juí. 2.11,13, onde aparecem notas adicionais.

Franzimos a testa diante de Israel por causa de sua estupidez, e, no entanto, nossa vida está repleta de ídolos e falsos objetos de adoração. Alguns cristãos retêm formas crassas de idolatria mediante o uso de imagens, ao passo que outros adotam formas mais sutis: dinheiro, fama, conforto e, acima de tudo, "o próprio eu".

Promessas. Quando estava em posição de inferioridade, Israel prometia adorar e servir a Yahweh; e Ele nunca deixou de ouvir seus clamores. Mas logo o padrão de apostasia-punição-clamor-livramento se repetia. No Antigo Testamento, o *serviço* a Deus é o equivalente ao cumprimento da legislação mosaica, com seus muitos requisitos cerimoniais e morais. A lei de Moisés era o único código usado por Israel em sua crença e serviço a Yahweh. Esse código representava a *conduta ideal* para o homem.

Cf. o presente versículo ao trecho quase idêntico de Juí. 10.10, onde há notas que também se aplicam aqui.

12.11

O Senhor enviou... São mencionados aqui diversos libertadores de Israel. Em tempos de tensão e desastres nacionais, líderes e libertadores especiais eram levantados para realizar tarefas. Liberdade temporária e prosperidade eram o resultado. Mas logo se iniciava o velho ciclo de apostasia-punição-clamor-livramento. Este versículo, pois, apresenta quatro instrumentos especialmente usados por Yahweh:

Jerubaal. Este é Gideão. Ele também recebia este outro nome, que lhe foi dado por motivo de escárnio, contra a deidade fenícia: "Deixem que Baal lute ou contenda comigo, Gideão". Ver sobre esse termo no *Dicionário*, para detalhes. Ver Juí. 6.31,32. Quanto à história, ver *Gideão*, no *Dicionário*.

Baraque. Assim diz a nossa versão portuguesa. Outras versões dizem aqui "Bedã", conforme o texto hebraico. Mas esse nome não se acha em Juízes, que o autor sacro evidentemente estava seguindo. Contudo, esse nome está em I Crô. 7.17, embora não se referindo à mesma pessoa mencionada aqui. Ao usar o nome "Baraque", a versão portuguesa segue as versões da Septuaginta, árabe e siríaca. Esses dois nomes são bastante similares, e as versões aqui bem podem estar corretas, contra o texto hebraico. Os Targuns, porém, dizem que *Sansão* está em foco aqui, com o que Jerônimo concordou (*heb. Trad.* livro Reg. fol. 75). O termo Bedã pode ser interpretado como uma referência à tribo de Dã, e Sansão pertencia àquela tribo. Mas notemos que esse nome aparece antes de Jefté, ao passo que, na ordem cronológica, Jefté aparece primeiro. Outros eruditos pensam que está em pauta *Jair*, o qual governou uma parte de Israel pelo período de vinte e dois anos. Cf. com a lista dada no livro aos Hebreus, no Novo Testamento: "... me faltará o tempo se eu contar de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas" (Heb. 11.32). Provavelmente (mas não sem o acompanhamento de alguma dúvida), o autor de I Samuel tinha em mira aqui *Baraque*, ao usar o nome desconhecido Bedã. Ou então o nome hebraico original era Baraque, e um nome similar, Bedã, entrou por acidente no texto. Alguns poucos intérpretes permanecem com "Bedã", explicando que a referência é a algum herói para nós desconhecido, embora conhecido do povo de Israel nos dias de Samuel.

Jefté. Ver sobre ele no *Dicionário*. Ele teve um governo limitado em Israel, pelo espaço de sete anos (ver Juí. 10.6-12.7), mas conseguiu deixar ali a sua marca registrada.

Samuel. Este foi o último dos juízes e o maior de todos, o profeta-juiz de Israel que ungiu o primeiro monarca de Israel e assim efetuou a transição do juizado para a monarquia. A versão siríaca substitui Samuel por *Sansão*, porém o *mais provável é que isso represente uma mudança sem sentido*, já que o presumido autor do livro foi Samuel, e ele, por modéstia, não haveria de incluir a si mesmo nessa lista. Naturalmente, Samuel não foi o autor do livro. Ver a Introdução ao livro, sob a terceira seção, chamada *Autoria*.

Yahweh é quem tinha enviado esses homens, fazendo Israel passar com sucesso do juizado para a monarquia. E, não obstante, o rebelde povo de Israel continuou a desviar-se, especialmente em sua exigência por um rei (vs. 19).

12.12

Vendo vós que Naás. Naás conduzira o povo a acontecimentos bem recentes (capítulo 11). Ele fora o rei de Amom que ameaçara a cidade de Jabes-Gileade e *permitira a Saul sair como o rei indisputado* de Israel. A história é narrada no capítulo 11, pelo que não é reiterada aqui. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Naás*. Uma das razões pelas quais Israel queria um rei é dada aqui: na figura de um *rei*, Israel teria presumivelmente maior proteção em relação aos adversários. A fonte deuteronômica era toda contrária ao conceito de um rei, mas outra fonte informativa, de Juízes, e também I Samuel, eram lhe favoráveis. Discuto esse problema em I Sam. 12.1. Outra razão para isso era que o juizado se tornara inadequado quando os filhos de Samuel se tornaram juízes corruptos (ver I Sam. 8.5). Juí. 21.25 supõe que maior ordem civil e moral poderia ser alcançada com a presença de um rei. Mas I Sam. 12 é definidamente antimonárquico. A aceitação dessa forma de governo representava, ao mesmo tempo, de acordo com este versículo, o abandono da *teocracia* administrada sob os juízes. Obviamente, na época dos juízes, Yahweh era continuamente desprezado e Seus conselhos eram rejeitados. Esse padrão repetiu-se sob os reis, já que o povo continuou igualmente rebelde, quer sob os juízes, quer sob os reis. Mas o capítulo à nossa frente apresenta-nos a *teocracia ideal*, e não a que existia na realidade, exceto por alguns breves períodos nos quais o povo de Israel andava no caminho do Senhor. Assim sendo, era como se Samuel estivesse dizendo aqui: "A *teocracia ideal*, e não a monarquia, deve ser o vosso alvo". A substituição de uma teocracia corrupta por uma monarquia corrupta deixou Israel a debater-se na mesma massa.

12.13

E eis que o Senhor vos deu um rei. Israel tinha feito má escolha; mas, tendo escolhido, agora era forçado a fazer o melhor possível. *Yahweh* dera permissão para a monarquia. Israel obteve seu rei, e a monarquia trouxe consigo as mesmas responsabilidades que havia na antiga teocracia: seguir as leis de Yahweh, suas regras cerimoniais e morais. Samuel, pois, salientou que o *Rei Invisível* continuou governando. Fora Ele quem nomeara Saul como rei. Era como se Deus tivesse dito: "Aproveitai ao máximo essa monarquia que vós mesmos escolhestes. Não vos esqueçais do Rei Invisível".

12.14

Nem tudo estava perdido por causa da má decisão a favor da monarquia. Reparações seriam feitas. O bem poderia provir do mal. Foram dadas várias injunções que, se seguidas, poderiam torná-la legítima. Todas elas foram sumariadas na obediência à lei mosaica, concedida por Yahweh. A lei continha todos os mandamentos cerimoniais e morais necessários à vida e ao bem-estar.

Se temerdes ao Senhor. Permanecei atentos ao Grande Poder. Obedecei a Ele. Vossa vida dependerá disso. Quanto a detalhes sobre este conceito, ver o artigo detalhado sobre *Temor*, no *Dicionário*, especialmente *Temor a Deus*. Os pontos 2 e 3 também são instrutivos.

E o servirdes. Mediante a obediência aos mandamentos da lei mosaica: obediência cerimonial nos sacrifícios; atos humanitários segundo a lei do amor (Deu. 6.5). Ver Deu. 8.6 quanto à *obediência* aos mandamentos de Deus, a *andar* em Seus caminhos e a *temê-Lo*. Esses são os principais elementos do serviço a Yahweh, todos igualmente refletindo a obediência à lei do amor.

E lhe atenderdes à voz. A legislação mosaica era complexa e demandava cuidadosa atenção. Mestres eram nomeados para instruir o povo. Ninguém era sábio o bastante para saber o que Deus requeria. Livros eram escritos para esclarecer as coisas. A idolatria era desprezada. Os ritos e cerimoniais da lei eram estritamente observados.

Não lhe fordes rebeldes ao mandado. O espírito rebelde arruína o sucesso espiritual, e o fracasso espiritual sempre provoca calamidades individuais e nacionais. A maior parte das rebeliões em Israel envolvia idolatria, a mais crassa forma de rebelião.

E seguirdes ao Senhor vosso Deus. A bondade podia derivar-se da monarquia, se o Rei Invisível, o verdadeiro Rei, fosse obedecido e *seguido*, das maneiras sugeridas nos pontos primeiro a quarto.

"Os *vss. 14-15* dão-nos um bom sumário da teoria histórica deuteronômica, *conforme se vê*, com detalhes, em Deu. 28" (George B. Caird, *in loc.*). Ver as notas no vs. 8 deste capítulo, que abordam a questão da filosofia da história de Israel.

Jarchi compreendeu o vs. 14 como uma promessa de longa vida e prosperidade ao povo de Israel e ao rei, com base na obediência a Yahweh. Ver Deu. 4.1,5 e 5.33 quanto à promessa de longa vida e prosperidade, alicerçada sobre a obediência.

12.15

Se, porém, não derdes ouvidos. Este versículo repete os pontos essenciais do versículo anterior: dar ouvidos à Voz divina e obedecer de forma estrita às Suas exigências. A rebeldia, entretanto, produziria o juízo do próprio Yahweh. Yahweh seria *contrário* a Israel, mediante assédios de seus inimigos, forças da natureza e enfermidades. Eles não viveriam por muito tempo e não prosperariam. O terror final seriam os cativeiros assírio e babilônico (ver a respeito no *Dicionário*), porque Israel não fora capaz de honrar o desafio levantado pelo discurso de Samuel.

"Tanto eles como seu rei haveriam de sentir o peso da mão do Senhor, caso se rebelassem contra Ele" (John Gill, *in loc.*).

12.16

Ponde-vos também agora aqui. *O Sinal Espantoso.* A fim de enfatizar suas palavras, Samuel foi capaz de produzir um temível sinal meteorológico perante o povo de Israel, uma grande chuvarada com poderosa tempestade de relâmpagos, assustadora em suas dimensões. Isso ilustrava a ira divina contra a rebeldia.

Samuel operou esse sinal através do poder de Deus e em uma ocasião em que coisa alguma desse tipo era esperada. Foi um milagre inexplicável que serviu de lição objetiva sobre o temor e a obediência a Yahweh, a fonte do poder e dos terrores. O sinal ilustrou quão profunda foi a iniqüidade de Israel ao pedir um rei, servindo também de previsão de coisas por vir, que resultariam daquela má escolha.

12.17

Clamarei, pois, ao Senhor, e dará trovões e chuva. *A Colheita do Trigo.* O sinal foi dado em uma época em que geralmente não havia chuvas. Na Judéia, as chuvas caem somente duas vezes por ano, chamadas de primeiras e últimas chuvas, respectivamente em meados de *nisã* (março) e em meados de *marchesvan* (outubro). Mas não havia chuvas na época da colheita (maio-junho). Ver Pro. 26.1. Kimchi diz-nos que a chuva jamais caía no tempo da colheita, com o que Jerônimo concordou (ver os comentários em Amós 4.7). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Chuvas Anteriores e Posteriores.* Jerônimo, que passou sete anos na Palestina, afirmou nunca ter visto cair chuva na época da colheita.

A chuva-relâmpago-trovoada violenta e fora de tempo serviu de sinal divino. Esse sinal visava à rebelião de Israel, que havia escolhido um monarca terreno e assim debilitou o ideal teocrático. E também serviu de medida profética para assegurar a Israel que a desobediência atrairia muitos outros tipos de tempestades, as quais abreviariam sua vida, lhes tirariam a prosperidade e, finalmente, enviariam tanto o norte (Israel) quanto o sul (Judá) para o cativeiro, sob potências estrangeiras. O povo de Israel sentiu-se gratificado por ter recebido um rei, mas haveria de *pagar caro* pela dádiva recebida.

12.18

Então invocou Samuel ao Senhor. *Uma Oração Eficaz.* A oração eficaz mostra-se poderosa e produz mudanças inesperadas. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.

(Tiago 5.16)

"A crença de que Deus realiza tais sinais em resposta à oração estava profundamente arraigada na fé do povo de Israel. Isaías ofereceu a Acaz uma escolha de qualquer sinal que ele quisesse receber, como prova da verdade de sua profecia a respeito da destruição vindoura de Damasco e de Samaria (ver Isa. 7.10-16 e cf. Juí. 6.36-40)" (George B. Caird, *in loc.*).

Todo o povo temeu em grande maneira. "Eles se assustaram diante de Sua terrível majestade; e também temeram Samuel, reconhecendo que ele tinha tanto poder diante de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. o poder de Elias quanto à chuva, em I Reis 18.42.

Mais coisas são feitas através da oração
Do que este mundo sonha.

(Tennyson)

Por isso vos digo que tudo quanto em oração pedirdes,
crede que recebestes, e será assim convosco.

(Marcos 11.24)

12.19

Para que não venhamos a morrer. *A Ameaça da Morte.* O povo de Israel temeu, chegando a pensar que, através da violenta tempestade, todos morreriam. Portanto, pediram que Samuel orasse a fim de salvá-los, ao mesmo tempo que confessavam o pecado de desejar um rei. Naquele momento, eles estavam resolvidos a obedecer a Yahweh, a fim de que pudessem viver muito tempo e prosperar sob a monarquia.

"Nada conseguiu convencê-los de seu mal enquanto não veio aquela tempestade, e foi *então* que todos os seus pecados lhes subiram à mente. Eles tinham desprezado o profeta de Yahweh, apesar de todas as suas advertências acerca de quererem um rei" (John Gill, *in loc.*). Notemos o plural do texto, "a todos os nossos pecados". Os homens sempre têm grande abundância de pecados. O pedido por um rei apenas acrescentara mais um a uma lista já extensa de pecados.

12.20

Não temais. A tempestade não haveria de matá-los. Eles tinham acrescido mais um pecado à sua longa lista de erros, o fato de terem pedido um rei. Mas esse pecado não foi tão hediondo que Deus não teria misericórdia deles, nem o Seu amor por eles haveria de ser anulado. De fato, é característica do amor e da misericórdia divina que todos os pecados humanos podem ser perdoados, e todas as suas conseqüências eternas podem ser eliminadas, contanto que haja verdadeiro arrependimento. Isso, contudo, não anula a lei da colheita segundo a semeadura, mas espalha a misericórdia ao redor, onde quer que ela seja necessária — e, na realidade, ela é necessária por toda a parte. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misericórdia.* O problema seria mitigado se eles se voltassem, seguissem e servissem, ou seja, se seguissem os moldes e requisitos da legislação mosaica. O passado não podia mais ser desfeito, e o futuro estava maculado por seus atos. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Todavia, eles poderiam mitigar os sofrimentos futuros por meio da obediência, fazendo a má escolha redundar em bem. Da mesma maneira que aquela tempestade cessou mediante a oração de Samuel, e da mesma forma que o povo de Israel resolveu obedecer, assim também os temporais futuros poderiam ser evitados.

"Nenhum pecado, naturalmente, ou nenhuma maldição por causa do pecado, é tão grande que não permita arrependimento... uma grandiosa e preciosa verdade evangélica... Isaías com freqüência pregou a mesma verdade: '... ainda que os vossos pecados sejam como o escarlate, eles se tornarão brancos como a neve..." (Ellicott, *in loc.*, com uma referência a Isa. 1.18).

12.21

Não vos desvieis. *Uma Advertência contra a Idolatria.* A expressão "vaidade vã" é uma referência direta aos *ídolos.* Esse foi o principal pecado que perturbava Israel e produziu suas apostasias, resultando em muitos e severos julgamentos divinos. Muitos desses juízos foram infligidos pelos próprios povos cuja idolatria Israel havia adotado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.* No hebraico temos aqui a palavra *hattohu,* de *tohu,* "vazio", usada também em Gên. 1.2. O autor sacro aponta para a total *futilidade* da idolatria. Os ídolos não têm inteligência nem representam seres inteligentes, capazes de ajudar os seres humanos. Não podem beneficiar os homens em tempos de paz e são inúteis para livrá-los em tempos difíceis. Cf. I Cor. 8.4: "... o ídolo nada é no mundo... não há senão um só Deus".

12.22

Pois o Senhor... não desamparará o seu povo. Nem a própria *apostasia* podia fazer o Senhor afastar-se de Israel. Ele o castigava, mas sempre acabava restaurando-o. Ele havia tomado Israel como Seu povo, como Seu *filho* (Êxo. 4.22,23), libertando-o da servidão aos egípcios. O filho errado era castigado, mas, afinal, era sempre restaurado. O relacionamento Pai-filho era uma relação permanente.

"Que o Senhor sempre atua por amor ao Seu nome é um conceito que foi popularizado por Ezequiel, embora tenha sua contrapartida em Deuteronômio (ver Deu. 7.7,8; 9.4,5). É uma tentativa responder à pergunta: Por que Deus mostra favor para com Israel quando não o faz com outras nações? Deuteronômio rejeita a idéia de que isso se deve ao valor ou à dignidade do próprio Israel. A verdadeira causa encontra-se na vontade de Deus. Deus, por Sua própria vontade, permitiu que Seu nome fosse vinculado ao destino de Israel, e não retrocederá diante dessa escolha" (George B. Caird, *in loc.*). Naturalmente, devemos relembrar um dos propósitos dessa escolha, ou seja, fazer de Israel um guia espiritual para todas as nações que são tratadas como beneficiárias, dentro do pacto abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Em Cristo, são abandonadas as distinções, e a Igreja aparece ali como o *Novo Israel,* composto de judeus e gentios convertidos. Não obstante, continua operando em Israel um propósito inteiramente à parte da Igreja. Seja como for, Cristo universalizou todas as promessas e fez da redenção de *todos* os homens o alvo divino. Ver Efé. 1.9,10. Esse é o mistério

da vontade de Deus. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Mistério da Vontade de Deus; Eleição e Predestinação.*

12.23

Quanto a mim. *Israel* representava um caso difícil para Samuel, o profeta-juiz. Sua contínua rebeldia e fracasso, do ponto de vista natural, tê-lo-iam inspirado a abandoná-los ao julgamento de Deus. No entanto, Samuel continuou a orar por eles, porque era seu *dever* e *privilégio,* como profeta, ajudar os outros com seu poder especial diante de Deus. Essa circunstância inspirou o autor a oferecer-nos *este versículo, um dos mais conhecidos de todo o primeiro livro de Samuel.* Este versículo, pois, ensina-nos a lição de que, entre os nossos *muitos* pecados, ainda há esse de não orarmos o bastante por outras pessoas. Na verdade, criticamos os outros muito mais que oramos por eles, e isso é um tremendo pecado, tanto de comissão como de omissão.

"Deus opera através das orações dos homens, tanto quanto através de suas ações. Israel foi perdoado porque Moisés orou pelo povo (ver Núm. 14.20). A oração de Jesus foi a coisa mais importante que Ele fez em favor de Pedro (ver Luc. 22.32)" (George B. Caird, *in loc.*).

Aquele que ora com diligência por outrem está fazendo algo acima do que seus atos poderiam produzir, ou seja, convencer o poder divino a exercer seus efeitos sobre a vida daquela pessoa. Os poderes de Samuel diminuíam, pois ele estava envelhecendo. Seus atos estavam ficando cada vez mais raros, mas, em meio à fraqueza, ele continuava poderoso em suas orações.

Ensino. Além de suas orações, Samuel continuava exercendo seu ofício de mestre, orientando Israel de maneira que seguisse corretamente a vereda da obediência à legislação mosaica, suas leis e cerimônias e suas exigências morais. O *caminho correto* aqui contrasta com as coisas *vãs* (a idolatria) do vs. 21, que representam o caminho errado. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Ensino.* O caminho correto levava à prosperidade e à vida longa (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.11). O caminho errado, pelo contrário, levava à oposição, à tribulação, às necessidades e à morte.

"Embora Samuel tivesse deixado de ser juiz e principal magistrado entre eles, nunca abandonou a função de profeta, por meio de suas orações e de suas instruções" (John Gill, *in loc.*).

12.24

Temei ao Senhor, e servi-o. Esse é o dever do homem diante do Senhor: servi-Lo de maneira genuína, de todo o coração e em gratidão, considerando todas as coisas que Ele fez e continua fazendo. Cf. Rom. 2.4: "Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?"

Cf. este versículo com a similar porém mais extensa lista de obrigações do homem para com Deus, em Deu. 10.12,13. Ali temos os seguintes deveres: 1. *temor;* 2. *andar;* 3. *amor;* 4. *serviço;* e 5. *guardar os mandamentos.* As notas ali existentes provêem abundantes ilustrações quanto aos princípios exarados no presente versículo. A base de tudo, evidentemente, é viver de acordo com a *lei do amor,* a qual é omitida neste versículo. Essa é a grande lei universal, que incorpora todas as outras leis justas (ver Rom. 13.8-10).

Vede quão grandiosas cousas vos fez. "Revisa a história de teus pais; analisa a tua própria vida; vê quantas interposições de poder, misericórdia, bondade e verdade Deus tem dado a ti! Porventura, Ele não te tem coberto *diariamente com os Seus benefícios?*" (Adam Clarke, *in loc.*).

Grandiosas cousas. "... ao tirá-los do Egito; ao estabelecê-los na terra de Canaã; ao dar-lhes leis, estatutos, mandamentos e ordenanças; ao enviar-lhes profetas e levantar-lhes juízes; e ao conferir-lhes tantas coisas boas, na natureza, na providência e na graça" (John Gill, *in loc.*).

12.25

Se, porém, perseverardes em fazer o mal, perecereis. *O Terrível Contraste.* Deus proveu-lhes em abundância e eles deveriam escolher o caminho correto (vs. 23), e não o caminho errado e da idolatria (vs. 21). A história demonstra a grande bondade de Deus.

> *Até aqui teu poder me tem abençoado e,*
> *sem dúvida, continuará a liderar-me.*
>
> (John H. Newman)

Mas estava ao alcance de Israel escolher o caminho errado. Se assim fizesse, a calamidade seguiria a lei da causa e efeito, que sempre operou com precisão e incansavelmente. O povo de Israel não ficaria isento de seu devido castigo.

"A conclusão do sermão de Samuel é uma advertência solene. Sua censura *contra o rei e o povo é um juízo solene e perene sobre qualquer era e sobre* qualquer nação" (John C. Shroder, *in loc.*).

"Nunca houve um povo tão advertido e nunca um povo tirou pior proveito das advertências recebidas. Eles se tornaram um monumento da justiça e da paciência de Deus. Leitor, que dizer a seu respeito? Você, porventura, é um monumento similar?" (Adam Clarke, *in loc.*). O cativeiro esperava pelo povo desviado. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiro (Cativeiros).*

Capítulo Treze

Temeridade de Saul e Sua Reprovação (13.1-15a)

Saul começara tão bem sua carreira de rei que até o profeta Samuel ficou impressionado com ele. O Espírito de Deus o abençoou (10.10), e todo o povo de Israel o ouviu. Em seguida, ele foi aprovado em seu primeiro teste, derrotando os amonitas em uma singular exibição de poder e autoridade. E isso também foi possível por meio de outra visita do Espírito (11.6). Mas a debilidade de caráter de Saul finalmente começou a manifestar-se, e ele iniciou sua longa caminhada para a ruína. As temíveis profecias de Samuel sobre a monarquia, como uma escolha ruim, começaram a provar-se verdadeiras. O capítulo 12 é uma reafirmação de quão mau foi para Israel ter escolhido a monarquia, em lugar da *teocracia ideal,* sob a orientação de juízes.

Contra toda a legislação e a prática mosaica, Saul ofereceu sacrifícios, na esperança de que esse ato ajudaria Israel em um tempo de tensão, quando eles estavam prestes a combater contra os filisteus. Mas somente as autoridades devidamente constituídas, os sacerdotes, *tinham o direito de fazer isso.* Isto posto, Saul demonstrou possuir mau juízo e até uma rebeldia interior contra a lei. Ele ultrapassou sua autoridade. E outros defeitos em breve tornar-se-iam óbvios.

13.1

Um ano reinara Saul em Israel. *Saul tinha... anos de idade.* Assim diz a versão portuguesa da Imprensa Bíblica Brasileira, que é também a versão da *King James, em inglês. A versão portuguesa Atualizada diz:* "Um ano reinara Saul em Israel. No segundo ano de seu reinado sobre o povo...". É óbvio que alguma corrupção entrou no texto hebraico. Orígenes conjecturou: "Saul tinha *30 anos* de idade...". Há várias outras conjecturas, mas ninguém sabe o que está em pauta aqui. Talvez o manuscrito original contivesse um equívoco de pena. Alguns eruditos sugerem que o autor sagrado não tinha informações exatas sobre o número dos anos de reinado de Saul, nesse ponto, e que então disse algo como: "Saul governara por tantos anos...", mas sem ditar um número específico. Adam Clarke (*in loc.*) fala do "grande acúmulo de trabalho perdido" *pelos eruditos nesse primeiro versículo, e recusou-se a envolver-se em mais* discussão inútil a respeito. A Septuaginta desiste de tudo e começa o texto no segundo versículo.

13.2

Escolheu para si três mil homens ... com Saul dois mil... e mil estavam com Jônatas. *Foi uma Guerra contra os Filisteus.* Não somos informados sobre o que provocou a guerra descrita nos versículos seguintes, mas a verdade é que *havia hostilidades permanentes entre Israel e os filisteus.* A guerra aqui descrita deve ter sido limitada, o que se evidencia pelo fato de que Saul só escolheu três mil homens para o combate. Dois mil ficaram com ele; e mil ficaram com seu filho, Jônatas. Saul lutou em Micmás e perto de Betel; e Jônatas combateu em Gibeá. Ver todos os nomes próprios comentados no *Dicionário.* Os lugares mencionados ficavam todos próximos uns dos outros. Gibeá era a cidade onde Saul havia nascido, cerca de 5 quilômetros ao norte de Jerusalém. Micmás ficava a 3 quilômetros de distância, mais para nordeste. Micmás e Geba ficavam separadas por uma garganta profunda, que desempenhou um papel importante na questão, conforme demonstram os versículos seguintes. Geba ficava aproximadamente a meio caminho entre Micmás e Gibeá.

Saul obteve sucesso contra os amonitas (capítulo 11), pois havia recebido unção especial do Espírito para isso. Agora ele tentava sua sorte contra os filisteus, os mais poderosos inimigos de Israel na época. A missão de Saul foi debilitar aquele povo hostil, mas somente Davi foi capaz de finalmente libertar Israel, a fim de que a monarquia prosperasse e se tornasse firmemente estabelecida. A batalha, contudo, não correu bem, e isso armou palco para o ato presunçoso de Saul oferecer pessoalmente sacrifícios a Yahweh, o que lhe era estritamente vedado, por não ser ele um sacerdote.

"Essa foi a primeira das três principais batalhas de Israel contra os filisteus durante o reinado de Saul (ver também I Sam. 17.1-54; 31.1-6)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Temos aqui o começo de um exército permanente em Israel. Tal exército forneceria maior proteção contra os vizinhos hostis de Israel, e essa era uma das razões pelas quais os filhos de Israel desejavam um rei. O primeiro exército permanente de Israel foi, realmente, modesto. Mas haveria de crescer. Contraste-se o pequeno número de 3.000 homens com o poderoso exército de 330.000 que Saul levara até Jabes, a fim de subjugar os filhos de Amom (11.8). Saul contava com uma força seletiva que ele esperava ser suficiente para vencer os filisteus.

13.3

Jônatas derrotou a guarnição dos filisteus. *O Sucesso de Jônatas.* Ele e seu pequeno exército de 1.000 homens obtiveram sucesso em *Geba,* e Saul assegurou que todo Israel ouvisse falar nisso, porque o fato justificava seu trabalho como rei, encorajando todos os israelitas a libertar-se dos filisteus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Jônatas.*

"Este é o primeiro lugar onde esse bravo e excelente homem aparece; um dos homens de caráter mais amigável na Bíblia" (Adam Clarke, *in loc.*).

13.4

Todo o Israel ouviu dizer. A revolta de Israel contra a opressão dos filisteus foi conhecida por todo o país. Os filhos de Israel estavam cansados da opressão, dos ataques contínuos e da escravização aos filisteus. Mas agora todo Israel se tornara "odioso" aos olhos do inimigo, pelo que haveria maiores batalhas e mais derramamento de sangue. Os filisteus reuniriam forças gigantescas para tentar pôr fim à revolta dos israelitas. Assim sendo, o sucesso de Jônatas era apenas o começo de uma guerra, um sucesso inicial em uma longa vereda de matanças. Saul reuniu mais homens em Gilgal (ver a respeito no *Dicionário*), procurando contornar a crescente ameaça.

Saul é aqui referido, em lugar de Jônatas, por ser ele o comandante-em-chefe; assim, a vitória de Jônatas foi, na realidade, uma vitória de Saul.

"O intenso ódio que os filisteus nutriam pelos hebreus é com freqüência trazido à tona. Desde as primeiras conquistas de Josué, eles os consideravam intrusos. Entre esses dois povos houve guerras contínuas, até que os filisteus foram subjugados pelos maiores reis hebreus" (Ellicott, *in loc.*).

13.5

Como a areia que está à beira-mar. As imensas forças referidas aqui fazem até eruditos conservadores supor algum erro no texto. Eugene H. Merrill (*in loc.*) diz: "As palavras hebraicas para 30 mil e para 3 mil são muito parecidas. E uma poderia facilmente ser tomada pela outra". Mas alguns eruditos conservadores pensam que os filisteus estavam dispostos a "acabar" com Israel, exagerando imensamente no ataque à ameaça israelita, de uma vez por todas. Há também eruditos que crêem que os 30.000 se referem não aos carros de combate, mas aos homens que os tripulavam; e isso reduziria consideravelmente o total de combatentes, dependendo de quantos eram os tripulantes. As versões árabe e siríaca dizem 3.000 carros, e muitos eruditos supõem ser esse o número correto. Josefo, por sua vez, afirma que houve 300.000 infantes; e, assim sendo, não se preocupou em reduzir a imensidão da força (*Antiq.* 1.6, cap. 6, sec. 1). Adam Clarke (*in loc.*) observou que "os maiores exércitos já levados a campo de batalha, mesmo da parte dos grandes imperadores, nunca foram guarnecidos com 30.000 carros de combate". Por isso, supôs que o texto hebraico original dissesse 3.000, o que foi corrompido na transmissão do texto. Eliicott (*in loc.*) salientou que o próprio rei Salomão, em toda a sua glória, tinha somente 1.400 carros de combate (ver I Reis 10.26) e conjecturou que a verdadeira cifra era de 300, modificada na transmissão do texto. Talvez esse número tenha sido propositadamente alterado. A Septuaginta fala em 3.000 carros de combate.

A expressão aqui usada, que fala sobre a areia, é metáfora comum para indicar um número muito grande. Cf. Gên. 22.17; 32.12 e 41.49.

Ao oriente de Bete-Áven. Betei está em vista aqui. Ver a respeito de *Bete-Áven* no *Dicionário.*

13.6

Vendo, pois, os homens de Israel. O simples envio das forças avassaladoras contra Israel levou os israelitas a ocultar-se em todo tipo de esconderijo. A vitória inicial, pois, transformou-se prontamente em temor e vergonha. Alguns fugiram (vs. 7), e todos tremeram. Josefo (*ut supra*) descreve uma hoste de exércitos estrangeiros agregada aos filisteus, com vistas ao extermínio de Israel, e isso poderia explicar os vastos números envolvidos, se é que eram mesmo os números originais das forças adversárias. A Judéia era repleta de rochas, cavernas e fendas, algo favorável àqueles que resolveram esconder-se dos filisteus. Kimchi refere-se a esses lugares como *guarnições,* mas essa explicação é obviamente fora de lugar dentro do contexto. Israel simplesmente fugiu e ocultou-se. Os israelitas não tinham guarnições onde pudessem refugiar-se.

13.7-8

Para a terra de Gade e Gileade. Os que não se esconderam, atravessaram o rio Jordão. Da cena da batalha, esse rio ficava a cerca de 24 quilómetros mais para leste. Gilgal ficava a apenas cerca de 6 quilômetros e meio do rio Jordão. Isso significa que a fuga foi fácil. Mas Saul permaneceu em Gilgal, e os que estavam com ele, que não se ocultaram ou fugiram, *tremeram.*

Ver sobre *Gade* e *Gileade,* no *Dicionário.* Esses nomes designam os territórios da Transjordânia ou da parte oriental de Israel. Samuel havia prometido ir ao encontro de Saul, em Gilgal, a fim de oferecer os sacrifícios apropriados (13.8), na esperança de que houvesse alguma espécie de intervenção divina que alterasse as circunstâncias. Por razões desconhecidas, porém, Samuel chegou ligeiramente atrasado. E isso armou palco para a primeira grande infração de Saul como rei, o oferecimento desautorizado de sacrifícios. A pequena falha de Samuel não foi vista como razão suficiente para justificar o lapso de Saul. Alguns estudiosos supõem que 13.8 deveria ser ligado a 10.8. Nesse caso, aquele versículo refere-se a uma *profecia* a longo prazo de uma reunião em Gilgal, que Saul conhecia e seguia. Porém, parece-nos melhor compreender um acordo diferente feito entre Samuel e Saul, que não é mencionado antes do texto presente. O vs. 10 mostra-nos que Samuel realmente chegou, embora um tanto tarde. Saul perdeu a confiança na promessa de Samuel e, precipitadamente, deu seu primeiro passo para a queda como rei. E seguir-se-iam muitos passos faltosos.

13.9

Então disse Saul. Samuel logo haveria de chegar e oferecer sacrifícios legítimos. Ele não era sacerdote, embora fosse levita. De acordo com as regras estritas da legislação mosaica, nem mesmo Samuel poderia oferecer sacrifícios, uma função idealmente confinada ao tabernáculo e a seus sacerdotes. Devemos lembrar, porém, que, antes de o culto ser centralizado em Jerusalém, havia vários altares e santuários em Israel, nos quais sacrifícios eram oferecidos aparentemente sem a menor censura. Samuel, pois, como levita e reconhecido *profeta nacional,* podia oferecer sacrifícios. Uma vez, entretanto, que o templo foi estabelecido, isso não seria mais permitido. Samuel, o profeta, tinha eclipsado o sumo sacerdócio, e o ofício de profeta assumia dimensões que reduziam a importância do sacerdócio. Mas Saul, que nem levita era, não tinha direito de oferecer sacrifícios. Contudo, em sua impaciência e no temor da imensa força dos filisteus que pusera em fuga o povo de Israel, deu prosseguimento aos sacrifícios ilegítimos.

Trazei-me aqui o holocausto. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse tipo de sacrifício.

E ofertas pacíficas. Ver as notas em Lev. 7.11-33 quanto a esse tipo de oferenda. Era permitido o consumo humano das porções que não cabiam a Yahweh, ao passo que um holocausto era totalmente queimado a Yahweh. Saul esperava agradar a Yahweh e conseguir Sua ajuda contra os filisteus, e talvez fazer expiação pelos pecados que prejudicassem Israel em seu conflito. Ver o vs. 12 deste mesmo capítulo.

"Foi um ato perfeitamente *inconstitucional.* Ele não possuía autoridade para oferecer ou ordenar o oferecimento de qualquer um dos sacrifícios ao Senhor" (Adam Clarke, *in loc.*).

13.10

Eis que chega Samuel. A *impaciência* causou um ato tolo. Ao que parece, antes mesmo que pudessem ser feitas as ofertas pacíficas (no final da cerimônia do holocausto), Samuel chegou. Saul saiu para saudar Samuel, como se nenhum mal tivesse sido praticado. Os comentaristas cumprimentam Saul aqui por sua devoção ao profeta, mas o condenam por sua tolice. A espera de apenas uma hora teria evitado problemas. A *precipitação* é a origem de muitos erros.

13.11

Samuel perguntou. Vendo a fumaça e o cheiro dos animais queimados sobre o altar, Samuel reconheceu de pronto o que Saul tinha acabado de fazer, e por isso se lançou contra ele. Para os que pouco sabiam, o que Saul fez pode ter parecido coisa de somenos importância; mas, para um profeta de Deus, que vira no ato uma grave violação da lei, a questão era realmente importante. Saul, entretanto, desculpou-se apontando para a aflição em que se encontrava o povo de Israel, e como a demora de Samuel o levara a cometer tal ato. Ele exagerou ao comentar que Samuel não chegara dentro dos "dias" aprazados, embora (pelo menos segundo alguns intérpretes) Samuel estivesse apenas ligeiramente atrasado.

Alguns *intérpretes,* entretanto, supõem que o sacrifício oferecido por Saul tenha ocorrido *um dia após* o tempo determinado para a chegada de Samuel. Nesse caso, Samuel deixou de observar o tempo determinado. Mesmo assim, o fato não justificava a violação da lei. A falha de Samuel era apenas trivial, pois o atraso de um dia era quase insignificante, mas a falha de Saul era uma direta

violação da lei. Nada havia de santo sobre o acordo acerca de *sete dias*, mas havia algo de santo que envolvia o sacrifício. Ao que tudo indica, soldados estavam abandonando o exército de Saul, e isso deve ter parecido uma questão séria para Saul. Mesmo assim, não havia desculpa que justificasse a violação das leis do sacerdócio.

13.12

Forçado pelas circunstâncias ofereci holocaustos. Os filisteus estavam em *Micmás*, e Saul temia que eles chegassem a Gilgal, que ficava cerca de 30 quilômetros a nordeste. Assim sendo, Saul e o restante de seu exército poderiam ser atacados a qualquer momento na sua própria base de operações, e uma total destruição poderia facilmente ser efetuada. Aquele lugar era uma das três cidades incluídas no circuito de Samuel como juiz (ver I Sam. 7.16). Saul tinha usado aquele lugar como quartel-general nas operações contra os amalequitas. Se os filisteus atacassem Saul em Gilgal, todo Israel se perderia no ataque. O perigo era iminente. Saul deve ter desejado obter a ajuda de Yahweh *prontamente*, acreditando que os sacrifícios trariam auxílio imediato.

Forçado. Esta palavra indica que Saul sabia que havia agido mal. Ele se *forçou* a realizar os ritos, contra a voz de sua consciência, por causa do perigo em que se achava. Mostrou-se *relutante* acerca da questão, mas foi *obrigado* pelas circunstâncias.

13.13

Procedeste nesciamente. As desculpas de Saul de nada adiantaram. Ele tinha feito o papel de um tolo. Ele sabia o que a lei requeria e o que a lei proibia. Estava consciente dos *mandamentos* que restringiam a oferta de sacrifícios aos sacerdotes. Ele tinha violado um importante aspecto da lei e, apesar de seu reino poder continuar para sempre, ele mesmo seria rejeitado como rei, e nenhum filho seu haveria de tornar-se rei. "Por causa *daquele ato*... a dinastia de Saul chegaria ao fim... e outro homem tomaria seu lugar" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Além desse ato tolo de imiscuir-se no ofício sacerdotal, ele também demonstrara desprezo pelo profeta de Deus, Samuel, mediante sua impaciência; mas pelo primeiro erro foi repreendido e julgado. Alguns pensam que o mandamento aqui referido era a ordem de Samuel para Saul esperar até sua chegada; mas isso parece trivial em *comparação com a violação das leis concernentes ao ofício sacerdotal*. Ver Lev. 6.8-13. Os sacrifícios e as ofertas estavam limitados a Arão e seus filhos.

Alguns intérpretes, no entanto, apontam para reis como partícipes nas funções sacerdotais. Estariam em foco passagens como I Sam. 14.31-35 (Saul), II Sam. 6.12-19; 24.25 (Davi) e I Reis 3.15 (Salomão). Mas em II Sam. 6.18 temos Davi ordenando que autoridades devidamente constituídas efetuassem oferendas e sacrifícios; e outro tanto se deu no caso de Salomão. Em contraste, Saul não teve acesso aos oficiais religiosos em Gilgal. Corriam tempos difíceis e, antes da instituição do santuário central em Jerusalém, isso significa que aquilo que Saul fez não era permitido pela legislação mosaica. Assim sendo, mesmo que Davi e Salomão tivessem feito coisas contrárias à lei, isso dificilmente desculpava Saul. Sem embargo, alguns intérpretes *insistem* que o pecado de Saul não foi oferecer pessoalmente sacrifícios, mas não esperar a chegada de Samuel, com o que *eles tinham concordado de antemão*.

Uma Solução? Alguns críticos asseveram que a contradição se acha nas próprias *fontes informativas*. Pois algumas fontes refletem a proibição de ritos por qualquer um que não fosse sacerdote. Mas outras fontes não estabelecem essa distinção. Isso significaria que I Samuel contém fontes informativas diversas em alguns pontos. Essa diversidade refletiria (conforme dizem os críticos) diferentes períodos da história e diferentes práticas. Assim, qual seria precisamente o pecado cometido por Saul é algo que não pode ser determinado sem disputas.

13.14

Já agora não subsistirá o teu reino. *O Devastador Juízo Divino*. Saul estava exaltado e no ápice de sua glória. O Espírito descia periodicamente sobre ele, a fim de inspirá-lo e dotá-lo de poder. Ele se havia tornado *outro homem* (10.6). Mas por causa daquele ato insensato (ver as notas sobre o versículo anterior), sua dinastia terminaria com ele. Nenhum filho seu assumiria poderes de rei. Assim, o que parecia ser tão grande subitamente transformou-se em nada. *Esse foi um caso clássico de oportunidade perdida, em face de algum erro sério.* Ao agir por livre iniciativa, o homem é capaz de distorcer um bom destino, embora tenhamos fé para crer que, em algum ponto, de alguma maneira, as oportunidades são renovadas para que o indivíduo recupere seu pleno potencial espiritual, ou aqui nesta terra, ou nas esferas espirituais.

Um homem que lhe agrada. Sem dúvida, essa é uma referência óbvia a Davi, por parte de algum autor, que já sabia quem tomaria a posição de Saul. Esta parte do versículo aponta para a superioridade de Davi sobre Saul. O coração desse homem estaria com Yahweh. Seus *motivos íntimos*, suas *qualidades espirituais* eram superiores aos de Saul: 1. Ele daria estrita atenção às leis de Deus. 2. Ele seria o rei que realizaria bem sua missão e libertaria Israel sob a direção de Yahweh, pois seu coração estava *sintonizado* com a vontade e direção divina. 3. Ele não violaria ou alteraria a constituição de Israel, mas, antes, levaria o culto divino a Jerusalém, sua capital. 4. Ele realizaria todo o seu ministério público em consonância com os ditames de Yahweh, ainda que em sua *vida pessoal* houvesse falhas graves. Embora cometesse horrendos lapsos morais na esfera da vida privada, como *rei* ele estabeleceria um exemplo para todos.

13.15a

Então se levantou Samuel. Após a *tirada* contra Saul, após a horrível predição acerca do fim breve daquela dinastia, Samuel foi por seu caminho para *Gibeá*, onde tinha outros negócios. Esta ficava cerca de 16 quilômetros a oeste de Gilgal. Entrementes, Saul contou os soldados que lhe restavam e verificou que eles tinham sido reduzidos a miseráveis 600 homens, tudo o que sobrava de seu exército permanente. Jônatas estava em Gibeá, e é possível que Samuel tenha ido até lá para encorajá-lo. Saul tinha nascido ali, e provavelmente Jônatas ainda tinha consigo alguns soldados. Seja como for, os 4.000 homens originais do exército permanente (13.2) tinham sido quase inteiramente dispersos. Essa circunstância era agoureira. Davi, a essa altura, começava a cumprir o que Saul faria somente em parte: a libertação de Israel dos filisteus.

Vitória sobre os Filisteus (13.15b – 14.52)

A graça e o propósito de Deus não permitiriam que o fiasco inicial dos israelitas (13.1-15) arruinasse tudo. Havia graça divina suficiente para reverter a situação. Saul havia concentrado sua pequena força em um fortim em Gilgal. Entrementes, os filisteus tentaram reduzir Israel a nada, mediante sistemática devastação, incluindo a destruição de suprimentos alimentares. Israel estava em grande desvantagem, pois lhe faltava a tecnologia bélica dos filisteus, incluindo o uso do ferro. A despeito de todas essas dificuldades, Saul, no cumprimento de sua missão divina, *debilitaria* os filisteus, embora a verdadeira libertação ficasse ao encargo de Davi.

Jônatas, por iniciativa pessoal, tomou em mãos uma missão secreta e obteve vitória notável (embora preliminar), que encorajou os israelitas a continuar lutando. Ver I Sam. 14.1. O capítulo 14 registra a história de seus atos audaciosos.

13.15b,16

Logo Saul contou o povo. Saul não se desencorajou diante da predição de Samuel sobre o fim de sua dinastia e a queda de sua casa. O fato de ter corajosamente enfrentado o que poderia parecer uma causa perdida, foi um ponto a seu favor. Ele possuía qualidades e, embora falhasse com freqüência, foi capaz de realizar a essência de sua missão, embora talvez não os detalhes. O filho de Saul, Jônatas, era homem poderoso e entusiasmado, e agia de moto próprio, como se fosse um general. Jônatas, pois, chegou a Gibeá e ajudou a estabelecer as forças dos israelitas. Os filisteus tinham sua força principal em *Micmás*, que ficava a cerca de 10 quilômetros dali, mais para o norte. O fato era que os filisteus possuíam virtualmente todo o território de Israel. A tarefa de combatê-los parecia impossível, pois eles eram dotados de tecnologia superior, mas o rei Saul saiu a combatê-los, e para isso precisou de grande coragem. As coisas estavam complicadas para Saul, porquanto seus homens não possuíam espadas nem lanças e tinham de usar instrumentos agrícolas improvisados como armas (vss. 19 ss.).

13.17

Os saqueadores saíram do campo dos filisteus em três tropas. *A Política da Terra Arrasada*. Os filisteus tomaram a iniciativa. Enviaram três grupos de saqueadores, soldados bem equipados e bem treinados. A missão deles era destruir as plantações e assim cortar os suprimentos de boca. Israel teria de ser reduzido a nada, e assim abandonaria sua rebeldia. Seus sonhos de liberdade estavam sendo sistematicamente esmagados. Aqueles homens malignos também roubavam, matavam e praticavam violências sexuais, pois esses sempre serão atos que acompanham as guerras. "As três companhias de salteadores seguiram para o norte, para o oeste e para o leste. Saul estava guardando o caminho para o sul" (George B. Caird, *in loc.*).

Uma delas tomou o caminho de Ofra à terra de Sual. Este lugar ficava a norte de *Micmás*. Sua localização é incerta para nós. Alguns a situam apenas 16 quilômetros ao norte de Micmás, embora outros falem em algo como 50 quilômetros mais ao norte. Ver sobre *Sual* no *Dicionário*. A divisão do exército dos filisteus em três companhias deixou Micmás relativamente desprotegida. Assim sendo, Jônatas armou um ataque de surpresa contra esse lugar, e obteve notável vitória, conforme indica o capítulo 14.

13.18

Outra tomou o caminho de Bete-Horom. Ver no *Dicionário* o artigo sobre Bete-Horom. Esse lugar ficava na direção quase oeste a partir de Micmás, a cerca de 11 quilómetros de distância. Assim, uma das três companhias dos filisteus atuava em missão destruidora a oeste.

Zeboim. Ver sobre esta cidade no *Dicionário*. Ficava no vale do Jordão, para leste, perto de Sodoma e Gomorra, no deserto do Jordão. Distava cerca de 30 quilômetros de Micmás. Assim sendo, os confiantes filisteus enviaram forças em diferentes direções, para efetuar missões de pilhagem, assédios sexuais, assassínios e destruição das plantações, deixando a própria Micmás relativamente desprotegida.

13.19

Em toda a terra de Israel nem um ferreiro se achava. Os *eruditos* dizem-nos que a idade do ferro estava apenas começando naquela região. Os filisteus possuíam tecnologia bastante avançada em relação aos israelitas, o que significa que dispunham de muitos artefatos de guerra feitos desse metal, como lanças, espadas, escudos e carros de combate. Visto que os filisteus essencialmente controlavam o povo de Israel, os soldados israelitas tinham pouco acesso ao fabrico de instrumentos de guerra, o que significa que estavam pouco equipados para a batalha. Assim, apesar de não estar desarmado, Israel estava relativamente desarmado em comparação com os filisteus. Israel nunca foi bom nas artes industriais. Em contraste, os filisteus ao que parece aprenderam essas técnicas dos hititas e outras populações da Anatólia, com os quais entravam em contato no comércio. Esse contato resultava das migrações dos chamados "povos do mar", que tinham vindo do mar Egeu para o território de Canaã, em cerca de 1200 A. C. Israel, pois, dependia da tecnologia dos filisteus quanto a novas armas de guerra, feitas de ferro (vs. 20).

Os filisteus tinham levado de Israel os ferreiros para trabalhar para eles, deixando Israel sem operários habilidosos. Uma opressão desse naipe estabelece-se em todo controle de terras, em todas as épocas.

13.20

Todo Israel tinha de descer aos filisteus para amolar. Os filisteus permitiam aos israelitas o acesso aos lugares onde eles podiam amolar seus implementos agrícolas. É possível que os soldados israelitas usassem implementos agrícolas como armas de guerra, embora o texto sagrado não nos diga isso especificamente. Os historiadores relatam que os romanos atuavam da mesma maneira. Os povos que eles conquistavam não recebiam permissão para fabricar instrumentos de guerra, embora instrumentos agrícolas lhes fossem permitidos (ver Plínio, *Hist. Nat.* 1.34, cap. 14).

Os instrumentos agrícolas mencionados neste versículo são o arado, a enxada, o machado (para derrubar árvores e prover lenha) e a foice.

13.21

Estavam, pois, embotados os fios. Além dos instrumentos agrícolas básicos, aos israelitas também era permitido ter limas, com as quais podiam manter o fio de seus instrumentos. Os filisteus, pois, não eram totalmente insensíveis. Ao que tudo indica, não tinham por propósito o aniquilamento total dos israelitas. Afinal, eles poderiam servir como escravos e como fontes de mulheres. Mas queriam-nos em condições tão debilitadas que seriam como escravos que lhes produzissem boas coisas, incluindo produtos agrícolas. O versículo pode dar a entender que, até para afiar os instrumentos agrícolas, os israelitas eram forçados a procurar filisteus habilitados. Para Adam Clarke não estão aqui em vista limas, mas, sim, pedras de amolar.

A *Septuaginta* tem um texto muito diferente para este vs. 21: "A vindima estava pronta para ser colhida, e os instrumentos custavam um terço de um siclo para serem afiados, e o machado e a foice custavam o mesmo preço". Exatamente como traduzir o texto hebraico, é o que está em dúvida. E a Septuaginta ignorou o texto hebraico. Entretanto, a Revised Standard Version dá a tradução da Septuaginta aqui.

13.22

Sucedeu que, no dia da peleja, não se achou espada, nem lança. Saul e Jônatas tinham conseguido preservar certo número de instrumentos de guerra, como espadas e lanças, mas instrumentos idênticos não puderam ser encontrados em parte alguma de Israel. Dessa forma, os filisteus tinham tornado quase impossível a revolta, embora o conflito ainda assim continuasse. Tendo sido um povo nômade, e tendo-se adaptado apenas recentemente a uma vida agrícola, fixa à terra, Israel não atingira grande progresso nas artes e nas habilidades industriais. Também não desenvolvera instrumentos de ferro, o que deixava os israelitas em grande desvantagem para tempos de guerra. O arco, a flecha e a funda eram suas principais armas de guerra, e eles não acompanharam o progresso de seus adversários no campo das armas bélicas. Ellicott (*in loc.*) adverte-nos a não tomar literalmente as informações dadas por este versículo, visto que Israel havia obtido grandes vitórias, sendo provável que tivesse recolhido um bom número de armas de ferro de seus inimigos.

13.23

Ao desfiladeiro de Micmás. Quanto a esta cidade, ver o *Dicionário*. Era o quartel-general dos filisteus, embora, ainda recentemente, três companhias tivessem saído nas direções leste, oeste e norte, para atacar a Israel, destruir as plantações e lançar a confusão a fim de reduzir Israel à escravidão. Ver sobre I Sam. 3.17. Por esse motivo, Micmás ficou essencialmente desprotegida. Esse fator armou palco para a história narrada no capítulo 14.

"Enquanto as companhias dos filisteus estavam longe, a guarnição deixada para proteger o acampamento moveu-se mais para baixo, a um ponto que olhava diretamente para a frente do precipício do wadi" (George B. Caird, *in loc.*). Os filisteus enviaram para a frente uma guarnição armada ou avançada, além do campo de Micmás, a fim de evitar ataques de surpresa. Mas Jônatas estaria lá, realizando uma missão heróica.

Capítulo Catorze

Este capítulo continua a seção iniciada em 13.15b, onde ofereço as notas de introdução. I Sam. 14.1-46 registra, especificamente, os feitos de Jônatas, que estava operando como principal e, talvez, único general de Saul. Em termos militares, seus feitos foram preliminares, mas renovaram a coragem dos israelitas. Entrementes, ele estava acampado em Gibeá, com cerca de 600 homens (vs. 2). A missão de Jônatas era secreta, uma questão de iniciativa pessoal.

14.1

Sucedeu que um dia disse Jônatas. Jônatas e seu escudeiro realizaram uma missão perigosa, desconhecida por Saul. "Jônatas era um típico guerreiro daquela época selvagem e aventurosa — destemido, bravo, cavalheiresco e generoso, dotado de vasta força física e grande habilidade em todos os exercícios de guerra. Ele estava animado por uma fé intensa na boa vontade e no poder do Deus Eterno para ajudar Israel. Essa fé poderosa na eterna presença do Deus de Israel era a mola mestra do poder vitorioso de todos os heróis hebreus, homens como Josué, Gideão, Baraque e Sansão. Davi, o maior de todos, conforme veremos, possuía esse sublime espírito de fé, em grau proeminente" (Ellicott, *in loc.*).

Escudeiro. Geralmente um jovem que servia de aprendiz das artes militares, acompanhando algum guerreiro já notável e aprendendo suas habilidades mediante a observação e a prática na arte de matar. Jônatas, sem dúvida, inspirava o senso de lealdade entre os jovens soldados e era seu líder natural.

Passemos à guarnição. Ou seja, a companhia dos filisteus estacionada em Micmás, que fora deixada essencialmente desprotegida. Quanto aos movimentos desses homens, ver sobre I Sam. 13.23.

14.2

Saul se encontrava na extremidade de Gibeá. Saul não foi informado por seu filho Jônatas sobre a missão secreta e permaneceu estacionado em Gibeá com seu minúsculo exército permanente de apenas 600 homens. Foi esse número que restou após o exército ter-se espalhado e fugido por temor aos filisteus, o que ficou registrado em I Sam. 13.55 ss. De um total de 4.000 homens, restaram apenas 600. Alguns chegaram a atravessar para o outro lado do rio Jordão, abandonando assim a causa de Israel (I Sam. 13.7).

Saul, que parecia apreciar árvores (cf. este versículo com I Sam. 22.6), tinha em Gibeá o seu pequeno exército permanente e, em seus momentos livres, sentava-se sob sua *romeira favorita*. Temos também o caso de Débora, que havia feito seu trabalho de juíza à sombra de uma palmeira, em Betei (ver Juí. 4.5). E houve o *carvalho* de Jacó (ver Gên. 25.4,8) e o *carvalho* de Josué (ver Jos. 24.26), onde um santuário do Senhor foi estabelecido. Os lugares altos tinham santuários erigidos no meio dos bosques. Parecia haver a crença no valor místico das árvores. Algumas tribos indígenas americanas atribuíam alma às árvores.

Poemas são feitos por tolos como eu,
Mas só Deus pode criar uma árvore.

(Joyce Kilmer)

Em Migrom. Ver sobre este lugar no *Dicionário*. Aparentemente era um campo, perto de Gibeá, que fazia parte daquele lugar. Mas alguns dizem que Migrom era uma cidade ou aldeia separada, próxima de Gibeá. Outros, porém, afirmam que se tratava de uma "eira". Portanto, a referência permanece na dúvida.

14.3

Aías, filho de Aitube. Além do pequeno grupo de 600 homens, Saul contava com a notável presença de *Aías,* o sumo sacerdote de Silo, que havia sido destruída. O tabernáculo tinha sido transferido para Quiriate-Jearim (ver I Sam. 7.27), onde permanecera por vinte anos. Dali, foi levado para Jerusalém, por parte de Davi, e então incorporado ao templo de Salomão. Naquele tempo, o culto a Yahweh foi centralizado na capital, e outros santuários foram proibidos, embora vários tivessem continuado a funcionar, a despeito da proibição. *Aías* (ver a respeito dele no *Dicionário*) era descendente de Eli, cujo sacerdócio fora condenado à extinção por parte de Samuel (ver I Sam. 3.15 ss.). Mas por algum tempo o sacerdócio prosseguiu naquele ramo. Nos dias de Davi, contudo, o sacerdócio foi transferido para outro ramo da família de Arão. No vs. 18, vemos *Aías* na posse da arca, e Saul a usava em batalha como um chamariz de boa sorte. Ver as notas sobre aquele versículo quanto aos detalhes. *Aías é o nome* de nove pessoas mencionadas no Antigo Testamento, e o Aías do presente texto é o segundo da lista. Seu nome é uma forma abreviada de *Aimeleque,* que alguns eruditos têm confundido com o nome de *Abimeleque*. Ver detalhes no artigo, que não são reiterados aqui.

A estola sacerdotal. Esta era a veste apropriada que o sumo sacerdote usava, e consistia no peitoral cheio de gemas preciosas, *e nos misteriosos Urim* e *Tumim*, mediante os quais eram realizadas adivinhações. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sacerdotes, Vestimentas dos,* sob *Estola,* no seu segundo ponto. Quanto a maiores detalhes, ver o artigo chamado *Estola*.

14.4

Entre os desfiladeiros. Jônatas e seu escudeiro moviam-se através de uma estreita passagem entre duas rochas elevadas, uma delas chamada *Bozez* e a outra *Sené*. O primeiro desses nomes significa "escorregadio"; e o outro, "descida". Contudo, o sentido do texto não é claro. Há quem diga que Bozez significa "brilhante", e Sené quer dizer "espinhento". Essas elevações rochosas foram mencionadas aqui simplesmente porque ocultaram a aproximação de Jônatas e seu escudeiro, permitindo-lhes desfechar um ataque de surpresa.

14.5

Uma delas se erguia. A primeira dessas elevações, que a Revised Standard Version chama de "penhasco", ficava defronte de Micmás; e a segunda ficava ao sul, defronte dela. Assim sendo, os dois homens puderam caminhar ao longo das elevações sem serem vistos, e tiveram em seu favor a surpresa do ataque.

14.6

Vem, passemos à guarnição desses incircuncisos. Jônatas avançara na expectação de que algo significativo seria feito em favor dele da parte de Yahweh, contra aqueles miseráveis *incircuncisos* pagãos, conforme ele os chamou em atitude de derrisão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Incircuncisão*.

I Macabeus 3.16-22 oferece uma exposição mais ampla do tipo de fé que se vê neste texto. Havia confiança em Yahweh de que, em tempos de tensão, qualquer coisa poderia ser realizada através da fé e da coragem. Yahweh era uma força divina que poderia dar a alguns *poucos* grande vitória sobre *muitos*. A matemática divina não se assemelha à matemática humana. Lembremos do caso de Gideão. Os Targuns falam de um *milagre* ou *sinal* da parte do Senhor, pelo qual eles estavam esperando. "Para Ele não é difícil salvar mediante poucos, nem coisa alguma pode impedi-lo" (John Gill, *in loc.*).

"Não existem restrições para o Senhor. Esse é um excelente sentimento. Onde existe uma promessa de defesa e apoio, dos mais fracos em face dos mais fortes inimigos, aqueles podem depender com o máximo de confiança" (Adam Clarke, *in loc.*). Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Nesta narrativa, não há nenhuma menção do Espírito de Deus vir sobre Jônatas, como no caso de outros que realizaram feitos notáveis, por exemplo Gideão (Juí. 6.34) e Saul (I Sam. 11.6). Mas podemos ter certeza de que o autor tinha isso em mente quando registrou a história neste capítulo. Ver também o caso de Otniel (Juí. 3.10). Lembremos o que Sansão, sozinho, foi capaz de fazer contra forças avassaladoras.

14.7

Faze tudo segundo inclinar o teu coração. A *cooperação absoluta* do escudeiro serviu de fator encorajador para Jônatas. Grandes projetos raramente são efetuados por uma só pessoa. Sempre há aqueles dispostos a ajudar. A vida compõe-se de princípios conflitantes que são finalmente resolvidos em uma unidade, mediante os esforços heróicos dos participantes. Aquele que não tem nenhum conflito pode estar divertindo-se, mas não está vivendo. A vontade é uma *força primária original que é mais profunda que o cérebro e a razão*. A vontade está sempre por trás de grandes esforços. Somos seres multidimensionais. Nossa consciência tem acesso às realidades não-ordinárias que são tão reais como o nosso mundo físico. Assim sendo, o homem bom tem acesso ao poder do alto.

14.8

Disse, pois, Jônatas. O *ataque* deveria ser desfechado de surpresa. Já era um feito corajoso estar perto daqueles ferozes filisteus com todos os seus carros de combate, cavaleiros e números superiores. Mas *dois homens* produziriam um acontecimento incomum, o qual representaria uma significativa vitória para Israel. Eles tinham de passar por uma profunda ravina, mas conseguiram fazê-lo com sucesso, ocultados pelas duas rochas lado a lado. Se usassem o bom senso, deveriam estar fugindo com todo o resto do exército. Mas algumas vezes não é de bom senso usar o bom senso.

14.9,10

Se nos disserem assim. Finalmente, Jônatas e seu escudeiro teriam de revelar-se aos inimigos que estavam prestes a atacar. Jônatas não sabia exatamente o que fazer. Portanto, inventou um sinal. Uma vez defronte dos inimigos, eles observariam as ações dos homens da guarnição. Talvez, conforme diz o vs. 9, o inimigo dissesse: "Vocês, ratos, nós os pegaremos". Nesse caso, eles avançariam e atacariam à distância de suas próprias fortificações. Se isso acontecesse, seria um sinal de que Yahweh os estaria ajudando, fazendo os filisteus aproximar-se dos dois homens, pelos quais seriam mortos. Por outra parte, conforme o vs. 10, se os inimigos permanecessem onde estavam e convidassem os dois homens a tentar sua habilidade como guerreiros, descendo ao acampamento do inimigo, nesse caso, os dois saberiam que Yahweh tinha provocado *esse acontecimento* e, de alguma maneira, daria poder para a vitória ali mesmo, na fortaleza do inimigo.

Assim, ali estavam os dois homens, preparados para escalar a elevação e enfrentar, sozinhos, a guarnição filistéia, esperando a reação do inimigo, a fim de que, de alguma maneira, com a ajuda de Yahweh, obtivessem uma vitória impossível. "Jônatas anelava por um sinal sobrenatural que confirmasse que o impulso que o levara àquele feito de extrema ousadia era, de fato, uma voz descida do céu" (Ellicott, *in loc.*). Alguns intérpretes supõem que, se os filisteus não os convidassem para subir a colina e combater, os dois deveriam desistir totalmente do plano; mas não parece ser isso que está em vista. Eles estavam ali para *lutar,* e não para voltar para trás, mas queriam um sinal para saber como poderiam combater *melhor*. Algumas vezes precisamos de *sinais sobrenaturais* que nos mostrem como agir quando estamos em um dilema. Cf. o texto com Gên. 24.14: I Sam. 6.7 e 12.17, para algo singular na busca de sinais.

14.11

Dando-se, pois, ambos a conhecer à guarnição. *Os dois homens* revelaram-se aos filisteus, os quais se divertiram diante da visão daquelas duas criaturas miseráveis saídas de buracos onde se tinham ocultado. Para eles, tudo foi muito engraçado. Eles poderiam ter feito rolar pedras sobre os dois homens que subiam pela ladeira acima, mas em vez disso riram-se zombeteiramente. "Ri melhor quem ri por último" (provérbio do século XVIII). Na verdade, os filisteus não tinham idéia do que aqueles dois miseráveis seriam capazes de fazer. Aos filisteus pareciam dois homens que, sem alimentos e sem água, em desespero, agora saíam de seus buracos, esperando por uma reversão da fortuna.

14.12

Subi a nós. *O Sinal Pedido Foi Concedido.* Dentre as duas possibilidades (apresentadas nos vss. 9 e 10), venceu a segunda. Os filisteus não rolaram pedras sobre os dois idiotas que escalavam a ladeira, mas os convidaram para subir e combater. Estavam certos de que poderiam mostrar-lhes uma coisa ou duas, talvez, o que é ser morto por espadas afiadas.

Jônatas, por sua vez, estava certo de que o sinal pedido lhe fora confiado, e quem veria uma ou duas coisas seriam os filisteus. Portanto, Jônatas encorajou seu escudeiro a partir para a vitória, *divinamente concedida*. Era uma fé realmente ousada.

14.13

Então trepou Jônatas de gatinhas. Os filisteus riram-se ao observar os dois tolos subindo pela ladeira. Afinal, havia uns vinte deles naquele posto avançado. O que poderiam fazer dois homens contra vinte? O resultado era óbvio: mais dois hebreus seriam mortos. Isso não representaria um avanço muito grande, mas pelo menos seria o começo do fim daquele jogo tolo.

Os filisteus haviam desafiado sarcasticamente os dois hebreus e, para sua surpresa, os dois hebreus aceitaram o desafio e vieram à luta. Havia algo de divino em toda a questão, pois os filisteus ficaram como que paralisados. Jônatas matou-os um por um, e seu escudeiro vinha logo atrás, aplicando-lhes o *golpe de misericórdia.* Talvez o texto indique que, de algum modo não explicado, os dois foram capazes de tomar os filisteus de surpresa. Mais provavelmente, porém, devemos entender que Yahweh estava presente, levando-os a perder os nervos e falhar. Homens que eram habilidosos para matar tornaram-se um bando de crianças desajeitadas. Aquela foi a segunda intervenção divina. A primeira foi o *sinal* que lhes disse como deveriam lutar *melhor.*

14.14

Sucedeu esta primeira derrota. *O campo de batalha* foi uma área relativamente pequena, cerca de *meia jeira* de terras. Os antigos mediam a terra pela quantidade de terra que um par de bois pudesse arar em um dia; e as terras tinham cerca de metade dessa medida. Mas não sabemos com exatidão que quantidade de terras estaria em pauta. O sentido geral, porém, é suficientemente claro: o campo de batalha era uma pequena porção de terras e, dentro daquela área relativamente pequena, Jônatas conseguiu matar cerca de vinte homens, com a ajuda de seu escudeiro. John Gill (*in loc.*) relata que a área do *actus* romano, 120 pés quadrados, quando dobrada, formava um acre. A isso os romanos chamavam de *jugerum,* a área de terras que uma junta de bois podia arar um dia. Plínio dizia que um acre de terra media 74 x 37 metros, ou seja, 28.800 pés quadrados romanos.

14.15

Tudo passou a ser um terror de Deus. Aconteceu o *terceiro sinal.* O primeiro foi o aviso de como seria melhor lutar (vs. 12). O segundo foi a inesperada vitória, a morte de vinte guerreiros mediante somente dois homens, sem dúvida mediante intervenção divina. Em terceiro lugar, a notícia da calamidade (para os filisteus) espalhou-se rapidamente e fez a guarnição inteira estremecer. Um temor horrendo apossou-se deles e tornou-os inúteis para a batalha. O *pânico* foi um instrumento divino contra homens insolentes, que tinham confiado em suas próprias forças. Gideão obteve notável vitória por meio do *pânico* (divinamente inspirado) que afligiu seus inimigos (Juí. 7).

E o quarto sinal foi um terremoto que aumentou ainda mais o pavor. "Os gregos davam o nome de *pânico* a qualquer *terror súbito,* porquanto acreditavam que ele era causado pelo deus Pan" (George B. Caird, *in loc.*). Pan não significa pânico, mas está relatado à palavra *panis,* "pastor". Àquele deus era atribuído qualquer terror súbito. De acordo com as tradições gregas, os persas foram postos em fuga, durante a batalha de Maratona, por Pan e seu pânico.

Os poderes da natureza foram convocados para ajudar Jônatas naquele dia, como no caso do êxodo do Egito (Êxo. 14.26,27), da luta de Josué contra os cananeus em Bete-Horom (Jos. 10.11), e do ataque de Baraque a Sísera, em Quisom (Juí. 5.21).

14.16

Eis que a multidão se dissolvia. Somente cerca de três quilômetros separavam os postos avançados de Israel, em Gibeá, dos postos avançados dos filisteus, em Micmás, pelo que foi possível que sentinelas estacionadas ali por Saul vissem a confusão no acampamento inimigo. Eles podiam ver como os filisteus, em seu pânico, voltaram-se uns contra os outros, resultando daí grande matança. A notícia foi rapidamente dada a Saul, o qual se mostrou sábio o bastante para lançar um ataque imediato e piorar o estado já terrível dos filisteus. Do nada, tinha surgido uma chance de obter grande vitória. Isso é muito verdadeiro no tocante à experiência humana: "Que diferença pode fazer um dia", diz a canção popular.

O fato de Gibeá ser edificada sobre uma colina e de seus postos avançados (sem dúvida) serem colocados nos lugares mais altos possibilitou a visão da cena. Yahweh estava agindo em favor de Israel naquele dia, fazendo coisas que Israel era fraco demais para produzir por si mesmo.

14.17

Então disse Saul ao povo que estava com ele. Saul suspeitou de pronto que a *causa* do desastre entre os filisteus poderia ser alguns soldados hebreus. A chamada que ele ordenou logo descobriu que Jônatas e seu escudeiro estavam ausentes; e assim, de alguma maneira desconhecida, *eles* tinham sido a causa. Somente então ficou-se sabendo que Jônatas havia empreendido uma missão secreta sem ao menos consultar o pai, o chefe do exército. Algumas vezes nossos filhos fazem grandes coisas que nos surpreendem.

14.18

Traze aqui a arca de Deus. Esse foi o reforço da arca da aliança. Antes de mais nada, Saul pediu que o sumo sacerdote trouxesse a arca, a fim de consultar a vontade de Deus, talvez mediante o *Urim* e o *Tumim* (ver a respeito no *Dicionário*). A arca estivera em Silo por muito tempo, mas após a destruição do lugar, foi levada para Quiriate-Jearim (7.2). Ficou ali por vinte anos e então foi transportada para Jerusalém, assim como todo o tabernáculo. Isso foi feito por Davi quando ele tornou Jerusalém sua capital. Em seguida, Salomão, seu filho, incorporou o tabernáculo e seu culto ao templo. Mas parece que, antes mesmo desse tempo, a arca da aliança foi transferida por algum motivo especial. É possível que apenas a sua *presença* servisse de encorajamento para Saul e seu pequeno exército, ajudando-os em sua tentativa de atacar os filisteus que estavam em estado de total confusão. Ou então o intuito de Saul era levar a arca para fora da batalha, conforme se fazia algumas vezes. Ver I Sam. 4.3. Alguns conjecturam que a arca sagrada não podia ser movimentada dessa forma, pelo que uma duplicata serviu ao propósito especial, embora não haja evidências históricas em favor dessa idéia.

A *Septuaginta* ignora qualquer menção à arca e fala antes na *estola sacerdotal* (ver a respeito no *Dicionário*; e ver notas adicionais em 14.3). Nesse caso, Saul meramente quis consultar Samuel, por meio de adivinhação (mediante o uso do *Urim* e do *Tumim*). Alguns eruditos modernos preferem o texto conforme aparece na Septuaginta. Josefo seguiu manuscritos que concordavam com a Septuaginta ou talvez até a própria Septuaginta (*Antiq.* vi. par. 3).

14.19

Disse Saul ao sacerdote: Desiste de trazer a arca. Enquanto Saul consultava o sacerdote, o ruído e a confusão no acampamento dos filisteus aumentavam. A consulta ao *Urim* e o *Tumim* requeria algum tempo e, quando Saul percebeu que tinha uma oportunidade de ouro para atacar, interrompeu a consulta e pôs-se a agir prontamente. Suas palavras "desiste de trazer a arca" equivalem a "não tragas as pedras preciosas de adivinhação; não temos tempo para isso; já tenho a resposta, que é atacar imediatamente". "... desiste de trazer a estola e abrir o peitoral do *Urim* e do *Tumim,* colocando-te defronte da arca na posição apropriada para fazeres indagações, ou levantando ambas as mãos em oração, pedindo orientação. Saul, mediante o ruído, concluiu que o exército dos filisteus estava derrotado, pelo que não havia necessidade de consultar o Senhor" (John Gill, *in loc.*).

14.20

E vieram à peleja. Rapidamente, Saul reuniu seus 600 homens e entrou em batalha. Chegando ao local, encontrou os filisteus matando-se uns aos outros, pelo que adicionou sua contribuição; e naquele dia houve grande matança de filisteus. Houve "intenso... ruído, tumulto, confusão, matança e destruição" (John Gill, *in loc.*).

14.21

Havia hebreus. O texto, contudo, não explica quem seriam esses hebreus que estavam no acampamento dos filisteus: 1. Poderiam ser *desertores* que se tinham passado para o lado do inimigo, na esperança de serem deixados com vida e até servirem ao exército filisteu. **2.** Poderiam ser *prisioneiros de guerra,* os quais, no meio da confusão, adicionaram suas forças aos que tinham chegado, apanharam espadas e começaram a matar seus captores. 3. Poderiam incluir pessoas seqüestradas das vilas que os filisteus tinham pilhado. A Septuaginta diz "escravos", em vez de "hebreus", apoiando a terceira posição.

Cf. I Sam. 29.3, que concorda com a primeira dessas três idéias. Seja como for, sua presença tornou-se uma maldição para os filisteus, e o poder deles acrescentou-se aos atacantes. Os filisteus tinham semeado o vento e acabaram colhendo a tempestade (ver Osé. 8.7).

14.22

Eles também os perseguiram de perto na peleja. Outra fonte de atacantes de Israel contra os filisteus era o bando de homens refugiados nas rochas e cavernas. Ver I Sam. 13.6. Provavelmente essa fonte proveu o maior número de atacantes de Israel. A Vulgata Latina e a Septuaginta afirmam que a força total de Saul atingiu 10.000 homens, mas não sabemos dizer se essa informação é exata ou não. Josefo repete a informação (*Antiq.* 116, cap. 6, sec. 3).

14.23

Assim livrou o Senhor a Israel. Assim Yahweh concedeu naquele dia *sucesso absoluto* a Israel, o que, para os filisteus, significou grande matança. Saul estava cumprindo a missão de enfraquecer os filisteus, mas Davi é quem viria em seguida, libertando completamente o povo de Israel da opressão estrangeira, ação necessária para que a monarquia tivesse êxito e para que se cumprissem os propósitos de Deus em Israel.

Além de Bete-Áven. Ver a respeito no *Dicionário.* A batalha espalhou-se para aquele lugar, até onde os filisteus foram perseguidos e derrotados. Bete-

Áven era uma alcunha aplicada a *Betel.* Ficava cerca de 5 quilômetros ao norte de Micmás, pelo que a fuga não se estendeu para muito longe. I Sam. 13.5 diz que ficava a *leste* de Micmás, mas os mapas mostram Betei ao norte, levemente a oeste. Isso nos alerta para o fato da precária identificação das áreas. *Ai* tem sido identificada com Bete-Áven, mas esta também ficava a noroeste de Micmás.

14.24

Maldito o homem que comer pão antes de anoitecer. *Um Fator de Perturbação.* As coisas tinham corrido bem para Israel naquele dia, mas havia um fator que ameaçava a felicidade do povo. Saul havia feito um voto tolo e precipitado, em seu entusiasmo pela vitória. Ele comprometeu todo o povo de Israel ao jejum, como forma de implorar a Yahweh o sucesso em batalha. Devemos lembrar que a questão dos votos era seriamente considerada em Israel, visto que os votos eram feitos a *Yahweh* e tidos como espiritualmente obrigatórios. O *juízo* divino sobreviria aos que ousassem quebrá-los. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Voto.* Cf. Juí. 11.30,31 quanto ao tolo voto feito por Jefté, e 11.34 quanto ao fato de que a maldição caiu sobre a própria filha, a qual foi devidamente morta. No caso presente, por semelhante modo, *Jônatas,* filho de Saul, foi quem quebrou o voto, sem saber da promessa do pai (vss. 27 ss.). Jônatas deveria ser morto por seu ato, embora o tivesse feito por ignorância, mas o povo o salvou. Ele foi finalmente morto em batalha, e algumas pessoas supersticiosas provavelmente supuseram que essa sorte lhe sobreveio por haver quebrado o voto do pai.

14.25

Onde havia mel no chão. "Havia muitas abelhas selvagens naquela região, e sobre a Judéia fora expressamente dito ser uma terra onde fluía leite e mel" (Adam Clarke, *in loc.*). Esse fator armou palco para a quebra do voto: um alimento inesperado e fácil (mel) jazia à plena vista de todos. Soldados que tinham lutado com Saul e Jônatas naturalmente passaram por aquele caminho, onde havia um *bosque* localizado entre *Bete-Áven* e *Aijalom.* Ver o vs. 31 deste capítulo. "As abelhas silvícolas, conforme se vê com freqüência nas florestas americanas, enchem as árvores ocas com mel, até que os favos, quebrando com o peso, deixam o mel escorrer pelo chão" (Ellicott, *in loc.*).

14.26,27

Jônatas, porém, não tinha ouvido quando seu pai conjurara o povo. Os que tinham ouvido falar no voto, embora famintos devido aos rigores da batalha, não ousaram tocar no mel. Mas Jônatas, sem nada saber do voto, imediatamente serviu-se, pensando ter tropeçado em um pouco de sorte. O fato de que seus olhos "tornaram a brilhar" provavelmente significa que o mel era de excelente qualidade e que o cansaço havia abatido seus olhos; mas aquele pouco de mel lhe restaurou dramaticamente as forças, fazendo a energia brilhar através de seus olhos. O Talmude comenta neste ponto: "Todo aquele que sofrer os efeitos de fome intensa, que coma mel ou outra coisa doce, pois esses alimentos são eficazes em restaurar o brilho dos olhos" (Tratado *Yoma,* foi. 83,col. 2, com uma referência ao texto diante de nós).

Estendeu a ponta da vara. Talvez esteja em pauta uma bengala ou uma lança, um modo conveniente embora dificilmente higiênico de levar alimento à boca.

14.28

Então respondeu um do povo. *A Terrível Informação.* "Estás condenado, Jônatas. Teu pai votou a Yahweh que, se alguém comesse algo hoje, ficaria sob a maldição divina, e isso só pode significar execução, provavelmente por apedrejamento". O resultado foi que os soldados *quase desmaiaram.* Primeiro por causa da fome e do esforço despendido; e, em segundo lugar, porque seu herói, que tinha dado ímpeto à vitória, agora teria de ser executado. O corpo e a mente daqueles homens desmaiavam. Sem dúvida, Jônatas havia convidado outros soldados para provar do maravilhoso mel; mas eles, atemorizados, preferiram permanecer famintos e abatidos.

14.29

Meu pai turbou a terra. *Os bons resultados* de Jônatas ter comido o mel claramente levaram à conclusão de que o voto de Saul era estúpido e tolo. Foi ótimo que Jônatas assim dissesse e também *verdadeiro,* mas a verdade nem sempre ganha. Existe toda espécie de idéias tolas que se tornam dogmas religiosos sérios. Parece ser boa coisa fazer voto como incentivo a uma boa ação e então levá-lo a sério. Mas quando alguém ajunta a *pena de morte* contra aquele que ousa quebrar tal voto, então a fé religiosa torna-se negativa. Algumas vezes, pois, a fé acredita naquilo que não é verdadeiro. "O ritual de uma religião imatura é complicado e não corresponde a nenhum requisito ético real... Infrações de leis cerimoniais exigiam penas extremas. Não admira, pois, que profetas posteriores tenham condenado tais requisitos absurdos e impossíveis de ser observados (ver Isa. 1.11 e Miq. 6.7,8)" (John C. Shroeder, *in loc.*).

14.30

Porém desta vez não foi tão grande a derrota dos filisteus. Conforme Jônatas comentou, teria sido melhor se os soldados de Israel se tivessem banqueteado naquele dia, em lugar de jejuarem, pois isso teria permitido que Israel fizesse mais. Afinal, houve todo aquele despojo tomado dos filisteus, incluindo animais que podiam ser comidos, conforme permissão dada pela legislação mosaica. Jônatas asseverou que Israel teria sido capaz de efetuar maior matança de filisteus, se os guerreiros não estivessem fracos de fome. Por isso ele afirmou que seu pai "perturbou a terra" (vs. 29), mediante um voto supersticioso. Esse foi um juízo correto, mas podemos ter certeza de que ninguém lhe deu ouvidos. O *temor* a Saul e a Yahweh venceu o bom senso.

14.31

Desde Micmás até Aijalom. Embora desmaiado de fome e exaustão, Israel obteve grande vitória naquele dia, estendendo o campo de batalha de Micmás a Aijalom, o equivalente a cerca de 24 quilômetros. Os filisteus fugiram de uma a outra extremidade, e muitos milhares caíram ao longo do caminho. Jônatas se queixara sobre quão débeis estavam os soldados de Israel, mas, a despeito disso, a derrota dos filisteus foi esmagadora. Este versículo menciona novamente a fadiga dos soldados, pelo que só podemos supor que algum ato sobrenatural lhes tenha dado vitória naquele dia. O *homem espiritual* algumas vezes faz coisas além de suas expectativas, porque o divino se faz presente.

Ver no *Dicionário* sobre *Aijalom.* Uma cidade assim chamada ficava no território de Dã, e no vale próximo àquele lugar ocorrera a famosa "lua parada" da época de Josué (Jos. 10.12; 19.42). O artigo no *Dicionário* fornece detalhes sobre as cidades chamadas por esse nome.

14.32

E os comeram com sangue. A *imprudência* foi a força que impulsionou os soldados, em sua extrema fome e fadiga, a " lançar-se" sobre ovelhas, vacas e bezerros e a fazer uma festa selvagem ali mesmo. Em desespero, eles esqueceram totalmente a lei mosaica que proibia comer a carne de animais cujo sangue não fora devidamente drenado.

O texto não nos diz *por que* os soldados não caíram sob a maldição de Saul, tal como sucedera a Jônatas por haver comido mel (vss. 24 ss.). Talvez devamos entender que o voto fora suspenso, ou que a batalha se estendera até o dia seguinte, e somente *um dia* de jejum estava comprometido. Nesse caso, uma vez que se passara aquele dia, o voto não continuava em vigor.

A legislação mosaica proibia a ingestão de várias espécies de carnes. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Limpo e Imundo.* Os animais mencionados neste versículo podiam ser tanto sacrificados quanto usados como alimento, mas o sangue deveria ser devidamente drenado. Ver no versículo seguinte a respeito da lei do sangue. O voto precipitado de Saul causara aquele imprudente banquete, porque os soldados perderam o controle em sua fome e fizeram o que era proibido.

14.33,34

Eis que o povo peca contra o Senhor. Saul era sensível diante da lei, mas não suficientemente sensível diante das coisas espirituais, e por isso tomou tomar aquele voto insensato. Para permitir que o povo continuasse em sua festa, Saul teve de mandar drenar o sangue dos animais e criar um altar improvisado para oferecer sacrifícios. Ver Lev. 17.10-14 quanto à lei da drenagem do sangue. *Yahweh* tinha de receber primeiramente *Suas porções* de gordura e sangue. A gordura era queimada sobre o altar, e o sangue era derramado à base do mesmo altar. O sangue era considerado a sede da vida, sagrado e completamente impróprio para o consumo humano. Quanto às leis sobre o sangue e a gordura, ver Lev. 3.17. Ver também Deu. 12.16 e Lev. 19.26 quanto às leis sobre o sangue.

Originalmente, os animais apropriados para serem sacrificados não serviam para consumo humano. Ver Lev. 1.14-16 sobre os *cinco animais* apropriados para os sacrifícios. As pessoas, contudo, podiam comer esses animais depois de terem sido sacrificados. Somente nos *holocaustos* (ver a respeito no *Dicionário*) era requerido que o animal inteiro (exceto o couro, que era dado ao sacerdote oficiante) fosse totalmente consumido pelas chamas, no altar. Outros sacrifícios proviam porções para os sacerdotes e para os ofertantes. Ver Lev. 6.26; 7.11-24; 7.28-38; Núm. 18.8; Deu. 1.17,18 quanto às *oito* porções reservadas para alimento dos sacerdotes. Uma vez que Israel ficou em segurança na Terra Prometida e houve grande produção de animais a serem sacrificados, esses foram liberados para consumo humano. O ato de Saul, aqui, fala na obediência à lei original. Ele só

permitiu o consumo uma vez que houve sacrifício e as porções apropriadas foram destinadas a Yahweh. Os críticos, pois, supõem que a proibição aqui é realmente a mais antiga, ao passo que as de Deuteronômio e Levítico só apareceram posteriormente, na suposição de que esses livros tenham sido escritos bem depois das datas atribuídas pelos eruditos conservadores.

A *lei original* só permitia que a morte dos animais a serem sacrificados ocorresse no tabernáculo. Então o banquete era efetuado ali, não em fazendas privadas. Ao construir seu altar improvisado, Saul tentou *imitar* isso, visto que o tabernáculo estava distante. Não sendo sacerdote, ele não era a pessoa apropriada a oferecer tais sacrifícios, mas o mais provável é que ele tenha chamado algum sacerdote para efetuar o serviço. Ou então ele mesmo ofereceu o sacrifício, pois as leis concernentes ao ofício dos sacerdotes nem sempre eram seguidas. Samuel ofereceu sacrifícios, embora não fosse sacerdote (ver I Sam. 11.15). Mas pelo menos era levita. Como profeta nacional, contudo, Samuel tinha eclipsado o ofício sumo sacerdotal e evidentemente era considerado qualificado a oferecer sacrifícios. Ver I Sam. 13.9,13 quanto a uma discussão sobre a questão das pessoas autorizadas a oferecer sacrifícios, e se os reis podiam ou não agir desse modo.

14.35

Edificou Saul um altar. Ver sobre esse assunto no *Dicionário.* Conforme vemos aqui, o altar era simplesmente uma grande e conveniente pedra. Saul imitou os ritos do tabernáculo e possivelmente usou um sacerdote para oferecer os sacrifícios. Ver a discussão sobre os vss. 33 e 34, que falam das várias leis que governavam os sacrifícios e o sangue, no tocante ao altar e aos sacrifícios de Saul. Muitas personagens do Antigo Testamento, antes de Moisés, edificaram altares, conforme o artigo demonstra. Assim sendo, Saul também teve sua chance e edificou aquele altar, o *primeiro* em sua carreira, o que parece implicar que houve outros posteriormente. Ou a referência pode ser ao sacrifício feito em Gilgal. Ele ofereceu sacrifícios ali, mas não erigiu o altar que foi usado naquela ocasião. Portanto, ele edificou seu *primeiro altar* na ocasião presente, o qual pode ter sido também o *último.* Ver 13.9 ss. quanto à sua realização anterior de sacrifícios.

Saul é representado aqui como homem de fé sincera (embora, algumas vezes, mal orientada). Mas em I Sam. 16.14 somos informados sobre uma súbita mudança em seu caráter. Então ele não estava mais apto a ser rei. Alguma coisa maligna o dominou. O Espírito do Senhor afastou-se e um *espírito maligno* O substituiu. Ver aquele versículo quanto a explicações.

14.36

Desçamos esta noite no encalço dos filisteus. De acordo com os cálculos de Saul, seria um equívoco deixar os filisteus em paz após a obtenção de tão grande vitória. Ele ansiava por continuar com os saques e a matança. Saul planejava desfechar um ataque noturno, aparentemente na mesma noite em que os sacrifícios foram oferecidos. Seu zelo tornou-se ativo mediante a recente vitória. O sumo sacerdote Aías, porém, quis consultar o oráculo para garantir que tal ato não seria uma tolice. Talvez um ataque mais bem planejado fosse indicado, embora exigisse um pouco mais de tempo, mas com menor perda de vidas para Israel. O *Urim* e o *Tumim* deveriam ser consultados, e assim Yahweh daria *Sua* resposta, em lugar de Saul.

14.37

Porém aquele dia o Senhor não lhe respondeu. Saul era o solicitador, mas Aías era o mediador, empregando o *modus operandi* de seu ofício. O oráculo foi consultado, mas não houve resposta. Portanto, temos aqui o equivalente a uma "oração sem resposta". O *silêncio,* nesse caso, indicava *adiamento*; e isso evidentemente fazia parte da vontade divina. Há uma ocasião propícia para a ação, e as portas não podem ser abertas antes disso. Deus tem um cronograma que governa as operações de Sua vontade. Diz o hino:

> *Ensina-me as lutas da alma a suportá-las;*
> *Verifica a dúvida que se ergue, o arfar rebelde;*
> *Ensina-me a paciência da oração não-respondida.*
>
> (George Croly)

Saul chegou à conclusão de que a demora, o silêncio de Yahweh, significavam que havia pecado no acampamento, e sua investigação demonstrou que seu filho Jônatas, ao comer mel, tinha quebrado o voto de Saul (ver 14.27 quanto à história). Se o povo não tivesse intervindo, Saul teria executado Jônatas ali mesmo.

14.38

Chegai-vos para aqui. Saul ordenou uma investigação sob a forma do lançamento de sortes (vs. 41) Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sortes.* Era, essencialmente, um procedimento de "sim" ou "não", pois as sortes davam respostas positivas ou negativas a uma sucessão de perguntas. Era um método cru de *adivinhação* (ver a respeito no *Dicionário*) freqüentemente usado, no qual o povo depositava grande confiança, crendo que Yahweh governaria o lançamento das sortes e daria verdadeira resposta. Ver Jos. 13.6 ss.; 18.11; 19.1,10 quanto a outros usos das sortes. O mais conspícuo dos exemplos foi a escolha de um dos apóstolos para tomar o lugar do apóstata Judas Iscariotes (Atos 1.26). Portanto, ali estava Saul, evidentemente parado perto de seu altar, lançando sortes e esperando descobrir quem deveria ser executado por haver desobedecido a seu tolo voto.

14.39

Ainda que com meu filho Jônatas esteja a culpa, seja morto. Saul estava tão certo de que fizera um voto justo, o qual contribuíra para a obtenção da grande vitória sobre os filisteus, que jurou tirar a vida ao homem que o tivesse violado. Mediante esse ato, ele esperava obter a resposta de Yahweh, acerca da continuação da luta, e também Sua ajuda para obtenção de uma vitória definitiva sobre os filisteus. Para Saul, o sacrifício de uma vida hebréia não significava nada. Ele cria na justiça de sua causa e, no entanto, estava enganado, conforme ocorre tão freqüentemente às pessoas em seu zelo falso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Voto,* quanto à seriedade com que a questão foi tratada em Israel. Saul chamou o povo para que apontasse o "culpado". Eles sabiam quem era, mas mantiveram o silêncio. Por isso Saul teve de apelar para as sortes. "Houve um horrendo silêncio entre o povo aterrorizado" (Ellicott, *in loc.*), porquanto todos sabiam que Saul se *obrigara* a matar o próprio filho.

14.40

Disse mais a todo Israel. As sortes deveriam primeiramente indicar algo geral, se o culpado estava com Saul, em um lado, ou se estaria com a massa do povo.

"Assim dividiram-se para a direita e para a esquerda, para um lado e para outro. Conforme disse Kimchi, havia duas caixas ou urnas, em uma das quais estavam os nomes de Saul e Jônatas e, na outra, o restante dos israelitas... Isso não combinava com o método de lançar sortes, o que significa que Saul provavelmente suspeitava que Jônatas era o culpado" (John Gill, *in loc.*). A primeira sorte meramente indicou de que lado (com Saul ou com a massa do povo) estaria o homem culpado.

14.41,42

Mostra a verdade. Yahweh foi conclamado a determinar quem era o "culpado" de ter quebrado o voto feito por Saul (I Sam. 14.24). Imediatamente as sortes mostraram que a massa do povo, de pé em um dos lados, não abrigava o homem responsável, mas ou Saul ou Jônatas (de pé do outro lado) era o culpado. Saul sabia que ele não era o culpado, pelo que somente Jônatas poderia ter quebrado o voto.

As palavras "mostra a verdade" indicam que Saul queria absoluta precisão quanto ao desmascaramento do homem culpado. Esperava-se que Yahweh favorecesse os homens com respostas corretas quando eles usassem esse (ou outro) sistema de adivinhação. Alguns intérpretes supõem que o modo de adivinhação aqui usado tenha sido o *Urim* e *Tumim,* e não as sortes, embora os resultados fossem iguais.

O rabino Kimchi interpreta essas palavras como "dá uma sorte perfeita". Mas o significado à margem, que aparece em alguns manuscritos hebreus, "mostra a pessoa inocente", poderia refletir o sentido original. Essa demonstração poderia ser feita pelo *Urim* e pelo *Tumim,* e não pelas sortes. Nossa versão portuguesa, que diz "mostra a verdade", deixa em dúvida a questão do *modus operandi.* Mas o vs. 42 parece demandar o sistema de sortes, embora o hebraico fale em "jogada" e não em sortes. Entretanto, "jogada" pode indicar a jogada de sortes. Seja como for, no segundo lançamento, Jônatas foi denunciado, pelo que Saul tinha engatilhada sua terrível resposta: *seu filho* havia quebrado o voto, embora sem sabê-lo. Sua ignorância, contudo, não lhe salvaria a vida, segundo a opinião de Saul. A justiça era questão secundária. Votos precipitados e tolos dificilmente seriam aprovados por Yahweh, a despeito da fé absoluta dos hebreus nesses votos. Algumas vezes a fé consiste em crer em algo que não corresponde à verdade. Ver I Sam. 14.24 quanto a uma discussão mais detalhada sobre os problemas morais e éticos envolvidos nesse lance. Ver também sobre o vs. 29 deste capítulo quanto aos erros das *religiões imaturas,* que dependem de coisas assim.

14.43

Eis-me aqui; estou pronto a morrer. *A Confissão Forçada.* Jônatas, apanhado pelas sortes, foi obrigado a confessar-se "culpado". Assim, declarou que comera um *pouco* de mel e perguntou em incredulidade: "Devo morrer por isso?".

A espiritualidade imatura de Saul forçara uma situação ridícula. Ele pensava estar prestando um serviço a Yahweh ao assumir um voto ridículo e então segui-lo à sua drástica conclusão: qualquer indivíduo culpado deveria morrer. E creu tolamente estar em seu poder decretar a execução por uma razão trivial, pensando, em sua ignorância, que Yahweh concordava e cooperava com tal propósito. Todos os credos e fés contêm alguns itens tolos e irracionais. Até atos imorais terminam sendo cometidos, como no caso dos que proíbem transfusões de sangue, porque, para eles, isso é uma forma de "comer sangue" proibida no Antigo Testamento. Da mesma forma a criança que morre por causa de uma transfusão de sangue poderia dizer: "Devo morrer por isso?". Josefo ridiculamente distorceu o texto, tal como fizeram alguns comentadores judeus, supondo que Jônatas se sujeitou voluntariamente às temíveis conseqüências de ter experimentado aquele pouco de mel: "A morte é doce para mim se a questão é manter nossa piedade e religião" (*Antiq.* 1.6, cap. 6, sec. 4).

14.44

É certo que morrerás, Jônatas. Ao matar um homem, não se pode fazer mais que isso, mas Saul apresentou o caso hipotético: "Matar-lhe eu devo, e faria mais que isso ainda, se pudesse". Ficamos chocados com essa imoralidade apresentada como espiritualidade superior. Mas os homens sempre mataram em nome de Deus; eles têm torturado, lançado em prisões e exilado por causa de infrações minúsculas. Tomemos o caso de João Calvino, que mandou executar muitos, aprisionou e exilou por diferenças mínimas de *crenças.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tolerância,* quanto a esse tipo de loucura. Saul chegou a incluir Deus em sua tola tirada contra o próprio filho, como se matá-lo fosse um ato do próprio Deus, delegado através dele. Ele até reivindicou o julgamento de Deus sobre si mesmo, caso não cumprisse o compromisso de matar o próprio filho. O rei Herodes fez um voto precipitado, e isso terminou com a decapitação de João Batista. Cf. o caso do juiz Jefté (ver Juí. 11.30,31,34).

14.45

Tal não suceda. *A Intervenção Popular.* O povo fez uma contraproposta, também a Yahweh. O herói deles, Jônatas, não morreria. Eles garantiram que nenhum fio de cabelo dele sofreria dano. Houve um levante popular imediato. Os soldados brandiram suas espadas de maneira ameaçadora. Encararam Saul com homicídio nos olhos. Saul viu que não seria possível cumprir sua vontade com aqueles ferozes soldados defendendo Jônatas e fazendo aquelas ameaças. Assim sendo, esqueceu tudo, convenientemente.

Não faças voto à toa,
Algum voto inflexível como o de Saul.
É melhor dizer: "Fiz mal",
E retirar seu tolo intuito.

(Russell Champlin)

Há uma profunda lição espiritual aqui. Os homens podem cometer erros ao tentar realizar supostas boas coisas. É fácil enganar-nos e fazer uma viagem pelo "ego", ou ocultar o ódio sob a capa da espiritualidade. É fácil destruir e então dizer: "Fiz isso para Deus". Entrementes, a única lei universal, a do amor, é esquecida.

"Aqui estava um júri reto e imparcial, o qual trouxe um veredicto de acordo com as evidências. Ninguém deveria morrer por causa de uma brecha da lei de Deus. Jônatas não havia quebrado nenhum mandamento divino. Por conseguinte, não morreria. Visto que não deveria morrer, ele portanto não morreria" (Adam Clarke, *in loc.*).

14.46

Saul deixou de perseguir os filisteus. O incidente com Jônatas estava esquecido, aparentemente sem ajuda da parte do oráculo (vs. 37). Saul esqueceu, pelo menos momentaneamente, a campanha contra os filisteus. Ele retornou a Gibeá, e os filisteus a Micmás, onde tinham seu quartel-general. E, provisoriamente, houve paz. Mas um novo dia produziria novas batalhas. O silêncio do oráculo foi tomado como uma resposta negativa. Yahweh não estava interessado em promover mais guerra naquele dia. Seja como for, de acordo com Josefo, Saul havia matado cerca de 60.000 filisteus, o suficiente para qualquer campanha militar (*Antiq.* 1.6, cap. 5).

14.47

Pelejou contra todos os seus inimigos em redor. Muitos inimigos, e não somente os filisteus, tornavam a vida de Israel miserável, e este versículo lista esses inimigos. Saul, na qualidade de rei, tinha o dever de defender Israel, e essa era a sua tarefa pelo resto da vida. Saul, pois, saiu ao redor "vexando" aqueles povos, sem dar-lhes um momento de descanso. Listo todos eles e dou artigos separados no *Dicionário,* razão pela qual não repito aqui a informação.

A grande vitória sobre os filisteus (embora parcial e preliminar) serviu para confirmar a autoridade de Saul como rei. Ele então resolveu debilitar todos os inimigos de Israel. O que Saul começou, Davi terminaria, fazendo com que a monarquia desfrutasse um período de triunfo. Então Israel cairia em *guerra civil,* enquanto os cativeiros, por poderes estrangeiros (Assíria e Babilônia), já ameaçavam o futuro próximo. Mas os inimigos, *na Palestina,* foram finalmente conquistados.

Este versículo menciona os inimigos que apertavam Israel por todos os lados: Moabe e Amom ao oriente; Edom pelo sul; os filisteus no ocidente e ao longo das costas do mar Mediterrâneo. Zobá era um distrito da Síria, a noroeste das doze tribos. Por onde quer que o homem olhasse, encontraria algum povo hostil a Israel. Saul, pois, continuava procurando e lutando, e este versículo provavelmente espera que entendamos que ele fez isso por um bom e longo tempo. Para onde quer que Saul se voltasse, obtinha vitórias. Na verdade, ele era uma terrível máquina de matar. Não obstante, seria preciso esperar Davi para concluir o propósito. Os reis antigos usualmente eram avaliados por quão bem guerreavam. E sempre havia guerras mil.

Os Targuns dizem: "Ele os condenou" como indignos e merecedores de destruição. Ele fez "guerra santa". Ver sobre isso em Deu. 7.1-5 e 20.10-18.

14.48

Libertou Israel da mão dos que o saqueavam. O versículo anterior dá-nos uma lista dos inimigos de Israel nos quatro pontos cardeais, dando a entender que, durante considerável período, Saul atacava e debilitava todos. Este versículo enfatiza a vitória sobre os *amalequitas* (ver a respeito no *Dicionário*). Foi assim que os constantes ataques e assédios daquele povo chegaram ao fim. O capítulo que vem a seguir dá-nos maiores informações sobre essa guerra particular. Foi essa guerra que levou Saul a cair em outro lapso. Ele poupou Agague e alguns animais e incorreu na ira de Samuel. Esse erro logo resultaria em sua própria morte, e Davi entraria em cena para concluir a missão destruidora de Saul.

14.49

Os filhos de Saul. Jônatas era filho guerreiro de nota especial, e somente aqui ouvimos falar em outros filhos e filhas de Saul. No *Dicionário* há artigos sobre cada um deles, pelo que não repito aqui a informação. Dos cinco filhos aqui citados, Jônatas e Mical recebem nota especial. O primeiro era o amigo mais chegado de Davi (mais chegado que um irmão), e Mical tornou-se sua esposa, embora no fim ele a tivesse perdido para outro. O filho de Saul, *Isbosete,* não é mencionado, talvez por ser o mais jovem e incapaz de ir à guerra; mas então perguntamos por que suas filhas e sua esposa (vs. 50) foram mencionadas. Talvez o autor sacro simplesmente tenha esquecido o caçula, deixando-o de fora por mero lapso da memória. Os outros três filhos pereceram todos com Saul, na batalha do monte Gilboa. Merabe e Mical eram mulheres relacionadas a Davi, a primeira por ter-lhe sido prometida como esposa, e a segunda por ter-se tornado realmente sua esposa. Ver I Sam. 18.17-21.

14.50,51

Ainoã. *A Esposa de Saul.* A maioria dos reis daquele período abraçava a poligamia. Não há tal informação sobre Saul. Seja como for, sua única ou principal esposa era *Ainoã,* que recebe um artigo no *Dicionário.* Ela foi a primeira rainha de Israel e, por essa razão, recebe menção honrosa aqui. O pai dela chamava-se *Aimaás* (ver a respeito no *Dicionário*). Ele foi citado para prover uma breve genealogia da notável mulher. *Abner,* importante militar, era filho de Ner, tio de Saul. O vs. 51 foi acrescentado para explicar o relacionamento entre Abner e Saul. Todos esses nomes recebem artigos no *Dicionário.*

Portanto, temos:

Ner

Quis

Abner

Saul

Cf. com I Crô. 8.33, que faz de *Ner* avô de Saul. Ver naquele versículo explicações para a discrepância. Este versículo faz de *Abiel* o avô de Saul. Em I Crô. 9.35,36, Abiel é aparentemente chamado de *Jeiel.* Ver as notas expositivas ali. Não há maneira segura de resolver o problema do parentesco aqui. Cf. todas essas referências com I Sam. 9.1.

14.52

Por todos os dias de Saul houve forte guerra. Embora sofrendo fortes derrotas, os filisteus sempre conseguiam voltar e causar maior perturbação. Todos os esforços de Saul (que foram muitos e extensos) não puderam derrotá-los definitivamente. Isso posto, coube a Davi acabar com os filisteus e finalmente eliminar todos os adversários de Israel na Palestina. Em seguida, houve a ameaça de guerra civil e o ataque de alguns povos mais distantes, como os assírios (contra Israel, o reino do norte) e os babilônios (contra Judá, o reino do sul). Os cativeiros, pois, levaram tudo ao seu fim.

Saul, em seus muitos conflitos, sempre esteve atento para observar qualquer guerreiro especial, ao qual chamava para engrossar seu exército. Este pequeno comentário prepara o caminho para a história de *Davi,* o qual foi o maior guerreiro que Saul havia encontrado. Este versículo deve ser vinculado a I Sam. 16.14. Explica-nos que Saul esteva pronto para receber Davi por causa de entusiasmadas recomendações de um amigo da corte. Saul precisou recrutar homens *eficazes,* pois, de outra sorte, a causa de Israel estaria perdida. Ele não poderia fazer o trabalho sozinho.

Capítulo Quinze

Saul é Rejeitado (15.1-35)

Por causa de uma infração anterior, Samuel amaldiçoou a dinastia de Saul. De sua família, somente o próprio Saul haveria de reinar. O segundo rei viria de outra família. Ver I Sam. 13.13,14. Apesar dessa circunstância, Saul continuou a atuar com valentia, derrotando ou debilitando os inimigos de Israel (ver I Sam. 14.47). Os filisteus continuavam sendo o principal inimigo, mas havia outros. *Somente Davi* foi capaz de, finalmente, derrotá-los. Saul era dotado de fé firme e sincera, mas havia um defeito fatal em seu caráter que o levava a lapsos ocasionais e sérios. Seu caráter decaiu gradualmente, e o conflito com Davi selou sua condenação. Assim como ele nasceu para a espada e matou muitos, também precisou morrer à espada. Então a linhagem real passaria a Davi, que foi o segundo rei de Israel.

A campanha de Saul contra os amalequitas proveu oportunidade para outro *lapso,* e relatar isso é o principal propósito deste capítulo. Os amalequitas eram antigos inimigos de Israel. Cf. Êxo. 17.8-16. No deserto, aquele povo atacara Israel pelas costas, e uma maldição divina fora proferida contra eles. Algum dia Yahweh tomaria vingança deles, e o capítulo à nossa frente conta-nos pelo menos parte disso.

15.1

Disse Samuel a Saul. *A Tirada contra os Amalequitas.* A maldade praticada por esse povo durante as perambulações de Israel pelo deserto (ver o vs. 21) nunca foi esquecida. Samuel salientou a questão na expectativa de que Saul fizesse algo sobre a questão. Ele seria o instrumento de Deus na vingança. A *guerra santa* (ver as notas em Deu. 7.1-5; 20.10-18) tinha por ideal destruir totalmente os adversários de Israel, e não somente obter alguma vantagem estratégica. Na maldição de Yahweh contra os amalequitas, Samuel proferiu uma severa tirada contra eles. Posteriormente, o profeta exigiu que Saul, como rei, cumprisse a antiga maldição e fizesse guerra santa contra eles. Entre aqueles povos antigos, o ofício dos reis era guerrear e derrotar os inimigos, que eram tribos selvagens que viviam promovendo conflito constante, além de saque e terror.

Yahweh ordenara que Saul fosse ungido por Samuel, assim este último tinha o direito de insistir sobre a guerra. Ademais, o povo de Israel havia solicitado um rei para defender-se melhor dos inimigos.

Às palavras. Conforme o tempo passava, a teologia de Israel começou a evitar antropomorfismos (ver a respeito no *Dicionário)* crassos. Por isso mesmo, o termo "palavra" é usado aqui para evitar a idéia de contato direto de Yahweh com Samuel. Cf. Eze. 1.28. Algumas vezes, para evitar os antropomorfismos, eram usadas as palavras *anjo* (ver Êxo. 14.19), *face* (ver Êxo. 33.14) ou *nome* (Êxo. 23.21). No Novo Testamento aprendemos que nenhum homem jamais viu a Deus (João 1.18). Mas certas passagens antropomórficas do Antigo Testamento parecem contradizer esse fato. Elas são reflexo de uma teologia mais antiga.

A história que se segue tem como um de seus propósitos declarar *por que* Saul foi finalmente rejeitado como rei de Israel. Cf. I Sam. 13.13,14 e as notas introdutórias à presente seção.

15.2

Castigarei Amaleque. *Yahweh Falou.* A infração dos amalequitas nunca seria esquecida. Eles atacaram Israel quando o povo mais necessitava de ajuda, e não de empecilhos. Ver a história em Êxo. 17.8-16. Eles atacaram os refugiados do Egito que estavam passando pelo deserto, a caminho da Terra Prometida, e bloquearam o caminho (Núm. 14.45). Em Deu. 25.17-19, "eles foram denunciados por terem atacado os que se atrasavam na marcha, na coluna de Israel" (George B. Caird, *in loc.*). Yahweh nunca esqueceu o ultraje; Israel também nunca esqueceu; Samuel, movido por igual sentimento, conclamou Saul a recordar o fato e fazer algo a respeito, pois ele ocupava o posto máximo de defensor de Israel. "Na profecia de Balaão, os amalequitas são aludidos como a primeira das nações a fazer oposição ao povo do Senhor. Durante as eras tempestuosas que se seguiram, as mãos dos filhos de Amaleque parecem ter estado constantemente erguidas contra Israel" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amalequitas.*

15.3

Fere a Amaleque. A *guerra santa* requeria a *destruição total* de toda vida humana, homens, mulheres e crianças, e até dos animais. Também não permitia que se ficassem com despojos. Era um *holocausto* (ver a respeito no *Dicionário*), o que significa que a matança completa era oferecida a Yahweh como oferenda. Os inimigos de Yahweh tornavam-se sacrifícios (holocaustos) diante Dele. Não haveria prisioneiros de guerra nem escravos. Fora da Palestina, povos podiam ser sujeitos a tributos ou escravizados, mas dentro da Palestina havia guerra santa. Ilustro essa questão em Deu. 7.1-5 e 20.10-18. Esse tipo de guerra era visto como um serviço religioso. O seu propósito era dar a Palestina a Israel, sem nenhuma interferência. Nem mesmo casamentos mistos eram permitidos. Desses povos não podia haver remanescentes. Israel não tentava converter esses povos ao *yahwismo.* Antes, eles tinham de ser obliterados. Ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1, quanto às *sete nações* que deveriam ser totalmente aniquiladas na Palestina.

Os críticos, por essa altura, naturalmente voltam-se contra a matança brutal, mas os estudiosos conservadores a louvam baseados principalmente no fato de que esses povos *mereciam* tal forma de tratamento, por causa de sua avassaladora maldade. Aquilo que lhes era feito, eles tinham feito a outros. Assim, a espada do Senhor voltava-se contra todos eles.

15.4

E os contou em Telaim. Provavelmente temos aqui o mesmo lugar que Telém, de Jos. 15.24. Essa cidade ficava na fronteira sul de Judá, localizada entre Zife e Bealote. A única informação que temos sobre ela é a do presente texto. Foi ali que Saul reuniu seu exército para atacar os amalequitas. Esse nome significa "cordeirinhos".

O texto hebraico diz-nos que Saul reuniu 200.000 homens do resto de Israel, e 10.000 só da tribo de Judá. A Septuaginta, porém, fala, respectivamente, em 400.000 e 30.000. Josefo segue a Septuaginta (ver *Antiq.* 1.6, cap. 7, sec. 2). As outras versões seguem o texto hebraico. Os críticos pensam que houve um grande exagero no texto da Bíblia hebraica, ou por parte do autor original ou por parte dos copistas. Se o número está correto, então temos um exército *imenso,* contra o qual o inimigo não poderia resistir. Judá parece ter sido mencionada separadamente do restante de Israel, sendo essa a tribo mais poderosa. É natural que, quando o norte e o sul se dividiram, *Judá* se tivesse tornado uma nação distinta, porquanto Benjamim (do sul) era virtualmente nada na época em que essa divisão ocorreu. Contudo, foi Judá que deu origem à Israel pós-exílica, e depois à moderna Israel, porquanto praticamente todos os judeus de hoje descendem dessa tribo. As dez tribos do norte perderam-se totalmente no cativeiro assírio, mas um remanescente de Judá voltou do cativeiro babilônico. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiro (Cativeiros).*

15.5

Cidade de Amaleque. Ver no *Dicionário* quanto aos detalhes. Era uma tribo de beduínos que vivia ao sul de Judá, e uma cidade com esse nome era seu quartel-general. Era ali que esse povo tinha seus exércitos, e a Saul cabia atacá-los onde eles eram mais fortes, a fim de aniquilá-los. Ver os vss. 2 e 3 quanto às ofensas históricas desse povo contra Israel. No wadi perto do quartel-general dos amalequitas, Saul estabeleceu o seu acampamento, esperando pelo momento certo de atacar.

15.6

E disse aos queneus. Ver a respeito no *Dicionário.* Esse foi um dos povos amigos com quem os israelitas entraram em contato. O sogro de Moisés era queneu. Ver Juí. 1.16 e 4.11 quanto à conexão de Moisés com esse povo. Eles eram uma tribo nômade, como acontecia a todos os povos que habitavam no deserto. Juí. 1.16 mostra que os queneus e os amalequitas tinham estreitas conexões sociais. O texto não revela como Saul conseguiu advertir aqueles povos, sem que eles soubessem que existia uma emboscada para os amalequitas, mas afirma que eles aceitaram o conselho de Saul e abandonaram a área. Hobabe, filho de Jetro, tinha servido como guia de Israel através do deserto. Ou talvez, por meio de Hobabe, Jetro esteja em foco. Seja como for, anterior bondade e ajuda não foram esquecidas, tanto quanto toda a maldade passada. A lei da colheita segundo a semeadura prevaleceu. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

15.7

Então feriu Saul os amalequitas. Saul foi imediatamente bem-sucedido e perseguiu os amalequitas todo o caminho desde Havilá até Sur (ver sobre ambos os nomes no *Dicionário*). Os mesmos lugares são dados em Gên. 25.18, e eles definem a extensão do território dos ismaelitas. O termo *Havilá* é tido no presente versículo como não-histórico, visto que esse lugar ficava na Arábia, distante do território dos amalequitas. Alguns supõem que eles se tinham espalhado até ali. Estamos tratando somente com cerca de 160 quilômetros, pelo que é facilmente concebível que os amalequitas se tivessem espalhado tanto. O intuito deste versículo é bastante claro: Saul conseguiu varrer o inimigo do país inteiro, praticamente destruindo um povo inteiro.

15.8

Tomou vivo a Agague, rei dos amalequitas. A *guerra santa* não permitia que se poupasse sequer uma vida, humana ou animal, pelo que Saul fez o que era contrário a toda a norma de Israel, desde que havia entrado na Palestina. Ver as notas expositivas sobre a *guerra santa,* em Deu. 7.1-5 e 20.10-18. Nem mesmo o saque era permitido naquela forma de guerra, em que o vencedor ficava com os despojos do vencido. Um *holocausto* era exigido, considerado um serviço religioso a Yahweh, um *sacrifício* a Ele oferecido, a ser totalmente queimado como se fosse um animal sacrificado por inteiro.

Assim, o fato de Agague ter sido poupado, juntamente com alguns animais, representou séria infração da guerra santa, que os hebreus tinham certeza de que fora ordenada por Yahweh. Quanto a uma infração anterior, Samuel já havia predito que a linhagem de Saul não continuaria na monarquia (ver I Sam. 13.13) e, agora, o novo lapso garantia o cumprimento da profecia, bem como a morte próxima de Saul.

I Crô. 4.43 registra o completo, final e definitivo aniquilamento dos amalequitas. Ver no *Dicionário* sobre *Agague.*

15.9

E não os quiseram destruir. Este versículo repete a mensagem do versículo anterior, adicionando o fato de que Saul, além de poupar o rei Agague, também manteve vivos os melhores animais a serem sacrificados, como as ovelhas, os bois e os cordeiros, mas tudo quanto era vil ele destruiu. Talvez Saul tenha pensado que esses animais seriam úteis a Yahweh, mas podemos estar certos de que ele também estava ansioso para usá-los em um banquete.

"Se Agague, rei de Amaleque, fosse morto, Saul não teria nenhum *troféu* da vitória. Se os melhores animais fossem mortos, seria um trágico desperdício. Se ao menos a vida pudesse ser reduzida a simples equações morais! Mas não pode. O José bebe demais, mas ele é um homem bondoso. O Silva é um homem duro, mas é bastante responsável. O Barbosa é corajoso, mas não tem consideração pelas outras pessoas. O João é tolerante, mas também indeciso... Toda situação humana, por melhor que seja, tem sua própria perversão. Amizades tornam-se interesseiras; o amor torna-se possessivo; a ordem política torna-se opressora" (John C. Shroeder, *in loc.*).

"... a cobiça parece ter sugerido a preservação do melhor gado, e o orgulho provavelmente induziu o rei hebreu a poupar a vida de Agague, a fim de que ele pudesse exibir um cativo *real* ao povo" (Ellicott, *in loc.*).

I Sam. 27.9 e 30.1 mostram que os amalequitas, em grande número, sobreviveram, tendo fugido ou se escondido do ataque de Saul. Somente mais tarde seu aniquilamento de fato ocorreria (ver I Crô. 4.43).

15.10,11

Arrependo-me de haver constituído rei a Saul. *O Arrependimento de Yahweh.* Em termos *antropomórficos,* o autor sacro fala do desprazer divino causado pela desobediência de Saul por não ter cumprido perfeitamente os termos da guerra santa (ver as notas a respeito em Deu. 7.1-5 e 20.10-15). Ver I Sam. 15.3 quanto a idéias adicionais. "Deus não sente a dor do remorso e jamais se engana, a ponto de desejar *corrigir* alguma coisa que tenha feito anteriormente. Mas assim como um *homem* deseja fazer uma modificação ao arrepender-se, assim também as Escrituras dizem que Deus se arrepende, pelo que podemos esperar uma mudança de Sua parte. Ele modificou o reino de Saul ao dizer que se arrependia de tê-lo feito rei" (Bispo Wordsworth, com uma referência ao comentário de Agostinho ao Salmo 131). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antropomorfismo.* Ver sobre o *arrependimento* de Yahweh, em Êxo. 32.14.

A *mudança* que estava prestes a ocorrer, diante do "arrependimento" de Yahweh, foi comunicada a Samuel, o instrumento que repreenderia Saul, bem como a pessoa que em breve ungiria o novo rei — Davi — para ocupar o lugar de Saul. Essa comunicação veio através do método provável de uma visão, uma voz audível sem imagens, um sonho ou uma mensagem intuitiva interior. Ver sobre o *Misticismo,* no *Dicionário.* Isso subentende que Deus pode e realmente se comunica com os homens. Isso é *teísmo* em contraste com o *deísmo.* Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.* O teísmo ensina que Deus criou e mantém Seu interesse pelas vidas humanas, que Ele castiga, recompensa e intervém. O deísmo supõe que uma força criadora (pessoal ou impessoal) abandonou sua criação, deixando-a ao sabor das leis naturais.

Não executou as minhas palavras. Estão em pauta, especificamente, as recomendações divinas sobre a *guerra santa.*

Então Samuel se contristou. Samuel tinha o coração preso ao que acontecia em Israel. Ficou muito triste pela reversão na monarquia, devido à rejeição de Saul, embora ele mesmo tivesse predito que isso aconteceria (ver I Sam. 13.13). A profundidade de sua tristeza é demonstrada pelo fato de que ele chorou "toda a noite" pelo que acabara de suceder. A desobediência de Saul era motivo de intensa preocupação, visto que ele era o ungido de Deus e recebera todo o seu apoio pessoal. Esse *fracasso* haveria de prejudicar a nação de Israel. Abarbanel diz-nos que Samuel estava "irado" e "insatisfeito", porquanto "amava a Saul e sua beleza, e seu magnífico heroísmo". Portanto, orou e chorou a noite toda. Ele ainda não sabia exatamente qual pecado Saul havia cometido, mas em breve sabê-lo-ia.

15.12

Madrugou Samuel para encontrar Saul. Levantando-se bem cedo, Samuel tinha a necessidade de descobrir que grande pecado Saul tinha cometido, a ponto de Yahweh entregar Sua mensagem arrasadora e fazer tal pronunciamento. Ele soube que Saul tinha levantado para si mesmo um monumento no Carmelo, mas então havia descido a Gilgal. Podemos apenas imaginar a natureza exata desse monumento. Pode ter sido uma espécie de coluna com instruções que comemoravam a grande vitória sobre os amalequitas. Jarchi diz que Saul erigiu ali um altar e fez sacrifícios em gratidão pela ajuda de Yahweh. A Vulgata Latina fala sobre um "arco de triunfo". Talvez fosse um obelisco. Jerônimo menciona arcos de murta, palmeira e ramos de oliveiras trançados para comemorar algum evento especial ou triunfo. Cf. a coluna erigida por Absalão, em II Sam. 18.18. O termo literal, no hebraico, diz "mão" para indicar tanto o caso de Saul quanto o de Absalão, mas temos aí um uso específico da palavra.

Dali Saul marchou em triunfo e ostentação, exibindo o rei Agague e recebendo o louvor e a admiração do povo israelita. Mas Samuel em breve poria fim às celebrações, por sua terrível maldição e profecia.

15.13

Veio, pois, Samuel a Saul. Samuel conseguiu encontrar-se com Saul em Gilgal. Saul, como se nada houvesse acontecido, abençoou Samuel e em seguida informou-o de que havia cumprido seu dever, tendo obedecido ao *mandamento* de Deus. Com isso quis dizer que cumprira a ordem que lhe fora dada para destruir os amalequitas, que o próprio Samuel tinha transmitido. Ver sobre essa ordem em I Sam. 15.2,3. A antiga maldição de Yahweh contra aquele povo, que tinha abusado de Israel na fuga do Egito, demandava vingança e aniquilamento. Embora tendo obtido uma notável vitória, Saul não tinha obedecido a todas as estipulações do *mandamento.*

"Saul é apresentado sob a pior luz possível. *Primeiramente,* ele afirmou ter cumprido o que lhe fora ordenado; *em seguida,* lançou sobre o povo de Israel a culpa; e, *afinal,* adicionou a desculpa esfarrapada de que reservara o melhor dos despojos para ser usado em *sacrifício,* o que era incompatível com o banimento, o qual, seja como for, não se aplicava a Agague... (e em seguida) é reduzido a um estágio mais profundo de ignomínia, sendo representado como ocupado em uma nauseante orgia de penitência a fim de abrandar o antagonismo de Samuel" (George B. Caird, *in loc.*).

"... as palavras de Saul de autocongratulação eram, evidentemente, fingidas; em seu coração ele sabia que tinha sido infiel" (Ellicott, *in loc.*).

15.14

Que balido, pois, de ovelhas é este...? O ruído dos animais chamava Saul de mentiroso. As palavras de Samuel foram ao âmago da questão. A *guerra santa* não permitia a captura de animais ou de *qualquer tipo de vida, nem mesmo a* tomada de despojos. "Saul foi convencido de falsidade pelas *vozes* dos animais que ele havia poupado, contra a ordem de Deus. O modo de Samuel citá-los contra Saul, pela pergunta que fez, 'Que significam essas *vozes*?', *tem um ar de* humor santo e cortante ironia" (Lange, *in loc.*).

15.15

O povo poupou o melhor das ovelhas e dos bois. Saul agiu como se ele, o rei, não tivesse poder de impedir o povo de *agir, um absurdo para dizer o* mínimo. Em seguida, conforme Saul continuou, o povo fizera isso "para os sacrificar ao Senhor", embora o resto dos animais tivesse sido totalmente destruído. Os argumentos de Saul constituíam uma *idiotice. Saul teria agido como um covarde,* ao tentar transferir a culpa para o povo que ele controlava de modo absoluto. Ele, que era tão corajoso em batalha, diante de quem nenhum inimigo era capaz de

resistir, ocultou-se por trás do próprio povo, tentando escapar ao impacto das palavras de Samuel. Aquele que era um herói na guerra revelou-se um covarde moral.

15.16

Então disse Samuel a Saul. *Essa Foi a Tirada de Samuel.* Ele fez um discurso que corrigiu a questão conforme tinha de ser feito. A culpa de Saul tinha de ser vista como a *rebelião que era.* Nenhum homem assim rebelde poderia permanecer como rei ungido de Israel. O povo merecia mais que isso. Apesar de Saul ser uma magnificente máquina de matar e homem de inquestionável heroísmo e coragem, caíra no erro moral. Uma ordem direta de Yahweh tinha sido desobedecida. A tirada de Samuel, pois, estava baseada na mensagem de Yahweh da noite anterior. Portanto, ele falou com autoridade divina.

Espera. O mais provável é que Saul tivesse voltado as costas e se estivesse afastando, supondo que a repreensão inicial de Samuel fosse tudo quanto ele precisasse escutar. Mas Samuel chamou-o de volta porque tinha um longo e amargo discurso para entregar. "O rei, provavelmente, desejava partir, ansioso por encerrar uma entrevista que, para ele, era plena de amargura, mas foi impedido de continuar, pelas palavras solenes" (Ellicott, *in loc.).*

15.17

Sendo tu pequeno aos teus olhos. Houve tempo (conforme Samuel relembrou a Saul) em que ele era "pequeno aos próprios olhos", considerando-se indigno de ser rei. Ele não buscara o ofício. Não tinha elevadas pretensões. Chegara mesmo a esconder-se entre os suprimentos e os vagões (ver I Sam. 10.22), por motivo de genuína modéstia, no dia em que fora ungido rei na presença do povo, de modo que Samuel não pôde exibi-lo publicamente. Mas agora as coisas tinham mudado. Saul mostrava-se arrogante e rebelde, e ousou desobedecer às ordens de Yahweh, apesar do desprazer do profeta Samuel.

A despeito de sua pequenez, ele fora altamente exaltado pela ordem de Yahweh e da unção do profeta. E se tornara o primeiro homem de Israel. Ele deveria ter correspondido à elevada posição, mediante estrita obediência a todas as leis conhecidas que governavam a conduta dos reis. Em lugar disso, agira como um "pequeno homem moral", desobedecendo ao mandamento e então lançando a culpa sobre o povo.

Cf. com I Sam. 9.2, quanto ao reconhecimento de Saul de sua própria insignificância. Embora fizesse bem a maioria das coisas e combatesse corajosamente, Saul não vivia à altura de alguns requisitos básicos de seu elevado ofício. Ele era como a maioria de nós: bom em algumas coisas, mau em outras. Mas Saul era mau quanto a questões sérias e não poderia permanecer rei por muito mais tempo. "Exuberante com o sucesso, ele estava confiando somente em sua força, sem a ajuda divina, e desobedecia abertamente aos mandamentos divinos" (Ellicott, *in loc.*).

15.18

Vai, e destrói totalmente estes pecadores. Saul, pois, não podia pleitear ignorância. Fora o próprio Yahweh quem o enviara em campanha militar contra os amalequitas, e quem deixara claro que um holocausto (ver a respeito no *Dicionário*) tinha de ser feito daquele povo, com tudo quanto lhe pertencia.

Fosse como fosse, Saul não pleiteara ignorância; antes, ele transferira a *culpa.* Ele não disse "Pequei por ignorância", mas "Não pequei de maneira alguma. Foi o povo que cometeu o erro". Yahweh enviara Saul para destruir os "pecadores". Eles mereciam ser aniquilados por causa do que tinham feito contra Israel (ver Êxo. 17.8 ss.). Justiça fora ordenada por Deus, mas Saul preferiu ignorá-la, satisfazendo a si mesmo e culpando o povo. Cf. Gên. 13.13, o caso de Sodoma. Eles eram "pecadores" na presença do Senhor. O argumento inicial de Saul é que ele tinha pecado *deliberadamente,* o que só agravava a questão. "... as ordens eram claras, e não podia haver engano nenhum a respeito" (John Gill, *in loc.*).

15.19,20

Pelo contrário, dei ouvido à voz do Senhor. Samuel responsabilizou Saul, mas este continuou a lançar a culpa ao povo (ver o vs. 21). Saul afirmou ter feito bem *todas as coisas* (ver o vs. 20). Ele havia obtido grande vitória e exibido notável bravura e coragem. De fato, Saul foi um dos maiores heróis militares de Israel (ver o vs. 20). Um herói como ele deveria ter permissão de salvar a vida do rei dos amalequitas, como um troféu por seu triunfo. E que diferença faria se o povo trouxesse de volta alguns poucos cordeiros e vacas "para serem sacrificados"? Saul mostrou assim notável *insensibilidade* diante do mandamento de Yahweh, interpretando-o conforme melhor *lhe* agradasse.

O vs. 19 mostra-nos que Saul e o povo tinham "voado" *gananciosamente* sobre os despojos. Eles demonstraram "fome gananciosa" pela a questão. Estavam mais interessados no lucro pessoal e em festejos do que em obedecer. Tiveram uma "cobiça tremenda", que os encaminhou para o erro. Atiraram-se sobre os despojos como urubus famintos e tomaram-nos para si mesmos, em lugar de oferecê-los como holocausto a Yahweh.

O vs. 20 mostra que a *obediência parcial* de Saul (aos seus próprios olhos) foi tão grande que qualquer lapso sobre a questão deveria ser negligenciado. "Ele asseverou sua própria integridade de propósito e seu grande zelo pelos sacrifícios públicos a Deus, sabendo o tempo todo que mesquinhas razões pessoais tinham inspirado a sua conduta. Ele reiterara o apelo de que aquilo que fizera estava em acordo com a voz do povo, mas consciente o tempo todo que o apelo era falso" (Ellicott, *in loc.*).

15.21

Mas o povo tomou do despojo. Saul não se cansava de seu argumento falaz; esforçava-se para transferir a culpa ao povo. Estava fazendo-se ridículo perante o profeta. Yahweh não estava interessado nos "melhores" animais dos amalequitas. O interesse Dele era o total aniquilamento, o *holocausto,* um sacrifício que deveria ser feito no campo de batalha. Yahweh queria ter suas *primícias* e *sacrifícios* da parte de Israel, e não da parte de pagãos. Essas seriam as coisas que Israel traria ao tabernáculo, de acordo com a legislação mosaica. Mas os pagãos e tudo quanto eles possuíam seriam um sacrifício oferecido no campo de batalha, e não em algum santuário de Israel. O argumento de Saul, neste versículo, tem o absurdo adicional de tentar justificar os israelitas pelo erro que *eles* teriam cometido. Presumivelmente, segundo a estimativa de Saul, era bom para o povo fazer sacrifícios de animais pagãos a Yahweh, em Gilgal.

15.22

Tanto prazer em holocaustos e sacrifícios...? Ultrapassando as percepções e a compreensão de um sumo sacerdote, o profeta via claramente que a espiritualidade é mais bem compreendida em termos de retidão nas atitudes e no coração, que na realização dos sacrifícios. A antiga fé hebréia era um sistema altamente ritualista, sacrifical, mas os profetas trouxeram uma luz mais forte acerca do que Deus requeria dos homens. Um desses requisitos era a *obediência.* Ver sobre esse termo no *Dicionário,* quanto a plenas explicações e ilustrações.

"Este versículo contém a mais fina expressão da crítica profética dos sacrifícios (cf. Amós 5.21-27; Osé. 6.6; Isa. 1.11-15). E mesmo que duvidemos que Deus teria dado ordens para aniquilar um povo inteiro, isso não invalida o princípio aqui enunciado" (George B. Caird, *in loc.*).

"Não é a obediência à vontade de Deus a finalidade para a qual apontam todas as fés religiosas, ritos e cerimônias?" (Adam Clarke, *in loc.*).

Irineu (*Haer.* iv.32) corretamente comentou que essa grande declaração de Samuel claramente previu o dia em que o sistema sacrifical chegaria ao fim. "Nos sacrifícios, um homem oferece somente carne estranha, ao passo que, na obediência, oferece sua própria vontade" (Gregório, *Morais,* xxxv.10).

Tipologia. No sacrifício de Cristo, todos os demais, de fato todo o sistema do Antigo Testamento, encontrou cumprimento, o que explica sua descontinuação.

O princípio da obediência em lugar de sacrifício "é fora do tempo em sua aplicação" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). "O nublado moral é levantado por um momento, e Samuel fala como fizeram os grandes profetas do século VIII A. C." (John C. Shroeder, *in loc.*).

15.23

Idolatria. A palavra hebraica por trás dessa tradução é *teraphim,* que evidentemente fala do uso de imagens consagradas nos encantamentos e adivinhações. Alguns eruditos corrigem isso para *estola,* supondo que alguma corrupção tenha entrado no texto neste ponto. Outros corrigem para *awen* (iniqüidade), a palavra *aron* (arca). Mas *teraphim* eram pequenos objetos usados na cerimônia sagrada das sortes, que alguns identificam com o *Urim* e o *Tumim*; e há outros ainda que pensam ter havido diferentes formas de adivinhação. *Awen* (traduzida por "iniqüidade") pode significar *vazio,* uma palavra comum para um *ídolo,* que é como nada. A teimosia é um ídolo, porquanto põe a vontade humana em contraste com a vontade divina e requer respeito pela própria *estupidez,* como se fosse algo para ser venerado.

Visto que rejeitaste a palavra do Senhor. O *pecado de Saul* foi visto como uma *rebelião,* visto que ele, propositada e conscientemente, quebrou as regras da guerra santa, salvando tanto vida humana como vida animal, quando o mandamento era aniquilar tudo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Rebelião,* para plenas descrições. A profundidade desse pecado foi ilustrada por Samuel, que o comparou à adivinhação. Samuel apontou para a variedade pagã da adivinhação, visto que ele mesmo era adivinho e vidente, e o uso de sortes (I Sam. 14.41) e o *Urim* e o *Tumim* (ver no *Dicionário*) eram formas aceitas de adivinhação, quando realizadas pelos hebreus. Se os mesmos modos fossem utilizados por outros povos, eram automaticamente denunciados, supostamente dependentes de poderes sinistros, e não do poder de Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Adivinhação,* onde há plenas explicações. Os próprios apóstolos apelaram para o uso de sortes quando da substituição de Judas Iscariotes (ver Atos 1.26).

15.24

Pequei, pois transgredi o mandamento do Senhor e as tuas palavras. Saul, pois, é humilhado. As palavras do profeta humilharam o rei, forçando-o a concordar com as palavras que Samuel tinha proferido. Saul acabou reconhecendo sua *transgressão* contra um mandamento conhecido de Yahweh. Mas continuou culpando o povo, que presumivelmente tinha insistido em ficar com certos animais e, sem dúvida, havia pressionado o rei a fazê-lo. Ele cedera às pressões, mas nem sonhara em cometer o erro pessoalmente. Toda essa explicação, contudo, nada tinha que ver com manter Agague vivo, o que certamente foi uma *idéia de Saul.* O que ele queria era um *troféu* para mostrar ao povo. Seja como for, é temível obedecer à voz dos homens, em lugar de seguir a voz de Deus (ver Atos 5.29). "A grave condenação do profeta deixou o rei boquiaberto. As bases da rejeição divina evidentemente calaram fundo no coração de Saul" (Ellicott, *in loc.*).

"Se ele temesse mais Deus, temeria menos o povo" (Adam Clarke, *in loc.*). John Gill (*in loc.*) rejeitou a *desculpa* de Saul dizendo que aquele homem não temia os homens. *Ele* é quem quisera aqueles excelentes animais para festejar e celebrar.

15.25

Perdoa-me o meu pecado. Todos os pecados podem ser perdoados, mas usualmente a cadeia de eventos posta em movimento pelo pecado percorre o seu curso. Assim sendo, Saul foi *perpetuado,* mas mesmo assim sofreu a *rejeição* de continuar sendo rei. Essa é a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Saul quis ser perdoado para ter maior capacidade de adorar a Yahweh, cessando em sua rebeldia. Desse modo, ele esperava plena restauração para que pudesse continuar como rei de Israel. Coisa alguma poderia impedir sua restauração à adoração apropriada, mas coisa alguma poderia restaurá-lo a ser o correto rei de Israel. *Esse privilégio,* ele acabara de perder. Em outras palavras, o pecado é uma questão séria, que finalmente cobra seu preço.

Espalhar-se-ia a palavra de que Saul havia sido rejeitado (vs. 30). Ele perderia seu lugar de honra e prestígio diante dos *anciãos,* que eram subautoridades. Saul queria preservar seu favor e poder, e desejava que Samuel confirmasse isso diante daqueles homens. Mas isso não haveria de acontecer. Saul perdera o apoio de Yahweh, perdera o apoio de Samuel e agora acabara de perder o apoio dos anciãos. Em breve, perderia a própria vida, e Davi tomaria o seu lugar.

Gregório (*in loc.*) duvida da sinceridade do arrependimento de Saul, dizendo: "Se Saul estivesse, realmente, arrependido, ele teria orado para ser *humilde,* em vez de pedir para ser honrado".

Volta comigo. Ou seja, a Gilgal, para mostrar diante do povo que ele continuava rei e sob a aprovação de Yahweh. Ao retornar a Gilgal, Saul dirigiria a adoração pública, com os sacrifícios apropriados, para agradecer a Yahweh por tudo quanto Ele havia feito e pela vitória sobre os amalequitas.

15.26

Samuel Recusa-se a Apoiar Saul. Samuel não quis voltar a Gilgal. Saul seria deixado em desgraça pública, sem as honrarias que desejava. Haveria de perder o apoio dos anciãos (vs. 30). Primeiramente, foi rejeitado por Yahweh, então pelo profeta Samuel, depois pelos anciãos e, finalmente, pelo povo comum. O vs. 31 mostra-nos que Samuel consentiu em adorar publicamente com Saul, mas isso foi o máximo a que ele quis chegar. Ele não mais apoiaria publicamente o rei, conforme tinha feito antes.

15.27

A rejeição de Samuel a Saul foi severa e final. Saul ficou arruinado e, em um ato de desespero, agarrou-se às vestes de Samuel com força tal que estas se rasgaram. Com esse ato ele esperava deter Samuel e fazê-lo mudar de idéia, acompanhando-o de volta a Gilgal para adoração pública e ação de graças. Sua persistência foi recompensada; porém, conforme demonstra o versículo seguinte, isso não quis dizer que sua rejeição tinha sido anulada. O ato de Saul revelou uma mente desesperada. Ele rasgou a *manta* do profeta, o *addereth,* uma peça distintiva do vestuário que o profeta usava. Alguns intérpretes, porém, pensam que essa vestimenta distintiva só começou a ser usada pelos profetas posteriormente. Samuel transformou o incidente da rasgadura da capa em um sinal da *rasgadura* que Saul haveria de sofrer (vs. 28).

15.28

Um Sinal. Da mesma maneira que Saul rasgou a vestimenta de Samuel, assim o reino de Israel foi rasgado do poder de Saul pelo poder de Yahweh. Isso indicava completa e irreversível *rejeição.* O reino, tomado de Saul, seria entregue a outro, a Davi, homem melhor que Saul. A vestimenta rasgada, pois, tornou-se mau *presságio* para Saul. Ele seria removido pela *violência.* Morreria no campo de batalha, por ato dos amalequitas (ver II Sam. 1.8,9).

15.29

A Glória de Israel não mente nem se arrepende. Uma referência a Yahweh, em Seu reino celeste e em Sua glória. Esse ser glorioso e celestial *não muda de idéia, conforme fazem os homens. Embora possa parecer que* Ele tenha "mudado de idéia" ao substituir Saul por Davi, esse sempre foi o plano de Deus. Ademais, Seu decreto imutável foi o instrumento que removeu Saul, e não havia remédio que pudesse anular isso. I Sam. 15.11 fala no *arrependimento* de Yahweh por ter instituído Saul como rei, mas essa é uma expressão antropomórfica. Ver as notas ali pela dificuldade do arrependimento de Deus. Ver também a discussão em Êxo. 32.14. Algumas traduções dizem aqui "a Força de Israel", em lugar de "a Glória de Israel". Cf. 4.21, a "Glória de Israel". A palavra hebraica correspondente, *netsach,* pode ser traduzida de ambas as maneiras, e assim os tradutores preferem a tradução que lhes parece mais apropriada no contexto.

Os homens mudam de idéia. Eles degeneram e abandonam nobres propósitos. Saul havia degenerado. Mas Yahweh não haveria de acompanhá-lo em tais atos.

15.30,31

Saul Precisava da Honra e do Apoio dos Anciãos. Nenhum homem poderia manter-se no poder sem esse apoio. Por isso, o rei ansiava ser visto com Samuel em Gilgal, participando dos mesmos sacrifícios a Yahweh, como ato de ação de graças pela vitória obtida sobre os amalequitas. Samuel concedeu a Saul o seu pedido. Ele não se recusaria àquele ato de ação de graças. Mas deixaria claro que estava retirando o apoio ao rei Saul. De fato, Saul continuaria rei, mas não por muito tempo. Seus dias estavam definitivamente contados. A morte à espada não estava longe. Os resultados de sua rebelião logo recairiam sobre o rei. Ele colheria o que havia semeado. Nenhum de seus filhos assumiria o trono, que passaria a outra linhagem.

"O perdão não implica que as penas não sejam cobradas pelo fracasso de satisfazer as reivindicações de alguma obrigação. Com demasiada freqüência, os homens esperam que o arrependimento fácil os absolva das penas devidas pelo fracasso" (John C. Shroeder, *in loc.*).

Saul continuava buscando honrarias. Um verdadeiro arrependimento provavelmente tê-lo-ia feito aceitar graciosamente a humilhação. No vs. 26, Samuel disse que não acompanharia Saul a Gilgal. Mas o profeta mudou de parecer, após uma consideração mais madura. Isso, contudo, não removeria a maldição que havia sido pronunciada sobre Saul e sobre o seu reinado.

15.32

A Má Sorte de Agague. Samuel tinha mais uma questão para resolver. O brutal Agague foi chamado à presença de Samuel. Ele veio todo *alegre,* como se tudo não passasse de uma brincadeira. Ele não temia, porque não antecipava o terror que o havia atingido. A Septuaginta diz que ele veio "tremendo", mas não é isso o que diz o versículo. A RSV fala "cheerfully" (alegremente), como se tudo fosse um jogo divertido. A Vulgata diz "gordo e trémulo", mas essa observação está fora de lugar. O texto hebraico enfatiza a *frivolidade* do homem na ocasião. A Septuaginta e a Vulgata devem ter seguido manuscritos hebraicos dotados de um texto diferente, que não aparecem nos manuscritos ora existentes. A versão siríaca ignora completamente o advérbio, talvez na suposição de que não combinava Agague vir brincando naquele momento tão solene, mas parece que era precisamente isso o que ele estava fazendo.

Certamente já se foi a amargura da morte. *Agague Fez Seu Apelo.* Em ocasiões anteriores, ele realizara seus atos de matança com grande prazer. Mas ao chegar a sua vez de sofrer a violência, queria esquecer o terrível jogo da morte.

15.33

Samuel, o Executor Público. Samuel não precisou levar a efeito um julgamento nem recorrer à ajuda de algum executor oficialmente nomeado. Ele tinha autoridade para agir pelo estado de Israel, e não hesitou. O caso de Agague era uma questão de registro público. Ele tinha deixado muitas mães sem filhos por seus ataques insensatos, caracterizados por matanças e caos. Ele havia semeado e agora colheria. Tinha vivido pela espada, e agora morreria pela espada (Mat. 26.52). Portanto, enquanto nos sentimos chocados ao contemplar o profeta de Deus a cortar o homem em fatias, e enquanto sacudimos a cabeça diante da brutalidade da época, reconhecemos que Samuel possuía autoridade para executar um criminoso como Agague. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Punição Capital.*

"Podemos ver o pobre Agague vindo todo alegre ao salão, proferindo as palavras 'Certamente já se foi a amargura da morte', somente para enfrentar a morte quando menos a esperava" (John C. Schroeder, *in loc.*). "A morte era a retribuição por suas crueldades" (Adam Clarke, *in loc.*).

15.34

Cada Homem Voltou à Sua Própria Casa. Samuel foi para Ramá, e Saul foi para Gilgal. Os acontecimentos daquele dia foram suficientes. A glória estava ali; o terror e a brutalidade também estavam ali. Todas essas coisas que os homens apreciam tinham-se misturado naquele dia. Os dois homens nunca mais haveriam de encontrar-se (vs. 35), pois o profeta nada mais teve que ver com o rei rejeitado. As circunstâncias tomariam conta de Saul. Nenhuma outra intervenção da parte de Samuel foi necessária para garantir a vontade de Yahweh sobre a questão.

15.35

Nunca mais viu Samuel a Saul. Embora Samuel e Saul não mais tivessem contato, até o dia de sua morte Samuel *chorou* pelo rei, lamentando seus deslizes, quedas e equívocos. Como Samuel desejava que as coisas tivessem sido diferentes!

> *Dentre todas as tristes palavras ditas ou escritas,*
> *As mais tristes são estas: "Poderia ter sido.*
>
> (John Greenleaf Whittier)

O Senhor se arrependeu. Em I Sam. 15.29 é dito claramente que Yahweh não é como o homem, que pode arrepender-se. Contudo, no vs. 11 deste capítulo *nós O vemos arrependido por haver constituído Saul como rei*, e neste versículo o tema é reiterado. Ver as notas sobre a questão levantada em I Sam. 15.10,11 e Êxo. 32.14.

Uma Discrepância? Este versículo afirma que os dois homens nunca mais se encontraram; mas I Sam. 19.23,24 relata outra entrevista entre os dois. Os críticos explicam a questão dizendo que a passagem é de origem tardia e escrita por outro autor. O editor não se importou em reconciliar as duas passagens. Ou talvez haja um deslocamento de materiais, e a declaração do capítulo 19 realmente tenha ocorrido antes desta.

"Sentimos inclinados a entristecer-nos por Saul, em vez de ficarmos irados com ele. Ele foi um homem que desempenhou uma função demasiado pesada. Foi um homem que, ao enfrentar suas responsabilidades, se tornava frenético e ansioso, o que despedaçava a sua confiança em si mesmo e em sua missão. A história é implacável em seus juízos sobre os fracassos da vida" (John C. Shroeder, *in loc.*). Por outro lado, Saul cumpriu essencialmente a sua missão. Em contraste com os juízes de Israel, ele debilitou os inimigos de Israel em uma base nacional (ver I Sam. 14.47), enquanto eles tinham somente poder local e obtiveram vitórias regionais. O fato de Samuel ter feito o que fez permitiu a Davi terminar a tarefa.

Capítulo Dezesseis

Samuel Unge Davi (16.1-13)

Desde bem cedo na carreira de Saul (antes mesmo de suas grandes vitórias militares), foi predito que seu reinado seria substituído e nenhum de seus filhos ocuparia o trono de Israel (ver I Sam. 13.13,14). E mesmo nessa passagem temos uma alusão a Davi, o homem "segundo o coração de Deus". Isso significava que o reinado passaria para a linhagem de Davi e ali permaneceria para sempre, visto que o Rei Messias é descendente de Davi. Samuel, tendo-se desfeito de um rei, teve de substituí-lo por outro. A monarquia precisava continuar, e agora em mãos melhores. Israel precisava ser libertado de todos os inimigos internos, para que a monarquia fosse bem-sucedida. Essa tarefa foi entregue a Davi. "A rejeição de Saul não forçou o Senhor a um novo curso de ação. Antes, o ato de Deus seguiu Seu plano onisciente de tal modo que a desobediência de Saul foi a ocasião terrena para a implementação desse plano superior... Deus provou a superioridade de Sua própria sabedoria ao levantar um rei que agiria em cumprimento à Sua perfeita vontade" (Eugene M. Merrill, *in loc.*).

16.1

Disse o Senhor a Samuel. Talvez em um sonho, uma visão, uma inspiração intuitiva. Ele tornou Sua vontade conhecida de maneira incomum, ao que Samuel, como profeta de Deus, era ocasionalmente sujeitado. Primeiro, Ele repreendeu Samuel por reclamar excessivamente. Saul tinha terminado. Ele havia cumprido a essência de sua missão; era inútil retê-lo quando, de fato, fora rejeitado e logo seria substituído. Os psicólogos advertem-nos contra as lamentações excessivas, quaisquer que sejam as causas. A alma perturbada arruína os propósitos, e devemos sempre dar continuidade às nossas missões. "Há ocasiões em que os juízos decisivos, por mais que firam, são mais sábios que as evasões sentimentais" (John C. Shroeder, *in loc.*).

Enche um chifre de azeite. Os reis deveriam ser ungidos mediante o óleo santo, tirado do tabernáculo. Mas não há indício de que Samuel tenha usado esse óleo. Ele possuía autoridade para usar um azeite diferente sem incorrer em infração. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção* e cf. I Sam. 10.1 (a unção de Saul), onde adiciono alguns detalhes. Ver também I Sam. 9.25 quanto à autoridade de Samuel realizar o rito, que cabia ao sumo sacerdote, conforme costume posterior.

Um chifre. Os chifres eram usados como vasos de beber e para guardar líquidos preciosos empregados em algum ato ou cerimônia.

A Jessé. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse homem. Ele foi pai de Davi. Um de seus filhos seria levantado à alta posição que Saul perdera. "Daquele dia em diante, a aldeia de *Belém* (ver a respeito no *Dicionário*) obteve estranha notoriedade nos anais do mundo. Davi amava a aldeia onde seu pai, muito provavelmente, era o xeque ou cabeça. Belém também foi o berço do descendente maior de Davi, Jesus, o Cristo. Uma tradição maometana faz de Jessé um homem rico, não meramente em suas fazendas, mas também na produção de roupas (de pêlo e de pano de saco).

16.2

Samuel Temia Saul. O texto já nos havia preparado para a mensagem deste versículo. A última vez que vimos Saul (capítulo 15), ele era um homem humilhado. Mas agora sua humildade havia dado lugar à hostilidade e ao ódio, tanto que *Samuel acreditava que Saul seria capaz até mesmo de assassinar* o profeta do Senhor, e por isso o *temia*. Saul era um homem selvagem, uma máquina de matar. Algumas poucas vítimas a mais não fariam diferença para ele. Certos estudiosos supõem que a mente de Saul havia sido afetada e alguma estranha desordem mental começara a persegui-lo por causa das constantes guerras, matanças e perigos que ele teve de enfrentar. *Se* seus caminhos se cruzassem, o idoso profeta seria uma vítima fácil para Saul.

Yahweh tentou aliviar os temores de Samuel, mostrando-lhe que nenhuma unção *pública* de Davi seria efetuada, o que certamente faria Saul enraivecer-se, tornando-se mais perigoso do que nunca. A unção seria uma questão privada, doméstica, que não chamaria a atenção de ninguém, pelo menos no presente.

Samuel deveria tomar um novilho para ser oferecido como *sacrifício*, mas não deveria fazer propaganda do fato de que, juntamente com o sacrifício, também ocorreria a unção de um novo rei. Não havia nada de errado em agir secretamente. Samuel não devia a Saul explicação por suas ações. Samuel "não era obrigado a contar toda a verdade " (Adam Clarke, *in loc.*).

16.3

Convidarás Jessé ao sacrifício. O *sacrifício* reuniria Jessé e seus familiares para uma espécie de culto de adoração particular. No meio disso, algo mais importante ocorreria. A Samuel seria demonstrado qual dos filhos de Jessé seria o novo *rei ungido*. Esse ato apanharia todos de surpresa, ao mesmo tempo que tudo seria ocultado pelo sacrifício, como se essa fosse a *única* razão pela qual Samuel visitava a família de Jessé.

"Grandes homens sempre despertam bulício. Isso não significa que eles sejam *perturbadores da boa ordem. Mas todos os grandes homens são pontos focais de* grandes modificações, e isso desperta tribulações. O papel da religião não é dar paz mental às pessoas (John C. Shroeder, *in loc.*). O avanço na fé religiosa e na espiritualidade esmagam as ortodoxias confortáveis. O pioneiro é sempre considerado um herege. Assim, Samuel tinha algo novo para anunciar, algo que causaria tribulação em Israel até que a transição de Saul para Davi estivesse terminada.

16.4

Samuel Obedeceu a Yahweh. Samuel foi homem poderoso. Grandes coisas aconteciam em sua presença. Ele conhecia a vida de maneira especial. Possuía pré-conhecimento e poderes proféticos e sacerdotais. O povo o temia. Eles sabiam de seu conflito com Saul e pensavam que sua visita a Belém poderia fazer Saul extinguir a cidade inteira. Por isso, ansiavam saber se sua missão era de *paz* e que eles não seriam perturbados.

O nome e o aparecimento do idoso vidente eram bem conhecidos em todo o território de Israel. Por que ele surgira de repente entre eles? Estaria ali para castigar algum pecado desconhecido? Por que tão grande homem iria à pequena aldeia de Belém?

Belém ficava a cerca de 24 quilômetros de Ramá (onde Samuel residia). Se Samuel fizera uma viagem tão longa, na idade dele, alguma razão importante cercava a questão.

16.5

O Sacrifício Foi Efetuado. A missão de Samuel em Belém era de paz. *Nenhuma infração precisava ser corrigida.* Ele não atrairia os homens selva-

gens de Saul ao lugarejo. Apenas fora instruído por Yahweh a oferecer ali um sacrifício (vs. 2). Os habitantes do lugar, e especialmente Jessé e sua família, tinham de estar presentes, pelo que Samuel baixou ordens nesse sentido. Todos os sacrifícios eram acompanhados por algum banquete, exceto os *holocaustos* (ver a respeito no *Dicionário*), nos quais as vítimas sacrificadas eram inteiramente queimadas. Todos os demais sacrifícios permitiam que se comessem partes dos animais, excetuando o sangue e a gordura, que eram oferecidos a Yahweh, o companheiro invisível de cada sacrifício feito em Israel. Portanto, o sacrifício que Samuel estava prestes a oferecer seria também um tempo de banquete e regozijo. Haveria uma pequena festividade comunitária associada.

O *sacrifício* também serviria ao propósito de remover qualquer contaminação de ordem cerimonial e moral, a fim de que a unção pudesse ocorrer na atmosfera apropriada. Portanto, o sacrifício não era meramente um pretexto para a visita de Samuel. Faria *parte integral* da questão relacionada à unção.

Santificai-vos. Isto posto, as vestes das pessoas seriam lavadas; elas precisavam estar cerimonialmente limpas mediante o *banho*. Ver quanto a isso em Lev. 14.8,15,16; 17.15; Núm. 8.7; 19.7,19.

16.6

Os Filhos de Jessé Estavam Presentes. As ordens de Samuel foram obedecidas. Samuel observava cada um e tentava imaginar a qual dos filhos de Jessé Yahweh teria escolhido. "Por certo deve ser Eliabe", disse Samuel a si mesmo. Ele era um belo homem, à semelhança de Saul. Ver sobre ele no *Dicionário*, no terceiro ponto. Eliabe era o irmão mais velho de Davi (ver I Crô. 2.13), o filho mais velho de Jessé. Seria a escolha *natural*, mas não a escolha *divina*.

16.7

Não atentes para a sua aparência. *Saul* era homem de elevada estatura, algo muito apreciado pelos antigos. Ver os comentários sobre I Sam. 9.2 e 10.23. Samuel estava caindo no erro de *julgar um homem por sua aparência física*. Samuel não estava olhando para o interior, mas Yahweh era *observador dos corações*.

Há a *aparência* e há a *realidade*. O homem vê a aparência de uma pessoa ou coisa, e assim faz julgamentos precipitados. Mas Deus vê a realidade do homem ou coisa, e faz um juízo verdadeiro. Samuel tinha de ajustar-se à maneira divina de avaliar pessoas e coisas. É freqüentemente verdadeiro que as aparências *enganam*. Os homens são facilmente enganados e atos tolos ocorrem por causa de decepções. A questão da escolha do segundo rei de Israel era muito importante para ser feita de acordo com sua aparência física. Por isso mesmo, Yahweh teve de intervir desde o começo, certificando-se de que Davi fosse ungido. O coração de Eliabe não era tão bom quanto a sua aparência física. Ele não era um candidato apropriado.

16.8

Abinadabe. Ver sobre ele no *Dicionário*. Também não era o escolhido de Yahweh. É provável que os filhos de Jessé tivessem passado diante de Samuel em ordem de idade, visto que isso era algo importante aos olhos dos hebreus. "Os filhos de Jessé foram passados em revista, perante Samuel. Todos foram rejeitados, até o clímax dramático, quando Davi foi chamado, estando ele a cuidar das ovelhas" (John C. Shroeder, *in loc.*). Foram momentos críticos. Momentos de decisão, pelo que Yahweh teve de inspirar diretamente quanto à questão. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Samuel Não Explicou o que Estava Fazendo. Ele somente permitiu que a questão fosse compreendida como uma espécie de preparação para o sacrifício. Ninguém, até ali, vira preparação *semelhante* para um sacrifício. Mas Samuel tinha o direito de inovar, se assim desejasse fazê-lo. I Sam. 17.13 mostra-nos que Abinadabe era o *segundo* filho de Jessé, pelo que o repasse processou-se segundo a ordem de idade.

16.9,10

Samá. Ver a respeito dele no *Dicionário*. Era o terceiro filho mais velho de Jessé, conforme ficamos sabendo em I Sam. 17.13. O autor sacro poupa-nos da *repetição* da cena quanto aos outros filhos de Jessé, embora devamos compreender que ela tenha ocorrido (vs. 10), mas sem que nenhum fosse chamado especificamente. Sete filhos de Jessé passaram defronte dele, mas um oitavo (Davi) não estava presente, porquanto cuidava das ovelhas nos campos.

Em I Crô. 2.13-15 somente sete filhos de Jessé são mencionados, incluindo Davi. Ao que tudo indica, um deles tinha morrido antes que o texto fosse escrito, ou temos uma simples omissão sem razão específica.

16.11

Acabaram-se os teus filhos? Nenhum *sacrifício* poderia ocorrer enquanto *Davi* não fosse chamado dos campos. Samuel compreendeu, pela rejeição dos sete filhos mais velhos de Jessé, que a salvação de Israel estava no campo, na figura de Davi. Os juízos humanos são, quase sempre, superficiais. Os que são fisicamente atraentes têm muitas vantagens tolas. A escolha de um cônjuge por muitas vezes só leva em conta esse fator. Davi era simpático, mas nada que se comparasse a Eliabe; porém, possuía beleza de coração e de alma como seus irmãos mais velhos não tinham. No entanto, não fora considerado importante para ser chamado a fazer parte da festa-sacrifício. De acordo com Jessé, cuidar das ovelhas era mais importante. Ele facilmente poderia ter nomeado um servo para cuidar de uma questão relativamente banal, fazendo seu filho mais novo presente ao ajuntamento. Yahweh, por meio de Samuel, precisou corrigir o julgamento ineficiente de Jessé.

Errar é humano; perdoar é divino.

(Alexander Pope)

Jessé e os anciãos da aldeia pensaram que Davi era muito mais insignificante que seus irmãos. Jessé não o considerara importante para fazer parte do sacrifício e ser apresentado diante de Samuel. A aldeia inteira foi despertada para uma rude realidade: "*Aquele* era o homem" a quem Yahweh tinha escolhido. Davi não fora deixado de lado por ser apenas uma criança. As fontes judaicas dizem que ele tinha cerca de 29 anos na época, uma idade que parece demasiado avançada (*Seder Olam Rabba*, cap. 13, par. 36). John Gill conjecturou que na época ele teria uns 20 anos de idade. Raramente um jovem dessa idade seria feito *rei*, mas era suficiente para o plano divino.

16.12

Davi Era Simpático. Não era tão alto quanto Eliabe, mas tinha boa aparência. *Tinha belos olhos e era ruivo, devido ao seu trabalho nos campos e à exposição* ao sol. A nossa versão portuguesa diz "ruivo", embora não pareça ser a melhor escolha de palavras. Adam Clarke, entretanto, supõe que *ruivo* é a verdadeira tradução, ou que talvez ele fosse loiro, em contraste com seus irmãos de tez mais escura. John Gill, entretanto, prefere ficar com a tradução "ruivo". Seu rosto era avermelhado devido à exposição ao sol. Seja como for, Davi era simpático, mas não era o padrão físico que os homens escolheriam como um *rei*. Mas Samuel, inspirado por Yahweh, compreendeu imediatamente que havia encontrado o seu *homem* e disse: "Este é ele!". Davi é quem tinha as qualidades físicas, espirituais e mentais necessárias para libertar com sucesso Israel, em sentido absoluto, de seus inimigos internos (os que habitavam a Palestina). Ele teria sucesso superior ao alcançado por Saul.

John C. Schroeder (*in loc.*), observou como, no decurso da história, os feios Lincolns devem ter ultrapassado em número às belas Helenas. Mas a magnífica beleza de Helena foi o que levou gregos e troianos à tribulação. Enquanto isso, o feio Lincoln liberou os escravos e foi o instrumento na transformação do curso de uma nação.

16.13

Davi é Ungido. O óleo santo (ver I Sam. 9.25; 10.1 e 16.1) foi usado para ungir o *segundo* dos reis de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Unção*. Mediante esse ato, o reinado de Saul foi formalmente substituído, embora ele ainda continuasse no poder por algum tempo, a fim de cuidar do restante dos acontecimentos necessários em sua vida. Como no caso de Saul, o Espírito de Deus veio sobre Davi para capacitá-lo à missão. Ver I Sam. 10.6,10; 11.6. O Espírito, no tempo do Antigo Testamento, ia e vinha, ajudando e capacitando em tempos de crise e momentos especiais. O fraseado do versículo, "daquele dia em diante", pode significar a *presença contínua* do Espírito, ou que a vinda do Espírito sobre Davi era constante, tendo havido muitos incidentes semelhantes. Através dessa unção espiritual, que se seguiu à unção com azeite, as qualidades necessárias para o reinado foram transmitidas a Davi.

"O efeito da *descida* do Espírito do Senhor sobre Davi foi que o jovem pastor cresceu para tornar-se um herói, um estadista, um erudito, um sábio, um rei de profunda visão" (Ellicott, *in loc.*).

"Essa era a autenticação sobrenatural da vontade de Deus. Posteriormente, Davi foi ungido rei de Judá (ver II Sam. 2.4) e, mais tarde ainda, de todo Israel (ver II Sam. 5.3)" (Eugene M. Merrill, *in loc.*). Foi assim que o poder espiritual pousou sobre aqueles a quem Deus escolheu para Seu serviço. Cf. Juí. 3.10; 6.34; 14.6; I Sam. 10.10; 16.13.

Davi, filho de Jessé, era neto de Rute e Boaz (ver Rute 4.18-21) e estava na linhagem da promessa, descendendo de Abraão através de Isaque e Jacó. A dinastia real deveria vir através de Rute (4.11). Ver uma ilustração da linhagem de Davi em I Sam. 17.12. Ver o artigo geral sobre *Davi*, no *Dicionário*.

E foi para Ramá. *Tendo cumprido a ordem do Senhor (ver I Sam. 16.1-3),* Samuel voltou para casa. Um novo estágio na história de Israel havia começado.

Davi e Saul (I Sam. 16.14 - II Sam. 1.27)

Davi, o Músico (16.14-23)

Enquanto a estrela de Davi se levantava (em breve ele se tornaria nacionalmente conhecido), a estrela de Saul descia. Saul mergulhou em progressiva deterioração, que envolveu tanto *má disposição* (ou fraqueza mental) diante da qual ele perdeu o controle, quanto a influência de um *espírito maligno,* um demônio. Não sabemos identificar o avanço da teologia ou demonologia de Israel na época, portanto é impossível determinar exatamente o que o autor sacro quis dizer aqui. A teologia judaica posterior falava em seres malignos ou demônios. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Demônio, Demonologia.* Foi assim que Saul, que antes recebera o impulso do Espírito de Deus, agora, em sua degradação, contava com um espírito maligno que vexava sua mente e o transformava em nada. O deslize que o afetou, todavia, foi gradual, como ocorre no caso da maioria das deteriorações. "O efeito da partida do Espírito Santo foi que, daquela hora em diante, o generoso rei tornou-se presa de forte melancolia e vítima de uma inveja torturante, que só aumentava conforme o tempo passava. Isso o espicaçava à loucura, arruinando sua vida e maculando a ótima promessa de seus primeiros anos" (Ellicott, *in loc.*).

Os servos de Saul sugeriram que boa música poderia ajudá-lo em suas condições, e por isso Davi, reputado como excelente músico, foi convidado a servir ao rei. Assim, as circunstâncias cooperaram juntamente para trazer Davi perante os oficiais da corte real, levando-o a atrair a atenção dos anciãos. Ele precisaria desse apoio para subir ao trono.

16.14

As notas de introdução a esta seção apresentam os comentários essenciais a este versículo.

Saul tinha sido ungido com azeite, e então pelo Espírito de Deus. Isso fizera dele um homem diferente (ver I Sam. 10.6). Mas sua desintegração progressiva, um fracasso acrescentado a outro, verteu seu bom curso. Então um *mau espírito* (sob o controle de Yahweh, a causa de *todas* as coisas) anulou todo o bem que havia nele, substituindo-o pelo mal. Josefo apresentou Saul como possuído pelo demônio, por meio de quem, em certa ocasião, quase foi sufocado e estrangulado. Ele foi distraído em seus conselhos, perdeu a coragem e a grandeza mental, tornou-se fraco e tolo, temeroso e medroso, cheio de inveja, suspeita, ira e desespero (*Antiq.* 1.6, cap. 8, sec. 2).

A teologia judaica era débil quanto a causas *secundárias.* Assim sendo, todas as coisas eram conferidas a Deus, incluindo fatores que hoje dificilmente atribuiríamos a Deus. Diríamos que as condições deterioradas de Saul *permitiram* que o mau espírito assumisse o controle de sua vida, e *Yahweh* estabeleceu a lei da colheita segundo a semeadura, que transformou isso em realidade. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

"Satanás deleita-se em pescar em águas perturbadas e a situação mental de Saul dava-lhe muitas vantagens para efetuar sua obra maligna" (Adam Clarke, *in loc.*).

Assim como o amor é a grande lei universal do bem, o ódio é o que opera toda a espécie de confusão. Os que conhecem os fatos sobre os poderes demoníacos dizem-nos que a possessão é algo quase impossível, a menos que haja *ódio* em algum lugar. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Possessão Demoníaca.*

16.15

A profunda melancolia de Saul (verdadeiramente, um sinal de influência demoníaca) era evidente a todos. Seus servos acreditavam que a música suave poderia ajudá-lo. A música é a mais sutil e abstrata das artes e tem poderes especiais sobre as emoções. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Música, Instrumentos Musicais.*

"A música era eficaz para despertar o êxtase profético (ver I Sam. 10.5; II Reis 3.15) e igualmente eficaz para suavizar o estado mórbido no qual Saul tinha caído" (George B. Caird, *in loc.*). A experiência tem demonstrado que a música pode ajudar *algumas* pessoas a atingir estados alterados da consciência, nos quais se manifestam as experiências místicas.

> *A música tem encantos para amansar uma besta selvagem,*
> *Para suavizar rochas ou dobrar um carvalho como nós.*
>
> (William Congreve)

Adam Clarke (*in loc.*) conta-nos uma interessante história. "Um músico foi levado a tocar seu instrumento, enquanto homens alimentavam um *leão selvagem* na torre de Londres. O animal largou imediatamente o alimento, chegou perto das barras de sua jaula e começou a movimentar-se ao ritmo da música. Quando o músico parou de tocar, o leão retornou ao alimento. Quando o músico recomeçou a tocar, o leão abandonou novamente o alimento e veio balançar-se ao ritmo da música. Isso foi repetido, sempre com os mesmos efeitos".

16.16

Busquem um homem que saiba tocar harpa. *Davi* tinha reputação de ser um tocador de harpa habilitado e chamara a atenção de alguns dos servos de Saul. Foi recomendado para a tarefa de abrandar o ânimo de Saul com a sua música. Isto posto, Davi subiu de jovem pastor para a posição de músico da corte, tocando diante do rei, porquanto a vontade de Deus estava com ele. Hoje existe o que se chama de "terapia da música", e os praticantes dessa arte utilizam a música nas curas. Há alguma evidência em favor de sua eficácia. Pitágoras (Sêneca, *de Ira,* 1.3 cap. 9), quando queria que sua mente se enchesse de pensamentos divinos, pedia que um harpista tocasse para ele antes de dormir. Esculápio, músico da Grécia antiga, usava a terapia musical. Portanto, há evidências históricas e científicas quanto à eficácia da música como fator de cura.

Quando buscava alguma revelação da parte do Senhor, Eliseu pedia que um harpista tocasse para ele (II Reis 3.15). Ver também os casos de Asafe, Hemã e Jedutum, em I Crô. 25.1. E vimos algo semelhante em I Sam. 10.5, que torna a acontecer em II Reis 3.15.

16.17

Buscai-me, pois, um homem que saiba tocar bem. Saul estava disposto a tentar tudo que pudesse ajudá-lo, pelo que ordenou que Davi fosse trazido para tocar. Pouco sabia ele que o músico que seria trazido à corte em breve haveria de substituí-lo como rei!

> *Deus move-se de maneiras misteriosas,*
> *A fim de realizar Suas maravilhas.*
>
> (William Cowper)

"Davi possuía dotes raros como poeta e, sem dúvida, como músico. É provável que alguns de seus primeiros salmos tivessem sido compostos enquanto observava as ovelhas do pai nas colinas e vales perto de Belém... Dons poéticos e musicais eram cultivados e desenvolvidos nos profetas da escola de Samuel (Ellicott, *in loc.*).

16.18

Conheço um filho de Jessé. *Saul sairia premiado,* porque Davi não era apenas um músico apto. Era também bravo guerreiro e poderoso soldado, e Saul andava grandemente necessitado dessa espécie de homem. Davi também se tornara conhecido por sua sabedoria e aparência pessoal. Tão altas recomendações imediatamente convenceram Saul a chamar o jovem Davi. A princípio, Davi tornou-se o armeiro de Saul. Nessa função, ele haveria de aprender a arte de matar. Ver o vs. 21 deste capítulo e cf. com I Sam. 14.1,13, o caso de Jônatas. Os críticos salientam que o que é dito aqui acerca de Davi foi, pelo menos em parte, uma antecipação. *Naquele ponto,* Davi ainda não tivera tempo de provar seu valor como homem de guerra. Alguns se referem à bravura de Davi ao tratar com animais selvagens enquanto cuidava de suas ovelhas (ver I Sam. 17.34,35). Sem dúvida, foram atos de bravura. Não era coisa de pouca monta enfrentar um urso ou um leão, mas isso dificilmente se aplica à questão de ele ser um *guerreiro.*

16.19

Davi Surpreendia a Todos. Ele tinha sido deixado fora do banquete-sacrifício por seu pai, mas terminou sendo ungido rei (ver I Sam. 16.6 ss.). E continuava cuidando das ovelhas, pois nenhuma oportunidade ainda se tinha apresentado para ele trocar de ocupação. Assim, quando Davi foi convocado pelo rei Saul, ainda se ocupava das ovelhas. *De súbito,* estava na corte, exercendo sua habilidade musical especial. Quando a vontade de Deus está envolvida, mudanças podem ser súbitas e radicais, e para o bem da missão de alguém. Oh, Deus, concede-nos tal graça!

Não era uma desgraça alguém trabalhar como pastor. Filo conta que jovens de ambos os sexos das mais ilustres famílias eram assim empregados durante a juventude (*De Vita Mosis,* 1.1, par. 610). Somos informados sobre um senador romano que cuidava de suas próprias ovelhas (Ovid. *Fast.* 1.1). Para Davi, entretanto, houve ocasião em que essa ocupação se tornou para sempre parte do passado.

16.20

Sem dúvida surpreendido pelos eventos, Jessé enviou seu filho, Davi, à corte do rei. É admirável quando nossos filhos nos surpreendem e fazem mais do que esperamos deles. Geralmente acontece o oposto. Poderíamos imaginar que as coisas que Davi levou (o vinho, o cabrito e o pão) lhe serviriam de provisão na viagem. Antes, porém, eram *presentes* para o rei. Isso demonstra a simplicidade da questão. Jessé não tinha grandes pretensões nem estava interessado em ostentação, mesmo que fosse para impressionar o rei. Talvez ele tenha enviado o que de melhor possuía. Nesse caso, Jessé não era homem rico, embora possa ter

sido um líder da pequena aldeia de Belém. "A natureza dos presentes enviados por Jessé mostram quão simples e primitivos eram os costumes do povo hebreu naquela época" (Ellicott, *in loc.*).

16.21

Saul... o amou muito, e o fez seu escudeiro. *Davi Aplicou Suas Habilidades.* Saul sentiu-se muito melhor. Desenvolveu-se uma profunda amizade, que posteriormente seria contaminada pela inveja de Saul. Saul amou Davi de maneira toda especial. Mas esse bem seria corrompido pelo mal, porquanto Saul tinha um demônio que o perturbava.

Davi tornou-se escudeiro de Saul. Como jovem que acompanhava um guerreiro experimentado, Davi aprendeu, em primeira mão (e da parte de alguém capaz) a arte de matar, que era a principal da época. Cf. o caso do escudeiro de Jônatas, registrado em I Sam. 14.1. Ali há informações que não são repetidas aqui.

16.22

Deixa estar a Davi perante mim. *Davi* estivera em período de prova. E ele se saiu tão bem que Saul pediu a Jessé que deixasse o filho na corte. O autor espera que suponhamos que o pedido tenha sido atendido. Davi continuou seu trabalho como músico da corte, mas Saul, apesar de ser ajudado, não foi curado (vs. 23). Se tivesse havido cura, Saul não teria mais tarde perseguido Davi, inspirado pelo demônio.

16.23

Houve algum bem, mas, no caso de Saul, o mal triunfaria no final das contas. O *espírito* que vexava Saul foi temporariamente afastado pela música de Davi. O texto hebraico não diz "maligno" como um adjetivo adicionado à palavra "espírito", mas é assim que devemos entender, sendo esse o texto da Septuaginta, da Vulgata Latina e das versões siríaca e árabe, e essa palavra é usada nos Targuns. O espírito maligno vinha da parte "de Deus", conforme vemos no vs. 14 deste capítulo, cujos comentários tratam de como coisas más eram atribuídas a Yahweh. A teologia dos hebreus era fraca sobre *causas secundárias.*

A maior parte dos casos de possessão demoníaca requer um *convite* da parte da pessoa possuída ou influenciada. Esse convite pode consistir em uma vida dissoluta, nas drogas, na imoralidade, em certas formas de degradação etc. Conheci pessoalmente um caso de possessão no qual ao exorcista o demônio disse: "Fui convidado". A isso o exorcista replicou: "Então estás convidado a sair!". E foi o que o demônio fez. A pessoa possuída, em questão, era a esposa de um importante homem de Manaus, Amazonas. Seu marido já a havia levado à Europa e a outros países, em busca de ajuda médica e psiquiátrica. Finalmente, ele apelou para o exorcismo, e foi o que a salvou.

Naturalmente, há casos em que nenhum *convite* é possível, como acontece com crianças possuídas. O poder do maligno, algumas vezes, ataca as pessoas de surpresa. Mas quase sempre há *ódio* presente, mesmo que não exercido pela própria vítima.

Saul Havia Iniciado Bem Sua Carreira. Mas a vida de selvagem violência sem dúvida corrompeu-lhe a alma. Além disso, ele violou propositadamente os mandamentos de Yahweh. Todas essas condições, juntamente, podem ter sido a causa de seu "convite" ao poder maligno. Os resultados foram desastrosos para todos os envolvidos. Certamente Saul se destaca como uma lição para todos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Exorcismo* e *Possessão Demoníaca.*

Capítulo Dezessete

Davi e Golias (17.1-58)

Por antecipação, o autor sagrado falou sobre o poder de Davi como guerreiro (ver I Sam. 16.18). Agora encontramos o registro de seu primeiro feito militar. Ele usou um simples objeto da arte do pastoreio, uma *funda,* para derrubar Golias, o campeão filisteu. Esse incidente facilitou a substituição de Saul por Davi como rei, e foi um elemento que despertou a inveja de Saul, levando-o a efetuar diversos atos tolos. Sem dúvida, o espírito que vexava Saul aproveitava todas as situações para aprofundar sua influência. Ver I Sam. 16.14 ss. E até uma grande vitória em favor de Israel foi transformada em questão para amargurar ainda mais a alma de Saul.

Problemas de Fontes Originárias. Os vss. 55-58 deste capítulo declaram que Saul não conhecia Davi, mas fomos informados anteriormente que ele o conhecia (ver I Sam. 16.21-23). Algo parece ter perturbado a ordem cronológica da narrativa. É possível que diferentes fontes estejam envolvidas, não tendo o editor juntado os textos exatamente como a cronologia ditava. Talvez o capítulo 17 não tenha vindo da mesma fonte que menciona o chamado de Davi para tocar harpa na corte, a fim de ajudar Saul em sua melancolia. Outro problema reside no fato de que II Sam. 21.19 tem Elanã, um dos guerreiros de Davi, como aquele que matou Golias. Ver essa referência quanto a possíveis explicações.

17.1

Ajuntaram os filisteus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Filisteus, Filístia.* Na época de Saul (e na de Davi), os filisteus eram o pior adversário de Israel, embora tenha havido muitos outros inimigos (ver I Sam. 14.47). Grandes vitórias já tinham sido obtidas sobre eles, no tempo dos juízes (como Sansão) e de Saul (capítulo 14). Saul estava sempre à espreita de algum excepcional jovem guerreiro que pudesse ajudá-lo em sua tarefa de exterminar a ameaça filistéia (ver I Sam. 14.52). Mas os filisteus eram um povo feroz. Agora seria a vez de Davi livrar Israel de todos os seus inimigos internos (aqueles que ocupavam o território da Palestina). A paz finalmente chegaria no tempo de Salomão.

Socó... Azeca... Efes-Damim. Ver os artigos sobre todos esses lugares no *Dicionário.* Socó é a moderna *Shuweikeh,* não distante de Belém, no sentido oeste. Não há certeza acerca da localização dos outros pontos mencionados. A hostilidade ficava próxima do local onde Davi morava, isto é, cerca de 35 quilômetros de distância, em Socó. Assim sendo, Davi estava sempre disponível para a guerra. Não recebemos nenhuma cronologia sobre como o capítulo 17 se relaciona ao capítulo 16. Alguns estudiosos calculam que doze anos se haviam passado. I Sam. 14.52 diz-nos que "todos" os dias de Saul estiveram envolvidos em conflitos periódicos contra os filisteus.

17.2

No vale de Elá. Ver a respeito no *Dicionário.* Os exércitos dos filisteus estavam acampados em Socó. Os exércitos israelitas estavam acampados em Elá, um vale exatamente a oeste de Socó.

"... intimidados mutuamente, eles resolveram que o resultado seria determinado por uma batalha de campeões, em combate singular" (Eugene M. Merrill, *in loc.*).

"Elá" significa "carvalho", e provavelmente está em vista algum carvalho especial, uma árvore distinta, talvez sagrada, local de algum oráculo. Cf. Gên. 13.18 e Juí. 3.37 quanto a carvalhos especiais. Talvez o vale estivesse povoado de carvalhos, tornando-se assim uma das principais características que o identificavam.

17.3

E entre eles o vale. Os dois exércitos se defrontavam, cada qual em seu monte, e o vale os separava. Logo eles se lançariam à matança. Mas pelo menos a morte de um único homem resolveria a questão. As duas colinas, embora separadas pelo vale, aparentemente estavam tão próximas uma da outra que os dois exércitos podiam gritar ameaças e ser ouvidos.

17.4

Golias, de Gate, da altura de seis côvados e um palmo. O formidável campeão dos filisteus era Golias, de quem o mundo nunca se esquecerá, embora ele perdesse a luta. Ele tinha 2,75 metros de altura, o que os críticos acreditam ser um grande exagero. Conheci um lutador profissional que tinha 2,45 metros, portanto, o que são mais 30 centímetros? Ver no *Dicionário* sobre *Golias,* quanto a descrições completas de tudo quanto se sabe sobre ele. No entanto, essa montanha de homem foi derrubada por uma pequena pedra, porque Deus estava envolvido na questão. A pedra foi tão poderosa porque era manipulada por *Davi,* cuja estrela estava em ascensão. II Sam. 21.19 diz-nos que Elanã matou Golias. Ali ofereço explicações sobre a aparente discrepância. Esse versículo tem sido usado pelos críticos para duvidar da historicidade deste relato.

Côvados. Côvado era a medida do cotovelo ao fim do dedo médio, cerca de 44,5 centímetros. O palmo era a largura da mão, ou seja, cerca de 8 centímetros. Embora o povo hebreu fosse comparativamente pequeno, e o côvado deles podia pudesse ter apenas 43 centímetros, há fundamento em crer que Golias tinha 2,75 metros. II Sam. 21.15-22 indica que os filisteus contavam com certo número de homens excepcionalmente altos, provavelmente descendentes dos *gigantes* de antanho. Ver explicações sobre *Gigantes,* no *Dicionário.* "O campeão dos filisteus pertencia a uma raça de gigantes, o remanescente dos filhos de Anaque (ver Jos. 11.22), que habitavam em Gate, Gaza e Asdode" (Ellicott, *in loc.*). "Esse homem era pleno de selvagem insolência, incapaz de entender como alguém poderia lutar contra sua força bruta, revestida de uma inexpugnável panóplia" (Dean Stanley).

17.5

Além de sua imensa estatura, Golias estava protegido por uma inexpugnável armadura, que um homem ordinário dificilmente poderia carregar. Mas havia um defeito. Sua testa ficava desprotegida. Isso era tudo de que Davi precisava para obter inesperada vitória sobre a força bruta.

Golias estava vestido de *uma couraça de escamas,* literalmente, conforme indica o hebraico. Devemos imaginar várias camadas de bronze formando uma imensa peça de metal, que pesava cerca de 5.000 siclos de metal, ou seja, aproximadamente 56 quilos. Tudo em Golias era grande e espantoso. Para proteger-lhe a cabeça, ele usava um *capacete* que nenhum projétil da época era capaz de furar. Mas sua testa permanecia nua e vulnerável. "O peso das diferentes peças da armadura gigante ultrapassava o peso das armaduras medievais" (Ellicott, *in loc.*).

As peças da armadura eram, provavelmente, feitas de bronze, pois esse é o metal citado no versículo. Era também feita de bronze a maior parte das armaduras dos gregos e romanos. Contudo, armaduras de ferro não eram desconhecidas naquela época, nem mesmo entre os gregos e romanos. Armaduras inferiores eram feitas de peles de animais, algumas vezes com reforços de metal. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o detalhado artigo intitulado *Armadura, Armas.*

17.6

Golias tinha um aspecto medonho, um modelo de poder, ali de pé, com sua pesadíssima armadura e seu tamanho gigantesco.

Caneleiras. "Essa espécie de peça de armadura aparece em muitos monumentos antigos. Era uma peça de bronze (algumas vezes formada por *lâminas,* como no caso do peitoral do sumo sacerdote) que cobria as canelas, ou a parte posterior da perna, desde o joelho até a junção da perna com o pé, e era amarrada com tiras de couro, por trás da perna. Pelos monumentos antigos descobrimos que era comumente usada apenas sobre uma das pernas" (Adam Clarke, *in loc.*).

Um dardo de bronze. Alguns estudiosos fazem dessa peça uma "cobertura" para os ombros; outros pensam tratar-se de uma cabeça; e ainda outros apostam em uma espada. Seja como for, deve ser distinguido do escudo do vs. 41 e também da "lança" do vs. 7. Os Targuns dizem uma "lança". Mas há também eruditos que pensam tratar-se de uma espécie de proteção para o pescoço. "... um corselete de bronze, usado entre o capacete e a couraça, para defesa do pescoço. Supostamente pesava cerca de 14 quilos" (John Gill, *in loc.*). "Essa cota de malhas ou corselete era flexível e cobria as costas e os lados de quem a usasse" (Ellicott, *in loc.*). O sentido da palavra hebraica envolvida no original, *kiydown,* sem dúvida está em pauta.

17.7

A haste da sua lança. A haste da lança de Golias era tão gigantesca que se parecia mais com o eixo de um tecelão do que com a haste de uma arma. A ponta era feita de ferro e pesava cerca de 7 quilos! John Gill (*in loc.*) supõe que a haste da lança de Golias deveria ter cerca de 8 metros de comprimento, visto que homens "pequenos" como Hector, na Ilíada de Homero, usavam uma lança cuja haste media cerca de 5 metros (*Iliad.,* parte 18). John Gill calcula que o peso total da armadura de Golias era de aproximadamente 115 quilos.

Plutarco informa-nos que a armadura de um soldado, em seus dias, pesava cerca de um *talento,* ou seja, 27 quilos. Alcimo, do exército de Demétrio, era considerado homem prodigioso, porquanto usava uma armadura com o peso de dois talentos, mais ou menos a metade da armadura de Golias.

Note-se que o *ferro* já estava então em uso. A história paralela conta-nos que a era do ferro tinha começado. Hesíodo diz que as armaduras dos soldados gregos eram feitas de bronze, enquanto Lucrécio (*De rerum natura,* 1.5) afirma que o bronze foi usado antes do ferro no fabrico de armas de guerra e armaduras.

17.8

Escolhei dentre vós um homem que desça contra mim. *O herói dos filisteus, Golias,* já havia matado muitos, e pessoas notáveis mortas por ele incluíam os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias, conforme dizem os Targuns. Ver I Sam. 4 quanto a essa história. Golias, segundo tudo parece, era apenas um soldado comum. Não era general dos filisteus; e, no entanto, desafiou qualquer homem de Israel a combatê-lo, para que assim ficasse resolvida a disputa entre os dois povos. Presume-se que o perdedor se tornaria escravo do lado vitorioso, mas sua vida seria poupada (vs. 9). Esse desafio para resolver a questão por meio de um desafio entre dois campeões tem paralelo na história. A Ilíada de Homero fala de uma luta como essa em VII.65 ss. Mas o fato de que Golias prometera poupar a vida de seus adversários não significa que, uma vez que Israel concordasse com as condições, sua promessa seria cumprida.

"Nenhum de vós, guerreiros famosos, servos daquele famoso homem, Saul, virá combater-me?", ele desafiava. Jarchi diz-nos que Golias era um soldado comum, não sendo nem mesmo o cabeça de uma tropa de 1.000 homens; e, no entanto, foi capaz de lançar tal desafio a Israel. Em contraste, Saul era famoso guerreiro. Não ousaria Saul apresentar-se? Caso contrário, não enviaria ele um de seus tolos homens?

17.9

O acordo, ditado por Golias, era que o vencedor representaria todo o seu povo, e o mesmo aconteceria ao perdedor. Os que perdessem a batalha, na figura do campeão derrotado, tornar-se-iam *escravos* do povo vitorioso. Cf. isso com I Sam. 11. ss., onde Naás pouparia Jabes de Gileade da destruição *se* o povo se submetesse a Naás e o deixasse furar o olho direito dos guerreiros. Saul salvou aquela cidade de tão terrível sorte, mas, nesta história, não foi ele o salvador, e, sim, Davi, que estava destinado a ser o segundo rei de Israel. Golias não era o general do exército filisteu, mas deve ter sido autorizado a propor o acordo. Se tal acordo seria respeitado, caso Golias vencesse a luta singular, é algo que permanece duvidoso.

17.10

Hoje afronto as tropas de Israel. O gigante filisteu era desafiador, arrogante e excessivamente exigente, porquanto não imaginava que poderia perder. Não havia equilíbrio possível entre as forças, e todas as vantagens estavam ao seu lado. O exército inteiro de Israel estava aterrorizado diante de Golias, pelo que não se apresentaram voluntários, até que Davi finalmente se ofereceu. A Ilíada de Homero (VII.65 ss.) conta a história de uma batalha resolvida pelo combate singular de dois campeões, e na história moderna testemunhamos algo similar. Adi Amim desafiou outro líder africano a uma *luta de boxe,* a fim de resolver a pendência entre as duas nações. Naturalmente, ele havia sido boxeador amador, e não havia como pudesse perder para o proposto oponente.

17.11

Ouvindo Saul. Não muito tempo antes, provavelmente Saul teria aceito o duelo com o gigante, mas agora acovardava-se diante do desafio, porque seu estado de melancolia lhe furtara a vontade e o poder de combater. Ver I Sam. 16.14. Ele havia antes exibido magnificente heroísmo e coragem incomum contra os filisteus, tal como seu filho Jônatas (I Samuel 1). Mas agora nenhum deles ousou aceitar o desafio do gigante. Isso deixou Israel sem um campeão capaz, até que o jovem pastor, Davi, deu um passo à frente. Israel, porém, continuou em silêncio, enquanto o gigante prosseguiu em suas bravatas. Ninguém chamou o sumo sacerdote para dar direção por intermédio do *Urim* e do *Tumim.* Ninguém orou. Estavam todos paralisados e estupefatos. Abner, tio de Saul, tinha reputação de ser um homem corajoso, mas também não deu um passo à frente, a despeito de ser ele o general do exército de Israel. Israel, definitivamente, estava de maré baixa.

17.12

Os vss. 12-31 deste capítulo representam uma história suplementar, adicionada de outra fonte e incluída na narrativa por algum editor. Há vários problemas de harmonia com a narrativa mais antiga, que anotaremos à medida que aparecerem. A seção inteira está ausente da Septuaginta, tal como os vss. 41 e 54, até o fim. Também há evidências de fontes diferentes dos materiais.

Muitos eruditos têm trabalhado sobre esse suplemento, tratando inclusive de problemas cronológicos, mas sem sucesso absoluto. Sobre essa questão, Adam Clarke (*in loc.*) comentou: "Se o trecho acima (vss. 12-31) for tomado como genuíno, o engenho do homem falhou em livrar o total de contradições e absurdos. Devo confessar que onde todos os demais falharam, não tenho esperança de ser bem-sucedido. Portanto, devo abandonar todas as tentativas para justificar a cronologia". O que Clarke não antecipava é que a seção era genuína mas proveniente de outra fonte, o que cria certos problemas quando comparada à fonte da história de Davi e Golias. O vs. 32 oferece a continuação de onde a narrativa parou no vs. 11, pelo que o trecho intermediário é um suplemento que não pode ser visto como representando *somente* o que aconteceu depois que Golias lançou seu desafio.

"A seqüência apropriada ao vs. 11 é o vs. 32, onde Davi responde ao desafio. O que há entre esses dois versículos é uma narrativa independente dos mesmos eventos, que um harmonista tentou assimilar no contexto, mas sem obter sucesso notório" (George B. Caird, *in loc.*). "Os vss. 32-40 continuam, naturalmente, o vs. 11" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 32).

A fonte suplementar primeiramente nos fornece uma pequena genealogia de Davi, como se dissesse: "Este é aquele Davi que aceitou com sucesso o desafio de Golias". Jessé, homem idoso nos dias de Davi, tinha oito filhos. Cf. I Sam. 16.6 ss. Embora fosse o mais novo deles (ver I Sam. 16.11), Davi aceitou com sucesso o desafio lançado por Golias e tornou-se o segundo rei de Israel. Ver somente *sete* filhos de Jessé listados em I Crô. 2.13-15. Talvez um deles tenha morrido.

GENEALOGIA DE DAVI, DESDE ABRAÃO

Períodos Envolvidos	Pessoas Envolvidas
Tempos dos Patriarcas	Abraão Isaque Judá
Exílio no Egito	Peres Esrom Arão Aminadade Nasom
Conquista da Terra e os Juízes	Salmon Boaz Obede Jessé Davi

TABELA GENEALÓGICA DA FAMÍLIA DE DAVI

BOAZ E RUTE
(Rute 4.18-2)

Obede

Jessé

Eliabe — Abinadabe — Samá — Natanael — Radai — Ozém — Davi — Zeruia — Abigail

(I Sam. 16.6-9) — (I Crô. 2.13-16) — (I Sam. 16.6-13) — (I Crô. 2.16,17)

ou Eliú (I Crô. 27.18)

ou Siméia (II Sam. 13.3) ou Simei (II Sam. 21.21)

Amasa (I Crô. 2.17)

Joabe — Abisai — Asael

(I Crô. 2.16)

Somos obrigados a seguir a árvore genealógica de Davi através das várias mulheres que ele teve em diferentes períodos de sua vida. Isso pode ser demonstrado pelo gráfico abaixo.

ESPOSAS DE DAVI

I. Esposas das Vagueações (I Sam. 27.3; I Crô. 3.1)

Abinoã de Jezreel → Amnom (II Sam. 3.2)

Abigail do Carmelo → Quileabe ou Daniel (II Sam. 3.3)

II. Esposas de Hebrom (I Sam. 27.3; I Crô. 3.1)

Maaca de Gesur → Absalão, Tamar

Agite → Adonias

Abitai → Sefatias

Eglá → Itreã

Mical

III. Esposas em Jerusalém — nomes não dados (II Sam. 5.13-16; I Crô. 3.5-8; 14.4-7)

Ibar Elisama Elifelete Nogá Nefegue Jafia Elisama Eliada Elifelte Jerimote

IV. Bate-Seba (I Crô. 3.5)

Um morreu infante (II Sam. 12.15) — Simóia — Sobabe — Natã — Jedídia (também chamado Salomão) → Reoboão

Além destas esposas oficiais, Davi dispôs de 10 concubinas no período (II Sam. 5.13; 15.16).

GENEALOGIA DE DAVI, DESDE ABRAÃO

Períodos Envolvidos	Pessoas Envolvidas
Tempo dos Patriarcas —	Abraão, Isaque, Judá
Exílio no Egito —	Peres, Esrom, Arão, Aminadabe, Nasom
Conquista da Terra e os Juízes —	Salomão, Boaz, Abede, Jessé, Davi.

Mat. 1.6 mostra que foi justamente através da linhagem de Bate-Seba que o Messias nasceu. A graça de Deus venceu a situação errônea e produziu o maior dos bons.

Efrateu. O significado dessa palavra é "pertencente a Efraim", mas Davi não pertencia à tribo de Efraim. O autor confundiu esse termo com outro que identificaria Davi com a cidade de Efrata (Belém). Belém ficava no território de Judá, e não de Efraim. Mas muitos eruditos não identificam Belém com Efrata. Ver Gên. 35.19.

Cujo nome era Jessé. Jessé era homem idoso e não se prestava para a guerra. Ele não poderia ter respondido ao desafio de Golias. Mas seu filho mais novo pôde fazê-lo. Talvez Jessé já fosse idoso quando o suplemento foi escrito, mas não tão idoso quando os eventos historiados realmente aconteceram. Seja como for, as notas genealógicas têm por propósito introduzir Davi, e não desculpar Jessé por não ter aceitado o desafio de Golias.

17.13,14

Apresentaram-se os três filhos mais velhos de Jessé. Eles já foram mencionados em I Sam. 16.6,8,9, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. O suplemento (vss. 12-31) adiciona a informação que esses três irmãos de Davi eram soldados no exército de Saul; mas Davi (vs. 14) nem ainda era soldado, por ser muito jovem. Não parece haver nenhuma intenção, por parte do autor sagrado, de desgraçar os irmãos de Davi por eles não terem aceitado o desafio do gigante. Mas parece haver o intuito de mostrar que Davi era o *mais jovem* dos filhos de Jessé, o *menos provável* para a tarefa e o qual terminou por derrotar Golias. I Crô. 2.13-15 lista somente *sete* dos filhos de Jessé, aparentemente deixando fora da lista um deles, o qual ou morreu ou foi acidentalmente esquecido. No entanto, I Sam. 17.5 afirma que Jessé tinha *oito filhos*.

17.15

Sendo jovem demais para tomar parte no exército, Davi continuava trabalhando como pastor de seu pai. Mas, conforme I Sam. 16.14-23, Davi também trabalhava como músico da corte. Os vss. 15 e 16 deste capítulo parecem ser uma tentativa, da parte de algum editor posterior, de reconciliar o suplemento (vss. 12-31) à história original, especificamente 17.15,16 a 16.14-23.

Supostamente, Davi continuava cuidando das ovelhas, *além* de trabalhar como músico na corte. Os críticos pensam que esta foi uma inserção editorial para tentar fazer o material suplementar concordar com a fonte original da história. Este vs. 15 dificilmente significa que Davi havia abandonado seu trabalho como músico da corte. Meramente assevera que Davi dividia o tempo entre os deveres domésticos e o dever de tocar harpa para Saul na corte. E entrementes Davi se tornara armeiro de Saul (ver I Sam. 16.21) e esperava-se que ele acompanhasse Saul naquela confusão com o gigante filisteu. O suplemento, pois, foi introduzido de modo bastante desajeitado, deixando muitas questões por serem resolvidas.

17.16

O filisteu... apresentou-se por quarenta dias. O *gigante Golias* foi como uma peste de quarenta dias, mas não conseguiu convencer nenhum israelita a lutar com ele. Sua insistência por esse longo período criou a circunstância para que *Davi,* finalmente, ouvisse as ameaças e, assim, imediatamente respondesse.

17.17

Disse Jessé a Davi. O vs. 13 informou-nos que os três irmãos de Davi serviam no exército de Saul. Um exército permanente precisava constantemente de suprimentos e este versículo diz, incidentalmente, que uma das fontes de suprimentos provinha de cada família, para atender às necessidades do soldado que estivesse servindo. O suprimento de Jessé era humilde: um *efa* de grãos tostados, o que equivalia a dez ômeres (ver Êxo. 16.16,36), ou seja, dez quilos, visto que o ômer pesava cerca de um quilo. John Gill diz que essa quantidade de grãos podia alimentar dez homens por um dia. Portanto, isso representa cerca de três dias de suprimento para os três irmãos de Davi. Mas alguns estudiosos insistem que o ômer passava pouco mais de dois quilos. Nesse caso, o suprimento era o dobro. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Pesos e Medidas.* Além do grão, foram levados dez pães.

O *acampamento* de Israel ficava talvez a cerca de 6,5 quilômetros da fazenda de Jessé, pelo que a distância não era grande.

17.18

Mediante um ato de cortesia e generosidade, Jessé também enviou um presente de queijos ao comandante de suas tropas de 1.000 homens. Dez queijos foram enviados, o que deve ter sido um presente apropriado para homens acampados, sem a conveniência de um lar. Os queijos antigos não se assemelhavam aos nossos, mas pareciam uma espécie de coalhada. Eram transportados em cestas de ramos e eram salgados para tornar-se de gosto mais agradável. Ver no *Dicionário* sobre *Queijo.* Além de enviar os suprimentos, Jessé ansiava obter uma palavra sobre como seus filhos estariam passando.

Analogia Patrística. Assim como Davi foi enviado a seus irmãos, até perto de Belém, assim também Jesus Cristo, o Filho, foi enviado ao mesmo lugar, para ser o redentor de Seu povo, provendo "suprimento espiritual". Assim certos pais da Igreja aplicaram este texto.

17.19

Pelejando com os filisteus. Acontecia uma luta no vale de Elá (ver a respeito no *Dicionário*). Israel e os filisteus estavam ocupados em matar-se uns aos outros, enquanto Golias gritava diariamente seus insultos aos oponentes aquartelados na colina do outro lado do vale. *Elá* estava localizada cerca de 18 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Era ali que Golias seria morto (I Sam. 17.2; 21.9). O moderno wadi es-Sunt assinala o local. Alguns intérpretes negam que já estivesse havendo luta, e explicam que os dois exércitos se preparavam para a batalha, embora não estivessem engajados em combate real. Essa explicação não se ajusta ao fraseado do versículo, embora concorde com as indicações do contexto. Foi a esse vale que Davi foi enviado. Isso armou palco para que ele ouvisse o desafio de Golias e o aceitasse.

17.20

Davi, pois, no dia seguinte. Tendo recebido suas instruções, logo pela manhã Davi levou os suprimentos a seus três irmãos e ao comandante de suas tropas (vss. 17 e 18). Deixou suas ovelhas ao encargo de alguém e assim, temporariamente, livrou-se de seus deveres domésticos. Ele não imaginava o que iria enfrentar, e menos ainda a grande vitória sobre o gigante filisteu. Mas seu destino o estava conduzindo aos inevitáveis eventos que finalmente o transformariam no rei de todo Israel. E Davi encontrou os israelitas ou lutando (vs. 19) ou *preparando-se para o combate, em meio a gritos e preparativos psicológicos para* matar ou ser morto. Os *preparativos psicológicos* consistiam em gritos, no entrechoque de escudos e lanças e em qualquer coisa que fizesse muito barulho e excitasse o espírito para o combate.

Acampamento. Literalmente, "trincheira de vagões", provavelmente um círculo formado por vagões, que constituíam uma crua fortificação das tropas hebréias.

17.21

Este versículo fornece a mesma informação de I Sam. 17.1,2, embora sem referências a localizações geográficas. "Os dois exércitos estavam alinhados opostamente e prestes a confrontar-se. Entrementes, Golias fazia suas jornadas diárias à frente, bradando insultos e desafios. Eles se formaram em ordem de batalha, exército contra exército, fileira contra fileira, batalhão contra batalhão" (John Gill, *in loc.*).

17.22

Correu à batalha. Davi foi de carroça puxada por cavalos e assim não demorou a chegar à cena do confronto. Tinha um auxiliar que ficou cuidando do veículo, enquanto ele saiu ao encontro dos irmãos. Logo os encontrou e saudou com as palavras apropriadas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Saudação,* quanto às fórmulas comuns.

Bagagem. Esta é uma palavra traduzida por alguns como "carroça", dando a entender um veículo; outros estudiosos preferem a tradução "bagagem". Nesse caso, devemos entender que Davi e seu ajudante foram a pé (provavelmente). Por isso mesmo, John Gill (*in loc.*) mencionou "sua carga de provisões".

17.23

Estando Davi ainda a falar com eles. Foi exatamente naquele momento que o duelista, Golias, fez sua aparição diária e começou a berrar insultos e desafios. Assim, essa circunstância cooperou para juntar os dois: de um lado a máquina de matar, um gigante com 2,75 metros de altura; e do outro um jovem, uma *formiga* em comparação, mas muito bom no uso da funda. Golias veio completamente armado, mas com a testa descoberta, e esse último detalhe selaria sua queda.

E falou as mesmas cousas. Isto é, a fala registrada nos vss. 8-10. Tais palavras, que aterrorizavam todo o exército de Israel, só deixaram Davi enraivecido. Havia no jovem uma coragem que não media conseqüências, mas a graça de Deus estaria com ele naquela crise. Ellicott, comentando sobre este versículo, relembra que II Sam. 21.19 diz que Golias foi morto por Elanã, filho de Jaaré-Oregim. Ele sugere então que o termo "Golias" era usado para os monstruosos descendentes de Anaque, de Gate, e não era o nome próprio de um único homem. Minhas notas em II Sam. 21.19 discutem essa questão, oferecendo várias explicações. Se Ellicott está certo, então Davi matou um gigante e Elanã matou outro. Os críticos, porém, preferem lançar a culpa pela discrepância em alegadas fontes históricas independentes, as quais não concordavam em todos os pontos.

George B. Caird (*in ioc.*) diz que o nome "Golias", na história de Davi, pode ser uma glosa feita por um editor posterior. Nesse caso, nunca teria sido afirmado que Davi matou *aquele* gigante. Mas há poucas evidências para essa suposição, e o âmago da história é contrário. Davi obtivera grande vitória sobre um bem conhecido gigante, de nome *Golias.*

17.24

Todos os israelitas... fugiam de diante dele. Os soldados hebreus aterrorizavam-se a cada aparição do gigante, e tremiam de pavor. O autor destaca assim a *desesperança* da situação, exceto pelo fato de que agora Davi estava presente. O vs. 11 deste capítulo é paralelo a este versículo e fala no "lamento" de Israel diante das ameaças do superdotado filisteu.

John Gill (*in loc.*) observa o ridículo de um *exército inteiro* a fugir de *um* único homem gigantesco. Por outra parte, ele não estava presente para vê-lo! Os que o *viam* sabiam por que estavam fugindo. Ellicott tem uma explicação para essa fuga: "Um torpor acovardado descera sobre Saul, punição por sua voluntariedade e desobediência, e a desamparada letargia do rei descera sobre o coração de seus soldados".

17.25

E diziam uns aos outros. Davi, sem dúvida, ansiava por saber tudo sobre o insolente gigante e as circunstâncias que rodeavam seu aparecimento diário para ridicularizar Israel. E, assim, foi informado de como o rei Saul havia prometido que qualquer um que matasse o gigante seria cumulado de riquezas e também tomaria sua filha em casamento por haver livrado Israel daquela maldição particular. Grandes riquezas e casamentos com a filha do rei são motivações antigas na história. As obras de ficção estampam repetidamente esse motivo, e não há por que duvidar que, na realidade, embora ocasionalmente, tais oferecimentos fossem feitos por reis ansiosos por livrar-se de pestes famosas, tais como um animal (como um dragão) ou um homem (algum feroz inimigo pessoal que fizesse parte das fileiras de algum exército opositor).

"É isso típico de todos os relatos românticos, nos quais um jovem valente ganha, como recompensa por seus feitos, a mão da filha do rei e as riquezas da terra. Os elementos românticos continuavam. O papel de Eliabe é o da irmã feia de *Cinderela.* O jovem Davi tinha de defender sua presunção perante o rei (vss. 31-37)" (John C. Schroeder, *in loc.*). O motivo presta-se muito bem para obras de ficção e tem inspirado muitas histórias, mas não há razão para supor que tais coisas não acontecessem realmente, embora apenas vez ou outra.

À casa de seu pai isentará de impostos em Israel. Em outras palavras, a família que se tornasse assim vitoriosa não se submeteria a impostos e outras obrigações fiscais, estando assim liberada de pesada carga. Samuel havia previsto que pesados impostos fariam parte da monarquia. Ver I Sam. 8.10-17, quanto a uma elaborada lista de muitos tipos de "obrigações" que um rei imporia ao povo. Essas cargas iam além da taxação. O rei tomaria os filhos e as filhas de hebreus, e pô-los-ia a trabalhar em seus empreendimentos reais, enviando alguns à guerra e sobrecarregando a todos.

17.26,27

Então falou Davi aos homens. A fim de confirmar o que acabara de ouvir, Davi pediu informações de outros que estavam por ali. E eles sustentaram o que tinha sido dito a Davi, segundo se vê nas notas sobre o versículo anterior. Para Davi, aquele gigante era um "zé-ninguém" que ameaçava o exército e o povo de Deus. Davi, pois, era um jovem cheio de autoconfiança, o que lançava uma sombra de reprimenda sobre os soldados de Israel, trêmulos de medo. Ele embaraçava os outros israelitas. É verdade que ele só falara bravas *palavras.* Ele ainda não havia entrado em ação. Mas ninguém, entre os israelitas, ao menos proferia palavras de coragem. Yahweh era por Israel e, visto que Israel estava sendo insultado, Yahweh também estava sendo insultado. Davi não suportava tal insolência.

17.28

Ouvindo-o Eliabe, seu irmão mais velho. As corajosas palavras de Davi repreendiam *tacitamente* Eliabe, seu irmão mais velho (ver I Sam. 16.6). Eliabe compreendeu prontamente a implicação. O irmão caçula acabara de cuidar das ovelhas, jovem demais e fraco demais para ir à guerra, mas falava palavras bombásticas contra o gigante, dizendo quão ridículo era que ninguém em Israel aceitasse o desafio do filisteu. Esse "ninguém" incluía o próprio Eliabe, que se sentiu insultado pelo discurso do irmão e assim proferiu palavras sarcásticas contra ele. Acusou seu irmão mais novo de motivos estúpidos. Ele apenas queria ver uma luta pela excitação do momento. Mas tinha *maldade* no coração. Ele criticava os outros, mas na verdade apenas falava palavras tolas que nada significavam.

Alguns intérpretes questionam a autenticidade dessa parte da história, indagando como Eliabe poderia repreender o ungido do Senhor, que estava destinado a ser o próximo rei. Os críticos supõem que as duas fontes, alinhavadas uma à outra, naturalmente tinham partes apenas remendadas que dificilmente concordariam em todos os pontos. Por outro lado, nenhum homem é grande em sua própria família, embora possa ser grande perante os olhos de outros. Lembremos a família de Jesus. Eles por certo não reconheceram a Sua grandeza (ver João 7.3-5). Quanto à unção anterior de Davi, ver I Sam. 16.13.

"A ira invejosa, sem dúvida, não era nenhuma novidade em Eliabe. A menção casual (vs. 34) à coragem do jovem, quando o leão e o urso atacaram o rebanho de seu pai, mostra-nos que a meninice de Davi não fora ordinária, e a disposição invejosa de Eliabe sem dúvida já havia sido despertada... Haveria ele, Davi agora... de realizar algum feito ousado e admirável?" (Ellicott, *in loc.*).

17.29

Fiz somente uma pergunta. Muitos sermões se baseiam nessas palavras simples. Davi encontrara uma *causa digna* para sua ousadia e para testar sua fé e coragem. Um homem bom é alguém que reconhece uma causa digna. Mas é preciso um homem bom e corajoso para aproveitar a ocasião e realizar o que deve ser feito. Cada geração precisa provar seu próprio valor espiritual. Cada indivíduo tem sua própria *prova* pessoal a enfrentar. Ninguém pode repousar sobre a glória de seus antepassados ou sobre o valor de seus pais. Cada homem tem sua própria batalha particular a combater, e o seu próprio destino a cumprir.

Devo eu ser carregado para os céus,
Em leitos floridos de lazer,
Enquanto outros lutam para conquistar o prêmio,
E velejam sobre mares sangrentos?

(Isaac Watts)

"Pareces amargamente desagradado diante de meu zelo sobre esta questão, mas certamente não há uma *boa causa* por trás de minha apaixonada emoção neste caso? Um grande insulto foi desfechado contra o nosso Deus" (Ellicott, *in loc.*).

17.30,31

Desviou-se dele para outro. Outra confirmação foi dada a Davi. Ora, *se* Saul realmente havia prometido riquezas e uma filha sua ao homem que derrotasse o gigante, Davi estava pronto para lutar com o filisteu. Cf. os vss. 25 e 26, para as primeiras duas afirmações. O vs. 31 parece indicar que as

repetidas indagações de Davi tinham o propósito de chamar a atenção de Saul. Assim Saul acabaria perguntando: "Quem é o jovem que está indagando sobre a questão? Trazei-o à minha presença. Quero saber por que ele está tão interessado".

Seja como for, Saul acabou ouvindo falar no "jovem indagador" e ordenou que seus atendentes o trouxessem à sua presença. Assim, as circunstâncias operavam para que Davi obtivesse sua grande vitória e, finalmente, se tornasse o segundo rei de Israel. O texto sagrado, contudo, apresenta a óbvia dificuldade de que Davi aparece aqui como um *desconhecido* para Saul, ao passo que, previamente, já o vimos desempenhando o papel de músico da corte, a entreter o rei. Talvez a ordem cronológica dos relatos tenha sido perturbada, e a atual história tenha antecedido a outra. Os críticos supõem, pois, que a passagem anterior (até o capítulo 17) tenha vindo de uma fonte separada da presente história de Davi e Golias, e que certos detalhes estivessem em conflito tal que nenhuma manipulação foi capaz de resolver. Ver as notas expositivas no vs. 12, quanto a mais explicações. A Septuaginta não contém os vss. 12-31, que parecem ser um suplemento adicionado a partir de outra fonte informativa.

17.32

Davi disse a Saul. Davi consolou Saul. Todo o exército de Saul lamentava-se por causa do gigante (ver I Sam. 17.11). Saul havia caído em fraqueza e temia desafiar Golias, que não parecia desistir. Davi, porém, não temia o filisteu e já havia assegurado a Saul que poderia terminar com ele. "Davi sentia a força sobrenatural que lhe havia sido comunicada pelo Espírito de Deus, no dia de sua unção (I Sam. 16.13), e é provável que já tivesse falado de seu intenso desejo de enfrentar o temido adversário, face a face. E isso já fora noticiado a Saul" (Ellicott, *in loc.*).

Este versículo reinicia a narrativa que havia sido cortada no vs. 12, pelo suplemento adicionado de outra fonte. O suplemento (vss. 12-31) provavelmente teve origem posterior. Saul, embora tivesse sido antes um homem corajoso, gradualmente retrocedera para as sombras. O *espírito* que o vexara lhe roubara a iniciativa (I Sam. 11.6). Agora, ele dependia dos outros para realizar a tarefa. Assim, Davi foi uma adição bem-vinda ao seu exército, já se tendo tornado seu escudeiro (ver I Sam. 16.21).

17.33

Porém Saul disse a Davi. *Saul* não viu em Davi nada que o identificasse com um campeão que pudesse enfrentar o gigante. De fato, para ele, Davi era apenas um jovem ambicioso e atrevido, ao passo que o gigante era um guerreiro experimentado na arte da matança. As *aparências* o enganaram. Ele não sabia que estava na presença do próximo rei de Israel, que seria capaz de libertar o povo da dominação e da influência estrangeira, livrando a terra daquelas *sete nações* que ainda a ocupavam (ver Êxo 33.2 e Deu. 7.1 quanto a esses sete povos). Ele não sabia que estava diante do maior dos reis de Israel, o antepassado distante do próprio Messias. Isso está em consonância com a descrição sobre o menino pastor, que aparece em I Sam. 16.14-23.

Na ocasião, Davi provavelmente tinha por volta de 20 anos, embora seja impossível determinar sua idade com precisão. Alguns estudiosos calculam que ele teria apenas 14 anos, mas isso já é um exagero.

17.34,35

Respondeu Davi a Saul. Os perigos da vida de um pastor são indicados em Gên. 31.39,40 e Amós 3.12. É verdade que Davi tinha experiência de matar apenas ursos e leões, mas certamente esses animais eram tão perigosos quanto o gigante filisteu. Certa ocasião, um urso veio e tomou um cordeiro. Davi não hesitou. Tomou o pobre animal de dentro da boca do urso. Então, em outra ocasião, um leão fizera a mesma coisa, e Davi repetira o bravo feito. O texto não indica quais *armas* Davi usava nessas aventuras. Sansão, com sua imensa força física, havia usado suas mãos nuas, mas não há nenhuma reivindicação de que Davi fosse outro Sansão. Ver Juízes 14 quanto à história de Sansão e o leão; o vs. 14.5 atribui o feito de Sansão, naquela oportunidade, ao "Espírito de Deus", e o texto presente aparentemente quer que suponhamos que Davi só enfrentaria tamanho desafio por intervenção divina. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

No tempo de Davi a área em redor de Belém era densamente arborizada, e havia ali tanto leões quanto ursos em abundância. Esses animais perseguiam os rebanhos. Até hoje, há ursos em algumas áreas da Palestina. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Urso* e *Leão.*

17.36

O gigante filisteu seria adicionado aos grandes feitos de Davi. O elemento divino far-se-ia presente, visto que *Yahweh* estava sendo alvo de zombarias por parte de Golias. A identificação entre Yahweh e Israel era tão próxima que o que acontecesse a um automaticamente acontecia ao outro. Isso reflete o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus não somente criou o mundo, mas está presente para intervir, recompensar e dirigir, para abençoar e amaldiçoar. O *deísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), em contraste, ensina-nos que há um poder criativo, pessoal ou impessoal, o qual abandonou o universo, deixando-o à mercê das leis naturais. A filosofia do Antigo e do Novo Testamento é altamente teísta.

Este incircunciso filisteu. Ou seja, um pagão que não tinha parte no Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18), *cujo sinal era a circuncisão.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Circuncisão,* para completas informações, incluindo os simbolismos. Um homem incircunciso não contava com o favor de Deus, como os hebreus. Portanto, Golias seria divinamente desfavorecido, mas Davi seria divinamente *favorecido,* e isso faria toda a diferença em tempos de crise.

"Ele, o idólatra, deveria reconhecer que não estava tratando com um mero homem, mas com Deus; e com um *Deus vivo,* e não um ídolo sem vida" (Bíblia de Berlegurger).

"... ele era um selvagem, cruel e imundo... e seria morto como eles (os animais) tinham sido" (John Gill, *in loc.*).

17.37

O Senhor me livrou. Não era pouca coisa entrar em combate pessoal com um urso ou um leão. Yahweh *recebeu o crédito por ter livrado* Davi daquelas feras. Por semelhante modo, Davi seria libertado daquele terror, o gigante. Se a tarefa é *de Deus,* então o sucesso está garantido, pois não há tarefa difícil demais para Ele. Os homens tornam-se recebedores do que Ele provê. Eles *compartilham dos feitos divinos.* É grande confiar no braço de Deus. Saul havia participado desse tipo de confiança e assim foi convencido pelos argumentos de Davi. Então proferiu sua bênção sobre Davi, implorando a ajuda divina para a tarefa. Os textos sagrados insistem em informar que houve algo de divino na coragem de Davi, ficando entendido que era assim que a vida humana deveria ser preservada.

17.38,39

Saul Fez o Melhor que Pôde. Deu a Davi sua própria e preciosa armadura. Aquilo era a melhor coisa que Saul tinha, e não a reteve. Mas o *melhor do homem, naquele momento, não era suficiente.* De fato, o melhor de Saul só serviu para atrapalhar Davi. A armadura era por demais pesada. Impedia os movimentos do jovem. O melhor do homem, naquela crise, era pouco demais e insuficiente para a tarefa. Mas pelo menos, Saul fez o que estava a seu alcance e merece o crédito por isso. Muitas pessoas, lá fora, estão fazendo pouco ou nada pela causa da justiça. Saul era um homem muito alto e pesado, embora não se comparasse ao gigante filisteu. Sua armadura servia apenas de estorvo, e sua lança era por demais longa e pesada. Eram boas para Saul, mas não para Davi. Os Targuns dizem, muito pitorescamente, que "não havia milagre nelas" (referindo-se à armadura e à lança de Saul). Era necessário um *milagre* para a ocasião, e isso não podia ser encontrado nas provisões de Saul. Há ocasiões em que somente a *provisão divina* é adequada para uma tarefa. Todos os homens enfrentam tais situações. Feliz é o homem cujo Deus é o Senhor.

17.40

Escolheu para si cinco pedras lisas do ribeiro. Este versículo é bastante original. Davi saiu ao encontro do gigante, armado somente com seu equipamento de pastor, além da *funda,* que podemos supor que também era usada para defender suas ovelhas. Ele levava ainda seu *cajado* de pastor, que seria uma arma ridícula para usar contra um gigante, que a quebraria com imensa facilidade. E *carregava também seu alforje de pastor,* no qual guardou cinco pedras escolhidas. Ao que parece, era um pequeno receptáculo onde os pastores carregavam provisões básicas. Há intérpretes que supõem que a referência seja a um pedaço de couro usado para segurar as pedras a serem atiradas, ao qual estavam seguras cordas de couro.

Funda. Ver no *Dicionário* sobre a *Funda.* Entre os hebreus, os gregos e os romanos, esse item era usado como arma; e, nas mãos de um homem habilidoso, era um arma verdadeiramente mortífera. Era motivo de chacotas, entre os romanos, que alguns homens pudessem enviar uma pedra ou um pedaço de metal com tamanha força, usando uma funda, a ponto de esse pedaço se dissolver por causa da fricção com o ar! Os benjamitas, em Israel, eram especialmente habilidosos em seu uso (Juí. 20.16).

Espiritualização dos Pais. Há alguns comentários curiosos nos escritos dos pais da Igreja sobre esse texto. As *cinco pedras* representam os cinco livros de Moisés, que fluem da correnteza principal do judaísmo. Pedras tiradas das águas

do ribeiro de Deus podem matar Satanás e suas tentações. "A funda e as pedras", nas mãos do crente, simbolizam "está escrito", pois dependem da Palavra de Deus quanto ao seu poder.

17.41

O filisteu. Finalmente, Golias encontrara adversário. Ele estava felicíssimo por alguém ter aceitado seu desafio. Agora teria oportunidade de mostrar quão forte era, impressionando as pessoas e fazendo-as temer sua ferocidade e sua habilidade de matar. Seu escudeiro vinha à frente, mas no momento exato entregaria o escudo ao combatente. Ali estava o filisteu, com 2,75 metros de altura e uma armadura de cerca de 115 quilos, segurando aquela lança gigantesca que parecia mais com o eixo de um tecelão (vs. 7). Em contraste, o *jovem* Davi aproximava-se sem nenhuma armadura, sem lança, mas apenas com aquela ridícula funda. A cena parecia mais um ato de comédia que uma cena de batalha séria.

17.42

Olhando o filisteu... o desprezou. O terrível filisteu não acreditava no que estava vendo. Seu adversário era apenas um jovem, não um guerreiro experimentado. Era apenas um belo rapaz, cuja tez avermelhava sob a exposição ao sol, um menino dos campos de pastores (ver I Sam. 16.12 e suas notas expositivas, quanto à aparência física de Davi).

Sem dúvida não era uma situação de *duelo*. Um matador torna-se campeão ao enfrentar fortes oponentes e vencê-los. Nenhum campeão torna-se tal por matar jovens adolescentes. O filisteu sentiu-se insultado por toda a situação e então *desprezou* Davi. Pouco imaginava que estava enfrentando um jovem destinado a tornar-se o maior matador de todos, o qual livraria Israel do assédio de seus adversários, consolidaria a monarquia e faria de Jerusalém a sua capital.

17.43

Disse o filisteu a Davi. O gigante sentiu-se insultado pelo rapazinho que comparecia diante dele com aquele tolo cajado de pastor e aquela funda. Seria o temível Golias comparado a um *cão* que Davi poria em fuga jogando pedras? Os cães são animais considerados desprezíveis em muitas partes do Oriente. Eles ficam vagando em bandos pelas redondezas, sem disciplina, a maioria sem dono, empestados, ladrando e lutando por pequenos pedaços de alimento.

Golias Amaldiçoou Davi. Mediante palavras insolentes, Golias amaldiçoou Davi. Ele solicitou a seus deuses que amaldiçoassem o jovem que causava cena tão ridícula. "Os heróis de Homero geralmente tinham uma altercação antes de entrar em batalha" (Adam Clarke, *in loc.*). Será que aquele jovem atrevido tentaria bater nele com seu cajado de pastor, como faria com um cão? Davi parecia implorar a morte, e os deuses somaram-se ao seu poder, não porque Golias necessitasse deles para a ocasião, mas porque seria apenas *adequado* Davi ser totalmente amaldiçoado pelos deuses e homens.

17.44

Vem a mim. Assim disse o gigante, dando uma ordem a Davi. "Vamos terminar com esta brincadeira. Tu, jovem atrevido, logo serás alimento para os urubus e para as bestas do campo. É isso tudo quanto vales, e eu apressarei o teu destino". Era uma desgraça para a maioria dos antigos (e certamente para os hebreus) que um cadáver fosse deixado sem sepultamento, tornando-se alimento de animais ferozes. Golias garantiria o *insulto final* para o "campeão" de Israel. O corpo desmembrado *não* seria entregue a Israel para sepultamento, mas seria abandonado em campo aberto.

Encontramos algo similar na *Ilíada* de Homero (xiii.1053), em que Heitor se dirigiu a Ajax mais ou menos com as mesmas palavras. Ele disse que as aves do céu se alimentariam da *gordura e dos ossos* do corpo de Ajax.

17.45

Davi, porém, disse ao filisteu. A magnificente armadura de Golias não representava muita coisa, porquanto Davi viera à batalha como representante de Yahweh, para defender a honra e o bem-estar de Israel. As aves do céu e os animais ferozes banquetear-se-iam, mas com o corpo que o gigante proveria.

Yahweh Sabaoth, o "Senhor dos Exércitos" é o nome divino usado aqui para retratar Yahweh como o general do exército de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*. "O que Golias esperava de suas armas, Davi esperava da parte do nome inefável" (Adam Clarke, *in loc.*). "Davi, o mensageiro de Deus, veio em seu nome, destinado a provocar a queda de Golias" (John Gill, *in loc.*).

17.46

Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão. Foi uma vitória global. Em um momento de inspiração, Davi pôde vislumbrar não somente sua iminente vitória pessoal sobre Golias, mas também o fato de que, subseqüentemente, e muito em breve, todo o exército dos filisteus seria derrotado, tornando-se alimento para as aves e feras. O episódio provaria existir um Deus vivo e poderoso *em Israel*, contrastando com os ídolos mortos dos pagãos. Chegava rapidamente o dia em que Davi libertaria todo o povo de Israel dos sofrimentos impostos pelos pagãos, o que nem Josué nem homem algum fora capaz de fazer, pois era tarefa destinada a Davi.

Toda a terra saberá que há Deus em Israel. Realmente, a mensagem teísta do Antigo Testamento tem-se espalhado pelo mundo inteiro, e essa é *a mensagem* que permanece como o grande memorial da esmagadora vitória de Davi, *uma* ilustração do poder divino em favor de Israel. A imediata referência de Davi são os inimigos de Israel, dentro e em redor da Palestina. Aquela era a "sua terra".

17.47

Saberá toda esta multidão. A referência aqui é à congregação de Israel, a Igreja do Deus vivo do Antigo Testamento. Especialmente essa multidão haveria de celebrar a vitória.

Não com espada, nem com lança. O autor sacro cria no poder da intervenção divina através da agência humana e acreditava mais nisso que nas poderosas agências humanas.

Os Targuns dizem aqui: "Pois do Senhor vem a vitória na terra; ele a dá a quem Ele quiser".

Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito,
diz o Senhor dos Exércitos.

(Zacarias 4.6)

Que o poder pertence a Deus.

(Salmo 62.11)

Não confio no meu arco, e não é a minha espada
que me salva. Pois tu nos salvaste
dos nossos inimigos, e cobriste de vergonha
os que nos odeiam.

(Salmo 44.6,7)

Não há rei que se salve com o poder dos seus
exércitos; nem por sua muita força se livra o valente.

(Salmo 33.16)

17.48

Davi... correu de encontro ao filisteu. Em contraste com seus compatriotas, que se aterrorizaram simplesmente ao ver o gigante, Davi correu para enfrentá-lo com uma coragem a toda prova, o que deve ter surpreendido todos os circunstantes. O tempo das ameaças mútuas havia chegado ao fim. Ações agora poriam fim à questão. Foi um momento de grande coragem para o jovem saído dos campos.

Com freqüência, a prova da coragem
não é morrer e, sim, viver.

(Vittorio Alfieri)

Atacaremos e atacaremos até estarmos exaustos.
E então atacaremos novamente.

(General George Patton)

17.49

A Vitória Simples. O que fora tão complexo e aterrorizante, Davi, com algumas simples voltas de funda, tornara tão simples. Seu primeiro tiro foi um acerto direto e tão poderoso que a pedra se afundou na cabeça do gigante. Golias nem ficou sabendo o que o havia atingido. Ele caiu de uma vez. O autor sacro dá-nos o final de forma extremamente simples. O que pareceu ser uma tarefa gigantesca e avassaladora foi resolvido num segundo pelo poder divino. Os espectadores,

esperando ver um conflito longo e agonizante, ficaram ali, de boca aberta. Deus havia completado a tarefa de maneira tão rápida, tão simples e tão definitiva. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

A coragem consiste em sermos iguais ao problema que temos à nossa frente.

(Ralph Waldo Emerson)

A *Septuaginta* exagera a questão aqui ao dizer que a pedra passou *através* do capacete de Golias. Adam Clarke, *in loc.*, defende que essa leitura é possível, ao citar Diodoro Siculo, livro 5, cap. 18, par. 287, o qual afirma que alguns projéteis enviados por fundas eram capazes de partir toda espécie de escudos, capacetes e "toda espécie de armadura". Mas o texto não sugere isso, um detalhe notável que não poderia faltar na narrativa.

17.50

Com uma funda e com uma pedra. Davi não possuía armadura pesada nem espada, nada do que era considerado necessário para enfrentar o perigo. Dispunha apenas de uma funda e cinco pedras lisas, mas usou apenas *uma.* Com o *poder de Deus,* sua pequena pedra foi suficiente para a tarefa. Assim é que do nosso pouco, Deus faz o suficiente para que cumpramos nossa missão. Isso ocasionalmente requer a intervenção divina, quando o *muito* de Deus substitui o nosso pouco.

A história mostra-nos que as elaboradas armaduras de ferro do feudalismo caíram subitamente diante das armas de fogo. E assim o que tinha sido usado por tanto tempo e tido como necessário para a guerra foi substituído por algo melhor, tornando-se prontamente obsoleto. O poder de Deus também tornou o poder de Golias de uma hora para outra obsoleto.

17.51

E o matou, cortando-lhe com ela a cabeça. Podemos entender neste versículo que a pedra apenas estonteou Golias, dando a Davi tempo para cortar a cabeça do inimigo com a própria espada que Golias carregava. Os críticos contendem, desnecessariamente, pelo contraste entre os vss. 50 e 51, supondo que cada um proveio de fonte diferente. Assim, o vs. 50 falaria sobre a funda, e o vs. 51 falaria sobre a espada. Essa é apenas uma complicação da história, emprestando às coisas uma sutileza desnecessária. É inútil tentar determinar exatamente o que matou o gigante. É provável que o próprio Davi não soubesse se o homem estava morto ou vivo, quando lhe decepou a cabeça.

A Fuga dos Filisteus. Vendo seu supostamente invencível campeão tão facilmente destruído por um jovem armado com uma única funda, os filisteus foram tomados por um pânico repentino, que os pôs em fuga em um instante. O que mais Yahweh teria preparado para eles naquele dia?

Pânico. Essa palavra vem do nome do deus grego *Pan.* Uma das suas funções era lançar um medo súbito no coração de um exército que o deus quisesse ver derrotado, para que o exército contrário obtivesse fácil vitória. Pan recebeu o crédito por ter posto os persas em fuga, em Maratona, quando o exército grego alcançou o que parecia ser uma vitória impossível.

17.52

Então os homens de Israel e Judá. Os israelitas tomaram vantagem imediata da situação, matando os filisteus ao longo do caminho. A batalha estendeu-se assim até as portas de Ecrom, que ficava cerca de 29 quilômetros quase a oeste de Belém, em cujas proximidades se deu a batalha. Ver I Sam. 17.1,2 quanto ao lugar onde houve o confronto. Embora *Socó* (ver I Sam. 17.1) ainda não tenha sido localizada com exatidão, deve ter estado menos de 32 quilômetros a oeste de Belém, e dali, a noroeste, ficava Ecrom, a cerca de 29 quilômetros. Belém, Socó e Ecrom formavam um triângulo cru, de ponta-cabeça (com a ponta apontando para o sul). Feridos e mortos ficaram espalhados diante de *Saarim* e *Gate* (ver a respeito no *Dicionário*). Esses lugares ficavam ao sul de Ecrom, a apenas alguns quilômetros de distância. Ver Jos. 15.36 quanto a outra Saraim (Saaraim), que alguns estudiosos identificam com a do texto presente. Josefo afirma que 30.000 filisteus foram mortos, e o *dobro* desse número foi ferido (*Antiq.* 1.6, cap. 9, sec. 5). Nesse caso, eles sofreram uma derrota humilhante naquele dia. Coube a Davi levar os filisteus à total extinção, livrando Israel para sempre dos ataques molestos.

17.53

E lhes despojaram os acampamentos. Como era comum nas guerras da época, houve despojos das habitações e dos acampamentos do exército derrotado. As guerras santas (ver as notas a respeito em Deu. 7.1-5 e 20.10-18) não permitiam que se tomassem despojos, nem que fossem feitos prisioneiros. É provável que absolutamente todos os feridos tenham sido mortos. Mas parece ter havido uma exceção a essa regra, pois aos israelitas foi permitido ficar com os despojos. Usualmente, porém, todas as coisas, mercadorias, vida humana e vida animal eram oferecidas como um grande *holocausto* (ver no *Dicionário*) a Yahweh. O dia dos filisteus ainda não havia terminado, mas agora isso não estava tão distante. Eles ainda haveriam de sofrer o látego de Davi, em outras ocasiões.

17.54

Tomou Davi a cabeça do filisteu. *O troféu horrendo,* a cabeça de Golias, foi levado para ser exibido em Jerusalém, mas a armadura de Golias foi posta em uma tenda. As pessoas também desejariam ver essa armadura, por ser notável em tamanho e peso. Certamente era uma curiosidade que inspirava o respeito.

E a trouxe a Jerusalém. Os críticos salientam que *Jerusalém* ainda não estava nas mãos de Israel, e sugerem que essa palavra seja substituída pelo termo "S[illegible]. Isso faz bom sentido e remove a dificuldade, mas é apenas uma conjectura. Ellicott explica que, embora a *fortaleza de Jebus* ainda continuasse nas mãos dos jebusitas (ou seja, o monte Sião ainda não tinha sido conquistado por Israel), a cidade de Jerusalém propriamente dita já fora tomada. Cf. Jos. 15.63 e Juí. 1.21. Isso solucionaria a dificuldade, mas não sabemos dizer se a conjectura está ou não com a razão.

Pô-las Davi na sua tenda. Provavelmente isso aponta para o lugar onde Davi habitava, em Belém. Alguns estudiosos dizem que está em mira aqui o tabernáculo, mas não há o menor indício sobre isso no texto sacro.

17.55,56

Busca-se a Identidade de Davi. Este versículo diz-nos que Saul não sabia nada sobre a família de Davi, dando a entender que também não sabia muita coisa sobre o próprio Davi. No entanto, fomos informados antes que Davi era músico da corte e Jessé tinha mandado presentes a Saul, o que significa que lhe era conhecido. Ver I Sam. 16.18-23. Os críticos explicam que estamos tratando com *duas fontes informativas,* e elas não concordam em todos os pontos. Os conservadores supõem que tenha havido um distúrbio cronológico, e, quando Saul fez a declaração deste versículo, ele ainda não conhecia Davi ou sua família. Nesse caso, Davi tornou-se músico da corte somente *depois* de ter matado Golias. No entanto, nada há no livro de I Samuel para a veracidade desse argumento. A Septuaginta simplesmente deixa de fora os vss. 55-58, removendo a dificuldade. Já notamos que, por razões similares, são deixados de fora os vss. 12-31 do capítulo presente. Provavelmente, os críticos estão com a razão neste caso. Estaríamos tratando com uma fonte separada, provavelmente posterior, que simplesmente não concorda, em todos os pontos, com a fonte mais antiga.

Eugene M. Merrill (*in loc.*) sugeriu que o trabalho de Davi como músico da corte fora breve e intermitente, e diversos anos se passaram desde que Saul o vira pela última vez. Nesse caso, Saul simplesmente esquecera Davi, e não mais o reconhecera. Mas essa explicação fica muito a dever. Nada no texto apóia tal coisa. Trata-se de uma solução *ad hoc* que dificilmente pode ter base na realidade. Algumas vezes a fé consiste em crer em algo que não é verdade, por consolo mental ou por alguma outra razão subjetiva. Seja como for, questões como essa nada têm que ver com a fé religiosa e só deixam perturbadas a duas classes: os ultraconservadores, que buscam harmonia a *qualquer* preço, nem que seja à custa da honestidade; e os céticos, que se aproveitam de qualquer coisa para justificar seu ceticismo.

Abner (ver a respeito no *Dicionário*) recebeu a tarefa de descobrir tudo quanto pudesse a respeito de Davi. E, no entanto, I Sam. 16.21 informa-nos que Davi já era escudeiro de Saul. A dificuldade, portanto, persiste. Abner era tio de Saul e oficial de seu exército. Ver I Sam. 14.50. Neste versículo, ele é representado como aquele que conduziu Davi à presença de Saul.

17.57

Abner o tomou e o levou à presença de Saul. I Sam. 13.15 apresenta Saul em Gibeá, onde, presumivelmente, estavam sua corte e seu quartel-general, pois Jerusalém ainda não fora conquistada por Israel. Este versículo, contudo, diz que Davi conduziu a cabeça de Golias até Saul (presumivelmente à sua corte). Mas em I Sam. 17.54 a informação é de que Davi havia levado o horrendo troféu a Jerusalém. Devemos supor, portanto, que Davi carregou a cabeça decepada de Golias de Jerusalém a Gibeá, uma distância de aproximadamente 10 quilômetros.

Davi é representado como participante de atividades militares, de tal maneira que, tendo matado Golias, foi ao campo de batalha ajudar os israelitas a liquidar os filisteus.

17.58

Filho de teu servo Jessé, belemita. *Davi revelou sua identidade a Saul,* como se o fizesse pela primeira vez. A passagem de I Sam. 16.18-23, porém, já havia afirmado que isso ocorrera quando Davi se tornou músico da corte. E I Sam. 16.21 diz que Davi se transformou em escudeiro de Saul. Ver essas dificuldades discutidas nos comentários dos vss. 55,56. Essa entrevista, provavelmente, aconteceu em Gibeá, lugar do nascimento de Saul e seu quartel-general. É tolice imaginar que Davi tenha "refrescado a memória de Saul", presumindo-se que o rei tivesse esquecido o músico ou que sua condição mental estivesse deteriorada a ponto de, repentinamente, ele esquecer até detalhes importantes. Rejeitemos a harmonia a qualquer preço, a bem da honestidade.

Capítulo Dezoito

Davi e Jônatas (18.1-5)

"O acordo estabelecido entre Davi e Jônatas por certo é histórico. Embora a fonte primária pareça não incluir nenhuma menção a esse pacto, alguma descrição sem dúvida fazia parte do documento original, antes de ser misturado com o material posterior, porquanto existem *três* passagens que contêm referências a essa amizade (I Sam. 22.8; II Sam. 1.17-27; 19.1-13)" (George B. Caird, *in loc.*).

Davi estava sendo preparado para sua elevada missão como segundo rei de Israel. Como pastor, aprendera a arte de proteger os fracos e obter vitória sobre inimigos fortes. Ele tinha uma personalidade bem formada e era músico respeitado. Tornou-se escudeiro de Saul (ver I Sam. 16.21) e estava aprendendo a arte de ser soldado e comandante. Na corte aprendia a ser estadista. Mas, acima de tudo, conforme informam os versículos seguintes, Davi estava colocando em prática a lei do amor, tornando-se amigo especial de Jônatas, um dos filhos de Saul. O amor é a lei universal que sumaria toda lei justa (ver Rom. 13.8 ss.).

18.1

Entrevista entre Davi e Saul, na corte deste, em Gibeá (17.58), pôs Davi em contato com um amigo especial, Jônatas. Uma poderosa amizade desenvolveu-se entre os dois, de tal modo que a alma deles foi "costurada" uma à outra, e eles se amaram como amavam a própria alma.

"Eis aí o começo de uma *amizade* clássica. A própria palavra incorpora um milagre que o judaísmo e o cristianismo muito apreciam. Interpretações puramente materialistas da vida podem ser refutadas de muitas maneiras, mas por certo a amizade humana é um poderoso elemento para qualquer compreensão espiritual da experiência" (John C. Schroeder, *in loc.*).

Feliz é a casa que abriga um amigo.
Um amigo é uma pessoa com quem sou sincero.
Diante deie, posso pensar em voz alta.
Um amigo pode ser considerado
uma obra-prima da natureza.

(Ralph Waldo Emerson)

Tenho amado meus amigos conforme tenho amado
virtualmente a minha alma, meu Deus.

(Sir Thomas Browne)

Um amigo é outro "eu".

(Aristóteles)

Nunca injuries um amigo, nem mesmo por brincadeira.

(Cícero)

A única maneira para ter um amigo é ser um.

(Ralph Waldo Emerson)

Não há deserto como aquele que não tem amigos.

(Baltasar Gracián)

18.2

Saul naquele dia o tomou. *Daquele dia em diante,* Davi tornou-se residente permanente da corte de Saul, em Gibeá. Este versículo pode ser a tentativa, da parte de algum editor, para reconciliar duas fontes informativas que foram misturadas em I Samuel. Já vimos que Davi era músico da corte e escudeiro de Saul (ver I Sam. 16.18-23), mas então se disse que ele chamou a atenção de Saul, *como que* pela primeira vez (ver I Sam. 17.55-58). Este versículo dá a entender que Davi já não trocava de residência entre os campos de Jessé e a corte de Saul. Cf. I Sam. 17.15, onde vemos Davi fazendo essa troca. Em breve, Davi se casaria com a filha de Saul, de acordo com a promessa do rei ao vitorioso na luta com Golias (ver I Sam. 17.25).

18.3

Jônatas e Davi fizeram aliança. *A Aliança de Amizade.* Eles juraram amizade e lealdade, apoio, proteção e ajuda mútua, e "formalizaram" seu acordo mediante uma espécie de troca de objetos de valor, que se tornaram o sinal de sua profunda amizade. "... apoiariam os interesses mútuos, tanto em vida quanto na morte, sem importar quem fosse o sobrevivente" (John Gill, *in loc.*). Essa amizade incomum pode ter sido *um* dos fatores pelos quais Saul se voltou contra Davi, embora certamente não a razão principal. Havia muitos motivos para Saul ter inveja de Davi, e essa inveja cresceu até tornar-se um plano maligno que buscava tirar a vida de Davi.

18.4

Houve Troca de Objetos Valiosos. É de presumir-se que eles tenham trocado objetos valiosos, embora este versículo mencione apenas os presentes de Jônatas a Davi. Jônatas deu coisas que lhe eram importantes como soldado, e provavelmente peças de roupa. Homero (*Ilíada,* VI. 230) ilustra o fato de que a troca de armadura ou de peças do vestuário era uma maneira comum de selar novas amizades. Portanto, temos as seguintes palavras:

Agora, troquem as armas e provem um ao outro
Que guardamos a amizade de que nos jactamos.

"... para que possam parecer como *um,* tanto no corpo quanto nas vestes e nos hábitos" (John Gill, *in loc.*).

18.5

Saul o pôs sobre tropas do seu exército. *Davi, o Capitão.* Primeiramente, Davi tornou-se soldado e mensageiro de Saul. Em seguida tornou-se capitão, talvez um comandante de mil. Ele se conduzia sabiamente, e logo obteve o favor de seus amigos soldados e também do povo comum. Sua estrela subia, enquanto a de Saul se punha. Davi passava por um período de preparação para tornar-se rei. Cf. o vs. 13, que diz especificamente que ele conduzia mil homens.

"O historiador chama aqui nossa atenção especial para o estranho poder que Davi exercia sobre o coração dos homens. Não foi somente sobre Saul e seu valoroso filho que Davi conquistou rápida influência, mas também sobre a corte e sobre o exército... Seu rápido soerguimento à alta posição era apreciado com favor geral" (Ellicott, *in loc.*).

A Inveja de Saul (18.6 – 19.24)

A *inveja profissional* é algo terrível. O desejo de ser o primeiro e o mais destacado inspira muitas pessoas a criticar e realizar coisas contra os semelhantes. Mas a inveja de Saul era tanto profissional quanto pessoal, e o historiador sagrado demora-se por longo tempo sobre o assunto. Davi foi finalmente *obrigado a fugir, por causa da inveja de Saul, que se tinha transformado em ira,* e a ira se transforma no desejo e no esforço de matar (ver I Sam. 21.1-27.12). Saul temia Davi (vs. 12) e admirava-se diante dele (vs. 15), pelo que seus temores crescentes o transformaram em um matador. Saul, a princípio, declinara a função de rei e até fugira de tal responsabilidade (ver I Sam. 10.22); mas, uma vez que adquirira o poder real, depois de obter notáveis vitórias na guerra, por nada deste mundo desistiria de sua posição, prestígio e poder. Davi, pois, parecia-lhe uma ameaça, e a morte de Davi tornou-se extremamente desejável. Tudo isso fez parte da degradação de Saul, que sem dúvida só pode ser explicada como resultado da influência do espírito maligno, que viera para vexá-lo (ver I Sam. 16.14,15,23).

"Tão enraivecido estava Saul diante da diminuição de sua glória que, inspirado pelo espírito demoníaco (vs. 10; cf. com I Sam. 16.14-16; 19.9), tentou golpear de morte Davi, com sua lança (ver I Sam. 18.10,11; 19.9,10). Mas *Deus* livrou Davi e deu-lhe ainda maior popularidade (I Sam. 18.12-16)" (Eugene M. Merrill, *in loc.*).

18.6

As mulheres de todas as cidades de Israel. As mulheres têm uma tendência especial para a glorificação de heróis populares. Atualmente elas são os elementos mais importantes dos fãs-clubes, que adulam atores e figuras esportivas famosas. É realmente engraçado (e desgostoso) vê-las a chorar e gritar quando seus heróis fazem alguma aparição. Até meninas pequenas são apanhadas nesse jogo tolo. Atualmente, os heróis militares tornam-se presidentes, mas as mulheres não iniciam fãs-clubes para eles. Nos dias de Davi, entretanto, um grande matador que tornasse a vida mais segura era objeto de profunda admiração. Ademais, esperava-se que os reis fossem grandes matadores, porque a sobrevivência de um povo dependia do êxito na guerra quase interminável. Miriã liderou as mulheres israelitas em cânticos e danças para celebrar a travessia do mar Vermelho (ver Êxo. 15.20). Cf. II Sam. 1.20.

"Charles Doughty viu mulheres beduínas dançando e cantando ao encontro de seus guerreiros, que retornavam de um ataque" (*Traveis in Arabia Deserta,* I, 499). O cântico que vemos aqui é um exemplo do exagero oriental, que não deve ser entendido literalmente. Nesse estágio inicial, Davi apenas iniciava sua carreira militar" (George B. Caird, *in ioc.).*

Uma contagem dos mortos, nessa altura dos acontecimentos, teria demonstrado que Saul ainda estava muito à frente de Davi no jogo da matança.

Saul e Davi estavam ali, sendo louvados pelos cânticos das mulheres. Elas davam crédito a Saul pela parte que lhe cabia, mas o jovem e simpático Davi era o principal objeto dos cânticos e danças.

E *com instrumentos de música.* *Especialmente harpas e flautas, coisas* que elas tangiam com as mãos, instrumentos de cordas e instrumentos de sopro. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Música, Instrumentos Musicais.*

Se "a música tem encantos que suavizam as feras e abrandam as rochas" (William Congreve), nesse caso, a fera selvagem que havia em Saul foi ainda mais despertada pelos cânticos e pelas danças femininas.

18.7

As mulheres se alegravam. Elas formavam dois grupos e cantavam em uma espécie de intercâmbio, em que uma respondia à outra, ou adicionava ao que a outra tinha cantado. Para aborrecimento de Saul, o diálogo pervertia a verdade. Saul é quem tinha matado 10.000, e Davi somente 1.000. Mas aquelas mulheres, em sua adulação ao jovem soldado, não estavam interessadas na exatidão histórica e na contagem de mortos. Essas palavras são repetidas em I Sam. 19.5, e parece que se tornaram populares e proverbiais. Talvez essas palavras não fossem originais, mas tivessem sido tomadas por empréstimo de antigos cânticos nacionais ou populares.

18.8

Então se indignou muito. *Saul reconheceu imediatamente* a adulação das mulheres como uma ameaça ao seu reinado. Samuel havia predito que ele seria substituído e nenhum de seus filhos ocuparia o trono. De uma família diferente seria levantado um rei (ver I Sam. 13.14 e 15.23). Justamente diante de seus olhos, *formavam-se as circunstâncias que levariam a profecia de Samuel a pleno* cumprimento. Saul, assim sendo, tornou-se vítima das próprias circunstâncias que tinha cultivado e ajudado a formar. Estava colhendo o que havia semeado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

18.9

Saul não via Davi com bons olhos. Esta é uma tradução quase literal do original hebraico. Embora antes Saul tanto tivesse favorecido Davi, agora o fitava com fúria humicida nos olhos. A primeira tentativa de despachá-lo com sua lança ocorreria logo em breve, ou seja, no dia seguinte (vss. 10 e 11). Os Targuns dizem que Saul "se pôs à espreita" a fim de matar Davi.

"Emocional e socialmente inseguro, o rei logo se traiu. Não é de admirar que a *inveja* seja um dos pecados mortais. Exige grande espiritualidade da parte de quem quer que seja, particularmente se essa pessoa está revestida de grande responsabilidade, reconhecer que alguém mais jovem é mais capaz. Uma vez que a inveja comece, rebenta como um mato e não pode ser extraído, senão através das mais heróicas medidas... Saul não era maduro o suficiente; também era por demais egoísta, por demais assustado acerca de seu estado, para considerar o sucesso de Davi com qualquer outra coisa senão com temor" (John C. Schroeder, *in loc.*).

18.10,11

No dia seguinte um espírito maligno. O espírito maligno que viera para vexar Saul (ver I Sam. 16.14-16 e 19.9) cansara de fazer o rei apenas malhumorado e desanimado. Agora o demônio queria *ação,* pelo que o *inspirou a* assassinar Davi. Isso concordava com a degradação em que Saul estava mergulhado e na qual se afundava cada vez mais. A influência demoníaca caracteriza-se pela ruína gradual. Algumas vezes, mais que uma entidade está envolvida nessa questão. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Possessão Demoníaca,* e no *Dicionário* o verbete intitulado *Demônio, Demonologia.*

Encravarei Davi na parede. É interessante observar como o demônio inspirava Saul a profecias e declarações diabólicas: "Destruirei meus inimigos; preservarei minha autoridade; ficarei livre de Davi" etc. Entrementes, Davi tocava sua harpa tentando acalmar o espírito de Saul; mas agora a música de nada mais adiantava. É que Saul vivia no frenesi do assassinato, e exatamente ali, enquanto Davi tocava, Saul tentou atravessá-lo com sua lança e espetá-lo na parede. Saul fez *duas tentativas.* Ou sua pontaria era ruim, ou Davi era ligeiro demais. Foi assim que Davi escapou às tentativas assassinas da parte de Saul.

"Que tremenda queda para o rei-herói de Israel, o ungido do Senhor, cujo reinado tinha começado com tanto brilho e sucesso!" (Ellicott, *in loc.*). O mesmo autor sugeriu que, em seu frenesi, Saul era um homem possuído, proferindo palavras que nem mesmo ele entendia. Se Ellicott está com a razão, então Saul estava engajado em uma espécie de falar em línguas diabólico.

A lança era um emblema de autoridade real, e os reis antigos sempre estavam acompanhados por essa arma. Os monumentos antigos documentam o fato com abundância. Assim Saul tinha sua lança real preparada para cometer um desatino.

Os Targuns mostram Saul agindo como um louco, proferindo maldições e fazendo gestos selvagens. De súbito, o louco projetou sua lança, mas errou. *Tentou outra vez, mas tornou a errar.* Então Davi desertou do palácio real, para evitar outras tentativas.

18.12

Saul temia Davi. A *presença divina* com Davi o tornava um candidato óbvio ao trono, um homem que Saul temia. Além disso, o poder divino se afastara de Saul, deixando-o confuso e temeroso (ver I Sam. 16.14). A lição deste versículo é universal e pessoal. Aquele homem, inspirado pelo Espírito, era dotado de uma missão. Sem o Espírito, porém, era apenas um joão-ninguém.

> *Não por força nem por poder,*
> *mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.*
>
> (Zacarias 4.6)

> *Uma vez falou Deus, duas vezes ouvi isto:*
> *Que o poder pertence a Deus.*
>
> (Salmo 62.11)

O herói que havia tirado a vida de milhares de pessoas não era capaz de matar um único homem em seu dormitório, com a lança que se recusava a atingir o alvo. O antigo vigor e habilidade de Saul o haviam abandonado. Mas ele continuaria tentando destruir Davi e o poria em fuga, até o dia em que a morte *atingisse Saul e Jônatas no campo de batalha.*

18.13

Saul o afastou de si, e o pôs por chefe de mil. Ao tentar refrear suas intenções assassinas, Saul removeu Davi de sua corte e nomeou-o capitão de mil. Dessa maneira, Davi teve oportunidade de mostrar sua bravura, obtendo ainda maior favor diante do exército; ou, o que muito agradaria a Saul, talvez, fosse morto em alguma batalha. Saul estava disposto a assumir o risco. Conforme as coisas ocorreram, Davi aumentou sua reputação e irritou ainda mais a Saul, o qual, por sua vez, pôs Davi em fuga. Saul não tinha motivos mistos. Ele queria livrar-se de Davi por qualquer ato que fosse necessário.

Entrementes, Davi fazia "saídas e entradas militares" diante do povo, conduzindo suas tropas de mil a batalhas, das quais sempre retornava, para desânimo de Saul. A população em geral observava suas saídas e entradas, aprovando tudo quanto Davi fazia.

18.14

Davi lograva bom êxito. Em contraste com Saul, Davi fazia tudo direito; mostrava-se prudente e sábio; e também corajoso e bem-sucedido em batalha. Ele era uma demonstração viva de como um homem age quando acompanhado pelo Senhor. "Tanto na corte quanto no campo de batalha, em qualquer serviço em que fosse empregado, Davi prosperava" (John Gill, *in loc.*). Ele era um tipo de Cristo (ver Isa. 52.13) e, como no caso de seu descendente distante, o Messias, "o Senhor estava com ele". Os Targuns dizem: "A palavra do Senhor era sua ajuda".

18.15

Tinha medo dele. O sucesso incomum de Davi, sua crescente popularidade, o fato de fazer tudo bem, somente agravavam as condições de Saul, de modo que sua inveja crescia e ele temia Davi, cada vez mais, conforme o tempo passava. "Saul via que, mediante sua conduta prudente, a cada dia a influência de Davi crescia" (Adam Clarke, *in loc.).* O temor de Saul incluía o fato de que algum dia, não muito distante, Davi seria rei em seu lugar, em consonância com a profecia de Samuel (ver I Sam. 13.14 e 15.23). Saul desejava ser o *grande homem* em Israel, e não toleraria que outro homem ocupasse essa posição.

18.16

Todo Israel e Judá amavam Davi. Davi merecia o *amor* de homens bons, da parte do exército, e até da população em geral, ao mesmo tempo que Saul diariamente perdia prestígio. As pessoas sabiam que, se Davi se saísse bem, isso significava maior segurança para todos. Davi derrotava os inimigos que mantinham o povo de Israel em constante sobressalto. Sua tarefa era livrar Israel de todos os inimigos, aniquilando as *sete nações* (ver Deu. 7.1) que não davam a Israel um momento sequer de paz. Davi progredia nessa tarefa e, finalmente, obteria pleno sucesso. E então Israel desfrutaria descanso e paz.

Israel e Judá. Essa divisão entre o norte e o sul de Israel provavelmente é um anacronismo. Ao que tudo indica, o autor sacro escreveu depois que a divisão se tornou realidade. Naturalmente, pode-se argumentar que *Judá,* a maior e mais forte das tribos, já era, por assim dizer, uma nação separada, pelo que podia ser mencionada independentemente do restante de Israel.

18.17

Disse Saul a Davi. A *colheita dos benefícios* por ter matado o gigante Golias incluía ganhar como esposa a filha do rei (Saul). Ver I Sam. 17.25 quanto a essa informação. Assim, de acordo com o costume, a filha mais velha de Saul, *Merabe* (ver a respeito no *Dicionário*) deveria tornar-se esposa de Davi. Mas por circunstâncias não explicadas pelo autor, essa mulher tornou-se esposa de Adriel (vs. 19). Assim Mical (vs. 20) tornou-se esposa de Davi. Esse casamento começou como uma das grandes histórias de amor da antiguidade, mas teve um final absolutamente infeliz. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mical.*

Saul, por sua vez, não foi infiel à promessa e resolveu que seria melhor não matar Davi pessoalmente, mas deixar essa tarefa nas mãos dos odiados filisteus, que poderiam fazer-lhe esse favor, algum dia. Posteriormente, não tendo isso ocorrido, Saul reiniciou a missão pessoalmente. É significativo que o desejo de Saul para que Davi fosse morto pelos filisteus foi seu próprio destino final (ver I Sam. 31.4). Foi um caso de colheita segundo a semeadura. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

18.18

Respondeu Davi a Saul. Embora severamente perseguido e sob ameaça de ser assassinado, Davi declinou tornar-se genro do rei, o ungido do Senhor. Isso era genuína humildade, não apenas por seu respeito ao rei terreno, mas porque *Yahweh* estava em toda a questão. E mesmo quando da morte de Saul, o que solucionou muitos problemas para Davi, ele ficou consternado diante do fato de que o ungido do Senhor fora morto. Ver II Sam. 1.11 ss. Davi reconheceu a humildade de sua própria pessoa e família. Nada havia de *real* neles, portanto ele não era digno de tornar-se aparentado com o rei. Mas a profecia e o destino ultrapassavam suas próprias expectações. É assim que opera a vontade de Deus. Recebemos mais que aquilo que esperamos. Ver Efé. 3.20.

18.19

Merabe... foi dada por mulher a Adriel, meolatita. A filha mais velha, de acordo com os costumes hebreus, tinha de casar primeiro, assim *Merabe,* segundo todas as aparências, seria a esposa de Davi. Mas circunstâncias não explicadas pelo autor sagrado impediram esse acontecimento. Ao que tudo indica, Saul já havia renegado uma de suas promessas maritais a Davi (ver I Sam. 17.25), pelo que talvez tivesse mudado de idéia, entregando a filha a outro homem. "A natureza volúvel e caprichosa de Saul, tão dolorosamente proeminente no final de seu reinado, exibiu-se nessa mudança súbita de propósito" (Ellicott, *in loc.*). É provável que Adriel tenha oferecido a Saul melhor negociação, como objetos de valor de vários tipos. Presentes dados a um sogro, em troca do casamento com uma sua filha, eram um costume comum. O casamento de Adriel foi desastroso. Ele, sua esposa e cinco filhos, caíram todos vítimas da vingança do sangue cobrada dos gibeonitas da família de Saul. Ver II Sam. 21.9 e seu contexto. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *Adriel,* para maiores detalhes.

Seja como for, a vontade de Yahweh funcionou em favor de Mical e Davi, e essa foi a escolha do Senhor para os dois. Nossos pensamentos não correspondem necessariamente aos Dele, nem os Dele aos nossos. A obra do Espírito é conformar nossas idéias à mente divina. E é isso que devemos buscar.

18.20,21

Mas Mical, a outra filha de Saul. *Mical* tomou a iniciativa porque crescera um grande amor em seu coração. Contaram isso a Saul. E, visto que ele tinha feito um negócio sujo, por ter negado a filha mais velha a Davi (ver o vs. 19), alegrou-se com o que estava acontecendo e prontamente entregou Mical a Davi. Uma grande história de amor assim se iniciou, mas o casamento haveria de terminar de modo excessivamente amargo. No entanto, houve alguns anos de alegria. Mas a mente distorcida de Saul levou-o a entregar Mical a Davi com maus motivos, na esperança de que ela lhe desse oportunidade para ferir o genro (vs. 21). Os vss. 25 ss. mostram-nos *como* Saul tentou matar Davi, fazendo-o "ganhar" Mical. Mais um truque sujo, visto que Davi havia matado Golias e tudo se conformava à promessa do rei (ver I Sam. 17.25).

O amor de Mical por Davi foi utilizado por Saul para tentar expor Davi a um combate mortal com os filisteus. Assim era a política da época. Mas infelizmente o próprio Davi, anos mais tarde, *similarmente* levou o bravo Urias à morte, para ficar com sua esposa, Bate-Seba, finalmente mãe de Salomão. Ver II Sam. 11.

> *Ai! O amor das mulheres! É conhecido*
> *Como coisa amável e temível.*
>
> (Lord Byron)

18.22

Consente, pois, em ser genro do rei. *Uma Influência Sutil.* Saul tinha servos (homens, sem dúvida, conhecidos por Davi) para convencer Davi das boas intenções do futuro sogro, ao entregar-lhe Mical por esposa. Depois de Saul ter tentado matá-lo, Davi sem dúvida mostrava-se cauteloso a respeito de qualquer palavra enviada diretamente pelo rei. Mas Davi nem desconfiava que estava sendo envolvido em um conluio de morte. Ele não sabia que Mical era uma viúva-negra em potencial, não por seus atos voluntários, mas pelas circunstâncias do casamento.

Lange (*in loc.*) fala pitorescamente sobre "...o tom de lisonja e conciliação usado em tais círculos", pois a política sempre foi corrupta e a palco de muitos enganos e truques sujos. Davi foi totalmente iludido pelos planos de Saul, mas Yahweh cuidou para que Davi não fosse prejudicado, sendo Ele Todo-poderoso e capaz de cumprir as condições "impossíveis" estabelecidas por Saul (vs. 25), do mesmo modo que fez Davi derrotar o "invencível" Golias.

18.23

Os servos de Saul falaram estas palavras a Davi. O truque envolvido no plano convenceu a Davi. Os servos falaram palavras de lisonja, de mentiras, aos "seus ouvidos", mediante sussurros e insinuações.

A recusa inicial de Davi baseava-se em sua *indignidade* para ser o genro do rei, o ungido de Yahweh. Seu segundo argumento era a *pobreza. Pobre* como era, Davi não tinha recursos para dar ao rei um dote à altura de sua filha. Ver as notas sobre os vss. 24 e 25 quanto à questão. Era muito caro comprar uma princesa. Davi não poderia dar-se a esse luxo, mesmo que a questão lhe fosse imposta. Mas Saul estava *facilitando* o pagamento. Este seria o âmago do seu plano para matar Davi. Mesmo que Jessé fosse um xeque local relativamente rico, Davi não seria capaz de satisfazer as exigências da corte real. Mical só poderia casar-se com um homem muito rico, preferivelmente rico *e* poderoso, para adicionar prestígio a Saul e à sua corte.

18.24,25

Tais foram as palavras que falou Davi. *Os servos de confiança de Saul* transmitiram-lhe as palavras humildes de Davi, as razões pelas quais lhe parecia impossível casar com a filha do rei. Mas nenhuma das objeções de Davi impressionou Saul. Ele tentava armar uma armadilha mortal para Davi, e essas desculpas não tiveram peso algum.

Em lugar de um *dote,* Saul requereu *troféus horrendos,* ou seja, cem prepúcios de soldados filisteus. Saul sabia que tais homens não entregariam os prepúcios sem combater até a morte; então, a fim de adquiri-los, Davi teria de matá-los. Davi matara *um gigante,* mas Saul duvidava que ele tivesse a capacidade (e a boa sorte) de combater *cem* filisteus e matá-los. Saul apresentou essa estranha condição para entregar Mical a Davi, *como se* a razão fosse livrar-se dos filisteus, o que, afinal, era da vontade de Yahweh. Era verdade, naturalmente, que muitos israelitas foram mortos, apodrecendo em seus túmulos, por causa dos odiados filisteus, e a *vingança* estava sempre na ordem do dia. Portanto, Davi realizaria um serviço divino e um serviço patriótico, os quais lhe trariam benefício pessoal e também agradariam ao futuro sogro. Essa era uma oferta que Davi não rejeitaria. Estava armado o laço para apanhá-lo.

18.26

Agradou-se este [Davi] de que viesse a ser genro do rei. *É incrível* que Davi tenha considerado positivamente a oferta de Saul. Dessa forma, Davi estaria servindo a Yahweh e à sua nação, livrando-se daqueles pestíferos filisteus, e ainda ganharia um grande prêmio: *Mical,* a filha do rei.

Três Tipos de Dotes. Um sogro potencial daria presentes a um jovem, induzindo-o a desposar sua filha. Esses presentes também serviriam para ajudar o casal a estabelecer-se. Ou então o genro potencial oferecia presentes ao futuro sogro, a fim de, por assim dizer, comprar sua noiva. Em última instância, havia a compra direta de mulheres para efeito de casamento. Todos esses três tipos de casamentos eram comuns entre os povos antigos. Ver o detalhado artigo do *Dicionário* intitulado *Matrimônio.* Davi, pois, ofereceu um dos mais estranhos presentes de casamento que um sogro já recebeu!

Heródoto (*Hist.* I.196) descreve duas formas de dotes. Ele menciona a estranha prática de *elevados preços* pagos a sogros potenciais pelas jovens mais *belas.* Mas *parte* do dinheiro era usado para prover dotes pelas jovens menos dotadas. Assim, as jovens mais belas ajudavam as que não eram tão belas.

Antes de vencido o prazo. É patente que Saul deu a Davi um limite de tempo para realizar a tarefa. Davi teria de terminar o trabalho dentro de certo tempo, ou a oferta seria anulada. Alguns estudiosos vêem o "prazo" aqui mencionado como a indicação da consumação do casamento. Mical não seria realmente dada a Davi enquanto ele não cumprisse sua parte na barganha; mas a primeira das duas idéias parece ser a que é especificada no contexto.

18.27

Feriram dentre os filisteus duzentos homens. *O Segundo Grande Triunfo de Davi.* Nesse segundo feito, Davi não saiu sozinho ao campo de batalha. Ele tinha homens de confiança, que o ajudaram na matança. Em vez de matar os cem homens requeridos, eles tiraram a vida de duzentos filisteus. Uma vez realizada a tarefa, trouxeram os prepúcios e apresentaram-nos a Saul. Podemos estar certos de que Saul não ficou satisfeito com o sucesso de Davi. Outra armadilha havia sido desmanchada. A fim de preservar a pouca reputação que lhe restava, Saul deu Mical a Davi como esposa. Foi assim que Davi cumpriu dois grandes feitos, muito bem propagados: a morte de Golias e a morte dos duzentos homens filisteus. A reputação de Davi crescia, ao mesmo tempo que declinava a de Saul; a estrela de Davi brilhava cada vez mais, enquanto a de Saul precipitava-se ao chão.

"O estado selvagem e bárbaro da época fica aqui em evidência, quando refletimos sobre a feroz crueldade de que tal oferecimento tivesse sido *feito* e *aceito,* para em seguida ser *efetuado* com o dobro de vítimas requeridas" (Ellicott, *in loc.*).

A Septuaginta diz que somente *cem* filisteus foram sacrificados, com o que concorda a passagem de II Sam. 3.14, pelo que, afinal, assim disse o trecho original. Josefo, todavia, exagerou a questão ao dizer que Davi matou *seiscentos* filisteus, cortou-lhes a cabeça e trouxe-as a Saul (*Antiq.* 1.6, cap. 10, sec. 3).

John Gill (*in loc.*) vê aqui uma *tipologia* em ação. Davi representaria Cristo; a irmã mais velha de Mical seria a nação de Israel, que não se tornou sua noiva espiritual; a filha mais jovem representaria a Igreja cristã, a legítima noiva de Cristo (ver Efé. 5.23 ss.).

18.28

Reconheceu que o Senhor era com Davi. O *invejoso Saul* em nada apreciou o sucesso de Davi. Bem pelo contrário. Podemos estar certos de que, embora Saul tivesse reconhecido que Yahweh estava com Davi, o que explicava seus feitos, isso somente o tornava ainda mais amargurado. Nem mesmo o fato de sua filha Mical amar Davi fez alguma diferença. Saul estava sob o poder do mal, moral e espiritualmente falando, e um espírito maligno controlava quase absolutamente sua vida.

Davi já havia sido severamente testado por duas vezes: a primeira, quando precisou enfrentar Golias, o gigante; e a segunda, quando teve de sair e arranjar duzentos prepúcios de guerreiros filisteus. Ele obteve fácil sucesso em ambas as tentativas, e Saul foi esperto o suficiente para reconhecer que havia algo sobrenatural em tudo isso. Seu ódio invejoso desenvolveu-se em uma inimizade pelo resto de sua vida, tornando-se uma condição incurável.

Os Targuns comentam aqui: "A Palavra do Senhor era em favor de Davi".

18.29

Saul temeu ainda mais Davi. *A ajuda divina* em nada alterou os planos de Saul matar Davi. Tudo quanto conseguiu foi fazê-lo odiar ainda mais Davi e tornar-se seu inimigo. O autor sagrado diz que esse ódio estava completamente fora do controle de Saul e crescia a cada dia. O mal que falhamos em controlar cresce a ponto de perdermos a capacidade de dominá-lo. A vontade é debilitada e tornamo-nos vítimas de nossas próprias perversões. Toda a experiência humana ilustra esse ponto.

18.30

O seu nome se tornou muito estimado. Davi obtinha seguido sucesso em todos os seus conflitos contra os filisteus, e o povo de Israel continuava a notá-lo e estimá-lo mais ainda. "Suas habilidades militares eram maiores, e seu sucesso era proporcional a essas habilidades e coragem. Por isso mesmo é dito que Davi se comportava mais *sabiamente* que todos os servos de Saul. A RSV diz aqui "lograva maior êxito", em lugar de "sabiamente", com o que concorda nossa versão portuguesa.

"... Davi mostrava-se mais habilidoso na arte da guerra, formando desígnios com maior sabedoria e prudência, os quais ele executava com propriedade" (John Gill, *in loc.*). Os Targuns contêm a palavra "prudência" no que tange aos atos de Davi. Davi prometia, realmente, pôr fim a todos os inimigos de Israel, trazendo a única verdadeira paz que a terra já havia experimentado desde Josué. Em tempo algum, antes de Davi, alguém tinha sido capaz de livrar completamente o território de Israel. Antes, as *sete nações* (ver Deu. 7.1) continuamente assediavam o povo de Israel.

Capítulo Dezenove

O *capítulo 19* dá prosseguimento à seção geral iniciada em I Sam. 18.6, onde são dadas as notas de introdução. O assunto geral é a *inveja de Saul,* que se manifestava de diversos modos. Há tentativas de reconciliação mediadas por Jônatas, filho de Saul e amigo especial de Davi. Havia promessas, mas o espírito maligno cuidou para que a boa resolução de não matar Davi não perdurasse (vss. 9 ss.). Estudos mostram que as vítimas de influência e a possessão demoníaca têm certos períodos de descanso, mas a tendência é piorar conforme o tempo passa. Saul nada tinha que esperar, exceto uma morte miserável em campo de batalha. Ele não permitiu que as forças divinas o salvassem de tal fim. Seu caminho, despenhadeiro abaixo, levou-o inexoravelmente à destruição.

Neste capítulo vemos Davi de volta à corte real, cumprindo sua arte musical. Isso deu a Saul oportunidade de tentar matá-lo de novo com a lança (cf. I Sam. 18.11 para a primeira tentativa). Após essa tentativa, Davi foi removido da corte e enviado como comandante militar de mil homens e, como é evidente, vivia em batalhas constantes. O fato de ter voltado à corte (por razões que não são explicadas) só serviu para agravar a condição de Saul.

19.1

A degradação de Saul levou-o a tentar obter toda espécie de ajuda para o plano de matar Davi. Ele chegou a falar com Jônatas, amigo especial de Davi, encorajando-o a executar crime. E outros membros da corte foram solicitados por Saul a fazê-lo.

"Saul, por esse tempo, começara a tornar-se patológico em seu ódio e temor de Davi. Ele não podia mais conservar esse sentimento negativo consigo mesmo e traiu-se diante de Jônatas, o qual procurou dissuadir o pai de matar Davi. Mas embora os temores de Saul tenham sido momentaneamente aplacados e até tenha havido uma reconciliação entre Davi e Saul, é óbvio que tais paliativos foram pouco mais que inúteis" (John C. Schroeder, *in loc.*).

A *inveja* cega um homem para os fatos. Nenhum bem pode ser visto em um inimigo. Não é de admirar que a inveja tenha sido listado entre os pecados *mortais.* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Inveja.*

"Nada menos que a interposição especial de Jônatas poderia ter salvado a vida de Davi, quando todos os oficiais que rodeavam o rei receberam ordens para despachá-lo" (Adam Clarke, *in loc.*).

19.2

Jônatas, informado dos planos loucos do pai, interveio. Enviou Davi temporariamente a um esconderijo e usou esse tempo para tentar modificar a idéia do pai. Ele fez isso por *amor à justiça,* porquanto Davi era um homem inocente. Ele não se envolveu em nenhuma conspiração para substituir a Saul. Era leal. Não havia *razão* para Davi ser morto. Além disso, Jônatas agiu assim *por causa da amizade entre ele e Davi.* Cf. a informação dada em 18.1 ss. Eles tinham estabelecido um acordo de ajuda mútua e haviam trocado de armadura e vestes (ver I Sam. 18.4), um antigo costume envolvido nos pactos.

Muitos servos de Saul se alegrariam com a oportunidade de matar o rival de seu mestre. Ganhariam fama e dinheiro. O ato poderia ter sido cometido naquele mesmo dia, o que explica a ação rápida de Jônatas em favor de Davi.

Fica num lugar oculto. Davi não podia mais dormir no próprio leito, em algum lugar da corte, conforme era seu costume. O *lugar secreto* evidentemente significa alguma parte no campo, como demonstram os versículos seguintes.

19.3

No campo. "Sem dúvida, algum jardim ou lugar tranqüilo, para onde o rei tinha o hábito de retirar-se, com seus amigos e conselheiros" (Ellicott, *in loc.*).

Davi ouviria a conversa, e então Jônatas, com vista a garantir a questão, falaria diretamente a ele, esclarecendo quaisquer dúvidas que porventura surgissem.

Verei o que houver, e te farei saber. Davi deveria *esconder-se no campo.* Jônatas levaria o pai perto do lugar do esconderijo de Davi, a fim de que a sua conversa com Saul pudesse ser ouvida por Davi. Desse modo, Davi saberia exatamente o que tinha acontecido e perceberia o perigo presente. E então teria meios de proteger-se. A esperança de Jônatas era obter completa e permanente reconciliação. Seu alvo era elevado, mas os atos subseqüentes de Saul mostraram, a ele e a Davi, que esses esforços haviam sido inúteis.

19.4

Jônatas falou bem de Davi. Por motivo de *justiça* e *longa amizade* (ver os comentários sobre o vs. 2 deste capítulo), Jônatas falou favoravelmente sobre Davi. Afinal, havia muita coisa boa a ser dita. Davi era guerreiro selvagem e matador, que estava usando suas habilidades para livrar a nação dos inimigos de Israel. Ele tinha um talento especial para isso e deveria ser apreciado *por Saul,* que foi um dos melhores defensores de Israel em toda a história, apesar de seus fracassos e seu fim trágico. Jônatas também rotulou os intuitos assassinos de Saul daquilo que eles realmente eram, "pecado". Tal ato seria contra o código moral que Yahweh havia dado, e isso só podia levar ao julgamento divino. Davi não era um rival que conspirava pelo trono. Também não havia traído a Saul. Muito pelo contrário, com grande risco para a sua própria vida, tinha incansavelmente livrado Saul.

Jônatas era herdeiro presuntivo do trono, e Davi jamais tentara prejudicá-lo e tomar sua posição. Além disso, Davi tinha feito o que estava ao seu alcance para livrar Saul de sua obsessão demoníaca, tocando habilidosamente a harpa, outro serviço prestado de bom grado ao rei.

19.5

Arriscando ele a sua vida. Isso Davi fizera em várias ocasiões, em favor de Saul e do povo de Israel. Não poupara nada de si mesmo e de seu serviço. O caso mais conspícuo ocorreu no confronto com o gigante filisteu Golias, o que nenhum outro israelita teve coragem de fazer. O próprio Saul havia abençoado Davi pela realização desse ato e lhe emprestara a *própria armadura como proteção* (ver I Sam. 17.37,38). Como, pois, tal homem poderia ter-se tornado objeto de tanto ódio? Os argumentos de Jônatas eram *irretorquíveis.*

"Os apelos constantes deste versículo, embora breves, são extremamente coerentes; e a argumentação foi tal que não houve resistência " (Adam Clarke, *in loc.*). Saul estava cônscio do desígnio divino de livrar Israel dos inimigos. Davi era parte vital desse plano. Seria grande pecado prejudicar o *homem de Yahweh.*

19.6

Saul atendeu à voz de Jônatas, e jurou. Convencido pelos argumentos de Jônatas, Saul não somente concordou em abandonar seus planos para matar Davi, mas até fez um juramento a Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Juramentos.* Os hebreus levavam a sério os juramentos, e muito mais quando o nome divino estava envolvido. No entanto, neste caso, o espírito maligno não demorou a estragar tudo.

"A comovente eloqüência de Jônatas moveu o coração de Saul" (Ellicott, *in loc.*). Mas coisa alguma haveria de fazer Saul mudar, exceto uma transformação radical de sua *vida interior,* e isso nunca aconteceu. Saul já havia degenerado a um ponto sem retorno. É provável, contudo, que Saul tenha baixado ordens cancelando suas instruções anteriores para matar Davi. Mas, sob a influência do espírito maligno, retomou pessoalmente a tarefa de tirar a vida de Davi (vs. 9).

19.7

E esteve Davi perante este [Saul] como dantes. A *reconciliação* parecia completa. Houve um breve período de paz. Jônatas informou Davi a respeito das *boas intenções de Saul. Davi foi trazido de volta à corte e prosseguiu em seu* serviço de músico, "como nos tempos anteriores". A tempestade parecia aplacada. Mas outra tempestade já se formava no horizonte. Aprendemos aqui a lição de que os raciocínios e atos humanos têm pouco poder contra o mal profundo. Deve haver uma operação radical no homem interior para que qualquer mudança seja permanente.

19.8

Tornou a haver guerra. *Novas vitórias de Davi* fizeram reaparecer as hostilidades de Saul. Os odiados filisteus continuaram a ser objeto das habilidades guerreiras de Davi, que efetuava grandes *matanças* entre os inimigos. Davi estava preparando os filisteus para um golpe mortífero. Eles, em total confusão e desespero, *fugiam* de Davi. Ninguém podia postar-se diante do poderoso guerreiro. O propósito de Yahweh, de livrar Israel de todos os inimigos na Palestina, progredia esplendidamente. Todo o povo de Israel estava satisfeito, com a única exceção de Saul, *porquanto o crescimento do prestígio de Davi só podia significar* que Saul desceria do trono, em cumprimento às temidas profecias de Samuel (ver I Sam. 15.23).

"Davi obteve vitórias críticas sobre os filisteus, mas o juízo de Saul estava de tal modo envenenado pela inveja de seu rival que ele continuou a tentar matá-lo... O ódio só consegue conviver consigo mesmo. *O ódio alimenta a si mesmo.* Trata-se de um *parasita* que, finalmente, acaba por matar seu hospedeiro" (John C. Schroeder, *in loc.*).

Assim como o amor é a lei universal do princípio da justiça, o *ódio é* a lei universal do princípio maligno. A possessão demoníaca é quase impossível, a menos que haja ódio operando sobre a vida da pessoa possuída, ou na vida daqueles que a rodeiam.

Nota ao Leitor. O Antigo Testamento contém 23.148 versículos. De Gên. 1.1 a I Sam. 19.8 há 7.716 versículos, ou seja, a terça parte do total. Portanto, neste ponto, ao completar a exposição do vs. 8 deste capítulo, terei completado a terça da exposição do Antigo Testamento. O Novo Testamento contém 7.808 *versículos, ou seja, temos aqui quase o mesmo número de versículos do Antigo* Testamento. Naturalmente, os comentários sobre o Novo Testamento geralmente inspiram exposições maiores. Assim, comentar um terço do Antigo Testamento não nos fornece o mesmo volume que trata da totalidade do Novo Testamento.

Contudo, não é pequeno o feito de termos chegado a este ponto. Portanto, agradeço a Deus pelas forças e pela saúde necessária, pela força de vontade, pelo dinheiro necessário, pela ajuda de outras pessoas que têm dedicado seu tempo e energia a este trabalho. Registro esta palavra de agradecimento a 20 de abril de 1994, ao término da exposição sobre o vs. 8.

Cá meu "Ebenézer" ergo,
Pois Jesus me socorreu;
E, por sua graça, espero
Transportar-me para o céu.

(Robert Robinson)

19.9

O espírito maligno da parte do Senhor tornou sobre Saul. Após a libertação temporária de Saul das influências demoníacas, ajudado pelos persuasivos argumentos de Jônatas, Davi teve um breve período de paz. Mas logo o mal se apossou novamente de Saul, sob a forma de um espírito demoníaco que o vexava. Em seu estado degenerado, Saul era impotente contra o ataque, pelo que brevemente, de lança em punho, ele fez pontaria e lançou-a a Davi, esperando espetá-lo contra a parede. Davi, sentado a tocar sua harpa, precisou da proteção divina para escapar do ataque, tal como já havia acontecido por duas vezes (ver I Sam. 18.11). Ver I Sam. 16.14 quanto ao fato de que Saul foi vítima do espírito maligno, e ver I Sam. 18.10 quanto à contínua má influência desse espírito sobre ele.

Os críticos supõem que o capítulo 19 repita o mesmo incidente ocorrido no capítulo 18, afirmando que se trata de um relato duplo da história, mas não há como submeter a teste essa teoria.

Os reis antigos traziam lanças como sinais de seu ofício e carregavam sempre uma lança na mão, o que serviu de súbita tentação para outra tentativa baldada de Saul ferir e matar Davi.

19.10

Procurou Saul encravar Davi na parede. A longa lança, projetada com força demoníaca pelo degenerado Saul, teria atravessado facilmente o corpo de Davi, espetando-o contra a parede. Saul quis ver *essa cena sanguinolenta,* porque era inspirado por um demônio. Os estudos modernos demonstram que pessoas possuídas e influenciadas chegam ao ponto de deleitar-se e ter *prazer* em atrocidades. Podemos estar certos de que Saul *apreciava* esse jogo doentio quando o poder o controlava. Certo matador em série de crianças gravava seus crimes e gostava de repassar as fitas gravadas, a fim de ouvir, cheio de prazer, os gritos desesperados das vítimas. Tal é a malignidade do pecado, quando foge do controle. O diabo foi assassino desde o começo (ver João 8.44).

19.11

Saul, naquela mesma noite. Saul ordenou que seus homens vigiassem Davi até sua casa, onde abrigava sua jovem noiva, Mical, filha de Saul. Os homens de confiança de Saul receberam ordens de fazer essa guarda, e a casa

de Davi era o lugar onde poderiam guardá-lo. Mas Mical, que a essa altura ainda amava Davi, consciente do que sucedia, enviou-o ao exílio. Foi por causa desse exílio que o casamento se deteriorou. Portanto, naquele momento, tudo trabalhava contra Davi. Mas seu destino haveria de resguardá-lo do pior. Ele era um instrumento especial do Espírito e coisa alguma poderia impedi-lo.

Esta noite. Provavelmente estava em mira a *primeira noite* de seu casamento com Mical. Sem dúvida Davi estaria em casa *naquela noite* e, ao consumar o casamento, seria uma vítima fácil. A perversidade de Saul desconhecia limites. Talvez essa ocasião tenha inspirado Davi a compor o Salmo 59. Por outra parte, Davi passou muitas situações similares, nas quais a *traição* esteve envolvida.

19.12

Mical desceu Davi por uma janela. Ao que tudo indica, a casa estava sendo vigiada, ou havia assassinos ocultos nas proximidades. Assim sendo, Mical fez Davi descer por uma janela, com o auxílio de alguma espécie de corda. E lá se foi Davi para o exílio, o que constituiu um período de agonia e provação. Mas a morte no campo de batalha esperava o insano Saul, e Davi seria libertado de todas as provações e tomaria conta do reino. Podemos estar certos, entretanto, de que a separação entre Davi e Mical, e a total necessidade de Davi manter-se distante de sua casa, foi questão de profunda tristeza e frustração para ambos.

"Com essa desesperada fuga começaram as longas e cansativas perambulações, os riscos perpétuos de vida que prosseguiram até que a morte do rei Saul livrou Davi de seu mortal inimigo" (Ellicott, *in loc.*).

Quanto a outras escapadas, por meio de uma janela, cf. a história de Raabe (ver Jos. 2.15) e de Paulo (ver II Cor. 11.31).

19.13

Mical tomou um ídolo do lar. No hebraico, *teraphim.* Essa palavra hebraica é usada para designar deidades domésticas. Cf. a história de Raquel e seus *ídolos* domésticos (ver Gên. 31.34). São referências curiosas que empregam a mesma palavra, associando alguns desses itens à *estola* sumo sacerdotal. Embora Israel professasse o monoteísmo, isto é, a consideração que só *Yahweh* é Deus, oficialmente, havia uma idolatria que penetrava até os lares mais piedosos, tornando praticamente impossível livrar o povo de Israel da idolatria. A arqueologia tem desenterrado muitos *pequenos* ídolos; mas o fato de que Mical tinha um ídolo grande o bastante para imitar um corpo humano que jazia na cama, causa dificuldades aos intérpretes. Até agora a arqueologia não descobriu *nenhum* ídolo tão grande, o que só pode indicar que não havia muitos deles. Talvez somente os mais piedosos se importassem em ter no lar deuses em tamanho natural. Ver o artigo no *Dicionário* chamado *Terafins*, quanto a detalhes a respeito. Os *terafins* eram posses familiares, e aquele que os detivesse tinha a herança sob o seu controle. Além disso, esses itens eram usados nas adivinhações.

Pôs-lhe à cabeça um tecido de pêlos de cabra. As palavras assim vertidas representam um hebraico que não pode ser facilmente traduzido, e os eruditos se desesperam acerca da correta compreensão. Várias traduções dizem "um travesseiro de pêlos de cabra". O hebraico parece dizer, literalmente, "um pêlo de cabra em torno de sua cabeça", e a versão siríaca e a Vulgata Latina preservam o original, o qual não parece fazer muito sentido. Alguns afirmam que a pele de cabra tinha sido posta mais ou menos onde era a cabeça do ídolo, imitando cabelos, e essa pode ser uma idéia melhor que aludir a um travesseiro. A Septuaginta substituiu a palavra, dando a entender um *fígado.* Josefo reteve esse texto e deu-nos a idéia altamente improvável de que Mical usou um fígado que palpitava na cama, para imitar a *respiração* de um ser humano! Para Josefo, o fígado extraído do corpo de uma cabra fica palpitando durante bastante tempo e, mesmo que isso seja cientificamente exato, parece bastante improvável que Mical tenha colocado um fígado sangrento em seu leito!

19.14,15

Uma Mentira para Salvar o Dia. Os soldados de Saul chegaram à casa de Davi ávidos por cumprir seus intuitos assassinos. Mas Mical bloqueou o caminho deles e disse que Davi estava enfermo e não podia receber visitantes. Assim, devido ao respeito pela *princesa,* eles se retiraram da casa. Mas Saul não estava interessado em fazer parte do jogo da princesa, e assim enviou os assassinos potenciais de volta à casa, ordenando-lhes que trouxessem Davi, com cama e tudo. Eles deveriam envolver ou amarrar Davi em seu leito e trazer todo o conjunto. Presumivelmente, Davi estava doente o bastante para não resistir ao bizarro ato dos soldados.

19.16

Dessa vez, a história de Mical sobre a doença de Davi, e o respeito natural deles pela princesa, não deteve os assassinos. Eles penetraram no dormitório, ignorando os protestos de Mical. Mas tudo quanto encontraram foi uma tola imagem vestida para imitar um homem. E talvez também tenham encontrado aquele fígado de cabra palpitante, que imitava a respiração de um homem. Independentemente do que tenham encontrado, podemos estar certos de que eles ficaram revoltados. O plano deles tinha falhado. E agora teriam de enfrentar a ira de Saul.

19.17

Então disse Saul a Mical. Este texto talvez indique que Saul acompanhou os homicidas potenciais, para certificar-se de que suas ordens seriam cumpridas e as objeções de Mical falhariam. Porém o mais provável é que Saul, recebendo da parte dos soldados as "más novas" da fuga de Davi, tenha corrido à casa de Mical para repreendê-la em seu ódio. Parecia-lhe intolerável que sua *própria filha* o tivesse enganado, embora fosse perfeitamente tolerável que ele procurasse matar um homem inocente. Tal é a obra do pecado, que perverte a mente de um homem!

Deixa-me ir, se não eu te mato. *Outra mentira* fez Mical escapar da situação. Ela afirmou que Davi lhe havia ameaçado a vida, obrigando-a a ajudá-lo a escapar! Ela pensava rápido e era uma mentirosa hábil; mas as situações que ameaçam a sobrevivência fazem qualquer um tornar-se um mentiroso.

Os teólogos discutem a propriedade da mentira de Mical. Mas os filósofos falam em mentiras *não-morais.* Tomemos, por exemplo, o caso do padre católico romano que, durante a guerra, era um espião em favor dos aliados. Apanhado pelos nazistas e indagado se era um espião, confessou e disse: "Não posso dizer uma mentira. Sou um espião". Dessa maneira, muitas vidas foram postas em perigo. Portanto, temos aí um caso claro de uma verdade moralmente ruim, ao passo que uma mentira teria sido moralmente boa e salvado vidas. Pensemos agora em um médico que mente a um paciente em processo terminal a respeito de sua condição, com vistas a ajudá-lo a morrer em maior paz. Os médicos julgam cada caso segundo seu próprio mérito e não hesitam em dizer "mentiras misericordiosas".

> *Inverdades cruas causam mais males do que*
> *falsidades bem disfarçadas.*
>
> (Alexander Pope)

Naturalmente não estamos encorajando o ato de mentir, uma vez que obviamente a maioria das mentiras é de natureza moralmente má. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mentir (Mentiroso).*

19.18

E veio a Samuel, a Ramá. *Foi apenas natural* que Davi tivesse fugido para Ramá, onde estava Samuel, em busca de conselho e talvez aproveitando para consultar o oráculo. Ele então deve ter indagado: "O que saiu errado? Como poderia um homem ungido para ser o próximo rei enfrentar aquela espécie de tribulação?". Todo homem, por várias vezes em sua vida, admira-se diante das circunstâncias, que parecem ser insensatas e prejudiciais.

E ficaram na casa dos profetas. No hebraico temos aqui o termo *naiote.* Os intérpretes não estão seguros do que isso quer dizer. Mas o hebraico parece indicar algo como "residências". Talvez esteja em vista a habitação da escola dos profetas, que funcionava sob a liderança de Samuel. Talvez esses profetas tivessem algumas poucas casas dentro de Ramá ou nas proximidades da cidade. Nenhuma aldeia com esse nome foi descoberta. No *Dicionário* há um artigo detalhado sobre essa palavra, no qual várias conjecturas são discutidas.

Os Targuns dizem aqui "escola dos profetas" e referem-se a Ramá como a "casa da doutrina".

19.19,20

E também eles profetizaram. Saul tinha muita ajuda para localizar Davi. Muitos homens se alegrariam em ajudá-lo a matar Davi se pudessem extrair alguma vantagem pessoal. O fato de que Saul estava atrás de Davi para matá-lo, e de que Davi tinha fugido e estava no exílio, era conhecido por todos. Portanto, Davi não teria um momento sequer de paz. Somente a morte de Saul poria fim à louca perseguição. Sabedor de que Davi estava em Ramá, Saul enviou executores até lá. Eles chegaram ali, mas, para sua própria surpresa, estando Samuel na companhia dos profetas, fê-los profetizar, e o assassinato fugiu da mente daqueles homens . Havia algo de contagioso na companhia dos profetas que levava a estados alterados de consciência, talvez falar em línguas e certamente alguma espécie de *declarações proféticas em estado de êxtase.* Assassinos potenciais foram assim transformados em profetas temporários. Essa foi uma intervenção do Espírito para salvar a vida de Davi, sem que fique subentendida nenhuma

espiritualidade da parte daqueles que tinham chegado com um propósito assassino. O texto subentende, embora não ensine dogmaticamente, que todo homem carnal e traiçoeiro, por alguma razão, pode ser apanhado em profecia, através da agência do Espírito de Deus. Mas devemos notar aqui que essas circunstâncias eram próprias do Antigo Testamento, nada tendo que ver com as regras que governam a Igreja cristã. I Sam. 18.10 mostra que Saul chegou a profetizar pelo poder de um *demônio*. É possível que isso tenha sido atribuído ao Espírito de Deus, com base no fato de que a teologia hebraica era fraca quanto a causas secundárias, pois concebia uma única causa, Deus. Portanto, se o espírito demoníaco foi capaz de inspirar Saul a profetizar, devemos supor que o Espírito de Deus estava por trás desse acontecimento. A teologia neotestamentária nos iluminou quanto a esse ponto, mostrando que há causas que nada têm que ver com Deus e são malignas em sua origem e operação.

Os *agentes de Saul*, "... mais e mais poderosamente atraídos pelo mesmo Espírito para dentro do círculo encantado, irromperam em palavras e gestos similares, e então, desfazendo-se de suas vestes mais externas, juntaram-se à dança e à música, e caíram em êxtase, trêmulos, esquecendo totalmente seu espírito hostil" (Ewald, *in loc.*). Ver o vs. 24 quanto à retirada das vestes nesse estado de êxtase. Isso facilitava as danças frenéticas.

19.21

A Estranha Repetição. Outros assassinos potenciais foram enviados, mas caíram sob o mesmo encanto, com idênticos resultados. A liturgia da Igreja Anglicana tem usado o trecho de I Sam. 19.18, e daí até o fim do capítulo, para ilustrar a existência e as operações do Espírito, em liberdade e poder, antes dos tempos do evangelho e de maneira improváveis e inesperadas. Cf. Núm. 11.26-31.

19.22

Saul, consternado pelo fracasso de seus dois bandos de assassinos, resolveu realizar a tarefa pessoalmente, e dirigiu-se a Ramá. Chegou a um poço chamado *Secu* (ver a respeito no *Dicionário*). Conjecturas sobre esse nome dizem que era um homem, um poço ou uma localidade em Ramá ou nas vizinhanças. Seja como for, ao chegar naquele lugar, Saul obteve orientação adequada para encontrar Samuel e Davi, e prosseguiu em sua jornada.

19.23

E o mesmo Espírito de Deus veio sobre ele. Inesperadamente e contra toda a razão, o próprio Saul foi vencido pela influência do Espírito, e isso ocorreu antes mesmo que ele chegasse à escola dos profetas. Parece que o Espírito se apossou dele em Secu, e devemos compreender que Saul prosseguiu seu caminho "orando, cantando louvores e profetizando", conforme diz Adam Clarke (*in loc.*). Cf. I Sam. 10.5 ss. quanto ao incidente anterior dessa possessão pelo Espírito, na experiência de Saul. I Sam. 18.10 mostra-nos que Saul profetizou sob a influência de um espírito maligno. Ver as notas no vs. 20, quanto a explicações sobre esse paradoxo.

19.24

Também ele despiu a sua túnica e profetizou. *A dança frenética* que acompanhava essas sessões era mais bem efetuada sem, pelo menos, a roupa mais externa. Alguns intérpretes supõem que Saul tenha ficado totalmente despido, mas Adam Clarke provavelmente está correto ao dizer que ele "lançou fora seus robes reais ou suas vestes militares, retendo apenas as peças interiores". Jarchi diz que Saul tirou suas vestes reais e cobriu-se com a veste dos profetas. Então, continuou por um dia e uma noite naquele êxtase, o que requeria um estado alterado de consciência. Sem dúvida, Saul falou em línguas e proferiu profecias, entoou louvores e canções espirituais, tudo sob a influência do Espírito, mais ou menos como se vê no movimento carismático moderno. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Movimento Carismático.*

Também Saul está entre os profetas? Ver I Sam. 10.11, onde ocorre a mesma expressão. O fato de que Saul, com desejos de assassinato no coração, tenha ainda assim sido sujeitado a tal movimentação, por parte do Espírito de Deus, toma-nos de surpresa. Ver as notas sobre o vs. 20 deste capítulo quanto a possíveis explicações. Naturalmente, esse acontecimento salvou eficazmente a vida de Davi, porquanto enquanto Saul permanecia ali, preso a um estado místico, Davi estava a caminho da segurança. Essa condição "imobilizou-os e tornou-os incapazes de realizar suas más intenções" (Eugene M. Merrill, *in loc.*). Isso faz parte da explicação, porém mais coisas estavam em operação do que supõe essa declaração.

> *Deus movimenta-se de maneiras maravilhosas*
> *para realizar Suas maravilhas.*
>
> (William Cowper)

Capítulo Vinte

Aliança entre Davi e Jônatas (20.1-43)

A profunda hostilidade de Saul contra Davi foi testada mediante um arranjo entre Davi e Jônatas. Davi quis saber se haveria algum meio de reconciliação. O "tosão" que eles apresentaram foi se Saul ficaria aborrecido ou não pela ausência de Davi na festa da lua nova (vs. 5), efetuada no primeiro dia de cada mês (ver Núm. 28.11-15). Se Saul ficasse aborrecido, então Davi e Jônatas saberiam que nenhuma reconciliação poderia ser efetuada. Se ele não se aborrecesse, a reconciliação ainda seria possível. Mas Saul ficou extremamente aborrecido, e isso deu a indicação final. Se quisesse salvar a vida, Davi teria de continuar fugindo.
Os intérpretes não sabem como reconciliar a seção seguinte com a informação dada anteriormente sobre como Mical salvou a vida de Davi (19.12 ss.). Parece que isso seria evidência suficiente. A passagem à nossa frente parece dar a entender que Jônatas não tinha consciência do extremo ódio de seu pai e de suas tentativas de assassinato. Alguns críticos sugerem que houve algum deslocamento de material, e que a seção que se segue pertence a um tempo anterior à história de Mical. Note-se especialmente o vs. 5. Davi, tendo sofrido várias tentativas de assassinato, dificilmente seria convidado a comer em companhia de Saul. Nem se sentiria inclinado a aceitar tal convite. Esse material, pois, quase certamente aponta para uma ocasião anterior aos drásticos eventos descritos no capítulo 19.

20.1

Então fugiu Davi da casa dos profetas. *Este texto* pode ter sido suprido por um editor a fim de ligar o vs. 19.24 à história prestes a ser narrada, embora, na realidade, o material que se segue pertença a um tempo anterior aos acontecimentos do capítulo 19. Ver a introdução ao capítulo 20. O material a seguir quase certamente aponta para uma época anterior ao exílio de Davi, quando ainda não havia sido determinado quão profundo era o ódio de Saul e quais seriam as conseqüências desse ódio. A reconciliação ainda era vista como algo *possível.*

Casa dos profetas. Ver sobre *naiote* nas notas em I Sam. 19.18. Provavelmente está em foco a localização da fraternidade dos profetas, que ficava *em Ramá.* Davi é aqui retratado a procurar Jônatas para com ele discutir o assédio assassino de Saul, indagando se ainda seria possível alguma espécie de reconciliação. Alguns intérpretes imaginam que o próprio Samuel tenha procurado estabelecer alguma forma de reconciliação, depois dos notáveis incidentes na casa dos profetas, onde Saul profetizou pelo poder do Espírito. Talvez *aquela experiência* tenha alterado a idéia de Saul no tocante a seus planos homicidas.

20.2

Ele lhe respondeu. Jônatas assegurou a Davi seu apoio. Este *versículo* supõe que Jônatas agia como *confidente* do pai. Portanto, qualquer coisa tão drástica como um plano para matar Davi seria primeiramente comunicada a Jônatas. Em I Sam. 19.6 Saul fez um juramento em favor de Davi. Mas esse juramento já fora quebrado por várias tentativas de assassinato. Este versículo parece dizer que Jônatas não tinha conhecimento dos atos mais recentes do pai. Ou então os críticos estão certos ao supor que este material reflita um tempo anterior aos incidentes registrados no capítulo 19.

20.3

Então Davi respondeu enfaticamente. Havia uma *amizade especial* entre Davi e Jônatas, conforme descrito em I Sam. 18.1 ss. Davi, pois, supôs que, por causa dessa amizade especial, Saul havia ocultado de Jônatas seus intuitos assassinos no tocante a Davi. Em outras palavras, Jônatas não era o *confidente* do pai, conforme o filho pensava. Davi, portanto, continuou a insistir que sua vida corria grande risco, sem importar se Jônatas concordava ou não. "Minha vida está em perigo iminente. Teu pai certamente resolveu tirar-me a vida".

Uma Linguagem Simbólica. Davi referiu-se ao minúsculo *passo* que havia entre ele e a morte, uma figura simbólica também encontrada nos escritos de Juvenal, que satirizou os que arriscavam a vida realizando viagens perigosas com o intuito de enriquecer-se. (Ver *Sat.* xii. vs. 57).

20.4

O que tu desejares, eu te farei. *Plena Cooperação.* Jônatas acabou concordando que poderia haver algo de que ele não sabia. Davi poderia estar, realmente, em perigo mortal, e Saul poderia ter conservado para si mesmo esse segredo.

Portanto, Jônatas estava ansioso por cooperar com Davi de qualquer maneira, para testar a situação. Ademais, faria tudo quanto estivesse ao seu alcance para pacificar seu pai e produzir a reconciliação.

20.5

Davi haveria de comer com o rei, por ocasião da lua nova. Ver no *Dicionário* acerca da *Lua Nova,* quanto a detalhes completos que não são repetidos aqui. Se Saul sentisse a ausência de Davi, porquanto o queria por perto e disponível para ser morto, quando se apresentasse a oportunidade certa, então ficaria muito aborrecido. Mas se a ausência de Davi não fizesse grande diferença para Saul, então o julgamento dos dois seria que o rei não tinha nenhum desígnio maldoso contra a vida de Davi. Foi um *teste psicológico* e, conforme as coisas se passaram, mostrou-se extremamente eficaz. Foram providas indicações óbvias das intenções básicas de Saul. O vs. 25 mostra-nos que Davi tinha um lugar regular na mesa do rei, pelo que sua ausência seria certamente notada. Além disso, Davi, na qualidade de genro do rei, seria convidado ao banquete que fazia parte das festividades da lua nova.

Esconder-me-ei no campo. Davi acharia um bom lugar para ocultar-se no campo, talvez uma caverna, onde se demoraria até o anoitecer do *terceiro dia.* Os antigos hebreus usavam cálculos inclusivos contando o dia em que um período começava, e também o dia em que ocorresse um acontecimento. Portanto, temos aqui "o dia depois de amanhã".

20.6

Ir a toda pressa a Belém. *A desculpa de Davi* quanto à sua ausência seria um *sacrifício anual* a ser realizado em Belém, sua terra, que tomava precedência sobre o ano novo em Gibeá, terra de Saul, onde estava a sua corte. Davi se ausentaria do acontecimento menor para comparecer ao acontecimento maior. Diante disso, a quebra de etiqueta de Davi seria desprezada por Saul, *caso* ele não estivesse planejando matá-lo. Mas se estivesse arquitetando o pior, Saul ficaria muito infeliz com a questão.

"Uma *festividade anual familiar* era uma instituição regular naqueles tempos, e podemos acreditar que foi isso que Eicana disse que celebraria (1.4)" (George B. Caird, *in loc.*). O autor não se importa em informar-nos se havia ou não tal festividade em Belém, mas sabemos que Davi não compareceria, mesmo *se houvesse* tal festividade. Ele se ocultaria em algum lugar, no campo. Ver Deu. 12.5 ss. quanto às festas anuais obrigatórias. Fica aberto à discussão o tipo de festival que aparece no presente texto. Provavelmente está em foco alguma festividade da família de Davi. Ver John Gill (*in loc.*): "Era costumeiro que *a família de Jessé...* celebrasse uma festa de aniversário como meio de expressar gratidão e ação de graças pelas misericórdias recebidas no ano anterior".

20.7

Se disser assim. A reação de Saul diante da ausência de Davi revelaria seus verdadeiros sentimentos. Se ele proferisse *paz* sobre Davi, então tudo iria bem. Saul também negligenciaria a quebra de etiqueta por parte de Davi. Mas se ficasse indignado, isso seria um sinal de que ele não queria que Davi se ausentasse. Davi precisava estar disponível de modo que surgisse uma boa oportunidade para o assassinato.

20.8

Davi rogou a Jônatas que fizesse tudo com precisão, a fim de que se revelasse o coração de Saul. E apelou para a sua própria inocência. Se ele era *culpado* de algum grande crime, convidou Jônatas a que o matasse pessoalmente, se houvesse nisso justa causa. Davi também rogou a Jônatas que usasse de "misericórdia" para com ele, cumprindo assim o acordo firmado entre eles. A "aliança" referida aqui pode refletir a que é descrita em I Sam. 18.1 ss., mas parece ser a referente ao teste das intenções de Saul para com Davi. Mas há intérpretes que vinculam este versículo a I Sam. 18.1 ss. e acreditam que houve um desdobramento específico dessa aliança. Esses mesmos intérpretes vinculam cronologicamente as duas passagens, supondo que as circunstâncias referidas no capítulo 20 refletam um tempo anterior ao dos acontecimentos narrados no capítulo 19.

20.9

Longe de ti tal cousa. "Não aconteça contigo tal coisa! Não tenho intuito de matar-te e, se meu pai assim quiser fazer, então eu te informarei. Podes confiar em mim com toda a segurança, sob quaisquer circunstâncias". Foi nesses termos que Jônatas falou. "Essas fortes expressões dão testemunho enfático da crença implícita de Jônatas sobre a lealdade sem mácula de seu amigo" (Ellicott, *in loc.*). Davi era um homem inocente. Ninguém tinha o direito de tirar-lhe a vida.

20.10

Perguntou Davi a Jônatas. *Davi precisava saber* qual havia sido a reação psicológica de Saul ao teste. Ele necessitava dessa informação. Apelou para que Jônatas lhe garantisse a informação e, naturalmente, Jônatas deixou claro que ele mesmo seria o informante. Davi seria o segundo rei de Israel, e Jônatas sabia disso. Sua vida precisava ser preservada a fim de que o plano de Yahweh fosse efetuado. Jônatas não seria um empecilho para o plano divino. Os vss. 15 e 16 mostram a antecipação de uma mudança na realeza. A casa de Davi haveria de lançar raízes em Israel. Por isso, haveria um teste de tiros de flechas, para dar a Davi a informação de que ele precisava. Ver os vss. 20 ss.

20.11

Vem, e saiamos ao campo. Jônatas acompanhou Davi ao campo para encontrar um bom lugar onde Davi pudesse esconder-se. No tempo certo, o sinal seria dado, informando a Davi se ele deveria voltar a Gibeá e à corte, ou fugir daquele lugar pois Saul lhe estava ameaçando a vida.

20.12

Se algo houver favorável a Davi. *Se Saul* estivesse bem disposto para com Davi, não haveria razão para este continuar escondido. Jônatas mandaria as boas-novas de que ele podia retornar a Gibeá, a fim de prosseguir com seus deveres normais na corte. Jônatas então fez um juramento por *Yahweh-Elohim,* uma questão realmente séria. Por dois importantes nomes divinos, Jônatas prometeu fazer o que era certo para Davi, informando-o seja sobre a boa vontade de Saul, seja sobre sua ira que punha em perigo a vida do amigo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Juramentos.* Várias traduções, como a nossa própria tradução portuguesa, sugerem que se adicionem as palavras "seja testemunha": "o Senhor seja testemunha" do juramento feito por Jônatas. Esse é um acréscimo das versões siríaca e árabe. A Septuaginta diz: "assim como o Senhor Deus *vive*". Uma inclusão como essa é necessária para facilitar o sentido. O que fica óbvio é que Jônatas fez um juramento sério, apelando a nomes divinos.

Eu to mandarei dizer. Em outras palavras, Jônatas enviaria um *mensageiro* com as notícias do bom espírito de Saul. Nesse caso, o temporal teria passado, e Davi estaria seguro e poderia sair do exílio.

20.13

Por outra parte, se Saul permanecesse traiçoeiro em seus desígnios, e a vida de Davi continuasse em perigo, *isso também* Jônatas comunicaria pelo sinal das flechas, a fim de que não houvesse contato direto entre os dois, pondo em perigo tanto o esconderijo de Davi quanto sua própria vida. Jônatas fez outro juramento, dessa vez desejando que ele mesmo fosse prejudicado por algum juízo de Yahweh, se não comunicasse a Davi a mensagem amarga, deixando-o assim despreparado para enfrentar algum ataque de Saul.

Uma Mensagem Negativa Enviaria Davi ao Exílio. E se isso viesse a acontecer, Jônatas invocaria sobre Davi a *paz* de Deus, para que ele pudesse atravessar sua provação em segurança e algum dia se libertasse inteiramente de toda a ameaça. Ora, Davi já estava no exílio, de acordo com a mensagem do capítulo 19. Provavelmente os críticos estão certos ao supor que o material deste capítulo 20 deveria ser, cronologicamente falando, posto antes do material do capítulo 19. De outra sorte, teremos de entender que Davi *voltou* ao exílio após um período de relativa segurança, ao passo que Saul hesitava devido à ação do Espírito que o fizera profetizar (ver I Sam. 19.23,24).

E seja o Senhor contigo, como tem sido com meu pai. Esta parte do versículo supõe que Jônatas soubesse da unção de Davi como rei, em *substituição* a seu pai. Algum dia, terminaria o exílio de Davi e então ele triunfaria como segundo rei de Israel.

20.14,15

Se eu então ainda viver. Quando um rei substituía outro, se tivesse havido hostilidade entre os dois, era comum o novo rei tomar vingança contra a família do rei anterior. Jônatas, antecipando que Davi tomaria o lugar de seu pai, apelou para que ele esquecesse antigos rancores entre as famílias. Pediu que Davi lhe jurasse amizade pessoal e misericórdia para com a sua família. Yahweh haveria de cortar todos os inimigos de Davi, mas Jônatas apelou para que esse corte não incluísse a violência contra a casa de Saul. Em outras palavras, Jônatas encarava como inevitável o poder de Davi e sabia que estaria em suas mãos extinguir a família de Saul. Assim pediu-lhe que usasse de atitude *magnânima,* evitando violência e matança desnecessária. Davi deveria evitar o absurdo de deixar filhos sem terras e órfãos sem lar.

"O sentido dado por Jônatas era que o acordo entre eles deveria incluir não somente os dois, pessoalmente, mas também a respectiva posteridade" (John Gill, *in loc.*).

20.16

Fez Jônatas aliança com a casa de Davi. Certamente haveria vingança e matanças contra os inimigos de Davi quando ele subisse ao poder, mas essa política de arrasar a terra não atingiria a casa de Jônatas (casa de Saul). Por amizade a Jônatas, Davi fez o acordo. Alguns estudiosos entendem que este versículo afirma que a própria casa de Jônatas sofreria a ira de Davi, *se* eles se opusessem ao seu reinado, mas isso parece contrário ao sentido geral da mensagem do vs. 16.

20.17

Porque Jônatas o amava com todo o amor da sua alma. O grande *amor mútuo* entre Jônatas e Davi (eles eram uma alma só em dois corpos) fez desse acordo um fato. Foi ratificado entre os dois e teria cumprimento. Somos ordenados a amar Deus de toda a nossa alma (ver a exposição sobre Deu. 6.5). Praticamente ninguém atinge isso por causa de nossa (in)capacidade humana. Praticamente ninguém ama outro ser com toda a sua alma. Isso também está acima de nossa capacidade. Mas esse é o *ideal*, e o amor é a única verdadeira lei universal que incorpora em si mesmo todas as outras leis justas (ver Rom. 13.8 ss.). A essência da espiritualidade consiste em amar, e essa é a própria condição de estarmos regenerados (ver I João 4.7). Amar demonstra que amamos Deus. Não amar demonstra que não conhecemos Deus, a despeito de todos os nossos credos e doutrinas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*, ilustrado com notáveis citações e poemas. Foi assim que Jônatas dependeu do grande amor entre ele e Davi como garantia do cumprimento daquela aliança. Juramentos mútuos foram proferidos para selar o acordo. Mas, sem amor, todas as alianças estão sujeitas a desintegração e mudanças. Cf. 18.1 ss.

Jônatas temia o que poderia acontecer a seus filhos órfãos. Era costume no Oriente, em todas as épocas, quando uma dinastia era violentamente mudada, o novo rei tirar a vida de toda a família do ex-monarca.

Napoleão Bonaparte foi homem violento e traiçoeiro. Seu jogo era matar. Entendemos melhor por que ele agia assim quando consideramos o que ele disse a respeito do *amor*:

> *Nunca amei a ninguém... exceto, talvez,*
> *Josefina — um pouco.*
>
> *Mas a verdade espiritual é que*
>
> *Todos nós nascemos para o amor...*
> *Esse é o princípio da existência,*
> *e também seu único fim.*
>
> (Benjamim Disraeli)

20.18

Porque o teu lugar estará vazio. *Davi* tinha um lugar cativo à mesa de Saul. Se não comparecesse, sua ausência seria notada, especialmente em um dia de festa, como o da lua nova. Ver as notas sobre o vs. 5. Saul notaria a ausência de Davi e *inevitavelmente* perguntaria a Jônatas, seu filho e amigo especial de Davi, onde ele estaria. Essa circunstância proveria as condições necessárias para o *teste psicológico*, a saber a reação de Saul, positiva ou negativa, diante da ausência de Davi. Jônatas, como amigo especial de Davi, saberia onde Davi estava e lhe daria resposta. Este versículo, como todo o conteúdo do capítulo 20, deveria ser cronologicamente posto antes do capítulo 19, onde vemos Saul tentando matar Davi, e Davi enviado ao exílio. De outra sorte, temos de supor que Saul teve um período de paz depois que o Espírito o fez profetizar, quando Davi foi temporariamente restaurado à corte real. Mas I Samuel não informa coisa alguma sobre isso.

20.19

Ao terceiro dia. Ou seja, depois de amanhã. Quanto a esse cálculo, ver as notas expositivas sobre o vs. 5. Davi estava oculto, mas naquele dia iria para um certo *montão de pedras*. Jônatas, sabedor de onde Davi estava, soltaria flechas para dar-lhe um sinal sobre a disposição de Saul. Algumas traduções (como a nossa versão portuguesa) dão o nome próprio "pedra de Ezel", como se fosse um lugar específico e bem conhecido. Mas parece melhor entender isso apenas como um montão de pedras. Ver o breve artigo sobre *Ezel*, no *Dicionário*. Alguns outros estudiosos identificam esse nome com uma pedra particular, talvez uma pedra maciça que havia nos campos, não longe de Gibeá. Alguns comentaristas judeus dizem que *Ezel* era uma pedra pela qual os viajantes se orientavam, mas isso é apenas uma conjectura.

No dia do ajuste. Estas palavras traduzem um original hebraico de difícil compreensão, que permite várias explicações. Alguns aceitam o que diz nossa versão, isto é, o dia em que Saul decidiria prosseguir ou não com seus planos assassinos. Ou então um dia que não fosse feriado, antes ou depois da lua nova. Assim a Septuaginta diz "no dia de trabalho", ou seja, um dia no qual se pudesse executar algum trabalho. Os Targuns concordam com a última interpretação e dizem "em um dia comum". Ou então o sentido do original seria o dia em que Davi saísse ao campo.

20.20

Atirarei três flechas. *O Sinal das Flechas*. Jônatas fingiria estar atirando flechas contra algum alvo. Mas na realidade estaria dirigindo as flechas para um lugar específico, à frente ou além da pilha de pedras onde Davi estaria escondido. O local exato onde as flechas cairiam revelaria se Davi poderia retornar a Gibeá ou deveria exilar-se e fugir da área. Sua *volta a Gibeá* ocorreria se Saul se lhe tivesse tornado favorável. E sua *fuga* ocorreria se Saul renovasse seus planos assassinos.

20.21,22

Jônatas empregaria a ajuda de um jovem, provavelmente seu escudeiro. Jônatas gritaria ordens para o jovem, a respeito de onde as flechas teriam pousado, dizendo-lhe que as fosse buscar. Davi ouviria os gritos e saberia, por esse meio, exatamente onde as flechas tinham caído. Se Davi ouvisse Jônatas dizer ao jovem para ir buscar as flechas *defronte* da pilha de rochas onde Davi estava escondido, isso serviria de sinal de que "Vem, *nesta* direção; volta a Gibeá, pois Saul está favoravelmente disposto para contigo". Mas se ele ouvisse Jônatas gritar: "As flechas caíram para lá da pilha de rochas", então essas palavras serviriam de sinal: "Corre para salvares a tua vida, Davi. Meu pai está atrás de ti para matar-te. Vai na direção oposta, para além de onde estás". O sinal das flechas permitiria a Jônatas comunicar a mensagem sem ter de encontrar pessoalmente a Davi. Ele iria acompanhado por um dos soldados de Saul. Era preciso realizar a missão sem ser *notado*. E foi exatamente isso que sucedeu.

"A descoberta da idéia de Saul em relação a Davi também seria tida como uma revelação da vontade de Yahweh. Todo evento na vida humana tem duas causas, pois, onde quer que a mão do homem esteja em ação, a mão do Senhor não estará ociosa. Ele pode fazer a ira do homem ser uma revelação de Sua vontade. Estamos acostumados com a idéia de que "todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam Deus" (Rom. 8.28). Mas a Bíblia ensina-nos que Ele também faz o bem através dos que Lhe são desobedientes. Os homens podem pensar mal uns dos outros; mas Deus faz tudo redundar em bem (ver Gên. 50.20)" (George B. Caird, com uma observação perspicaz. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!).

Porque o Senhor te manda ir. A fuga de Davi, por mais desagradável que parecesse, fora ordenada por Yahweh. Seu destino haveria de produzir um dia melhor. Em breve ele seria rei de Israel. Pelo presente, sua tarefa era manter-se longe de Saul, para que este não conseguisse matá-lo. Isso era parte necessária do plano divino e, quando chegasse a hora certa, Davi compreenderia *por que* tivera de exilar-se. Além disso, ele aprenderia algumas lições importantes nesse período.

> *A virtude da adversidade é a fortaleza.*
>
> (Francis Bacon)
>
> *Na adversidade, o homem é salvo pela esperança.*
>
> (Menandro)
>
> *Grandes homens regozijam-se diante da adversidade,*
> *tal como soldados bravos triunfam na guerra.*
>
> (Sêneca)

20.23

Quanto àquilo de que eu e tu falamos. Em outras palavras, a *aliança* que os dois haviam feito, de amizade eterna e bondade para com a posteridade de ambos (ver as notas sobre os vss. 16-17). Yahweh estaria presente como testemunha e executor desse pacto. Ele selaria o acordo de amizade e cuidaria para que a aliança fosse observada em todas as suas condições. E se vingaria se alguém a violasse.

> *A amizade é um santo laço que se torna mais*
> *sagrado diante da adversidade.*
>
> (John Dryden)

20.24

Escondeu-se, pois, Davi no campo. *O Desdobramento do Plano.* Davi estava oculto no campo, esperando pelo *sinal das flechas* de Jônatas. A lua nova chegou, e os importantes da corte reuniram-se em torno da mesa de Saul a fim de celebrarem a festividade. Todos os convidados e o próprio rei sentaram-se nos lugares costumeiros. Qualquer pessoa ausente seria imediatamente percebida, visto que seu lugar estaria vazio.

20.25

Três Pessoas Proeminentes. Na festa havia o próprio rei, seu tio Abner e seu filho Jônatas. O rei tomou seu lugar usual, perto da parede. Isso é curioso, porque os testes demonstram que as pessoas, ao entrar em um restaurante, vão imediatamente a um lugar próximo a alguma parede. Isso lhes oferece uma espécie de consolo psicológico, porque as afasta de lugares conspícuos e abertos. Jônatas sentou-se à mesma mesa, aparentemente no lado oposto. Ao que tudo indica, Davi normalmente sentava-se à mesma mesa, pelo que seu assento vazio tornou-se imediatamente conspícuo. Estou conjecturando que ele se assentava ao lado de Jônatas, defronte de Saul e Abner. Josefo, entretanto, coloca Jônatas e Abner à direita e à esquerda, respectivamente, de Saul (ver os comentários sobre Êxodo 12).

Defronte dele. Em outras palavras, Jônatas sentou-se no lado oposto da mesa, a mesma tradução da RSV, embora o texto hebraico original diga "Jônatas levantou-se". Não sabemos dizer o que isso significa. Talvez tudo quanto esteja em foco é que Jônatas se tinha sentado, mas, quando Saul e Abner chegaram, ele se levantou respeitosamente e então tornou a sentar-se. Há outras conjecturas a respeito, mas a questão não se reveste de grande importância.

20.26

Naquele dia não disse Saul nada. Embora notando a ausência de Davi, naquele dia, o dia da lua nova, Saul nada perguntou, supondo, talvez, que o músico houvesse contraído algum tipo de imundícia cerimonial que lhe impedia de estar à mesa em uma festa sagrada, em dia de sábado. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Limpo e Imundo.* Aquela refeição fazia parte de uma festa religiosa, da qual somente pessoas cerimonialmente limpas podiam participar. Saul deve ter pensado que Davi fora descuidado e não comparecera porque deveria passar primeiro pelos ritos de purificação apropriados, caso estivesse poluído por ter entrado em contato com alguma coisa proibida, como o corpo de um animal morto etc. Havia muitas maneiras pelas quais ele poderia ter-se contaminado, conforme o artigo demonstra. Foi assim que, no primeiro dia da ausência de Davi, Saul nem ao menos se preocupou em perguntar por ele. No dia seguinte, porém, o rei compreendeu que por alguma outra razão Davi se ausentava de sua mesa, conforme demonstram os versículos que se seguem.

20.27

Sucedeu também ao outro dia. No segundo dia da ausência de Davi, que era também o segundo dia do mês, após a lua nova, Saul subitamente entendeu que a ausência de Davi não se devia a nenhuma imundícia cerimonial adquirida. E também estava certo de que o amigo especial de Davi, seu filho Jônatas, sabia onde Davi estava, pelo que lhe pediu a informação, não aceitando que a ausência continuasse. Saul vigiava Davi e precisava saber onde ele estava, a fim de que, na ocasião apropriada, pudesse tirar-lhe a vida.

Nenhum descuido a respeito da imundícia cerimonial poderia explicar a ausência de Davi, porquanto um único dia, terminado com os sacrifícios apropriados e o banho cerimonial, poria fim à necessidade de sua ausência. Ver sobre *banho cerimonial* nas notas de Lev. 14.8; 15.16 e Núm. 8.7.

20.28

Respondeu Jônatas a Saul. Davi havia pedido permissão (ou talvez bênção) a Jônatas para uma visita a Belém, para os sacrifícios anuais da família, onde haveria um festival. Ver o vs. 6 deste capítulo quanto a isso, o que pode ter sido uma realidade; mas, no caso de Davi, as palavras envolviam uma mentira que testaria as intenções de Saul a seu respeito. Parece que Jônatas, na qualidade de filho do rei, estava autorizado a conceder tais permissões aos servos da corte, em lugar de seu pai, especialmente se Saul estivesse ausente.

20.29

Por isso não veio à mesa do rei. A *desculpa* do sacrifício e da festividade no lar de Davi (Belém) supostamente enganaria Saul e proveria uma razão adequada para a ausência de Davi. Presumivelmente, Eliabe, o irmão mais velho de Davi, tinha *baixado ordens* para ele estar presente. Eliabe teria agido com base na autoridade de Jessé, pai de ambos. Essa parte do engodo foi mencionada somente aqui e adicionada para tornar a mentira mais plausível. Assim, alegadamente, Davi estava *sob pressão* para fazer-se ausente. Cf. I Sam. 19.14-17 quanto às mentiras de Mical que permitiram a Davi escapar das tentativas de assassinato de Saul. No vs. 17, discuto as *mentiras não-morais.* Será justo dizer uma mentira em alguma situação?

O versículo pode sugerir que Jessé estava por demais idoso para cuidar dos negócios familiares, ou então que ele havia morrido. Portanto, Eliabe assumira a liderança da família. Isso pode ter sido verdade, embora a proposta viagem de Davi não o fosse. I Sam. 17.12 diz-nos que Jessé já estava muito idoso, mas I Sam. 22.3 informa-nos que ele continuava vivo.

20.30

Filho de mulher perversa e rebelde. *Saul culpou* a mãe de Jônatas de "perversa" e "rebelde", porquanto estava certo de que, como seu pai, não poderia ter passado para o filho características que o fizessem agir daquela forma. Assim também dizemos, ocasionalmente, às nossas esposas: "Teu filho fez isto e aquilo", sugerindo que qualquer defeito certamente veio da mãe, e não do pai, o qual, por alguns momentos, assume a posição de espectador e não de verdadeiro pai.

De acordo com Saul, o primeiro equívoco de Jônatas foi escolher Davi como amigo especial. Aí começara uma série de dificuldades. Isso Jônatas fez para produzir *confusão* e *vergonha* à nudez de sua mãe, um eufemismo para ela estar despida quando o concebera e trouxera à luz. Foi tudo como se Saul dissesse: "Tu és uma desgraça, e tua mãe foi uma desgraçada ao dar-te o nascimento. Ela foi uma desgraçada por ter tido um filho como tu, e tu continuas a desgraçá-la com teus atos".

"Insultar um homem através dos pais é um método comum de abuso." Há outra instância de atacar um homem através da nudez de sua mãe. Cf. *Travels in Arabia Deserta,* I, 312, por Doughty. "Uma linguagem abusiva sempre revela o coração mau, fraco e malévolo de um homem" (Adam Clarke, *in loc.*), e isso era óbvio no caso de Saul.

É verdade que a fala de Saul era contrária ao espírito familiar dos hebreus, mas outro tanto é o assassinato de um genro, e Saul não hesitou em contemplar tal possibilidade. Portanto, não devemos ficar admirados que ele tivesse abusado da esposa com palavras, ao mesmo tempo que abusava do filho.

20.31

Pois enquanto o filho de Jessé viver sobre a terra. A *profecia de Samuel* de que a linhagem de Saul seria substituída por outra, naturalmente significa que Jônatas jamais seria rei. Portanto, de acordo com o raciocínio de Saul, era óbvio que matar Davi seria um *favor* feito a Jônatas, e não somente a Saul. De fato, toda a família de Saul seria beneficiada com a execução. Ver em I Sam. 15.23 comentários da profecia de Samuel.

Saul deixou entendido que Davi havia cometido alguma forma de traição e planejava destroná-lo. Era dever de Jônatas, pois, como herdeiro presuntivo do trono, livrar-se daquele homem traiçoeiro. Os Targuns dizem aqui: "Ele é um filho da morte", ou seja, Davi merecia morrer. Alegadamente, Davi estava em Belém, e Jônatas deveria fazer viajar até lá e despachá-lo. Isso demonstra a profundidade do ódio de Saul contra Davi, justamente o que o teste psicológico pretendia revelar. Davi e Jônatas tinham conseguido o seu propósito. Não era mais seguro para Davi estar perto de Saul. Ele precisava fugir. Saul ter profetizado sob a influência do Espírito (ver I Sam. 19.23,24) não lhe suavizara o coração.

20.32

Por que há de ele morrer? A *inocência de Davi,* afirmada enfaticamente por Jônatas, não impressionou o homem cuja mente o espírito maligno havia distorcido. Algumas vezes as pessoas praticam o mal como se fosse um bem, e ainda se vangloriam e recebem o louvor de outros por seus maus feitos. Esse fora o caso de Saul. Há muito tempo, ele havia perdido o contato com a própria consciência.

20.33

Saul atirou-lhe com a lança. *Um Ato de Perversão Final.* Por duas vezes antes, Saul tentara matar Davi com a lança que sempre trazia ao seu lado. Neste versículo, porém, vemos Saul, tomado por um ataque de ira, tentando matar o próprio filho. Seu caráter moral havia degenerado de todo. A possessão demoníaca usualmente reduz mais e mais suas vítimas, a ponto de fazer desaparecer qualquer consciência do que é errado. Algumas pessoas, nesse estado, fazem do sofrimento de outras pessoas o seu prazer, como ocorre, com freqüência, no caso dos matadores em série. Algumas formas de insanidade por certo são provocadas pela influência e pela possessão demoníaca. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Demônio, Demonologia;* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Possessão Demoníaca.*

Jônatas finalmente convenceu-se de que não havia remédio para o ódio do pai contra Davi. Portanto, a única coisa que lhe restava era advertir Davi e enviá-lo ao exílio, a fim de que, algum dia, ele pudesse continuar combatendo os inimigos de Israel. Jônatas foi um agente na vida de Davi para ajudá-lo a manter um fio de esperança, até o dia em que se tornasse o rei.

20.34

Pelo que Jônatas, todo encolerizado. Saul acabou com o apetite de Jônatas. Em feroz ira, Jônatas levantou-se e partiu, e não comeu naquele dia. Ele temia que Davi fosse sujeitado à ira satânica de seu pai. Saul havia agido *vergonhosamente* em relação a Davi e ao próprio filho. "A grande lança levantada para golpear, seguida por palavras amargas e cortantes, foi um ato que não seria esquecido tão cedo pelos espectadores... A amarga injustiça praticada contra Davi, amigo de Jônatas, sem dúvida foi o que mais o atingiu" (Ellicott, *in loc.*).

"Jônatas aparece aqui como homem de estatura moral realmente grande. Talvez lhe faltassem as qualidades que faziam de Davi um líder dinâmico e bem-sucedido... mas sua lealdade e integridade mais do que compensavam qualquer limite de capacidade" (John C. Schroeder, *in loc.).*

20.35

Na manhã seguinte. *O Sinal Combinado.* Jônatas e Davi tinham "sondado as águas". Era claro agora que Saul nunca mais favoreceria Davi e, em sua loucura, manteria a perseguição até que ele mesmo ou Davi morresse. Foi assim que o sinal combinado das flechas deu a triste mensagem a Davi: *Foge!* Jônatas saiu ao campo, levando consigo um jovem, provavelmente seu próprio escudeiro. Ele estaria sendo vigiado. O pai não mais confiava nele. Portanto, não tinha mais liberdade para sair, entrar em contato com Davi e dizer o que havia acontecido. Era necessário transmitir a mensagem através do sinal das flechas. Nem mesmo seu escudeiro desconfiaria do que estava acontecendo. Pareceria que Jônatas estava apenas praticando a arte do arqueiro (ver o vs. 20). Depois de atirar as flechas, ele gritaria ao jovem, revelando a Davi o resultado do teste. Ver os vss. 20-22 quanto ao sinal combinado de antemão.

20.36

Jônatas atirou as flechas para além do lugar onde Davi se escondia (ver o vs. 22), ao mesmo tempo que gritava para o jovem onde as flechas tinham caído, a fim de informar Davi. A direção em que caíra a flecha, ultrapassando o esconderijo de Davi, significaria: "Foge *naquela* direção. Não voltes a Gibeá". O presente texto menciona o lançamento de uma única flecha, ao passo que é dito antes que Jônatas atiraria *três* flechas (vs. 20). Este versículo menciona *flechas,* mas registra a projeção de uma única flecha. Talvez tenha sido isso o que realmente aconteceu. Jônatas não se incomodaria em atirar as três, embora isso tivesse sido combinado dias antes. Ou o autor sacro não se incomodou quanto à exatidão da narrativa. Mas o vs. 38 dá novamente o plural.

"As palavras de Jônatas foram ditas ao jovem, mas visavam a Davi. Quando as ouvisse, Davi deveria ir embora sem mostrar-se" (John C. Schroeder, *in loc.*).

20.37,38

Uma Flecha Havia Sido Atirada. O jovem foi apanhá-la. Aparentemente, Jônatas atirou uma segunda, mais longe ainda, pelo que lá se foi o jovem apanhá-la também. As flechas foram lançadas cada vez mais longe, e isso instruiu Davi a abandonar o lugar e fugir para bem longe do iracundo Saul. Ao que tudo indica, embora o texto não o diga explicitamente, uma terceira flecha foi atirada. Então foi ordenado ao jovem que juntasse as flechas, dando a entender que Davi deveria fugir dali. Jônatas não queria que seu escudeiro visse Davi fugindo, pelo que teria de fazê-lo sair das cercanias onde Davi se ocultava. E o jovem obedeceu à ordem de Jônatas, abandonando a área onde as flechas tinham caído. Isso deixou Davi sozinho para escapar. Dois corações estavam muito pesados; dois corações estavam tristes. Jônatas em breve morreria no campo de batalha, e aquela grande amizade não teria oportunidade de expressar-se de novo, exceto pelo fato de que Davi, quando subisse ao poder, seria generoso com a família do amigo. Naturalmente, no outro lugar da porta a que chamamos de "morte", as amizades são sempre renovadas e exaltadas. Assim sendo, a morte nunca é vitoriosa (ver I Cor. 15.54,55).

20.39

O rapaz não entendeu cousa alguma. Embora fosse escudeiro de Jônatas e provavelmente um homem honrado, eles não se arriscaram. Nem mesmo esse homem entendeu coisa alguma. Ele só seguira instruções. As pessoas fazem coisas engraçadas em troca de dinheiro, e *Saul* continuava no trono. Ele poderia enriquecer um traidor. Uma tentação para o jovem teria estragado tudo.

20.40

Jônatas deu as suas armas ao rapaz. O jovem foi enviado à cidade, levando as armas de Jônatas. Isso permitiu que Jônatas se despedisse de Davi. O encontro não foi observado por ninguém, o que garantiu a segurança necessária.

O artifício das flechas permitiu que Davi e Jônatas não fossem vistos juntos em público. Contudo, os sentimentos acabaram vencendo a cautela. Eles se concederam uma última despedida. Mas aquela não foi a última vez que se viram. Ver I Sam. 23.16. O destino orientou que em breve Jônatas perderia a vida no campo de batalha, combatendo os temidos filisteus. Alguns críticos supõem que um editor posterior tenha providenciado essa última história de despedida, porém o mais provável é que Davi deixou seu esconderijo para fugir, sem que houvesse nenhum outro encontro com o amigo. Não há como submeter a teste essa teoria.

20.41

Prostrou-se rosto em terra três vezes. Segundo somos informados, essa era uma homenagem apropriada somente no caso de um *rei.* O que esteve envolvido foi uma total prostração no solo. Xenofonte atribuiu a Ciro a invenção do ato de três prostrações (*Cyropaedia,* 1.8, cap. 23), mas o presente texto mostra-nos que o ato já existia, subentendendo ser um *costume* usado em ocasiões especiais.

Choraram juntos, Davi, porém, muito mais. Davi tinha para Jônatas uma dívida de gratidão, e o fato de ter-se prostrado, rosto em terra três vezes, perante Jônatas, ilustrou seus sentimentos. Davi homenageou o homem que arriscara a vida por ele. Os dois grandes guerreiros, sozinhos ali no campo, choraram muito e se abraçaram. Assim é que a história de Davi e Jônatas ocupa lugar ao lado dos mais significativos contos de amizade da literatura antiga. Josefo diz que Davi "prestou homenagem e chamou Jônatas de salvador de sua vida". Eles prorromperam em lágrimas "completamente vencidos pela tristeza" (Payne Smith, *in loc.*). Davi havia perdido a esposa, o amigo especial e o lar, e foi enviado para fugir de Saul, que poderia estar à espreita, com o intuito de matá-lo.

20.42,43

Vai-te em paz. A pacífica bênção de Yahweh foi proferida por Jônatas sobre Davi. Eles relembraram a *aliança* que haviam firmado. Davi inevitavelmente chegaria ao trono, e ele conservaria sua promessa para com a família de Jônatas, demonstrando amor e misericórdia. Eles concordaram com o que era expressão de sua amizade especial. Ver os vss. 15-17,23 quanto à *aliança* e suas condições. Yahweh era o *avalista* do acordo, visto que testemunhara a aliança. Ele continuaria entre as duas famílias, a de Davi e a de Jônatas, observando se permaneceriam ou não em paz uma com a outra. Não poderia haver matança entre elas. O novo rei não poderia extinguir a antiga família real para consolidar seu poder, uma prática comum no Oriente.

"As flechas transmitiram a mensagem; a advertência fora dada; e, em uma cena tocante, Jônatas despediu-se do amigo" (John C. Schroeder, *in loc.*).

"Nenhum outro escritor da antiguidade mostrou tão nobre exemplo de um estado humano tão altruísta, sentido no coração, tão humano, e nenhum com tão inteira verdade em todas as suas relações e com tão completo e profundo conhecimento do coração humano" (Phillipson, *in loc.*).

Foi assim que Davi partiu para um destino desconhecido e Jônatas retornou a Gibeá, o lugar onde sua família residia e onde Saul mantinha sua corte.

Os mais queridos amigos são separados
por abismos intransponíveis.

(Ralph Waldo Emerson)

Isso é verdade na cena terrestre, mas, para além da porta de Deus, a que chamamos de morte, a reunião de todos os amigos está garantida. A eternidade devora toda a temporalidade e suas condições.

Alguma manhã gloriosa, a tristeza cessará;
Alguma manhã gloriosa, tudo será paz.
Dores do coração cessarão, dias escolares chegarão ao fim.
O céu abrir-se-á — Jesus terá voltado.

Algum áureo romper do dia, Jesus voltará.
Algum áureo romper do dia, as batalhas
serão todas ganhas.
Ele gritará a vitória e romperá a tristeza.
Algum áureo romper do dia, para mim, para ti.

(C. A. Blackmore)

Capítulo Vinte e Um

A Fuga de Davi (21.1 – 27.12)

Davi em Nobe (21.1-9)

"Este capítulo relata que Davi foi a Nobe e, fingindo estar em um negócio secreto para o rei, obteve os pães da proposição e a espada de Golias da parte de Abimeleque, o sacerdote (vss. 1-9); passando dali para diante, foi a Gate, onde era conhecido e, temeroso, fingiu-se louco e assim dali escapou (vss. 10-15)" (John Gill, *in loc.*).

Alguns críticos supõem que o material que se segue venha cronologicamente depois de I Sam. 19.17, onde Davi escapa precipitadamente de sua casa, na noite do casamento, fugindo dos mensageiros assassinos de Saul. A seção anterior (capítulo 20) é assim vista como pertencente a um tempo anterior.

"Expulso para a área do deserto de Judá, lugar logicamente mais familiar, Davi viveu uma espécie de existência de 'Robin Hood' por quase dez anos" (Eugene M. Merrill, *in loc.*). Os eruditos supõem que Davi tivesse apenas 20 anos de idade quando iniciou seu período de exílio e por volta de 30 quando começou a governar em Judá, em Hebrom (ver II Sam. 5.4), imediatamente após a morte de Saul (II Sam. 2.10,11). Davi passou cerca de um ano e meio entre os filisteus, imediatamente antes desse evento (ver I Sam. 27.7). Ele experimentou muitas coisas que podem ter inspirado vários de seus salmos, talvez incluindo os de número 18, 34, 52, 54, 56 e 57. Mas todas as coisas cooperavam juntamente para o bem, preparando Davi para ser rei. A adversidade preparava um rei capaz.

21.1

Veio Davi a Nobe. Ver sobre esta localidade no *Dicionário*. Segundo Nee. 11.34 ela ficava no território de Benjamim, e conforme Isa. 10.32 ficava entre Anatote e Jerusalém, a apenas alguns quilômetros de Gibeá, o lar de Saul (onde ele mantinha a sua corte) e de onde Davi fugira. A localização precisa, entretanto, é disputada.

Evidentemente, Saul transferira o tabernáculo para aquele lugar, depois de estar em Quiriate-Jearim por vinte anos. Nobe e aquele lugar distavam um do outro cerca de 16 quilômetros, e Nobe ficava a leste. Ver os comentários sobre a mudança do tabernáculo em I Sam. 22.11. Ver também I Sam. 7.1,2.

Aimeleque. Ver sobre ele no *Dicionário*. Ele era filho de Aitube, o principal sacerdote. Segundo I Sam. 14.3, era bisneto de Eli. A maldição imposta sobre a casa de Eli finalmente removeria sua linhagem do sumo sacerdócio, mas isso ainda não tinha acontecido. Ver I Sam. 2.31 ss. e 3.13 ss. quanto às melancólicas profecias sobre a casa de Eli.

O *súbito aparecimento* do poderoso guerreiro Davi, o homem que tinha enfrentado Golias com sucesso, deixou o sacerdote assustado. Ele ficou surpreso com o fato de que Davi estava desarmado e sozinho, algo incomum para um viajante, para nada dizer sobre um oficial do exército. Além de estar atrás de alimentos, Davi queria consultar o oráculo para receber orientação quanto à fuga (ver I Sam. 22.13). O texto supõe que o sacerdote não soubesse do conflito entre Saul e Davi e por certo não soubesse também que Davi havia sido lançado ao exílio.

21.2

Outra Mentira Não-moral. Cf. I Sam. 19.17, onde falo sobre as mentiras não-morais. Ver também as mentiras não-morais de Davi e Jônatas em I Sam. 20.6,28,29. Davi estava em fuga e faminto. Sua localização não podia ser revelada a Saul, pois isso lhe poria a vida em perigo. Por isso mesmo, Davi mentiu ao sumo sacerdote quanto à razão real de sua presença em Nobe. Davi, presumivelmente ocupado em uma missão secreta, não trouxera ninguém em sua companhia, nem estava armado, para que ninguém suspeitasse de que teria intenções violentas. A história dizia que ele ocultara assistentes em algum lugar e teria um encontro com eles, posteriormente. Assim sendo, Davi inventou uma mentira complexa a fim de salvar a própria vida.

> *Considero correto dizer uma mentira,*
> *para prover pela minha segurança pessoal;*
> *nada deveria ser evitado a fim de salvar a minha vida.*
>
> (Difilo)

"É um fato bem conhecido que, desde a antiguidade, não era considerado crime dizer uma mentira para salvar a própria vida" (Adam Clarke, *in loc.*). Vários intérpretes modernos, naturalmente, acusam Davi por suas mentiras, mas sem dúvida isso é um moralismo exagerado quando aplicado a casos tão desesperados.

Homens na Companhia de Davi? Não somos informados que Davi, àquela altura dos acontecimentos, tivesse homens em sua companhia. Talvez houvesse alguns poucos seguidores ou alguns poucos servos de confiança. Posteriormente, entretanto, alguns homens viajaram em sua companhia, guarda-costas pessoais que compartilhavam de seu exílio.

Sacerdote Aimeleque. Sua linhagem era esta (ver I Sam. 22.19,20):

Eli (que morreu em Silo, de um acidente)

Finéias

Aitube

Aimeleque (sumo sacerdote nos dias de Saul)

Abiatar (sumo sacerdote nos dias de Davi)

21.3,4

Dá-me cinco pães. A fim de obter suprimento de pães por alguns poucos dias, Davi pediu cinco pães e agiu como se o alimento se destinasse a ele *e* a seus homens, os quais, na realidade, não existiam. Davi sabia que o sumo sacerdote sempre tinha consigo os sagrados pães da proposição, pelo que era a pessoa lógica a ser visitada. O sumo sacerdote também provia segurança, porque, se Davi lhe pedisse para não revelar a visita, ela não seria revelada. Os pães da proposição eram para consumo exclusivo dos sacerdotes. Mas o texto mostra que havia exceções. Jesus referiu-se a esse incidente (ver Mat. 12.3,4) para denunciar as leis rígidas e farisaicas acerca do sábado. As leis eram feitas para beneficiar os homens e podiam ser quebradas se maior *benefício humano* fosse assim alcançado. Ver Mat. 12.3,4 nas notas expositivas do *Novo Testamento Interpretado*, quanto ao uso que Jesus fez dessa narrativa.

Os *pães da proposição* (vs. 4) consistiam em doze pães, cada qual representando uma das tribos de Israel. Eram substituídos por novos pães no tabernáculo, a cada sábado, quando então os anteriores eram consumidos pelos sacerdotes; a ingestão, contudo, só podia ocorrer no tabernáculo, visto que nenhuma coisa sagrada podia ser conduzida a outro lugar. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pães da Proposição*, quanto a maiores detalhes. O sumo sacerdote não dispunha, na ocasião, de nenhum outro pão, isto é, pão que não fosse tirado da mesa sagrada, pelo que foi forçado, por razões humanitárias, a dar-lhe cinco pães santos.

Um Presente Preso a uma Condição. Ao dar o pão santo a Davi, o sumo sacerdote Aimeleque fez apenas uma restrição. Nem Davi nem seus homens podiam engajar-se em atos sexuais recentes. O ato sexual desqualificava um homem para participar de qualquer cerimônia religiosa, até que o homem e a mulher se purificassem mediante ritos especiais. Isso os tornava *limpos* e, assim, capazes de ocupar-se em ritos sagrados. Essa regra inflexível aplicava-se até às expedições militares (ver II Sam. 11.11-13). Um banho ritual deveria ser tomado na manhã seguinte por todos quantos tivessem mantido relações sexuais na noite anterior. Somente depois desse banho é que se poderia participar de ritos religiosos em Israel. Ver Lev. 15.16,18. Até hoje, os maometanos requerem o banho cerimonial depois do sexo para ser lavada qualquer impureza.

21.5

Davi ampliou sua mentira não-moral incluindo a invenção de que "os homens que viajavam com ele" tinham-se abstido sexualmente fazia três dias e assim estavam limpos para comer o pão santo. E ficou subentendido que eles haviam tomado o banho cerimonial após o último ato sexual, pelo que estavam livres de qualquer imundícia. E Davi acrescentou que ele sempre agia dessa maneira em suas expedições. Ele e seus homens se abstinham do sexo durante tais períodos (ver II Sam. 11.11-13). Davi estava atarefado em uma missão *comum*, e não em uma missão militar, mas vinha observando a mesma regra. Ele ainda argumentou que, ao comer o pão santo, aqueles que já estavam santos tornar-se-iam mais santos ainda. Não é provável que os doutos da lei hebraica tivessem aceitado esse argumento, mas o sumo sacerdote, naquela ocasião, foi aparentemente obrigado a aceitá-lo, porquanto Davi continuava insistindo. Ele era um homem faminto capaz de inventar qualquer argumento. Os homens temiam Davi, e, além disso, havia soldados ocultos nas proximidades (*de acordo com a história contada por Davi*). *Foi assim que o sumo sacerdote não ousou recusar-lhe os pães, mesmo que sua consciência lhe dissesse que aquela ação era um tanto irregular.*

Os corpos dos homens. Provavelmente uma menção às vestes e qualquer outro equipamento que os alegados soldados estivessem transportando. Isso tudo também estava limpo, não tendo entrado em contato com sangue, cadáveres etc.

Alguns supõem que Davi tenha conseguido alguns seguidores ao longo do caminho, e assim havia realmente alguns poucos para alimentar. A declaração de Jesus, em Mat. 12.3,4, é usada para confirmar isso.

21.6

Deu-lhe, pois, o sacerdote o pão sagrado. *Não tendo pão comum* e cedendo diante da insistência de Davi, o sumo sacerdote entregou a Davi os pães da proposição. Isso era estritamente contrário às regras, mas talvez tenha sido feito com base em sentimentos humanitários ou por temor. Os doze pães eram, naturalmente, substituídos a cada sábado, mas Davi não esperou por esse acontecimento. O sacerdote seria forçado a substituir os cinco pães antes, o que, embora também fosse irregular, não foi tão irregular quanto a doação a Davi.

Ver Lev. 24.9 quanto ao destino dos pães da proposição: "E será de Arão e de seus filhos, os quais o comerão no lugar santo".

John Gill (*in loc.*) supunha que toda essa negociação tenha acontecido justamente num sábado, pelo que os pães antigos foram entregues a Davi, ao passo que pão quente os substituiu imediatamente.

21.7

Doegue. Ver a respeito no *Dicionário.* Ele é aqui mencionado a fim de preparar-nos para a informação, dada mais adiante, de que esse homem traiu a visita sagrada de Davi ao tabernáculo. Ver I Sam. 22.9. Em retaliação à ajuda prestada a Davi, Saul matou oitenta e cinco sacerdotes. O Salmo 52, se seu título está historicamente correto, foi composto nessa oportunidade. Doegue, pois, estava *detido no tabernáculo, talvez cumprindo alguma espécie de voto, e ficou ali com* esse propósito. Ou estava ali em um período de preparação ou purificação, ou então para oferecer um sacrifício qualquer. Qualquer que fosse a razão, essa circunstância o tornou testemunha ocular do que Davi fizera ali.

Esse homem era idumeu, mas sem dúvida se convertera ao *yahwismo.* Saul lhe dera um elevado encargo, ou seja, o de pastor-em-chefe. Essa circunstância tornava-o inimigo resoluto de Davi. Josefo disse que esse homem "alimentava as mulas do rei" (*Antiq.* 1.6, cap. 12, sec. 1), mas ele era mais do que isso.

21.8

Não tens aqui à mão lança ou espada alguma? *Davi Arma-se.* Em sua pressa para escapar de Saul, Davi saíra para o exílio totalmente desprovido de instrumentos de guerra. Portanto, vendo Doegue ali, pensou primeiro que talvez tivesse de defender a vida no tabernáculo. Caso contrário, os homens de Saul poderiam alcançá-lo a qualquer momento, e ele precisava de uma espada ou uma lança como defesa. Davi, pois, explicou a ausência de equipamento militar com mais uma mentira. Estando em negócio urgente em favor de Saul, ele simplesmente havia esquecido de armar-se. Quando Davi foi lutar contra Golias, recusara espadas e lanças, e até uma armadura. Ele não estava então treinado a usar armas de guerra e precisara recorrer à humilde funda. Mas agora, como homem de mais idade, já era experiente nas lides bélicas e costumava usar instrumentos regulares de guerra. Não sabemos dizer por que Jônatas não proveu a Davi uma espada e uma lança.

21.9

A espada de Golias, o filisteu. O *tabernáculo* não era lugar onde alguém pudesse encontrar instrumentos de guerra. A única razão pela qual a espada de Golias estava ali era porque fora transformada em uma espécie de troféu, provavelmente pendurado em uma parede, a fim de que todos olhassem a espada e, admirados, dissessem: "Davi matou o gigante que usava aquela espada, e fê-lo apenas com uma funda!". Isso encorajaria os homens a confiar em Yahweh, que pode dar a vitória contra qualquer espécie de oposição. Talvez o pano que embrulhava a espada fosse a capa de Golias ainda manchada de sangue, e não algum pano sacerdotal. Vários intérpretes crêem que a estola do sumo sacerdote fosse usada para embrulhar a espada de Golias ou, pelo menos, que a espada estivesse pendurada *atrás* do lugar onde aquela peça do vestuário do sumo sacerdote também estava pendurada. Ou, mais provável ainda, a espada fora envolta em um pedaço de pano e então posta por trás da estola. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Estola.*

Aquela espada era singular. Não havia outra como ela. Assim, Davi recebeu aquela incomum armadura para ajudá-lo a defender-se durante a jornada. Mais tarde, sem dúvida, ele conseguiu outro equipamento.

21.10

Levantou-se Davi... e foi a Aquis, rei de Gate. *Naquele mesmo dia,* temendo que Doegue causasse dificuldades, Davi seguiu caminho, fugindo diante da ira de Saul. Esse foi o começo de um exílio que aparentemente durou cerca de dez anos.

Aquis. Era rei vassalo de *Gate,* uma das principais cidades filistéias. Ver sobre ambos os nomes no *Dicionário.* Davi aparentemente raciocinou que estaria livre de Saul se se refugiasse com o odiado inimigo, bem no meio de uma de suas cidades-fortalezas. Ele faria amizade temporária com o filisteu e procuraria *asilo.* Foi o plano ousado de um homem desesperado, e o fato de que Davi agiu assim nos mostra sob quão grande ameaça estava sua vida no território de Israel. Nenhum inimigo, naquele momento, poderia equiparar-se a Saul.

"Aquele era o pior lugar para onde ele poderia ter ido. Era a própria cidade de Golias, ao qual ele matara e cuja espada ele agora detinha" (Adam Clarke, *in loc.*). Gate era a cidade filistéia mais próxima de Nobe (ver o vs. 1), e isso explica por que Davi preferiu aquele lugar tão contrário.

21.11

Este não é Davi o rei da sua terra? *Infelizmente para Davi,* ele foi imediatamente *reconhecido pelos servos de Aquis, possivelmente membros de sua guarda* pessoal. Prontamente recitaram o cântico de vitória de como Saul tinha matado milhares, mas Davi dez milhares. Ver em I Sam. 18.7 quanto a essa declaração incorporada em um cântico popular de vitória. Essas palavras são reiteradas em I Sam. 29.5. O presente versículo mostra que a fama de Davi se espalhara por toda a Palestina. Sua estrela se elevava. Em breve ele seria o segundo rei de Israel, a despeito de seu retrocesso temporário no exílio. Note-se que este versículo chama Davi de *rei.* Isso se deu como uma *antecipação* até da parte dos inimigos de Israel, embora ainda não fosse uma realidade. Ou então essa palavra foi incluída no texto sagrado de forma anacrônica por algum autor sagrado.

21.12,13

Em cujas mãos se fingia doido. As palavras proferidas pelo inimigo, quando eles o reconheceram, atingiram Davi diretamente entre os olhos, conforme diz a moderna expressão idiomática. Essas palavras penetraram em seu coração e causaram-lhe grande medo. Sua ida a Gate fora um grande equívoco, mas ali estava ele, impotente. Foi assim que, para salvar a própria vida, ele teve de agir como se tivesse perdido o juízo. Aquele lugar já tinha um número suficiente de loucos, pelo que um a mais não era grande novidade, não merecendo a atenção do rei Aquis (ver o vs. 15). Diante disso, a história assume um aspecto engraçado. Davi se transformara em um idiota, e nenhum idiota babão causaria dano em Gate.

"Davi caiu nas mãos de Aquis, rei de Gate, foi identificado e salvou a vida fingindo-se doido. Aquis não temia nenhum doido (vs. 14). Tivesse sido mais esperto e perceberia que aquele louco era precisamente quem ele mais deveria temer. Em um sentido profundo, todo governante deveria sempre vigiar os loucos, que são entusiastas conduzidos por uma idéia fixa. Um governante jamais precisa preocupar-se com pessoas prudentes" (John C. Schroeder, *in loc.*).

O ato de Davi pareceu perfeitamente ridículo. Ele deve ter-se sentido um perfeito idiota, fingindo daquele modo, mas qualquer espetáculo é legítimo se salva vidas. Ele ficava fazendo marcas nas portas do portão e deixava escorrer a saliva barba abaixo. Seu ato foi tão convincente quanto nojento.

Devemos lembrar que os antigos atribuíam aos lunáticos respeito especial, crendo que eles estivessem possuídos por espírito. Sabedor desse fato, Davi talvez imitasse, pelo menos em parte, a êxtase fanática dos profetas. Ver I Sam. 19.18-24. Alguns supõem que a loucura de Davi fosse pelo menos parcialmente fingida e parcialmente autêntica. Por causa do terror em que se achava, Davi naturalmente agia como louco. A Septuaginta chama-o aqui de *epiléptico.* Conforme já dissemos, os antigos pensavam que essa condição era causada pela atividade dos espíritos. A Vulgata Latina diz que ele "batia" nos portões, em vez de escrever sobre eles.

21.14,15

Então disse Aquis aos seus servos. Os servos (soldados) de Aquis levaram Davi à presença do rei de Gate, porquanto o tinham reconhecido como o grande campeão de Israel, que havia matado Golias e muitos filisteus. Mas os atos enlouquecidos de Davi convenceram o rei imediatamente. E o rei mostrou-se impaciente com os servos, porque o estavam fazendo perder tempo. Afinal, a cidade de Gate já não contava com muitos doidos? Que faria ele com mais um? O rei quis dar a entender loucos literais, mas há um toque de *ironia* em suas palavras. Ele estava dizendo que governava um bando de idiotas, e de que adiantava trazer-lhe mais um idiota? Gate já estava repleta de loucos e idiotas literais. Nenhum deles merecia um segundo do tempo do rei.

Já que estamos falando em desperdiçar tempo, devo observar que vários intérpretes têm atacado Davi por sua falta de sinceridade. Para mim, *isso* é uma perda de tempo. Ver as notas sobre I Sam. 19.17 acerca das *mentiras não-morais.* Adam Clarke deixou escrito: "Não sou eu quem vai defender a falta de sinceridade ou a mentira". Mas tal declaração dificilmente pode aplicar-se ao texto que temos à nossa frente.

O Talmude (*Sanhedrin,* fol. 95, cols. 1 e 2) tem uma lenda ilustrativa associada a este texto. Conta-se ali a história de que *Satanás,* sob a forma de uma

gazela, apareceu a Davi. Davi saiu atrás da gazela. Era bom alimento potencial. Mas o animal conduziu Davi a Gate, e foi ali que ele acabou chegando, por um engano de Satanás. Então o irmão de Golias, Isbi-Benobe, viu Davi e o reconheceu, e foi atrás para matá-lo. Davi conseguiu matar o homem e, por uma complexa combinação de ajuda miraculosa e humana, finalmente chegou a Gate em segurança.

Capítulo Vinte e Dois

Saul Massacra os Sacerdotes em Nobe (22.1-23)

Esta *seção geral* (21.1-27.2) inclui a história do brutal e incrível massacre, por parte de Saul, de praticamente toda a casta sacerdotal que servia no templo. Isso Saul fez meramente para vingar-se de o sumo sacerdote ter ajudado Davi em seu momento de necessidade. A história ilustra o ódio feroz e satânico de Saul por Davi, que o levou ao extremo de matar os sacerdotes de Yahweh. O poder divino, afinal, usaria os filisteus para derrotar Saul, o que reequilibraria a escala moral.

Davi conseguiu escapar de Gate, fingindo-se de doido (capítulo 21). Ele então mudou-se para Adulão, cerca de 32 quilômetros a sudoeste de Jerusalém e a metade disso de Gate. Ali se refugiou com cerca de 400 homens, os quais, por várias razões, estavam refugiados (vs. 2). Posto em posição de ilegitimidade pelo poder real, Davi seria perseguido, mas sua família também corria perigo. Portanto, Davi transferiu-os para Moabe (vss. 3 e 4). Lembremos que Rute, a bisavó de Davi, era moabita, pelo que havia antigos laços familiares naquele lugar, e é provável que isso tenha encorajado Davi a enviar seus familiares para lá.

Entrementes, Davi aproveitou o descontentamento dos 400 refugiados e formou um pequeno exército, tornando-se o líder.

22.1,2

Caverna de Adulão. Ver sobre este nome no *Dicionário*. Davi ali se refugiou. O nome significa "fortaleza", mas uma corrupção do termo hebraico nos brindou com o sentido de "caverna". Tornou-se um lugar de retiro para Davi, tanto antes como depois da captura de Jerusalém (ver II Sam. 23.13-17). Os parentes de Davi, em perigo, uniram-se a ele no exército. Jessé e sua esposa são mencionados neste texto, pelo que é evidente que eles não morreram antes dos eventos relatados no capítulo 22. No mesmo lugar estavam refugiados os descontentes, a maioria adversários de Saul, pelo que não foi difícil reuni-los em uma força anti-Saul. O "rei" Davi, portanto, já tinha um núcleo de poder, que funcionou como uma elite de guarda-costas para Davi, favorecendo o soerguimento de sua estrela.

"Davi, pois, tornou-se um fora-da-lei, vivendo na fortaleza de Adulão com os parentes e aqueles 400 descontentes, que se reuniram ao seu redor. Davi tornou-se uma espécie de Robin Hood" (John C. Schroeder, *in loc.*).

"A situação do país, que se tornava cada vez mais melancólica sob Saul, levou os homens a buscar um líder que representasse uma esperança para o futuro. Davi não dispensou esses refugiados, muitos deles israelitas distinguidos e proeminentes, mas, antes, organizou-os em uma força militar" (Ellicott, *in loc.*).

A palavra "aperto" implica perseguição. Davi não era o único de quem Saul abusava. Alguns dos refugiados estavam em dívida e tinham escapado do aprisionamento e da escravidão. Embora existissem leis para proteger os desafortunados (ver Êxo. 22.25; Lev. 25.36 e Deu. 23.19), havia muitos abusos. Os devedores eram reduzidos à servidão. Talvez entre aqueles 400 seguidores originais de Davi houvesse aqueles *três* famosos elementos mencionados em II Sam. 23.13,14 e I Crô. 11.15,16.

22.3

Mispa. Ver no *Dicionário* o artigo com esse nome. A Mispa presente é a terceira da lista. Não tem sido identificada sem debates. Alguns estudiosos a associam com *Quir. Rute*, bisavó de Davi, era moabita e deu a Davi algumas conexões com o lugar. Ele pensava que seus parentes poderiam permanecer no lugar até que terminasse a perseguição movida por Saul. Ver Rute 4.17. Mais tarde, Davi tratou severamente com os moabitas dominados (ver II Sam. 8.2), e alguns pensam que não foi muito elegante, por parte de Davi, agir dessa forma, depois que eles deram refúgio à sua família, em tempo de pressão. Outros, com base na passagem de II Samuel, questionam a autenticidade da notícia no capítulo 22, de que a família de Davi se deslocou para lá. Mas muitas circunstâncias históricas foram ignoradas, e não podemos solucionar todos os problemas relacionados a textos aparentemente contraditórios.

"Davi não podia deixar seus parentes ao alcance de Saul, e achou inconveniente que eles passassem por todas as fadigas da vida militar. Por isso, pediu ao rei de Moabe que lhes desse abrigo. Esse rei, um dos adversários de Saul, de bom grado acatou o pedido, tendo este vindo de uma pessoa da parte de quem esperaria amizade e consideráveis vantagens" (Adam Clarke, *in loc.*).

A palavra *Mispa* significa *"torre de vigia"*. Provavelmente era uma fortaleza na região montanhosa de Moabe. A distância entre Mispa e o sul de Judá não era grande, pelo que era um lugar conveniente para os refugiados ficarem em asilo temporário.

Davi agora esperava o que "Deus faria por ele". Não acreditava que as circunstâncias adversas perdurassem para sempre. A vontade de Deus haveria de tirá-lo daquela crise. Entrementes, ele tinha lições para aprender dessa adversidade.

Na adversidade, um homem é salvo pela esperança.

(Menandro)

22.4

E com este moraram. Enquanto Davi esteve na fortaleza de *Adulão*, seus familiares permaneceram a salvo da violência de Saul, junto ao rei de Moabe. Alguns supõem que tenha sido em *Mispa* que Davi passou a maior parte do exílio. Não lemos novamente sobre os parentes de Davi. Há uma teoria que afirma que o rei de Moabe matou a todos eles, mas não existe nenhuma verdade histórica nisso. Ver *Bemidbar Rabba*, sec. 14, fol. 212.1.

22.5

Então Davi saiu e foi para o bosque de Herete. Davi poderia ter ficado indefinidamente em Adulão (ou Mispa), se um profeta de Yahweh, *Gade*, não lhe tivesse dado iluminação especial, por meio de uma profecia. Algumas vezes, para fazermos o que é certo, precisamos de *iluminação*, de modo que não fiquemos presos em nossas próprias idéias e situações. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Nenhum homem é tão espiritual que não precise, ocasionalmente, de ajuda divina. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

Ver no Dicionário o artigo sobre os vários homens chamados Gade, nas páginas do Antigo Testamento. Este aqui mencionado é discutido sob o número 4, onde há informações completas. Davi encontraria segurança no território de Judá, que seria uma base melhor para suas operações do que Moabe. Davi estava sendo liderado passo a passo. Ele estava sob tensão, mas essa própria tensão cooperava com o plano divino.

Não fiques neste lugar. Esta fora a ordem baixada pelo profeta. "O sábio conselho do profeta sugeriu, por *influência divina*, que Davi não se alienasse de seu país e povo, permanecendo em um país estrangeiro, mas retornasse com sua gente para os recônditos mais selvagens de Judá. Ali haveria trabalho para ele e seus seguidores, naqueles distritos afastados e naquela terra devoluta" (Ellicott, *in loc.*).

Herete. Ver no *Dicionário* o que se sabe sobre o lugar. A Septuaginta e Josefo dizem "a cidade de Harete". São usadas as duas formas da palavra, Herete e Harete. Investigações modernas não encontraram nenhum vestígio de florestas à beira da cadeia montanhosa de Hebrom. Mas há *tufos* de arbustos que continuam assinalando a área. Além disso, florestas antigas desapareceram da Palestina, que era muito mais densamente arborizada que hoje. Kimchi afirma que o lugar era seco e estéril, mas, *por causa de Davi*, produziu florestas. Mas isso é um embelezamento tolo do texto.

22.6

Ouviu Saul. Enquanto Davi passava por vários estágios dramáticos no exílio, Saul usufruía o conforto de seu lar em Gibeá, sempre com sua lança de confiança na mão, sinal do poder real. Cf. 19.7 e 20.33. Saul ouviu (provavelmente da parte de algum mensageiro) que seu inimigo, Davi, estivera em Moabe, mas agora voltava à Judéia, pelo que representava uma ameaça contra Saul. O rei lutava *duramente para preservar a lealdade de servos e soldados, parcialmente mediante* ofertas de posição e poder, conforme demonstram os versículos seguintes. Saul contava com sua *árvore sagrada*, sob a qual algumas vezes efetuava seu tribunal e para a qual se retirava a fim de apelar para a adivinhação. A árvore sagrada ficava em um *lugar alto*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lugares Altos.*

Numa colina. Ou seja, um bosque sagrado existente em algum lugar elevado, e não *Ramá*, conforme dizem algumas traduções.

Saul sentia-se tanto mais ansioso para consolidar a lealdade de seus súditos, especialmente as figuras militares, visto que agora se sabia que Davi tinha reunido um pequeno exército. Haveria muita tribulação e matança antes que o drama terminasse.

22.7

Peço-vos, filhos de Benjamim. Os *cortesãos de Saul* eram todos homens de Benjamim, o que pode subentender que o poder de Saul estivesse restrito àquela tribo, e sua influência não era grande em outras partes de Israel. O mesmo

ocorrera com o poder dos *juízes,* que também não foram líderes nacionais. Eles tinham suas respectivas esferas de influência, mas nada além de áreas geográficas restritas. Ou talvez Saul favorecesse os homens de Benjamim acima de outros israelitas, enquanto mantinha poder sobre todas as tribos, pelo menos até certo ponto. Benjamim era a tribo de Saul. Na política, nada é mais comum que o favorecimento dos "meninos da casa". Saul tinha investido nos homens de sua cidade favorita e assegurou-lhes que o filho de Jessé não os favoreceria da mesma maneira. Portanto, eles deveriam permanecer leais a *Saul.*

Além de tê-los cumulado de altas posições, Saul também os havia *enriquecido,* conferindo-lhes terras e vinhas. Por igual modo, os políticos modernos se enriquecem, junto com seus associados, às expensas do povo. Podemos estar certos de que o modo de agir de Saul enfurecera muitos cidadãos de Israel, porquanto o que o rei fazia representava opressão *para eles.*

22.8

Deslealdade. Saul acusou até seus subchefes e comandantes militares de terem conspirado contra ele. Eles não o haviam informado de quão íntimos eram Davi e Jônatas (seu filho) e como tinham firmado um pacto de ajuda mútua (ver 20.8 e ss.). Agindo assim, tinham permitido que uma situação de traição crescesse, incluindo até o seu próprio filho. Saul acusou Jônatas injustamente de despertar Davi contra ele, a fim de destroná-lo. Ninguém se compadecera de Saul. Todo homem favorecia Davi, secretamente, em seu coração. Foi assim que Saul se entristeceu e distorceu os fatos. "Os homens atraem uma precária situação moral quando se sentem tristes por si mesmos. Eles apresentam desculpas por suas falhas. E buscam incitar a piedade de outras pessoas. Começam a ver as pessoas com suspeita. Talvez seja mais difícil sermos honestos conosco mesmos do que com os outros. O jargão psicológico contemporâneo nos brindou com a palavra *racionalização* para indicar essa condição. As pessoas 'racionalizam' sem saber o que estão fazendo" (John C. Schroeder, *in loc.*).

Foi assim que a mente enferma e demoniamente atormentada de forma demoníaca assediava Saul. Ele via perigos por toda parte; a traição de todos; a deslealdade do próprio filho. Cultivava um inferno particular e julgava a vida toda pelo tumulto que rugia dentro dele.

22.9,10

Então respondeu Doegue. Ver sobre esse homem no *Dicionário* e em 21.7. Doegue aproveitou a amarga diatribe de Saul contra seus próprios súditos a fim de ganhar vantagem. Ele procuraria obter mais terras mostrando-se mais leal que o restante dos homens de Saul. Não é provável que Doegue, um edomita, fosse o chefe de todos os auxiliares de Saul, mas podemos ter certeza de que mantinha elevada posição em sua corte. E aproveitou a oportunidade para revelar, naquele instante, que vira Davi em Nobe, em companhia do sumo sacerdote *Aimeleque.* Davi estivera ali consultando o oráculo e obtendo um pequeno suprimento de boca. É provável que tenha sido *justamente nesse momento* que Doegue lembrou o incidente. Ele não havia negado propositadamente a informação a Saul. Apenas não dera ao incidente a importância devida. E assim, percebendo agora a importância do incidente, revelou-o prontamente.

Somente aqui é mencionado que Davi consultou o oráculo. O relato original, do capítulo 21, não fala nisso. Todavia, é possível que Doegue tenha adicionado aqui o detalhe, presumindo que tenha acontecido, quando, na realidade, Davi estava interessado somente em alimento, e não em obter orientação especial. Seja como for, Doegue também havia observado que o sumo sacerdote entregara a Davi a espada de Golias. Isso parecia uma *clara indicação* de que o sumo sacerdote era aliado de Davi, um participante da traição. Certamente deveria ser executado, e Saul cuidaria para que a execução fosse efetuada, e em breve.

22.11

Então o rei mandou chamar Aimeleque. Saul não se importou em ir a Nobe para investigar a questão, embora aquele lugar ficasse somente a cerca de 6,5 quilômetros de Gibeá. Antes, ordenou que toda a classe sacerdotal viesse a ele. Saul provavelmente havia removido o tabernáculo de Nobe, que segundo certas fontes havia permanecido em Gibeá por cinqüenta e sete anos (Maimônides e Bartenora, em Mishnah Zebachim, cap. 14, sec. 7). I Sam. 7.1,2 diz que o tabernáculo permaneceu em *Quiriate-Jearim* por vinte anos. Não é fácil reconciliar tais notícias, nem compreender o motivo pelo qual o tabernáculo fora transferido de um lugar para outro. Quiriate-Jearim ficava cerca de 16 quilômetros a oeste de Nobe.

Quando Davi conquistou Jerusalém, transferiu o tabernáculo para essa cidade. Anos depois, Salomão incorporou o tabernáculo ao templo. Dessa forma, a adoração foi centralizada em Jerusalém, e o tabernáculo cessou suas perambulações. Mas, antes de descansar em Jerusalém, o tabernáculo esteve em vários lugares. Isso é comentado no *Dicionário,* no artigo intitulado *Tabernáculo,* seção V. De Nobe (após a destruição da casta sacerdotal), o tabernáculo foi para Gibeom (I Crô. 16.39 ss.).

Sem suspeitar de perigo e obedecendo à ordem do rei, o sumo sacerdote e todo o sacerdócio partiram de Nobe em direção a Gibeá.

22.12

Disse Saul. Saul queria ter certeza de que havia apanhado o homem certo, chamando-o de "filho de Aitube". O sumo sacerdote garantiu-lhe ser o homem certo e chamou Saul de "senhor", conforme qualquer súdito leal teria feito, a despeito de toda a confusão que Saul causara em Israel.

Saul desprezou Aimeleque não o chamando pelo nome nem pelo título de sumo sacerdote. Saul estava prestes a efetuar um ato de grande vergonha, e não estava aplicando nenhuma gentileza no tocante à hospitalidade. Mas o sumo sacerdote pagou a devida honra ao rei, embora não tivesse sido honrado.

22.13

As Acusações. Saul não estava ali para ocupar-se de conversas polidas. Antes, bradou suas acusações contra Aimeleque: "Você é o homem que ajudou o traiçoeiro Davi. Você lhe deu suprimento de alimentos; você ajudou o exército dele; você lhe deu armas". Saul estava disposto a matar, e não aceitaria desculpas, e nenhum pronunciamento da *verdade* (Davi tinha enganado o sumo sacerdote) seria aceito. A ira sempre distorce ou ignora a verdade.

O pior de tudo era que o sumo sacerdote havia ajudado Davi dizendo-lhe para onde ir com sua traição, na tentativa de destronar Saul. O vs. 15, que fazia parte da defesa do sumo sacerdote, não deixou claro se o sacerdote deu a Davi um oráculo e, *se* ele o fez, qual era o conteúdo. Mas certamente ele negou que houvesse traição envolvida na questão.

22.14

Davi é Reconhecido como Fiel Auxiliar do Rei Saul. Ele era o homem que servira supremamente a Saul e a toda a nação de Israel matando Golias, e, subseqüentemente, adquiriu elevada reputação ao matar os temidos filisteus (21.8). Nenhum homem, em todo o reino, era súdito mais leal a Saul, capaz de ser-lhe tão benéfico, como Davi. Por conseguinte, o argumento de Aimeleque insistia: Como poderia alguém suspeitar dele? Se Davi tinha cometido algum erro, o sumo sacerdote não tinha consciência disso, e o havia ajudado na ignorância, e não em conluio contra Saul. Mas foi inútil tentar alguma defesa. Saul já tinha executado o sumo sacerdote e o sacerdócio em seu coração, e em breve seu intuito seria uma realidade. Davi era *genro* do rei e homem de inquestionável lealdade. O sumo sacerdote ficou espantado de que alguém pusesse em dúvida essa lealdade.

22.15

O texto hebraico deste versículo tem sido variegadamente interpretado, com o resultado de que permanecemos na incerteza sobre qual foi exatamente a defesa do sumo sacerdote Aimeleque no tocante alegada consulta de Davi ao oráculo de Nobe. As várias interpretações dizem o seguinte:

1. O hebraico diz aqui, literalmente: "Comecei a consultar a Deus por ele?". *A pergunta pode ser retórica,* como se dissesse: "Eu, de fato, não indaguei dele. Isso foi um mal-entendido de Doegue".
2. Mas a palavra "começar" pode indicar que Davi, em várias ocasiões, tinha consultado o oráculo, pelo que o sumo sacerdote não tinha como saber quando, *uma vez mais,* Davi o fez. O sumo sacerdote pode ter dito em tantas palavras: "O que você pensa? Você acha que somente naquela ocasião dei consultas a Davi? O fato é que já fiz isso para ele diversas vezes. Portanto, nada houve de novo ou incomum acerca da consulta. Eu não podia suspeitar de algum mal no caso".
3. Abarbanel apresenta a tradução: "Esse foi o primeiro dia em que perguntei a Deus por ele e nada fiz que fosse desagradável a ti". Longe disso, Davi afirmou estar em uma missão especial para Saul, pelo que o sacerdote deveria dar tratamento especial a Davi, incluindo a consulta do oráculo.

22.16

Respondeu o rei. *Saul* se acostumara a ignorar os clamores dos inocentes, e o sumo sacerdote e seus amigos sacerdotes seriam tratados como um bando de animais, mortos sem piedade. Além disso, toda a família de Aimeleque seria morta, em consonância com o costume oriental em que a competição era eliminada, em vez de aplacada. Homens brutais não se preocupam com a justiça. Nisso, o quase extermínio da casa de Eli seria efetuado, e a linhagem sacerdotal em breve passaria para outro descendente de Arão. Ver I Sam. 3.10 ss. quanto à maldição contra a família de Eli.

22.17

Guarda. Literalmente, corredores. Sua função era correr diante da carruagem real. Cf. II Sam. 15.1. Eram os auxiliares usuais de um rei no oriente. Um exemplo do valor dessas corridas é dado em I Reis 18.46. Elias correu à frente da carruagem de Acabe.

Matai os sacerdotes do Senhor. A ordem de Saul aos guardas pessoais e soldados para matar o sumo sacerdote e todo o grupo de sacerdotes do tabernáculo *não foi obedecida.* Isso poderia ser fatal para os soldados, mas eles estavam dispostos a correr o risco, em lugar de matar os ungidos de Yahweh. A loucura de Saul, entretanto, não foi impedida por nenhuma preocupação "teológica". "Eles ousaram desobedecer às ordens do rei em um caso de tal injustiça, desumanidade e irreligião" (Adam Clarke, *in loc.*). As tradições judaicas dizem que Abner e Amasa estavam entre os corredores (guardas) (*Midrash Tillim,* apud Abarbanel, *in loc.*). Mas Kimchi corretamente observa que eles eram príncipes, e não homens que combatiam a pé.

22.18

Doegue era idumeu, provavelmente um convertido ao *yahwismo,* mas faltava-lhe o respeito hebreu que os outros tinham. Ele não temia o julgamento de Yahweh. Matar os sacerdotes era apenas outro ataque assassino para ele, pelo que estava ansioso para servir e agradar a Saul. De fato, Doegue gostava de matar. Ele teria um melhor dia de matança, matando oitenta e cinco sacerdotes que estavam diante dele desarmados e indefesos. Assim a degradação de Saul chegara a um ponto inacreditável. Nada mais era sagrado para ele. Ele só cuidava de manter seu poder e realizou atrocidades inimagináveis para manter por breve tempo sua autoridade, que Yahweh lhe tiraria em mero instante.

Vestiam estola sacerdotal de linho. A Septuaginta ignora a palavra "linho". Nem todo sacerdote tinha uma estola, mas eles, como sacerdotes, estavam qualificados para levar a estola do santuário de Nobe e dar respostas oraculares (ver I Sam. 14.18,19). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Estola,* quanto a informações completas. Os sacerdotes tinham suas próprias vestes de linho como sinal de seu ofício, mas havia a veste especial do sumo sacerdote, na qual eram guardados o *Urim* e o *Tumlm,* com base nos quais eram dados oráculos. Ver no *Dicionário* os artigos gerais chamados *Estola* e *Sacerdotes, Vestimentas de.*

A Septuaginta e Josefo falam sobre o número de sacerdotes mortos como 305 e 385, respectivamente, e Josefo fala sobre a ajuda que Doegue obteve da parte de homens ímpios, iguais a ele. A matança não acabou com a casta sacerdotal, conforme nos informa o versículo seguinte. Ver Josefo (*Antiq.* 1.6, cap. 12).

22.19

Passou ao fio da espada. *A Atrocidade.* Em um ataque de fúria, Saul ordenou e provavelmente também executou pessoalmente a matança dos cidadãos de Nobe, que não pertenciam à casta sacerdotal e nada tinham que ver com o incidente que envolveu Davi. Saul, pois, efetuou *guerra santa* contra sua própria gente, não poupando nem mulheres nem infantes, e obliterou toda vida animal, não poupando absolutamente nada. Essas eram as demandas da *guerra santa* sobre as quais comento em Deu. 7.1-5 e 20.10-18.

> *Enquanto a humanidade continuar a prestar mais louvores a seus destruidores do que a seus benfeitores, a guerra permanecerá como busca principal das mentes ambiciosas.*
>
> (Edward Gibbon, na obra *Declínio e Queda do Império Romano)*

> *Nas artes da vida, o homem nada inventa.*
> *Mas na arte da morte ele ultrapassa a própria natureza.*
>
> (George Bernard Shaw)

"O mau gênio de Saul levou-o a um final ato desastroso de injustiça, mediante o qual perdeu o apoio dos sacerdotes. A partir dali, um curto passo levaria à queda final" (John C. Schroeder, *in loc.*).

Os filisteus haviam perpetuado uma atrocidade relativamente pequena contra os sacerdotes do tabernáculo em Silo. Mas agora vemos o próprio rei de Israel efetuando atrocidade maior novamente contra o tabernáculo que tinha permanecido em Nobe. Quanto aos vários lugares onde o tabernáculo fora localizado antes de descansar em Jerusalém, ver *Tabernáculo,* no *Dicionário,* seção V. De Nobe, o tabernáculo foi transferido para Gibeom (ver I Crô. 16.39 ss.).

22.20

Um só. Um único filho do sumo sacerdote, *Abiatar,* escapou da matança e procurou Davi para contar-lhe sobre o desastre de Nobe. Ver no *Dicionário* quanto a *Abiatar,* para detalhes. Ele conseguiu levar a estola sacerdotal, de acordo com I Sam. 23.6,9, e isso tornou-o candidato a ser o próximo sumo sacerdote. Mas até mesmo ele seria finalmente substituído, por causa da maldição contra a casa de Eli (ver I Sam. 3.10 ss.). Salomão, filho de Davi, removeu-o do ofício e mandou-o para o exílio (ver I Reis 2.26 e 27). Isso pôs fim à casa de Eli no sumo sacerdócio. A linhagem passou para *Zadoque,* que era descendente de Eli por outra linhagem. Abiatar sempre foi fiel a Davi, mas a política o lançou em desfavor diante de Salomão. Provavelmente Abiatar escapou porque foi deixado no tabernáculo em Nobe e, quando a matança espalhou-se daquele lugar para Gibeá, teve tempo de fugir, levando as vestes do sumo sacerdote. Podemos estar certos de que ninguém sobreviveu em Gibeá.

22.21

E lhe anunciou que Saul tinha matado os sacerdotes do Senhor. *Abiatar* foi o portador da amarga mensagem, ou seja, a incrível matança da casta sacerdotal e de todos os habitantes de Nobe. "Sua mensagem foi triste e chocante" (John Gill, *in loc.*).

22.22

Davi havia antecipado alguma desgraça da parte do idumeu, Doegue, e culpou a si mesmo por ter causado a morte dos sacerdotes. Agora, pois, reconheceu que seria melhor ter evitado Nobe. Ele poderia ter conseguido alimentos e armas em algum outro lugar. Ele tinha tomado o curso mais fácil. Assim, o curso fácil com freqüência torna-se o mais caro, afinal. Mas Davi dificilmente poderia ter antecipado até que ponto de degradação Saul se rebaixara. Foi assim que Davi se tornou a "causa inocente" (Adam Clarke) do que aconteceu em Nobe. O Talmude diz que, muito antes desse tempo, já se tinha criado forte desconfiança entre Davi e Doegue. É provável que já fazia tempo que Doegue competisse com Davi pelo favor do rei. O Talmude faz do jovem que acompanhava Saul desde o começo (capítulo 9), bem como do servo de I Sam. 16.18, Doegue. Ele pode ter louvado Davi e buscado sua ajuda para aliviar a loucura de Saul com a música, mas "todos os seus louvores a Davi, em I Sam. 16.18, tinham um objetivo malicioso" (conforme o *Sanhedrin,* fol. 93, col. 2).

Da casa de teu pai. Nem todos os sacerdotes de Nobe pertenciam à casa de Aimeleque, embora todos descendessem de Arão. O autor sagrado, pois, falou com certa inexatidão.

22.23

Companheiros no Exílio. Davi e Abiatar ficariam juntos, e juntos enfrentariam a ira de Saul. Davi prometeu a esse homem o seu apoio, e em breve o reconheceria e o empregaria como sumo sacerdote. Ver as notas expositivas sobre o vs. 20. Davi defenderia o novo sumo sacerdote com a própria vida, parcialmente por causa de seu erro ao provocar a ira de Saul contra a casta sacerdotal em Nobe. Além disso, era nele que a vontade de Yahweh continuaria a ser revelada, e isso Davi precisava defender. Alguns estudiosos sugerem que nesse ponto da história Davi compôs o Salmo 52.

Capítulo Vinte e Três

Davi Defende Queila (23.1-13)

Davi, mediante iluminação direta de Yahweh, arriscou a própria vida ao aventurar-se para fora do exílio e atacar os filisteus que assediavam *Queila.* Essa foi a orientação dada pelo novo sumo sacerdote, *Abiatar,* a Davi, que em breve seria o segundo rei de Israel. Os filisteus estavam à cata dos armazéns de cereais da cidade e trouxeram animais para carregar o cereal (vs. 5).

Queila ficava a somente 5,5 quilômetros de Adulão. Logo, em termos de distância, a tarefa de Davi era fácil. Mas essa era a única coisa em seu favor, exceto, naturalmente, a ajuda divina que salvou o dia.

A presença de Abiatar com Davi (I Sam. 22.23) assinalou o começo do poder sacerdotal de Davi, e o capítulo 23 registra o primeiro uso desse poder. O vs. 6 cita nominalmente o sumo sacerdote e faz dele a fonte da iluminação necessária. "Apesar de estar fugindo de Saul, Davi fez mais do que permanecer oculto. Ele também combateu contra os sempre ameaçadores filisteus" (Eugene M. Merrill, *in loc.*).

23.1

Eis que os filisteus pelejam contra Queila. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Queila.* O local antigo é assinalado pela moderna Khirbet Quilâ, a cerca de 5,5

quilômetros de Adulão. A distância entre o quartel-general de Davi e aquele lugar era pequena, pelo menos um fator favorável. Davi apenas não sabia se tinha forças suficientes para resistir às hostes filistéias com um grupo de 600 homens (ver 23.13). Para tanto, precisava de iluminação especial da parte de Yahweh, algo possibilitado pela presença do novo sumo sacerdote, Abiatar (ver o vs. 6).

Furtar cereal das eiras de Israel era uma prática antiga dos vizinhos de Israel. Ver Juí 6.4. "Quando o grão estava maduro para ser colhido e submetido ao padejamento, era reunido nas eiras que sempre havia em campo aberto. Portanto, era fácil para os adversários vir e levar a colheita" (Adam Clarke, *in loc.*).

23.2

Consultou Davi ao Senhor. *Algumas vezes* torna-se mister a iluminação divina para o cumprimento apropriado dos projetos. Davi enfrentava um dilema. Estava próximo, mas relativamente fraco. E não possuía muitas armas. Ele e seus soldados poderiam ser todos mortos. Foi por isso que Davi consultou o oráculo, através do novo sumo sacerdote, Abiatar (vs. 6). Este tinha trazido as vestes sagradas, inclusive a *estola* e o *Urim* e o *Tumim* (ver o vs. 6), proporcionando as condições necessárias para a consulta. Talvez isso tenha sido feito mediante o lançamento das sortes. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Sortes* e *Urim e Tumim*. Seja como for, o resultado foi positivo: "Vai, luta. A vitória será tua". Temos aqui uma "instância rara de heroísmo desinteressado" (Adam Clarke, *in loc.*). Isso porque Davi nada tinha que ganhar pessoalmente através desse ato. De fato, porém, ele ganhou, porque trouxe muito despojo da batalha. Mas ele não tinha ido com esse propósito.

É possível que Davi tenha feito essa inquirição através do profeta Gade (ver I Sam. 22.5), e não através de Abiatar. A presença dos dois homens com Davi garantia correta orientação.

23.3

Os Homens de Davi Estavam Temerosos. E com toda a razão. Somente uma intervenção divina poderia dar-lhes a vitória naquele dia. Eles temiam estar em *Judá*, o território de Israel, por causa de Saul. Quanto mais se avançassem ao encontro dos filisteus na fronteira! Ao que tudo indica, *Queila* ficava dentro das fronteiras de Judá, mas tão perto do território filisteus que todos corriam grande perigo. Ademais, os filisteus sem dúvida controlavam toda aquela área e eram, para todos os efeitos práticos, um exército de ocupação.

23.4

Dispõe-te, desce a Queila. O grande temor dos homens tornou Davi cauteloso e fê-lo consultar novamente o oráculo, para certificar-se de que receberia a resposta correta. Yahweh mostrou-se paciente com a hesitação de Davi, e deu-lhe a mesma resposta da primeira consulta, isto é, a certeza de vitória. Isso satisfez não somente o próprio Davi, mas igualmente seus homens. E assim as coisas logo foram postas em movimento para o ataque. A *iluminação divina* provê entusiasmo e confiança para efetuarmos tarefas difíceis. E todos nós, ocasionalmente, carecemos dessa espécie de assistência divina. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Apesar do benefício de ler a Bíblia e orar, algumas vezes precisamos do toque místico do Espírito de Deus. E isso também faz parte do nosso desenvolvimento espiritual. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios de.*

23.5

Partiu Davi com seus homens a Queila. O *sucesso* não foi fácil, mas estava garantido. Os temidos filisteus foram obliterados. Seus bens e seu gado acabaram passando para as mãos de Davi, e ele precisava daquelas *provisões* para seu pequeno exército. Portanto, a vitória deu a Davi a satisfação de ter salvado uma cidade dos filisteus atacantes e ter tirado benefício para si próprio e para seus homens. Isso significa que ele foi fortalecido para buscar *outras* vitórias.

> *Deus pode fazer-vos abundar em toda graça,*
> *a fim de que, tendo, sempre, em tudo,*
> *ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.*
>
> (II Coríntios 9.8)

23.6

Ao que parece, este versículo foi inserido para nos informar três coisas: 1. Que Davi foi capaz de consultar o oráculo e assim obter a iluminação divina para a vitória em Queila; 2. Que a Davi fora dado um sumo sacerdote, Abiatar, sobrevivente do massacre dos sacerdotes em Nobe (22.20). Desse modo, um culto religioso apropriado passou para Davi e abandonou o selvagem Saul. Quando Davi se tornou o segundo rei de Israel, Abiatar tornou-se sumo sacerdote em Jerusalém. Salomão, porém, por razões políticas, acabou por removê-lo. Ver no *Dicionário* sobre *Abiatar*, quanto aos detalhes. 3. O *equipamento apropriado* a ser usado pelo sumo sacerdote fora trazido de Nobe por Abiatar. Davi não pôde colocar as mãos nesse equipamento, pelo que, qualquer sacerdote substituto que pudesse ter levado não estaria equipado com os instrumentos sagrados e ungido para uso, pela autoridade de Yahweh. Davi poderia consultar Yahweh através de Gade, o profeta (22.5), mas o modo normal seria através do sumo sacerdote. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Estola.*

23.7

Foi anunciado a Saul que Davi tinha ido a Queila. Fazia tempo que Saul caçava Davi, mas Davi sabia ocultar-se. Ele tinha seus esconderijos e sua fortaleza privada em Adulão (22.1). Por isso Saul se deleitou com o fato de Davi ter "saído a campo aberto". Quando Saul ouviu que Davi estava em uma posição vulnerável, em Queila, imediatamente lançou de Gibeá um ataque. Os dois lugares estavam separados por apenas 32 quilômetros, de modo que o ataque foi facilitado. Note-se o admirável detalhe: Saul deu a *Elohim* o crédito por ter trazido Davi a campo aberto, onde poderia atacá-lo! Homens auto-iludidos estão realmente enganados! Ele supôs que Davi tivesse sido reprovado por Deus, meramente por ser seu próprio inimigo. É fácil lançar a culpa das coisas a Deus, quando nossa própria espiritualidade está degradada.

23.8

Saul mandou chamar todo o povo à peleja. Podemos ter certeza de que Saul reuniu um *exército imenso.* Ele não queria arriscar-se com Davi, homem cheio de truques. Como rei, Saul tinha direito de forçar os homens a lutar, quisessem eles ou não fazê-lo. Davi, em contraste, dependia de seu pequeno exército voluntário.

23.9

Sabedor, porém, Davi. Davi também foi informado das intenções e dos movimentos de Saul. Portanto, Davi tornou a consultar o oráculo. A menção aqui à estola e a Abiatar mostra-nos que ele usou os meios normais ou as *sortes* sagradas (ver no *Dicionário*) ou o *Urim e o Tumim* (ver também no *Dicionário*). Isso subentende que sua consulta anterior também foi feita desse modo. É possível que Jônatas, em seu grande e contínuo amor por Deus, tivesse encontrado algum mensageiro para manter Davi informado sobre os movimentos de Saul.

23.10

Orou Davi. Saul vinha a caminho para destruir a cidade de *Queila,* juntamente com Davi e seus homens, a menos que eles cooperassem entregando Davi. Sua brutalidade não permitiria piedade. Com base nas experiências passadas, Davi sabia que a cidade corria perigo de ser obliterada e suspeitou (corretamente) que seus habitantes não tentariam combater Saul. Primeiro, seria inútil resistir. Além disso, eles prefeririam sobreviver a ver Davi sobreviver.

23.11,12

Estes dois versículos respondem a duas perguntas críticas que Davi tinha feito: 1. Descerá Saul conforme fui informado? 2. Se ele descer mesmo, os habitantes da cidade me entregarão à morte? E o oráculo respondeu afirmativamente a ambas as perguntas. "Saul está a caminho, e tu serás um homem morto se permaneceres aqui". O oráculo só podia responder a *uma pergunta* por vez, pois dizia "sim" ou "não" a cada pergunta. Foi por isso que Davi perguntou primeiro sobre a descida de Saul. "Sim, ele descerá". Então a segunda pergunta: "A cidade me entregará a ele?". "Sim, eles te entregarão."

Os intérpretes queixam-se aqui sobre a deslealdade da cidade ao herói que acabara de livrá-la dos filisteus. Por outra parte, os homens farão (quase) qualquer coisa para sobreviver. A cidade não haveria de querer sacrificar-se, com seus homens, mulheres e crianças, diante do exército de Saul, apenas para salvar Davi e seu pequeno bando. *Fugir* era, definitivamente, a ordem do dia.

23.13

Então se dispôs Davi com os seus homens. O bando de homens que acompanhava Davi havia crescido. Ele começou com cerca de 400 homens (ver I Sam. 22.2), mas tinha 600 homens em Queila. Esse aumento, contudo, não era suficiente para enfrentar Saul e seus loucos matadores. Davi simplesmente abandonou a cidade. Ele não tinha mais nenhum negócio ali. Por algum tempo havia desfrutado as conveniências da vida em uma cidade, mas agora precisava voltar ao deserto. Seu tempo ainda não havia chegado. Ele precisava continuar no exílio. Ele se assemelhava a Moisés, que ficou no deserto por quarenta anos. O

dia de Davi chegaria. É quase impossível abrir portas antes do tempo. Portanto, paciência!

Ensina-me a resistir aos conflitos da alma,
A verificar a dúvida que sobe, a visão rebelde;
Ensina-me a paciência da oração não respondida.

(George Croly)

23.14

Davi ficou perambulando pelos arredores com astúcia. Uma montanha no deserto de *Zife* proveu-lhe bom esconderijo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Zife, Zifitas,* quarto ponto. Posteriormente, nessa mesma região, Davi apossou-se da lança e da botija de água de Saul, mas lhe poupou a vida (I Sam. 26.1,2,7,12). Durante longo tempo, Saul continuou envidando esforços para localizar Davi e despachá-lo, mas Davi sempre escapava. "Embora Saul estivesse armado com todo o poder de rei de Israel, ele se mostrava impotente, porquanto o Rei invisível declinava de entregar o odiado Davi em suas mãos" (Ellicott, *in loc.*).

23.15

Vendo, pois, Davi. Ao que tudo indica, Davi sempre esteve ciente de todos os movimentos de Saul e suas tropas, no deserto de Zife, e foi capaz de evitar o contato direto, que seria fatal. Talvez Jônatas lhe enviasse informações, ou a providência divina, sem nenhuma ajuda humana, simplesmente mantinha Davi fora de contato com Saul. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.* No tempo de Davi, a Palestina possuía muito mais árvores que hoje. Não restam florestas na região de Zife, mas isso não nos surpreende. Séculos obliteraram qualquer sinal de floresta natural. A maioria das árvores da Palestina foi destruída pela estupidez humana.

"... o grande homem foi obrigado a mudar-se constantemente, por motivo de segurança" (John Gill, *in loc.*).

23.16

E lhe fortaleceu a confiança em Deus. Em I Sam. 20.41,42 lemos sobre a despedida chorosa dos dois amigos especiais, Davi e Jônatas. Poderíamos pensar que eles nunca mais se encontrariam. Os críticos, por sua vez, crêem que a passagem aqui em vista não é histórica, mas baseada em sentimentos, e que o capítulo 20 registrou mesmo uma despedida definitiva. Por outra parte, não seria impossível para Jônatas encontrar pelo menos *uma ocasião* para visitar o amigo. E as Escrituras, de fato, relatam apenas um desses acontecimentos. Assim Davi e Jônatas, que eram dois corpos e uma só alma, puderam estar juntos mais uma vez, antes da morte de Jônatas em campo de batalha (capítulo 31). O propósito de Jônatas, nessa visita, era fortalecer Davi. Algumas versões portuguesas dão aqui a expressão "fortaleceu sua mão". Mas nossa versão diz "fortaleceu-lhe a confiança em Deus". Palavras de consolo foram proferidas. Jônatas *encorajou* Davi a suportar o exílio com coragem e denodo.

23.17

Tu reinarás em Israel. Jônatas percebia claramente que Davi, e não ele mesmo, seria o segundo rei de Israel. Neste ponto, já tão perto da própria morte, Jônatas expressou o desejo de ver isso cumprido. Se permanecesse vivo, segundo Jônatas ainda expressou, ele seria o segundo homem depois de Davi — "eu serei contigo o segundo". A amizade deles seria renovada na casa real de Davi, e Jônatas estaria presente para servir a Davi. Mas isso nunca aconteceu. A morte eliminou Jônatas, mas nem por isso uma amizade sincera se perdeu. No outro lado da porta de Deus, à qual chamamos de "morte", os antigos amigos se reúnem. Ver as notas sobre tais questões, em I Sam. 20.40,41. Saul sabia que essa amizade era impossível de ser quebrada. E também sabia que Jônatas seria um elevado oficial na corte de Davi. Seu ódio não fora capaz de destruir esse laço de amor.

Os estóicos definem o amor como o esforço para formar uma amizade inspirada pela beleza.

(Cícero)

O amor concede em um momento o que a labuta dificilmente pode alcançar em uma era.

(Goethe)

O *conhecimento* de Saul sem dúvida incluía o fato de que Samuel ungira Davi como o próximo rei (ver o capítulo 16). Saul sabia disso, mas não queria acreditar que Davi, finalmente, o substituiria.

23.18

E ambos fizeram aliança perante o Senhor. Sem dúvida, uma repetição e confirmação da primeira aliança, sobre a qual lemos em I Sam. 20.14-16,42. Kimchi e Abarbanel supõem que a expressão "perante o Senhor" implique que o pacto foi renovado na presença do sumo sacerdote *Abiatar,* e com a sua bênção. Jerônimo ajuntou que o profeta Gade também foi testemunha dessa aliança (*Trad. Heb.,* in lib. Reg. fol. 76K). Mas suponho que a última reunião entre Davi e Jônatas tenha sido uma questão sagrada e privada, testemunhada somente por Yahweh, e que seja esse o significado de "perante o Senhor".

23.19

Então subiram os zifeus a Saul. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Zife, Zifitas,* quanto ao que se sabe sobre esse povo e a área onde eles viviam. Eles não gostavam de Davi e seus homens percorrendo o território, por razões não informadas pelo autor sacro. É provável que Davi tenha exigido provisões dos habitantes ou de outras formas os tivesse pressionado. Ou talvez eles quisessem simplesmente agradar Saul e obter vantagens, traindo Davi e entregando-o a Saul para que fosse executado. Cf. o capítulo 25, onde vemos Davi requerendo ajuda para o sustento pessoal e de seu pequeno exército. O deserto de *Zife* é um platô rochoso ao sul de Hebrom. Existem ali muitas cavernas de pedras calcárias, nas quais um bom número de homens poderia esconder-se, quase indefinidamente. Assim Davi e seus homens estavam em relativa segurança, mas os zifitas cansaram-se de tê-los por perto. Além disso, Saul poderia mostrar-se bárbaro o suficiente para vingar-se deles somente porque Davi se escondera naquela área. Certamente os zifeus não agiram por amor ao selvagem Saul.

Haquilá... Jesimom. Ver sobre esses dois lugares anotados no *Dicionário.*

23.20

Desce conforme te impõe o coração. *A Conspiração.* Os exércitos de Saul obteriam dos zifeus informações sobre onde Davi se ocultava. **E** eles facilitariam sua captura e execução. Os zifeus tinham a informação, e Saul tinha o poder, de modo que, juntos, representavam o fim de Davi. Isso eles fariam por vantagens mútuas. Talvez até a captura real de Davi fosse entregue aos cuidados dos zifeus. O pequeno exército de Davi sem dúvida se dispersaria se o capitão fosse morto, e a rebeldia crescente seria ceifada antes que pudesse crescer ainda mais.

23.21

Uma Incrível Cegueira. Cf. com o vs. 7 deste mesmo capítulo. Em ambos os versículos vemos a incrível cegueira de Saul. Ele deu a Yahweh-Elohim crédito pelas oportunidades de matar Davi. O autoludíbrio é capaz de realizações deveras estranhas. Saul chegou a considerar um ato de compaixão o fato de que os zifeus quisessem ajudá-lo a livrar-se de seu inimigo, e podemos estar certos de que, se isso tivesse mesmo acontecido, os zifeus teriam sido abençoados com posse materiais em nome de Yahweh! Ver também o vs. **8.** Saul sentia-se triste por si mesmo, supondo que todos, até os mais íntimos assistentes, "conspiravam" contra ele.

Nunca somos enganados.
Enganamos a nós mesmos.

(Goethe)

23.22

Informai-vos ainda melhor. Davi era homem *astucioso* e sempre conseguia escapar às armadilhas de Saul. Este recomendou que os zifeus agissem astuciosamente com Davi, observassem o lugar onde ele se escondia, e o capturassem por meio de um golpe sagaz. Saul cria que Deus os ajudaria nessa captura.

Saul já havia enviado grupos de busca antes, sem resultados positivos. Davi mostrara-se mais astuto que eles. Sua sobrevivência dependia dessa astúcia. Saul já havia recebido grandes evidências dessa qualidade de Davi e advertiu os zifeus a ser tão astuciosos quanto Davi, se quisessem capturá-lo.

23.23

Informai-vos acerca de todos os esconderijos. A *primeira tarefa* dos zifeus seria procurar os esconderijos de Davi. A *segunda* seria informar Saul, para que este descesse em segredo e surpreendesse Davi. Embora Judá tivesse *milhares* de habitantes, se o jogo fosse jogado com esperteza, a localização exata de Davi e seus homens poderia ser exatamente determinada. Portanto, o que poderia parecer uma tarefa impossível seria concretizado com um pouco de planejamento, e Davi não mais poderia ocultar-se entre os milhares de judaítas. Núm. 1.16 e 10.4 infor-

mam-nos que Judá era uma tribo muito populosa. As tribos eram enumeradas aos *milhares*, o que explica a expressão aqui usada, "entre todos os milhares de Judá". Ver Núm. 1.2 quanto ao recenseamento, que mostra que Judá era a tribo mais numerosa.

23.24

Então se levantaram eles. Os zifeus partiram para cumprir as ordens de Saul. Davi foi localizado ao sul de Jesimom e não demoraria a ser detectado.

Deserto de Maom. Ver sobre este local no *Dicionário*. Ficava na região montanhosa de Judá (ver Jos. 15.55) e tem sido identificado com a moderna Tell Ma"in, ao sul de Zife.

23.25

E isto foi dito a Davi. Não sabemos como Davi foi informado sobre os movimentos de Saul. Sem dúvida havia *traidores* entre os homens de Saul, os quais mantinham Davi bem informado sobre as ações de Saul. O fato, porém, foi que Davi fugiu para certa área rochosa em Maom, provavelmente um lugar de cavernas, e ali se ocultou. Seus homens o acompanharam, como deixa claro o vs. 26. "Ele escapou para o deserto de Maom, 16 quilômetros a sudeste de Hebrom. Saul, contudo, perseguiu-o até ali, mas foi temporariamente chamado de volta para defender Israel de outro ataque desfechado pelos filisteus (vss. 27 e 28). Isso deu a Davi a oportunidade de ir a En-Gedi (vs. 29), um oásis 16 quilômetros ao norte da Massada do mar Morto" (Eugene M. Merrill, *in loc.*). Assim os passos de Davi foram encaminhados pelo Senhor, para que ele cumprisse o seu destino.

Devedor à tua graça
Cada dia e hora sou.

(Robert Robinson)

23.26,27

Saul ia duma banda do monte, e Davi e os seus homens da outra. Uma pequena distância separava os homens de Saul dos homens de Davi. Nessa oportunidade, Saul quase conseguiu apanhar Davi. Este passou momentos de aguda ansiedade. O exército de Saul por pouco não cercou o pequeno exército de Davi, o que lhe teria cortado qualquer possibilidade de escape. "Saul virtualmente o apanhou no deserto de Maom, quando chegaram notícias de um ataque dos filisteus contra Israel (vs. 27), o que deu a Davi oportunidade de escapar" (John C. Schroeder, *in loc.*). O *monte* onde Davi se tinha refugiado de súbito foi cercado pelo exército de Saul. Somente uma intervenção divina poderia salvar Davi. Os filisteus, porém, fizeram um ataque contra Israel, e isso proveu a ajuda divina necessária para a ocasião.

Os filisteus imediatamente tiraram proveito da retirada de Saul para o sul, para lançarem um ataque de surpresa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.* As tradições judaicas dizem que o anjo do Senhor estava envolvido no caso, manipulando as coisas e protegendo Davi do quase sucesso de Saul (*Midrash* apud Yalkut, *in loc.*).

23.28

Saul desistiu de perseguir Davi. Resolvendo ocupar-se de uma tarefa mais urgente, Saul fez o que já era esperado e foi enfrentar os filisteus. Seu caso com Davi poderia esperar. Ele teria outras oportunidades para seu golpe traiçoeiro.

As circunstâncias fizeram o lugar onde Davi escapara ser chamado de *Pedra de Escape* (no hebraico, *Selá-Hamalecote*). Mas o significado dessas palavras também pode ser "colina das divisões", isto é, o lugar pedregoso onde, pela providência de Deus, as forças de Saul se separaram das de Davi. Nenhum ponto específico foi identificado com esse lugar, embora a área geral seja conhecida. Ficava na área rochosa geral de Maom. Os Targuns dão-nos uma possível explicação: "... o coração do rei ficou *dividido* entre ir para cá ou para lá". O ataque de surpresa desfechado pelos filisteus dividiu o coração de Saul entre o que ele tinha de fazer ali mesmo e enfrentar o inimigo. Mas ele foi obrigado deixar a tarefa nefanda de perseguir Davi para enfrentar a tarefa mais urgente. Se entendermos uma derivação diferente, a palavra hebraica também significa "suavidade", dando a idéia de "escorregar para longe", ou seja, escapar.

23.29

Ficou nos lugares seguros de En-Gedi. Davi e seus homens abandonaram o lugar, que não era mais seguro para eles. E foram-se para *En-Gedi* (ver a respeito no *Dicionário*). Esse nome significa "fonte do cabrito". Atualmente chama-se "Ain Jidi". Situava-se na rampa íngreme da parte oeste do mar Morto, que se elevava cerca de 180 metros acima daquele corpo de água. O lugar tornou-se célebre por suas vinhas (Can. 1.14), bem como por seu bálsamo usado para propósitos de cura. É uma área repleta de cavernas e, portanto, um ótimo lugar para Davi e seu pequeno exército. Saul haveria de retornar. Em En-Gedi, Davi continuava no território da tribo de Judá. Alguns estudiosos crêem que foi ali que Davi compôs o Salmo 63. Cf. Jos. 15.62.

Capítulo Vinte e Quatro

Este capítulo não forma uma divisão separada do livro, mas apenas prossegue com a história terminada em I Sam. 23.25. Saul foi temporariamente chamado da perseguição contra Davi, mediante um ataque de surpresa da parte dos filisteus. Mas, quando se viu livre dos filisteus, voltou à nefanda tarefa de perseguir Davi, com o intuito de executá-lo e assim livrar-se de um rival ao trono. Somente a morte poderia deter a loucura de Saul, e, por isso, ele precisava morrer.

Dupla Narrativa. De acordo com os críticos, os capítulos 24 e 26 são duas narrativas (apresentadas por diferentes autores ou editores), de *um único* acontecimento. Eles supõem que o capítulo 26 seja mais antigo e mais digno de confiança, historicamente falando. Ver as notas em I Sam. 26.1 quanto às similaridades entre as duas histórias, e a introdução a esse mesmo capítulo, quanto a outras idéias.

Saul demonstrou empenho em apanhar Davi com uma tropa de 3.000 homens. Foi uma providência desesperada.

24.1

Eis que Davi está no deserto de En-Gedi. Saul tinha cuidado rapidamente da questão do ataque filisteu. "Provavelmente se tratava apenas de um pequeno ataque de saqueadores, que fizera uma excursão na fronteira de Israel, invasão que foi rapidamente suprimida" (Adam Clarke, *in loc.*). Desse modo, Saul logo estava livre para continuar sua incansável perseguição contra Davi, sem dar-lhe um momento de paz.

24.2,3

Tomou então Saul três mil homens. Isso demonstra a firmeza de propósito de Saul. Ele seria capaz de cumprir a tarefa com um número muito menor de guerreiros. Mas ele confiava na superioridade numérica para apanhar o astucioso Davi. Seu quase "acerto" em Maom encorajava-o a continuar a tentativa em En-Gedi.

Nas faldas das pedras das cabras monteses. Nossa versão portuguesa, uma vez mais, concorda com a *Revised Standard Version*, que aponta para um lugar chamado de "pedras das cabras monteses". "Esse lugar ainda não foi identificado, mas o *íbex* continua abundante por toda aquela região. Provavelmente as cabras se abrigavam em cavernas que tinham uma espécie de parede na frente para proteger os animais das condições atmosféricas. Os pastores traziam até ali os rabanhos à noite, em busca de proteção contra as feras do deserto, e eles mesmos se deitavam atravessando a entrada (quanto ao eufemismo, ver Juí. 3.24)" (George B. Caird, *in loc.*).

Conforme determinou o destino, Saul novamente chegou bem perto de Davi, tendo-se abrigado na mesma caverna em que estavam Davi e alguns de seus homens, só que em outra parte.

Entrou nela Saul, a aliviar o ventre. Uma tradução mais direta do hebraico diz "para cobrir os pés". Essa tradução corresponde a uma expressão tipicamente portuguesa. Os povos orientais costumavam usar vestes longas e esvoaçantes. Quando tinham de aliviar o ventre, eles enrolavam essas vestes em torno do corpo para que nenhuma parte ficasse exposta. Por isso, dizia-se em hebraico "cobrir os pés", isto é, uma parte do todo. Não somente eram cobertos os pés, mas também todo o resto do corpo.

O texto deixa-nos entender que Saul, depois de ter feito suas necessidades, deitou-se para descansar. Foi assim que ele dormiu e ficou vulnerável a qualquer ataque. As versões siríaca e árabe dizem-nos especificamente que ele *dormiu.* Saul era observado por *alguns* homens de Davi. Não é necessário supor que todos os 600 homens de Davi estivessem abrigados em uma só caverna, conforme pensam alguns intérpretes.

24.4

Levantou-se Davi, e... cortou a orla do manto de Saul. Yahweh recebeu o crédito pelas circunstâncias daquele dia. Ali estava Saul a *dormir*, juntamente com alguns de seus homens. Qualquer guerreiro teria tirado vantagem da situação para despachar seu inimigo perseguidor e assassino, e Davi foi exortado a fazê-lo, em reconhecimento à misericórdia de Yahweh, que o entregara em suas mãos, para livrá-lo de seu exílio e de seus sofrimentos.

Mas Davi pensava de forma diferente e meramente cortou um pedaço da orla do manto ou veste externa do rei. Isso foi feito para transmitir uma mensagem a Saul: " Saul, eu estive aqui. Tu me tens perseguido durante todo esse tempo e tens tentado matar-me. Eu tive a oportunidade de matar-te, mas não o fiz por temer Yahweh, visto que és o rei de Israel, o *ungido*". Ele esperava que isso fosse suficiente para alterar a mente doentia do rei, o qual abandonaria seu louco propósito. Assim, de fato, aconteceu. Mas apenas por breve tempo. Não havia cura para o homem influenciado pelo demônio.

A *promessa* de cuidado divino especial e proteção provavelmente reflete textos como I Sam. 15.28 e 16.1,22. Davi estava destinado a ser rei. Ele não podia ser morto, e os que se levantassem contra ele naturalmente deveriam ser eliminados, para que operasse a promessa divina.

24.5

Depois sentiu Davi bater-lhe o coração. Talvez essas palavras indiquem que Davi se aproximou de Saul com a finalidade de matá-lo, mas mudou de idéia. Então seu coração se *suavizou* tanto que ele se arrependeu de ter ousadamente cortado um pedaço das vestes de Saul. O texto demonstra o *imenso* respeito que Davi tinha pelas instituições de Israel, que eram consideradas como impostas e dirigidas pelo próprio Yahweh, ou seja, eram *divinas.* Saul fora *ungido* rei pelo profeta de Yahweh, Samuel, e isso era muito importante para Davi. Por isso, Davi viu com horror que havia cortado um pedaço das vestes de Saul, tão sensível era ele para com as coisas do Senhor.

"Não há que duvidar que uma das mais belas características da natureza multifacetada de Davi foi sua permanente lealdade a Saul e à casa de Saul. Nem a inveja nem as amargas injúrias poderiam afetar aquele afeto... Anos mais tarde, estando Saul já no túmulo, Davi deu as mais conspícuas provas de sua amizade, quando perdoou Mefibosete, neto de Saul, por sua suspeita traição na revolta causada por Absalão, tendo-lhe devolvido larga porção de suas terras perdidas (II Sam. 19.24-29)" (Ellicott, *in loc.*).

24.6

O Senhor me guarde de que eu faça tal cousa ao meu senhor. *Yahweh era o dono da vida de Davi,* e seu coração acusou-o desse ato, porquanto Davi pensou que aquele poderia ser um ato ofensivo à Mente Divina, que tinha colocado Saul naquela posição. "Davi temeu que Saul tomasse isso, embora fosse um sinal claro de sua magnanimidade, sob um ângulo mau, considerando-o uma violação da majestade real" (Clericus, *in loc.*). Até mesmo alguns rabinos comentam desfavoravelmente este texto, criticando Davi por seu ato; e, com suas críticas, ensinam a intensa reverência com que os líderes e mestres deveriam ser considerados em Israel. Eles pensam que tais atos deveriam ser punidos por Deus, mais cedo ou mais tarde. Por trás desse raciocínio, naturalmente, está a idéia de que *Yahweh* é aquele que coloca homens em posição de poder, e só Eie pode derrubá-los dentre a comunidade dos justos. E o instrumento usado por Yahweh para pôr fim à carreira de Saul foram os filisteus.

24.7

Davi conteve os seus homens. Se Davi não quis despachar Saul, muitos de seus homens estavam ansiosos por fazê-lo. Eles não tinham o coração suave e meigo nem respeito por aquele réprobo, ainda que Samuel o tivesse ungido como rei. Davi, entretanto, não permitiu que ninguém se aproximasse de Saul, sem dúvida para consternação de muitos.

> *Os reis são supremos sobre seus súditos;*
> *Jove é supremo sobre os reis.*
>
> (Horácio, *Odar,* lib. iii)

O *direito divino* dos reis é ensinado em Romanos 13 e tem sido uma doutrina muito forte na história. "Era considerado coisa terrível matar um rei" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Reis, Direito Divino dos,* quanto à história dessa idéia e comentários pertinentes.

24.8

Davi se levantou e, saindo da caverna, gritou. A cena seguinte no texto sacro apanha-nos completamente de surpresa. O grande guerreiro Davi, que tão facilmente despachara o gigante Golias, é agora retratado a pleitear inocência diante do louco Saul. Davi chegou a chorar diante de Saul, ali à distância, chamando-se de uma pulga e de um cachorro morto. Ele era tão *insignificante* que Saul estava gastando tempo em persegui-lo. Saul olhou para trás e viu o grande Davi, prostrado de rosto em terra, fazendo seu apelo comovente. A cena tocou Saul que, pelo momento, desistiu de seu intento de perseguir e assassinar Davi. Mas o louco haveria de voltar. "Davi prostrou-se rosto em terra, prestando reverência e honrarias a ele como um rei. Ver sobre 20.41" (John Gili, *in loc.*). Isso é totalmente *estranho* para a mente moderna, condicionada como está pelas instituições democráticas.

24.9

Por que dás tu ouvidos às palavras dos homens...? Em sua atitude incrivelmente generosa e ingênua, Davi atribuiu os maus desígnios e atos de Saul a maus conselheiros. Ou então Davi falou inspirado por caridade, a fim de agradar Saul e dar-lhe o benefício da dúvida. "Davi, com sua usual infalível generosidade, atribuiu a culpa da conduta de Saul para com ele próprio sobre seus maus conselheiros" (George B. Caird, *in loc.*). Podemos estar certos de que havia homens que desempenhavam esse triste papel, mas Saul havia caído na degeneração, e isso não era culpa de ninguém, senão dele mesmo. Davi, sem dúvida, tinha vários inimigos na corte de Saul, mas eles não poderiam fazer nada a menos que Saul tivesse promovido a causa perversa. Falsas acusações, principalmente de *traição,* teriam sido investigadas por um Saul dotado de mente sã.

24.10

O Senhor te pôs em minhas mãos nesta caverna. Davi concordou que fora Yahweh quem entregara Saul, de forma totalmente inesperada, à sua mercê, e que Davi poderia ter-lhe tirado a vida. Além disso, Davi disse a Saul que alguns de seus homens o haviam exortado a fazer isso. Saul só sobreviveu devido à *magnanimidade* de Davi. E Yahweh recebeu o crédito por essa atitude. Davi estava mais interessado em agradar a Deus do que em livrar-se das ameaças e perseguições de Saul. Davi julgara que a presença de Saul na caverna fora arranjada por Yahweh por *outra razão,* e não para que houvesse morte. Essa razão era a *reconciliação,* com o abandono dos intuitos assassinos de Saul, conforme sugerem os versículos que se seguem.

24.11

Olha, pois, meu pai. É admirável que Davi tenha chamado Saul de "meu pai", mostrando-lhe o respeito de um filho. Ele havia cortado um pedaço de seu manto e, naquele momento, pode ter sido tentado a matá-lo, conforme diz Ben Gersom. Mas Yahweh o impedira de maltratar o ungido, embora por certo Saul merecesse tal tratamento. As ações provaram que Davi não tinha cometido erro algum. Ele não era nenhum traidor. Um traidor teria matado Saul sem hesitação, para apoderar-se do trono. O pecado estava do lado de Saul, que "caçava a vida de Davi", conforme o texto sagrado diz.

"A expressão *meu pai* é a reverência de um jovem por um homem de idade, ou de um súdito *leal* pelo seu soberano" (Ellicott, *in loc.*).

"Sem dúvida é um *instinto sadio* aquele que impede os homens de tratar com desprezo seus governantes. Uma doutrina como a do direito divino dos reis, ou a deificação real de governantes, como se via no antigo Egito ou em Roma, parece quase uma tolice para o cidadão de uma república. Bem pelo contrário e muito apropriadamente, ele sabe que o seu direito é desafiar as ações de um governante. Não obstante, o *regicídio* é um crime particularmente sério" (John C. Schroeder, *in loc.*).

Ao comentar sobre este versículo, os Targuns sugerem que foi depois dessa cena que Davi escreveu o Salmo 7.

24.12

Julgue o Senhor entre mim e ti. Yahweh é aqui invocado como testemunha da situação e para afirmar o julgamento de Davi sobre o caso. Davi não se vingaria. Mas sabia que Yahweh faria isso, no tempo certo. Davi tinha grande fé na lei da colheita segundo a semeadura e de que nada acontece por mero acaso. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* O filósofo Emanuel Kant tinha um sentimento tão forte em relação a essa lei moral que compôs um argumento racional tanto em favor da existência de Deus como em favor da alma humana. A *justiça* precisa ser feita. Mas ela não é feita na terra. Portanto, para corrigir os erros, esse princípio é seguido pela verdade das almas que *sobrevivem* no pós-túmulo. Elas precisam ser julgadas, recebendo o bem pelo bem e o mal pelo mal que tiverem praticado. Então, deve haver um Juiz capaz de garantir a justiça do julgamento, de castigar ou recompensar. E somente *Deus* é capaz de julgar dessa maneira. Portanto, Deus deve existir, para satisfazer a um princípio moral.

"Davi não desculpou o fracasso ou injustiça de Saul. Nem se inflou diante de sua própria superioridade. Antes, deixou seu caso ao encargo do julgamento divino, vs. 15" (John C. Schroeder, *in loc.*). "Apelos para esse tipo de Deus são o refúgio comum dos pobres e oprimidos" (Adam Clarke, *in loc.*).

24.13

Dos perversos procede a perversidade. A confiança na *retribuição divina* alivia um homem de vingar-se pessoaimente. O sentimento expresso aqui por

Davi concorda com o trecho de Rom. 12.19: "Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; *eu retribuirei*, diz o Senhor".

Paulo citou o trecho de Deu. 32.35. "O mal retrocede sobre a cabeça do culpado, pelo que nenhum ato por parte de Davi era necessário... O provérbio significa que atos perversos são cometidos pelos pervertidos, mas eles pagarão por isso, no final" (George B. Caird, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Retribuição*.

O Provérbio. Davi citou um provérbio conhecido desde tempos antigos. Minhas fontes informativas não informam a origem desse provérbio, mas há um provérbio grego parcialmente paralelo: "De um corvo ruim sai um ovo mau".

24.14

Após quem saiu o rei de Israel? O que Saul esperava conseguir com a morte de Davi? Se ele o tivesse matado, ter-se-ia livrado de uma criatura tão vil como uma pulga ou um cão morto. A linguagem aqui usada por Davi é extremamente autodepreciadora, mas presumimos que é sincera. A maior parte das autodepreciações é uma tentativa de *obter favor* diante de outra pessoa. De fato, usualmente é uma forma de louvor enganador. Saul não se deixaria enganar por tais palavras, fossem elas sinceras ou não. Pois ele sabia que, de fato, Davi era *um grande guerreiro, uma pessoa carismática* que havia sido ungida para ser o próximo rei. Saul estava apenas tentando derrotar a profecia através da violência. Nem tudo quanto um profeta diz acaba tornando-se realidade. Isso posto, Saul procurava injetar um pouco de erro na incomum habilidade de Samuel prever o futuro. Lemos em I Sam. 9.6 que "tudo" quando ele previa se tornava realidade. Essa era a reputação de Samuel.

Essas símiles domésticas mas vívidas são muito comuns nas conversas diárias orientais. Por certo Davi, em seus protestos de lealdade, dificilmente poderia humilhar-se mais do que se referindo a si mesmo como um *cachorro morto*, em comparação com a grandeza de Saul. Davi também era apenas como uma *pulga*. É extremamente difícil apanhar uma pulga e, se não for apanhada, ela continuará sendo apenas uma pulga. Caso a pulga seja apanhada, seu perseguidor a mata instantaneamente. Portanto, quer livre, quer capturado, Davi não era nenhuma ameaça para Saul. "... uma pulga, um animalzinho pequeno e desprezível, que não pode ser apanhado facilmente... e, quando apanhado, de nada serve" (John Gill, *in loc.*).

24.15

Seja o Senhor o meu juiz. *Novamente,* Davi invoca Deus como testemunha (cf. o vs. 12) de que suas palavras estavam corretas, e repreende Saul por suas intenções perseguidoras e assassinas. *Yahweh* é quem defenderia a causa de Davi, com o resultado de que este não precisaria vingar-se do selvagem Saul. Parte da inocência demonstrada por Davi era o fato de que Yahweh o livrara das mãos de Saul. Seus planos seriam reduzidos a nada. "Contentar-me-ei em esperar pela providência de Deus e permanecerei nas tristes condições em que me encontro, até que agrade a Ele delas tirar-me" (Bispo Sanderson, citado por Wordsworth, *in loc.*). "Que Deus determine quem é o culpado" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. com Sal. 7.6,8-11.

24.16

E chorou Saul em voz alta. A emoção do momento. Até mesmo em sua degradação, Saul tinha bons momentos. Cf. I Sam. 19.6, quando, certa ocasião, Jônatas foi capaz de convencer o pai a abandonar sua loucura. Mas pouco depois, a despeito de sua boa resolução, Saul já havia tentado novamente contra a vida de Davi (19.9), o que o autor sagrado atribuiu à influência de algum espírito maligno. Foi assim que, mediante uma emoção positiva e momentânea, Saul chorou e abandonou (temporariamente) a perseguição contra Davi. Ele até proferiu uma bênção sobre o servo, da parte de Yahweh, e chamou-o de "meu filho", por causa do que Davi tinha feito naquele dia, mostrando bondade, quando ele nada merecia (vs. 19).

Temos aqui uma ótima lição espiritual. Em momentos de emoção, tomamos boas resoluções que posteriormente abandonamos. A espiritualidade, porém, precisa ser mais profunda que as emoções. Por isso, veremos Saul novamente perseguindo Davi. Ele nunca desistiu, senão quando a morte o colheu. I Sam. 26.17 é paralelo a este versículo, e alguns críticos pensam que o presente trecho é uma duplicação do capítulo 26, ou seja, um relato diferente da mesma história. Mas os detalhes são suficientemente divergentes para indicar um mesmo acontecimento. Em ambos os casos, Davi foi identificado por sua *voz*, enquanto ele e Saul gritavam um para o outro.

"Nada há de estranho nessa súbita mudança de sentimentos, em alguém tão nervoso e excitável quanto Saul... mas a triste seqüela mostrou que a impressão havia sido apenas transitória" (Ellicott, *in loc.*).

"A magnanimidade de Davi causou profunda impressão em Saul. O homem derrotado enfrentou realisticamente a superioridade de seu rival. Ele agora reconhecia que Davi seria rei e pleiteou em favor de sua família, para que fosse poupada de aniquilamento" (John C. Schroeder, *in loc.*).

24.17

Disse a Davi. Não fazia muito tempo que Saul estava tão cego por sua loucura que chegou a supor que *Yahweh* o ajudava em sua caçada a Davi e em seu intuito de ceifar-lhe a vida (ver I Sam. 23.7,20,21). Mas agora, repentinamente, ele mudou de idéia sobre a *retidão* de suas intenções e atos. E viu a si mesmo como realmente era: um degenerado que sucumbira em sérios crimes. Entrementes, o caráter moral de Davi resplandecia, revelando assim as trevas do coração de Saul. É algo particularmente desgostoso quando alguém faz mal a um amigo que *nada fez senão o bem. Saul havia caído em uma série de desgraças* com suas tentativas insanas de preservar a autoridade em Israel.

24.18

Mostraste hoje que me fizeste bem. *O ato misericordioso de Davi* naquele dia teve o condão de iluminar a mente de Saul, mostrando-lhe quão bem Davi o havia tratado o tempo todo. Agora Saul dava a *Yahweh* o crédito por tê-lo entregado nas mãos de Davi, e reconheceu que esse mesmo poder divino não permitira que Davi o matasse.

"É triste ver um homem despedaçar-se. Aqui, por um momento, Saul pareceu ter enfrentado honestamente a si mesmo, após todos os equívocos e autoludíbrios... Essa foi uma das mais elevadas experiências da vida de Saul. Se ao menos o restante de suas experiências tivesse sido equivalente a isso!" (John C. Schroeder, *in loc.*).

Esse reconhecimento deveria ter sido o fim de um triste caso. Mas em breve (capítulo 26) veremos Saul de volta aos antigos caminhos de perseguição a Davi.

24.19

A pergunta retórica constante neste versículo mostra-nos que Saul antecipava um "não" como resposta. Nenhum homem, tendo tido a oportunidade de matar um inimigo, permitir-lhe-ia escapar. No entanto, foi exatamente o que Davi havia feito, e Saul era o beneficiário da ação. O coração endurecido de Saul deixou-se comover por esse exemplo de bondade desmerecida. Saul era homem de batalhas e matanças. Já havia enfrentado muitos inimigos cuja única intenção era matá-lo, se tivessem a oportunidade. E ele mesmo, quando surgira uma boa oportunidade, nunca deixara um inimigo escapar, dando-lhe a chance de armar um contra-ataque em ocasião oportuna. Saul despachara todos eles, sem hesitação. O fato de que Davi não atacara, deixara Saul embasbacado. Essa era uma espécie diferente de moralidade, com a qual ele não estava acostumado.

As versões siríaca e árabe têm um interessante texto alternativo que alguns estudiosos supõem refletir o texto hebraico original: "Se um homem encontra seu inimigo e o deixa ir-se, o Senhor o recompensará, pelo que o Senhor te recompense (ó Davi)".

24.20

Tenho certeza de que serás rei. Saul reconhece o que ele mais temia: Davi, de fato, seria o segundo rei, enquanto ele mesmo seria substituído, o que também significava que seus familiares não continuariam na realeza. Era disso que Samuel sabia o tempo todo e comunicara a Davi quando o ungiu como rei (I Sam. 16.10-13). Além do mais, o profeta do Senhor tinha dito antes que Saul seria substituído e sua família não continuaria ocupando o trono (15.28 ss.). Jônatas também estava ciente dessa mudança e a aceitara, tendo apenas pedido a Davi que sua família não fosse aniquilada pela nova linhagem real (20.13-16). Saul sabia o que aconteceria, mas não se conformou. Pensou que poderia derrotar e anular a profecia através da violência, eliminando o rival. Agora Saul reconhecia o *inevitável* e, pelo menos momentaneamente, submeteu-se ao seu destino.

24.21

Jura-me pelo Senhor que não eliminarás a minha descendência. Era costume no Oriente que novas dinastias reais, especialmente se o poder tivesse sido obtido por meios violentos, aniquilassem os membros da dinastia anterior, para pôr fim a toda a competição. Se Davi tivesse sido um homem como Saul, não hesitaria em fazer precisamente isso. Jônatas, filho de Saul, já havia estabelecido uma *aliança* com Davi, que incluía a proteção para a sua família. Ver I Sam. 20.15-17. Essa aliança foi renovada (I Sam. 20.42). É provável que a renovação do *acordo*, ainda em outra ocasião (ver I Sam. 23.18), incluísse a promessa de não-aniquilamento da antiga linhagem real. Agora foi a vez de Saul extrair de Davi o mesmo juramento, conforme demonstra o presente versículo. Embora Saul fosse uma máquina de matar, ele não queria que a violência chegasse à sua própria família. Restava-lhe algum afeto natural, mesmo que ele não exercitasse misericórdia com seus inimigos.

Como exemplos de matanças da antiga dinastia, em *Israel,* ver I Reis 15.29; 16.11 e II Reis 10. A última referência narra a história de como os súditos futuros de Jeú mataram toda a família de Acabe e puseram a cabeça de *setenta príncipes* em cestos, apresentando-as ao novo rei como um horrendo troféu de sua obediência. Saul conhecia esse costume, pelo que seu temor em relação ao futuro de sua família não era vão. "Sem dúvida, o temor de alguma terrível catástrofe que sobreviesse aos próprios filhos e amigos fazia parte da punição que Saul estava sofrendo" (Ellicott, *in loc.*).

24.22

Então jurou Davi a Saul. Davi fez um juramento solene diante de Saul: ele pouparia a família de seu desafeto e não seguiria o costume bárbaro. Diante disso, Saul voltou à sua casa (em *Gibeá*), e, ao que tudo indica, Davi permaneceu em Adulão, ou foi para Mispa, conforme dizem as versões siríaca e árabe. Cf. I Sam. 22.1,3. Talvez ele tenha ido para En-Gedi (I Sam. 23.29). É possível que nessa época tenha sido composto o Salmo 57.

O livro de II Samuel mostra-nos que Davi não cumpriu sua palavra em um sentido absoluto. Sete filhos de Saul foram mortos, por causa da insistência dos gibeonitas. Mas Davi poupou Mefibosete, por causa do juramento que tinha feito a Saul (I Sam. 21.7). John Gill explicou que Yahweh não estava limitado pelos juramentos humanos, e o que aconteceu teve o concurso da vontade de Deus; mas essa é uma explicação bastante dúbia. Antes, parece que a antiga violência obteve outra vitória, apesar das boas resoluções dos homens.

Crisóstomo (tomo iv. parte 761) tem um eloqüente comentário sobre o exemplo magnânimo de Davi, ilustrado pela história seguinte:

"Davi pregou um sermão pelo seu exemplo e ofereceu um *sacrifício autêntico,* o sacrifício espiritual de sua própria pessoa e de sua própria ira... Oferecendo aquelas vítimas, ele obteve gloriosa vitória".

Capítulo Vinte e Cinco

A Morte de Samuel: Davi e Abigail (25.1-44)

"A Morte de Samuel." A história de Nabal e Abigail: um incidente que ilustra a vida que Davi levava quando era capitão dos fora-da-lei; Abigail torna-se esposa de Davi" (Ellicott, *in loc.*).

25.1

Admiravelmente, o autor sacro relata a morte e o sepultamento de Samuel em um *único* versículo, ao mesmo tempo que descreve com detalhes eventos de *importância apenas relativa* na vida de Davi, enquanto este continuava no exílio. Alguns críticos supõem que até este único versículo sobre Samuel tenha sido adicionado por algum editor posterior. Talvez a história original da morte de Saul tenha sido perdida, e a mera menção teve de ser suficiente.

A Morte de Samuel. "O breve obituário de um grande homem! Samuel entrou em cena quando Israel era um grupo de tribos dispersas, sem nenhuma organização em comum, unidas pela fugidia e caprichosa lealdade a Yahweh. Sua devoção ao Senhor sempre colocou Samuel no centro da vida do povo. A religião forçava-o para dentro de todos os problemas de seus dias. Ele pode ter hesitado ocasionalmente, mas nunca abandonou sua lealdade a Deus. Para melhor ou para pior, ele viu seu povo organizar-se em uma nação. Pressagiou o advento dos grandes e éticos *profetas.* Como vidente e profeta, transpôs o abismo entre o politeísmo primitivo e a religião ética que haveria de resultar no monoteísmo moral" (John C. Schroeder, *in loc.*).

Sucesso. "Obteve sucesso quem viveu bem, quem riu com freqüência e quem amou muito; quem obteve o respeito de homens inteligentes e o amor das criancinhas; quem preencheu o seu lugar e realizou a sua tarefa, quer se trate de uma papoula aprimorada, de um perfeito poema ou de uma alma liberta; a quem nunca faltou apreciação pelas belezas terrenas, nem deixou de expressá-la; quem buscou o melhor que há nos outros, quem deu o melhor que possuía; cuja vida foi uma inspiração e cuja memória é uma bênção" (Robert Louis Stevenson).

Todo o Israel. Sua grandeza tinha elevado Samuel acima da massa, transformando-o em uma figura nacional, o precursor do período dos profetas, que lançou em eclipse os sumos sacerdotes como líderes nacionais.

E o prantearam. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lamentação.*

E o sepultaram. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sepultamento, Costumes de.*

Fontes judaicas dizem-nos que Samuel morreu quatro meses antes de Saul, mas alguns intérpretes falam em *sete meses* (Kimchi e Abarbanel, *in loc.*). Presumivelmente Samuel viveu até os 99 anos de idade e governou Israel de dezesseis a vinte anos. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Samuel.*

Entrementes, Davi foi para *Parã.* Ver sobre *El-Parã,* em Gên. 14.6. Sabiamente, Davi continuava fugindo de Saul, a despeito da resolução momentânea deste último de abandonar as perseguições (ver I Sam. 24.17 ss.).

A História de Nabal e Abigail (25.2-43)

25.2

Havia um homem em Maom. *O autor sagrado* deixou-nos um breve obituário para Samuel e então apressou-se a contar a história de como Abigail se tornou esposa de Davi. Ela era casada com aquele estúpido homem, *Nabal,* mas a providência operou, impedindo atos apressados e violentos da parte de Davi.

Maom. Ver no *Dicionário* e cf. I Sam. 23.24,25. Davi já havia perambulado pela região e agora retornava ao local. Davi continuava no exílio, fugindo de Saul.

Carmelo. Não se trata do famoso *Carmelo* (ver a respeito no *Dicionário*) e, sim, de um lugar com o mesmo nome, entre Zife e Maom. Ver também I Sam. 15.12. Ver o terceiro ponto do artigo sobre *Carmelo,* quanto à cidade que aparece no texto presente. Nabal residia ali. Ele era considerado rico e poderoso. Possuía 3.000 ovelhas e 1.000 cabras (consideradas riquezas naquele tempo) e, sem dúvida, era um xeque local revestido de considerável poder. Provavelmente tinha seu pequeno exército privado, pelo que era um homem a ser temido. O poder usualmente acompanha o dinheiro, e Nabal, tendo ambas as coisas, podia tornar a vida de alguém miserável. Considerando suas riquezas, o pedido de ajuda que Davi estava prestes a fazer não era grande.

Estava tosquiando as suas ovelhas. "A missão de Davi a Nabal ocorreu durante a tosquia das ovelhas do rico pecuarista, uma ocasião acompanhada por grandes celebrações e festejos" (Ellicott, *in loc.).* O tempo da tosquia era junho-julho. Plínio diz-nos que, em seu tempo, as ovelhas eram tosquiadas em lugares especiais, e essa era uma atividade comunitária (*Hist. Nat.* 1.8, cap. 48).

25.3

Nabal. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse nome, quanto a detalhes completos. Sua esposa era Abigail (que também aparece no mesmo artigo). "Nabal" significava "estúpido", conforme salientou Abigail (vs. 25). Ele era homem de más disposições e atos violentos, de modo que a própria esposa disse que ele era homem de Belial. Em outras palavras, Abigail vivia com uma besta-fera. Mas o tempo de sofrimentos dela estava terminando.

O autor sacro mostrou-se muito generoso com Abigail, tendo-a descrito como mulher bela de alma e de corpo. Ela era o oposto do seu marido, o qual se caracterizava como mal disposto, egoísta, duro e maligno. Palavras como essas nos dão a entender que, provavelmente, ele obteve suas riquezas através da violência, enganando e matando.

O homem descendia do famoso *Calebe,* companheiro de Josué, e esse fato só agravava a sua condição. Ele rejeitara os nobres ascendentes e se transformara em um patife. A palavra *Calebe,* no hebraico, significa "cão", e assim a Septuaginta chama-o de homem *cão,* supondo que essa palavra, neste ponto, devesse ser assim entendida. Mas o que o autor sagrado queria dizer era que Nabal, embora de fidalgo nascimento, estava longe de ser generoso e nobre.

Abigail, a bela mulher, estava casada com um homem rústico, provavelmente por causa de suas riquezas e de seu poder. Muitas mulheres dignas são sacrificadas por homens desse naipe.

25.4,5

Ouvindo Davi no deserto. Davi já conhecia Nabal indiretamente, por associações anteriores (vs. 7), e precisava de ajuda material para seu bando. Ele pensou que um homem rico ofereceria prontamente a ajuda de que precisava, especialmente diante do fato de que ele agira bondosamente para com os homens de seu pastoreio de ovelhas, quando entrara em contato com eles. Davi não foi pessoalmente, mas enviou representantes para apresentar a Nabal a sua causa. A medida de um homem é a sua *generosidade,* e Nabal haveria de provar em breve que não possuía muito dessa qualidade. Essencialmente, o que Davi pedia era dinheiro pela proteção que havia dado aos pastores de Nabal, crendo que uma troca de favores seria apenas razoável. Davi agira como uma espécie de força policial não-oficial, no deserto, e Nabal se beneficiara de seus atos.

Sem dúvida, contribuições oferecidas pelos fazendeiros e pelos criadores de ovelhas ajudavam Davi e seus homens. Por sua parte, Davi os protegia de ataques por parte dos filisteus e árabes. Provavelmente, em algumas ocasiões, tais contribuições eram cobradas sem importar se os criadores e fazendeiros concordavam ou não. As ameaças de Davi os obrigariam a pagar; caso não o fizessem, o bando de Davi provavelmente apelava para a violência, conforme sugere o texto presente.

25.6

Direis àquele próspero. *Davi* enviou uma original saudação a Nabal, mostrando-lhe cortesia e desejando todas as coisas boas para ele, seus familiares e servos. Mas não podia esconder um fato: *Davi estava precisando de dinheiro.* O homem rico, Nabal, que havia juntado sua fortuna mediante a combinação de engano, matança e trabalho árduo, não quis dar a Davi um centavo sequer. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Saudação,* quanto às fórmulas de saudação e seu significado.

Davi não se mostrara ameaçador, o que se poderia esperar de um guerreiro que perambulava pela vizinhança com 600 homens. De fato, em ocasiões anteriores, ele chegara mesmo a dar proteção (vss. 15-17). Porém, não nos enganemos a respeito. Ele precisava de sustento para si mesmo e para seu pequeno exército.

25.7

Os teus pastores estiveram conosco. Para reforçar o pedido, Davi relembrou a Nabal que, embora nunca se tivessem encontrado pessoalmente, ele e seu exército tinham entrado em contato com os pastores dele e seus rebanhos. Os homens de Davi não lhes haviam feito nenhum mal nem os tinham furtado. E podemos supor que tenham dado proteção contra atacantes, mormente contra os temíveis filisteus, que tinham o mau hábito de atacar pessoas que de nada suspeitavam.

Havia Festas na Casa de Nabal. Os tosquiadores estavam trabalhando. Era costume, no Oriente, que ricos fazendeiros fossem generosos em tais festividades. Portanto, Davi tinha certo "direito" em esperar ajuda da parte de Nabal. Mas Nabal era um homem mesquinho, mesmo em tempos de festa. Nem mesmo o pouco de vinho que ele havia bebido amoleceria seu duro coração.

"Davi tinha uma reivindicação sobre Nabal pelos serviços essenciais realizados em favor de seus pastores, em Carmelo. Davi não somente não fizera mal a eles nem os furtara, mas, antes, os protegera da rapacidade de outros... Naqueles dias, e até hoje, hordas de árabes vagabundos, sob vários pequenos chefes, pensam ter o direito de cobrar contribuições" (Adam Clarke, *in loc.*).

25.8

Pergunta aos teus moços. Davi havia mandado dez jovens para coletar a contribuição, e eles também serviriam de *testemunhas* do que Davi havia mandado dizer. Davi pleiteou com o homem duro para *favorecê-lo* com o que tivesse à mão, por que ele fora correto e bom vizinho. Ademais, Davi relembrou a Nabal que o pedido estava sendo feito em um *dia bom,* ou seja, em meio a uma ocasião em que Nabal se tornava mais rico, com a tosquia de seu rebanho, e entre festas e celebrações. Davi pediu "qualquer coisa" de que Nabal dispusesse, mas esperava, naturalmente, que este fosse generoso. Imaginem o que seria necessário para sustentar 600 homens (ver I Sam. 23.13) no deserto! Muitos ricos fazendeiros tinham de "contribuir", ou os soldados seriam forçados a saquear e matar, o que, naturalmente, era o que a maioria dos exércitos antigos fazia em campanha militar. Por isso os indianos dizem: "Ó pai, enche a barriga de teu filho. Ele está em necessidade angustiosa". Note o leitor que Davi chamou a si mesmo de *filho* de Nabal.

25.9

Chegando, pois, os moços de Davi. Os *embaixadores de Davi,* os moços, apresentaram sua fala decorada, nada omitindo de tudo quanto Davi lhes dissera e cuja essência aparece nos vss. 6-8. Eles tornaram a questão simples e clara. Não era possível nenhum mal-entendido. A essência do recado era: "Precisamos de dinheiro!", e isso só poderia ser ofensivo para um homem mesquinho.

Terminando de dar o recado, eles se *calaram* e se sentaram, esperando uma boa palavra da parte de Nabal. Não imaginaram o que se seguiria.

25.10

Quem é Davi...? A resposta de Nabal aos polidos homens de Davi foi dura. "A resposta de Nabal foi que Davi era um *ninguém,* e seus homens eram apenas escravos fugidos " (George B. Caird, *in loc.*).

Nabal sabia sobre Davi e seu pai, Jessé. Já se espalhara a mensagem de que Davi era um homem rebelde que fugira de Saul e entrara no deserto com outros descontentes e desertores. Nabal não queria apoiar esse tipo de rebelião insensata, nem sancionar uma pequena guerra civil que Davi promovia contra o legítimo rei de Israel. Naturalmente, nada disso tinha importância para Nabal. Ele não queria contribuir e precisava de alguma desculpa para sua mesquinhez.

"Esse insulto indica que Nabal pertencia à facção de Saul... e deveria ser considerado entre os que odiavam Davi... A notícia de suas palavras excitou Davi até a cólera" (Ellicott, *in loc.*). Nabal, pois, era outro Doegue que servia a Saul para prejudicar a terceiros. Agora Davi haveria de caçar Nabal, arrancaria tudo o que lhe pertencia e ficaria com o que quisesse. Ele estava prestes a mostrar àquele homem mesquinho quem era Davi.

Ver I Sam. 22.2 quanto aos tipos de homens que se tinham reunido a Davi, justificando, em parte, o que Nabal dissera sobre os renegados.

25.11

A minha água. Nabal não daria de sua *água,* recurso escasso no deserto. A Septuaginta diz aqui "vinho", mas a água era mais preciosa do que o vinho, naquela região. Cf. Jos. 15.19, sobre o pedido de terras que contavam com água própria, uma grande possessão em certas regiões da Palestina. Os tradutores gregos substituíram "água" por "vinho", sem pensar sobre quão preciosa era a água no local onde ocorreu o drama entre Davi e Nabal.

E o daria a homens que eu não sei donde vêm? Seria razoável a Nabal tomar os essenciais de sua família, de seus servos e de seus amigos, perante quem ele era responsável, para dá-los àqueles renegados que eram nulos, enganadores, matadores e escravos infiéis? Nabal não demonstrava paciência para com aquela turbamulta nem para com seu líder traidor, Davi.

25.12

Contaram tudo segundo todas estas palavras. *Foi um Relatório Consternador.* Nabal deveria saber que não se trata um guerreiro selvagem daquela maneira. Ele não passava, porém, de um homem *estúpido,* conforme o próprio nome indicava. Em breve, Davi avançaria contra Nabal, em meio às suas festividades, e não de forma amigável. Davi por certo se vingaria da afronta.

25.13

Disse Davi aos seus homens. *Uma Ação Imediata.* O equipamento de guerra foi recolhido e os homens prepararam-se para a ação. Davi não esperaria até o dia seguinte para vingar-se; reuniu 400 de seus 600 homens, deixando 200 na guarda do acampamento. Quatrocentos guerreiros treinados acabariam com os festejadores, estivessem eles preparados ou não para o ataque.

25.14

Um dentre os moços de Nabal. Um dos jovens que servia a Nabal correu para contar a Abigail o que seu marido acabara de fazer, confirmando a bondade anterior de Davi para com eles e o insultuoso tratamento que os mensageiros de Davi tinham recebido. Eles sabiam o que Nabal aparentemente não sabia: Davi logo chegaria com seu exército, e um grande massacre seria efetuado. Sem dúvida, Abigail, em muitas ocasiões, já havia agido como pacificadora entre o marido e as pessoas que ele ofendera. Ela era uma bela mulher que falava suavemente e sem dúvida obtivera sucesso em suas mediações. Seus serviços eram novamente necessários e com toda a urgência.

Ela *usaria mais que meras palavras.* Tomaria suprimentos alimentares suficientes para satisfazer as necessidades imediatas de Davi, e isso o acalmaria e o levaria a ouvir suas palavras de paz (ver os vss. 14-19). É provável que em várias ocasiões ela já tivesse feito *reparos* aos atos de seu estúpido marido, e esse era um dos fatores que o mantinham rico e abastado. Ele sempre se livrava dos problemas graças à esposa prudente.

25.15

Aqueles homens, porém, nos têm sido muito bons. A bondade de Davi para com os pastores de Nabal (cf. o vs. 7) deveria ter sido causa suficiente para ele conceder, feliz, mantimentos para o bando. Mas o homem estúpido não era conhecido por sua gratidão. Em vez de fazer-lhes algum mal ou furtá-los, apelando para a violência, Davi provavelmente os protegera de atacantes árabes e filisteus. Mas Nabal olhava noutra direção nessa ocasião. O modo de agir de Davi foi ainda mais notável quando consideramos o tipo de homens que ele havia reunido em seu pequeno exército. Sem dúvida havia entre eles muitos homens violentos e indisciplinados. Mas Davi os manteve em boa conduta e não permitiu que cometessem injustiças. Ele usava a habilidade de liderança e a bondade interior como guias.

25.16

De muro em redor nos serviram. Proteção foi dada aos pastores, que estavam muito vulneráveis em campo aberto, com suas ovelhas. O texto implica proteção contra as feras e os atacantes humanos. A proteção que Davi oferecera era como um "muro" entre aqueles homens e os vários perigos que os ameaçavam.

"Sabemos de ataques contra duas cidades muradas naquela região sul, uma da parte dos filisteus (ver I Sam. 23.1-5) e outra da parte dos amalequitas (30.1,2). Quanto mais pastores com suas ovelhas, em campo aberto, teriam estado em perigo constante, ameaçados por saqueadores, a menos que contassem com alguém como Davi, que lhes servisse de *muro* protetor" (George B. Caird, *in loc.*). Proteção contra as "... incursões dos árabes, que viviam no deserto de Parã (posteridade de Ismael), os quais se dedicavam à pilhagem, e contra os animais ferozes do deserto, que, de outra sorte, teriam levado embora suas ovelhas e cordeiros, de dia ou de noite" (John Gill, *in loc.*).

25.17

Ele é filho de Belial. Esta é a tradução que aparece em algumas versões. Mas muitos eruditos pensam que os hebreus ainda não tinham incluído em sua teologia a idéia de um diabo pessoal. Portanto, a expressão "filho de Belial" deve ser tomada como adjetivo, e não como nome próprio, sendo traduzida por "dotado de má natureza" ou alguma expressão paralela. A nossa versão portuguesa retém a referência pessoal ao príncipe da malignidade. Ellicott (*in loc.*), todavia, quase certamente está correto ao dizer: "Belial não era um nome próprio, embora subseqüentemente visse a ser assim considerado. Seu sentido simplesmente é o de 'falta de valor'. Um filho de Belial é uma *pessoa* má e sem valor". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Belial.*

Nabal era mestre do mau humor. Sua disposição era tão má que "ninguém" podia dirigir-lhe a palavra. Ele incorrera no grave equívoco de não se conter ao falar com os mensageiros de Davi, e o guerreiro não demoraria a descer contra Nabal e toda a sua casa, pondo fim à questão.

25.18

Então Abigail tomou, a toda pressa. *Provisões para Davi e Sua Gente.* Abigail não se demorou em preparar para Davi e seus homens uma pequena provisão, em substituição à verdadeira provisão que Davi esperava de Nabal. O fato de que ela pôde fazer isso mostra-nos as riquezas de Nabal, que davam a Abigail relativa liberdade de agir de moto próprio. Provavelmente, ela fora obrigada a casar com Nabal, mas mantinha certa dose de independência. "Abigail, à semelhança de Jacó (Gên. 32.16), enviou o presente aplacador à frente. Mas o plano deve ter abortado de alguma maneira, porquanto ela mesma foi ter com Davi de repente, justamente quando ele estava jurando vingar-se de Nabal e toda a sua casa" (George B. Caird, *in loc.*).

Essas provisões eram todas algo para comer. Sem dúvida eram necessárias muitas manipulações e "contribuições forçadas" para *Davi* manter os 600 homens no deserto. O que foi oferecido por Abigail era apenas um sinal de boa vontade, mas pelo menos o suficiente para aplacar Davi. Ele teria de cobrar suas "contribuições" de outros fazendeiros e criadores de ovelhas da área. O que Abigail ofereceu era mais um *presente liberal* que uma provisão. Mas isso, juntamente com o rosto bonito de Abigail, teve o efeito desejado sobre Davi.

25.19

Nada disse ela a seu marido. Abigail mandou o presente a Davi, por intermédio de seus servos, sem o conhecimento de Nabal. De outra sorte, seria severamente castigada por seu ato de independência. Eles partiram na frente, mas ela deve ter mudado de idéia acerca do *modus operandi* de sua missão. Abigail considerou ser importante ir pessoalmente, e foi o que fez. Moralistas exagerados comentam este versículo, informando-nos que não era correto para uma mulher agir pelas costas do marido, sem informá-lo de suas providências. John Gill (*in loc.*) justifica os atos de Abigail argumentando que "o Espírito de Deus a orientou". Contudo, não precisamos desculpá-la. Ela foi em uma missão salva-vidas e fez a coisa certa agindo sem perturbar, por meio de consultas, o ignorante e obstinado Nabal.

25.20

Enquanto ela, cavalgando um jumento, descia. *Abigail* tomou seu próprio veículo, um jumento de passos firmes, e correu à frente dos servos, como se por acaso (não existe coisa como o mero acaso) pudesse encontrar-se com Davi e seus homens. Sua missão de misericórdia teve um bom começo. Havia *orientação* naquilo que ela estava fazendo. Ela não podia cometer um erro sequer. Vidas dependiam de seu sucesso.

Encoberta. Algum lugar "oculto" no monte, provavelmente um vale ou espaço entre dois picos ou entre uma descida e uma subida íngreme.

25.21,22

Ora Davi dissera. Abigail aproximou-se de Davi exatamente no momento em que ele se queixava amargamente sobre o erro de Nabal e sua recusa em prover suprimentos para ele e seus homens. Davi queixou-se de que fora bondoso sem nenhum propósito. Ele tinha dado proteção aos rebanhos e pastores de Nabal, sem ser reconhecido por suas boas obras. Ele nada furtara, quando poderia ter roubado tudo. O patife só devolvera o mal pelo bem. Em breve os gritos de Davi se transformariam em uma maldição de destruição, trazendo *Elohim* à cena (vs. 22).

Davi tinha planos de morticínio em mente. Nabal e toda a sua casa seriam brutalmente assassinados. Davi chegou a fazer um juramento por Elohim nesse sentido de que, *se* ele próprio não cumprisse sua maldição, que Elohim fizesse com Davi tudo quanto ele planejava fazer a Nabal. Algumas traduções, como a nossa versão portuguesa, dizem: "Faça Deus aos inimigos de Davi se...", o que concorda com o texto original hebraico. Mas as versões siríaca, árabe e a Septuaginta fazem de Davi o objeto da *ira* de Elohim, caso Davi não levasse a cabo Nabal e toda a sua casa. Provavelmente assim dizia o texto hebraico original, que editores e escribas posteriores pensaram ser impossível. Pois poderia Davi amaldiçoar a si mesmo? Mas foi exatamente isso que ele fez.

Em momentos de grande excitação e irritação, muitas vezes dizemos e fazemos coisas que de outro modo não diríamos nem faríamos. Davi estava exagerando. Herodes Ântipas fez um voto precipitado, e isso custou a cabeça de João Batista. "Coisa alguma pode justificar essa parte da conduta de Davi... o próprio Davi acabou condenando sua conduta precipitada e sem fundamento, e agradeceu a Deus por tê-lo impedido de efetuar o mal que tinha planejado" (Adam Clarke, *in loc.*). Alguns intérpretes judeus, entretanto, discordam de Clarke e supõem que Nabal e seus homens tenham sido culpados de *traição.* Eles sabiam que Davi fora ungido rei e, no entanto, negaram-lhe sua ajuda. Portanto, de acordo com esses intérpretes, eles "mereciam morrer". Quanto a esse ponto, fico com Clarke.

Um só do sexo masculino dentre os seus. A nossa versão portuguesa evita o texto hebraico bastante cru neste ponto, que é "urinar na parede", em lugar de "um só do sexo masculino". Homens e cães urinam nas paredes porque isso impede os salpicos. Adam Clarke (*in loc.*) diz-nos que esse cru hebraico não deve ser traduzido literalmente, e os tradutores da Bíblia em português concordaram com ele. Clarke criticou os expositores que insistem em reter o original e chegam a explicar as palavras. Mas essa é uma crítica mal orientada. Matar é muito pior que urinar em uma parede, e ninguém deve tirar isso do texto hebraico. O que Davi quis dizer é que sua matança seria tão completa que nenhum macho, homem ou animal, escaparia com vida.

25.23

Vendo, pois, Abigail a Davi. Abigail fez o que Nabal deveria ter feito. Prostrou-se com o rosto em terra, em homenagem ao futuro rei. E Davi, diante aquela mulher prostrada no chão, tão humilde e tão bela, deve ter tido uma visão impressionante. Davi era um guerreiro selvagem, mas possuía um coração terno, conforme ficara demonstrado em sua conduta diante de Saul, quando poderia tê-lo matado, mas não o fez (24.12 ss.). O coração de Davi se compungiu, e sua ira alçou vôo. Abigail já tinha ganhado sua causa.

25.24

Permite falar a tua serva contigo. Ela pediu uma chance de apresentar a sua causa. Ciente de que se tratava da *esposa* de Nabal, Davi poderia tê-la executado ali mesmo. Ou o mero fato de tratar-se de uma mulher seria o bastante para deixar Davi ainda mais irado, em vez de convencê-lo de qualquer coisa. Mulheres existiam para serem oprimidas, e não para se misturarem nos negócios masculinos. Mas, naturalmente, mulheres verdadeiramente belas representavam exceções a essa regra. Além disso, aquela bela mulher se humilhara e declarava ser *escrava* de Davi. Esse tipo de linguagem é agradável aos homens.

25.25

Não se importe o meu senhor com este homem de Belial. "Nabal" significa "tolo", e Abigail assegurou a Davi que o homem fazia jus ao nome. Ele vivia causando tribulação desnecessária e fazendo inimigos por onde quer que fosse. Além disso, Abigail não vira os mensageiros de Davi. Se *ela* os tivesse visto, teria atendido ao pedido, e em breve os suprimentos estariam a caminho de Davi e seu exército. Assim sendo, Davi deveria considerar que suas boas intenções não se realizaram porque Nabal se intrometera, conforme sempre fazia. Ela estava dizendo: "Não mates os inocentes e aqueles dotados de boa vontade, somente porque, com boa razão, estás aborrecido com Nabal".

25.26

A Barganha Divina. O sentido do que Abigail dizia era: "Homens tolos como Nabal são, na verdade, impotentes diante de ti. Nesse caso, por que se preocupar em matar a ele e às pessoas inocentes que com ele estão? Apresento-te uma *barganha divina* que afirmo no nome de Yahweh. Se te refreares de matar àqueles homens sem valor (Nabal e seus servos), então que Yahweh torne todos os teus inimigos impotentes diante de ti, conforme Nabal na verdade é". "Nabal era um insensato que não merecia nenhuma atenção" (George B. Caird, *in loc.*). Davi lutava as batalhas de Yahweh. Deveria libertar Israel de seus verdadeiros adversários, como os filisteus. Por que haveria de perder tempo com tolos como Nabal?

Como vive o Senhor e a tua alma. O juramento divino foi feito pela própria alma de Davi e por Yahweh, causando forte impacto. Mais ou menos na época de Davi, entrava na teologia dos hebreus a idéia da existência de uma alma imaterial que sobrevivia à morte física, e é possível que Abigail tenha jurado pelo princípio da vida no homem, a alma imortal. Ver as notas expositivas em Gên. 1.26 *e 2.7,* quanto ao termo hebraico *nephesh* (alma) e como originalmente a teologia dos hebreus não concebia uma porção imortal do homem que sobrevivesse à morte. Mas finalmente a verdade brilhou na teologia judaica, embora, durante séculos, fizesse parte das religiões e filosofias antigas, do Oriente e do Ocidente. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Alma.*

25.27

Este é o presente que trouxe a tua serva a meu senhor. Além de seus argumentos, os servos de Abigail trouxeram como presente comestíveis para o bando de Davi (ver o vs. 18). Os argumentos dela eram irretorquíveis, e os alimentos eram deliciosos. Além disso, Abigail era extremamente bonita. Davi esqueceu, pois, sua ira, e a maldição assassina foi interrompida. Abigail ganhou a sua causa naquela ocasião, provavelmente como acontecera em outras oportunidades. Ela era uma embaixadora particular do tolo Nabal, livrando-o das tribulações que ele mesmo cavava. Naturalmente, era costume que um mensageiro ou visitante se aproximasse de um superior com presentes. Seria grande descortesia não ouvir ao menos tal mensageiro.

"Abigail era não somente encantadora e sensível, mas também astuta" (John C. Schroeder, *in loc.*).

25.28

Perdoa a transgressão da tua serva. *Um Golpe de Mestre.* Em seu espírito astuto, Abigail assumiu a culpa do marido como se fosse sua. Não é provável que ela tivesse confessado que não lhe era *apropriado,* como mulher, estar ali na presença de todos aqueles homens, prostrada diante do chefe dos fora-da-lei. Antes, ela estava dizendo: "Considera a culpa de meu marido como minha, pois, afinal, ele é meu marido, e o que fizeres com ele farás comigo". Ao identificar-se com o marido daquela forma, ela virtualmente obrigou Davi a esquecer as intenções assassinas. Essas palavras foram seu *golpe de mestre.* Abigail também assegurou a Davi que um ato de perdão beneficiaria também a ela, e não somente a Nabal. Pela bondade de Davi, "ser-lhe-ia perdoado o delito".

A Promessa Gloriosa. Em nome de Yahweh, Abigail prometeu a Davi tudo quanto ele pudesse desejar, *caso* ele esquecesse suas intenções homicidas. O poder de Yahweh estabeleceria a sua casa, que se tornaria a *casa real.* Davi deveria lutar, mas suas pelejas deveriam ser efetuadas em favor de Israel; seriam as batalhas de Yahweh, e ele alcançaria sucesso em todas elas, a ponto de livrar Israel de todos os inimigos. Mas, para obter tal glória, Davi teria de ignorar tolos como Nabal, ocupando-se de batalhas verdadeiras contra inimigos reais. Se ele começasse a vingar-se por motivos triviais, não poderia esperar que o poder de Yahweh o acompanhasse. De fato, Davi começaria a agir como Saul, homem influenciado por um espírito maligno. Até ali, Davi não agira como Saul, cometendo injustiças e assassínios. Ele não deveria imitar tais homens, pois era grande demais para rebaixar-se dessa forma.

25.29

Então a tua vida será atada no feixe dos que vivem com o Senhor. Este belo versículo exprime um excelente sentimento, que evidentemente queria falar da *nephesh* (alma) como a *pessoa imortal,* em contraste com o mero corpo físico. Há um tesouro de almas imortais com o Senhor, e Ele as guarda em bondade e amor, sendo protegidas para sempre. É como disse Sócrates: "Nenhum mal pode sobrevir a um homem bom".

Oh, segura à Rocha que é mais alta que eu,
Minha alma, em seus conflitos e tristezas voará.
...
Ocultando-me em Ti. Ocultando-me em Ti.
Tu, bendita Rocha dos séculos. Estou oculto em Ti.

(William O. Cushing)

"A figura simbólica aqui é a de posse preciosas, enroladas em um feixe, de modo que não podem perder-se" (George B. Caird, *in loc.*). Ver as notas no vs. 26 quanto a idéias sobre o termo hebraico *nephesh* (alma). À época de Davi, esse vocábulo começou a referir-se à parte imaterial do homem, à alma imortal, sendo provável que Abigail já tivesse alguma crença como essa.

Os Targuns dizem: "A alma do meu senhor será entesourada na vida eterna, diante do Senhor teu Deus". Maimônides compreendia este versículo como o que acontece à pessoa após a morte. Cf. versículos do Novo Testamento como Col. 3.3 e Apo. 6.9.

Em contraste, a alma dos homens malignos será lançada fora, desprezivelmente, para a inutilidade e o nada, da mesma maneira que um homem lança pedras mediante uma funda. Ver Jer. 10.18. Esta parte do sentimento expresso por Abigail tem sido ultrapassada por certos ensinos neotestamentários, nos quais vemos a graça de Deus a operar além do que a maioria dos homens espera. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Mistério da Vontade de Deus* e *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.* E, no *Novo Testamento Interpretado,* examinar a exposição sobre I Ped. 4.6.

Alguns intérpretes supõem ser anacrônica a força das idéias destes versículos acerca da vida eterna e do julgamento de Deus para além da vida física. Eles crêem que a teologia dos hebreus ainda não havia avançado até esse ponto. É verdade, naturalmente, que tais doutrinas se desenvolveram durante o período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamentos, ou seja, nos livros apócrifos e pseudepígrafos. O próprio Novo Testamento reflete esse desenvolvimento. Contudo, Ellicott (*in loc.*) disse: "Essa é uma das mais antigas e mais definidas expressões de uma crença segura no futuro eterno na presença de Deus... Atualmente é uma inscrição favorita e comum nas lápides judaicas". "A alma dos justos está escondida debaixo do trono de Deus" (Rabino Ezra, *Shabbath,* fol. 152). Apo. 6.9, naturalmente, reflete esse antigo sentimento dos hebreus.

25.30

E há de ser que. Abigail sabia que Davi fora ungido como futuro rei e supunha que ele não seria capaz de alcançar o que fora planejado se começasse a matar por razões inadequadas, como para silenciar o insensato Nabal. O plano divino desdobrar-se-ia em estágios. Davi tinha de agir corretamente para chegar ao clímax das bênçãos de Yahweh. No tempo certo, todos os seus adversários seriam silenciados, e então ele cumpriria a missão que lhe fora atribuída. Notícias sobre sua unção como segundo rei de Israel devem ter-se espalhado por todo o território de Israel, e talvez as escolas dos profetas disseminassem a palavra, preparando assim o povo.

25.31

Não te será por tropeço. Isso equivale a: "Não tomes vingança insensata! Não derrames sangue sem uma causa justa! Não cries situações que te dêem razões para sentires remorso mais tarde! Não macules teu futuro reinado! E quando Yahweh te puser como rei, lembra-te de mim!". Essas foram as exortações de Abigail a Davi. Um homem a quem Yahweh usava especialmente pode dar-se ao luxo de ser generoso e não vingar-se por injúrias pessoais que tenha sofrido.

Não vos vingueis a vós mesmos, amados,
mas dai lugar à ira de Deus, porque está escrito:
Minha é a vingança, eu retribuirei, diz o Senhor.

(Romanos 12.19, citando Levítico 19.18)

Ver também Pro. 24.29; 25.21; Deu. 32.35; Heb. 10.30 e Mat. 5.44.

"Com estranha graça, Abigail terminou seu simples e intenso apelo ao futuro rei, com uma referência ao período em que viriam dias felizes... Chegado aquele tempo, Davi não deveria olhar para trás e ver atos de violência, paixão furiosa e derramamento de sangue. Quando o tempo dourado chegasse, como certamente aconteceria, ele deveria lembrar que *Abigail...* o salvara de cometer um ato selvagem e pecaminoso e, em grata memória pelos bons serviços, deveria olhar bondosamente para ela, sentado em seu trono" (Ellicott, *in loc.*).

25.32

Então Davi disse a Abigail. *Davi deu crédito a Yahweh* por ter inspirado Abigail a dizer o que disse. A sabedoria das palavras dela raiou em sua mente. Seja como for, com ou sem inspiração divina, as mulheres usualmente estão com a razão.

"É uma verdadeira fé religiosa a que pode encontrar a atividade de Deus não apenas nos eventos extraordinários, mas também nos eventos e nas ações comuns da vida diária" (George B. Caird, *in loc.*).

"... ele foi vencido pela retórica e pelos poderosos argumentos de Abigail" (John Gill, *in loc.*). Os Targuns dizem que ela falou com discrição, prudência e entendimento.

25.33

Que hoje me tolheste de derramar sangue. Davi resolveu que somente um insensato como Nabal se vingaria pessoalmente de um homem pelo que tinha acontecido naquele dia. Assim, esforçando-se para não ser tolo, Davi abandonou todo pensamento de vingança e deixou tudo nas mãos de Yahweh. Deus é quem endireitaria as contas. Ver as referências dadas na exposição sobre o vs. 31. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vingança*. "Davi, com sua usual e franca generosidade, admitiu que estava errado ao deixar-se arrastar por uma paixão selvática e ingovernável, e confessou abertamente que, se Abigail não tivesse vindo ao encontro dele e o convencido, ele teria realizado seu propósito e manchado sua fama justa com um crime terrível" (Ellicott, *in loc.*).

25.34

Não teria ficado a Nabal até ao amanhecer nem um sequer do sexo masculino. Ferindo Nabal, Davi também teria ferido Abigail, e isso era agora a última coisa que Davi gostaria de fazer. Portanto, ele agradeceu a Yahweh por tê-lo detido a tempo. De fato, antes do amanhecer do dia seguinte, teria havido uma grande matança, e nem um único homem teria sobrevivido. Temos aqui uma repetição do hebraico cru já visto no vs. 22. Homens e cães urinam contra paredes, a fim de evitar os respingos. Davi mataria todos os que "urinavam em paredes". A nossa versão portuguesa novamente evita a crueza do texto hebraico e dá a tradução "nem um sequer do sexo masculino". Ver as notas sobre o vs. 22 quanto a plenas explicações dessa expressão. Supomos que Davi se referisse somente aos *homens*, mas poderia estar-se referindo a toda a vida humana, ou até mesmo a toda a vida humana e animal. Ele poderia ter indicado que efetuaria *guerra santa*, o que requeria aniquilamento total de *toda vida*. Ver sobre a *guerra santa* em Deu. 7.1-5 e 20.10-18.

25.35

Então Davi recebeu da mão de Abigail. Ao receber o bondoso presente de Abigail (vs. 18), Davi assegurou-lhe que ela havia pleiteado com sucesso em causa própria. Ele já havia abandonado qualquer idéia de vingança. Abigail tinha falado bem, e Davi agiria bem. Isso nos faz lembrar do caso do voto apressado de Jefté, um dos juízes de Israel, que custou a vida de sua amada filha. Ver Juí. 11.34,40. Além disso, Saul quase matara Jônatas por causa de um voto tolo (ver I Samuel 14). Mas o povo salvara a vida de Jônatas, anulando a loucura de Saul. Os hebreus levavam muito a sério os seus votos, porquanto sentiam que desonrariam Yahweh se os violassem, e a maioria dos votos incluía alguma espécie de promessa a Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Voto*. Davi fora impedido de cumprir um voto tolo que incluía matança desnecessária, e deu a Abigail o devido crédito. Cf. Jó 42.8,9.

25.36

Voltou Abigail a Nabal. Ao retornar, Abigail encontrou a festa em plena atividade; o vinho fluía como o rio Amazonas. Nabal estava "bêbado como uma pessoa vil", conforme dizemos em certa expressão inglesa, e assim também estavam todos os seus auxiliares. Eles ganhariam muitas riquezas com a tosquia das ovelhas. Estavam todos com boa saúde; prosperavam e, *naquele dia*, divertiam-se. Abigail observou todos os folguedos e resolveu nada dizer sobre a entrevista com Davi. O dia seguinte seria o momento certo para contar a Nabal que ele quase se tornara um homem morto. O dia seguinte seria um bom tempo para dizer-lhe que sua arrogante insensatez quase lhe custara a vida, bem como a vida de seus familiares e de seus amigos.

"Ao que tudo indica, beber pesadamente era bastante usual durante a tosquia das ovelhas, tal como em outros festivais (cf. I Sam. 1.13). Após uma orgia de bebedeira, Nabal foi apanhado por um ataque de apoplexia, e, dez dias depois, por outro ataque fatal. Esses ataques foram atribuídos à agência direta de Deus" (George B. Caird, *in loc.*). A cultura dos hebreus caracterizava-se por cânticos e danças, o que é confirmado por várias referências bíblicas.

25.37

Estando Nabal já livre do vinho. Todo o vinho que Nabal bombeara para dentro de seu sistema orgânico agora tinha sido bombeado para fora por seu sistema excretor, e ali estava ele sóbrio, embora com a dor de cabeça usual. Abigail aproveitou o momento para contar a história das intenções assassinas de Davi, de como ela interceptara o exército de Davi no caminho, e de como somente mediante os apelos mais eloqüentes ela conseguira evitar a matança. Nabal, em terríveis condições por causa de seus excessos, foi atingido tão fortemente pela notícia que teve uma hemorragia cerebral ali mesmo e "ficou ele como pedra", o que provavelmente significa que ficou paralisado pelo derrame.

Os *intérpretes* debatem-se quanto à causa do derrame:

1. *Temor* do perigo, que estivera tão próximo e era constante ameaça. Quem poderia afirmar o que Davi finalmente faria?
2. *Degradação física*, produzida pelos excessos com o vinho, subitamente agravados pelas temíveis notícias dadas por Abigail.
3. *Ataque súbito de raiva* diante do que Abigail acabara de revelar, uma "furiosa explosão de ira" (Ellicott, *in loc.*), que serviu somente para agravar sua condição física já debilitada.
4. *Julgamento direto da parte de Yahweh*, que se cansara de Nabal e suas tolices. Seja como for, a teologia dos hebreus, fraca quanto a causas secundárias, considerava Yahweh a *única causa* de tudo quanto sucedia. Essa mesma fraqueza na teologia atual leva os homens a exagerar a predestinação, esquecidos do livre-arbítrio humano, que é um dom divino e também tema das Escrituras. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Predestinação (e Livre-arbítrio)*. Ver também os comentários sobre o versículo seguinte.

25.38

Passados uns dez dias. O julgamento de Deus iniciado no primeiro derrame completou a tarefa. Nabal agora estava morto. As causas possíveis (listadas nos comentários sobre o versículo anterior) poderiam ser mencionadas. Mas aqui o autor sacro diz especificamente que foi *Yahweh* quem desfechou o golpe fatal, provavelmente, uma vez mais, com base na fraqueza da teologia hebraica quanto às causas secundárias. Por outro lado, é possível que Deus tenha metido a mão na questão, a fim de livrar Abigail daquela fera.

"Na linguagem dos autores antigos e divinamente inspirados, a enfermidade e os acidentes com freqüência são referidos como 'flechas especiais atiradas pelo Altíssimo'" (Ellicott, *in loc.*). A esse sentimento, o comentador adiciona: "pois de fato assim são essas coisas". Isso significa que nada ocorre por acaso, e algum plano divino governa esta terra desértica.

25.39

Ouvindo Davi que Nabal morrera. Davi alegrou-se com a morte de Nabal. E *bendisse a Yahweh* por ter feito o que ele próprio tencionara fazer. A diferença foi que Yahweh destacou o culpado e terminou com ele, ao passo que Davi teria matado muitas pessoas inocentes juntamente com Nabal. Davi também estava alegre porque Yahweh o havia impedido de vingar-se pessoalmente. A *solução perfeita* fora dada. Nabal não deveria ter ofendido o homem de Yahweh, chamando-o de um "ninguém" (ver o vs. 10 deste capítulo). Agora, o próprio Nabal era menos que um ninguém.

Sem demora nem hesitação, Davi tomou Abigail como esposa. Ele lhe mandou recado nesse sentido, e podemos estar certos de que ela aceitou desde o começo. Na maioria dos países modernos, uma viúva deve esperar algum tempo antes de casar-se de novo, mas era comum, no Oriente, que as viúvas se casassem logo após a morte do marido. Foi assim que Davi não violou nenhum costume social com esse ato.

Poligamia. O artigo no *Dicionário* intitulado *Davi* mostra que, por onde Davi ia, tomava uma ou duas novas esposas. Ele já se era casado com Mical, filha de Saul, e não há notícia de que ela fora dada por Saul a algum outro homem, ao menos por aquela ocasião. Ver o vs. 44. Davi não precisava de justificativa para tomar outra esposa. O Israel antigo era uma sociedade polígama; e, quanto mais alta fosse a posição de um homem, ou quanto mais dinheiro e poder ele tivesse, maior era o número de mulheres que ele tomava. O homem de classe média podia ter somente duas ou três esposas. O homem de classe média baixa teria, no máximo, duas. Os monógamos eram somente os mais pobres dentre o povo, mas isso apenas por falta de poder de compra. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Poligamia*. Em breve (vs. 43), Davi tomaria uma outra (terceira) esposa. O vs. 44 diz que Saul, provavelmente por vingança, deu a primeira esposa de Davi, Mical, a outro homem. Finalmente, Davi a recuperaria, mas as coisas com ela nunca mais seriam as mesmas. Esse casamento degringolaria cada vez mais. Os intérpretes criticam Davi por ele ter tomado várias esposas, mas essas críticas são anacrônicas. As sociedades *patriarcais* não se preocupavam com as alegadas vantagens da *monogamia* (ver a respeito no *Dicionário*).

O que Davi fez revestia-se de certa lógica. Afinal, desposara uma viúva rica! Isso aprimorou a sua sorte, consideravelmente, bem como a sorte de seus 600 homens.

25.40,41

Para te levar por sua mulher. Davi e Abigail tinham concordado quanto ao casamento. Davi então mandou que seus servos a trouxessem para a

celebração. Em um belo ato de submissão, embora fosse rica viúva, ela se prostrou com o rosto em terra e lavou os pés dos servos de Davi! As coisas eram realmente diferentes naqueles dias! Além disso, notemos como ela chamou Davi de *senhor.* A antiga nação de Israel era obviamente uma sociedade patriarcal. A condição das mulheres não era muito elevada em Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mulher,* para informações completas a respeito.

"Lavar os pés de outrem era a tarefa mais braçal que um servo realizava (Mar. 1.7; João 13.3-17)" (George B. Caird, *in loc.*). Mas a sábia e rica Abigail não hesitou em realizar o ato. E nem Jesus! O grande homem, no final das contas, é o que serve aos outros, e não o que é servido. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Lava-pés.*

A Bela História. "O triângulo formado por Nabal, Abigail e Davi não constitui uma história moral. Mas tal como todos os romances agradáveis, tem um final feliz. O marido grosseiro foi felizmente removido; a encantadora e sábia esposa obteve seu galardão; o corajoso rapaz ficou com a garota. De fato, Davi obteve mais uma mulher, embora tivesse perdido outra, ao mesmo tempo. Ainoã foi adicionada ao harém de Davi, ao passo que Mical, que amava o marido, foi dada por seu pai a Palti" (John C. Schroeder, *in loc.*).

Tipologia. Alguns pais da Igreja viam nessa história um tipo do que tem acontecido à Igreja. A união da Igreja (o mundo gentílico) a Cristo só se deu depois que a Igreja abandonou o paganismo, e isso foi efetuado por um ato da vontade divina. Deus removeu o paganismo da Igreja, tornando possível a nova união. Ver as notas sobre o vs. 42 quanto a outras idéias.

25.42

Abigail se apressou. Ela tomou alguns objetos pessoais e suas servas mais próximas (jovens e belas mulheres, sem dúvida). Sacrificando sua antiga maneira de viver, saiu de casa para viver com Davi no deserto. Seus companheiros mais constantes seriam agora soldados brutos, e sua vida seria uma rotina de exílio. Este versículo acrescenta idéias que se adaptam muito bem à *tipologia* referida nas notas do versículo anterior. A Igreja teve de abandonar a vida antiga e sair para viver no campo, com Cristo, exilando-se assim deste mundo. Cf. Heb. 13.13. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Matrimônio,* quanto aos costumes que prevaleciam na antiga nação de Israel.

25.43

Também tomou Davi a Ainoã. *O Harém de Davi Aumentava.* Tudo quanto se sabe sobre essa outra esposa de Davi, aparece no *Dicionário.* Ver também sobre *Poligamia* e as notas expositivas que providenciei no vs. 9 deste capítulo. Essa mulher é sempre mencionada em primeiro lugar na lista das esposas de Davi, sendo possível que ele tenha casado com ela primeiro (logo depois de Mical). Ainoã foi a mãe de seu filho mais velho, *Amom.*

Ellicott (*in loc.*) salienta que a poligamia sempre estabeleceu palco para intrigas e assassinatos dentro da linhagem real, por causa da competição entre mulheres e filhos, por poder e riquezas. "... uma safra abundante de intrigas, crimes e assassínios no palácio real foram os frutos tristes de Davi ter cedido diante dessa prática miserável, que sempre foi uma das maldições do Oriente". É verdade, mas a monogamia praticada em outras regiões do mundo não tem conseguido deter as intrigas e matanças.

De Jezreel. Ver no *Dicionário* a respeito. Mais de um lugar do Antigo Testamento era assim chamado. O Jezreel do texto presente não era o local pertencente à tribo de Issacar (ver Jos. 19.18), mas, sim, uma cidade na parte sul da terra de Canaã, situada na região montanhosa de Judá, perto de Maom.

25.44

Duas Esposas Ganhas; Uma Esposa Perdida. Na corte real em Gibeá, Saul podia fazer o que bem quisesse. Assim, em seu ódio, entregou a amada de Davi a outro homem. Isso significa que Saul adicionou ainda outro crime à sua crescente lista de transgressões. Mical permaneceu sem filhos até morrer (ver II Sam. 6.23), o que era uma desgraça para as mulheres israelitas na época. Posteriormente, quando Davi ascendeu ao trono, ele tomou Mical de volta, mas o casamento já se havia desintegrado e nunca mais recuperou a graça original. Em meio à confusão, às matanças, aos jogos de poder e ao ódio, perdeu-se um grande amor.

Palti. Ver no *Dicionário* quanto ao que se sabe sobre esse homem. Ver também sobre *Galim.* Davi retomou Mical de Palti, mas, o que parecia bom, revelou-se um erro. Davi deveria ter deixado Mical onde estava, por sua própria causa, e não por causa dela. Algumas perdas não podem ser recuperadas; algumas situações simplesmente não podem ser revertidas de modo satisfatório.

Capítulo Vinte e Seis

Última Tentativa de Saul contra a Vida de Davi; Magnanimidade de Davi (26.1-25)

Saul fora o grande rei de Israel, pelo menos de certo ponto de vista: ele debilitou enormemente os inimigos de Israel. Saul era um mestre guerreiro e uma máquina de matar. Suas bem-sucedidas campanhas muito ajudaram Davi, que o sucedeu como rei. Desde Moisés, ninguém tinha feito mais do que Davi, no campo militar, livrando Israel de todos os inimigos da Palestina. Mas os conflitos civis (hebreus contra hebreus) continuaram; e também havia os inimigos externos, os assírios e os babilônios, que levariam Israel em cativeiro. Mas pelo menos por essa época, Israel cresceu em forças sob a monarquia, e esse foi um estágio necessário de sua história.

A Despeito de Seus Sucessos, Saul Tinha Grandes Defeitos Pessoais. Para agravá-los, a partir de determinado ponto de sua vida, um espírito maligno começou a atacá-lo, e isso o fez atravessar períodos de ira e matança indiscriminada. Davi tornou-se o principal alvo de suas intenções assassinas. Por *duas* ocasiões, Saul foi convencido a abandonar esse propósito maligno. A *primeira vez* foi quando Jônatas o persuadiu a respeito de sua iniqüidade (I Sam. 19.6). Mas quase imediatamente depois, Saul tentou matar Davi com uma lança, ao sofrer um ataque do espírito maligno (o que é relatado no mesmo capítulo). Em seguida, diante de uma ótima oportunidade de matar Saul, Davi poupou-lhe a vida. Então Saul, reconhecendo a retidão superior de Davi e sua própria condição odiosa, resolveu abandonar a caçada (ver o capítulo 24 quanto a esse relato).

Este capítulo 26 registra a última tentativa de Saul contra a vida de Davi. Os críticos supõem que o capítulo 26 seja uma duplicação do capítulo 24, isto é, uma narração diferente de um só e mesmo evento. Eles também crêem que o capítulo 26 apresenta o original, e uma versão historicamente mais exata da história. Por outra parte, é perfeitamente possível que os *dois eventos similares* tenham realmente acontecido. Admite-se alguns notáveis paralelos entre as duas narrativas, que são comentados ao longo do caminho.

26.1

Os zifeus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Zife, Zifitas.* "Uma vez mais, Saul soube pelos zifeus acerca do esconderijo de Davi, pelo que o rei e 3.000 homens escolhidos subiram a colina de Haquilá (cf. I Sam. 23.19), no deserto de Zife, em busca de Davi. Uma vez mais, o Senhor livrou miraculosamente o Seu escolhido" (Eugene M. Merrill, *in loc.*). Conforme já dissemos, os críticos vêem um relato *duplo* neste capítulo 26, ou seja, uma narrativa que descreve os mesmos eventos apresentados no capítulo 24, e supõem que o primeiro seja o mais antigo e exato dos relatos. Ver a introdução a este capítulo; e ver também os comentários que se seguem.

Haquilá... Jesimom. Ver os dois lugares comentados no *Dicionário. Jesimom* é o território estéril entre as colinas de Judá e o mar Morto, alternativamente chamado de "o deserto de Judá". Talvez *Haquilá* possa ser corretamente identificado com a moderna *El-Kolah,* aproximadamente a 9,5 quilômetros de Zife, na beirada oriental do deserto, onde começa sua descida para o mar Morto. Davi e seus homens continuavam naquele território estéril, ainda fugindo dos planos assassinos de Saul.

O Relato Duplo. Os capítulos 24 e 26 são narrativas diferentes (de diferentes autores) de um mesmo evento? Consideremos as similaridades em ambos os relatos:

1. O mesmo povo, os zifeus, informou Saul sobre o esconderijo de Davi.
2. Saul saiu com 3.000 homens escolhidos para caçar Davi.
3. Davi teve a oportunidade incomum de livrar-se de Saul, matando-o no próprio local.
4. Dotado de mente nobre, Davi recusou a oportunidade de matar seu desafeto, a despeito das exortações de seus companheiros.
5. Saul estava *dormindo,* o que permitia a Davi despachá-lo.
6. Davi não agiu por temer Yahweh, que tinha ungido Saul como rei.
7. Davi tomou algo de Saul para mostrar que tinha estado ali e poderia tê-lo matado.
8. Por meio de gritos, Davi informou Saul de sua presença e de como poderia tê-lo facilmente despachado.
9. Saul reconheceu a voz de Davi e chamou-o de *meu filho.*
10. Davi, pelo menos parcialmente, desculpou Saul por suas más intenções, acusando antes os maus conselheiros do rei.
11. Saul ficou impressionado com o nobre ato e as justas palavras de Davi, confessou seus pecados e arrependeu-se de suas intenções.

Naturalmente, há diferenças, mas a impressionante lista acima apresenta similaridades óbvias.

26.2

Este versículo é paralelo a I Sam. 24.2. Saul reuniu 3.000 homens escolhidos para tentar encontrar Davi e matá-lo. Ver as notas em I Sam. 24.2, que também se aplicam aqui. É provável que Saul tivesse uma espécie de *pequeno exército,* uma força armada permanente em Gibeá, a qual podia ser ativada para missões de emergência a curto prazo.

26.3

Os dois exércitos, o de Saul com 3.000 homens, e o de Davi com 600, de súbito estavam próximos um do outro, e havia escoteiros correndo para frente e para trás, mantendo ambas as partes informadas sobre as movimentações inimigas. Saul foi ao lugar onde os zifeus afirmaram que Davi estava (vs. 1) e descobriu que a informação era correta. Assim, ao que tudo indica, surgiu outra grande oportunidade para Saul livrar-se do odiado e astucioso Davi.

26.4

Davi ouviu rumores de que Saul estava nas proximidades de novo, com suas satânicas intenções, e espias logo confirmaram a verdade de seus temores.

E soube. "Essas palavras *por certo* são a corrupção do nome *de um lugar* onde Saul tinha chegado, e Davi descobriu a verdade da informação; mas o nome não pôde mais ser restaurado" (George B. Caird, *in loc.*).

26.5,6

Tendo recebido o relatório sobre o lugar em que Saul estava, Davi foi pessoalmente verificar a situação; e, a bem da verdade, ali estavam Saul e Abner, cercados por tropas seletas. No relato paralelo do capítulo 24, Saul está em uma caverna, aproximando-se de onde estava Davi; mas aqui, Davi sai para checar onde Saul estava (vs. 6). Davi quis que alguém o acompanhasse. Portanto, ele deu oportunidade a Aimeleque, o heteu, e a Abisai, sobre os quais o *Dicionário* fornece dados pessoais. Foi *Abisai* quem levou Davi até onde estava Saul e assim se expôs a grave perigo. Mas ele era o principal general do exército de Davi, um homem de coragem que vivia exposto a situações perigosas. Como é óbvio, Davi não poderia levar consigo muitos homens. Eles fariam muito ruído, e isso facilitaria serem detectados. Nessa missão, levar apenas um homem em sua companhia seria o ideal.

Heteu. Ver no *Dicionário* o verbete *Hititas, Heteus*. Esse povo era, originalmente, indo-europeu. Mas eles migraram para a Palestina e se misturaram com povos semíticos. É um fato curioso da história que os mais antigos remanescentes de línguas indo-européias vieram das inscrições dos heteus ou hititas. Na época de Abraão, eles já eram classificados como um dos povos cananeus e viviam perto de Hebrom (ver Gên. 15.20). Urias, o homem de quem Davi tirou a vida, para poder casar com a esposa, Bate-Seba, era um importante heteu no exército de Davi.

Zeruia era irmã de Davi (I Crô. 2.15,16), pelo que Abisai era sobrinho de Davi, tal como o era Joabe. Davi tinha atraído alguns de seus parentes próximos para serem seus companheiros de exílio.

26.7

Vieram, pois, Davi e Abisai de noite. Davi e Abisai chegaram onde estavam Saul e seus auxiliares, que estavam dormindo. Esse é um paralelo da narrativa de I Sam. 24.3,4, mas naquele relato o evento teve lugar em uma caverna, e não em uma trincheira militar, como aqui. Convenientemente, a famosa lança de Saul, que ele tinha usado nas duas tentativas de matar Davi (ver 18.10,11 e 19.9,10), estava fincada verticalmente no chão. Davi, por justiça poética, poderia ter usado a própria lança de Saul para tirar-lhe a vida. "De acordo com Doughty, a lança na vertical (fincada no chão) ainda na sua época era usada como sinal do quartel-general do xeque (*Travels in Arabia Deserta*, I.262)" (George B. Caird, *in loc.*). Ademais, a lança ou a espada serviam de sinal do ofício real e estavam sempre ao lado do rei, para uso imediato, mas também para comunicar a mensagem: "Eis-me aqui, eu sou o rei. Vede meu símbolo".

26.8

Abisai exortou Davi a aproveitar a singular oportunidade de matar Saul. Esse item é um dos paralelos na história de I Sam. 24.4. Em ambos os relatos, *Yahweh* recebeu o crédito pela oportunidade incomum. Mas aqui o nome divino usado é *Elohim*. Ver o artigo do *Dicionário* chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Do vs. 9 em diante, Davi usou o nome bíblico divino de *Yahweh*.

Note-se também que o próprio *Abisai* quis matar o rei. E ele completaria a tarefa tão bem que não seria necessário atravessar Saul por uma segunda vez. "Eu o espetarei no chão tão plenamente, com *um golpe só,* que não será preciso outro para matá-lo" (Lange, *in loc.*). No paralelo, não é indicado quem efetuaria a matança.

26.9

Não o mates. Davi estava exercendo sua magnanimidade, mas também temia matar o ungido rei de Yahweh: "Davi foi impelido não tanto por sua magnanimidade como pela sua convicção de que Saul era o homem nomeado por Yahweh. Matar Saul seria violar a vontade do Senhor" (John C. Schroeder, *in loc.*). Davi temia tomar as questões da vida e da morte nas próprias mãos. Matar na guerra era uma coisa, mas o assassínio pessoal de um rei era algo inteiramente diferente. Além disso, fora o próprio Yahweh quem enviara Israel para matar os inimigos (ver sobre a *guerra santa* em Deu. 7.1-5 e 20.10-18). Mas Deus não baixara ordem alguma para que Saul fosse morto. Os filisteus seriam os instrumentos de Deus para isso (capítulo 31). Davi poderia esperar esse acontecimento, e algum dia seu destino o ergueria como segundo rei de Israel. Cf. os paralelos em I Sam. 24.4,7.

26.10

O destino de Saul seria desferido pelo próprio Yahweh, por meio de alguma enfermidade, algum acidente pela *agência humana*. Foi exatamente o que sucedeu. Os filisteus fizeram um bom trabalho. Ou então, segundo raciocinava Davi, Saul morreria de morte natural. Entrementes, Davi esperaria pelo cumprimento de tudo quanto Samuel havia profetizado. Seu *destino* não dependia de Saul, mas de Yahweh, e Davi repousava seu caso nessa suposição. "Temos aqui discernimento moral. Sem dúvida, Davi sentia que fora tratado injustamente, mas seu senso de justiça não lhe dava direito sobre a vida e a morte... Suas ações eram determinadas não tanto por seu senso de certo e errado, mas por sua crença de que havia uma lei maior que ele mesmo" (John C. Schroeder, *in loc.*). A vingança pertence a Deus (Rom. 12.19; Deu. 32.35). Ver as notas sobre I Sam. 24.7, que incluem comentários sobre a doutrina do *direito divino de reis*. Ver em I Sam. 24.13 notas sobre a *vingança,* prerrogativa de Deus, e não dos homens.

26.11

Este versículo é um paralelo de I Sam. 24.4. *Algo foi tirado* de Saul a fim de que ele soubesse que Davi estivera ali, mas fora misericordioso e poupara a sua vida. No caso anterior, Davi cortou um pedaço da orla do manto real. Aqui ele tomou sua famosa lança e uma bilha de água. Quanto ao problema de este capítulo 26 ser uma duplicação do capítulo 24 (o cap. 26 seria, de acordo com os críticos, a versão mais antiga da mesma história), ver a introdução ao presente capítulo e as notas do vs. 1.

"Um costume muito antigo explica *por que* a botija de água aqui recebe tal proeminência. De acordo com esse costume, algum alto dignitário sempre carregava um vaso apropriado com água, para as abluções necessárias do rei, e era especialmente seu dever levar a botija com ele, apresentando-a ao rei durante as campanhas militares ou outras jornadas, pelo que seu desaparecimento envolveria uma desgraça quase tão grande como se o rei tivesse perdido o cetro" (Ewald, comentando sobre Sal. 50.8). Essa botija de água podia ser feita de pele de animal, conforme supõem alguns, ou de metal ou louça. Lemos que Filipe, rei da Macedônia, sempre tinha uma taça de ouro e dormia com ela debaixo do travesseiro; mas essa taça era usada para finalidades religiosas, e não meramente como vaso de beber (Plínio, *Hist. Nat.* 1.33, cap. 3).

26.12

Não deve ter sido fácil para Davi e Abisai fazer tudo quanto fizeram sem despertar uma única pessoa. Por isso mesmo, o autor sagrado diz-nos que Yahweh causou um profundo sono em todos. Desse modo, a operação foi facilitada, pela graça divina, o que algumas vezes é necessário para débeis seres humanos. O hebraico é bastante gráfico aqui: "Ninguém viu; ninguém soube; ninguém despertou".

Algumas vezes, mostramo-nos fortes; e então Deus usa a nossa força. De outras vezes, mostramo-nos fracos, então Deus facilita as coisas, levando em conta as nossas limitações.

A lança e a bilha de água. Ou seja, os símbolos do poder de Saul e de sua dignidade real. A lança fora espetada no chão, perto do lugar onde Saul jazia dormindo. Esse era o sinal de seu ofício real. Ver também o vs. 7 deste capítulo quanto à questão. Era a mesma lança que Saul tinha usado por duas vezes na tentativa de matar Davi.

26.13

Entre eles havia grande distância. Cumpre-nos aqui imaginar uma profunda ravina que separava duas colinas. Davi e Abisai atravessaram a ravina e subiram pela colina oposta. Portanto, o som dos gritos cruzava uma garganta. As duas colinas eram distantes, se levarmos em conta a viagem de uma colina para outra, mas não tão grande de acordo com "o vôo do corvo".

"Davi, Abner e Saul eram todos capazes de fazer a voz atravessar longa distância, e a voz de Davi era reconhecida quando ele assim fazia. Essa faculdade ainda é possuída pelos árabes. Sob tais circunstâncias, é mais natural que Saul tivesse reconhecido Davi por sua voz, do que de acordo com a outra versão da história (capítulo 24), onde ele podia vê-lo claramente (I Sam. 24.16)" (George B. Caird, *in loc.*). Assim dizendo, o autor sacro supõe que o capítulo 26 contenha o relato mais antigo e mais exato (ver as notas sobre o vs. 1 deste capítulo).

26.14

Não respondes, Abner? Davi dirigiu-se ao povo e a Abner, o principal general de Saul e responsável pela segurança do rei. Abner ouviu e respondeu. Ele ficou irritado porque certamente não era polido tentar entrar em contato com o *rei* de Israel gritando de outra colina. A cortesia teria exigido um contato pessoal, seguindo as formalidades apropriadas. Por isso a Vulgata Latina diz: "Quem és tu, que gritas e perturbas o rei?". Devemos lembrar que Saul dormia, e isso fez a situação tornar-se mais impolida ainda.

26.15

Porventura não és homem? Davi aproveitou a oportunidade para ralhar com Abner. Este tinha reputação de ser um homem poderoso, corajoso e mau; mas ali estava a dormir, deixando o rei de Israel sem proteção diante do inimigo que poderia passar pelo acampamento e matar o rei. Podemos pensar que Davi estava sendo *sarcástico,* porém o mais provável é que ele se mostrava muito sério sobre a questão, considerando o grande respeito que tinha pelo rei ungido de Israel (vs. 9). Naturalmente, havia ironia em suas palavras, mas não sarcasmo.

"A generosidade real e a nobreza de caráter de Davi eram bem conhecidas em sua subseqüente amizade com Abner, e por sua profunda tristeza pela morte fora de tempo daquele grande capitão (ver II Sam. 3)" (Ellicott, *in loc.*).

26.16

Não é bom isso, que fizeste. Abner agira de modo negligente. Ele preferira dormir a cuidar do rei. Sabia os perigos potenciais dos 600 homens de Davi. De fato, o que eie fizera era tão grave que era considerado "filho de morte", conforme diz o trecho hebraico, ou seja, era "digno de morte". Ele deixara de cumprir um dever e um privilégio muito importante. O rei teria razão para mandar executá-lo. Também devemos entender que Abner deveria ter homens postos de sentinela a noite inteira. E mesmo que ele próprio não fosse o responsável pela guarda do rei, era responsável por prover sentinelas apropriadas. Dormir enquanto de sentinela sempre foi considerado um sério crime militar. O paralelo do capítulo 24 não admite nenhuma participação ativa de Abner.

26.17

Reconheceu Saul a voz de Davi. Saul foi acordado com aquela gritaria e de pronto reconheceu a voz de Davi. Foi então que o chamou de "meu filho" e dirigiu-se diretamente a ele. Ambos os itens são paralelos à história relatada no capítulo 24 (vs. 16). Davi replicou, afirmando que era ele mesmo, *Davi,* quem estava falando e, por respeito, chamou o rei de "meu senhor". Davi ainda ansiava por submeter-se a Saul, obedecendo-lhe como rei ungido por Yahweh. Porém, era tarde demais para tudo isso. A hora de Saul tinha quase chegado. O julgamento de Deus estava prestes a atingi-lo. Ele tinha de morrer tendo alcançado sucesso apenas parcial, tendo cumprido sua missão apenas em parte. As coisas, contudo, poderiam ter sido diferentes.

Dentre todas as palavras da língua ou da pena,
As mais tristes são: Poderia ter sido!

(John Greenleaf Whittier)

26.18

Por que persegue o meu senhor assim seu servo? Davi não era capaz de entender a louca perseguição que Saul movia contra ele. Davi era inocente. Nada fizera digno de morte nem tinha más intenções contra Saul. Este versículo é paralelo de i Sam. 24.11-16, que apresenta uma fala mais elaborada da parte de Davi, intensamente reverente e amorosa, dirigida a um homem que não merecia tamanho respeito. Davi mostrou que era "abaixo da dignidade de Saul" engajar-se na perseguição louca contra um homem inocente, que nunca lhe fizera mal nem tinha intenção de fazê-lo. Ele era tratado como um *traidor,* mas na verdade era um súdito leal e respeitoso, um servo do rei. Davi, pois, tinha a consciência limpa, mas certamente esse não era o caso de Saul.

26.19

Se é o Senhor que te incita contra mim. Davi propôs, *hipoteticamente,* que fora Yahweh quem tinha inspirado Saul para efetuar tal perseguição. Nesse caso, deveria ser-Lhe oferecido um sacrifício, a saber, o *próprio Davi.* Davi deveria ser morto como uma oferenda a Yahweh, *se* Ele fosse a causa da louca perseguição encetada por Saul. Mas se eram homens (os conselheiros de Saul) que tinha estimulado Saul àqueles atos, então esses homens deveriam ser amaldiçoados diante de Yahweh. Davi mostrou-se muito generoso, supondo que Saul recebia influência de *maus conselheiros,* e não que ele pessoalmente estivesse planejando suas intenções assassinas. isso é paralelo aos vss. 13 ss. do capítulo 24. A *maldição* de Yahweh deveria repousar sobre esses maus conselheiros, e *eles,* e não Davi, deveriam sofrer o julgamento de Deus e ser sacrificados, embora esta última parte da idéia não tenha sido explicitamente dita.

Isso foi traduzido literalmente como está no hebraico, com a imagem de Yahweh aspirando o odor da carne sobre o altar, a queimar, e deleitando-se com esse odor. Ver sobre o *aroma agradável,* em Lev. 1.9 e 29.18.

Aceite ele a oferta de manjares. O comentário dos Targuns dá aqui o sentido: se eu tiver transgredido contra o rei, e Yahweh é quem está indicando isso, então *eu* farei uma oferenda de manjares, em expiação por meu pecado. Mas não é esse o sentido literal da passagem, no hebraico, mas aquele dado no primeiro parágrafo dos comentários sobre este versículo.

Vai, serve a outros deuses. Os inimigos de Davi forçavam-no a ir a lugares onde predominavam os pagãos, tornando-o potencialmente sujeito à idolatria, porquanto o tinham forçado a deixar Israel, onde somente Yahweh era adorado. A teologia posterior dos hebreus ensinava que morrer em uma terra estrangeira era a pior sorte possível para um israelita, pois então ele não seria recolhido aos seus antepassados, mas desceria ao *sheol* (o sepulcro), destituído dos cuidados de Deus. Davi, nem por isso, deu a entender que houvesse outros deuses, que realmente existissem. É provável que, nessa época, o verdadeiro *monoteísmo* já fosse a teologia oficial de Israel, e não o *henoteísmo.*

26.20

Em busca duma pulga. *Teria sido ridículo* Saul gastar tanto esforço para matar uma mera pulga. Davi não merecia a atenção do rei, e o derramamento de seu sangue diante de Yahweh não teria o menor significado. Davi era tão desprezível que Yahweh nem prestaria atenção a um derramamento de sangue daquela ordem. Este versículo tem paralelo em I Sam. 24.14, onde Davi se chama tanto de pulga quanto de cão morto. As notas expositivas ali também são aplicáveis aqui. Ao mencionar o derramamento de seu sangue diante de Yahweh, Davi continuou a hipótese do versículo anterior, de que Yahweh poderia querê-lo como sacrifício e assim vindicar a causa de Saul. Ele já havia rejeitado essa possibilidade, porém, e supunha agora que Yahweh não o queria por sacrifício, uma vez que Seu sangue derramado nada significaria.

Como quem persegue uma perdiz. Minhas fontes informativas dizem que era questão fácil caçar e apanhar a perdiz, porque essa ave, uma vez cercada, logo se cansa e não consegue continuar a voar. Portanto, se alguém correr atrás dela, logo a verá exausta no chão, pronta para ser morta e comida. Assim também Saul, mediante suas repetidas caças, esperava que Davi se exaurisse e se tornasse presa fácil. Ao chamar-se de *perdiz,* Davi enfatizou sua debilidade e seu estado humilde. Ele não era como uma ave, capaz de voar alto e escapar de todo dano. Era apenas uma humilde perdiz. No paralelo, I Sam. 24.14, que se refere a um *cão morto,* diz mais ou menos a mesma coisa. Davi, pois, salientou sua fraqueza e inutilidade. Davi não merecia a atenção de Saul.

"Entre as rochas cobertas por cabras monteses, bandos de *ibexes* podem ser vistos ainda, perambulando ao redor, e a perdiz continua a ser caçada, como Davi era caçado pelo incansável caçador, Saul" (Conder, *Tent Life in Palestine).* Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Perdiz.*

26.21

O arrependimento de Saul, neste texto, é semelhante ao registrado em I Sam. 24.17 ss. Saul confessou ter sido um tolo (capítulo 26) e reconheceu que Davi era *mais justo* que ele (capítulo 24). Em ambos os casos, Saul prometeu abandonar suas loucas intenções de assassínio, especificamente porque Davi havia poupado sua vida, quando teria sido tão fácil despachá-la (I Sam. 24.18 e 26.21). A fala no capítulo 24 de I Samuel é mais elaborada e inclui o legítimo direito de Davi ao trono, o que é aqui ignorado. Talvez o vs. 25 deste capítulo antecipe isso sem dizê-lo abertamente.

Se o capítulo 26 representa um incidente separado (não sendo um paralelo do capítulo 24 nem recontando a mesma história), então temos *três arrependimentos* de Saul no tocante a Davi: I Sam. 19.6; 24.19 e 26.21. Talvez Saul tenha mantido sua derradeira resolução, pois não há mais relatos de Saul a perseguir a

Davi. Por outro lado, ele em breve encontrou a morte às mãos dos filisteus (capítulo 31), sendo possível que simplesmente não tenha tido mais nenhuma oportunidade de atacar Davi. Seja como for, o relato mais entristecedor da vida de Saul, seu maior fracasso, foi sua estúpida perseguição contra Davi. O autor sagrado lançou a um espírito maligno a culpa por esses atos (ver I Sam. 19.9).

Volta, meu filho Davi. Com essas palavras, Saul convidou Davi a voltar à corte em Gibeá, mas isso não haveria de acontecer. Ambos se apressariam, cada qual a seu respectivo destino: Saul para a morte prematura, e Davi para ser o segundo rei de Israel.

26.22

Eis aqui a lança, ó rei. A famosa lança de Saul foi-lhe devolvida. Pertencia ao rei e era seu emblema de autoridade. Ele a havia usado mal, mas era dele, e não de Davi. E quando Davi se tornasse rei, teria sua própria lança para exibir autoridade. Saul tinha feito papel de tolo com seu poder, mas isso era um problema entre ele e Yahweh. Um dos moços, um auxiliar de confiança do rei, veio tomar de volta a lança. Provavelmente, Davi não queria arriscar-se, pois o espírito maligno de repente poderia apossar-se de Saul, levando-o a atacar Davi.

26.23

Pague... o Senhor a cada um a sua justiça. Uma justa recompensa ou castigo deve seguir-se aos atos dos homens, algo que Saul, em seus momentos de sobriedade, também reconhecia (ver o vs. 25). Ver no *Dicionário* sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Davi podia invocar a operação da lei da colheita segundo a semeadura a seu favor, porquanto tinha semeado bem ao poupar a vida de Saul. Portanto, sua colheita seria boa. O temor de Yahweh inspirara os atos de Davi, conforme vimos no vs. 9 e no trecho paralelo de I Sam. 24.5,6.

26.24

Gentileza por Gentileza. A vida de Saul foi *preciosa* aos olhos de Davi naquele dia, e ele não podia terminar a vida do rei com um golpe de lança. E por isso mesmo Davi pediu que Saul considerasse sua vida preciosa, pondo fim imediato à louca perseguição. Ambos os atos seriam feitos "diante de Yahweh", observados por Ele e aprovados por Ele, feitos para agradá-Lo. Davi anelava pôr um fim ao longo período de tribulações que ele passava no deserto.

"Não somente o homem que causara o mal, mas também o que recebera o mal, sentiam que tinham perdido o seu Deus" (John C. Schroeder, *in loc.*).

O fato de que Deus recompensa o bem e pune o mal faz parte do *teísmo*, em contraste com o *deísmo*. Este consiste na idéia de que Deus abandonou o universo depois de havê-lo criado, deixando-o entregue aos cuidados das leis naturais. Ver no *Dicionário* sobre ambos os temas.

26.25

Então Saul disse a Davi. Uma vez mais, Saul reconheceu que a sua causa era injusta, e Davi era o abençoado de Yahweh. Esse reconhecimento inspirou seu *terceiro arrependimento* (ver I Sam. 19.6; 24.19 e 26.21,25). A predição de Saul, de que Davi haveria de *prevalecer* e *prosperar*, parece indicar que ele se tornaria o segundo rei de Israel e floresceria em seu ofício. Se esse é um dos significados do versículo, então seu paralelo é I Sam. 24.20.

"O encontro pareceu ter terminado em reconciliação, mas Davi não retornou à corte, pelo que essa reconciliação deve ter sido mais aparente que real" (John C. Schroeder, *in loc.*). Por duas vezes antes, Saul pareceu arrepender-se, somente para, pouco depois, retornar à sua missão assassina.

"Saul acha-se aqui, uma vez mais, 'entre os profetas', e prediz a exaltação de Davi e sua vitória. 'Vincisti Nazarene!' foi a exclamação do imperador Juliano" (Bispo Wordsworth, *in loc.*).

Os Targuns dizem: "... mesmo reinando reinarás, e mesmo prosperando prosperarás".

Capítulo Vinte e Sete

Os Filisteus Guerreiam contra Saul (27.1 – 31.13)

Continua o Exílio de Davi; Sua Vassalagem a Aquis (27.1 – 28.2)

Saul já se arrependera de perseguir Davi por nada menos de *três vezes* e prometera abandonar a loucura de caçar Davi para matá-lo. Ver I Sam. 19.6; 24.19 e 26.21,25. Mas cada nobre resolução era arruinada por súbitos ataques de loucura, que o enviavam de volta à sua missão de matança. Davi foi convidado a voltar à corte, por ocasião do terceiro arrependimento de Saul (ver I Sam. 26.21). Mas declinou o convite e continuou fugindo (I Sam. 26.25). Como é óbvio, Davi não confiava mais em Saul. Ademais, Saul era sujeito a súbitos ataques de um espírito maligno (I Sam. 16.14; 18.10 e 19.9), de tal modo que, sem aviso prévio, era possuído por acessos de raiva e mantinha a lança real nas proximidades, pronto a matar qualquer um a qualquer momento.

Uma Medida Desesperadora. Parece evidente que Saul pensou em lançar outro ataque contra Davi (I Sam. 27.4), mas dessa vez Davi estava em segurança com o rei vassalo dos filisteus, Aquis. Ele se tornara voluntariamente súdito daquele pagão para manter Saul à distância. Custaria demais para Saul invadir o território de Aquis, meramente para tentar matar Davi. Portanto, de uma vez por todas, Saul abandonou as intenções assassinas contra Davi e foi combater os filisteus. Isso, em breve, custaria a sua própria vida e abriria caminho para Davi chegar ao trono, e o plano de Yahweh progrediria no tocante à nação de Israel. Somente Davi seria capaz de livrar Israel, em sentido absoluto, de todos os inimigos residentes na Palestina. Mas a guerra civil e os inimigos externos atacariam Israel e o levariam para o cativeiro (os assírios e os babilônios). Mas pelo menos a monarquia prosperaria por um bom e longo tempo, livre de perturbações internas.

27.1

Disse, porém, Davi consigo mesmo. *Uma Providência Desesperada.* Davi tornou-se súdito de Aquis, rei dos filisteus, para que Saul não mais pudesse alcançá-lo. Sabedor desse movimento desesperado porém eficaz, Saul abandonou definitivamente a perseguição contra Davi (vs. 4). Ver a introdução a este capítulo quanto a detalhes que levaram à escapada final de Davi. Esse ato de Davi tem sido interpretado por alguns como uma traição. Pensem nisso! Davi uniu forças com o inimigo! Mas, se lermos o relato bíblico, descobriremos que em nada Davi ajudou Aquis. Além disso, manteve sua luta contra os inimigos de Israel, embora tivesse de ocultar isso de Aquis, fazendo-o pensar que seus ataques de matança eram contra Israel (ver I Sam. 27.8 ss.). Podemos dizer que Davi se tornou perito "em operações camufladas", visando ao bem de Israel.

Surpreende-nos que Aquis, rei de Gate, tenha abrigado Davi, desde I Sam. 21.10-15, no mesmo lugar onde Davi quase perdeu a vida. Aquele era o território de *Golias*. Mas, com o passar do tempo, passam também as antigas paixões. Um novo dia trouxera uma nova situação, e podemos estar certos de que Aquis orgulhava-se de ter como "súdito" o grande guerreiro Davi, que estava agora sob o seu controle.

27.2

Passou a Aquis. Cf. I Sam. 21.10 e ss., onde o autor sacro já havia mencionado Aquis e seu povo. Aqui o autor sagrado cita o nome do pai de Aquis, acerca de quem não possuímos nenhuma informação. Ver no *Dicionário* acerca de *Gate*. O rei vassalo dos filisteus teria de suportar o pequeno exército de Davi, mas esperava que os benefícios trazidos por Davi compensassem as perdas. Além disso, Davi providenciaria a maior parte de suas próprias necessidades através de saques aos povos vizinhos (ver o vss. 8 ss.). Ver no *Dicionário* sobre *Aquis*.

Os 600 Homens de Davi. Enquanto estavam no campo, 600 era o número dos homens de Davi. Ou esse número permaneceu estável, ou houve perdas e ganhos, capazes de manter o total. Alguns estudiosos supõem que o grupo tenha crescido consideravelmente, mas a Bíblia continue a falar nos 600 homens, como um número já conhecido. Ver 14.2.

27.3

Cada um com a sua família. Vemos aqui que Abigail e Ainoã (esposas de Davi) não eram as únicas mulheres que estavam no grupo dos 600. Ao que tudo indica, havia um bom número de *famílias* formadas pelos soldados de Davi, os quais, seguindo seu exemplo, adquiriram esposas. Deduzimos que o movimento de Davi para Gate foi baseado, pelo menos em parte, na presença de mulheres e crianças no acampamento. Essa circunstância os enfraqueceu como exército, tornando-os mais semelhante a um grupo de famílias a perambular pelo deserto. Mas, se ele mesmo tinha tomado duas esposas, dificilmente poderia negar o mesmo direito a seus homens.

Davi fora expulso e corria o perigo de servir a outros deuses (ver I Sam. 26.19), mas teve de arriscar corromper-se espiritualmente em Gate. A sobrevivência era a consideração máxima. Posteriormente, ele colocaria a situação em melhor ordem.

"... ele havia procurado lar e abrigo entre os mais figadais de seus adversários" (Ellicott, *in loc.*). Uma estranha distorção nos eventos, para dizer o mínimo.

Ver no *Dicionário* e nas notas expositivas de I Sam. 25.40 ss. sobre as duas esposas de Davi, Abigail e Ainoã. No meio dos acontecimentos, ele perdera a

primeira esposa, Mical, filha de Saul, porquanto o rei a entregara a outro homem, na ausência de Davi (I Sam. 25.44).

27.4

Desistiu de o perseguir. *O Fim da Perseguição.* A principal razão pela qual Davi se asilou em Gate, humilhando-se diante de Aquis, foi escapar dos planos assassinos de Saul. Ao ouvir que Davi estava em Gate, Saul desistiu, de modo absoluto, da intenção de caçá-lo e matá-lo. Custaria demais a Saul atacar Aquis, o qual por certo defenderia Davi, seu novo e ilustre súdito. Além disso, Saul não tinha forças suficientes para tanto. O destino, pois, pusera Davi a salvo de Saul. O versículo implica que, não fora essa fuga de Davi para Gate, Saul teria continuado seus ataques, tal como Davi suspeitava (vs. 1).

27.5

Uma Idéia Inteligente. Davi quis sair de Gate. Ele queria ter sua própria pequena cidade, na qual pudesse estacionar seu pequeno exército e as famílias que se haviam formado. Em outras palavras, ele pediu para Aquis *doar-lhe* uma aldeia, concordando em permanecer seu súdito, como parte da barganha. Ele não prepararia ataques de surpresa, mas estaria sob escrutínio e controle. Gate não era cidade grande o bastante para dois grandes homens. Davi também não queria que sua gente perdesse a identidade nacional. Além disso, seria muito melhor ter privacidade e certa autonomia. "... dois principados na mesma cidade eram demais. Aquis sentiu a *propriedade* da proposta e deu-lhe Ziclague" (Adam Clarke, *in loc.*).

Aquis preparava uma grande ofensiva contra Saul e seria bom ter Davi, o grande guerreiro, em segurança em Ziclague. Portanto, essa lhe pareceu outra vantagem na proposta de Davi.

27.6

A cidade de Ziclague. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ziclague.* Hodiernamente, não se sabe o local exato dessa cidade. Mas se sabe que ficava no território de Judá, conforme é dito aqui. Ou, melhor dizendo, veio a pertencer a Judá (ou seja, a parte sul de Israel), que o autor conhecia e incluiu aqui num anacronismo. Em lugar de "aos reis de Judá", alguns dizem "à tribo de Judá", mas isso é menos provável. Alguns supõem que esta seja a declaração adicional de algum editor posterior. A tribo de Simeão fora a possuidora de Ziclague (ver Jos. 15.31 e 19.5). Os filisteus, entretanto, se tinham apossado dela, pelo que Aquis foi capaz de concedê-la a Davi como quartel-general. Quando Israel se dividiu em dois reinos (o do norte e o do sul), Ziclague tornou-se parte de Judá, até o cativeiro babilônico. Quanto a outros detalhes, ver o artigo com o nome dessa cidade. O livro de I Samuel chegou ao estado em que está após a divisão entre as partes norte e sul da nação, embora, sem dúvida, seu âmago seja bem mais antigo.

27.7

Foi um ano e quatro meses. O texto massorético (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético)* também diz que a permanência de Davi em Ziclague foi de um ano e quatro meses; mas a Septuaginta fala em apenas quatro meses. Ambos os períodos parecem curtos demais para explicar I Sam. 29.3. Ver as notas expositivas ali. Podemos ter certeza de que esse período (parte do exílio) foi o mais negro da vida de Davi. Foi repleto de matanças, tensões e sujeição a um poder estrangeiro. Ademais, na corte de Saul, ele sem dúvida era citado como um *traidor,* por estar servindo a Aquis! Ele estava debilitando os inimigos de Israel (excetuando os filisteus, cuja vez chegaria mais tarde). Portanto, de um ângulo militar, estava contribuindo com Israel. Mas agir como um saqueador dificilmente seria considerado situação desejável. Ver os vss. 8 ss.

27.8

Subia. "Esse verbo é absolutamente exato. As tribos nômades contra as quais suas expedições eram direcionadas habitavam território mais alto que aquele em que ficava Ziclague, o quartel-general de Davi, aparentemente na larga extensão do platô montanhoso, a nordeste do deserto de Parã" (Ellicott, *in loc.*). As tribos atacadas formavam antigos látegos contra Israel. Os artigos mencionados acima dão as identificações raciais. Ver Deu. 7.1 quanto às sete nações que Israel deveria expulsar de seu território. Na verdade, Israel tinha mais adversários que aquelas sete nações. Os *girsitas* eram um povo associado aos outros dois mencionados. A associação de Davi com eles e seus ataques exterminadores são toda a informação de que dispomos a respeito. O nome varia de forma entre *girsitas* e *gersitas.* Talvez estejam em foco os habitantes de Gezer, mas essa cidade parece estar muito distante para ser a do presente texto. Parece que os amorreus haviam tomado a maior parte dos seus territórios, e Davi os exterminou completamente ou quase completamente com seus ataques.

Os gesuritas, os gersitas e os amalequitas. Os três povos aqui mencionados (ver artigos sobre cada um deles, no *Dicionário*), antigos inimigos de Israel, eram os objetos dos ataques de Davi. Ele se sustentava pelo saque e estava empenhado na *guerra santa* (ver as notas sobre Deu. 7.1-5 e 20.10-18), aniquilando toda vida humana. Davi não podia permitir que Aquis soubesse quais eram seus planos. Para Aquis, Davi estava guerreando contra os filhos de Israel. É que Davi passava ao fio da espada todos os habitantes dos lugares que atacava, para que não houvesse testemunhas oculares.

Desde Telã na direção de Sur até a terra do Egito. Nossa versão portuguesa supõe que "Telã" fosse algum lugar conhecido, quando, na realidade, faz parte de uma frase hebraica que significa "até", ou seja, "até Sur". Ver no *Dicionário* o verbete intitulado "Sur".

Vale a pena citar aqui um pequeno trecho do livro *Introdução ao Antigo Testamento,* da autoria de Edward J. Young, lançado pelas Edições Vida Nova, 1964: "Algumas passagens difíceis dessa seção talvez sejam devidas à condição do texto... O texto hebraico não tem sido transmitido em tão boa condição conforme o caso da maior parte dos demais livros do Antigo Testamento, mas a Septuaginta freqüentemente nos fornece um precioso auxílio quanto a essas questões. Tais dificuldades textuais secundárias, entretanto, *não* são evidências de autoria composta. Tais evidências, segundo cremos, faltam inteiramente nos livros de Samuel".

27.9

Não deixava com vida nem homem nem mulher. A *guerra santa* requeria que se ceifasse toda a vida, de seres humanos e animais, porquanto essa matança era considerada um sacrifício (holocausto) a Yahweh. Mas Davi tomava dos animais para sustento seu e do seu exército. Podemos ter certeza de que ele pensava que estava prestando um serviço a Yahweh, porquanto estava debilitando os inimigos de Israel.

Vinha a Aquis. Isso não significa que Davi estivesse vivendo em Gate. Antes, fazia viagens periódicas para compartilhar dos despojos que, sem dúvida, faziam parte do acordo com o rei vassalo dos filisteus. Entretanto, depois de ter compartilhado o produto de seus saques, ele voltava a Ziclague (ver o vs. 6), onde estava o seu quartel-general. Alguns intérpretes, todavia, supõem que Davi tenha tido um período de quarentena e vivido em Gate durante algum tempo. Somente depois de ter sido aprovado mediante partilha fiel dos despojos, ele recebeu habitação separada em Ziclague. Contudo, se essa é a verdade da questão, então temos uma perturbação na cronologia do texto, e os vss. 8 e ss. pertenceriam a um período anterior ao do vs. 6.

"Esses atos de feroz barbaridade são simplesmente indesculpáveis. A *razão* para eles é dada no vs. 11. Nenhum cativo deveria permanecer vivo para contar os acontecimentos ao rei Aquis, o qual vivia sob a ilusão de que as campanhas militares de Davi eram efetuadas contra seu próprio povo [Israel]" (Ellicott, *in loc.*, que não fala em termos de *guerra santa,* efetuada sob a direção de Yahweh). A maioria dos intérpretes conservadores, porém, prefere a idéia da guerra santa, citando referências bíblicas como Deu. 7.2 e 25.19.

27.10

Contra quem deste hoje? Aquis, sem dúvida, admirava a habilidade de matar de Davi e vivia curioso sobre *qual povo* ele atacava. Ele desejava a Davi todo o sucesso, porque compartilhava os despojos. Davi, por sua vez, mantinha Aquis na ilusão de que estava sendo servido fielmente, o que ocorreria para sempre (vs. 12).

As Respostas de Davi Eram Mentirosas. Segundo Davi dizia, ele operava na parte sul de Judá, o que significava que israelitas eram mortos ali. E então ele misturava na sua salada mentirosa dois outros povos, os *jerameelitas* e os *queneus* (ver a respeito no *Dicionário*), os quais, na verdade, não eram povos que sofressem seus ataques. A parte *sul* de Judá é o Neguebe, o "país seco", um termo que continua sendo usado até hoje. É a região de estepe ao sul da Palestina, estendendo-se de Berseba, ao norte, até Cades-Barnéia, já na beira do deserto. O artigo sobre esse lugar, no *Dicionário,* fornece detalhes completos. "Esses ataques se davam na região da moderna faixa de Gaza, em direção ao deserto de Sur (vs. 8), mas Davi dizia que os ataques eram desfechados contra a própria tribo de Judá, ou contra Jeremeel ou os queneus, fabricações essas que o tornavam ainda mais querido dos filisteus, persuadindo-os de que ele era um súdito verdadeiro e leal de Aquis (vs. 12)" (Eugene M. Merrill, *in loc.).* Portanto, Davi adicionava vergonhosas mentiras a uma matança ainda mais vergonhosa.

27.11

A verdadeira razão do total aniquilamento daquelas populações não era a *guerra santa* e, sim, um artifício para enganar Aquis. Davi não queria que algum sobrevivente contasse a Aquis o que realmente acontecia.

A razão usual dada para tal extermínio era o *herem,* a dedicação de tudo a Yahweh, como holocausto. A razão real de Davi era prática. Ele precisava sobreviver, e isso dependia do engano pespegado a Aquis a respeito da natureza exata de seus extermínios.

Ellicott (*in loc.*) pensava que os "atrozes atos de matança" efetuados por Davi resultavam da falta de influência de Samuel sobre ele. O profeta do Senhor havia morrido ainda recentemente, e sua boa influência se perdera. Davi, pois, agia como um bárbaro selvagem, tentando manter o favor de Aquis.

27.12

Aquis confiava em Davi. Aquis era totalmente ludibriado pelas mentiras de Davi acerca de suas atividades, supondo que agora Israel era totalmente abominado por Davi, e Davi por Israel. O resultado (de acordo com a ilusão na qual Aquis vivia) era que Davi permaneceria para sempre com ele, servindo-o e dividindo os despojos.

Alguns intérpretes continuam a desculpar a conduta de Davi e chegam mesmo a defendê-la. Mas Adam Clarke (*in loc.*), mais corretamente, diz: "Caia a vergonha sobre aquele que se tornar um apólogo de tal conduta... toda falsidade é uma abominação contra o Senhor".

Capítulo Vinte e Oito

Saul e a Médium de En-Dor (28.1-25)

O levante dos Filisteus preparavam-se para exterminar Saul e Israel, e estavam prestes a lançar uma grande ofensiva. Davi, que cuidadosamente enganara Aquis, fazendo-o crer que se tornara inimigo de Israel, agora deveria realmente lutar contra Israel. Davi precisava pensar rapidamente para sair da confusão. À semelhança de um bom político, deu uma resposta ambígua. Ele parecia prosseguir com o plano dos filisteus, mas fazia provisões para não ter de combater contra o próprio povo. Davi foi então feito guarda pessoal de Aquis, o que somente lhe adicionou vexame. O capítulo ignora essa história e passa a contar-nos da visita de Saul à médium de En-Dor.

28.1

Disse Aquis a Davi. Aquis era o rei vassalo de Gate, e essa era uma das cinco principais cidades fortalezas dos filisteus. Se os filisteus tivessem de combater contra Israel, não haveria como Aquis escapar à participação, mesmo que desejasse fazê-lo. Além disso, visto que Davi era poderoso guerreiro, tendo-se tornado súdito de Aquis, não havia como Davi deixar de participar do ataque filisteu contra Israel. Isso deixava Davi em uma situação extremamente ridícula e perigosa. Ele tinha fingido atacar seu próprio povo no sul do território de Judá (ver 27.10), e agora esse ludíbrio o apanhava em cheio. Aquis, pois, ajudaria Davi a ventilar sua ira contra o próprio povo de Israel.

A morte de Saul e a alegada traição de Davi contra o próprio povo, vinculadas ao fato de que Saul estava envelhecendo e não era mais o grande guerreiro do passado, eram todas mudanças favoráveis que favoreciam os filisteus no conflito contra Israel. Eles estavam atrás do golpe definitivo. Josefo observou, neste ponto, que os filisteus não planejavam nenhuma batalha ordinária. Eles saíram para dar fim a Israel.

28.2

Saberás quanto pode o teu servo fazer. A resposta de Davi a Aquis foi bastante ambígua, embora parecesse a Aquis que Davi estava disposto a agir como súdito leal. Davi dissera que "faria bem qualquer coisa que lhe fosse dada a fazer", mas não disse especificamente que faria "isso" contra o povo de Israel. Mas foi assim, naturalmente, que Aquis entendeu. Por esse tempo, o filisteu estava tão seguro da lealdade de Davi que fizera dele seu próprio guarda pessoal. Dessa forma, o logro pespegado por Davi começou a complicar-se e somente pela graça de Deus ele não precisou entrar em batalha, em favor ou contra Israel. "Davi... estava perdido, sem saber o que fazer, esperando que Deus, em Sua providência, o tirasse daquela dificuldade" (John Gill, *in loc.*).

28.3

O autor sacro deixa-nos a perguntar como Davi escaparia da confusão que ele mesmo havia criado, e então volta a atenção para outra história interessante. Saul resolveu consultar um oráculo pagão, proibido para Israel. Lembremos que Saul havia matado virtualmente todo o sacerdócio de Israel, sacrificando a orientação que poderia ser-lhe dada pelas sortes sagradas ou pelo *Urim* e *Tumim.* Ver o capítulo 22 quanto à matança insensata do sacerdócio de Yahweh. Não podendo tirar vantagem das *adivinhações* "aprovadas" (ver a respeito no *Dicionário*), Saul teve de buscar orientação para seus negócios militares da parte de um oráculo proibido.

De um ângulo teológico, esta seção é particularmente interessante:

1. Até onde sou capaz de entender, ensina absolutamente que Israel, na época, acreditava que os espíritos dos mortos podiam ser chamados para efeito de consulta.
2. Não há indício de que a médium se tenha mostrado fraudulenta. Não há indicação de que um demônio tenha aparecido, imitando Samuel. Interpretações dessa ordem, da parte de cristãos modernos, deixam muito a desejar. Em outras palavras, os intérpretes supõem que a crença dos antigos hebreus fosse semelhante à dos cristãos modernos, de que a consulta a espíritos não pode ocorrer. A experiência ensina-nos que isso é *possível* e, *algumas vezes,* ocorre. Mas isso não quer dizer que devamos buscar contatos com os espíritos ou fazer uma religião de tais atos, como se vê no *Espiritismo.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o detalhado artigo intitulado *Espiritismo.*

   A maioria dos intérpretes conservadores modernos acredita na possibilidade do contato com os espíritos de pessoas mortas, mas nem por isso crê que essa prática seja desejável. E quando isso acontece (e isso é freqüente o bastante), então se fala em concessões *especiais* da parte de Deus. Ao longo do caminho, ilustro essa declaração. Conheço pessoalmente vários evangélicos que recebem visitas dos espíritos de entes queridos que partiram daqui. Mas nenhum deles faz isso transformar-se em uma religião, ou promove tal coisa como experiência que deva estar acontecendo. No entanto, aqueles a quem isso sucedeu acreditam que essa experiência lhes foi *benéfica,* pelo menos na ocasião em que o fenômeno ocorreu.
3. O texto diante de nós é uma prova de que, na época em que a história foi escrita, havia a crença na sobrevivência da alma diante da morte física, isto é, sobrevivência da parte imaterial do homem, o seu "eu" real. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Imortalidade.* E ver também no *Dicionário* o verbete chamado *Alma.* No Pentateuco, contudo, a doutrina da imortalidade não aparece claramente. Ver as notas em Gên. 1.26,27 quanto a comentários sobre essa questão. Mas ela já começara a aparecer nos dias dos Salmos e dos Profetas. Durante o período intermediário, quando os livros apócrifos e pseudepígrafos foram escritos, a doutrina da imortalidade da alma alcançou maior desenvolvimento, o qual atingiu o clímax nos ensinos do Novo Testamento. Ver os comentários adicionais a respeito no vs. 7.

"A aparição de Samuel, aqui, é explicada pela intervenção do Senhor, que graciosamente permitiu que Saul tivesse um último encontro com o profeta a quem procurara fazia agora tanto tempo, quando buscava as jumentas de seu pai (15.7-26)" (Eugene M. Merrill, *in loc.,* que expressou assim a opinião comum dos evangélicos sobre esta passagem).

Já Samuel era morto. I Sam. 25.1 diz, em um único versículo, como Samuel tinha morrido e fora lamentado. Ver as notas expositivas ali. Ele foi sepultado em sua cidade natal, Ramá, conforme informa o mesmo versículo.

Extermínio dos Espíritas. Em consonância com as injunções de Êxo. 22.18, Lev. 20.27 e Deu. 18.10, Saul procurara exterminar os que ousassem estabelecer um oráculo para competir com o do tabernáculo, tentando utilizar-se dos espíritos dos mortos como *modus operandi.* Mas alguns deles conseguiram escapar do expurgo, e Saul agora ficara sabendo de uma famosa médium que habitava em En-Dor. Tendo exterminado o sacerdócio de Yahweh (capítulo 22), Saul agora apelava para uma médium, diante dos planos selvagens dos filisteus de colocar um ponto final na questão com Israel.

"O ponto dessa narrativa patética é que Saul perdera de tal maneira o contato com Deus e chegara a tal estado de pânico, que se viu forçado a apelar para uma prática que, em seus melhores momentos, condenara fervorosamente" (George B. Caird, *in loc.*).

28.4

Ajuntaram-se os filisteus. Os dois exércitos acamparam-se em Suném (os filisteus) e em Gilboa (Israel), defrontando-se assim através da extremidade oriental da planície de Esdrelom. Ver no *Dicionário* os artigos a respeito. Esses lugares estavam separados um do outro por cerca de 16 quilômetros. "Os filisteus tinham penetrado no âmago da Palestina, cruzado o vale de Jezreel e tomado forte posição na descida sul-ocidental do 'pequeno Hermom', perto da cidade de Suném" (Ellicott, *in loc.*).

28.5

Saul... foi tomado de medo. *Saul,* agora um idoso guerreiro, e já sabendo no íntimo que seu tempo era curto, entrou em pânico quando viu o exército dos filisteus. Estudos sobre sonhos mostram que todos sabem quando é chegada a hora da morte, pelo menos com um ano de antecedência, por meio de diversos sonhos precognitivos. O conhecimento prévio faz parte natural das funções psíquicas do ser humano. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sonhos;* e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver sobre *Precognição.*

Em seu temor e ansiedade sobre a batalha contra os filisteus, Saul foi inspirado a consultar a médium de En-Dor, esperando uma boa "leitura".

É provável que Israel estivesse apequenado em números, ou que os filisteus fossem mais bem equipados militarmente. Mas a verdade é que o próprio coração de Saul o tornava um medroso. A profecia de Samuel sem dúvida passou por sua cabeça (ver I Sam. 15.23). Ele sabia que as palavras do idoso profeta finalmente tinham atingido o tempo e o lugar apropriado para seu cumprimento.

28.6

Consultou Saul o Senhor. *Em desespero,* Saul consultou o Senhor. Ele deve ter buscado alegados profetas. Possivelmente Saul tinha estabelecido o seu próprio sacerdócio com algum descendente de Levi. (Ele havia matado todo o sacerdócio do tabernáculo; ver o capítulo 22). Saul procurou localizar alguém que lhe indicasse a vontade de Deus, e alguma orientação específica acerca da batalha contra os filisteus. Ele tentou provocar alguma espécie de sonho revelador. Mas tudo quanto obteve foi um silêncio de pedra. Yahweh não ouvia mais o idoso rei. Ele tentou todos os caminhos "ortodoxos", mas sem nenhum resultado. As possibilidades de obter informação, segundo o próprio Saul, eram os sonhos, o *Urim* e o *Tumim*, e os profetas. Esses eram os meios de adivinhação aprovados em Israel.

28.7

Apontai-me uma mulher que seja médium. *Quando a ortodoxia fracassou,* Saul decidiu voltar-se para aquela heterodoxia que ele mesmo havia perseguido tão amargamente. Seus expurgos de médiuns e necromantes, entretanto, não tinham sido absolutos. Continuavam existindo alguns poucos praticantes em Israel. *O próprio Saul desconhecia sobreviventes, mas um ou mais de seus servos* tinham ouvido falar da notável médium de En-Dor, e ela tinha reputação de obter bons resultados. Ver no *Dicionário* sobre *En-Dor.* Muito convenientemente para Saul, aquele lugar ficava apenas cerca de 5 quilômetros ao norte de Suném, onde os filisteus estavam acampados. De Gilboa ao acampamento de Israel, Saul tinha de viajar cerca de 19 quilômetros na direção norte.

Foi assim que Saul resolveu quebrar *as regras* que ele mesmo tão brutalmente tinha estabelecido. "É típico da natureza humana um indivíduo acreditar ter o direito de quebrar uma regra moral obrigatória para todas as outras pessoas... A maioria dos homens é capaz de ver o valor e a verdade das regras morais, mas parece incapaz de entender por que eles mesmos não são capazes de quebrá-las sem prejuízo pessoal" (John C. Schroeder, *in loc.*).

Espírito Familiar. O termo hebraico *ob,* que aponta para um alegado guia, provavelmente concebia um espírito humano desencarnado ou, talvez, uma deidade secundária. É um anacronismo achar que os médiuns pensavam estar invocando espíritos de demônios, mas era natural que outros atribuíssem seu trabalho a tais espíritos. Saul tinha um espírito maligno que o perturbava, e parece que os hebreus, na época, possuíam uma teologia rudimentar sobre o *demonismo.* Quanto ao *espírito maligno* de Saul, ver I Sam. 16.14. O espírito guia de uma médium era chamado "familiar" por estar em boas relações com a mulher, como se fosse um membro de sua família. A teologia hebréia dos tempos de Jesus falava dos demônios como se fossem espíritos de pessoas mortas, negativos, ao passo que certos hebreus achavam que pelo menos alguns desses espíritos eram demônios, e não espíritos de pessoas que haviam partido da terra.

A idéia prevaleceu até a época de Crisóstomo (século V D. C.). Esse homem, que exerceu grande influência sobre a teologia da Igreja, supunha que os demônios fossem anjos caídos, idéia que se tornou a mais comum, subseqüentemente, na teologia cristã. Entretanto, as pesquisas modernas têm demonstrado que há muitos *níveis* de seres espirituais que podem influenciar, positiva ou negativamente, os seres humanos, e somente alguns deles são anjos caídos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Demônio, Demonologia.* O mundo espiritual provavelmente é tão diversamente povoado quanto o mundo físico, pelo que *muitas espécies* de espíritos poderiam estar envolvidas nas comunicações e nas influências. Nossa ignorância quanto a esse campo é certamente grande o bastante para ainda termos de aprender muito. E as simplificações sobre tais questões não conseguem explicá-las.

Keil (*in loc.*) pensava que os médiuns realmente chamavam e invocavam os espíritos de pessoas mortas, desde o *hades.* As evidências demonstram que, pelo menos ocasionalmente, isso pode ser feito, mas tal prática não é desejável.

Para que eu me encontre com ela. O *sheol* era concebido como abaixo da superfície da terra. Ver sobre esse termo no *Dicionário;* e ver também ali sobre *Hades* e *Adivinhação.* Os hebreus pensavam que seus *tipos* eram tanto moralmente aceitáveis quanto desejáveis. Os próprios apóstolos lançaram *sortes* (ver a respeito no *Dicionário*), na tentativa de descobrir a vontade de Deus acerca de quem deveria substituir Judas Iscariotes como apóstolo (ver Atos 1.26). A maior parte das adivinhações é moralmente indiferente, e usualmente tão ineficaz quanto insignificante. Mas existem forças malignas que devem ser evitadas.

28.8

Saul disfarçou-se. Ele, o matador de médiuns e necromantes, foi consultar uma médium. Saul se disfarçou para ocultar sua identidade. E, para assegurar uma reunião secreta, marcou a consulta *à noite.* Saul levou consigo dois servos de confiança, que a ninguém diriam o que ele havia feito. Com grandes expectações de que receberia um bom oráculo (mas de coração pesado, porque, na realidade, não acreditava naquilo), Saul foi-se. Ele confiava que a mulher realmente traria um espírito para dar-lhe conselho. Ele queria falar com o espírito de *Samuel,* que tinha a reputação de ser cem por cento bem-sucedido nas suas adivinhações (I Sam. 9.6). E Saul precisava realmente de uma leitura exata, naquela ocasião. A teologia hebréia da época incluía a idéia da volta possível dos espíritos dos mortos, a fim de prestar conselho e predizer o futuro. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Espiritismo.* Ver as notas nos vss. 3 e 7, para comentários adicionais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Necromancia.*

28.9

Respondeu-lhe a mulher. A mulher, sem saber que era o próprio Saul que se sentava diante dela, em sua mesa de adivinhação, lembrou a confusão que Saul havia causado a pessoas de sua classe. Se Saul descobrisse o que ela estava fazendo, ela correria perigo. Ela pode ter pensado que o homem fosse um espião enviado por Saul para descobri-la e então denunciá-la às autoridades. Ao assim dizer, ela estava procurando a *segurança* da figura desconhecida, de que ele não era algum agente do governo.

28.10

Nenhum castigo te sobrevirá por isso. Para *garantir que a mulher não seria* castigada, Saul teve coragem de jurar por Yahweh, embora soubesse que fora o mesmo Yahweh que o tinha instruído a matar todas as médiuns e necromantes, de acordo com as Escrituras (ver Êxo. 22.18; Lev. 20.7 e Deu. 18.10). Nada existe de mais comum na experiência humana do que cair em contradições, em tempos de grande tensão e crise. Algumas vezes chegamos a invocar Deus para que nos ajude a fazer algo que Ele mesmo proibiu. Isso mostra quão fracos são os seres humanos e como estamos sujeitos a influências que nos distorcem a mente.

28.11

Quem te farei subir? A mulher confiava que poderia fazer subir qualquer espírito que lhe fosse solicitado. Isso não quer dizer que ela sempre pudesse fazê-lo. Provavelmente, na maior parte das vezes, aparecia algum espírito que se fazia passar por outrem, enganando os consultantes, o que às vezes acontece nas práticas espíritas. De outras vezes, porém, ela obtinha sucesso genuíno e sem dúvida cria ser mais bem-sucedida do que realmente era. Vários intérpretes supõem que o guia da mulher (espírito familiar) imitaria qualquer espírito, e há grande probabilidade de que isso usualmente acontecia. Mas há também notáveis exceções.

Ellicott (*in loc.*) cita o Talmude Babilónico para demonstrar que as escolas rabínicas, em contraste com os evangélicos modernos, acreditavam que essa mulher realmente tinha o poder que afirmava possuir. Há uma muito curiosa citação que ilustra esse ponto. Um saduceu cético disse certa feita ao rabino Ami Abhu: "Você afirma que as almas dos justos estão guardadas sob o trono da glória. Como, pois, a bruxa de En-Dor teve poder de trazer o profeta Samuel mediante necromancia?". O honorável rabino respondeu: "Porque aquilo ocorreu antes de completar um ano da morte dele. Somos ensinados que, após esse tempo, após a morte do corpo, a alma sobe para nunca mais retornar" (Tratado *Shabbath,* fol. 88, col. 2). Outras tradições rabínicas limitam o período a apenas quatro dias, durante os quais o espírito perambula e pode comunicar-se sob certas circunstâncias.

Alguns intérpretes modernos falam em termos de *permissão.* Todas essas coisas estão sob o controle divino. Ele pode permitir e até mesmo prover tais comunicações para pessoas especiais, sob circunstâncias especiais. Sem dúvida isso está correto. Porém, parece haver mais comunicações do que o permitido. O estado da alma não é fixado no mundo intermediário, e podemos entrar em contato com ela. Há muitos perigos ocultos por trás dessa questão e não devemos forçá-la. Mas quando tal fenômeno acontece espontaneamente, podemos aceitá-lo como um ato de Deus, em nosso favor e com certos propósitos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes intitulados *Estado Intermediário; Experiências Perto da Morte* e *Mortos, Estado dos.* Minha crença pessoal é que o estado das almas dos mortos não será fixado senão na Segunda Vinda de Cristo, se é que será. *Estagnação* não é uma palavra que combina com Deus.

28.12

Duas Coisas Aconteceram Então. Em primeiro lugar, a mulher foi tomada de súbito pânico ao ver Samuel. Os intérpretes apanham esse detalhe e supõem que

ela tenha ficado mais surpresa que todos os outros, ao perceber que o rito fora eficaz, pois usualmente enganava as pessoas sobre a questão. A *coisa real* a assustou deveras. Mas minha opinião é que ela conseguia mais sucessos que qualquer intérprete quer admitir. Além disso, Samuel era um *grande poder* e, quando esse poder se manifestou na sala (em contraste com os pequenos poderes das cerimônias usuais), isso a assustou. Em segundo lugar, a ela também foi dado *conhecimento psíquico.* Pois ela reconheceu, de súbito, que era Saul que estava ali, diante dela, e isso aumentou em muito seu grande pavor.

"Que Samuel *realmente apareceu* naquela ocasião, evidencia-se através do texto. Isso não pode ser negado por nenhum modo legítimo de interpretação" (Adam Clarke, *in loc.*). O mesmo autor prossegue dizendo que a coisa genuína surpreendeu a médium, porquanto não era o que ela esperava acontecer. A mulher quedou-se "admirada e assustada" pela visão (Ellicott, *in loc.*). Keil sugere que a mulher caiu em um estado de clarividência, e assim foi capaz de reconhecer Saul. Josefo (*Antiq.* vi.14,2) asseverou que Samuel revelou quem era o consultante. O texto também é embelezado pelos escritores judaicos, incluindo os aparecimentos de poderosos juízes e até do próprio Yahweh.

Reconhecendo que fora *enganada,* a mulher pôs-se a tremer, porquanto o brutal Saul estava ali à sua frente, e ela não sabia se sobreviveria à situação.

28.13

Respondeu-lhe o rei: Não temas; que vês? Como fizera no vs. 10, Saul reassegurou à mulher que ela não corria perigo. Ele não havia mudado de idéia e não haveria de fazer mal à mulher, pois dela esperava uma boa palavra, enviando-o à batalha contra os filisteus em confiança, e não em estado de pânico.

Dadas as garantias, Saul quis saber *tudo* quanto a médium estava vendo. Além de Samuel, ela viu também *elohim,* isto é, "deuses", provavelmente referindo-se a certa variedade de espíritos poderosos que nem ela nem ninguém seria capaz de identificar. Alguns intérpretes judeus fazem desses espíritos elevados os juízes espirituais dos homens; e alguns supõem que até o próprio Yahweh se tenha manifestado, mas isso já é um exagero. Os *deuses* "subiram da terra"; e isso os identificou com os espíritos que haviam subido do *hades* ou *sheol* (ver a respeito no *Dicionário*). O termo "deus" provavelmente implica mais do que um espírito humano desencarnado, mas é provável que a mulher mesma não tivesse idéia de como identificar esses espíritos. A versão caldaica fala de um *anjo* do Senhor, mas essa é uma interpretação exagerada. O Talmude Babilônico acha que a palavra hebraica que está no plural, *elohim,* deve ser interpretada no singular, referindo-se a Samuel e algum outro espírito (que não foi identificado). As opiniões incluem *Moisés* ou outra personagem antiga do Antigo Testamento. Alguns escritores do Talmude insistem na idéia de um *anjo,* mas isso não passa de opinião. Seja como for, houve maravilhosa manifestação de poder espiritual, que aterrorizou a mulher.

28.14

Ao Menos Samuel Foi Identificado. Ele apareceu com seu manto de profeta. Os espíritos dos mortos têm a capacidade de aparecer de qualquer maneira, com quaisquer vestes. Eles se adaptam às nossas expectativas. Samuel, querendo ser identificado para poder transmitir a dura mensagem a Saul, apareceu sob uma forma *reconhecível.* Assim sendo, a médium e Saul obtiveram o que queriam e ficaram ali, trêmulos, na presença de Samuel. Nenhum bem procederia daquela situação. Os intérpretes rabínicos falam de como os espíritos podem manifestar-se sob formas reconhecíveis para o nosso benefício, pelo que não temos de pensar em termos de vestes literais. Antes, são representações visionárias. "Deus designou que o espírito de Samuel fosse reconhecido pelos olhos humanos" (Bispo Wordsworth, *in loc.*).

Extremamente afetado pela visão, Saul prostrou-se no chão, em temor e reverência, algo comum nas experiências místicas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Misticismo.*

28.15

Por que me inquietaste...? Para alguns intérpretes, essas palavras subentendem que Samuel deveria estar dormindo no *sheol,* e Saul o despertara. Nesse caso, ainda não havia entrado na teologia dos hebreus a crença na sobrevivência de uma alma vital. Ver Gên. 1.26,27 quanto à discussão de que o Pentateuco não contém nenhuma idéia da alma separada do corpo. Foi na época dos Salmos e Profetas que essa crença entrou na teologia dos hebreus. Por outro lado, é possível que essa doutrina, à época de Saul, tenha avançado mais do que supõem alguns intérpretes. Nesse caso, o fato de Saul ter inquietado Samuel envolveu também perturbar a sua paz em algum lugar melhor. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alma,* e na *Enciclopédia de Bíblia. Teologia e Filosofia,* o verbete chamado *Imortalidade.*

Saul havia tentado todos os *meios ortodoxos* para obter orientação divina. Mas nada tinha funcionado. Isso repete as idéias do vs. 6, onde são dadas notas expositivas. Assim sendo, a mente de Saul naturalmente voltou-se para Samuel; e Saul creu que, assim como o profeta o tinha guiado enquanto estava vivo, ainda poderia guiá-lo se fosse *contatado.* Saul também acreditava que a médium poderia conseguir tal contato, e, de fato, o havia conseguido. Assim tirou vantagem do acontecimento para perguntar o que deveria fazer em relação à guerra com os filisteus, a razão pela qual inicialmente havia procurado a médium (ver o vs. 7).

"Para o galante Saul, desesperar era realmente estranho, mas esse triste pressentimento, antes do campo fatal de Gilboa, onde em breve perderia a vida e a coroa, foi tristemente confirmado pela seqüência" (Ellicott, *in loc.*).

Fez parte da loucura de Saul achar que, quando Deus o abandonara, Samuel lhe daria uma mensagem contrária. Mas todos devemos lembrar que a última coisa a morrer é a *esperança.* Saul continuava esperando algum tipo de reversão em sua sorte.

> *Vivo na esperança, e isso, segundo penso, é o que fazem todos quantos entram neste mundo.*
>
> (Robert Bridges)

> *A esperança brota, eterna, no peito humano...*
> *O homem nunca o é, mas sempre espera ser abençoado.*
>
> (Alexander Pope)

28.16

Visto que o Senhor te desamparou e se fez teu inimigo? *A Rejeição de Saul, por Parte de Yahweh, Era Final.* Era inútil para Saul buscar uma mensagem contrária à que havia sido dada. De fato, o caso de Saul era desesperador. *Yahweh* tornara-se seu inimigo. Os filisteus eram nada em comparação, e seriam o instrumento de Yahweh para que Saul encontrasse seu fim. Samuel era apenas o porta-voz de Yahweh, incapaz de distorcer a palavra divina. Dessa forma, as esperanças perdidas de Saul foram lançadas ao pó.

28.17

Tirou o reino da tua mão, e o deu ao teu companheiro Davi. A *sentença dada* era clara e definitiva. Nenhuma força, no céu ou na terra, era capaz de alterá-la. A referência é a passagens como I Sam. 15.24-31. O que Samuel havia dito, por inspiração de Yahweh, enquanto estava vivo, não seria revertido pelo mesmo Samuel, meramente porque agora estava em espírito. Davi, fatalmente e em breve, seria o segundo rei de Israel. A mesma vontade divina que decretara a queda de Saul garantia a ascendência de Davi ao trono.

28.18

Como tu não deste ouvidos à voz do Senhor. *Saul Tivera Muitas Fraquezas.* A principal delas, que provocara o Senhor à ira, a ponto de rejeitar Saul como rei, fora o caso envolvendo os filhos de Amaleque. A história aparece em I Samuel 15. A Saul fora ordenado que fizesse *guerra santa,* o que significava que todo ser humano e todo animal fossem destruídos. Ver em Deu. 7.1-5 e 20.10-18 quanto aos requisitos da guerra santa. Como troféu de seu sucesso, Saul tomou o rei de Amaleque vivo para mostrá-lo ao povo. E também guardou alguns animais de corte. O resto ele destruiu, o que significa que obedecera somente em parte, o que equivalia a desobedecer. Com isso, Saul se desqualificara como rei, e a *maldição divina* incluía sua morte próxima às mãos dos filisteus (capítulo 31). E quando Saul começou a perseguir Davi, o ungido de Yahweh para ser o segundo rei, eliminou qualquer chance de mudança mental. Sua rejeição fora final e agora coisa alguma poderia reverter a maldição que, voluntariamente, ele atraíra sobre si.

Talvez o versículo queira incluir a infração de Saul em Gilgal, registrada em I Sam. 13.5-14. Saul teve contra si outra desgraça, que foi a matança de todo o sacerdócio de Yahweh (I Sam. 22). I Crô. 10.13,14 dá-nos várias razões pelas quais Saul foi morto pelos filisteus. 1. Ele foi infiel (em várias ocasiões) e não cumpriu os mandamentos de Yahweh (o que inclui infrações registradas nos capítulos 13 e 15). 2. Ele buscou a orientação de uma médium (presente capítulo), rejeitando a orientação de Yahweh. A perseguição a Davi não é mencionada, mas isso fazia parte de sua infidelidade e desobediência à vontade de Yahweh.

28.19

Amanhã tu e teus filhos estareis comigo. Isto é, no *sheol.* Era uma mensagem terrível. Fazia muito tempo que Saul tinha obedecido a Yahweh e depois havia iniciado sua carreira descendente. Parece que trinta e cinco anos se passaram entre os eventos registrados no capítulo 13 e os do presente capítulo. Mas a consulta com a médium de En-Dor ocorreu um dia antes da morte de Saul. Samuel predisse que

no "dia seguinte" Saul e seus filhos estariam com ele, ou seja, no *sheol*, o lugar dos espíritos que partem deste mundo. Notemos que, se a teologia hebréia havia avançado a ponto de contemplar um pós-vida no qual a alma (separada do corpo) continuava a existir, ela ainda não incluía nada semelhante a "céu e inferno". Essas doutrinas desenvolveram-se essencialmente no período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento, nos livros apócrifos e pseudepígrafos. E o Novo Testamento retomou esse desenvolvimento e adicionou um detalhe ainda mais vital ao quadro. Continuamos tendo bem pouco conhecimento acerca da vida vindoura, embora o assunto seja muito otimista. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Salvação* e *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*, e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, o verbete denominado *Mortos, Estado dos.*

Alguns intérpretes supõem que as palavras "estareis comigo", neste versículo, signifiquem apenas "no estado da morte", sem nenhuma referência à sobrevivência da alma. Mas isso parece labutar contra todo o espírito do capítulo. Samuel fora trazido e falara com Saul. Samuel aparece como um ser inteligente, dotado de memória e de razão, e capaz de predizer o futuro. Samuel continuava sendo Samuel. Este presente não reflete a doutrina judaica posterior do *sheol*, dividida em dois compartimentos, um para os bons e outro para os maus. Esse também foi um desenvolvimento posterior dessa doutrina. Ver no *Dicionário* sobre *Sheol*, quanto aos detalhes.

Disse Agostinho: "Estareis comigo não no que se refere à igualdade na bênção, mas em igual condição, na morte". Isso é verdade, mas tal coisa ainda não tinha sido definida na teologia hebréia, de modo que a interpretação de Agostinho é anacrônica quanto ao presente capítulo.

O fato de Jônatas estar envolvido na sorte de Saul traz a "mais aguda angústia do coração" (Adam Clarke, *in loc.*). A vontade de Deus é, algumas vezes, insondável. Mas, conforme disse Sócrates, sabemos que "nenhum mal pode sobrevir a um homem bom", falando-se em termos *finais*, e não em termos das vicissitudes da vida.

Charles Wesley escreveu sobre o acontecimento algumas linhas ótimas, embora, à semelhança de Agostinho, anacrônicas. Falando da situação em que Samuel, Saul e Jônatas estariam todos *juntos*, ele escreveu:

Onde querem chegar essas palavras solenes?
Um raio de esperança quando a vida terminar.
Tu e teus filhos, embora mortos, estareis
Amanhã, em repouso, comigo.
Não em um estado de dor infernal,
Se Saul com Samuel permanecer.
Não em um estado de condenado desespero,
Se o amoroso Jônatas estiver ali.

Por conseguinte, Adam Clarke comentou: "Saul cometeu o pecado até a morte... mas a misericórdia de Deus estendeu-se até a sua alma". Amém à misericórdia de Deus, que opera mediante o amor! Naturalmente, há uma *Lei Moral segundo a Semeadura* (ver o *Dicionário* quanto a esse título). Saul teve de coligir o que fez de errado e de aprender pelo que coligiu. Mas todos os juízos de Deus são remediais. Eles fazem o bem em favor dos julgados. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete *Restauração*, sobre como suponho que tudo isso opera. E ver no *Dicionário* o verbete chamado *Mistério da Vontade de Deus.*

Não podemos usar uma passagem como esta para fazer declarações dogmáticas sobre o pós-vida. Contudo, não é errado vislumbrar um "raio de esperança" nesta passagem, conforme fez Charles Wesley. O Novo Testamento projeta muitos raios de esperança nesse quadro melancólico.

... esperança que manda um raio brilhante
pelo caminho alargado do futuro adentro.

(Washington Gladden)

28.20

O *faminto Saul*, que nada tinha comido nas últimas vinte e quatro horas, ferido pela temível mensagem que Samuel lhe dera, desmaiou e caiu no chão. Toda força evadiu-se do poderoso guerreiro. "Acima da exaustão física e da tensão emocional, o choque causado pelas palavras de Samuel levaram Saul a perder os sentidos. Saul, pois, era um homem derrotado antes mesmo de entrar no campo de batalha" (George B. Caird, *in loc.*).

"Em nosso tempo, descreveríamos Saul como uma pessoa patética, neurótica e insegura. Ele *parece ter sido vítima de Samuel*, avassalado pelo poder daquela personalidade dominante que tentava agradar; mas, ao encarar a realidade, Saul tornou-se desesperado e frenético" (John C. Schroeder, *in loc.*, com um comentário perspicaz, mas que deixa de lado os muitos *pecados* debilitadores que tinham entrado na vida de Saul). Saul foi "esmagado pelo terror e pelo desalento" (Ellicott, *in loc.*). Ele foi "atingido por um raio, como se tivesse sido atravessado por um dardo ou por uma lança" (John Gill, *in loc.*).

28.21,22

A bondade e a gentileza da médium nos comovem. Ela acabara de arriscar a vida para apresentar a Saul aquela sessão, e foi até o final para agradá-lo. Agora, angustiava-se por vê-lo naquela situação e fez o que foi possível para *consolá-lo*. "... ela *ofereceu-lhe os socorros que a humanidade dita*" (Adam Clarke, *in loc.*). Demonstrou piedade feminina pelo homem ferido "com palavras e atos bondosos, e fez o melhor que estava ao seu alcance para recuperá-lo do desmaio semelhante à morte, em que o impotente homem havia caído" (Ellicott, *in loc.*). Ela teve muito trabalho para reavivar o homem faminto e perturbado (vss. 24 e 25). Algumas vezes a bondade está onde ninguém imagina. E de outras vezes não é encontrada onde a esperamos. Mas a generosidade é a medida de um homem.

28.23

Não comerei. Saul havia perdido tanto o apetite quanto as forças físicas. No começo, recusou-se a comer. Mas seus servos e a mulher continuaram insistindo, *até que ele cedeu diante das solicitações. E ele se levantou do chão, onde caíra* por causa do desmaio, e sentou-se à beira da cama, onde comeu. A *cama*, muito provavelmente, era um assento acolchoado ou um divã que percorria a parede em redor, como acontecia nas habitações do Oriente.

28.24,25

A Última Refeição de Saul. O homem que deveria ser executado pelos filisteus, mediante o decreto de Yahweh, teve sua última refeição. A mulher preparou uma ótima refeição, um bezerro cevado e pão recém-cozido. Esse era "um excelente prato naqueles países" (John Gill, *in loc.*). Saul preferia morrer de fome do que ser entregue à espada dos filisteus, mas ele e seus homens não podiam rejeitar a hospitalidade da médium. Foi uma refeição digna de um rei, e também a última refeição para *aquele rei*. Ele teve de comer pão sem fermento, pois não havia tempo para preparar pão levedado.

E se foram naquela mesma noite. Na mesma noite em que haviam chegado (vs. 8), abrigados pelas trevas, em segredo. Saul havia feito o que tinha proibido a todos. E partiram ocultos pelas mesmas trevas. Fora uma sessão espírita despertadora ali em En-Dor. Saul não tinha recebido a "boa palavra" que esperava. Bem pelo contrário, Samuel lhe dera, pessoalmente, uma predição de morte, e para o dia seguinte. Talvez Saul se tenha arrependido de seus erros, talvez não. Fosse como fosse, um homem completamente derrotado voltava a Gibeá. Ele caminhou atônito ao encontro do destino, incapaz de fazer coisa alguma a respeito. "Em parva estupidez ele foi encontrar-se com seu destino. Esse foi o fim terrível daquele a quem o Espírito de Deus tomara em possessão e a quem tornara outro homem" (O. von Gerlach, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Nove

Davi e os Filisteus (29.1 – 30.31)

"Tal como em ocasiões anteriores (4.1), os filisteus reuniram-se em Afeque, um lugar não-identificado, embora usualmente posto em algum lugar na planície de Sarom. Saul estava em uma *fonte* que tem sido identificada como *'Ain Jalûd*, ao pé do monte Gilboa, chamada em Juí. 7.1 de 'fonte de Harode'" (George G. Caird, *in loc.*).

Davi, tendo sido convocado a combater contra Israel ao lado dos filisteus, sob o comando de Aquis, que lhe dera asilo, foi livrado de sua enrascada por um meio inesperado: *outros filisteus* não confiavam nele e não lhe permitiram ir à batalha. No calor da refrega, Davi poderia voltar-se contra eles. E disseram: "Não, é melhor que ele fique em casa. Podemos derrotar Israel sem a ajuda dele". E assim, efetivamente, sucedeu. Davi havia persuadido Aquis de sua lealdade, principalmente por meios ilusórios, mas outros filisteus não caíram no ardil. Davi haveria de cuidar de seus próprios interesses, e não do interesse dos filisteus. Mesmo que fosse leal, ele facilmente poderia trocar de lado, quando visse seu próprio povo sendo morto. Aquis havia sido ludibriado pelos discursos de Davi, mas os outros filisteus não eram tão ingênuos.

29.1

Ver todos os nomes próprios deste versículo nos artigos do *Dicionário*. "No dia anterior à batalha, os filisteus se posicionaram precisamente onde haviam derrotado Israel e capturado a arca, cerca de noventa anos antes (4.10-11). Israel assumiu posição no monte Gilboa, perto da fonte de Jezreel, cerca de 65 quilôme-

tros a nordeste de Afeque. Entre as tropas de Aquis, senhor de Gate, estavam Davi e seus homens" (Eugene M. Merrill, *in loc.*).

29.2

Os príncipes dos filisteus se foram para lá. Os governantes das cinco principais cidades da Filístia ordenaram seus exércitos em grupos de cem e de mil; e Aquis, de Gate, era um deles. Davi e seus homens vinham na retaguarda do exército de Aquis. Ver I Sam. 5.8 e 6.4,16 quanto aos cinco senhores filisteus e suas cidades. Ver também em Jos. 13.3 notas adicionais.

Os grupos de cem e de mil tinham, cada um, o seu líder, todos sujeitos ao príncipe, que atuava como general.

O texto não nos informa sobre os sentimentos e as intenções de Davi. Alguns estudiosos pensam que ele estava disposto a ajudar Aquis; outros, que ele planejava um ataque de surpresa contra os filisteus; e outros, que ele ainda não sabia o que fazer, esperando por algum tipo de intervenção divina que o tirasse daquela enrascada. Essa terceira idéia é, provavelmente, a correta. Davi precisava de iluminação divina para aquela hora.

29.3

Aquis Defende a Lealdade de Davi. Afinal, Davi já estava com Aquis fazia "anos" e jamais dera indicação de deslealdade ou traição. Mas suas bravas palavras nada fizeram para acalmar os temores dos outros filisteus. Imagine a situação! Ali estava o homem que tinha matado seu herói, Golias, agora unido com os filisteus para combater contra a sua própria gente. Era uma situação absurda, que só poderia significar desastre no calor da batalha.

Não se pode determinar exatamente quanto tempo Davi estava com Aquis. I Sam. 27.7 dá-nos um ano e parte de outro, mas algum tempo mais pode ter passado desde que essa informação foi dada.

29.4

Faze voltar a este homem. *Quatro dos príncipes filisteus* (Aquis era o quinto) ficaram indignados com Aquis por sua ingenuidade. Talvez Davi fosse leal e tivesse permanecido com Aquis por mais de um ano. Mas, quando a matança começasse, ele poderia esquecer qualquer obrigação para com Aquis, e passaria a matar filisteus, na tentativa de *reconciliar-se* com Saul, o inimigo deles. Em outras palavras, para os filisteus Davi parecia perigoso e imprevisível, e sua ajuda não compensaria as terríveis conseqüências potenciais. Em outra ocasião, forças hebréias tinham desertado em um momento de crise (I Sam. 14.21). "Davi, com toda a possibilidade, ter-se-ia voltado contra seu protetor (Aquis), ferindo-o nas costas" (John C. Schroeder, *in loc.*). Se Aquis não tivesse aceitado o conselho dos outros príncipes filisteus, é possível que a batalha corresse em favor de Israel. Mas Saul tinha de morrer naquele dia, e Israel tinha de sair derrotado da refrega. Essa era a vontade de Yahweh. Davi precisava ser mandado de volta para casa, de modo que se cumprisse o plano divino. Algumas vezes, a vontade de Deus cumpre-se de maneiras inesperadas.

29.5

Não é este aquele Davi. *A reputação de Davi* em nada encorajava os filisteus a permitir-lhe entrada na batalha. Davi fora um grande matador de filisteus, a tal grau que crescera um provérbio louvando seu valor como exterminador. Ver esse provérbio e as notas expositivas em I Sam. 18.7 e 21.11.

29.6,7

Então Aquis chamou Davi e lhe disse. O homem louvou Davi por sua conduta leal, honestidade e justiça. Ele não tinha queixas de Davi. Continuava a confiar em Davi e pensava que seria apropriado e útil que ele marchasse ao lado dos filisteus. Mas quatro votos contra um anulavam qualquer vontade e intenções. E foi assim que Aquis pediu polidamente a Davi que retornasse à sua casa. Naturalmente, Davi protestou em altas vozes (vs. 8), mas podemos estar certos de que ele se alegrou em seu íntimo e retirou-se assim que possível, antes que os príncipes filisteus mudassem de idéia. Ele havia conseguido a intervenção divina de que precisava naquela hora crítica. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Tão certo como vive o Senhor. Ao afirmar sua aprovação e confiança em Davi, Aquis jurou por *Yahweh.* A fé religiosa sincretista pode ter inspirado um homem como Aquis a incluir Yahweh em seu panteão. Por outra parte, Aquis pode ter apenas usado um juramento apreciado por Davi.

29.8

Os protestos de Davi sem dúvida foram fingidos, como fingida tinha sido sua absoluta lealdade a Aquis. Ele havia enganado esse homem a ponto de fazê-lo acreditar que Davi havia matado muitos dentre sua própria gente (ver I Sam. 27.10-12). O tempo todo, porém, Davi vinha matando gente potencialmente perigosa para Israel. E sobrevivia com os despojos desses ataques assassinos. Davi fingiu tanto que se referiu aos inimigos de Aquis (Israel) como se fossem seus próprios inimigos, visto que simulava lealdade a esse homem. Davi, porém, enganava Aquis dessa forma a fim de sobreviver.

Foi por ordem da graciosa providência divina que os príncipes filisteus se recusaram a deixar Davi participar da batalha. Tivesse ele ido à guerra, e teria de escolher entre dois pecados: se lutasse em favor dos filisteus, estaria lutando contra Deus e contra seu próprio país; se lutasse em favor de Israel e contra Aquis, trairia a quem lhe oferecera hospitalidade em um momento crítico de sua vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.*

"A generosa confiança do cavalheiresco Aquis faz doloroso contraste com a dissimulação do chefe israelita, Davi" (Ellicott, *in loc.*).

29.9

És bom como um anjo de Deus. Aquis estava tão iludido com os discursos de Davi (de fato com sua fala e com sua conduta durante o ano que se passara) que o considerava um "anjo de Deus". Não há que duvidar que ele tomara essa símile por empréstimo da teologia dos hebreus, sabedor de que Davi apreciaria e compreenderia o seu "empréstimo". Alguns estudiosos, como Adam Clarke (*in loc.*), supõem que essa referência a Yahweh (vs. 6), e agora ao *anjo de Deus,* revelasse estar Aquis favoravelmente disposto à teologia hebréia, se não fosse mesmo um convertido ao *yahwismo.* Ou então, conforme já dissemos, ele simplesmente usou essas referências para agradar Davi e ser por ele compreendido.

"É possível que ele tivesse aprendido muitas verdades importantes com Davi, durante o tempo em que jornadeavam" (Adam Clarke, *in loc.*).

29.10

Levanta-te, pois, amanhã de manhã. Para onde? Para Ziclague (30.1), a cidade que Aquis tinha dado a Davi e seus homens como asilo. Ver sobre essa questão em I Sam. 27.6. Bem cedo pela manhã e regozijando-se diante da intervenção divina, Davi partiu da cena da batalha. Mas havia outra surpresa esperando por ele. Em sua ausência, os amalequitas tinham saqueado e incendiado sua cidade! (30.1).

Com os teus servos. Uma provável referência aos 600 homens de Davi. Eles também eram servos de Aquis porque Davi se tornara vassalo daquele homem. Não parece provável que Aquis achasse necessário enviar alguns de seus próprios homens (filisteus) com Davi. Entretanto, alguns estudiosos pensam que a referência aqui seja a Saul, o qual, como rei de Davi, era seu senhor. Assim sendo, os homens de Davi, em um sentido secundário, eram servos de Saul, rei de Israel.

Foi-lhes dito que voltassem para casa *cedo pela manhã,* não somente por sua conveniência, mas talvez para escaparem de qualquer ataque dos filisteus, que estavam preparados para a guerra e seriam capazes de qualquer atrocidade.

29.11

Então Davi de madrugada se levantou. Obediente às ordens de Aquis e deixando-o com sua bênção, Davi partiu cedo para Ziclague. Entrementes, os filisteus subiram a *Jezreel* para iniciarem a batalha. Ver sobre esse lugar no *Dicionário.* Afeque (29.1), onde os filisteus se acamparam, ficava próximo de Jezreel. Ver sobre esse local no *Dicionário.* Havia várias cidades com esse nome na Palestina. A cidade aqui mencionada é a quarta da lista, no artigo do *Dicionário.* Ziclague, por outra parte, ficava cerca de 145 quilômetros ao sul de Jezreel. Davi e seus homens desceram felizes pelo caminho, não antecipando a cena de horror que encontrariam em Ziclague, conforme descrito em I Sam. 30.1 ss.

Capítulo Trinta

A seção a que pertence este capítulo começa em I Sam. 29.1, onde são apresentadas as notas de introdução. Tendo sido livrado pela intervenção divina de ter de lutar com os filisteus e contra Israel, Davi voltou a Ziclague, a cidade que Aquis lhe tinha dado para ali fazer seu quartel-general (ver I Sam. 27.6).

"A narrativa do capítulo 29 deixa os dois exércitos defronte um do outro, e segue as fortunas de Davi, que retornou a casa, para descobrir que os amalequitas haviam aproveitado sua ausência e a de seu exército para vingar-se dos ataques efetuados durante o período passado a serviço do rei Aquis" (George B. Cair, *in loc.).*

30.1,2

Chegando... ao terceiro dia a Ziclague. A jornada levou três dias (estando Ziclague a cerca de 145 quilômetros de Jezreel). A cidade estava

consumida pelas chamas e restara somente uma cidade fantasma. *Todas* as mulheres tinham sido levadas cativas. Este segundo versículo é um tanto vago. Poderia significar que todos, exceto as mulheres, tinham sido mortos, mas elas foram poupadas. Ou nenhuma pessoa tinha sida morta, e é isso que entendemos em nossa versão portuguesa. Nesse caso, os homens e algumas das mulheres provavelmente foram levados aos mercados de escravos do Egito, onde podiam ser vendidos por um bom preço. As melhores e mais belas mulheres seriam conservadas para aumentar os haréns dos chefes e soldados amalequitas. A maioria dos homens tinha ido com Davi e Aquis para lutar contra Israel. É possível que os poucos que Davi deixara ali, incapazes de oferecer resistência, foram tomados juntamente com as mulheres para serem vendidos como escravos.

30.3

Davi e os seus homens vieram à cidade. Este versículo reitera a informação de que as mulheres foram levadas cativas, adiciona as crianças, e inclui o fato de que a cidade foi incendiada. "Uma terrível recepção para Davi e seus guerreiros, no retorno da má expedição em companhia do grande exército filisteu (capítulo 29)" (Ellicott, *in loc.*). Os amalequitas tinham conseguido vingar-se naquele dia. Ver I Sam. 27.8 ss. sobre as invasões e matanças efetuadas por Davi contra esse povo. Ele matara toda vida humana, mas poupara os animais; os sobreviventes, porém, não tardaram a vingar-se. É possível que grupos de amalequitas tivessem permanecido intocados. Seja como for, finalmente, eles obtiveram a chance de acertar as contas com Davi.

30.4

E choraram, até não terem mais forças para chorar. O *grande choro* os exauriu até não poderem mais chorar. Os orientais entregam-se às lágrimas e a profundas lamentações mais do que os ocidentais, em um lamento que acompanha todas as cenas de perda. O choro, porém, tem certo valor terapêutico. O consolo sempre tem algum valor. Por outra parte, coisa alguma pode aliviar completamente grandes tristezas senão o passar do tempo.

> *Não há tristeza que a passagem do tempo*
> *não diminua e não abrande.*
>
> (Cícero)

> *Quando as tristezas chegam, não chegam como*
> *espiões isolados; chegam como batalhões.*
>
> (Shakespeare)

> *Mas o homem nasce para o enfado como as faíscas das*
> *brasas voam para cima.*
>
> (Jó 5.7)

E alguém já disse: "E as faíscas não parecem voar noutra direção".

30.5

As duas mulheres de Davi. Entre as mulheres que foram levadas cativas, estavam as duas esposas de Davi, Ainoã e Abigail, a quem o autor sacro apresentou no capítulo 25. Tornou-se costume de Davi assumir novas esposas por onde quer que fosse, até ter um harém de bom tamanho. Ver sobre ele no *Dicionário,* onde a questão é ilustrada. Ver também sobre *Poligamia.* O autor menciona o fato de que até as esposas de Davi foram levadas, aumentando o impacto emocional. Nem mesmo o chefe, Davi, fora poupado da desgraça, "o que podemos observar como *uma das causas* da aflição particular de Davi, e o versículo seguinte acrescenta outra razão" (John Gill, *in loc.*).

30.6

Davi muito se angustiou. *Rebelião.* O exército selvagem fora-da-lei (ver I Sam. 22.2) culpou Davi pelo erro estratégico. Ele tinha deixado a cidade desamparada. Como capitão, porém, Davi deveria ter sido prudente o bastante para não seguir Aquis com *todos* os homens. Em sua crise de nervos, eles quase apedrejaram Davi, isto é, quase o *executaram* por causa de seu erro estúpido. Na tristeza por ter perdido esposas e filhos, e temendo os próprios homens, Davi voltou-se para Yahweh, rogando ajuda. Era uma situação que requeria outra intervenção divina. Ter mais uma intervenção divina era algo que não exauriria o estoque. Sempre é cedo para desistir. Davi preservou o domínio sobre seu pequeno exército pela sua força de vontade superior. Momentos de crise, entretanto, poderiam transformar os homens de Davi em matadores, e ele não estaria isento dessa ira. Todos os homens espirituais socorrem-se de Deus para receber ajuda em tempos de crise. O registro mostra que em Deus sempre há ajuda.

> *Nossa alma espera no Senhor, nosso auxílio e escudo.*
> *Nele o nosso coração se alegra,*
> *pois confiamos no seu santo nome.*
>
> (Salmo 33.20,21)

30.7

Traze-me aqui a estola sacerdotal. *Abiatar* (ver a respeito no *Dicionário*) escapara à matança do sacerdócio provocada por Saul, fugira e se juntara a Davi. Em vista disso, Davi fez daquele homem (descendente de Eli) seu sumo sacerdote e iniciou seu próprio oráculo no exílio. Ocasionalmente, ele consultava o homem que usava seu *Urim* e *Tumim (ver a respeito no Dicionário)* para obter respostas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Adivinhação.*

A estola. Ver a respeito no *Dicionário.* Era na estola em que eram guardados o *Urim* e o *Tumim.* Tanto estes quanto as sortes sagradas só podiam responder "sim" ou "não" às perguntas formuladas. O texto registra duas perguntas e três respostas, pois o autor não se mostrou exato nas explicações (ver o versículo seguinte).

30.8

Então consultou Davi o Senhor. As duas perguntas de Davi foram: 1. Devo perseguir os amalequitas? 2. Alcançá-los-ei? A essas duas perguntas foram dadas três respostas: 1. Sim, persegue; 2. Sim, tu os alcançarás; 3. Recuperarás todas as perdas. Com respostas tão encorajadoras, Davi não vacilou. E logo se pôs a caminho.

30.9,10

Partiu, pois, Davi. Lá se foi Davi, com seus 600 homens. Nada restara na cidade de Ziclague para ser protegido. Uma dura batalha poderia estar esperando por eles, e eles precisariam de todas as forças que pudessem reunir.

Ao ribeiro de Besor. Ver a respeito no *Dicionário.* A perseguição foi muito cansativa, e Davi decidiu que era contraprodutivo prosseguir com todos os 600 homens. Por isso, deixou para trás 200 homens, tão exaustos que não podiam mais avançar. Isso mostra que nem todos os 600 homens de Davi eram guerreiros experientes. Nem todos eram soldados aptos. Podiam lutar quando necessário, mas não eram bons em grandes marchas pelo deserto. Essa informação também diz que Davi, em sua ansiedade, efetuou uma *marcha forçada* que somente os soldados mais jovens suportavam. Temos de lembrar, igualmente, que eles tinham acabado de chegar a Ziclague, após uma longa marcha de 145 quilômetros. Eles chegaram exauridos e agora perseguiam os amalequitas em exaustão. "Diante da longa marcha que já tinham completado para chegar a Ziclague, é surpreendente o número (400) dos que foram capazes de continuar" (George B. Caird, *in loc.*). Davi também deixou sua bagagem com os 200, a fim de viajar mais rapidamente, conforme diz o vs. 24.

30.11

Acharam no campo um homem egípcio. *Pela providência divina* (pois nada ocorre por mero acaso), um soldado do exército amalequita, provavelmente um mercenário ou escravo egípcio, tinha ficado doente, e fora deixado para trás pelas hordas em fuga, as quais, entre outras atrocidades, haviam incendiado a cidade de Ziclague. Esse homem, achado no campo, foi conduzido a Davi. E forneceu valiosas informações sobre como perseguir os amalequitas. O homem teve de falar, pois, de outro modo, seria morto. Davi jurou que não o mataria nem o entregaria a seu senhor amalequita, o qual por certo não o perdoaria por haver cooperado com Davi.

O *egípcio estava enfermo* e, para aumentar as dificuldades, nada comera ou bebera por três dias e três noites. Essa informação diz-nos que os selvagens amalequitas tinham abandonado o homem, sem lhe prover coisa alguma para comer ou beber. Esse tipo de tratamento também deve ter encorajado o egípcio a ajudar Davi. Se o homem tivesse sido escravizado pelos amalequitas, que também costumavam assaltar as fronteiras do Egito, então por certo ele estaria mais ansioso para prover as informações apropriadas ao grupo de busca de Davi. Em tudo isso podemos aprender algo da natureza selvagem dos não-amansados filhos do deserto. Eles eram rudes, cruéis, lágetos do deserto, e não seguiam nenhuma lei.

30.12

Recobrou então o alento. Davi restaurou o "alento" do egípcio servindo-lhe uma boa refeição no deserto, com muita água e, provavelmente, até uma porção

de vinho. Em outras palavras, Davi salvou a vida do homem, o qual *continuaria vivo* provendo informações que garantiriam a captura dos bárbaros amalequitas.

30.13

Então lhe perguntou Davi. Restaurado e pronto para ser interrogado, o egípcio logo se tornou um informante de importância. Davi ficou sabendo que o homem estivera realmente entre os saqueadores amalequitas; que era um egípcio, mercenário ou escravo forçado a tornar-se um soldado. Ou ele pode ter sido vendido aos amalequitas por outros saqueadores que tiravam proveito da escravidão. Ele adoecera, porém, e simplesmente fora abandonado no deserto, sem nenhuma provisão de alimento ou água. Ele já estava ali fazia três dias e certamente não continuaria vivo por muito mais tempo.

"Fora um ato extremamente desumano. Embora eles tivessem tomado muito despojo e sem dúvida tivessem jumentos suficientes para transportar os inválidos, deixaram o homem no deserto para que perecesse. Mas Deus os visitou com Seu juízo, fazendo do homem o meio de sua destruição " (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* e também *Providência de Deus*. Além da ajuda divina, Davi também recebeu outra intervenção de Yahweh, pois, do contrário, jamais teria encontrado aqueles ardilosos amalequitas.

30.14

Todos os nomes próprios que aparecem neste versículo merecem artigos no *Dicionário*, razão pela qual não repito aqui as informações. Ver I Sam. 27.10 quanto aos ataques de matanças efetuados por Davi, na mesma área onde os amalequitas operavam.

Contra a banda do sul de Calebe. Estão em foco as possessões desse homem, por ocasião da divisão da Terra Prometida, perto de Hebrom e Quiriate-Sefer. Um distrito do Neguebe, ou "país do sul", fora dado a Calebe, companheiro de Josué, como recompensa por sua fé e coragem. Sua porção acabou conhecida pelo seu nome, *Calebe*.

Pusemos fogo a Ziclague. *Esta* era a informação que Davi queria ouvir. Sua testemunha e informante estivera, realmente, entre os assaltantes que, recentemente, tinham queimado a cidade de Davi e levado as mulheres. Os amalequitas haviam tirado sua vingança, mas não muitos continuariam vivos para jactar-se disso, conforme informam os versículos seguintes.

30.15

Poderias, descendo, guiar-me a esse bando? *Temos Aí a Barganha.* O egípcio, que se tornara um dos saqueadores dos amalequitas, sabia por onde conduzir Davi para atacar aqueles homens selvagens. E o faria *se* sua vida fosse garantida; primeiramente, contra qualquer ato bárbaro do próprio Davi, e, em segundo lugar, se não fosse entregue às mãos de seu senhor amalequita, o qual certamente o mataria como um traidor. Notemos que Davi jurou por seu Deus (Elohim), sabendo que esse nome seria respeitado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Fés religiosas sincretistas sem dúvida espalharam-se em torno dos nomes divinos, inclusive entre os hebreus; portanto, nenhum indício aqui aponta que o homem seguia a fé dos hebreus. Ele já conhecia a vereda que os amalequitas seguiriam, os quais já tinham estado ali em várias ocasiões, saqueando e matando.

As versões da Vulgata Latina e do siríaco adicionam o que o texto hebraico deixa de mencionar. Davi *jurou* por Elohim e assim completou a barganha com o egípcio.

30.16

Eis que estavam espalhados sobre toda a região. Isso é dito a respeito dos amalequitas, que estavam assim *despreparados* para a ação militar, pois participavam de um grande festim. O vinho fluía como o rio Amazonas. Havia música, danças e mulheres. Eles seguiam o antigo ditado: "Onde houver música, vinho e mulheres, é errado não agir errado". Portanto, tornaram-se presa fácil para Davi e seus 400 homens. Havia todo aquele despojo que os amalequitas comemoravam. Eles estavam *ricos*. Mas a hora havia chegado. Coisa alguma poderia ajudá-los quando o exército de Davi atacasse.

"Temos aqui um quadro vívido da licença selvagem que aqueles bárbaros davam a si mesmos, agora que estavam seguros, conforme pensavam, de toda a perseguição" (Ellicott, *in ioc.*).

As palavras "espalhados em toda a região" indicam que eles não estavam em formação militar e não havia sentinelas postadas. Estavam totalmente entregues ao inimigo, e nem ao menos sabiam que o inimigo já os vigiava em sua festança.

30.17

Desde o crepúsculo vespertino até a tarde do dia seguinte. O que deve ter acontecido é que Davi chegou à noitinha, mas esperou pelo amanhecer para o ataque, iniciado quando o sol surgiu no horizonte. E terminou o massacre na noite do dia seguinte.

Os intérpretes falam dos amalequitas como um povo "prescrito", isto é, condenado a extermínio mediante o decreto de Yahweh. Ver Deu. 7.1 ss. Os amalequitas não estavam entre os habitantes da Palestina que Israel deveria exterminar, mas não precisamos considerar aquela lista absoluta. Samuel tinha ordenado que Saul executasse o extermínio (ver I Samuel 15), o que teria acertado as velhas contas de abusos daquela gente contra Israel.

E nenhum deles escapou, senão só quatrocentos moços. É patente que o número dos homens de Davi era bem menor que o de amalequitas, pois, após grande matança que tomou um dia inteiro, o mesmo número de jovens amalequitas escapou, montado em seus camelos. Mas isso tudo ocorreu em uma época em que números superiores não faziam grande diferença. Tomados de surpresa e no deserto, provavelmente estando a maioria deles bêbada, os amalequitas foram um adversário muito fácil de vencer. Davi, pois, ofereceu-os em *holocausto,* em sacrifício a Yahweh. Ver sobre a *guerra santa* nas notas expositivas de Deu. 7.1-5 e 20.10-18.

30.18

Davi salvou tudo quanto haviam tomado os amalequitas. Houve recuperação total de tudo quanto os amalequitas tinham tomado, pelo que o sucesso foi absolutamente completo, tal e qual o oráculo (vs. 8) prometera.

> *Porque quantas são as promessas de Deus*
> *tantas têm nele o sim; porquanto também por*
> *ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio.*
>
> (II Coríntios 1.20)

Também salvou as suas duas mulheres. As amadas esposas de Davi são destacadas, pois eram a sua maior preocupação. Cf. o vs. 5, onde se menciona especificamente que elas foram tomadas entre os cativos.

30.19

Não lhes faltou cousa alguma. Nada se perdeu, nem mulher, nem homem, nem criança tinham sido mortos. Este versículo repete, para efeito de ênfase, o que já tinha sido dito no versículo anterior. "Davi recuperou tudo." A maioria das vitórias é acompanhada por alguma perda, algum sacrifício, mas temos aqui uma exceção.

30.20

Este é o despojo de Davi. Estas palavras poderiam indicar que Davi ficou com um grande despojo exclusivamente para si mesmo. Mas devemos compreendê-las como indicando Davi *e* seus homens. Os versículos seguintes mostram claramente que os despojos foram compartilhados, até mesmo com os que permaneceram guardando as coisas. Portanto, Davi recuperou absolutamente tudo quanto os amalequitas haviam tomado, *além* de grande quantidade de bens e gado que os amalequitas tinham roubado de outras pessoas. A guerra era um ótimo negócio. Entretanto, alguns eruditos pensam que "o despojo de Davi" (ou seja, sua *partilha* dos despojos) foi especificamente o gado mencionado neste versículo. Todo o resto, camelos, jóias etc., foi dividido entre os seus homens. Esse tipo de partilha (que incluía tanto os que participavam da batalha real como os que ficavam guardando a bagagem) veio a tornar-se uma lei em Israel (ver o vs. 25).

30.21

Davi, aproximando-se destes os saudou cordialmente. Foram momentos de grande alegria. Os 200 homens que, cansados, não puderam prosseguir viagem, vieram correndo ao encontro do triunfante Davi, regozijando-se por verem esposas e filhos, e todos os bens recuperados. Estavam felizes por terem em Davi o seu capitão, porquanto agora as coisas começavam realmente a melhorar. A vitória era deles, e em breve seu capitão seria o rei de Israel.

30.22

Para compreender este versículo, devemos lembrar que Davi tinha um exército formado por descontentes, alguns dos quais, sem dúvida, eram violentos fora-da-lei que tinham fugido para salvar a vida. Ver I Sam. 22.2. No vs. 6 vemos uma rebelião que poderia ter custado a vida de Davi. Agora, aqueles mesmos homens de Belial não se dispunham a compartilhar os despojos com os que tinham permanecido tomando conta da bagagem, mas apenas se dispu-

nham a devolver-lhes as mulheres (e, presumivelmente, o que tinham perdido no ataque dos amalequitas).

Os maus e filhos de Belial. É melhor compreendermos estas palavras como *adjetivos,* ou seja, como "baixos" ou "perversos", e não como nomes próprios, referindo-se a Satanás. Essa idéia só entrou na teologia dos hebreus mais tarde. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Belial.* "... Belial, denotando o amargo, o encrespado, o severo e o profano" (Adam Clarke, *in loc.*).

Os elementos mais baixos do exército de Davi exibiram aqui uma "cobiça sem coração" (Ellicott, *in loc.*), esquecendo facilmente a contribuição anterior daqueles 200 homens que tinham ficado para trás devido ao excessivo cansaço. Além disso, simples razões humanitárias ditavam que a *generosidade* era a ordem do dia, *após tão notável batalha, em que não havia incorrido em nenhuma* perda. Mas os cobiçosos acumulam bens sem nunca ter um momento sequer de generosidade. A medida de um homem é a sua generosidade, um outro nome para *amor,* sobre o qual ver no *Dicionário.* E na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver os artigos *Liberalidade* e *Generosidade.*

30.23

Não fareis assim, irmãos meus. Davi não permitiu que os renegados que faziam parte de seu exército ditassem regras. Era sempre melhor dar demais do que dar pouco demais. A vontade divina promete dádivas ao doador. Uma notável passagem sobre esse princípio é I Cor. 9.8 ss. Ver também II Cor. 9.6 ss. O homem que semeia pouco também colherá pouco. Mas Deus é capaz de prover abundância, para que possamos abundar em toda boa obra. Eis por que queremos ter abundância, para que possamos compartilhar e engajar-nos em boas obras que beneficiem *outras pessoas.* Fazer o bem a outras pessoas é o primeiro dever de um cristão. Ver no *Dicionário* o verbete *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Essa lei garante que o homem generoso receberá de volta, com juros, tudo o que der. Depósitos no banco celestial rendem *verdadeiros juros,* e não pseudojuros, como nos bancos terrenos. O doador está imitando Deus, que "deu" Seu próprio Filho em nosso benefício (ver João 3.16). No presente texto, Davi relembrou aos renegados que fora *Yahweh* quem os capacitara a obter todos aqueles despojos e a receber de volta esposas e filhos, com segurança. Outros passavam necessidade, e não somente os renegados. Os amalequitas eram muito mais numerosos do que o pequeno exército de Davi. De fato, 400 jovens amalequitas fugiram em seus camelos; e só esse número era igual aos homens que Davi levou à batalha. Portanto, ficou claro que a vitória fora dada pela provisão divina. Em conseqüência, a gratidão e a generosidade estavam na ordem do dia.

30.24

Receberão partes iguais. *Davi Estabelece a Última Regra.* Os que guardaram a bagagem deviam compartilhar igualmente com os que saíram à batalha. Este pequeno versículo tem sido muito usado pelos missionários para encorajar a contribuição financeira às missões. Através dele, os missionários asseguram às pessoas que permanecem em casa, apoiando financeiramente as missões, que elas compartilharão igualmente da recompensa que virá pelos esforços missionários. Presume-se naturalmente que os que permanecem em casa também se dedicam à oração e ajudem espiritualmente, e não apenas financeiramente.

Ademais, dos doadores às missões espera-se que contribuam também para as igrejas locais. Mais que dinheiro está envolvido em tais promessas, conforme deve ser óbvio para qualquer pessoa que pensa. Os homens de Davi tinham um registro do que costumavam contribuir. Eles estavam no exílio juntamente com Davi. Todos eles tinham passado sacrifícios. Todos eles engajaram-se em batalhas. O não participar de uma única batalha não os desqualificava da partilha, naquela ocasião particular. Portanto, espera-se também do soldado cristão que se engaje na guerra espiritual, de tal modo que, quer ele saia em um campo missionário, quer não, compartilhe dos esforços missionários com aqueles que vão à frente. Seja como for, cada país é um campo missionário.

30.25

Foi Isso estabelecido por estatuto e direito em Israel. O que Davi fez naquele dia tornou-se regra geral que governa *todo* o bem-estar em Israel. Políbio (*Hist.* 1.10, par. 365) informa-nos que, após a captura da Nova Cartago, Públio Cipião decidiu que os despojos seriam divididos igualmente entre os reservas e os enfermos, juntamente com os soldados que lutaram na batalha. Isso aconteceu *naquela ocasião,* mas não há provas de que essa tenha sido a regra orientadora em todas as guerras encetadas pelos romanos.

"Moisés, ao *orar* na colina, contribuiu para a vitória sobre Amaleque, mais do que Josué lutando na planície" (Ellicott, *in loc.,* referindo-se a Êxo. 17.11).

"Alguns cristãos lutam as batalhas do Senhor nas refregas da vida ativa; outros, homens e mulheres idosos, lutam com as armas pacíficas da oração e das lágrimas. Cristo é onipotente e misericordioso. Ele recompensa os que permanecem, pacientemente, a guardar as bagagens, bem como os que saem para lutar valentemente na batalha" (Bispo Hall).

Israel tomava por empréstimo leis e regras de seus vizinhos, como dos babilônios e até dos cananeus. Mas essa regra da "partilha igual" que governava a guerra evidentemente foi criação de Davi. Alguns estudiosos, contudo, apontando para Gên. 14.24 e Núm. 31.27, supõem que Abraão e, mais tarde, Moisés tenham estabelecido o *precedente* para essa forma de agir.

30.26

Enviou do despojo aos anciãos de Judá. Outra partilha foi o *presente* que Davi enviou aos anciãos em Ziclague. Aquele lugar estava em má forma e precisava de todas as doações que pudesse obter; mas as doações de Davi estenderam-se também a outros locais, conforme vemos através dos versículos que se seguem. Davi, por certo, estava removendo toda dúvida sobre a lealdade ao seu povo, ao mostrar-se generoso para com eles. Pode ter-se espalhado que Davi marchava com Aquis contra Israel. Davi precisou contrabalançar esses rumores. Adam Clarke (*in loc.*) supõe que Davi tenha sido particularmente generoso com todos os que o ajudaram no exílio. A *gratidão* estava na ordem do dia. Ver sobre esse tema no *Dicionário.* O fato de que Davi foi capaz de compartilhar em tal medida demonstra que os despojos, realmente, tinham sido grandes.

"O golpe de mestre diplomático de Davi foi a devolução das propriedades que tinham sido furtadas pelos amalequitas das cidades e aldeias de Judá (vss. 26-31). Eles nunca mais esqueceriam dos cuidados de Davi e, quando chegou o tempo de declarar seu reinado em Hebrom, sem dúvida ele desfrutou de entusiasmado apoio" (Eugene M. Merrill, *in loc.*).

30.27

Betei... Ramote... Jatir. No *Dicionário* há artigos sobre os três lugares. Todos eles eram cidades de Judá que, segundo suponho, tinham ajudado Davi em algum grau, durante o exílio. Todas elas ficavam no Neguebe. A generosidade de Davi para com elas removeu todas as dúvidas quanto à sua lealdade para com Israel. A "Betei" de algumas versões portuguesas na realidade é "Betuel", anotada sobre esse nome sob o número 1.

30.28

Aroer... Sifmote... Estemoa. Mais três cidades mencionadas, igualmente comentadas no *Dicionário.* Elas também ficavam no Neguebe. O bispo Harvey chama a atenção para esses versículos como prova notável da natureza e da *generosidade agradecida* de Davi. Ele não esqueceu seus amigos e ansiava por demonstrar a sua lealdade.

30.29

Um número indeterminado de cidades é aqui mencionado, pois se fala nas cidades dos *jerameelitas* e nas cidades dos *queneus.* Somente *Racal* é aqui chamada por nome, e esse lugar é anotado no *Dicionário.* Todos esses pontos também tinham sido objetos da generosidade de Davi. Todos ficavam no Neguebe, ao sul de Judá.

30.30,31

Hormá... Corasã, Atace... Hebrom. Estes dois versículos mencionam outras *quatro cidades,* todas as quais são comentadas no *Dicionário.* Elas também ficavam no Neguebe, ao sul de Judá. O vs. 31 informa-nos que Davi e seu pequeno exército estavam *acostumados* a freqüentar aqueles lugares durante o exílio. Sem dúvida cooperavam com ele, embora com isso pudessem ter incorrido na ira de Saul. Foi desse modo que Davi demonstrou gratidão, generosidade e bondade. O fato de ele ter recompensado tantos lugares mostra que seus despojos, tomados dos amalequitas, devem ter sido muito volumosos. Sem dúvida estavam inclusos mais que o acampamento onde ele apanhara os saqueadores amalequitas. Muito provavelmente, Davi atacou toda aquela região e saqueou outros lugares que pertenciam àqueles povos.

Estes versículos também revelam que Davi esteve em muitos lugares não mencionados no relato de I Samuel. Ele "perambulou" (RSV) por vários locais. Ele caçou (KJV) os inimigos. Ele "andara" (nossa versão portuguesa).

Logo terminariam as andanças de Davi. Ele havia cumprido essa porção de sua vida, o equivalente aos quarenta anos de Moisés pelo deserto. Seu tempo de *preparação para tornar-se rei estava quase completo. Em breve ele seria o segundo* rei de Israel e libertaria a Palestina de todos os inimigos de Israel.

Capítulo Trinta e Um

Morte de Saul (31.1-13)

As três grandes figuras da história de Israel apresentadas pelos livros de I e II Samuel são Samuel, Saul e Davi. Cada uma dessas personagens, à sua maneira

e com sua própria mescla de sucessos e fracassos, serviu a Israel. O capítulo à nossa frente registra a agonizante morte de Saul, primeiro rei de Israel. Ele estava encarregado de uma missão de matanças e debilitou bastante os inimigos de Israel, facilitando o trabalho de varredura que Davi haveria de realizar. Ficou ao encargo do segundo rei de Israel, Davi, a tarefa de livrar a Palestina dos inimigos de Israel, algo que Josué não conseguira efetuar (ver Jos. 13.1 ss.).

A batalha na qual Saul e seus filhos encontraram a morte seguiu-se "na manhã depois da consulta de Saul com a médium de En-Dor (capítulo 28). Podemos imaginar com quais sentimentos de condenação ele entrou em sua batalha final" (George B. Caird, *in loc.*). É como diz certa canção: "E agora o fim está perto e enfrento a cortina final".

"Tal como Samuel havia profetizado (I Sam. 28.19), os filisteus rápida e facilmente derrotaram Israel nas largas planícies do vale de Jezreel, onde eles, com seus carros de combate (ver II Sam. 1.6), detinham a vantagem tática (cf. Jos. 17.16; Juí. 4.3,13 quanto ao uso de carros de combate de ferro, pelos cananeus, naquela mesma área" (Eugene M. Merrill, *in loc.*).

31.1

Nesses comenos os filisteus pelejaram contra Israel. Foi de modo simples que o autor sacro narrou a total derrota de Israel, que comento na introdução que se segue ao capítulo. O monte Gilboa assinalou o lugar da morte de muitos homens das tropas de Saul. Israel foi posto em fuga e confusão. Yahweh definitivamente não estava favorável a Seu povo. Foi um dia de derrota, o dia em que Saul, o primeiro rei de Israel, e seus filhos, incluindo o amável Jônatas, encontraram o seu fim.

"O narrador mostra-se aqui muito abrupto. Não há que duvidar que ele foi um devotado patriota e que foi muito amargo para ele registrar a história daquele dia fatal em Gilboa. Contudo, houve certas coisas pertinentes àquele dia fatal que era necessário todo filho de Israel saber. Foi *correto* que a *punição* do rejeitado rei fosse *conhecida"* (Ellicott, *in ioc.).*

31.2

Os filisteus apertaram com Saul e seus filhos. Saul, vendo a inutilidade da batalha, fugiu juntamente com seus filhos, os quais o serviram fielmente até o fim. Mas a fuga foi tão fútil quanto a batalha. Saul estava destinado a morrer naquele dia. Nada poderia impedir isso. Com dor, o autor diz que três de seus filhos foram primeiramente alcançados e mortos. Nem o amado Jônatas conseguiu escapar. Todas as três personagens são comentadas no *Dicionário.* Tudo se perdeu, mas Saul continuou sua fuga. Saul teve o seu dia. Ele foi uma máquina de matar poderosa e agora precisava morrer à espada, porque tinha vivido à espada (ver Mat. 26.52).

O autor mostrou-se aqui bastante austero. Ele não derramou lágrimas. Mas o perdido livro dos Justos leva-nos a sentir a paixão que houve na ocasião:

> *Saul e Jônatas, queridos e amáveis, tanto na vida*
> *como na morte não se separaram!*
> *Eram mais ligeiros do que as águias,*
> *mais fortes do que os leões.*
>
> (II Samuel 1.23)

"Parece que defenderam fielmente até o fim a casa real de Saul (vs. 6) e, defendendo o rei até o fim, caíram" (Ellicott, *in loc.*).

Somente *Is-Bosete* foi poupado. Ele permaneceu em casa, pois não era capaz de combater.

31.3

Agravou-se a peleja contra Saul. O *ferimento fatal* que terminou com Saul foi desfechado por um arqueiro, embora o golpe final, de misericórdia, tenha sido administrado por sua própria espada (vs. 4).

"Gradualmente enfraquecido pela perda de sangue, e talvez com as palavras de Samuel a retinir-lhe nos ouvidos, 'amanhã tu e teus filhos estareis comigo', a grande e inflexível coragem de Saul desapareceu, e assim ele se voltou para seu escudeiro, para que este lhe aplicasse o golpe de misericórdia" (Ellicott, *in loc.*).

Este relato, naturalmente, não concorda com II Samuel 1, onde se lê que um amalequita lhe administrou o golpe fatal. Ou duas fontes estão envolvidas, contando a história de formas diferentes, ou a história contada pelo amalequita foi ficticia, talvez inventada para efeito de autoglorificação. Cf. II Sam. 4.9,10, onde é mencionada a história do amalequita, que, ao que tudo indica, é confirmada pelos críticos como proveniente de uma fonte anterior. Os eruditos tentam várias reconciliações das narrativas, mas nenhuma delas é absolutamente convincente. O seguro é que mais de uma história circulava sobre a morte de Saul, e essas histórias não concordavam em todos os detalhes. O autor de I e II Samuel registrou essas versões sem tentar reconciliá-las.

31.4

Arranca a tua espada, e atravessa-me com ela. Foi pedido um golpe de misericórdia. Sangrando quase até morrer, Saul pediu que seu escudeiro pusesse fim à sua história. Ele temia as torturas e as desgraças às quais os filisteus o submeteriam se o apanhassem vivo. Aqueles pagãos *incircuncisos,* que não temiam Deus nem os homens, teriam certeza de que ele morreria com tanta miséria quanta fosse possível.

Mas o *escudeiro* de Saul rejeitou realizar o serviço solicitado. Ele temeu tirar a vida ao rei de Israel, mesmo que isso fosse considerado um ato de misericórdia. Portanto, Saul cometeu *suicídio,* o que, naturalmente, não concorda com as histórias relatadas em II Sam. 1 e 4.9,10, que discuti anteriormente e na introdução ao primeiro capítulo de II Samuel. O *suicídio* de Saul era mais uma *matança de misericórdia* auto-infligida. Saul teria morrido lentamente, por causa do ferimento com a flecha, mas talvez não a tempo de evitar cair nas mãos dos assassinos filisteus. Portanto, ele teve pressa em acabar com a própria vida. O texto não diz especificamente que Saul caiu sobre a própria espada, mas evidentemente é isso que devemos entender. Assim sendo, a mesma espada que havia matado tantas pessoas tornou-se o instrumento do golpe de misericórdia que pôs fim à vida do primeiro rei de Israel.

Suicídio na Bíblia. Temos ali os seguintes casos: 1. Saul, no presente versículo; 2. o escudeiro de Saul, também neste versículo; 3. Aitofel (II Sam. 17.23); 4. Zinri (I Reis 16.18); 5. Sansão (Juí. 16.30); 6. Judas Iscariotes (Mat. 27.5). Nos livros apócrifos, temos os casos de Ptolomeu Macom (II Macabeus 10.13) e Razis (II Macabeus 14.41-46). Josefo, em sua obra *Guerras dos Judeus* (III.8.5), falou sobre esse ato como um *crime.* A Igreja Católica Romana tem uma opinião muito severa a respeito. Até o *assassinato,* afinal, pode ser perdoado. O apóstolo Paulo foi um assassino, mas se tornou o grande apóstolo dos gentios. Mas quem pode dizer que uma pessoa não pode arrepender-se do suicídio no pós-túmulo? Suponho que um suicida possa arrepender-se sob o ministério de Cristo no *hades* (ver I Ped. 3.18-4.6), onde os destinos humanos podem ser revertidos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *Descida de Cristo ao Hades* e *Suicídio.* Os textos do Antigo Testamento não entram em especulações sobre o destino espiritual dos suicidas, visto que a crença no pós-vida, embora começando em I Samuel, nos salmos e nos livros proféticos, ainda não estava bem desenvolvida. O suicídio, naturalmente, está relacionado à *eutanásia,* que discuto no quarto ponto do artigo sobre *Suicídio,* e também em um artigo em separado.

31.5

Vendo, pois, o seu escudeiro. O escudeiro de Saul, embora sem coragem para matar o ferido Saul, foi bravo o bastante (conduzido por total desespero) para matar-se. Em certo sentido, embora não absoluto, esperava-se dele a defesa do homem cujas armas transportava. Embora o escudeiro não tivesse falhado, talvez pensasse ter, ao menos em parte, culpa pela morte de Saul. Assim, desesperado, ele também se suicidou. Cf. I Sam. 26.15, onde Davi ralhou com Abner por não ter guardado devidamente o rei. Assim também o escudeiro de Saul poderia ser acusado da morte do rei, caso Davi aproveitasse a situação para despachá-lo.

Algumas tradições judaicas pensam que o escudeiro de Saul é o infame *Doegue* (ver I Sam. 21.7; 22.9,18,22). Ver também Heron., *Trad. Heb.,* lib. Reg. fol. 77.b. Mas parece que, se tão infame homem estivesse envolvido, o autor teria feito questão de informar o detalhe. Pois Saul e Doegue foram as principais personagens na matança dos sacerdotes de Nobe e mereciam morrer daquela maneira. Ver o capítulo 22 quanto ao relato da matança dos sacerdotes.

"A Bíblia encerra o registro da vida e deixa o destino do primeiro grande rei de Israel, do primeiro ungido do Senhor como rei, nas mãos de Deus" (Ellicott, *in loc.*).

31.6

Morreu, pois, Saul, e seus três filhos, e o seu escudeiro. O autor sacro enfatiza como tantos grandes homens de Israel morreram *juntos* em um mesmo dia. A história, porém, é contada com excessiva frieza, sem o derramamento de uma lágrima e sem lamentação. A estrela de Saul caíra. A estrela de Davi, porém, estava subindo. Justiça fora feita. A lei da colheita segundo a semeadura teve cumprimento. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

> *Dentre os bravos e dotados de coração gaiante*
> *Que enviaste embora, com orações,*
> *Nenhum único homem partiu do iado*
> *De seu rei no dia de ontem.*
>
> (Aytoun)

Não houve desertores. Todos preferiram morrer juntamente com Saul naquele dia, e ao lado dele enfrentaram o fim da vida.

Josefo diz-nos que Saul reinou por dezoito anos durante o tempo de vida de Samuel; e por vinte e dois anos viveu após a morte daquele profeta, assumindo o reinado de Israel por *quarenta anos* (*Antiq.* 1.6, cap. 14, sec. 7). Ver também Atos 13.21.

31.7

Vendo os homens de Israel. *O Campeão Deles Estava Morto.* Seus filhos também tinham morrido. O exército de Israel estava totalmente desarrumado. Foi então que os filisteus ocuparam muitas cidades de Israel e até alguma parte a leste do rio Jordão (na Transjordânia). Isso nos mostra quão grande foi a vitória dos filisteus. Não somos informados sobre quais cidades foram completamente abandonadas pelos judaítas, mas fica subentendido que o abandono foi generalizado. Também não temos notícia do lugar para onde foram os refugiados.

"O suicídio de Saul era inevitável, não porque ele fosse um covarde, mas porque havia atingido o próprio pico da autoconsciência. Ele não havia tratado as dificuldades como desafios a serem solucionados, mas como tribulações a serem evitadas. Ele enfocava agudamente a si mesmo" (John C. Schroeder, *in loc.*).

Suas últimas ilusões levaram-no a perder
A paciência com o empreendimento humano.
O fim chegara. Ele se juntou à maioria.

(W. H. Auden)

31.8

Sucedeu, pois, que vindo os filisteus. O *saque* dos exércitos antigos e modernos inclui tirar dos corpos objetos valiosos e tomar armas. Entre os mortos estavam o rei e seus filhos, e os itens deles roubados sem dúvida foram considerados dotados de especial valor, mostrados aos amigos como *troféus* por muitos anos.

Oh, Saul, poderoso rei,
Quão espectral parecias,
Atravessado ali com tua própria espada,
Morrendo em Gilboa. Daquele tempo em diante
Nem chuva nem orvalho molharam aquele lugar tão miserável.

31.9,10

Cortaram a cabeça a Saul. *Atos bárbaros* foram cometidos em desprezo ao rei de Israel, agora morto. Sua armadura foi tomada como troféu. Ela foi então primeiramente mostrada aos filisteus para anunciar a grande vitória que eles tinham obtido. Finalmente, a armadura foi posta no templo de *Astarote* (ver a respeito no *Dicionário*), demonstrando gratidão para aquele deus que, presumivelmente, havia ajudado os filisteus em seu feito miserável. Então, como insulto final, o corpo de Saul foi pendurado em um muro de Bete-Seã. Provavelmente isso foi feito mediante a utilização de ganchos. II Sam. 21.12 diz que o corpo de Saul e os de seus filhos foram pendurados naquela cidade. Essa expressão, como é provável, originou-se da maneira frouxa como a história foi contada. O muro estava em uma das ruas da cidade, pelo que falar em muro ou em parede não faz grande diferença. Josefo diz que o corpo de Saul foi *crucificado* na parede (*Antiq.* 1.6, cap. 14, sec. 7).

"O historiador sacro com extrema brevidade registrou o tratamento selvagem dado à casa real, o que era, afinal, uma *vingança*. Aquela mesma geração acompanhara um procedimento bárbaro no caso de Golias, o grande campeão dos filisteus!" (Ellicott, *in loc.*, referindo-se a I Sam. 17.54 ss.).

Bete-Seã. Ver a respeito no *Dicionário*. Era uma importante cidade na parte oriental das faldas do monte Gilboa, dando frente para o vale do rio Jordão. Portanto, era conveniente exibir o corpo de Saul ali.

31.11,12

Então ouvindo isto os moradores de Jabes-Gileade. Esta cidade ficava somente 18 quilômetros ao sul de Bete-Seã, onde o corpo de Saul fora pendurado em um muro. Portanto, os habitantes daquele lugar resolveram dar a Saul um sepultamento decente. Foram a Bete-Seã e removeram do muro o corpo dos quatro homens mortos. O autor sacro diz que eles caminharam a noite inteira para chegar ali, escapando de qualquer ataque. Foi um plano inteligente que teve bom resultado.

"...Contudo, há corações humanos bondosos. Os filisteus vilipendiaram o corpo inanimado de Saul e procuraram humilhá-lo, pondo sua armadura no templo de Astarote e pendurando-o em um muro na cidade de Bete-Seã. Mas seus amigos salvaram-lhe o corpo e os corpos de seus filhos, concedendo-lhes um sepultamento decente. Foi assim, tristemente, que a triste vida de Saul chegou ao fim e, com isso, sua dinastia entrou em colapso" (John C. Schroeder, *in loc.*). Assim também as profecias de Samuel se cumpriram, embora tivesse sido necessário certo número de anos para que se desfechasse o golpe final. Ver I Sam. 13.13 e 15.10-23, quanto à rejeição de Saul por parte de Yahweh, que decretara sua queda final.

Um Ato de Gratidão. Os habitantes de Jabes-Gileade nunca esqueceram como Saul fora seu benfeitor e como os livrara das ameaças insolentes dos filhos de Amom. E pagaram sua dívida conferindo-lhe um sepultamento decente. Ver I Samuel 11.

Feitos bons são imortais — não podem morrer
Permanecem intocados por luzes invejosas, e
Não são tocados pelo gelo do inverno.
Eles prosseguem vivos, afloram
e os homens continuam
A participar de seu frescor, e assim
São fortalecidos.

(Aytoun)

Os queimaram. Em Israel não havia o costume de cremar os cadáveres, exceto no caso de criminosos (ver Lev. 20.14). Os judeus sempre sepultavam os seus mortos. Mas é possível que os corpos estivessem em condições tão bárbaras, já apodrecendo, que os morados de Jabes-Gileade simplesmente preferiram submetê-los ao fogo. No entanto, seus *ossos* foram sepultados (vs. 13). Para evitar a presumível discrepância histórica (que ia contra os costumes dos hebreus), a versão caldaica diz que *especiarias*, e não os cadáveres, foram queimadas. Isso se tornou uma cerimônia que, posteriormente, foi realizada em favor dos reis de Judá (II Crô. 16.14; 21.19; Jer. 34.5). Mas a emenda do texto é obviamente falsa. Os Targuns seguem a versão caldaica, falando de especiarias que foram "queimadas" sobre os corpos, em vez da cremação dos próprios corpos.

31.13

Tomaram-lhes os ossos. *A carne apodrecida foi completamente queimada,* deixando os ossos limpos. Esses ossos foram sepultados com reverência em Israel, sob uma árvore, em *Jabes*, na cidade que Saul, agora fazia tanto tempo, havia livrado dos filhos de Amom (ver I Sam. 11). "A própria tribo de Saul, Benjamim, encontrou muito de suas recentes origens históricas em Jabes-Gileade (Juí. 21.8-12)... as corajosas ações daquela gente não seriam esquecidas por Davi, quando finalmente ele subiu ao trono (II Sam. 2.4-7). Posteriormente, Davi exumou os ossos de Saul e Jônatas, e os sepultou novamente no território de Benjamim (II Sam. 21.11-14)" (Eugene M. Merrill, *in loc.*).

Visto que houve uma calamidade nacional, um período de jejum de *sete dias* foi observado, em respeito ao rei caído e seus valentes homens. Esse período foi o tempo durante o qual os filhos de Israel lamentaram Jacó (ver Gên. 1.10). Ao que tudo parece, tratava-se de um antigo costume em Israel, pelo menos no que diz respeito à morte de homens proeminentes. Citações do Talmude mostram que isso se tornou uma regra nas lamentações pelos mortos. O Talmude Babilônico dá-nos uma curiosa razão para *esse período* de luto. O *Rav. Chisda* diz que, durante esse tempo, a alma fica pairando sobre o lugar, esperando uma oportunidade para retornar ao corpo, e Jó 14.22 é dado como texto de prova. Rav. Jehudah afirma que, certa ocasião, a alma de uma pessoa que morrera lhe apareceu, após os sete dias, e o consolou (*Shabbath,* fol. 152, col. 2).

Debaixo dum arvoredo. "Esse arvoredo aparece como um carvalho (ver I Crô. 10.12). Por igual modo, Débora, a ama de Rebeca, foi sepultada sob um carvalho (Gên. 35.8). Os judeus, sempre que podiam, sepultavam seus mortos ao pé de algum carvalho... pois essas árvores, embora aparentemente mortas durante o inverno, ressurgem na primavera. Assim também os ossos secos dos homens receberão nova seiva, no dia do julgamento" (John Gill, *in loc.*). A isso podemos adicionar que os antigos hebreus tinham uma crença nos poderes místicos das árvores, símbolos de vida e prosperidade, pelo que também seriam lugares apropriados para o sepultamento dos mortos. Cf. os *bosques* dos lugares altos, onde era conduzida a adoração, ortodoxa ou não. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lugares Altos.*

Assim terminou o agitado mas não inútil reinado de Saul, o primeiro rei de Israel. O que ele deixara de fazer, Davi terminaria. Os inimigos de Israel finalmente seriam expulsos da Palestina, concedendo assim tempo para a monarquia florescer.

Ó capitão! Meu capitão! Nossa temível viagem terminou,
O navio teve estragadas as suas tábuas,
O prêmio que buscávamos foi conquistado.
O porto está próximo, ouço os sinos;
Toda a população está exultante.

(Walt Whitman)

A pena registrara para todas as gerações vindouras os atos de valentia de Saul, o ungido de Samuel. Tu foste o primeiro, ó Saul, ó homem poderoso. Agradecemos a Deus por Ti. E, a despeito de todas as tuas falhas, agora estás entre as almas que entesouram o altar de Deus (I Sam. 25.29).